

# Introdução à antropologia



© Stephanie Sinclair/VII

## INTRODUÇÃO VISUAL

Parte de ser humano é a fascinação que temos por nós mesmos. De onde viemos? Por que agimos de certas maneiras? O que nos move? Enquanto alguns respondem a essas perguntas com mecanismos biológicos e outros, com explicações sociais ou espirituais, a disciplina de antropologia procura respondê-las através de uma abordagem holística e integrada. A antropologia considera a cultura e a biologia humanas, em todo tempo e lugar, inextricavelmente entrelaçadas, uma influenciando a outra de modo relevante. Esta imagem, realizada em uma clínica especializada em Gujarat, Índia, representa um caso específico. Como a barriga de aluguel – a prática de pagar alguém para gerar uma criança – é considerada legal na Índia desde 2002, pessoas ricas e sem filhos de todas as partes do mundo viajam para lá em busca desse serviço. Escolhidas por estrangeiros pelo estilo de vida sem drogas e de baixo custo, as mulheres indianas assumem um risco biológico extra para fazer com que outros possam reproduzir os próprios genes. Inúmeras complexidades biológicas e culturais cercam a vida de cada pessoa envolvida.

**Perspectiva antropológica****Áreas da Antropologia**

- Antropologia física
- Antropologia cultural
- Antropologia linguística
- Arqueologia

**Antropologia, ciência e humanidades****Pesquisa de campo****Métodos de pesquisa de campo**

- Métodos arqueológicos e paleoantropológicos
- Métodos etnográficos

**Método comparativo da antropologia****Questões éticas****Antropologia e globalização****Resumo do capítulo****PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA**

**Antropologia** é o estudo da humanidade em todo tempo e lugar. Naturalmente, muitas outras disciplinas preocupam-se de uma forma ou de outra com o ser humano. Por exemplo, a anatomia e a fisiologia estudam o homem como organismo biológico. As ciências sociais estudam as relações humanas, e a área de humanidades examina as realizações artísticas e filosóficas da cultura. A antropologia se distingue porque focaliza a interconexão e a interdependência de todos os aspectos da experiência humana em todo lugar, no presente e no passado remoto, muito antes do surgimento da escrita. Essa **perspectiva holística**, única e ampla, permite que o antropólogo se concentre nesse aspecto, difícil de definir ou descrever, chamado natureza humana.

O antropólogo recebe com gratidão a contribuição de pesquisadores de outras disciplinas e, em troca, oferece a eles as próprias descobertas. O antropólogo não pretende conhecer profundamente a estrutura do olho humano, como o especialista em anatomia, ou a percepção da cor, como o psicólogo. Como sintetizador, entretanto, está preparado para entender como essas áreas de conhecimento se relacionam com a prática de dar nome às cores em diferentes sociedades. Como busca uma extensa base de ideias e práticas sem se limitar a um único aspecto social ou biológico, o antropólogo pode ter uma visão especialmente ampla e inclusiva do organismo biológico e cultural complexo que é o ser humano.

A perspectiva holística também ajuda o antropólogo a ter consciência profunda do impacto que seus próprios valores (concepções/conceitos) culturais podem causar na pesquisa. Como diz o ditado, as pessoas enxergam aquilo em que acreditam, não o que está diante dos olhos. Ao manter a consciência crítica com relação às próprias suposições sobre a natureza humana – verificar várias vezes se as próprias crenças e ações estão influenciando a pesquisa –, o antropólogo se empenha em obter conhecimento objetivo sobre as pessoas. Tendo isso em mente, ele procura evitar as armadilhas do **etnocentrismo**, a crença de que a própria cultura é a única forma adequada de viver. Portanto, o antropólogo contribui muito para o entendimento da diversidade do pensamento, da biologia e do comportamento humano, assim como para o entendimento de muitas coisas que os seres humanos têm em comum.

**GLOSSÁRIO**

**antropologia** estudo da humanidade em todo tempo e lugar

**perspectiva holística** princípio fundamental da antropologia segundo o qual as várias partes da cultura e da biologia humana devem ser observadas em um contexto amplo para se entender sua interconexão e interdependência.

Enquanto outras ciências sociais predominantemente se concentram nos povos contemporâneos que vivem nas sociedades da América do Norte e da Europa Ocidental, o antropólogo tradicionalmente olha<sup>1</sup> os povos e culturas não ocidentais e de outras regiões do mundo. Ele entende que, para avaliar inteiramente a complexidade das ideias, do comportamento e da biologia, *todo ser humano*, de qualquer tempo e lugar, deve ser estudado. A perspectiva evolutiva intercultural (*cross-cultural*) e de longo período distingue a antropologia das outras ciências sociais. Essa postura teórico-metodológica procura evitar o conceito de que as teorias do comportamento humano são **limitadas pela cultura**, ou seja, baseadas em suposições sobre o mundo e a realidade provenientes da própria cultura do pesquisador.

Considere, por exemplo, o fato de que nos Estados Unidos os bebês dormem em quartos separados dos pais. Para pessoas acostumadas a casas com vários quartos, berços e cadeiras especiais para carros, isso pode parecer natural, mas a pesquisa intercultural (*cross-cultural*) mostra que “dormir junto”, principalmente com a mãe, é a regra geral. Além disso, a prática de a criança dormir em quarto separado nas sociedades ocidentais industrializadas tem apenas cerca de 200 anos.

Estudos recentes mostram que a separação da mãe, nas sociedades ocidentais, apresenta consequências biológicas e culturais significantes para o bebê. Em primeiro lugar, aumenta a duração das crises de choro. Algumas mães interpretam erroneamente o choro da criança como fome e a alimentam com mamadeira, o que não é tão saudável. Em casos extremos, o choro pode incitar o abuso físico. No entanto, os benefícios de dormir com os pais vão além da redução significativa do choro: frequência e tempo de alimentação maiores, a amamentação no peito faz com que os bebês recebam mais estímulos, os quais são importantes para o desenvolvimento do cérebro. Aparentemente, ficam menos suscetíveis à síndrome da morte súbita do lactante (SMSL ou “morte no berço”). Há benefícios para a mãe também: a amamentação frequente evita a ovulação precoce após o parto e ajuda a perder o peso ganho durante a gestação; além disso, as mães que amamentam conseguem dormir tanto tempo quanto aquelas que dormem separadas de seus bebês.<sup>2</sup>

Esses benefícios levantam a seguinte pergunta: por que muitas mães continuam a dormir longe do bebê? Nos Estados Unidos, os valores culturais de independência e consumismo entram em cena. Para começar a construir sua identidade individual, o bebê tem seu próprio quarto (ou, pelo menos, o próprio espaço), local onde os pais podem colocar brinquedos, móveis e outros objetos associados a “bons cuidados” dos pais.

## ÁREAS DA ANTROPOLOGIA

O antropólogo geralmente se especializa em uma de quatro áreas ou subdisciplinas: antropologia física (biológica), antropologia cultural, antropologia linguística ou arqueologia (Figura 1.1). Alguns antropólogos consideram a arqueologia e a linguística parte do estudo mais amplo das culturas humanas, mas ambas também estão estreitamente ligadas à antropologia biológica. Por exemplo, a antropologia linguística estuda os aspectos culturais de uma língua, mas tem ligações profundas com a evolução da linguagem humana e as bases biológicas da fala e da linguagem estudadas pela antropologia física.

<sup>1</sup> A noção/expressão “olhar” é cara à antropologia brasileira, expondo toda a abrangência que a palavra possui. (NRT)

<sup>2</sup> Barr, R. G. The crying game. *Natural History*, p. 47, out. 1997. McKenna, J. J. Breastfeeding and bedsharing. *Mothering*, p. 28-37, set.-out. 2002.

Cada uma das áreas da antropologia pode ter uma abordagem distinta no estudo do ser humano, mas todas coletam e analisam dados essenciais para explicar suas semelhanças e diferenças, ao longo do tempo e no espaço. Além disso, todas produzem conhecimento com inúmeras aplicações práticas. Em todas as quatro áreas, a **antropologia aplicada** é empregada, o que exige o uso de métodos e conhecimento antropológicos para resolver problemas práticos. Ao desenvolver seu estudo, o antropólogo aplicado não deixa de lado sua perspectiva. Ao contrário, colabora ativamente com a comunidade na qual realiza seu trabalho, estabelecendo objetivos, resolvendo problemas e conduzindo pesquisas conjuntas. Neste livro, vários exemplos de como a antropologia contribui para a solução de muitos desafios enfrentados pelo homem aparecem na seção “Antropologia aplicada”.

Um dos primeiros contextos em que o conhecimento antropológico foi aplicado a um problema prático foi o movimento internacional de saúde pública, na década de 1920, que marcou o início da **antropologia médica** – uma área que emprega abordagens teóricas e aplicadas da antropologia cultural e da biológica no estudo da saúde e doenças humanas. O trabalho dos antropólogos médicos esclareceu as conexões entre saúde humana e forças políticas e econômicas, local e mundialmente. Exemplos dessa área de especialização estão na seção Conexão Biocultural, incluindo o artigo apresentado neste capítulo, “Antropologia dos transplantes de órgãos”.



**Figura 1.1** As quatro áreas da antropologia

Observe que as divisões não são nítidas, indicando que os limites se sobrepõem.

## GLOSSÁRIO

**etnocentrismo** A crença de que a própria cultura é a única forma adequada de viver.

**limitado pela cultura** Teorias sobre o mundo e a realidade baseadas em suposições e valores da própria cultura.

**antropologia aplicada** Uso do conhecimento e dos métodos antropológicos para resolver problemas práticos, geralmente para um cliente específico.

**antropologia médica** Área da antropologia que emprega abordagens teóricas e aplicadas da antropologia cultural e biológica ao estudo da saúde e das doenças humanas.

**antropologia física** Estudo sistemático do ser humano como organismo biológico. Também conhecida como antropologia biológica.

**antropologia molecular** Ramo da antropologia biológica que emprega técnicas genéticas e bioquímicas para testar hipóteses sobre a evolução humana, sua adaptação e variação.

## Antropologia física

**Antropologia física**, também chamada *antropologia biológica*, olha o ser humano como organismo biológico. Tradicionalmente, a antropologia biológica se concentra em evolução humana, primatologia, crescimento e desenvolvimento, adaptação humana e na área forense. Atualmente, a **antropologia molecular**, o estudo antropológico dos genes e das relações genéticas, é importante sub-ramo da antropologia física, e contribui significativamente para o estudo contemporâneo da diversidade biológica do ser humano. Comparações entre grupos separados por tempo, geografia ou frequência de um gene específico podem revelar de que forma os seres humanos se adaptaram e para onde migraram. Como especialista na

anatomia de ossos e tecidos humanos, o antropólogo físico aplica seu conhecimento sobre o corpo em áreas específicas, como laboratórios de anatomia geral, saúde pública e investigações criminais.

## Conexão Biocultural

### Antropologia dos transplantes de órgãos

Em 1954, o primeiro transplante de órgão foi realizado em Boston. Cirurgiões removeram um rim de certo gêmeo idêntico e o transplantaram no irmão doente. Embora alguns transplantes dependam de doadores vivos, os rotineiros dependem muito da disponibilidade de órgãos obtidos de pessoas que acabaram de falecer.

Da perspectiva antropológica, o significado de morte e corpo varia entre as culturas. Enquanto se pode afirmar que a morte representa um estado biológico em particular, a opinião social sobre o significado desse estado é de extrema importância. A antropóloga Margaret Lock explorou as diferenças entre a aceitação do estado biológico de “morte cerebral” e como esse aspecto influenciou a prática de transplantes no Japão e nos Estados Unidos.

A morte cerebral é constatada a partir da ausência de correntes elétricas e da incapacidade de respirar sem auxílio de aparelhos. O indivíduo que apresenta morte cerebral, embora ligado a máquinas, parece vivo, já que o coração bate e o rosto parece corado. O norte-americano aceita a morte cerebral, em parte, porque as noções de personalidade e individualidade estão culturalmente localizadas no cérebro. Nos Estados Unidos, o conforto da morte cerebral possibilita o “presente da vida” através da doação de órgãos e transplantes subsequentes.

Em comparação, no Japão, o conceito de morte cerebral é contestado com veemência e os transplantes são raros. O japonês não incorpora a divisão mente-corpo e situa a noção de personalidade em todo o corpo, não apenas no cérebro. Ele resiste a aceitar que um corpo corado esteja morto e que seus órgãos possam ser retirados. Além disso, os órgãos não podem ser transformados em “presentes”, pois a doação anônima não é compatível com o padrão social japonês de reciprocidade.

O transplante de órgãos possui um significado social muito maior que o simples movimento biológico de um órgão de certo indivíduo para outro. Processos culturais e biológicos estão estreitamente relacionados em todos os aspectos dessa nova prática social.

(Com base em Lock, M. *Twice dead: organ transplants and the reinvention of death*. Berkeley: University of California Press, 2001.)

## Paleoantropologia

Os estudos sobre a evolução humana (conhecidos como **paleoantropologia**) se concentram nas mudanças biológicas que ocorrem ao longo do tempo para entender como, quando e por que nos tornamos o tipo de organismo que somos hoje. Em termos biológicos, nós, humanos, somos primatas, um dos diversos tipos de mamíferos. Como temos ancestralidade comum com outros primatas, mais especificamente com os macacos, o paleoantropólogo estuda os primeiros primatas (aproximadamente 65 milhões de anos), ou mesmo os primeiros mamíferos (225 milhões de anos), para reconstruir o complexo caminho da evolução humana. A paleoantropologia, ao contrário de outros estudos da evolução, tem uma abordagem **biocultural** que se concentra na interação entre biologia e cultura.

Os esqueletos fossilizados de nossos ancestrais permitem que os paleoantropólogos reconstroam o curso da história da evolução humana. Eles comparam o tamanho e o formato desses fósseis entre si e com os ossos de outras espécies. Para os paleoantropólogos cada novo fóssil descoberto acrescenta mais informações à

história da evolução humana. Os estudos bioquímicos e genéticos aumentam consideravelmente as evidências apresentadas pelos fósseis. Como veremos em outros capítulos, a evidência genética estabelece a relação próxima entre homens e espécies de grandes símios<sup>3</sup> – chimpanzês, bonobos (ou chimpanzês-pigmeus) e gorilas. A análise genética indica que a linhagem humana originou-se entre 5 e 8 milhões de anos atrás. A antropologia física, portanto, lida com períodos de tempo muito maiores que a arqueologia, ou outros ramos da antropologia.

## Primatologia

O estudo da anatomia e do comportamento de outros primatas nos ajuda a entender quais aspectos compartilhamos com nossos parentes mais próximos e o que torna o ser humano único. Assim, a **primatologia**, o estudo de fósseis de primatas e também dos primatas atuais, é uma parte vital da antropologia física. Os primatas incluem os grandes símios asiáticos e africanos, assim como macacos, lêmures, lóris e társios.<sup>4</sup>

Biologicamente, o homem faz parte da família de monos – primatas de corpo grande e ombros largos, sem cauda. Estudos detalhados do comportamento dos antropoides superiores modernos (*apes*) na natureza indicam que o compartilhamento de comportamentos aprendidos é parte significativa de sua vida social. Cada vez mais, os primatologistas designam o comportamento aprendido e compartilhado dos grandes símios, isto é, dos antropoides não humanos (*macacos*), como *cultura*. Por exemplo, os sistemas de comunicação e o uso de ferramentas indicam a base elementar da linguagem em algumas dessas sociedades símias. O estudo dos primatas apresenta perspectivas fundamentadas cientificamente sobre o comportamento de nossos ancestrais, assim como maior apreciação e respeito pelas habilidades de nossos parentes mais próximos. Como a atividade humana se estende por todas as partes do mundo, muitas espécies de primatas estão ameaçadas. Os primatologistas geralmente defendem a preservação de seus habitats para que esses animais continuem a habitar a Terra conosco.

## Crescimento humano, adaptação e variação

Outra especialidade da antropologia física é o estudo do crescimento e desenvolvimento humano. Os antropólogos examinam os mecanismos biológicos do crescimento, assim como o impacto do meio ambiente sobre o processo de crescimento. Franz Boas, pioneiro da antropologia norte-americana

### GLOSSÁRIO

**paleoantropologia** Estudo das origens e dos ancestrais da atual espécie humana.

**biocultural** Que estuda a interação entre biologia e cultura.

**primatologia** Estudo de fósseis de primatas e também dos primatas atuais.

<sup>3</sup> As três nomenclaturas são intercambiáveis para esses animais (incluindo os orangotangos): 1. primatas superiores (incluindo os homens), 2. antropoides não humanos (c, b, g & o), 3. grandes símios (c, b, g & o). (NRT)

<sup>4</sup> Em inglês há distinção entre *apes* (macacos, imitador), indicando os grandes símios, e *monkeys* (macacos), indicando macacos em geral. *Apes* serve para designar os antropoides superiores (gorila, chimpanzé, bonobo e orangotango), distinguindo-os dos macacos não antropoides (*monkeys*). (NRT)

no início do século XX, comparou a altura de imigrantes europeus, os quais passaram a infância em seu país de origem, com o aumento de estatura de seus descendentes que cresceram nos Estados Unidos. Atualmente, a antropologia física estuda o impacto de doenças, poluição e pobreza no crescimento. A comparação dos padrões de crescimento entre primatas humanos e não humanos pode mostrar indícios da história da evolução do homem. Estudos antropológicos detalhados das bases hormonais, genéticas e fisiológicas do crescimento saudável do ser humano também contribuem significativamente para a saúde das crianças de hoje.

Os estudos sobre adaptação se concentram na capacidade humana de se ajustar ao ambiente material, biológica e culturalmente. Esse ramo da antropologia física adota uma abordagem comparativa em relação ao ser humano que existe hoje em meio ambientes variados. Os humanos se destacam entre os primatas, pois habitam praticamente toda a terra. Embora as adaptações culturais permitam que eles vivam em alguns meios ambientes extremos, as adaptações biológicas também contribuem para a sobrevivência humana no frio e no calor extremos e em grandes altitudes.

Algumas dessas adaptações biológicas se desenvolvem na formação genética das populações. O longo período de desenvolvimento e crescimento do ser humano oferece muitas oportunidades para que o corpo se adapte ao meio ambiente. *Adaptações de desenvolvimento* são responsáveis por algumas características da variação humana, como o aumento do ventrículo direito do coração, para ajudar a levar sangue para os pulmões, entre os índios quíchuas do altiplano peruano. *Adaptações fisiológicas* são mudanças de curto prazo em resposta a um estímulo ambiental específico. Por exemplo, uma pessoa que normalmente vive no nível do mar pode sofrer uma série de respostas fisiológicas, como aumento da produção de glóbulos vermelhos do sangue, que transportam oxigênio, quando muda repentinamente para altitudes maiores. Todos esses tipos de adaptação biológica contribuem para a variação humana dos dias de hoje.

As diferenças humanas incluem traços visíveis, como altura, biotipo físico e cor da pele, e fatores bioquímicos, como tipo sanguíneo e suscetibilidade a certas doenças. Ainda assim, continuamos a fazer parte da mesma espécie. A antropologia física aplica todas as técnicas da biologia moderna para entender de modo mais completo a variação humana e sua relação com os diferentes meio ambientes em que as pessoas vivem. A pesquisa da antropologia física desbancou a falsa noção de raças biologicamente definidas, baseada na interpretação errônea da variação humana.

## Antropologia Aplicada

### Antropologia forense: voz para os mortos

Antropologia forense é a identificação para fins legais de restos de ossadas. As autoridades solicitam ao antropólogo forense para analisar ossadas e identificar pessoas desaparecidas, vítimas de assassinatos ou de desastres, como quedas de avião. O antropólogo forense também contribui para a investigação de abusos dos direitos humanos em todas as partes do mundo, identificando as vítimas e documentando a causa da morte delas.

Clyde C. Snow é um antropólogo forense muito conhecido. Atua na área há mais de quarenta anos. Ele já trabalhou para a Federal Aviation Administration (Administração Federal de Aviação) e mais recentemente, como consultor *freelance*. Além do trabalho policial regular, Snow estudou os restos do general George Armstrong Custer e dos soldados que lutaram na Batalha de Little Big Horn, em 1876. Em 1985, ele esteve

no Brasil, onde identificou os restos mortais de Josef Mengele, notório criminoso nazista. Clyde também teve participação importante quando foi criado o primeiro grupo forense dedicado a documentar casos de abuso de direitos humanos em todo o mundo. Isso começou em 1984, quando ele foi para a Argentina, a pedido do governo civil recém-empossado, a fim de ajudar na identificação das ossadas dos desaparecidos, mais de 9 mil pessoas eliminadas pelos esquadrões da morte do governo, durante sete anos de regime militar. Um ano depois, retornou à Argentina como testemunha especialista no julgamento de nove membros da junta militar. Na ocasião, também ministrou cursos sobre como recuperar, limpar, reparar, preservar, fotografar, fazer raios X e analisar ossadas. Além de apresentar relatórios efetivos sobre o destino das vítimas aos familiares e refutar as declarações dos "revisionistas" de que os massacres nunca aconteceram, o trabalho de Snow e de seus colaboradores argentinos foi fundamental na condenação de vários militares por sequestro, tortura e assassinato. Desde o trabalho pioneiro de Snow, os antropólogos forenses envolvem-se cada vez mais na investigação de abusos dos direitos humanos em vários países: Chile, Guatemala, Haiti, Filipinas, Ruanda, Darfur, Iraque, Bósnia e Kosovo. Enquanto isso, eles continuam a realizar trabalhos importantes para outros clientes. Nos Estados Unidos, esses clientes incluem o Federal Bureau of Investigation (FBI) e institutos médicos legais.

O antropólogo forense especialista em ossadas geralmente trabalha com o arqueólogo forense. A relação entre eles é a mesma que a do médico legal, que examina o corpo para estabelecer a hora e a causa da morte, e o investigador criminal, que examina a cena do crime em busca de pistas. Enquanto o antropólogo forense lida com restos humanos, geralmente ossos e dentes, o arqueólogo forense avalia o local, registrando a posição de todas as pistas relevantes e recuperando quaisquer evidências associadas à vítima. Em Ruanda, por exemplo, uma equipe formada em 1995 para investigar uma atrocidade em massa, para as Nações Unidas, incluiu arqueólogos do U.S. National Park Service's Midwest Archaeological Center (Centro Arqueológico do Meio-Oeste dos Serviços de Parque Nacionais dos Estados Unidos). Eles executaram os procedimentos arqueológicos padrão de mapeamento do local, determinaram seus limites, fotografaram e registraram todas as evidências de superfície, além de fotografar e registrar as ossadas e materiais associados enterrados em covas comuns.<sup>a</sup>

Em outro exemplo, Karen Burns, da Universidade da Geórgia, participou de uma equipe enviada ao norte do Iraque, após a Guerra do Golfo, em 1991, para investigar supostas atrocidades. Em uma base militar, onde ocorreram muitas execuções, ela escavou os restos do corpo de um homem, que estava de lado, com o rosto voltado para Meca, de acordo com a prática islâmica. Embora as roupas não estivessem intactas, foram encontrados, ao lado de ambas as pernas, dois pedaços de linha de poliéster. Apesar de os fios terem resistido, a roupa, de fibras naturais, havia se decomposto. "Aqueles dois pedaços de linha ao lado das pernas indicaram que a família não o havia enterrado", disse Karen Burns. "Embora a posição estivesse correta, nenhuma família islâmica enterraria um parente com roupa costurada com linha de poliéster; o ritual adequado exige uma mortalha simples."

Mais recentemente, duas análises antropológicas de ossadas ocorreram em Nova York, ambas referentes a atrocidades que aconteceram no passado e no presente. Amy Zelson Mundorff, antropóloga forense do Instituto Médico Legal da cidade de Nova York, ficou ferida nos ataques terroristas de 11 de setembro, ao World Trade Center. Dois dias depois, voltou ao local para coordenar e supervisionar o gerenciamento, tratamento e catalogação das vítimas do ataque.

<sup>a</sup> Conner, M. The archaeology of contemporary mass graves. *SAA Bulletin*, v. 4, n. 6, p. 31, 1996.

<sup>b</sup> Cornwell, T. Skeleton staff. *Times Higher Education*, p. 20, 10 nov. 1995.



Próximo dali, em 1991, os operários de uma construção encontraram um cemitério africano dos séculos XVII-XVIII (ver Capítulo 13). A investigação arqueológica da área revelou o horror da escravidão nos Estados Unidos, mostrou que até crianças pequenas trabalhavam além de suas forças, tanto que se constatou que suas colunas vertebrais estavam fraturadas. Michael Blakey, arqueólogo biológico que chefiou a equipe de pesquisa, observa: “A bioarqueologia é geralmente confundida com antropologia forense. Quando o biólogo, ao estudar a ossada, emprega a população como unidade de análise (não só o indivíduo), incorpora o contexto histórico e cultural (não descreve apenas as características biológicas) e mostra o modo de vida de uma comunidade do passado (não um crime para a polícia e o tribunal), está aplicando a bioarqueologia, não a antropologia forense”.<sup>5</sup>

Portanto, vários tipos de antropólogos analisam restos humanos, por motivos variados, contribuindo para a documentação e correção de atrocidades cometidas no passado e no presente.

<sup>5</sup> Blakey, M. Comunicação pessoal, 29 out. 2003.

## Antropologia forense

Uma das aplicações mais práticas da antropologia física é a **antropologia forense**: a identificação de restos de ossadas para fins legais. Embora sejam requisitados pelas autoridades para identificar vítimas de assassinatos, os antropólogos forenses também investigam abusos de direitos humanos, tais como genocídio sistemático, terrorismo e crimes de guerra. Esses especialistas fazem uso de detalhes da anatomia do esqueleto para estabelecer idade, sexo, relação populacional e estatura do indivíduo. Os antropólogos forenses também podem determinar se a pessoa era destra ou canhota, apresentava anomalias físicas ou se havia sofrido algum trauma. Embora a antropologia forense dependa de aspectos diferentes das características do esqueleto para estabelecer a relação populacional, é falso afirmar que todas as pessoas de uma determinada população têm um tipo específico de esqueleto. (Ver a seção “Antropologia Aplicada” para conhecer o trabalho de vários antropólogos e arqueólogos forenses.)

## Antropologia cultural

A **antropologia cultural** (também conhecida como *antropologia social* ou *sociocultural*)<sup>5</sup> estuda os padrões comuns de comportamento, pensamento e sentimentos humanos. Concentra-se no ser humano como criatura produtora e reprodutora de cultura. Desse modo, para entender o trabalho do antropólogo cultural, precisamos esclarecer o significado de “cultura”. Este conceito será discutido detalhadamente no Capítulo 9. Para atender nossos objetivos, neste capítulo, podemos pensar em **cultura** como padrões (geralmente inconscientes) através dos quais uma sociedade – um grupo estruturado de pessoas – opera. Esses padrões são aprendidos socialmente, não são adquiridos pela herança biológica. As manifestações da cultura podem variar consideravelmente de lugar para lugar, mas, no sentido antropológico, uma pessoa não possui “mais cultura” que qualquer outra.

<sup>5</sup> Nos Estados Unidos usa-se “A. cultural”. Em outros países, como Inglaterra e Brasil, se faz a distinção entre A. C. e A. S. A primeira tem como foco as estruturas sociais e, a segunda, os aspectos culturais. (NRT)

A antropologia cultural apresenta dois componentes principais: etnografia e etnologia. **Etnografia** é a descrição detalhada de uma cultura específica, com base em **pesquisa de campo**, termo empregado por todos os antropólogos para a pesquisa realizada no local estudado. Como a característica principal da pesquisa etnográfica é a combinação da participação social com a observação pessoal na comunidade estudada, assim como entrevistas e discussões com membros do grupo, o método etnográfico é normalmente descrito como **observação participante**. Hoje o trabalho de observação participante leva em conta a colaboração ativa entre os antropólogos e as comunidades nas quais eles trabalham. A etnografia apresenta informações utilizadas para fazer comparações sistemáticas entre as culturas em todo o mundo. Conhecida como **etnologia**, essa pesquisa intercultural permite aos antropólogos desenvolver teorias que ajudam a explicar por que certas diferenças ou semelhanças importantes ocorrem entre os grupos.

## Etnografia

Por meio da observação participante – residir em uma comunidade, compartilhar atividades rotineiras, fazer refeições com as pessoas, aprender a falar e a se comportar de maneira adequada, vivenciar hábitos e costumes – o etnógrafo se habilita a entender a cultura da sociedade na qual realiza o seu trabalho de campo plenamente, o que um pesquisador não participante jamais conseguiria. Ser observador participante não significa que o antropólogo deva partilhar de brigas ou discussões para estudar uma cultura onde existem conflitos visíveis; mas, ao viver em uma comunidade onde a violência é comum, o etnógrafo deve ser capaz de entender de que modo a agressão se encaixa na estrutura cultural geral. Ele deve observar atentamente para ter uma noção geral, sem enfatizar demais um aspecto em detrimento de outro. O etnógrafo somente começa a entender o sistema cultural depois de descobrir como todos os aspectos de uma cultura – ser social, instituições e práticas sociais, políticas, econômicas e religiosas – relacionam-se entre si. Suas ferramentas essenciais são: lápis e caneta, cadernetas de campo, máquina fotográfica, gravador, diários de campo e, cada vez mais, computadores. Porém, o aspecto mais importante de todos: o etnógrafo precisa ter habilidades sociais flexíveis.

A imagem popular da pesquisa de campo etnográfica é de que seja realizada com povos que vivem em lugares distantes e isolados. Certamente, muitas pesquisas etnográficas já foram feitas/conduzidas em vilarejos remotos da África e da América do Sul, nas ilhas do Pacífico, em reservas indígenas da América do Norte, nos desertos da Austrália, entre outros. Entretanto, com o

## GLOSSÁRIO

**antropologia forense** Subárea da antropologia física aplicada que se especializa na identificação de restos de esqueletos humanos para fins legais.

**antropologia cultural** Também conhecida como antropologia social ou sociocultural. Estudo de padrões comuns do comportamento, do pensamento e dos sentimentos humanos. Concentra-se no ser humano como criatura produtora e reprodutora de cultura.

**cultura** Uma sociedade partilha e transmite socialmente ideias, valores e percepções, os quais são empregados para se entender a experiência e gerar comportamentos que os reflitam.

**etnografia** Descrição detalhada de uma cultura específica, baseada em pesquisa de campo.

**pesquisa de campo** Termo empregado pelos antropólogos para designar a pesquisa realizada no local estudado.

**observação participante** Em etnografia, a técnica usada para entender uma cultura por meio da observação pessoal e da participação social na comunidade investigada, assim como através de entrevistas e discussões com membros do grupo durante um determinado período.

**etnologia** Estudo e análise de culturas diferentes, de um ponto de vista comparativo ou histórico, empregando relatos etnográficos e desenvolvendo teorias antropológicas que ajudem a explicar por que certas diferenças ou semelhanças importantes ocorrem entre os grupos.

desenvolvimento da disciplina, as sociedades industrializadas do Ocidente também vieram igualmente a ser objetos legítimos de estudo. Parte dessa mudança ocorreu à medida que estudiosos oriundos de culturas não ocidentais se tornaram antropólogos. A pesquisa de campo etnográfica se transformou; antes, os antropólogos ocidentais estudavam grupos em “outros” lugares; agora, existe colaboração entre profissionais de todas as partes do mundo e as comunidades variadas onde trabalham. Atualmente, antropólogos do mundo inteiro empregam as mesmas técnicas de antes para explorar assuntos diversos, como movimentos religiosos, gangues de rua, direito à terra, escolas, práticas de casamento, resolução de conflitos, burocracia das corporações e sistemas de saúde, só que agora nas culturas ocidentais.

### Etnologia

Altamente descritiva por natureza, a etnografia apresenta os dados necessários para a etnologia – área da antropologia cultural que envolve comparações entre culturas e teorias que expliquem as semelhanças e diferenças entre grupos. Conhecimentos intrigantes sobre crenças e práticas podem resultar da comparação entre culturas. Considere, por exemplo, o tempo gasto em tarefas domésticas pelos povos industrializados e forrageiros<sup>6</sup> (cuja subsistência depende de recursos animais e vegetais). A pesquisa antropológica mostra que os membros de grupos forrageiros fazem muito menos tarefas domésticas e outras atividades de subsistência em comparação com as pessoas de sociedades industrializadas. Nos Estados Unidos, a mulher que vive nas cidades e que não trabalha para ajudar no sustento da família dedica 55 horas por semana a trabalhos domésticos, apesar de utilizar eletrodomésticos como máquina de lavar roupa e louças, secadora de roupa, aspirador de pó, processador de alimento e forno de micro-ondas. Em comparação, a mulher aborígine, na Austrália, devota 20 horas por semana a essas tarefas.<sup>7</sup> Contudo, nos Estados Unidos, os aparelhos domésticos se tornaram indicadores importantes de padrão de vida alto, em virtude da crença generalizada de que esses equipamentos diminuem o trabalho e aumentam o tempo de lazer.

Considerando tais comparações entre culturas, pode-se acreditar que etnologia é o estudo de formas alternativas de se executar tarefas. Todavia, muito mais do que isso, ao fazer comparações sistemáticas, os etnólogos procuram tirar conclusões científicas com relação à função e operação de práticas culturais em todos os tempos e lugares. Hoje, a antropologia cultural contribui com a antropologia aplicada em contextos variados: negócios, educação, intervenções governamentais e ajuda humanitária.

### Antropologia linguística

Talvez o aspecto mais característico da espécie humana seja a linguagem. Embora os sons e gestos feitos por alguns animais – principalmente os macacos – possam ter funções comparáveis às da linguagem humana, nenhum outro desenvolveu um sistema de comunicação simbólica tão complexo. A linguagem permite a transmissão e preservação de detalhes incontáveis da cultura, de geração para geração.

#### GLOSSÁRIO

**antropologia linguística** estudo da linguagem humana

**discurso** uma comunicação prolongada sobre determinado assunto

<sup>6</sup> Povos coletores nômades. (NRT)

<sup>7</sup> Bodley, J. H. *Anthropology and contemporary human problems*. 2. ed. Palo Alto, CA: Mayfield, 1995. p. 69.

A **antropologia linguística** é a área que estuda a linguagem humana. Embora compartilhe dados e métodos com a linguística, difere da mesma, pois os emprega para responder questões antropológicas. Quando essa área surgiu, enfatizava a documentação de linguagens e culturas dentro de estudos etnográficos, principalmente daquelas cujo futuro parecia precário. O estudo das línguas nativas norte-americanas, com estruturas gramaticais muito diferentes das línguas indo-europeias e semíticas a que os especialistas europeus e norte-americanos estavam acostumados, sugeriu a noção de *relatividade linguística*. Isso se refere à ideia de que a diversidade linguística reflete não somente as diferenças gramaticais e sonoras, mas também as diferentes formas de ver o mundo. Por exemplo, a observação de que a língua dos indígenas Hopi, do sudoeste dos Estados Unidos, não apresentava palavras para indicar *passado*, *presente* e *futuro* fez com que os proponentes da relatividade linguística sugerissem que os Hopi possuem uma concepção única de tempo.<sup>8</sup> Da mesma forma, a observação de que os norte-americanos empregam várias gírias – como *dough* (massa, comida), *greenback* (qualquer nota de dólar – por causa da cor verde), *dust* (merreca), *loot* (prata), *bucks* (cobres), *change* (trocados), *paper* (cédula), *cake* (bolo), *moolah* (bufunfa), *benjamins* (nota de cem dólares com a efígie de Benjamin Franklin) e *bread* (pão) – para se referir a dinheiro pode ser resultado da relatividade linguística. A variedade de palavras ajuda a identificar algo de importância especial para uma cultura. Da mesma forma, o valor do dinheiro para a cultura norte-americana também fica evidente na relação entre tempo e dinheiro em expressões como “tempo é dinheiro”, “perda de tempo” e “gastar algum tempo”.

Ideias e práticas complexas essenciais para a sobrevivência de uma cultura também se refletem na linguagem. Por exemplo, entre os nuer, grupo nômade que vagueia na companhia de animais por toda a região sul do Sudão, um bebê que nasça com deformidades visíveis não é considerado humano. É chamado filhote de hipopótamo. Esse aspecto possibilita o retorno seguro do “hipopótamo” ao rio a que pertence. Esses bebês não conseguiriam sobreviver na sociedade nuer, assim, a prática linguística é compatível com a escolha repleta de compaixão que os nuer tiveram de fazer.

A noção de relatividade linguística tem sido questionada por teóricos que propõem que a capacidade da linguagem baseia-se em aspectos universais que permeiam o pensamento humano. Recentemente, Stephen Pinker

sugeriu que, no nível biológico universal, o pensamento não é verbal.<sup>9</sup> A abordagem antropológica holística considera a linguagem dependente tanto de uma base biológica compartilhada pelo ser humano como de um padrão cultural específico.

A fim de examinar as questões antropológicas mediante a análise linguística, Dell Hymes, antropólogo linguístico, desenvolveu uma série de suposições referentes a eventos específicos de elocução verbal.<sup>10</sup> Tais eventos formam um **discurso**, uma comunicação prolongada sobre determinado assunto. Em uma elocução ou uma série de elocuições, o pesquisador pode se concentrar em características como aspectos físicos e psicológicos, participantes, objetivo, sequência da elocução e regras sociais.



<sup>8</sup> Whorf, B. The Hopi language, Toreva dialect. In *Linguistic structures of Native America*. Nova York: Viking Fund., 1946.

<sup>9</sup> Pinker, S. *The language instinct: How the mind creates language*. Nova York: William Morrow, 1994.

<sup>10</sup> Hymes, D. *Foundations in sociolinguistics: An ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

Por exemplo, o antropólogo linguístico pode estudar a relação entre linguagem e papel social/identidade em uma sociedade. De que maneira o *status*, a idade ou o gênero afetam a forma com que os indivíduos empregam a linguagem de sua cultura? O antropólogo linguístico pode examinar se a tendência das mulheres nos Estados Unidos de terminar uma frase com entonação ascendente, embora a frase seja interrogativa, reflete um padrão de dominação masculina nessa sociedade. Como os membros de qualquer cultura podem utilizar vários registros e entonações diferentes, aqueles que esses membros escolhem usar em determinada situação para expressar seu pensamento apresentam significados específicos.

O antropólogo linguístico também estuda o processo de socialização pelo qual um indivíduo se torna parte de uma cultura. A criança passa por esse processo fundamental enquanto cresce e se desenvolve, mas esse aspecto também pode ser observado no adulto. O adulto pode sentir necessidade de assimilação em virtude de movimentação geográfica ou de assumir uma identidade profissional. Os alunos do primeiro ano de medicina, por exemplo, acumulam cerca de 6 mil palavras novas e uma série de convenções linguísticas, à medida que assumem o papel de médico.

Da mesma forma que a perspectiva antropológica sobre a cultura, a linguagem também é considerada viva, flexível e mutante. Algumas ferramentas da internet, como o Urban Dictionary, acompanham as mudanças das gírias norte-americanas, e dicionários tradicionais incluem novas palavras e usos a cada ano. Essas mudanças linguísticas têm implicações importantes, à medida que o antropólogo linguístico as acompanha para aumentar nosso entendimento sobre o passado. Ao revelar a relação entre as linguagens e examinar sua distribuição espacial, o antropólogo linguístico pode estimar há quanto tempo o falante vive em determinado local. Ao identificar, em línguas relacionadas, palavras que sobreviveram de uma antiga língua ancestral, o antropólogo linguista também pode sugerir não apenas onde, mas também como era o modo de vida dos falantes dessa língua. Esse tipo de trabalho já mostrou, por exemplo, laços linguísticos entre grupos geograficamente distantes, como os povos da Finlândia e da Turquia.

A antropologia linguística é praticada em várias situações diferentes. Por exemplo, antropólogos linguísticos já ajudaram minorias étnicas a revitalizar línguas proibidas ou perdidas durante períodos de opressão por parte de outro grupo étnico. Também já propiciaram a criação da forma escrita de línguas exclusivamente orais. Esses exemplos de antropologia linguística aplicada representam o tipo de colaboração real, que é característico da pesquisa antropológica atual.

## Arqueologia

Arqueologia é o ramo da antropologia que estuda a cultura humana através da descoberta e análise de restos materiais e dados ambientais. Esses materiais incluem ferramentas, cerâmica, moradias e áreas que permanecem como indícios de práticas culturais no passado, além de restos humanos, marinhos e de plantas, alguns com 2,5 milhões de anos. Esses indícios e sua organização refletem ideias e comportamentos específicos. Por exemplo, concentrações rasas e restritas de carvão que incluem terra oxidada, fragmentos de ossos e restos de plantas queimadas, localizadas perto de rochas com fissuras causadas pelo fogo, cerâmica e objetos próprios para a preparação de comida indicam cozimento e preparação de comida. Isso tudo pode revelar muito sobre a dieta e as práticas de subsistência de um grupo. Juntamente aos restos de esqueleto, esses materiais ajudam os arqueólogos a reconstruir o contexto biocultural de estilos de vida no passado. O

## GLOSSÁRIO

**arqueologia** Estudo da cultura humana mediante a recuperação e análise de restos materiais e dados ambientais.

**bioarqueologia** Estudo arqueológico de restos humanos, que enfatiza a preservação de processos sociais e culturais no esqueleto.

**gerenciamento de recursos culturais** Ramo da arqueologia que pesquisa e/ou faz escavações de restos históricos e arqueológicos ameaçados por construções. Também promovem o desenvolvimento de políticas públicas que envolvam a proteção dos recursos culturais.

arqueólogo organiza esse material por período e o utiliza para explicar a variação cultural e a mudança da cultura ao longo do tempo.

Como a pesquisa arqueológica está estreitamente relacionada à escavação de restos materiais em contextos ambientais específicos, várias inovações nas ciências geográficas e geológicas foram prontamente incorporadas. Inovações como o geographic information systems – GIS (sistema de informação geográfica – SIG), sensoriamento

remoto e ground penetrating radar – GPR (radar de penetração no solo) complementam a exploração tradicional de escavações arqueológicas.

O arqueólogo pode investigar indícios do comportamento humano muito além dos 5.000 anos a que os historiadores se restringem, uma vez que dependem de registros escritos. O fato de esse período se chamar “pré-histórico” não significa que essas sociedades tinham menos interesse na própria história ou que não contassem com formas de registrar e transmitir. Significa, simplesmente, que não há registros escritos. Portanto, os arqueólogos não se limitam ao estudo de sociedades que não possuem registros escritos, eles também estudam aquelas que possuem documentos históricos para complementar os restos materiais. Na maioria das sociedades letradas, os registros escritos estão associados às elites governantes, não a agricultores, pescadores, trabalhadores braçais ou escravos. Na verdade, de acordo com James Deetz, pioneiro em arqueologia histórica nas Américas, em muitos contextos históricos, “a cultura material pode ser a fonte de informação mais objetiva que temos”.<sup>11</sup>

### Subáreas da arqueologia

O arqueólogo tende a se especializar em determinadas zonas de cultura ou períodos de tempo relacionados a regiões específicas do mundo, mas existem várias subáreas de especialização. A **bioarqueologia**, por exemplo, é o estudo arqueológico de restos humanos, que enfatiza a preservação de processos sociais e culturais no esqueleto. Por exemplo, as ossadas mumificadas do altiplano andino, na América do Sul, preservam não somente a prática dos funerais, mas também apresentam evidências sobre algumas das primeiras cirurgias no cérebro já documentadas. Além disso, esses restos bioarqueológicos exibem técnicas de deformação do crânio que distinguem a nobreza de outros membros da sociedade.

Outros arqueólogos se especializam em *etnobotânica*, que estuda como os membros de uma determinada cultura empregam as plantas nativas. Outros ainda se especializam em *zooarqueologia*, que estuda os restos de animais recuperados nas escavações arqueológicas.



<sup>11</sup> Deetz, J. *In small things forgotten: The archaeology of early American life*. Garden City, NY: Anchor Press/Doubleday, 1977. p. 160.

Embora a maioria dos arqueólogos se concentre no passado, alguns estudam objetos materiais no cenário contemporâneo. Um exemplo é o Projeto Lixo (The Garbage Project), fundado por William Rathje, na Universidade do Arizona, em 1973. Esse estudo antropológico, cuidadosamente controlado, do lixo doméstico dos residentes de Tucson continua a produzir informações instigantes sobre questões sociais contemporâneas. Por exemplo, ao responder o questionário da pesquisa, apenas 15% das famílias confirmaram o consumo de cerveja, mas nenhuma relatou que consome mais de oito latas por semana. A análise do lixo da mesma área mostrou que mais de 80% das famílias consumiam cerveja e que 50% descartaram mais de oito latas por semana.

Além de apresentar dados concretos sobre o consumo de cerveja, o Projeto Lixo testou a validade de técnicas de pesquisa de que dependem sociólogos, economistas e outros cientistas sociais e formuladores de políticas públicas. Os testes mostram uma diferença significativa entre o que as pessoas *dizem* que fazem e o que a análise do lixo comprova que *realmente fazem*. As ideias sobre comportamento humano com base em técnicas simples de pesquisa, portanto, podem apresentar sérios erros.

### Gerenciamento de recursos culturais

Embora a arqueologia possa evocar imagens de pirâmides antigas e coisas do gênero, grande parte do trabalho de campo arqueológico é realizado como **gerenciamento de recursos culturais**. Esse trabalho se distingue da pesquisa arqueológica tradicional por ser parte de atividades regidas por lei para preservar aspectos importantes da herança histórica e pré-histórica de um país. Por exemplo, nos Estados Unidos, se a secretaria de transportes de determinado estado planeja substituir uma ponte em uma rodovia, é preciso identificar e proteger quaisquer recursos históricos ou pré-históricos que possam ser afetados pela nova obra. Desde a aprovação da Lei de Preservação Histórica (Historic Preservation Act), de 1966, a Lei Nacional de Políticas Ambientais (National Environmental Policy Act), de 1969, e da Lei de Preservação Histórica e Arqueológica (Archaeological and Historical Preservation Act) de 1974, o gerenciamento de recursos culturais é exigido para qualquer projeto de construção que seja custeado ou licenciado pelo governo federal norte-americano. Como resultado, a área de gerenciamento de recursos culturais prosperou. Muitos arqueólogos são contratados por órgãos como Unidade de Engenheiros do Exército (Army Corps of Engineers), Serviço de Parques Nacionais (National Park Service), Serviço de Conservação de Recursos Naturais dos Estados Unidos (U.S. Natural Resource Conservation Service) para ajudar na prevenção, restauração e salvamento de recursos arqueológicos.

Quando o trabalho de gerenciamento de recursos culturais ou outra investigação arqueológica encontra artefatos culturais nativos ou restos humanos, as leis federais também devem ser observadas. A Lei de Proteção e Repatriação de Tumbas Nativas (Native American Graves Protection and Repatriation Act – Nagpra), aprovada em 1990, determina um processo para o retorno desses restos aos descendentes lineares, a tribos culturalmente relacionadas e a organizações havaianas nativas. Ela é extremamente importante para o trabalho dos antropólogos que estudam as culturas paleoindígenas nos Estados Unidos. A controvérsia sobre o Homem de Kennewick ressalta alguns dos debates éticos a ela relacionados.

Além de atuar em todas as áreas mencionadas, o arqueólogo também pode trabalhar como consultor para empresas de engenharia na preparação de documentos relacionados ao impacto

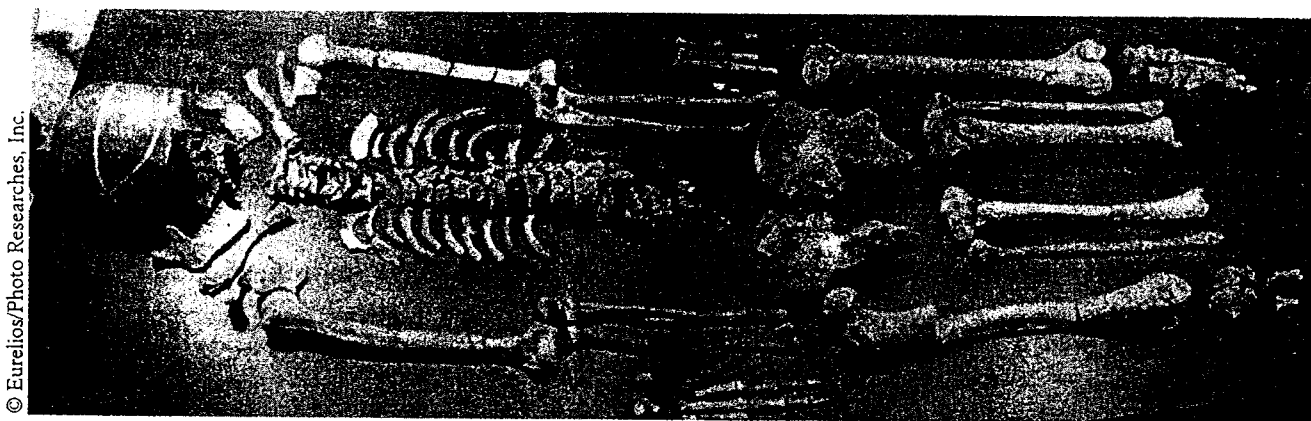
ambiental. Alguns desses profissionais trabalham em universidades e faculdades, enquanto outros são membros de empresas independentes de consultoria. Quando o governo financia qualquer tipo de trabalho arqueológico, este recebe o nome de *arqueologia pública*.

## ANTROPOLOGIA, CIÊNCIA E HUMANIDADES

Por causa da grande variedade de assuntos e métodos, a antropologia às vezes é considerada a ciência mais humana e a área de humanidades mais científica, uma designação que a maioria dos antropólogos aceita com satisfação. Em virtude do envolvimento com indivíduos de todo tempo e lugar, os antropólogos acumulam informações consideráveis sobre sucessos e fracassos, fraquezas e grandezas – a verdadeira natureza das humanidades. Embora os antropólogos evitem uma abordagem científica impessoal e “fria” que reduza pessoas, atividades e pensamentos a simples números, as suas pesquisas quantitativas contribuíram significativamente para o estudo científico da condição humana. Contudo, mesmo profissionais rigorosos sempre têm em mente que as sociedades humanas são compostas de indivíduos com grande diversidade de emoções e com aspirações que exigem respeito.

Além disso, o antropólogo permanece comprometido com a proposição de que não se pode entender completamente uma cultura por meio da simples observação; como implica a expressão *observação participante*, também é preciso vivenciar. Esse mesmo comprometimento à pesquisa de campo e à coleta sistemática de dados, sejam eles qualitativos ou quantitativos, também é uma evidência do lado científico da antropologia. Esta é uma ciência social **empírica** com base em observações ou informações sobre o ser humano obtidas por meio dos sentidos e verificada por outros aspectos além da intuição ou de crenças. Mas a antropologia se distingue de outras ciências pelas formas diversas com que a pesquisa científica é conduzida.

A ciência, uma forma cuidadosa de produzir conhecimento, tem como objetivo revelar e explicar a lógica implícita, os processos estruturais que fazem o mundo “girar”. O empenho científico criativo



As expressões “O Antigo” e “Homem de Kennewick” se referem ao esqueleto de 9.300 anos, encontrado em 1996, perto de Kennewick, Washington. Cercado de controvérsias desde sua descoberta, o Homem de Kennewick foi um dos primeiros a chegar ao Ocidente e apresenta grande potencial para o avanço dos estudos científicos sobre estilos de vida antigos e padrões de migração nas Américas. O Homem de Kennewick foi encontrado em terras ancestrais de um grupo de tribos nativas, que reclamou os restos mortais, segundo a Lei de Proteção e Repatriação de Tumbas Nativas (Native American Graves Protection and Repatriation Act – NAGPRA). Como, para esses nativos, os ossos pertencem a um ancestral, desejam fazer com que retorne à terra em uma cerimônia adequada. Os cientistas apelaram ao Tribunal Federal e, em 2004, conseguiram permissão para continuar as pesquisas e análises. Doug Owsley, antropólogo forense do Instituto Smithsonian que lidera o grupo de pesquisa, afirma que a investigação científica apresenta muito mais informações do que esperavam. Como no centro dessa controvérsia existem visões conflitantes, é bem provável que ela não seja resolvida facilmente.



procura explicações que podem ser testadas para fenômenos observados, de modo ideal em termos do funcionamento de leis ou princípios ocultos, mas imutáveis. Para isso, são necessários dois ingredientes básicos: imaginação e ceticismo. A imaginação, apesar de ter o potencial de nos induzir ao erro, nos ajuda a reconhecer formas inesperadas em que os fenômenos podem ser organizados e a analisar ideias antigas de novas maneiras. Sem

ela, não existe ciência. O ceticismo nos permite distinguir entre fato (uma observação verificada por outras pessoas) e suposição, para testar nossas especulações e evitar que viajemos na imaginação.

Em busca por explicações, os cientistas nem sempre supõem que as coisas são o que parecem na superfície. Afinal, o que é mais óbvio do que a terra permanecer parada enquanto o sol gira em torno dela todos os dias?

Como outros cientistas, os antropólogos geralmente iniciam as suas pesquisas com uma **hipótese** (uma explicação provisória ou suposição) sobre as relações possíveis entre certos eventos ou fatos observados. Ao coletar vários tipos de dados que parecem fundamentar com evidências as explicações sugeridas, os antropólogos elaboram uma **teoria** – explicação fundamentada por um conjunto de dados confiáveis. Na tentativa de demonstrar a ligação entre fatos ou eventos *conhecidos*, o antropólogo pode descobrir fatos, relações ou eventos *inesperados*. Uma função importante da teoria é direcionar nossas explorações, que podem resultar em novos conhecimentos. Também é importante ressaltar que os novos fatos descobertos podem apresentar evidências de que certas explicações são infundadas, mesmo que sejam populares ou consideradas verdadeiras. Quando há falta de evidências ou elas não fundamentam as explicações sugeridas, as hipóteses promissoras ou suposições atraentes devem ser descartadas. Em outras palavras, a antropologia depende de evidências empíricas. Além disso, toda teoria científica, mesmo que esteja amplamente aceita pela comunidade científica internacional, é questionável.

É importante distinguir entre teoria científica, que está sempre sujeita a contestações futuras que surgem com novas evidências ou novos conhecimentos, e doutrina. Uma **doutrina**, ou dogma, é certa declaração de opinião ou crença apresentada formalmente por determinada autoridade como verdadeira ou incontestável. Por exemplo, aqueles que aceitam a doutrina criacionista sobre a origem da espécie humana, como descrevem os textos sagrados ou os mitos, o fazem com base na autoridade religiosa, reconhecendo que essa visão pode contrariar as explicações da genética, da geologia, da biologia ou outras. Tais doutrinas não podem ser testadas ou provadas de uma forma ou de outra, são aceitas como crenças.

Embora a abordagem científica possa parecer direta, sua aplicação nem sempre é fácil. Por exemplo, depois que uma hipótese é proposta, esta deve ser confirmada. Isso pode fazer com que inconscientemente se ignorem evidências negativas e descobertas imprevistas. É um problema familiar em toda ciência, como destaca o paleontólogo Stephen Jay Gould: “O maior obstáculo à inovação científica é geralmente um bloqueio conceitual, não um bloqueio real”.<sup>12</sup> Como a cultura estabelece

## GLOSSÁRIO

**empírico** Baseia-se nas observações do mundo, não na intuição ou em crenças.

**hipótese** Explicação provisória sobre as relações entre certos fenômenos.

**teoria** Em ciência, uma explicação sobre certo fenômeno natural, fundamentada por um conjunto de dados confiáveis.

**doutrina** Declaração de opinião ou crença apresentada formalmente por uma autoridade como verdadeira ou incontestável.

<sup>12</sup> Gould, S. J. *Wonderful life*. Nova York: Norton, 1989. p. 226.

conceitos e ideias, formular hipóteses ou desenvolver interpretações que não estejam relacionadas a ela pode ser um desafio. Ao englobar humanismo e ciência, a antropologia conta com a própria diversidade interna para superar os bloqueios conceituais.

## PESQUISA DE CAMPO

Todos os antropólogos consideram se sua cultura pode ter originado as perguntas científicas que elaboram. Ao fazer isso, dependem muito de uma técnica que se tem mostrado proveitosa em outras disciplinas: dedicam-se incansavelmente à análise dos dados obtidos. Durante o processo, eles se familiarizam completamente até mesmo com os mínimos detalhes, e têm condições de começar a reconhecer padrões implícitos que podem ter sido ignorados. Ao reconhecê-los, o antropólogo consegue elaborar hipóteses significativas, que então podem ser submetidas a outros testes ou validação no campo. Na antropologia, a pesquisa de campo apresenta rigor adicional ao conceito de imersão total nos dados.

Embora a pesquisa de campo tenha sido mencionada em relação à antropologia cultural, é uma característica apresentada em *todas* as subáreas da antropologia. Os arqueólogos e paleoantropólogos fazem escavações. Um antropólogo biológico, interessado nos efeitos da globalização sobre nutrição e crescimento, irá viver em uma comunidade para estudar esse assunto. Um primatologista poderá viver em meio a um grupo de chimpanzés ou babuínos, e um linguista, na comunidade cuja linguagem deseja estudar. A pesquisa de campo, imersão em outra cultura, desafia o antropólogo a estar constantemente consciente da maneira como os fatores culturais influenciam as perguntas da pesquisa. O antropólogo monitora a si mesmo verificando constantemente as próprias tendências e suposições; à medida que desenvolve o trabalho, elabora essas reflexões sobre si juntamente a observações, uma prática conhecida como *reflexividade*.

Ao contrário de outros cientistas sociais, os antropólogos geralmente não vão a campo com questionários pré-elaborados. Embora tenham realizado pesquisas para conhecer a comunidade onde vão atuar e tenham criado algumas hipóteses, eles reconhecem que muitas das melhores descobertas são feitas quando mantêm a mente aberta. À medida que a pesquisa de campo se desenvolve, selecionam as observações, às vezes formulando e testando hipóteses limitadas, ou usando a intuição. O antropólogo atua junto à comunidade para que o processo de pesquisa se torne um trabalho de colaboração. A consistência dos resultados é verificada constantemente, pois, se não há coerência, ele sabe que houve algum erro e que é preciso investigar mais. A validade ou a confiabilidade das conclusões se estabelece através da reprodução das observações e/ou dos experimentos por outro pesquisador. Assim, essa validade torna-se óbvia se o colega “conseguiu”.

A validação tradicional realizada por colegas é um desafio na antropologia porque o acesso à observação é sempre limitado. O acesso a um local de pesquisa pode ser restringido por uma série de fatores. Dificuldades para viajar, obter permissões, fundos insuficientes, ou condições ambientais, sociais e políticas podem dificultar o processo. O que pode ser observado em determinado contexto, em um período específico, pode não ser em outros, e assim por diante. Assim, um pesquisador não consegue confirmar a validade ou totalidade do relato de outro. Por esse motivo, os antropólogos têm a responsabilidade específica de elaborar relatos precisos e cuidadosos. No relatório final da pesquisa, vários aspectos básicos devem estar bem claros: por que determinado local foi selecionado como área de pesquisa? Quais são os objetivos da pesquisa? Quais foram as condições locais durante

o desenvolvimento do trabalho de campo? Que indivíduos do local forneceram informações importantes e as principais percepções? Como foram realizadas as coletas e os registros dos dados? Como o pesquisador constatou sua tendenciosidade? Sem essas informações preliminares, é difícil julgar a validade do relato e a confiabilidade das conclusões.

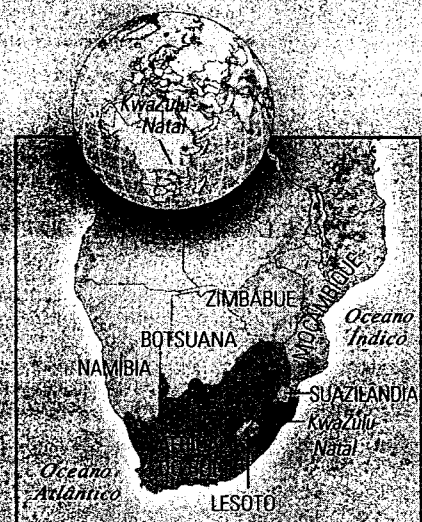
Em relação ao nível pessoal, a pesquisa de campo exige que o pesquisador saia de sua zona de conforto cultural e mergulhe em um mundo estranho e às vezes perturbador. Em campo, é provável que o antropólogo enfrente muitos desafios: físicos, sociais, mentais, políticos e éticos. Talvez tenha de lidar com o desafio físico de se adaptar à comida, ao clima e às condições de higiene diferentes. Tipicamente, quando está em campo, o antropólogo lida com desafios mentais como solidão, sentindo-se um completo estranho, desajeitado e perdido no novo cenário cultural; ele precisa estar alerta o tempo todo, porque tudo o que acontece ou é falado pode ser importante para a pesquisa. Os desafios políticos incluem a possibilidade de inconscientemente se deixar usar por facções da comunidade, ou de ser visto com desconfiança por autoridades do governo, que podem suspeitar de que seja um espião. Também há dilemas éticos: o que fazer se enfrentar uma prática cultural considerada perturbadora, como a circuncisão feminina; como lidar com a necessidade de comida ou remédios; a tentação de usar artifícios para obter informações vitais e assim por diante.

Ao mesmo tempo, a pesquisa de campo geralmente traz recompensas profissionais, pessoais e sociais claras e significativas, que variam de amizades duradouras a conhecimentos e percepções vitais sobre a condição humana que proporcionam contribuições positivas para a vida das pessoas. Parte do significado da pesquisa de campo antropológica – a utilidade e o impacto sobre o pesquisador e o objeto da pesquisa – é apresentada no “Estudo Original”, de Suzanne Leclerc-Madlala, uma antropóloga que migrou do estado da Nova Inglaterra, há quase 25 anos, para realizar pesquisas sobre a Aids com falantes de zulu, na África do Sul. O interesse na pesquisa modificou o curso de sua própria vida, para não mencionar a de pessoas portadoras do vírus HIV ou que desenvolveram a doença e o tipo de tratamento que recebem.

### Estudo Original: Combate ao HIV e à Aids na África: curandeiros tradicionais na linha de frente

*Suzanne Leclerc-Madlala*

Na década de 1980, durante o curso de graduação em antropologia na Universidade George Washington, em Washington, conheci um aluno da África do Sul, falante de zulu, com quem me casei. Era o auge do Apartheid e quando mudei-me para lá, fui classificada como “nie-der-honorary” e forçada a viver em uma área segregada com meu marido. Era o início da epidemia de Aids, mas logo ficou claro que o entendimento antropológico sobre como as pessoas compreendem essa doença e lidam com ela seria crucial para as intervenções que se seguiriam. Queria estudar tudo o que fosse possível para ajudar, o que culminou com um título de Ph.D. da University of Natal, sobre a construção cultural da Aids entre os zulus. A pandemia HIV/Aids na África tornou-se minha paixão profissional.



Ao enfrentar imensas necessidades globais de cuidados com saúde, a Organização Mundial de Saúde aprovou uma série de resoluções na década de 1970, promovendo a colaboração entre a medicina moderna e a tradicional. Isso teve relevância especial para a África, onde os curandeiros tradicionais superaram numericamente os profissionais da medicina moderna, à razão de 100 para 1, ou mais. Em virtude da desigualdade na proporção dos responsáveis pela saúde na África, o apoio a parcerias com curandeiros tradicionais faz sentido. Mas o que hoje parece sensato, na época era considerado absurdo, até mesmo heresia. Durante séculos, o mundo ocidental considerou a cura tradicional um ritual primitivo praticado por feiticeiros com poderes demoníacos que perpetuavam a superstição. Bem, essa prática sobreviveu. Atualmente, enquanto o continente africano luta contra uma epidemia de HIV/Aids de grandes proporções, milhões de pessoas doentes, que não têm acesso à saúde porque são muito pobres ou moram muito longe, estão provando que os curandeiros tradicionais são um recurso valioso nessa luta.

Atualmente, estima-se que o número de pessoas infectadas pelo HIV no mundo seja de 40 milhões, dos quais 70% vivem na África subsaariana, e a maioria das crianças órfãs por causa da Aids é africana. A partir da década de 1980, à medida que a África se tornava sinônimo do avanço rápido do HIV e da Aids, um certo número de programas de prevenção envolvia os curandeiros tradicionais. Minha pesquisa inicial na província sul-africana de KwaZulu-Natal, onde se estima que 36% da população esteja infectada, revelou que os tradicionais curandeiros zulu eram regularmente consultados para o tratamento de doenças sexualmente transmissíveis (DST). Descobri que essas doenças, além da Aids e do HIV, eram atribuídas à transgressão de tabus relacionados a nascimento, gravidez, casamento e morte. Além disso, eram frequentemente compreendidas em um quadro de poluição e contágio e, como doenças mais sérias, basicamente acreditava-se que as causas estavam relacionadas à feitiçaria.

No decorrer da pesquisa, investiguei um programa pioneiro de educação sobre DST e HIV para curandeiros tradicionais na província. O objetivo do programa era oferecer conhecimentos biomédicos básicos sobre as várias formas de transmissão de doenças, os meios disponíveis para prevenção, o diagnóstico dos sintomas, a organização dos registros e a identificação dos pacientes em clínicas e hospitais locais.

As entrevistas com os curandeiros mostraram que muitos desconfiavam da medicina moderna. Eles percebiam a educação sobre Aids como uma via de mão única cujo objetivo era pressioná-los a usar estruturas formais de saúde e convencê-los da superioridade da medicina moderna. Contudo, atualmente, poucos dos mais de 6 mil curandeiros de KwaZulu-Natal que receberam treinamento sobre a Aids afirmam que optariam por menos colaboração; a maioria deseja mais.

O tratamento de HIV/Aids, realizado pelos curandeiros zulu, é geralmente uma infusão de ervas amargas para "limpar" o corpo, fortalecer o sangue e acabar com a desgraça e "poluição". Alguns tratamentos realmente proporcionam alívio para doenças comuns associadas a Aids, como alergias na pele, aftas na boca, diarreia persistente e debilidade generalizada. Plantas nativas como *unwele* (*Sutherlandia frutescens*) e a batata africana (*Hypoxis hemerocallidea*) são remédios tradicionais bem conhecidos, que, conforme já foi comprovado, apresentam propriedades imunoestimulantes. Recentemente, ambos foram disponibilizados em forma de tabletes nas farmácias. Como os tratamentos antirretrovirais modernos ainda estão muito além do alcance da maior parte do povo da África do Sul, a medicina nativa, que consegue retardar ou aliviar parte do sofrimento, mostra ser uma forma popular e valiosa de tratamento.

O conhecimento sobre fluidos humanos potencialmente infecciosos fez com que os curandeiros modificassem algumas de suas práticas. Antes, eles utilizavam os espinhos do porco-espinho para aplicar

uma forma de injeção nativa; hoje, pedem que os pacientes levem as próprias agulhas para a consulta. Anteriormente, a mesma lâmina era usada para fazer incisões na pele em muitos clientes, agora, cada um traz a própria. Alguns curandeiros afirmam que abandonaram a prática de morder o cliente para remover objetos estranhos do corpo. Atualmente é comum encontrar curandeiros que apresentam com orgulho os certificados de treinamento contra a Aids, principalmente em centros urbanos como Durban. A política e as controvérsias têm prejudicado as ações oficiais da África do Sul contra o HIV e a Aids. Mas, nos herbários de taipa revestidos com couro de animal e nas cabanas dos curandeiros, a política da Aids tem pouca relevância. Grande número de doentes e moribundos chega a esses locais para receber tratamento de curandeiros que fazem parte da vida (e da morte) da comunidade desde tempos imemoriais. Em muitos casos, os curandeiros transformaram a própria casa em abrigo para pacientes com Aids. Por causa do forte estigma ainda relacionado à doença, aqueles que apresentam sintomas são geralmente abandonados ou expulsos de casa por membros da família. Eles procuram refúgio com os curandeiros, que oferecem conforto nos últimos dias de vida. As casas dos curandeiros também estão se tornando orfanatos, à medida que respondem ao que está sendo chamado de "terceira onda" da destruição causada pela Aids: o número crescente de crianças órfãs.

A prática da cura tradicional na África está se adaptando às mudanças na área da saúde com relação ao HIV e à Aids. Mas as pessoas que sofrem procuram a cura tradicional não só em busca do alívio para os sintomas físicos, querem entender a causa última de suas doenças, algo além da causa imediata de um "germe" ou "vírus" transmitido sexualmente. Procuram explicação para perguntas como "por que eu e não outra pessoa? Por que agora? Por que isso?". Da mesma forma que a maioria dos sistemas de cura tradicional em todo o mundo, a cura entre os zulus e em quase todos os grupos étnicos da África não pode ser separada das preocupações espirituais do indivíduo e das crenças cosmológicas da comunidade em geral. Por um lado, os curandeiros tradicionais ajudam a recuperar o senso de equilíbrio entre indivíduo e comunidade; por outro, entre indivíduo e cosmos, ou os ancestrais. Eles oferecem cuidados personalizados, culturalmente adequados, holísticos e organizados para atender as necessidades e expectativas do paciente. Em vários aspectos, é uma forma de cura muito mais satisfatória que a oferecida pela medicina moderna.

A cura tradicional na África está se desenvolvendo na era da Aids; para entender por que isso acontece é necessário mudar os conceitos através dos quais compreendemos, explicamos e interpretamos a saúde. Os métodos antropológicos e sua perspectiva holística e comparativa podem facilitar o tipo de entendimento urgente e necessário para administrar a crise da Aids como nenhuma outra disciplina.

(Por Suzanne Leclerc-Madlala. Adaptado parcialmente de Leclerc-Madlala, S., 2002. Bodies and politics: healing rituals in the democratic South Africa [Corpos e políticas: rituais de cura na democrática África do Sul]. In: Faure, V. (Ed.) *Les cahiers de l'IFAS*, n. 2, Johannesburg: The French Institute.)

## MÉTODOS DE PESQUISA DE CAMPO

Enquanto a pesquisa de campo e o método comparativo são empregados em todas as áreas da antropologia, alguns métodos específicos são característicos apenas da paleoantropologia e da arqueologia, cujo foco é o ser humano e os ancestrais do passado remoto. Outros métodos são típicos de pesquisas voltadas para a cultura das sociedades contemporâneas. Outros métodos, específicos da primatologia e da antropologia linguística, serão descritos nos capítulos 3 e 9, respectivamente.

## Métodos arqueológicos e paleoantropológicos

Os arqueólogos e paleoantropólogos enfrentam um dilema. A única maneira de investigar completamente o passado é escavar áreas onde se encontram restos biológicos e culturais. Infelizmente, essa prática provoca a destruição do local. Portanto, o antropólogo tenta escavar de tal modo que tanto o local quanto o contexto de tudo o que foi recuperado, não importa o tamanho, seja minuciosamente registrado. Sem esses registros, o conhecimento que se pode obter com os restos físicos e culturais diminui drasticamente.

O arqueólogo lida com **artefatos**, qualquer objeto produzido ou alterado pelo ser humano: uma raspadeira de pedra, uma cesta, um machado, ou construções como ruínas ou paredes. Um artefato expressa uma faceta da cultura humana. Como é algo feito por alguém, o arqueólogo prefere dizer que um artefato é um produto ou representação do comportamento e das crenças humanas, ou, em termos mais técnicos, um artefato representa a **cultura material**. Os artefatos não são considerados isoladamente, estão integrados a restos biológicos e ecológicos para apresentar um contexto que permite a reconstrução de modos de vida no passado. Alguns dos restos biológicos mais antigos sobreviveram durante o processo de fossilização. Em uma definição ampla, **fóssil** é qualquer traço, ou impressão, de organismo de períodos geológicos passados preservado na crosta terrestre. A fossilização geralmente envolve as partes rígidas desse organismo. Ossos, dentes, carapaças, chifres e tecidos lenhosos das plantas são os materiais que se fossilizam com mais facilidade. Embora as partes moles de um organismo raramente se fossilizem, os moldes, impressão de pegadas, cérebros e até mesmo corpos inteiros já foram encontrados. Esqueletos fósseis inteiramente preservados que datam do período anterior à prática cultural de enterrar os mortos, aproximadamente 100.000 anos atrás, são extremamente raros.

Como animais mortos logo atraem animais necrófagos e bactérias que provocam a decomposição, eles raramente duram tempo suficiente para sofrer fossilização. Para que um organismo se transforme em fóssil, é preciso que seja coberto por algum tipo de substância protetora após sua

morte. O material que envolve os restos físicos endurece gradualmente, formando uma camada protetora em torno do esqueleto do organismo. As cavidades internas de ossos ou dentes e outras partes do esqueleto são preenchidas com a deposição de minerais oriundos dos sedimentos que cercam o espécime. Então, as paredes externas dos ossos se decompõem e são substituídas por carbonato de cálcio ou sílica.

### GLOSSÁRIO

**artefato** Qualquer objeto produzido ou alterado pelo ser humano.

**cultura material** Aspectos duráveis de uma cultura, como ferramentas, estruturas e arte.

**fóssil** Restos preservados de plantas e animais que viveram no passado.

**marcas no solo** Marcas que surgem na superfície de campos arados as quais revelam um sítio arqueológico.

**monte** Área de deposição de lixo em um sítio arqueológico.

**sistema de quadrículamento** Sistema em três dimensões para registro de dados, em uma escavação arqueológica.

**ponto de referência (datum point)** Ponto de início, de referência, para um sistema de grade.

**datação relativa** Em arqueologia e paleoantropologia, a designação de um evento, objeto ou fóssil como sendo mais antigo ou mais novo que outro.

**datação cronológica ou absoluta** Em arqueologia e paleoantropologia, datas para materiais fósseis ou arqueológicos baseadas em anos solares, séculos ou outras unidades de tempo absolutas.

### Sítios arqueológicos

Onde são encontrados os artefatos e fósseis? Lugares que contêm restos arqueológicos de atividade humana são conhecidos como *sítios*. Como existem muitos tipos de sítios, às vezes é difícil estabelecer seus limites, pois os restos podem

estar espalhados por uma grande área, às vezes, até mesmo debaixo d'água. Alguns exemplos de sítios arqueológicos identificados por arqueólogos e paleoantropólogos são os campos, onde os caçadores iam à caça; áreas de matança, onde os animais eram mortos e carneados; áreas de moradia, onde eram realizadas as atividades domésticas, e cemitérios, onde os mortos, e às vezes seus pertences, eram enterrados.

Localizar e mapear sítios arqueológicos são aspectos vitais para a investigação arqueológica e paleoantropológica. Muitos sítios, principalmente os mais antigos, permanecem soterrados sob camadas de sedimentos depositados desde que o local estava em uso. Muitos se revelam através da presença de artefatos. Entretanto, à medida que retrocedemos no tempo, a associação com ossadas e restos culturais se tornam menos prováveis. Restos físicos com data anterior a 2,5 milhões de anos são encontrados sem restos culturais associados a eles.

Enquanto o acaso pode ter papel importante na descoberta de um sítio, as técnicas de pesquisa utilizadas pelo arqueólogo para explorar e mapear grandes áreas geográficas ajudam o pesquisador a representar graficamente os sítios disponíveis para escavações. Uma pesquisa pode ser realizada na superfície, contudo, atualmente é mais comum o uso de técnicas de sensoriamento remoto. A fotografia aérea é usada por arqueólogos desde a década de 1920. Ainda é amplamente utilizada hoje em dia, com o auxílio de inovações tecnológicas mais recentes, como o mapeamento por satélite e o radar de penetração no solo (GPR – ground penetrating radar) mencionado anteriormente.

O clima e a geografia podem exercer impacto sobre a descoberta de sítios arqueológicos e paleoantropológicos. Em áreas abertas, os sítios são visíveis do chão, por montes ou **marcas no solo**, manchas na superfície de campos arados há pouco tempo. Em regiões de floresta, as mudanças na vegetação são evidências de um sítio. Por exemplo, a camada superior do solo de um poço de armazenagem e descarte geralmente é mais rica em matéria orgânica que a das áreas adjacentes, portanto, a vegetação é distinta. Em Tikal, um sítio arqueológico na Guatemala, o *ojoche* (noz de pão, noz dos maias) geralmente cresce perto de ruínas de antigas casas, de modo que os arqueólogos podem usá-lo para guiar suas pesquisas.

Às vezes, processos naturais, como erosão do solo ou secas, expõem sítios ou fósseis. Por exemplo, no leste da América do Norte e em outras áreas onde era comum o consumo de moluscos, **montes**<sup>13</sup> de resíduos pré-históricos repletos de carapaças ficaram expostos devido à erosão ao longo da costa ou de bancos de rios. Como veremos a seguir, a erosão e outros processos geológicos são importantes para a recuperação de fósseis.

### Escavações e análises

Depois que um investigador identifica um sítio que poderá contribuir para a pesquisa, ele planeja e executa a escavação. Em primeiro lugar, limpa-se a área e os locais a ser escavados são plotados em um **sistema de quadriculamento**. A superfície é dividida em quadrados com o mesmo tamanho e cada um deles é numerado e marcado com estacas. Cada objeto pode então ser localizado precisamente no quadrado de origem. (Lembre-se de que contexto é tudo!) O ponto inicial de um sistema de quadriculamento pode ser uma rocha grande, a borda de uma parede de pedra ou uma haste de ferro encravada no solo. Esse ponto inicial, localizado precisamente em três dimensões, também é

<sup>13</sup> No Brasil, esses montes são conhecidos como “sambaquis”. (NRT)

conhecido como **ponto de referência** (*datum point*). Em um sítio grande, com vários quilômetros quadrados, a plotagem pode ser feita considerando estruturas individuais, numeradas de acordo com o ponto do “quadriculamento gigante” em que se encontram. Cada quadrado é então escavado separadamente com muito cuidado. Usam-se pequenas pás para raspar e peneiras para examinar o solo, de modo que sejam recuperados mesmo os menores artefatos, como lascas de pedra ou contas.

O paleoantropólogo que procura fósseis deve ter conhecimentos de geologia, ou acesso a especialistas da área, pois um fóssil só terá valor se for possível determinar a sequência de rochas em que for encontrado. É preciso ter habilidade cirúrgica e muita precaução para remover um fóssil sem provocar danos. Uma combinação incomum de ferramentas e materiais geralmente compõe o kit do paleoantropólogo: picaretas, revestimento de verniz, bandagens e gesso.

O fóssil e a terra que o envolve, a matriz, são removidos como um único bloco e levados a um laboratório. Muitas horas serão então necessárias para separar o fóssil da matriz. Antes de deixar a área, o pesquisador faz um mapa detalhado do terreno e identifica a descoberta em mapas geológicos para auxiliar futuros investigadores.

Tanto para a paleoantropologia como para a arqueologia, no mínimo três horas de trabalho no laboratório correspondem a apenas uma hora de escavação. Vários exames químicos e moleculares apresentam evidências sobre o contexto e a natureza dos materiais recuperados. Estabelecer a idade desses materiais é de importância vital para a reconstrução do passado.

A datação pode ser realizada observando sua posição no solo, medindo a quantidade de elementos químicos contida nos ossos e artefatos, ou através da associação com outras plantas, animais ou restos culturais. Esses métodos são chamados de **datação relativa**, porque não estabelecem datas precisas, apenas a relação entre uma série de materiais, através de princípios geológicos para situá-los cronologicamente. Os métodos de **datação cronológica** ou **datação absoluta** apresentam dados reais calculados em anos “antes do presente”. Dependem de avanços nas disciplinas de física e química que usam propriedades como taxa de decaimento dos elementos radioativos. Tais elementos podem estar presentes nos próprios restos ou no solo que os envolvem. Os métodos de datação absoluta estabelecem cientificamente as datas reais dos principais eventos da história geológica e evolutiva. Ao comparar as datas e os restos de sítios diferentes, o antropólogo pode reconstruir a origem, a migração e o desenvolvimento tecnológico do ser humano.

Muitas técnicas de datação absoluta e relativa estão disponíveis, mas cada uma delas apresenta certas restrições. Teoricamente, o arqueólogo e o paleoantropólogo tentam empregar vários métodos apropriados, conforme os materiais e a verba disponíveis. Ao proceder desse modo, reduzem significativamente o risco de erro. A Tabela 1.1 apresenta as técnicas de datação empregadas com mais frequência.

## Métodos etnográficos

Para o arqueólogo e o paleoantropólogo, a pesquisa de campo acontece onde há restos físicos e materiais. Para o pesquisador etnográfico, o mundo inteiro é um local de pesquisa. O problema ou a pergunta de pesquisa pode direcionar a escolha do local.

O antropólogo se prepara para a pesquisa de campo estudando a teoria, a história, a etnografia e qualquer outro material relevante para o problema a ser investigado, assim como tudo o que foi previamente documentado sobre a cultura específica que deseja investigar. Após examinar a



**TABELA 1.1****Métodos de datação relativa e absoluta empregados por arqueólogos e paleoantropólogos**

Método de datação	Período de tempo	Processo	Desvantagens
Estratigrafia	Apenas relativo	Baseado no princípio da superposição de camadas: as camadas inferiores (estratos) são mais antigas que as superiores.	Específicas do local; forças, naturais como terremotos, e atividades humanas, como soterramentos, perturbam as relações estratigráficas.
Análise de flúor	Apenas relativo	Compara a quantidade de flúor absorvida pelo espécime após a deposição.	Específicas do local.
Sucessão biótica	Apenas relativo	Sequência dos restos em ordem cronológica relativa, com base na sequência evolutiva estabelecida em outra região com datação absoluta confiável; chama-se palinologia quando realizada com grãos de pólen e esporos.	Depende do conhecimento de relações já estabelecidas em outras áreas.
Seriação	Apenas relativo	Sequência de restos dentro de uma ordem cronológica relativa, baseada nas características das espécies.	Depende do conhecimento de relações já estabelecidas em outras áreas.
Dendrocronologia	Até 3.000 anos (AP), no máximo.	Compara os anéis de crescimento das árvores preservados em local com uma árvore de idade conhecida.	Exige árvores antigas de idade conhecida.
Radiocarbono	Absoluto < 50.000 AP	Compara a razão do carbono radioativo $^{14}\text{C}$ (com meia vida de 5.730 anos) com o carbono estável $^{12}\text{C}$ nos materiais orgânicos.	Impreciso para determinar materiais com mais de 50.000 anos.
Potássio-argônio (K-Ar)	>200.000 AP	Compara a quantidade de potássio radioativo ( $^{40}\text{K}$ com meia vida de 1,25 bilhão de anos) com o Argônio ( $^{40}\text{Ar}$ ) estável.	Exige cinza vulcânica e verificação em virtude da contaminação do argônio da atmosfera.
Racemização de aminoácidos	40.000-180.000 AP	Compara a mudança no número de proteínas dos laços esquerdo e direito de uma estrutura tridimensional.	Os aminoácidos lixiviados do solo normalmente geram imprecisão.
Termoluminescência	Aproximadamente até 200.000 AP	Mede a quantidade de luz emitida pela radioatividade, quando a amostra é aquecida em altas temperaturas. Para materiais mais antigos.	Técnica desenvolvida para materiais recentes, como cerâmica grega; não é um método preciso.
Ressonância de spin eletrônico (ESR)	Aproximadamente até 200.000 AP	Mede a ressonância dos elétrons aprisionados em um campo magnético.	Funciona bem para esmalte dos dentes, ainda não foi desenvolvido para os ossos; problemas com precisão.
Fissão	Longo intervalo de tempo	Mede as marcas deixadas nos cristais pelo urânio, conforme decai, bom para comparar com K-Ar.	Util apenas para a datação de cristais.
Reversão paleomagnética	Longo intervalo de tempo	Mede a orientação das partículas magnéticas nas rochas e estabelece se a direção do campo magnético da Terra era para o norte ou para o sul durante sua formação.	Grandes períodos de orientação normal ou reversa exigem a datação através de outro método; sabe-se que perdemos eventos importantes, especialmente.
Urânio	40.000-180.000	Mede a quantidade de urânio decaído em cavernas.	Grande margem de erro.

literatura existente, ele pode então elaborar um projeto teórico e estabelecer a pergunta que direcionará a pesquisa de campo. Se possível, o etnógrafo faz uma viagem preliminar ao local antes de se mudar para realizar a pesquisa extensiva.

Como o antropólogo deve ser capaz de se comunicar com as pessoas que escolheu estudar, também precisa aprender sua língua. Muitas das 6 mil línguas atualmente faladas no mundo já foram gravadas e escritas, principalmente durante os últimos séculos. Portanto, o antropólogo precisa aprender muitas línguas diferentes antes da pesquisa de campo.

### Em campo

Ao participar de uma cultura que não lhe é familiar, o antropólogo geralmente recebe auxílio de pessoas da comunidade. Ele também pode ser recebido por uma família. Assim, ao participar da rotina diária, logo se familiariza com os aspectos culturais básicos compartilhados pela comunidade.

O antropólogo também pode solicitar formalmente a assistência de **consultores principais**, membros da sociedade objeto do estudo, cujas informações ajudam o pesquisador a entender o significado daquilo que observa. (Antigamente esses indivíduos chamavam-se “informantes”.<sup>14</sup>) Da mesma forma que os pais mostram à criança o comportamento adequado, essas pessoas ajudam o pesquisador a entender os “mistérios” do que, no início, é um mundo estranho e enigmático. Para recompensar as pessoas locais pela recepção na comunidade e pelo acesso à informação, o pesquisador pode agradecer oferecendo produtos ou serviços, ou mesmo pagamento em espécie.<sup>15</sup>

Fazer perguntas é fundamental para a pesquisa etnográfica e acontece em **entrevistas informais** (conversas informais no dia a dia, sem organização prévia) e **formais** (sessões organizadas de perguntas e respostas, cuidadosamente registradas e baseadas em questões preparadas anteriormente). As entrevistas informais podem acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar, em cima de um cavalo, em uma canoa, ao lado de uma fogueira, durante rituais, enquanto caminha pela comunidade, e assim por diante. Essas trocas casuais são essenciais, pois geralmente nessas conversas as pessoas ficam mais à vontade. Além disso, as perguntas feitas nas entrevistas formais tipicamente surgem do conhecimento cultural e das percepções obtidas durante as entrevistas informais.

Para fazer com que as pessoas falem abertamente, é preciso esquecer todas as suposições e cultivar a habilidade de indagar e, em especial, a de *realmente* ouvir. As perguntas geralmente são de dois tipos: *questões abertas*, amplas, tais como “Você pode falar sobre sua infância?”, e *questões fechadas*, para obter informações específicas, como “Onde e quando você nasceu?”.

O pesquisador emprega inúmeros **recursos evocativos** – atividades e objetos usados para induzir as pessoas a falar e também para estimular a lembrança e compartilhar informações. Por exemplo, um pesquisador etnográfico pode utilizar fotografias de objetos ou atividades culturais e pedir que as pessoas expliquem o que veem.

Como muitos antropólogos ainda fazem pesquisas de campo com povos tradicionais, em todos os cantos da Terra, eles às vezes estão em lugares distantes, sobre os quais existe pouco

<sup>14</sup> No Brasil, continuamos com o jargão “informantes” para designar as pessoas do local (nativos), com as quais estabelecemos contato e obtemos informações. (NRT)

<sup>15</sup> Dada as características próprias das possibilidades de recursos para as pesquisas científicas, raramente os antropólogos brasileiros conseguem dispor de alguma quantia. Dessa forma, devolvemos as gentilezas recebidas pela entrega de cópia da monografia, doação de fotografias tiradas etc. (NRT)

conhecimento geográfico detalhado. Portanto, o etnógrafo geralmente elabora mapas da área em estudo para documentar o significado cultural de características geográficas específicas. O sistema de informação geográfica (geographic information system – GIS) é útil para o etnógrafo do mesmo modo que para o arqueólogo e o paleoantropólogo.

## Etnografia

Após a coleta das informações etnográficas, o desafio seguinte é organizar o material de forma que este descreva com coerência e precisão a cultura investigada.

Tradicionalmente, a pesquisa etnográfica é uma descrição minuciosa que documenta a cultura investigada segundo a pergunta de pesquisa estabelecida. O etnógrafo pode se concentrar em tópicos como o local da pesquisa e as circunstâncias que o envolvem; a história, a comunidade e o grupo atualmente; o meio ambiente natural; os padrões de colonização; as práticas de subsistência; as redes de relações familiares e outras formas de organização social; casamento e sexualidade; trocas econômicas; instituições políticas; mitos, crenças e cerimônias sagradas; desenvolvimentos correntes. Tudo pode ser ilustrado por fotografias e acompanhado de mapas, diagramas de parentesco e figuras que mostram as estruturas de organização política e social, plantas do povoado e das casas, ciclos sazonais, e assim por diante.

Às vezes, a pesquisa etnográfica é documentada não só através de registros sonoros, mas também de vídeos ou mídia digital. Os registros visuais são utilizados para documentação e ilustração, além de servir para análise ou como forma de coletar informações adicionais nas entrevistas. Além disso, o registro em vídeo, que auxilia a documentação da pesquisa, também pode ser transformado em documentário ou etnografia digital, que oferece representação visual precisa.<sup>16</sup>

## MÉTODO COMPARATIVO DA ANTROPOLOGIA

O produto final da pesquisa antropológica, se realizada adequadamente, é um relato coerente que apresenta explicações sobre crenças, comportamento ou biologia do grupo estudado. Esse relato, por sua vez, permite que o antropólogo elabore hipóteses mais amplas sobre crenças, comportamento e biologia humana. Geralmente, um único exemplo de um fenômeno não é suficiente para fundamentar uma hipótese plausível. Sem alguma base para comparação, a hipótese fundamentada em um único caso pode ser simplesmente uma coincidência histórica específica. De outro modo, um único caso pode ser suficiente para levantar dúvidas sobre uma teoria considerada válida, ou talvez refutá-la. Por exemplo, em 1948, a descoberta de que os aborígenes que vivem na Terra de Arnhem, no norte da Austrália, trabalhavam em média seis horas por dia, ou menos, e viviam muito acima do nível de pobreza, foi suficiente para questionar a noção amplamente aceita de que os povos coletores vivem tão preocupados em encontrar comida, que é escassa, que não têm tempo

### GLOSSÁRIO

**consultores principais** Membros da sociedade em estudo, que apresentam informações as quais ajudam o pesquisador a entender o significado daquilo que observa. Antigamente esses indivíduos chamavam-se informantes.

**entrevista informal** Uma conversa aberta, sem organização prévia.

**entrevista formal** Uma entrevista estruturada, baseada em perguntas preparadas anteriormente, cujas respostas são cuidadosamente anotadas.

**recursos evocativos** Atividades e objetos usados para induzir as pessoas a falar e também para estimular a lembrança e o compartilhamento de informação.

<sup>16</sup> Ver Collier, J.; Collier, M. *Visual anthropology: photography as a research method*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986; Guindi, F. *Visual anthropology: essential method and theory*. Walnut Creek, CA: Altamira Press, 2004.

**GLOSSÁRIO**

**Human Relations Area Files – HRAF (Arquivos de Relações Humanas por Área)** Grande conjunto de dados etnográficos, bioculturais e arqueológicos catalogados por características culturais e localização geográfica. Arquivados em quase 300 bibliotecas (em microfichas ou on-line).

**consentimento informado** Acordo registrado formalmente para participar da pesquisa. Obrigatório para todos os pesquisadores nos Estados Unidos e na Europa.

para atividades de lazer. As observações feitas no estudo sobre a Terra de Arnhem já foram confirmadas muitas vezes em outras partes do mundo.

As explicações hipotéticas de fenômenos culturais e biológicos podem ser testadas através da comparação de dados arqueológicos, biológicos, linguísticos, históricos e/ou etnográficos para várias sociedades que vivem em uma determinada região. A comparação cuidadosamente controlada apresenta uma base mais ampla para a elaboração

de conclusões sobre o ser humano que o estudo de uma única cultura ou população.

Um recurso importante para a comparação intercultural são os **Human Relations Area Files – HRAF (Arquivos de Relações Humanas por Área)**, um conjunto de dados etnográficos e arqueológicos indexados e catalogados por características culturais e localização geográfica. Iniciado na Universidade de Yale, em meados do século XX, esse banco de dados, que aumenta a cada dia, classifica mais de 700 características culturais e bioculturais e inclui quase quatrocentas sociedades, do passado e do presente, de todas as partes do mundo. Arquivado em quase trezentas bibliotecas (em microfichas e/ou on-line) e com aproximadamente um milhão de páginas de informação, facilita a pesquisa comparativa sobre praticamente qualquer aspecto cultural que se possa imaginar: guerras, práticas de subsistência, padrões de povoamento, práticas de nascimentos, casamentos, rituais etc.

Idealmente, as teorias antropológicas são produzidas por meio de comparações mundiais, entre espécies, ou ao longo do tempo. O pesquisador intercultural examina uma amostra global de sociedades para descobrir se as hipóteses propostas para explicar fenômenos culturais ou variações biológicas se aplicam universalmente ou não. Ele depende de dados coletados por outros pesquisadores, além dos próprios. Esses dados podem ser relatos escritos, coleções de artefatos e esqueletos existentes em museus, descrições publicadas dessas coleções, ou bancos de dados recentemente desenvolvidos que permitem a comparação entre espécies de estruturas moleculares de genes ou proteínas específicas.

**QUESTÕES ÉTICAS**

Os tipos de pesquisas realizadas pelos antropólogos e o cenário em que trabalham levantam várias questões morais importantes sobre usos e abusos potenciais do nosso conhecimento.

Nos primeiros anos da disciplina, muitos antropólogos documentaram culturas tradicionais, porque achavam que estas poderiam desaparecer em consequência das guerras, aculturação imposta por colonialismo, poder crescente de estados, ou expansão internacional de mercado. Alguns trabalharam para o governo federal, coletando dados empregados para formular políticas em relação a povos nativos, ou mesmo para ajudar a prever o comportamento do inimigo durante períodos de guerra. Após o fim da era colonial, na década de 1960, os antropólogos começaram a estabelecer um código de ética para garantir que a pesquisa não atingisse os grupos estudados.

Esse código lida com questões como: quem irá utilizar as descobertas e para que fins? Quem decide as perguntas que serão feitas? Quem, se alguém, lucrará com a pesquisa? Por exemplo, no caso de pesquisa sobre uma minoria étnica ou religiosa, cujos valores podem estar em desvantagem em

relação à sociedade dominante, o governo ou os interesses corporativos empregarão os dados antropológicos para suprimir esse grupo? E as comunidades tradicionais em todo o mundo? Quem deve decidir quais mudanças têm ou não de ser inseridas para “melhorar” a comunidade? Quem decide o que constitui uma melhoria – a comunidade, o governo nacional ou um órgão internacional, como a Organização Mundial de Saúde? Quais são os limites do relativismo cultural quando uma prática tradicional é mundialmente considerada abuso dos direitos humanos?

Atualmente, muitas universidades exigem que os antropólogos, como outros pesquisadores, comuniquem com antecedência a natureza, o objetivo e o impacto potencial que o estudo pode ter às pessoas que fornecem as informações e que obtenham um termo de **consentimento informado**,<sup>17</sup> um documento formal no qual a pessoa concorda em participar da pesquisa. Naturalmente, essa exigência é mais fácil de cumprir em algumas sociedades ou culturas que em outras, como reconhece a maior parte dos antropólogos. Quando é difícil conseguir o consentimento informado, ou mesmo impossível explicar exatamente o significado e a finalidade do projeto e suas consequências reais, o antropólogo pode proteger a identidade das pessoas, das famílias, até mesmo de comunidades inteiras alterando nomes e lugares. Por exemplo, quando o antropólogo holandês Anton Blok estudou a máfia siciliana, não obteve o consentimento informado desse violento grupo secreto, por isso decidiu não revelar as verdadeiras identidades.<sup>18</sup> O antropólogo lida com assuntos particulares e sensíveis, incluindo coisas que as pessoas preferem não tornar públicas. Como escrever sobre questões tão importantes, mas delicadas e, ao mesmo tempo, proteger a privacidade daqueles que contaram sua história?

O dilema que enfrentam também é reconhecido no preâmbulo do Código de Ética da Associação Americana de Antropologia (AAA),<sup>19</sup> primeiramente formalizado em 1971 e modificado em 1998. Esse documento estabelece as várias responsabilidades éticas e obrigações morais do antropólogo, inclusive seu princípio central: “O pesquisador antropológico deve fazer o possível para garantir que a pesquisa não prejudique a segurança, a dignidade ou a privacidade das pessoas com quem trabalha, desenvolve a pesquisa ou desempenha outras atividades profissionais”.

O código de ética da AAA estabelece as regras e os ideais aplicáveis a antropólogos em todas as subáreas. Apesar de não ter autoridade legal, a associação estabelece regulamentos sobre questões éticas à medida que estas surgem. Por exemplo, recentemente, a associação recomendou que as anotações das pesquisas de campo da área da medicina devem ser protegidas e não estão sujeitas a intimação judicial em processos por negligência médica. Isso respeita o princípio ético de proteger a privacidade das pessoas que compartilharam sua história com os pesquisadores.

As novas tecnologias têm implicações éticas que causam impacto na investigação antropológica. Por exemplo, a capacidade de sequenciar e patentear genes específicos provocou debates sobre quem possui o direito de registrar a patente: as pessoas que forneceram os genes ou o pesquisador que fez o estudo? Da mesma forma, como vimos na controvérsia sobre o Homem de Kennewick, a ética da

<sup>17</sup> O problema da conduta na pesquisa científica é tema antigo no Brasil. Hoje, nas universidades e em outras instituições de pesquisa, existem os Comitês de Ética na Pesquisa, os quais buscam dar conta dos problemas da pesquisa científica em sua relação com indivíduos e comunidades. O grande problema para a Antropologia e as Ciências Sociais, no geral, é o viés da ideologia das ciências da saúde, isto é, a forma como estas querem normatizar as outras ciências com seus modos de apreensão dos fenômenos humanos.

<sup>18</sup> Blok, A. *The mafia of a Sicilian village 1860-1960*. Nova York: Harper & Row, 1994.

<sup>19</sup> A Associação Brasileira de Antropologia (ABA) foi criada em 1953 e, desde então, como espaço próprio dos antropólogos, vem orientando nosso fazer. Assim, também nós, antropólogos brasileiros, temos um Código de Ética que nos baliza em trabalhos de campo. Para saber mais sobre a ABA e seu código, acesse: [www.abant.org.br](http://www.abant.org.br). (NRT)

propriedade, quando se trata de restos antigos, é particularmente complicada. Dadas as mudanças radicais que acontecem atualmente no mundo, o entendimento científico do passado nunca foi tão importante. Os restos antigos pertencem ao cientista, ao povo que vive na região sob investigação científica ou a quem tem sua posse? As forças do mercado transformam esses restos em objetos de coleção muito caros e provocam a destruição sistemática de sítios e fósseis arqueológicos. A colaboração entre as pessoas do local e os cientistas não só preserva os restos antigos das forças do mercado, mas também respeita a ligação dessas pessoas com o local e com os restos em estudo.

Para organizar as respostas a essas perguntas, o antropólogo reconhece que tem obrigações especiais para com três grupos: os que são estudados, os que patrocinam a pesquisa e os profissionais que esperam a publicação das descobertas para que possam aumentar o conhecimento coletivo. Como a pesquisa de campo exige uma relação de confiança entre o pesquisador e a comunidade onde ele trabalha, a primeira responsabilidade do antropólogo é claramente com as pessoas que compartilharam sua história e a comunidade. Tudo o que é possível deve ser feito para proteger seu bem-estar físico, social e psicológico e respeitar sua dignidade e privacidade. Essa tarefa é geralmente complexa. Por exemplo, divulgar a história de um povo fornece informações a organizações humanitárias que podem ajudá-lo e a outros que podem usufruir delas.

Enquanto o antropólogo considera básico o direito de um povo manter a própria cultura, quaisquer ligações com estranhos podem colocar em perigo a identidade cultural da comunidade em estudo. Para superar esses obstáculos, o antropólogo frequentemente colabora e contribui com a comunidade onde trabalha, e permite que as pessoas estudadas possam opinar sobre como sua história deve ser contada.

## ANTROPOLOGIA E GLOBALIZAÇÃO

A perspectiva holística e o comprometimento em longo prazo para entender as grandes diferenças da espécie humana formam a essência da antropologia. Portanto, a antropologia tem condições de lidar com um assunto de extrema importância para todos nós, no início do século XXI: a **globalização**. O termo se refere à teia de interconexão mundial evidenciada em movimentos globais sobre recursos naturais, comércio e finanças, trabalho humano, informações e doenças infecciosas. Embora o fluxo mundial de viagens, relações comerciais e informações exista há muitos séculos, o ritmo e a grandeza das trocas em longa distância cresceram muito nas últimas décadas; a internet, em especial, expandiu imensamente a capacidade de troca de informações.

As forças que movimentam a globalização são as inovações tecnológicas, diferenças de custo entre países, transferência mais rápida de conhecimento e aumento do comércio e da integração financeira entre nações. Como afeta a vida de quase todas as pessoas do planeta, a globalização se refere tanto à economia como à política e transforma as relações humanas e as ideias, assim como o nosso meio ambiente. Até mesmo comunidades geograficamente remotas estão rapidamente se tornando mais interdependentes por conta da globalização.

Ao fazer pesquisas em todos os cantos do mundo, os antropólogos observam o impacto da globalização nas comunidades humanas, onde quer que elas se localizem. Como observador participante, descreve e tenta explicar de que forma indivíduos e organizações respondem às mudanças maciças que enfrentam. O antropólogo pode também descobrir como as respostas locais podem, às vezes, alterar o fluxo global a elas direcionado. Expandindo dramaticamente a cada ano,

a globalização pode ser uma faca de dois gumes. Pode gerar crescimento econômico e prosperidade, mas também pode arruinar gradualmente antigas instituições. De modo geral, a globalização tem trazido ganhos significativos para grupos com alto nível de estudo em países ricos, contudo, tem feito pouco para auxiliar os países em desenvolvimento e realmente tem contribuído muito para o desgaste de culturas tradicionais. Os problemas sociais resultantes da globalização são a causa principal para os níveis crescentes de conflitos étnicos e religiosos em todo o mundo.

Obviamente, como nós todos vivemos em uma aldeia global, não podemos mais nos dar ao luxo de ignorar nossos vizinhos, mesmo que pareçam estar muito distantes.

Na era da globalização, a antropologia pode fornecer conhecimentos úteis para a humanidade com relação à diversidade e também ajudar a evitar ou a superar problemas significativos resultantes dessa diversidade. Em vários cenários sociais, escolas, empresas e hospitais, os antropólogos têm realizado pesquisas interculturais cujos resultados permitem que educadores, pessoas da área de negócios e médicos realizem seu trabalho com mais eficiência.

Por exemplo, nos Estados Unidos, atualmente, a discriminação racial continua a ser um problema sério que afeta as relações sociais, econômicas e políticas. Longe de ser a realidade biológica que supostamente deveria, os antropólogos mostraram que o conceito de raça (e a classificação dos grupos humanos em tipos raciais em nível mais alto ou mais baixo) surgiu no século XVIII como discurso ideológico para justificar a dominação europeia sobre as tribos africanas<sup>20</sup> e os indígenas norte-americanos. Na verdade, as diferenças na cor da pele são simplesmente adaptações a zonas climáticas diferentes e não têm nenhuma relação com as capacidades físicas ou mentais. De fato, os geneticistas encontram muito mais variação biológica em uma determinada população que entre populações diferentes. Em resumo, as “raças” humanas são categorias com base em preconceito, ideias falsas sobre diferenças ou noções errôneas da superioridade de um grupo. Como é de importância, esse assunto será mais bem discutido no Capítulo 7.

Um segundo exemplo envolve a questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Em 1989, a Dinamarca foi o primeiro país a estabelecer proteção legal para casais homossexuais, conhecido como Ato de Parceria Registrada. Desse modo, outros países e, individualmente, alguns estados dos Estados Unidos aprovaram leis semelhantes, com nomenclatura variada, e numerosos países no mundo todo debatem ou já aprovaram legislação que concede à união homossexual os benefícios e a proteção garantida pelo casamento.<sup>21</sup> Em alguns países, incluindo Espanha, Canadá, Bélgica e Holanda, o casamento entre homossexuais é considerado socialmente aceitável e permitido por lei, embora o casamento entre pessoas de sexos diferentes seja muito mais comum. Enquanto indivíduos, países e estados lutam para definir os limites da proteção legal que será concedido a casais homossexuais, a perspectiva antropológica sobre casamento é proveitosa. Os antropólogos documentaram casamentos homossexuais nas sociedades humanas em várias partes do mundo, onde são considerados aceitáveis em circunstâncias apropriadas. O comportamento homossexual ocorre no mundo animal da mesma forma que ocorre com o ser humano.<sup>22</sup> A diferença principal entre pessoas e animais é que as

<sup>20</sup> Bem como os aborígenes da Oceania, vários povos asiáticos e os demais indígenas da América. (NRT)

<sup>21</sup> Merin, Y. *Equality for same-sex couples: The legal recognition of gay partnerships in Europe and the United States*. Chicago: University of Chicago Press, 2002. Court says same-sex marriage is a right, *San Francisco Chronicle*, 5 fev. 2004. Artigos e notícias atuais sobre a situação global de casamentos homossexuais são postados na internet por Partners Task Force for Gay & Lesbian Couples no endereço: [www.buddybuddy.com](http://www.buddybuddy.com).

<sup>22</sup> Kirkpatrick, R. C. The evolution of human homosexual behavior. *Current Anthropology*, v. 41, p. 384, 2000.

sociedades humanas possuem crenças tanto a respeito do comportamento homossexual como do heterossexual. O entendimento sobre a variação global dos padrões de casamento e do comportamento sexual não determina que um padrão seja mais correto que outro. Simplesmente ilustra que todas as sociedades humanas definem os limites das relações sociais.

Um último exemplo se refere à confusão comum entre *nação* e *estado*. A antropologia faz uma distinção importante entre os dois: estado é um território politicamente organizado, internacionalmente reconhecido. Nação é um grupo de pessoas socialmente organizado que compartilha etnicidade: origem, língua e herança cultural comuns. Por exemplo, os curdos constituem uma nação, mas sua terra natal está dividida em vários estados: Irã, Iraque, Turquia e Síria. Os limites internacionais entre esses estados foram estabelecidos após a Primeira Guerra Mundial, sem muita preocupação com os grupos étnicos de cada região, a nação. Processos similares têm acontecido no mundo todo, principalmente na Ásia e na África, o que torna as condições políticas nesses países extremamente instáveis. Como veremos em outros capítulos, estado e nação raramente coincidem. Há nações divididas em estados diferentes e estados sendo controlados por membros de uma nação que geralmente usam o poder para ter acesso à terra, aos recursos e ao trabalho de outras nacionalidades dentro desse estado. Atualmente, a maior parte dos conflitos armados que acontecem no mundo, como os que ocorrem nas montanhas do Cáucaso, entre o Mar Morto e o Mar Cáspio, são desse tipo e não meros atos de "tribalismo" ou "terrorismo", como geralmente se afirma.

Como mostram esses exemplos, a ignorância sobre outros povos e seu modo de vida é a causa de sérios problemas em todo o mundo. A antropologia oferece maneiras de olhar e compreender o mundo dessas pessoas, conhecimentos que nada mais são que habilidades básicas para sobreviver na era da globalização.

## GLOSSÁRIO

**globalização** Teia de interconexão mundial evidenciada em movimentos globais sobre recursos naturais, comércio e finanças, trabalho humano, informações e doenças infecciosas.

## Resumo do capítulo

- Os antropólogos se preocupam com o estudo sistemático e objetivo da humanidade, em todo tempo e lugar. Única entre as ciências e humanidades, a antropologia há muito enfatiza o estudo de sociedades não ocidentais e uma abordagem holística, cujo objetivo é formular explicações e interpretações teoricamente válidas sobre a diversidade humana, com base em estudos detalhados de todos os aspectos da biologia, do comportamento e das crenças de todas as sociedades humanas conhecidas, do passado e do presente.
- A antropologia engloba quatro áreas principais: antropologia física, antropologia cultural, antropologia linguística e arqueologia. A antropologia física estuda o ser humano como organismo biológico; ela enfatiza particularmente o desenvolvimento evolutivo do homem e estuda a variação biológica entre as espécies atualmente. A antropologia cultural estuda o ser humano em termos de cultura, os padrões geralmente inconscientes através dos quais os grupos operam. A linguística, que estuda a linguagem humana, pode abordar a descrição das línguas, sua história ou a forma como são empregadas em situações sociais específicas. Os arqueólogos estudam as culturas humanas através da descoberta e análise de restos materiais e dados ambientais.



- Em todas as subáreas da antropologia, pode-se encontrar antropólogos aplicados, que utilizam a metodologia de pesquisa singular da disciplina para resolver problemas práticos. A antropologia forense é um exemplo de antropologia física aplicada. A preservação da linguagem é um exemplo de antropologia linguística aplicada.
- A pesquisa de campo é uma característica de todas as subáreas da antropologia. Ela apresenta uma perspectiva única em virtude da imersão completa que envolve. A pesquisa de campo em arqueologia e paleoantropologia inclui encontrar sítios onde existam restos enterrados, através de métodos de pesquisa, escavar em busca de restos de esqueletos e de materiais e analisar o material encontrado em laboratório. No laboratório, o material é completamente situado no contexto cultural, temporal e ambiental. Alguns antropólogos culturais são etnógrafos, que fazem um tipo de trabalho de pesquisa conhecido como observação participante. Eles produzem o registro detalhado de uma cultura específica através de textos escritos (com ou sem imagens), conhecido como etnografia. Outros antropólogos culturais também são etnólogos. Eles estudam, analisam e elaboram teorias sobre as culturas, de um ponto de vista comparativo ou histórico, empregando relatos etnográficos. Geralmente se concentram em um aspecto específico da cultura, como, por exemplo, práticas religiosas, econômicas etc.
- O método comparativo é importante para todas as áreas da antropologia. Os antropólogos fazem comparações amplas entre pessoas e culturas, do passado e do presente. Também comparam espécies relacionadas e grupos de fósseis.
- A pesquisa antropológica levanta inúmeras questões éticas importantes sobre o uso e abuso potencial do conhecimento antropológico e da forma como este é obtido. O código de ética antropológico da AAA, primeiramente formalizado em 1971 e continuamente revisado, determina a responsabilidade ética e moral dos antropólogos norte-americanos, considerando as pessoas as quais eles estudam, os indivíduos que patrocinam a pesquisa e a profissão como um todo.
- Em virtude da tradição de estudar as ligações entre povos distintos ao longo do tempo, a antropologia está notavelmente capacitada para estudar a globalização em um mundo cada vez mais conectado através de avanços tecnológicos recentes.
- Única entre as ciências e humanidades, a antropologia há muito enfatiza o estudo de sociedades não ocidentais e tem uma abordagem holística, cujo objetivo é formular explicações e interpretações teoricamente válidas sobre a diversidade humana, com base em estudos detalhados de todos os aspectos da biologia, do comportamento e das crenças de todas as sociedades humanas conhecidas, do passado e do presente.
- Na antropologia, as humanidades, as ciências sociais e naturais se encontram e formam um conjunto genuinamente humanista. A ligação da antropologia com as humanidades pode ser vista em sua preocupação com as crenças, valores, linguagens, artes e literatura, orais e escritas, mas, acima de tudo, na tentativa de transmitir a experiência de viver em meio a culturas diferentes. Como parte das ciências e das humanidades, a antropologia tem conhecimentos essenciais a oferecer ao mundo moderno, particularmente nesta era de globalização, quando compreender nossos vizinhos na aldeia global se tornou uma questão de sobrevivência para todos.

## Questões para refletir

1. A antropologia emprega uma abordagem holística para explicar todos os aspectos das crenças, do comportamento e da biologia humana. De que maneira ela pode mudar/transformar a sua perspectiva pessoal sobre as seguintes questões: De onde viemos? Por que agimos de certos modos? O que nos move?
2. Sob a perspectiva antropológica holística, o ser humano tem um pé na cultura e outro na natureza. Você consegue apresentar exemplos de sua própria vida que ilustrem essa interconexão entre biologia humana e cultura?
3. Pode-se descrever globalização como uma faca de dois gumes. De que maneira ela promove simultaneamente crescimento e destruição?
4. As definições de *estado* e *nação* apresentadas baseiam-se em distinções científicas entre esses tipos de organização. Entretanto, essa distinção geralmente se perde na linguagem diária. Considere, por exemplo, os nomes *Estados Unidos da América* e *Nações Unidas*.
5. A “Conexão Biocultural” deste capítulo contrasta diferentes perspectivas culturais a respeito da “morte cerebral”, enquanto o “Estudo Original” apresenta uma discussão sobre os curandeiros zulus tradicionais e seu papel ao tratar vítimas da Aids. O que esses relatos sugerem sobre o papel da antropologia aplicada em relação a questões interculturais de saúde no mundo?

## Palavras-chave

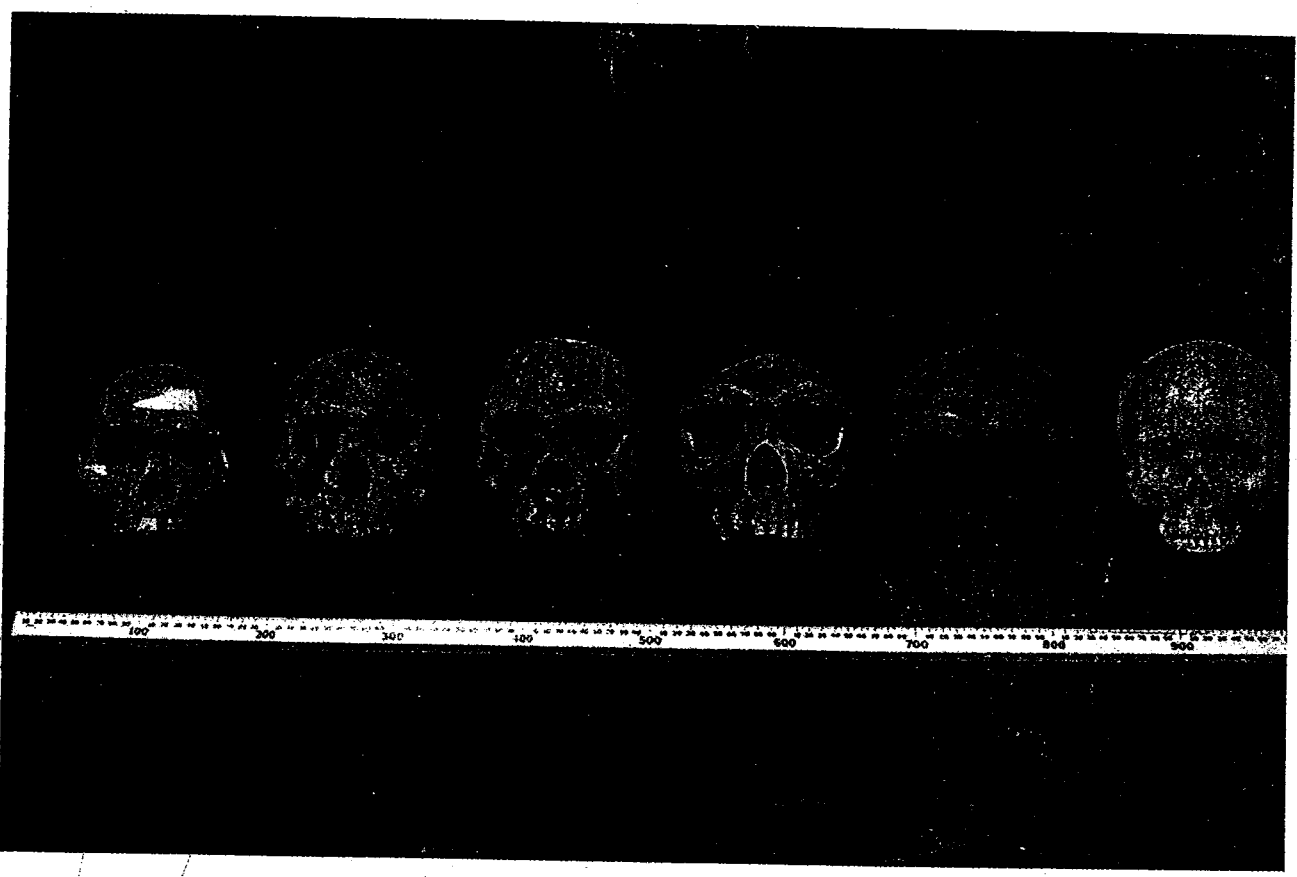
Antropologia; perspectiva holística; etnocentrismo; relacionado com cultura; antropologia aplicada; antropologia médica; antropologia física; antropologia molecular; paleoantropologia; biocultural; primatologia; antropologia forense; antropologia cultural; cultura; etnografia; pesquisa de campo; observação participante; etnologia; antropologia linguística; discurso; arqueologia; bioarqueologia; gerenciamento de recursos culturais; empírico; hipótese; teoria; doutrina; artefato; cultura material; fóssil; marcas no solo; montes, área de descarte; sistema de grade; ponto de referência (*datum point*); datação relativa; datação absoluta ou cronológica; consultores principais; entrevista informal; entrevista formal; recursos evocativos; Human Relations Area Files – HRAF (Arquivos de Relações Humanas por Área); consentimento informado; globalização.

PASTA: 13  
32 FOLHAS  
DATA: 28/02

Aula 3

# Evolução humana 4

© The Natural History Museum, London



## INTRODUÇÃO VISUAL

Durante os últimos 5 milhões de anos, os seres humanos evoluíram de uma espécie de símio africano com cérebro pequeno, capaz de caminhar sobre as duas pernas, para uma espécie com cultura complexa que habita todo o planeta. Como se pode observar nestes crânios de vários ancestrais humanos, organizados do mais antigo (à esquerda) ao mais recente (à direita), o tamanho do cérebro também aumentou drasticamente com o tempo. Esse aumento, contudo, começou apenas 2,5 milhões de anos atrás e coincide com a primeira aparição de ferramentas de pedra no registro arqueológico. Juntas, essas mudanças marcam o surgimento do gênero *Homo*. Os paleoantropólogos traçam a história complexa de como nos tornamos completamente humanos, membros verdadeiros da espécie *Homo sapiens*. Eles usam fósseis como estes, bem como informações arqueológicas e de laboratório, e fazem uso de observações sobre outros primatas para reconstituir a história de nossa evolução. Essa compreensão sobre o início de nossa existência não só contribui substancialmente para o nosso entendimento de quem somos como também para lançar luz sobre o nosso futuro.

---

**Macroevolução e processo de especiação****Evolução dos primatas mamíferos****Evolução humana**

Os primeiros bípedes

Australopitecinos

*Homo habilis*

Interpretação dos registros fósseis

Ferramentas, alimentos e expansão  
do cérebro*Homo erectus*Agrupadores (*lumpers*) ou  
divisores (*splitters*)

O Homem de Neandertal

**O Paleolítico Superior****Debate sobre as origens do homem moderno****Resumo do capítulo**

---

Além de serem especialistas, os antropólogos que tentam montar o quebra-cabeça da evolução humana devem ser pensadores com muita imaginação e detetives pacientes, pois a evidência disponível é limitada ou repleta de indícios contraditórios e enganosos. A busca pela origem dos seres humanos, a partir de espécies mais antigas, possui elementos de uma história de detetives, pois envolve mistérios relativos ao surgimento da humanidade, mas nenhum deles foi solucionado por completo. Restam ainda perguntas sem respostas: que ancestrais foram os primeiros a andar sobre duas pernas? Quais foram os primeiros com cérebro do tamanho de um ser humano atual? Quais foram os primeiros a usar ferramentas; o fogo; os primeiros a realmente usar sons para produzir aquilo que chamamos de linguagem?

Como cada nova descoberta contribui para a solução do problema da evolução humana, a ordem da descoberta é importante. Cada novo fóssil, cada ferramenta de pedra, cada parede de caverna pintada ou cada resultado de laboratório tem potencial para reconfigurar nosso entendimento a respeito da história da evolução humana. Embora todas as descobertas tenham impacto sobre os estudos da evolução, o papel da cultura na evolução humana faz com que a decifração do nosso passado seja particularmente complexa.

As diferenças nas taxas de mudanças biológicas e culturais são responsáveis por algumas das complicações e dos debates referentes à história da evolução humana. As práticas culturais e as tecnologias podem se modificar rapidamente com inovações que ocorrem no período de vida das pessoas. Contrastando com isso, são necessárias muitas gerações para que ocorram alterações biológicas, pois estas dependem de características herdadas geneticamente. Os paleoantropólogos tentam decifrar se uma mudança cultural evidente, no passado, corresponde a uma mudança biológica importante, como o surgimento de uma nova espécie. A evidência biológica de novas espécies geralmente consiste em pequenas mudanças no tamanho ou no formato do crânio. Ao considerarmos a variação atualmente presente dentro da espécie *Homo sapiens*, podemos entender por que a consistência da relação entre diferenças no crânio e mudanças culturais frequentemente são fontes de debates internos na paleoantropologia.

A antropóloga norte-americana Misia Landau destaca que a história da evolução humana segue a forma narrativa de um épico, em virtude do papel desempenhado pela cultura na evolução humana. O herói, o ser humano em evolução, enfrenta uma série de desafios naturais que não podem ser superados do ponto de vista estritamente biológico. Dotado com o dom da inteligência, o herói consegue superar esses desafios e se transformar em um ser humano completo. Nessa narrativa, a cultura separa os humanos de outros animais em evolução. Essa narrativa pode, sem intenção, implicar na noção de progresso, contudo, em termos biológicos, não existe algo como progresso. Embora seja verdade que a evolução da cultura foi crítica para que nos tornássemos a espécie que somos hoje, ela não fez com que “melhorássemos” biologicamente. Cada espécie segue seu próprio curso evolutivo há milhões de anos, alterando, com o tempo, as direções que garantem o sucesso biológico. Continuamos a dividir o planeta com algumas espécies, enquanto outras, que tiveram sucesso biológico durante certo tempo e sobreviveram por milhões de anos, foram extintas.

## MACROEVOLUÇÃO E PROCESSO DE ESPECIAÇÃO

Enquanto a microevolução refere-se às mudanças na frequência de alelos das populações, a **macroevolução** concentra-se na formação de novas espécies (**especiação**) e na relação evolutiva entre grupos de espécies. Geralmente se define o termo *espécie* como uma população, ou grupo de populações, capaz de cruzar e produzir descendentes férteis e viáveis. Em outras palavras, as espécies se reproduzem isoladamente. As rãs-gigantes da lagoa de uma fazenda são da mesma espécie que as que vivem em outra lagoa próxima, embora as duas populações talvez possam nunca ter se cruzado; em teoria, isso seria impossível, se elas fossem colocadas juntas. Essa definição, contudo, não pode ser considerada inteiramente satisfatória, porque certas populações isoladas podem estar em processo de evolução para uma espécie diferente e é difícil especificar exatamente quando elas se tornam biologicamente distintas. As forças microevolutivas de mutação, fluxo de genes, deriva genética e seleção natural podem provocar a mudança macroevolutiva, à medida que as espécies divergem.

Certos fatores, conhecidos como mecanismos de isolamento, podem separar as populações que cruzam e provocar o surgimento de novas espécies. Como o isolamento evita o fluxo de genes, as mudanças que afetam o agrupamento de genes de uma população não podem ser introduzidas no agrupamento de genes de outra. A mutação aleatória pode introduzir novos alelos em uma das populações isoladas, mas não na outra. A deriva genética e a seleção natural podem afetar as duas populações de diferentes modos. Com o tempo, à medida que essas populações diferem uma da outra, a especiação ocorre de modo ramificado conhecido como **cladogênese**. A especiação também pode acontecer sem ramificação, como quando, ao longo do tempo, uma única população acumula novas mutações, as quais são suficientes para que tal população seja considerada uma espécie diferente. Esse processo é

### GLOSSÁRIO

**macroevolução** A evolução acima do nível da espécie.

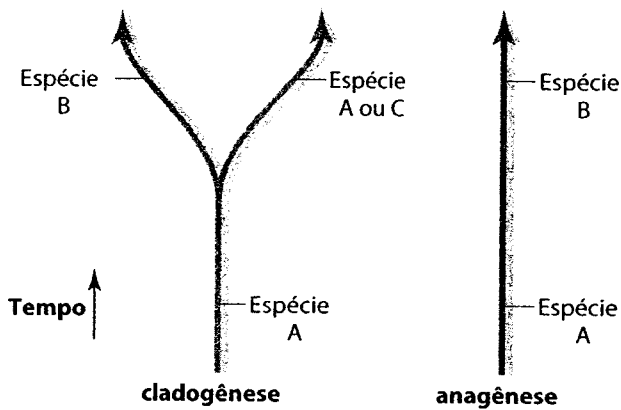
**especiação** Processo de formação de novas espécies.

**cladogênese** Especiação mediante um mecanismo de subdivisão, pelo qual uma população ancestral dá surgimento de duas ou mais populações descendentes.

**anagênese** Modificação progressiva das características gerais de uma população.

**equilíbrio pontuado** Modelo de mudança macroevolutiva que sugere que a evolução ocorre em longos períodos de estabilidade ou estase, pontuados por períodos de mudanças rápidas.

**deriva continental** De acordo com a teoria das placas tectônicas, o movimento dos continentes encaixando-se nas placas subjacentes na superfície da Terra, uma em relação a outra, durante o curso da história da vida na Terra.



**Figura 4.1 Cladogênese e anagênese**

A cladogênese ocorre à medida que populações diferentes de uma espécie ancestral se tornam reprodutivamente isoladas. Através da deriva e da seleção diferencial, o número de descendentes de uma espécie aumenta. Em contraste, a anagênese pode ocorrer por meio de um processo de alteração que acontece na ordem, como pequenas diferenças nas características que – por acaso, são vantajosas para um ambiente específico – se acumulam no agrupamento de genes de uma espécie. Com o tempo, isso pode gerar mudanças suficientes para transformar uma espécie antiga em outra nova. A deriva genética também é responsável pela anagênese.

Os genes que regulam o crescimento e o desenvolvimento de um organismo podem ter efeito importante em sua forma adulta. Os cientistas descobriram certos genes-chave chamados genes *homeobox*, responsáveis por efeitos em grande escala sobre o crescimento e o desenvolvimento do organismo. Caso aconteça de um novo plano de corpo ser apropriado, a seleção natural vai manter essa nova forma durante longos períodos e não irá promover nenhuma mudança.

Os paleontólogos Stephen Jay Gould e Niles Eldredge propõem que a especiação ocorre em um padrão de **equilíbrio pontuado**, ou seja, a alternância entre períodos de especiação rápida e períodos de estabilidade. Geralmente, essa concepção de mudança evolutiva contrasta com a especiação por meio da adaptação, às vezes chamada *gradualismo darwiniano*. Uma análise mais detalhada da genética e do registro de fósseis indica que os dois modelos de mudança evolutiva são importantes.

Pode ser difícil determinar se a variação preservada no registro de fósseis apresenta evidências de espécies separadas. Como podemos afirmar se dois grupos de ossos fossilizados representam espécies capazes de cruzar e produzir descendentes férteis e viáveis? Para tentar responder essa pergunta, os paleoantropólogos utilizam o maior número possível de dados disponíveis para verificar as relações evolutivas propostas. Paleoantropólogos empregam dados da genética e da bioquímica, além de observações sobre a biologia e o comportamento de grupos existentes, para fundamentar as teorias sobre especiação concebidas no passado. Dessa forma, a reconstrução das relações evolutivas depende de muitos outros aspectos além de ossos.

Mesmo com toda a riqueza do conhecimento científico alcançado, as crenças e tendências predominantes podem influenciar a interpretação dos fósseis. Felizmente, a natureza autocorretiva da investigação científica permite que as linhagens evolutivas sejam reavaliadas, considerando-se todas as novas descobertas. Esse aspecto é uma das maiores vantagens da ciência. À medida que as

chamado **anagênese** (Figura 4.1). O registro fóssil indica a especiação quando um grupo de organismos apresenta aparência diferente ao longo do tempo.

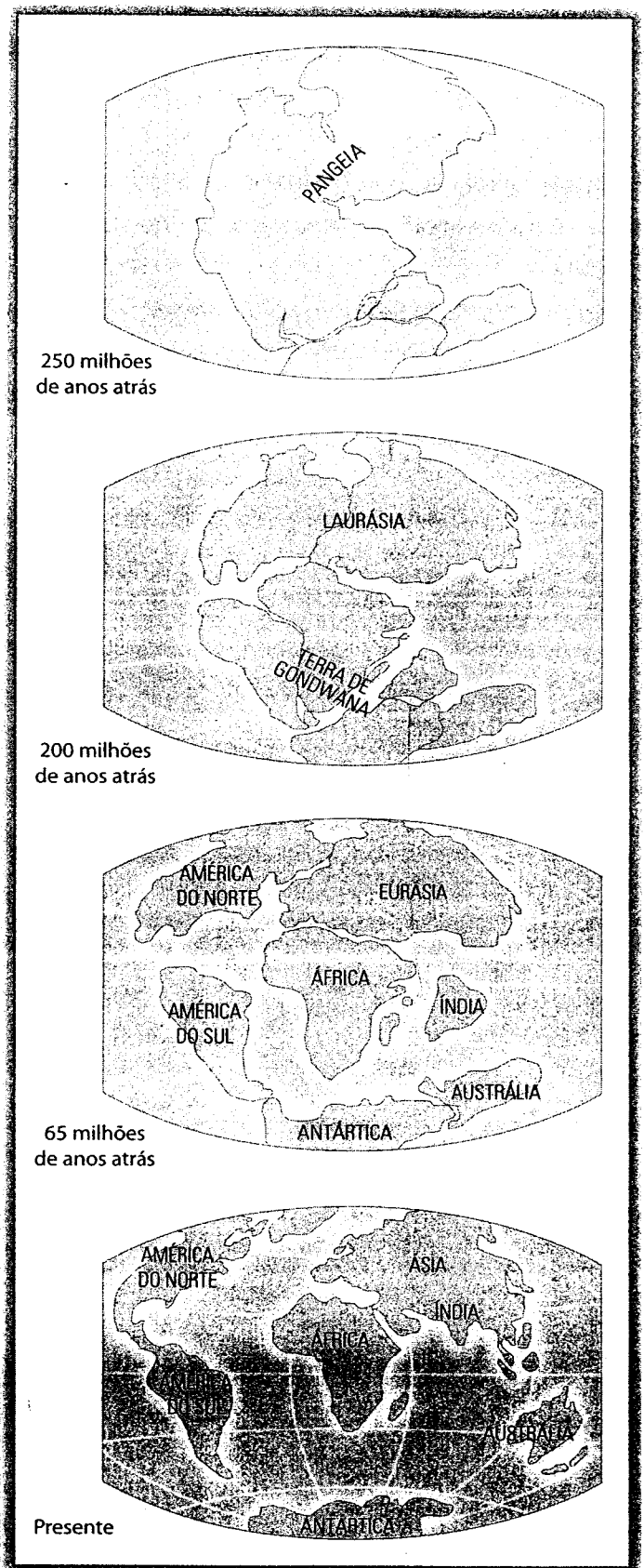
Como a especiação é um processo, este pode ocorrer com taxas variadas. A especiação através do processo de mudança adaptativa ao meio ambiente, como proposto por Charles Darwin em sua obra *A origem das espécies* (1859), geralmente acontece de modo muito lento. Nesse modelo, a especiação acontece à medida que os organismos se adaptam melhor aos seus meios ambientes. Às vezes, porém, a especiação ocorre rapidamente. Por exemplo, uma mutação genética que envolve um gene regulatório importante pode provocar a formação de um novo plano corporal. Tais acidentes genéticos podem envolver material fragmentado, trans-

inovações tecnológicas possibilitam novos experimentos, novas investigações e novas descobertas que, por sua vez, revelam novos aspectos sobre os mistérios da vida na Terra, os cientistas desenvolvem teorias e testam hipóteses consistentes com todos os dados disponíveis. A confiança das informações científicas e das hipóteses testáveis é, na verdade, o que distingue a ciência da ficção.

### EVOLUÇÃO DOS PRIMATAS MAMÍFEROS

Os humanos possuem uma longa história de evolução, como a dos mamíferos e primatas que se desenvolveram nos seres culturais que somos hoje. Ossadas antigas indicam que os primeiros mamíferos surgiram há 200 milhões de anos aproximadamente, como pequenas criaturas noturnas.

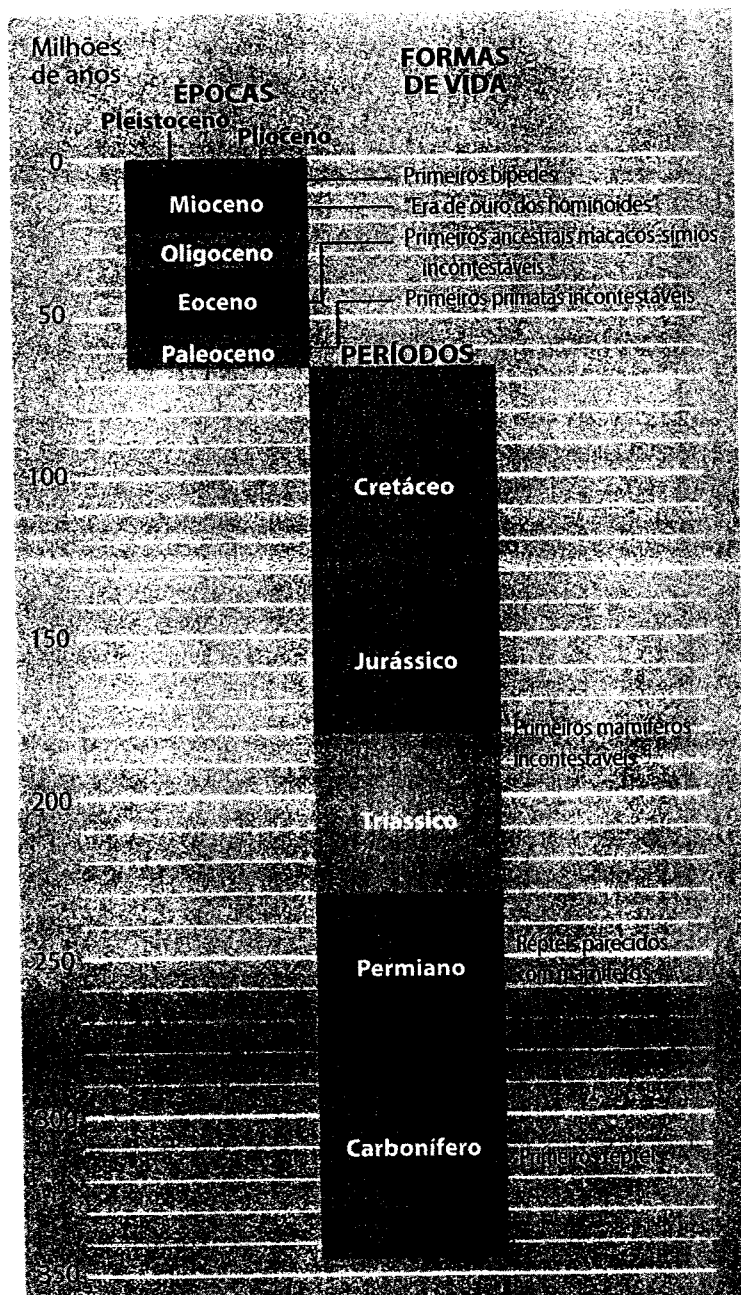
Desde a época em que os primeiros mamíferos apareceram, a própria Terra se modificou consideravelmente. Nos últimos 200 milhões de anos, a posição dos continentes foi alterada por um processo chamado **deriva continental**. Tal processo é responsável pela reorganização das massas terrestres adjacentes, segundo a teoria das placas tectônicas (Figura 4.2). De acordo com essa teoria, os continentes, situados sobre placas rígidas que cobrem a superfície da Terra, se movimentam à medida que as bordas dessas placas são criadas ou consumidas. O movimento das placas também provoca eventos geológicos como terremotos, atividade vulcânica e formação de montanhas. A deriva continental é importante para o entendimento da distribuição dos grupos de fósseis de primatas, cuja história passaremos a explorar. A orientação do deslocamento dos continentes terrestres também



**Figura 4.2** A deriva continental é ilustrada pela posição dos continentes, durante vários períodos geológicos. Na época da extinção dos dinossauros, há 65 milhões de anos, os mares surgiram em virtude da deriva continental, criando barreiras que isolaram grandes porções de terra. Há aproximadamente 23 milhões de anos, no início do período geológico conhecido como Mioceno, a África e a Eurásia se ligaram novamente.

é responsável pelas mudanças climáticas no meio ambiente as quais afetaram o curso da evolução dos primatas e de outros organismos vivos.

Os primeiros mamíferos semelhantes aos primatas surgiram há aproximadamente 65 milhões de anos, quando um novo clima ameno favoreceu a expansão de florestas tropicais e subtropicais na maior parte da Terra. A mudança de clima e de habitat, combinada com a repentina extinção dos dinossauros, favoreceu a diversificação dos mamíferos, incluindo o desenvolvimento dos mamíferos arborícolas (que vivem nas árvores), dos quais os primatas evoluíram. A evidência fóssil indica que os mais primitivos primatas começaram a se desenvolver por volta de 65 milhões de anos atrás, quando a extinção



**Figura. 4.3** Esta linha do tempo sinaliza os mais importantes marcos do curso da evolução dos mamíferos primatas, que culminaram nos humanos e seus ancestrais. As épocas Paleoceno, Eoceno, Oligoceno e Mioceno são subitens do período Terciário. O período Quaternário começa com o Pleistoceno e continua até hoje.

## GLOSSÁRIO

**bipedalismo** Forma especial de locomoção sobre dois pés, encontrada no ser humano e em seus ancestrais.

em massa dos dinossauros abriu novos nichos ecológicos, ou modos de vida em um ecossistema completo, para os mamíferos. Há quase 60 milhões de anos, os primatas habitavam a América do Norte e a Eurásia (Europa e Ásia), as quais, naquele período, formavam o "supercontinente" Laurásia, separado da África. Os primatas mais primitivos eram pequenas criaturas noturnas que se alimentavam de insetos e se adaptaram à vida nas árvores.

Há 40 milhões de anos, surgiram os primatas antropóides diurnos, e as evidências fósseis indicam que as espécies do Velho e do Novo Mundo separaram-se nesse período. Muitas das espécies antropóides do Velho Mundo passaram a viver no solo. Há cerca de 23 milhões de anos, no início do período Mioceno (Figura 4.3), os primeiros fósseis de símios ou hominóides começam a surgir na Ásia, África e Europa. Hominóides são primatas sem cauda e de ombros largos, que incluem todos os símios e seres humanos extintos e existentes. A palavra *hominóide* vem do latim, dos radicais *Homo* e *Homin* (que significa "ser humano") e do sufixo *oïdes* ("que parece"). Enquanto grupo, os hominóides recebem tal nome pela sua semelhança com os seres humanos.



Alguns desses antigos primatas eram relativamente pequenos, mas outros eram maiores que os gorilas de hoje.

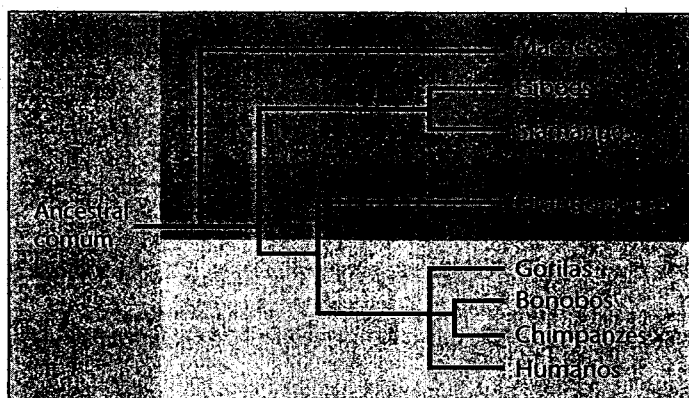
Foi também durante o Mioceno que as regiões da África e da Eurásia se conectaram diretamente. Durante a maior parte dos 100 milhões de anos anteriores, o Mar de Tetis – corpo contínuo de água que ligava os atuais Mar Mediterrâneo e Mar Morto ao Oceano Índico – barrava a migração entre a África e a Eurásia. A conexão entre essas massas de terra, através da região atual do Oriente Médio, permitiu que grupos de primatas do Velho Mundo, como os símios africanos, expandissem seu habitat até a Eurásia. As mudanças climáticas que ocorreram durante o Mioceno podem ter sido importantes para o sucesso da linhagem humana. Em particular, o ressecamento de parte do leste da África pode ter aberto novos nichos ecológicos para nossos ancestrais.

Restos de fósseis de símios do período Mioceno foram encontrados em cavernas na China, florestas na França e no leste da África, onde os primeiros restos fósseis mais primitivos de bípedes foram encontrados. Os fósseis de primatas desse período eram tão variados e extensamente difundidos que alguns primatólogos denominaram o Mioceno de “a era de ouro dos hominoides”. No final do Mioceno, um desses símios iniciou a linhagem evolutiva ancestral dos humanos.

## EVOLUÇÃO HUMANA

Os seres humanos e seus ancestrais se destacam entre os hominoides pelo **bipedalismo** – forma especial de locomoção sobre os dois pés. O cérebro maior e a locomoção bipedal constituem as diferenças mais marcantes entre os humanos contemporâneos e nossos parentes primatas mais próximos. Embora se prefira pensar que o cérebro maior nos torna especiais entre os primatas, já está claro que o bipedalismo surgiu no início da linhagem ancestral que originou o ser humano e teve papel essencial para nos diferenciar, separando-nos dos símios. A expansão do cérebro veio mais tarde.

Nos últimos trinta anos, estudos genéticos e bioquímicos confirmaram que os símios africanos – chimpanzés, bonobos e gorilas – são nossos parentes mais próximos (Figura 4.4). Através da comparação de genes e proteínas entre todos os símios, os cientistas estimaram que os gibões, seguidos pelos orangotangos, foram os primeiros a divergir de uma linhagem ancestral comum muito antiga. Em algum momento, entre 5 e 8 milhões de anos atrás, humanos, chimpanzés e gorilas começaram a seguir cursos evolutivos separados. Mais tarde, os chimpanzés se dividiram em duas espécies distintas: o chimpanzé comum e o bonobo (chimpanzé pigmeu).

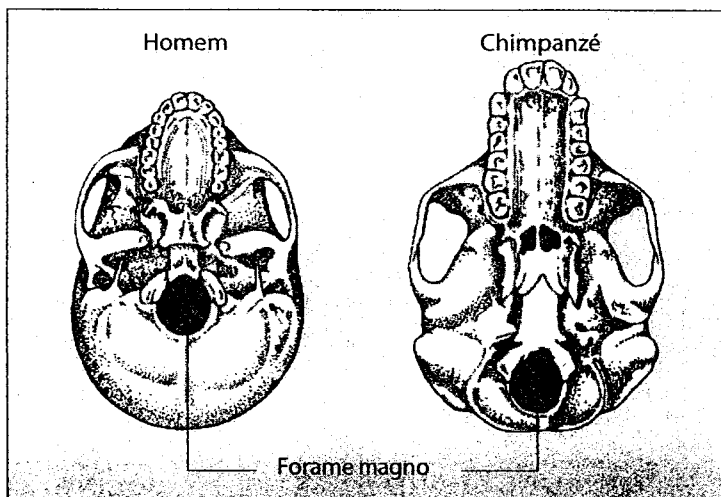


**Figura 4.4** A relação entre macacos, símios e seres humanos pode ser estabelecida pela comparação das semelhanças e diferenças moleculares. Embora os chimpanzés, gorilas e orangotangos sejam parecidos fisicamente entre si, mais do que qualquer um deles com os humanos, as evidências moleculares indicam que os seres humanos estão mais proximamente relacionados à espécie de símios africanos. Ao empregar um “relógio molecular”, os cientistas conseguem datar a divisão entre as linhagens dos humanos e dos símios africanos entre 5 e 8 milhões de anos atrás. Nos últimos anos, várias e importantes descobertas de fósseis, datados de 5 a 7 milhões de anos, corroboraram a evidência molecular.

## Os primeiros bípedes

Entre 5 e 15 milhões de anos atrás, vários tipos de hominóides viveram em toda a África e a Eurásia. Um desses símios que viveram na África, entre 5 e 8 milhões de anos atrás, foi ancestral direto da linhagem humana. As evidências fósseis dos primeiros símios africanos, do fim do Mioceno, são relativamente raras porque os ambientes de floresta onde esses símios habitavam não favoreciam a fossilização. Todavia, a evidência fóssil, como a recente descoberta de um símio com 10 milhões de anos, considerado ancestral dos gorilas, fundamenta a evidência genética.<sup>1</sup> Esse espécime sugere que a divisão entre humano, chimpanzé e gorila ocorreu cerca de 2 milhões de anos antes do que se acreditava. Outras descobertas começam a preencher o registro de fósseis desse período crítico, como os fósseis *Orrorin* (“homem original”) com 6 milhões de anos, descobertos no Quênia, em 2001.<sup>2</sup> Além disso, um crânio maravilhosamente preservado, com 6 ou 7 milhões de anos, apelidado de *Toumai* – que significa “esperança de vida” – foi descoberto no Chade, na África Central, em 2002.<sup>3</sup> Ele também foi considerado um ancestral original do ser humano.

Para que um fóssil hominoide seja definitivamente classificado como parte da linhagem evolutiva do ser humano, certas evidências de bipedalismo são exigidas. O bipedalismo está associado a mudanças anatômicas, literalmente, dos pés à cabeça (Figura 4.5). A evidência de caminhar sobre dois pés fica preservada no crânio, porque, para equilibrar o crânio na posição ereta, requer uma posição relativamente centralizada acima da coluna vertebral. Esta começa na base do crânio, em uma abertura chamada forame magno (do latim “grande abertura”). Em um animal que anda com auxílio das mãos, como um chimpanzé, o forame magno localiza-se na parte mais anterior do crânio; em um bípede, mais na parte central.



**Figura 4.5 Forame magno**

O bipedalismo pode ser inferido pela posição do forame magno (*foramen magnum*), a grande abertura na base do crânio. Observe a posição mais central no crânio humano (à esquerda) em comparação à do crânio do chimpanzé.

Estendendo-se para baixo, a partir do crânio de um bípede, a coluna vertebral faz uma série de curvas côncavas e convexas que, juntas, mantêm o corpo em postura ereta, posicionando o centro de gravidade do corpo sobre as pernas, e não para a frente. Essas curvas correspondem às regiões do pescoço (vértebras cervicais), do peito (vértebras torácicas), da parte inferior (vértebras lombares) e da pélvis (vértebras sacrais), respectivamente (Figura 4.6). Em um chimpanzé, o formato da coluna segue uma única curva em arco. É interessante ressaltar que a

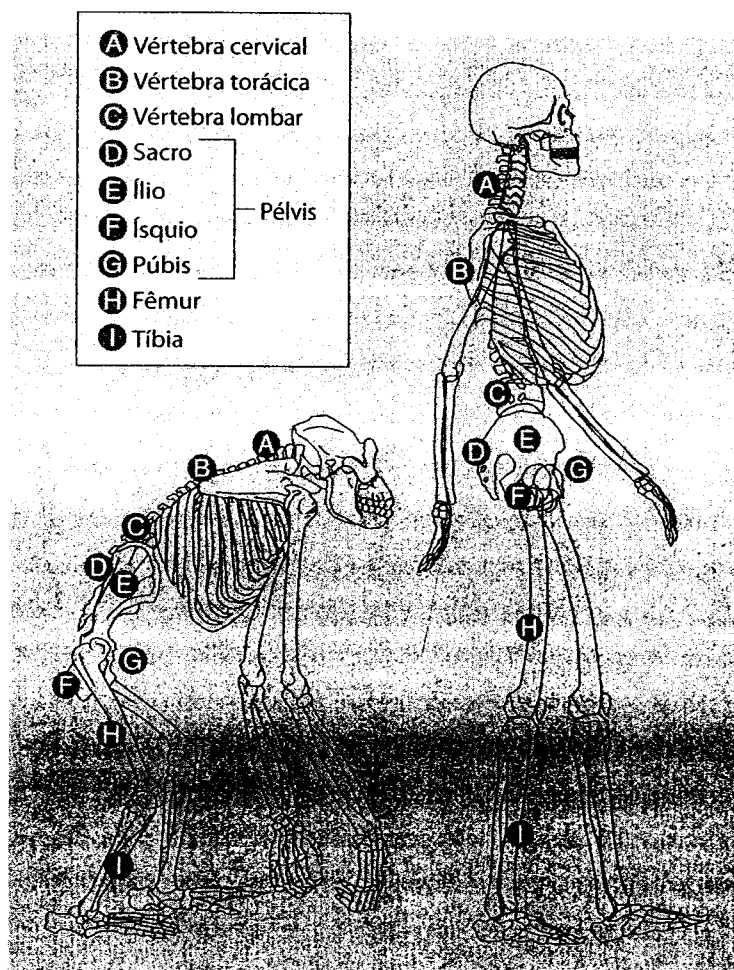
<sup>1</sup> Suwa, G. et al. A new species of great ape from the late Miocene epoch in Ethiopia. *Nature*, n. 448, p. 921-924. Publicado on-line: doi:10.1038/nature06113. 23 ago. 2007.

<sup>2</sup> Senut, B. et al. First hominid from the Miocene (Lukeino formation, Kenya). *C. R. Academy of Science, Paris*, n. 332, p. 137-144, 2001.

<sup>3</sup> Brunet, M. et al. A new hominid from the Upper Miocene of Chad, Central Africa. *Nature*, n. 418, p. 145-151, 2002.

coluna dos bebês humanos apresenta uma única curva, como se observa no símio adulto. À medida que amadurecem, as curvas características do bipedalismo começam a surgir – a curva cervical, com aproximadamente 3 meses, em média, período em que os bebês começam a manter a cabeça firme, e a curva lombar, aos 12 meses, quando alguns bebês começam a caminhar.

O formato da pélvis também difere consideravelmente entre bípedes e outros símios. Em vez do formato alongado que segue o arco da coluna, como se vê nos chimpanzés, a pélvis do bípede é mais larga e curta, para dar suporte estrutural ao corpo ereto. Com a pélvis bipedal mais larga, os membros inferiores seriam orientados para fora do centro de gravidade do corpo, se os dois fêmures não formassem um ângulo entre si, dos quadris até os joelhos, um fenômeno descrito como *kneeing in* (“o bater de joelhos”). (Observe como joelhos e pés ficam juntos, quando se está em pé, enquanto as juntas dos quadris continuam separadas.) Esse ângulo não continua do joelho até a canela (tíbia), que apresenta orientação vertical, resultando que a junta do joelho não é simétrica, permitindo que os ossos das coxas e das canelas tenham uma ligação, apesar da orientação diferente.



**Figura 4.6** Observe a curva única e contínua da coluna e a pélvis alongada de um chimpanzé. Nos seres humanos, as quatro partes da coluna vertebral formam uma série de curvas côncavas e convexas para posicionar o crânio acima das pernas. Além disso, a pélvis tem formato de bacia. Observe também as diferenças no comprimento dos braços e das pernas e no local onde a coluna vertebral se une ao crânio.

## GLOSSÁRIO

### *Australopithecus* (*Australopithecus*)

Gênero que inclui várias espécies dos primeiros bípedes, das regiões sul e leste da África, que viveram aproximadamente entre 1,1 e 4,3 milhões de anos atrás. Uma delas foi ancestral direta do ser humano.

Outras características dos bípedes são os pés arqueados e estáveis, e a ausência do dedo opositor. Em geral, os seres humanos e seus ancestrais possuem os dedos do pé menores que os de outros símios.

Essas características anatômicas permitem aos paleoantropólogos “diagnosticar” a locomoção bipedal mesmo em restos fragmentados, como a parte superior de um osso da canela (tíbia) ou a base de um crânio. Além disso, a locomoção bipedal também pode ser estabelecida através de pegadas fossilizadas, que preservam o formato dos ossos do pé e a maneira de andar característica dos seres humanos e de seus ancestrais. Na verdade, a locomoção bipedal é um processo de alternância do peso do corpo: conforme um pé suporta o peso, o outro é deslocado para a frente.

A confirmação mais dramática sobre a capacidade de andar nos mais primitivos ancestrais humanos vem de Laetoli, Tanzânia, no leste africano, onde há 3,6 milhões de anos três indivíduos

caminharam sobre a cinza vulcânica depositada no solo. Como a superfície estava úmida, as pegadas ficaram impressas e foram seladas por deposições subsequentes de cinzas, até serem descobertas em 1978. O formato das pegadas impressas e a distância linear entre cada passo são típicos do ser humano.

Nem todos os primeiros bípedes são necessariamente nossos ancestrais diretos. Considere, por exemplo, os fósseis do gênero *Ardipithecus* (literalmente, “símio do solo” na língua afar), que viveram entre 4,4 e 5,8 milhões de anos atrás. Encontrado na Etiópia, no leste da África, esse gênero era muito menor que um chimpanzé moderno, mas era semelhante a ele em outros aspectos, como no formato e na espessura do esmalte dos dentes. Por outro lado, o esqueleto parcialmente completo de um indivíduo *Ardipithecus* sugere que, ao contrário dos chimpanzés e como todas as outras espécies da linhagem humana, essa criatura era bípedal. Dada a combinação entre bipedalismo e características como as dos chimpanzés, muitos paleoantropólogos consideram o *Ardipithecus* uma ramificação da árvore da evolução humana. As evidências fósseis mostram que, durante vários milhões de anos, muitas espécies bípedes habitaram a África, então, para sermos mais exatos, devemos falar de uma vegetação evolutiva, não de uma árvore.

O bipedalismo é considerado uma característica adaptativa importante na região mais aberta conhecida como savana – vegetação de arbustos com árvores espalhadas.<sup>4</sup> Um bípede não conseguia correr com tanta rapidez quanto um quadrúpede, mas era capaz de manter um ritmo regular por longas distâncias, em busca de comida e água, sem se cansar. Com as mãos livres, conseguia transportar a comida para lugares onde se alimentava com relativa segurança e carregar os filhotes, em vez de deixar que se segurassem sozinhos. Os bípedes usavam as mãos para segurar galhos ou outros objetos para ameaçar e para se proteger dos predadores (outros símios conseguem fazer o mesmo, mas apenas por pouco tempo). Além disso, a postura ereta é mais bem adequada para corridas de resistência, pois uma área menor do corpo fica exposta ao sol, ao contrário da posição quadrúpede, ajudando a evitar o calor em excesso da savana. Ademais, um bípede com a cabeça erguida consegue enxergar mais longe, identificando comida e também predadores a distância.

## Australopitecinos

Entre 4 e 5 milhões de anos atrás, o meio ambiente no leste e no sul da África era um mosaico de áreas abertas com bolsões de floresta fechada. Os especialistas propõem que alguns dos primeiros bípedes habitavam esses bolsões. Os ancestrais humanos posteriores habitavam a savana e são designados como uma ou outra espécie do gênero *Australopithecus* (do latim, *australis*, que significa “do sul”, e do grego *pithekos*, que significa “símio”). A avaliação dos especialistas varia em relação à quantidade de espécies existentes na África entre aproximadamente 1,1 e 4,3 milhões de anos. Para atender nossos objetivos, basta nos referirmos a eles coletivamente como “australopitecinos”.

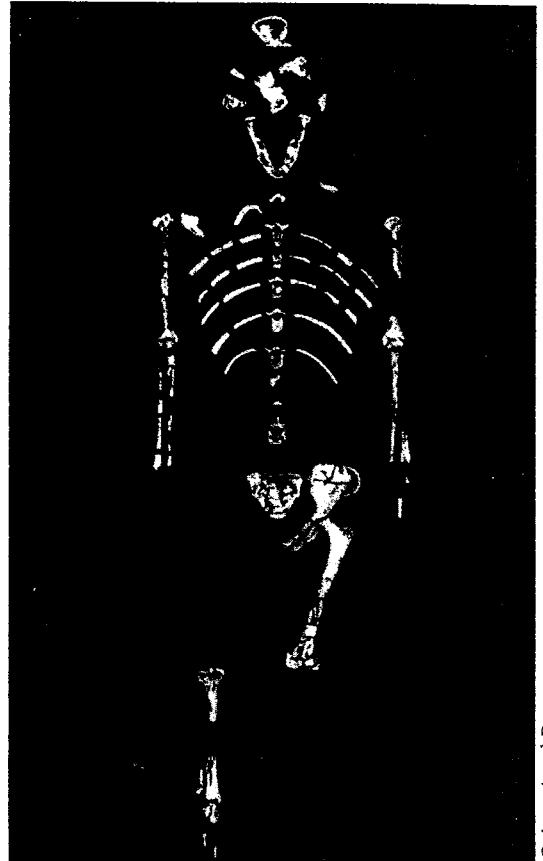
Embora totalmente adaptados ao bipedalismo, os ossos curvados dos dedos do pé e os braços relativamente longos indicam que os australopitecinos não haviam abandonado por completo a vida nas árvores. Um dos motivos para isso talvez seja porque as árvores esparsamente distribuídas eram refúgios importantes na savana africana, uma terra repleta de predadores perigosos. Os chimpanzés de hoje constroem seus ninhos para dormir nas árvores, sugerindo um habitat que também pode ter sido parte do padrão do australopitecino. Ademais, a postura bípedal também deve ter sido

<sup>4</sup> Lewin, R. Four legs bad, two legs good. *Science*, n. 235, p. 969, 1987.

uma vantagem para obter comida nas árvores, técnica empregada pelos orangotangos atualmente.<sup>5</sup>

Os mais antigos fósseis de australopitecinos datam de 4,2 milhões de anos,<sup>6</sup> os mais recentes, de apenas aproximadamente 1 milhão de anos. Foram encontrados em toda a extensão do leste da África, da Etiópia à África do Sul, e também em direção a oeste, no Chade (Figura 4.7).

Entre os últimos australopitecinos, algumas espécies apresentavam dentes posteriores particularmente grandes, músculos e ossos correspondentes também grandes, associados à mastigação. Coletivamente, essas espécies são consideradas **australopitecinos robustos** (*robust australopithecines*), pela natureza robusta do aparato de mastigar e também por apresentar modificações no crânio para a inserção dos grandes músculos associados à mastigação. Os australopitecinos robustos habitaram o leste e o sul da África até aproximadamente 1 milhão de anos atrás, quando aparentemente foram extintos. Estudos realizados nos dentes e nos elementos químicos preservados nos ossos mostraram que os australopitecinos robustos tinham uma dieta constituída basicamente de vegetais. Eles são comparados aos **australopitecinos grácil** (*gracile australopithecines*), que possuíam mecanismos de mastigação mais delicado e provavelmente uma dieta que incluía mais carne. O primeiro crânio da imagem no início deste capítulo é de um típico australopitecino grácil. A proliferação



© Associated Press

Um esqueleto 40% completo, "Lucy" (referência à música dos Beatles "Lucy in the Sky with Diamonds", popular na época em que foi encontrada), indica que esses ancestrais australopitecinos eram bípedes. Esta fêmea adulta australopiteca (*Australopithecus*) tinha apenas 1,07 m de altura, estatura típica da fêmea australopitecina. Ao entender os formatos dos ossos, os paleoantropólogos reconstruíram um esqueleto inteiro a partir dos fragmentos descobertos.

das espécies bípedes indica que essa nova forma de locomoção foi bem-sucedida.

Os australopitecinos não eram tão grandes quanto a maior parte dos humanos modernos, embora todos fossem muito musculosos para o seu tamanho. Parece que os machos eram significativamente maiores que as fêmeas, com diferenças de tamanho entre os sexos menores que as encontradas nos símios contemporâneos, como gorilas e orangotangos, mas maiores que as que ocorrem entre os seres humanos. Consi-

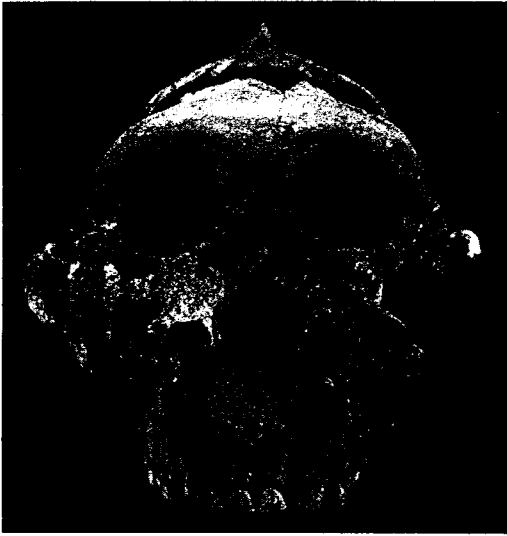
#### GLOSSÁRIO

**australopitecino robusto:** Várias espécies do gênero *Australopithecus* que viveram entre 1,1 e 2,5 milhões de anos atrás, no leste e no sul da África. São conhecidas pela natureza robusta do mecanismo de mastigação (músculos e ossos correspondentes também grandes, associados à mastigação).

**australopitecino grácil:** Membro do gênero *Australopithecus* que possuíam mecanismo de mastigação mais delicado, também tinha uma dieta que incluía mais carne que os australopitecinos robustos.

<sup>5</sup> Thorpe, S. K. S.; Holder, R. L.; Crompton, R. H. Origin of human bipedalism as an adaptation for locomotion on flexible branches. *Science*, n. 316, p. 1328-1331, 2007; Kaplan, M. Upright orangutans point way to walking. Publicado on-line: doi:10.1038/news070528-8. 31 maio 2007.

<sup>6</sup> Wolpoff, M. *Australopithecus*: A new look at an old ancestor. *General Anthropology*, n. 3, v. 1, ano 2, 1996.



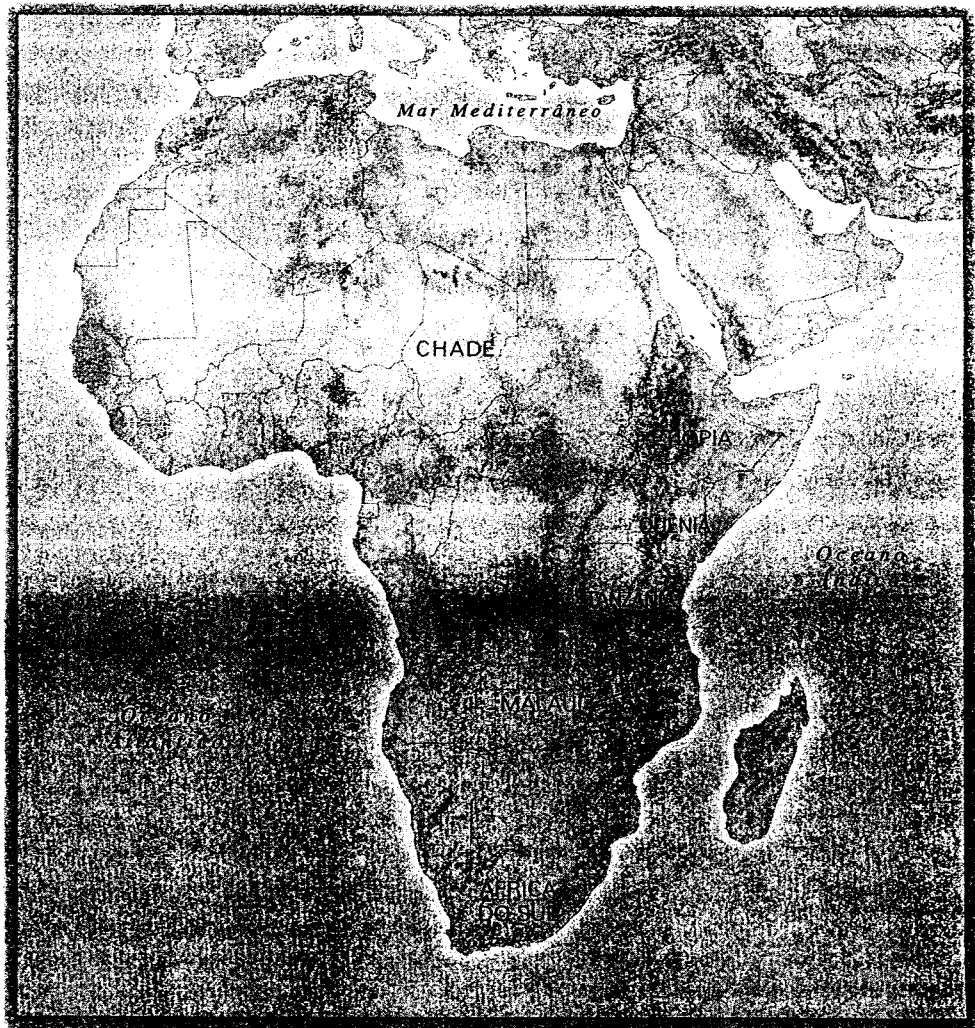
© 1985 David L. Brill

O australopitecino robusto tinha molares extremamente grandes, em comparação com o tamanho dos dentes posteriores. Eles também possuíam músculos de mastigação grandes e uma crista óssea na parte superior do cérebro, ponto de ligação desses músculos. Se você colocar as mãos ao lado da cabeça, acima das orelhas, enquanto abre e fecha a boca, sentirá o ponto de ligação dos músculos no crânio. Ao mover as mãos para o topo da cabeça, sentirá onde esses músculos terminam.

derando o tamanho relativo de seus corpos, os australopitecinos possuíam cérebro semelhante ao dos símios africanos modernos. Contudo, o formato da mandíbula e alguns aspectos dos dentes são mais parecidos com os dos seres humanos modernos do que com os dos símios.

Para sobreviverem no ambiente das savanas, os primeiros bípedes podem ter experimentado fontes suplementares de alimento no solo, como provavelmente o fizeram no período em que surgiram os primeiros membros do gênero *Homo*, há 2,5 milhões de anos. Além das plantas, a mais importante fonte alimentar foi a proteína animal. Mas não era proteína de carne de macacos, obtida como resultado de caçadas coordenadas, como fazem os chimpanzés e bonobos atualmente, mas o tutano gorduroso e a carne comestível que restavam nos ossos de animais mortos.

**Figura 4.7** Fósseis de australopitecinos foram encontrados na África do Sul, em Malauí, na Tanzânia, no Quênia, na Etiópia e no Chade. Durante o Mioceno, a África e a Eurásia possuíam ligação nas regiões leste e oeste do atual Mar Mediterrâneo. Conforme essas áreas se uniram, houve rifteamento (*rifting*), que gradualmente aumentou a elevação da região leste da África. O clima mais seco resultante pode ter sido importante para a evolução humana, no passado distante. No presente, esse rifteamento também criou condições geológicas excelentes para a descoberta de fósseis.



## *Homo habilis*

Nas savanas, é difícil para um primata com sistema digestivo parecido com o do ser humano satisfazer as necessidades de proteínas com os recursos vegetais disponíveis. Os chimpanzés enfrentam problema similar atualmente, quando saem para a savana. Nesse ambiente, passam mais de um terço do tempo em busca de insetos, como formigas e cupins, ao mesmo tempo que também procuram ovos e pequenos vertebrados. Tais alimentos, além de serem mais facilmente digeríveis, também fornecem proteínas de alta qualidade que contêm todos os aminoácidos essenciais (os blocos construtores das proteínas) nas porcentagens exatas. Nenhuma planta comestível produz tudo isso sozinha. Somente a combinação certa de plantas pode suprir de forma equilibrada os aminoácidos fornecidos apenas pela carne.

Nossos ancestrais provavelmente resolveram seus problemas de dieta da mesma forma que os chimpanzés fazem hoje nas savanas, mas com uma diferença importante. Para utilizar de modo mais eficiente a proteína animal, nossos ancestrais provavelmente empregaram ferramentas cortantes, de preferência os dentes pontudos, para retirar a carne das carcaças e, mais tarde, para abater animais.

As mais primitivas ferramentas identificáveis consistem em vários instrumentos admiráveis, feitos de lascas com gumes cortantes, retiradas da superfície de um núcleo de pedra. Nesse processo, a parte central dos núcleos foram transformadas em cutelos para cortar carne. Essas lascas e cutelos de corte, descobertos primeiramente em Olduvai Gorge, na Tanzânia, são conhecidos como implementos na tradição de ferramentas **Oldowan**. Elas marcam o início do **Paleolítico Inferior**, ou Idade da Pedra Lascada, um período muito longo, entre aproximadamente 200.000 a 2,5 milhões de anos atrás. As mais primitivas ferramentas desse tipo foram recentemente encontradas na Etiópia, e talvez tenham 2,6 milhões de anos.

Antes desse período, os australopitecinos provavelmente usavam galhos duros para escavar raízes ou afastar animais; pedras para arremessar como armas, ou abrir frutos secos e ossos; e apetrechos simples para transporte, feitos de cabaças ocas ou fibras vegetais amarradas. Entretanto, não é possível acompanhar a trajetória dessas ferramentas no registro arqueológico.

Desde o fim da década de 1960, foram descobertos vários sítios, no leste e no sul da África, que continham restos fósseis de um bípede de compleição física leve, cujo corpo é muito parecido com o dos primeiros australopitecinos, exceto pelos dentes menores e pelo crânio significativamente maior em relação ao tamanho do corpo. Além disso, o interior do crânio apresentava um padrão no hemisfério esquerdo que, no ser humano contemporâneo, está associado à linguagem. Embora isso não indique conclusivamente o uso da linguagem, sugere um avanço acentuado na capacidade de processamento de informações sobre a dos australopitecinos. Como o aumento do cérebro e a redução dos dentes são tendências importantes na evolução do gênero *Homo*, os paleoantropólogos classificaram esses fósseis como uma nova espécie: ***Homo habilis*** (homem habilidoso).<sup>7</sup> Significativamente, os mais antigos fósseis a exibir essas tendências surgiram em torno de 2,5 milhões de anos atrás, coincidindo com as primeiras evidências da fabricação de ferramentas de pedra.

## GLOSSÁRIO

**Oldowan** A primeira indústria de ferramentas de pedra, teve início entre 2,5 e 2,6 milhões de anos atrás.

**Paleolítico Inferior** Idade da Pedra Lascada, que se iniciou com as primeiras ferramentas do tipo Oldowan, no período entre 200.000 ou 250.000 e 2,6 milhões de anos atrás.

***Homo habilis*** (homem habilidoso) Primeiros fósseis de membros do gênero Humano (*Homo*), que surgiram há 2,5 milhões de anos, com cérebro maior e face menor que os australopitecinos.

<sup>7</sup> Leakey, L. S. B.; Tobias, P. B.; Napier, J. R. A new species of the genus *Homo* from Olduvai Gorge. *Nature*, v. 202, p. 7-9, 1964. (Alguns argumentam que o *H. habilis* era muito variado para ser considerado uma única espécie.)

## Interpretação dos registros fósseis

Quando, nas décadas de 1960 e 1970, os paleoantropólogos representaram o modo de vida dos primeiros *humanos*, eles concentravam-se no “homem caçador”, um indivíduo duro, com instinto de matar, que manjava ferramentas numa região de savana abundante em caça, enquanto a mulher ficava em casa cuidando dos filhos. Contudo, essa reconstrução teórica da Antiguidade da vida humana é seriamente falha. Não há evidências suficientes para fundamentar essa visão, e elas refletem tendências machistas, tanto nos primeiros relatos da disciplina como nos registros etnográficos de culturas forrageiras ainda existentes, usadas para fins de comparação.

### Conexão Biocultural Nascimento e evolução do homem

Como a biologia e a cultura sempre moldaram a experiência humana, pode ser um desafio separar a influência de cada um desses fatores sobre as práticas humanas. Por exemplo, nos anos 1950, os paleoantropólogos desenvolveram a teoria de que o parto humano é particularmente difícil em relação ao de outros mamíferos. Essa teoria baseava-se, em parte, na observação de um “ajuste apertado” entre o canal vaginal da mãe e a cabeça do bebê, embora esse ajuste entre a cabeça ou os ombros do filhote também exista em muitos outros primatas. Todavia, as mudanças no canal vaginal associadas ao bipedalismo foram consideradas responsáveis por dificuldades durante o parto nas mulheres.

Nesse mesmo momento histórico, as práticas de parto estavam se modificando nos Estados Unidos. Em uma geração, da década de 1920 à de 1950, os partos deixaram de ser feitos em casa e passaram a acontecer no hospital. Esse processo, o parto, que acontecia normalmente em casa, talvez com a ajuda de uma parteira ou de parentes, foi transformado em um evento de alta tecnologia para o neonato, com assistência de pessoal especializado. Durante a década de 1950, as mulheres recebiam anestesia geral para o parto. As teorias paleoantropológicas refletiam essas normas culturais, apresentando explicações científicas para tais mudanças do parto.

Como teoria científica, a ideia de que o parto humano é particularmente difícil encontra-se em uma situação incerta. Nunca foi descoberto nenhum fóssil de bebê recém-nascido e apenas um punhado de pélvis completas (os ossos que formam o canal de parto) foram encontradas. Assim, os cientistas precisam examinar o processo de nascimento em seres humanos e em primatas não humanos para reconstruir a evolução do padrão de parto humano. Entretanto, as crenças e as práticas culturais moldam cada aspecto do nascimento. Os fatores culturais determinam onde o parto ocorre, as ações dos indivíduos presentes e a ênfase sobre a natureza da experiência.

Quando os paleoantropólogos das décadas de 1950 e 1960 afirmaram que o parto humano é mais difícil que o de outros mamíferos, talvez tivessem chegado a conclusões a partir das crenças culturais norte-americanas de que o parto é perigoso e deve ser realizado no hospital. Uma análise rápida das estatísticas mundiais de mortalidade neonatal indicam que, em países como Holanda e Suécia, as mulheres bem nutridas dão à luz com êxito fora dos hospitais, como sempre aconteceu em toda a história da evolução humana. Em outros países, as mortes relacionadas ao parto refletem desnutrição, doenças infecciosas e o baixo *status* social da mulher, os quais não se relacionam com uma biologia defeituosa.



Até a década de 1960, a maioria dos antropólogos que realizava trabalho de campo em comunidades forrageiras ressaltava o papel do macho caçador e menosprezava o significado da fêmea coletora no fornecimento de comida para a comunidade. À medida que os antropólogos se conscientizaram de suas próprias tendências, começaram a corrigir os registros, documentando o papel vital da “mulher coletora” na provisão de alimentos para o grupo social das culturas forrageiras, no passado e no presente. (Ver a “Conexão Biocultural” anterior para outro exemplo de gênero e interpretação paleoantropológica.) Revelar tendências é tão importante como qualquer nova descoberta para interpretar o registro de fósseis.

### Ferramentas, alimentos e expansão do cérebro

Novas evidências sugerem que os primeiros seres humanos não caçavam tanto, eles procuravam mais os restos de carniça. Na verdade, a análise microscópica de marcas de corte em ossos fossilizados, que comumente se sobrepõem às marcas feitas pelos dentes de animais carnívoros, sugere – pelo fóssil recém-montado do *Homo habilis* – que este deve ter sido um *coletor terciário*, isto é, o terceiro da fila a se alimentar da carne de um animal morto por um predador. Os ancestrais que usavam ferramentas conseguiam abrir a parte mais longa dos ossos para retirar o tutano gorduroso, rico em proteínas. Recentemente, sugeriu-se que, em sua evolução, os seres humanos podem ter sido predadores de outros humanos e que a pressão seletiva imposta pelos predadores foi importante para a expansão do cérebro.<sup>8</sup>

Muitos argumentos propostos para a adaptação dos primeiros *Homo*, como a relação entre ferramentas, alimentos e expansão do cérebro, dependem de respostas sobre a relação entre tamanho do cérebro e comportamento. Os comportamentos que um cérebro maior proporciona conferem vantagens aos indivíduos que o possui, contribuindo para o crescente sucesso reprodutivo deles. Com o tempo, as frequências dos genes se alteram, de modo que as variantes com cérebro maior se tornam mais comuns nas gerações sucessivas, e a população gradualmente evolui para uma forma com cérebro maior.

Os paleoantropólogos debatem se a evolução do gênero *Homo* dos ancestrais australopitecinos foi um processo gradual ou repentino, ou a combinação de ambos. Recentemente, os pesquisadores da Universidade da Pensilvânia anunciaram a descoberta de uma mutação genética, compartilhada por todos os seres humanos, mas ausente nos símios, que evita o crescimento dos músculos extremamente fortes da mandíbula.

Ao aplicar a teoria do equilíbrio pontuado ou da transformação evolutiva repentina (discutida no início do capítulo), os paleoantropólogos calculam que essa mutação surgiu em algum momento entre 2,1 e 2,7 milhões de anos atrás, período em que surgiram os primeiros *H. habilis*. Eles argumentam que, sem os fortes músculos da mandíbula presos nas laterais do crânio, uma restrição significativa para o crescimento do cérebro foi removida. Em outras palavras, os humanos podem ter desenvolvido cérebro maior como resultado acidental da redução do tamanho da mandíbula.<sup>9</sup> A seleção natural acrescentou, aos efeitos da mudança repentina da mandíbula, a expansão gradual

<sup>8</sup> Hart, D.; Sussman, R. W. *Man the hunted: Primates, predators, and human evolution*. Boulder, CO: Westview Press, 2005.

<sup>9</sup> Stedman, H. H. et al. Myosin gene mutation correlates with anatomical changes in the human lineage. *Nature*, n. 428, p. 415-418, 2004.

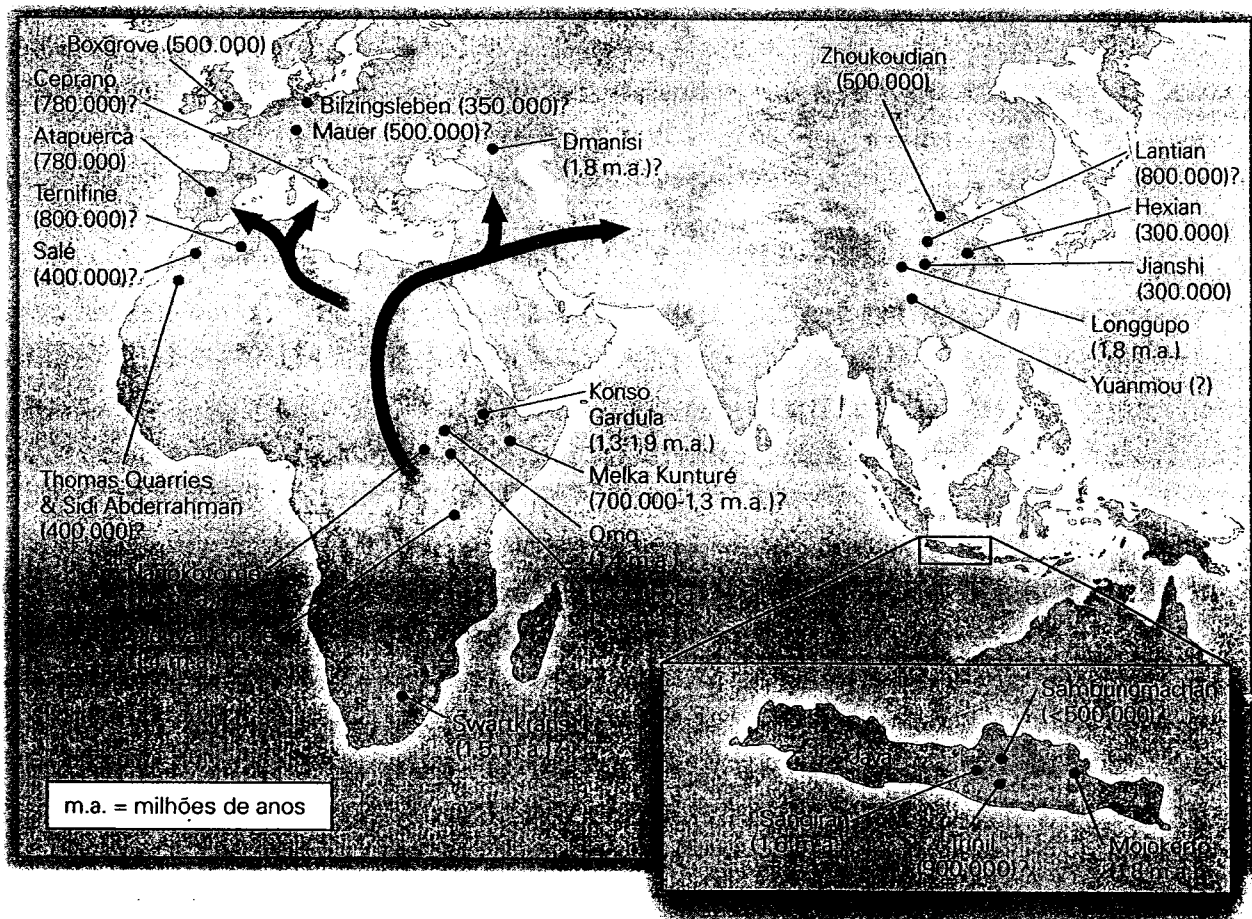
do cérebro, que continuou no gênero *Homo* até aproximadamente 200.000 anos atrás. Nesse período, o tamanho do cérebro praticamente triplicou e chegou ao tamanho atual. A fabricação de ferramentas, preservada nos registros arqueológicos, apresenta dados tangíveis sobre as habilidades culturais de nossos ancestrais, os quais se encaixam com a expansão biológica simultânea do cérebro.

Começando com o *H. habilis*, na África, há quase 2,5 milhões de anos, a evolução humana seguiu um curso certo de aumento no tamanho do cérebro em relação ao do corpo e o crescente desenvolvimento cultural, cada um cumprindo seu papel e, conseqüentemente, um promovendo o outro.

### *Homo erectus*

Passados 2 milhões de anos, período em que o *Homo habilis* e as ferramentas Oldowan haviam se disseminado na África, uma nova espécie, o *Homo erectus* ("homem ereto"), surgiu naquele continente. Ao contrário do *H. habilis*, o *H. erectus* não ficou confinado à África. De fato, fósseis do *H. erectus*, quase tão antigos quanto os encontrados na África, foram descobertos nas montanhas do Cáucaso, na Geórgia (entre Turquia e Rússia), na região centro-sul da China e na ilha de Java, Indonésia. Esses fósseis indicam que não foi preciso muito tempo para que os membros do gênero *Homo* se espalhassem por quase toda a Ásia e pela Europa também (Figura 4.8).

A aparição do *H. erectus* como uma nova espécie, no longo curso da evolução humana, coincidiu com o início da época do Pleistoceno, que se estendeu de 10.000 a 1,8 milhão de anos atrás. Durante



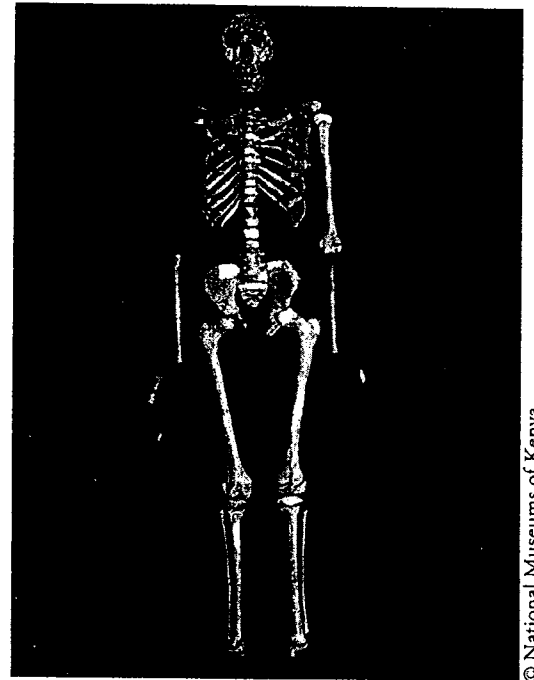
**Figura 4.8** Dados e locais onde foram encontrados fósseis do *Homo erectus*. As flechas indicam as rotas propostas pelas quais o gênero *Homo* se disseminou da África para a Eurásia. Os pontos de interrogação indicam datação incerta para locais específicos.

esse período de resfriamento global, as condições frias do Ártico e a neve abundante no Hemisfério Norte criaram imensas camadas que cobriram temporariamente a maior parte da Eurásia e da América do Norte. Esses períodos glaciais geralmente duravam dezenas de milhares de anos, intercalados por períodos de clima mais quente. Durante os períodos interglaciais, com o aquecimento do clima, as camadas de gelo derretiam, aumentando o nível dos mares; entretanto, esse nível era muito mais baixo que o de hoje, expondo grandes superfícies de terra, hoje submersas.

A época do Pleistoceno, com mudanças climáticas extremas, foi o período em que os seres humanos – do *H. erectus* ao *H. sapiens* – evoluíram e se espalharam por todo o globo. Enfrentando mudanças ambientais, em virtude das flutuações climáticas ou da movimentação para áreas geográficas diferentes, nossos primeiros ancestrais humanos eram constantemente desafiados a fazer adaptações biológicas e, mais especificamente, culturais, para sobreviver e se reproduzir com sucesso. Durante esse longo processo evolutivo, as mutações aleatórias introduziam novas características nas populações em evolução, nas diferentes regiões do mundo. Veremos a seguir se foi uma ou todas essas populações que contribuíram para a humanidade moderna – este é um dos grandes debates da paleoantropologia.

O princípio da seleção natural operou sobre os seres humanos e sobre todas as formas de vida, favorecendo a perpetuação de certas características em condições ambientais específicas. Ao mesmo tempo, outras características que não conferiam nenhuma vantagem ou desvantagem também surgiam, através da mutação aleatória, em populações que mudaram de área geográfica. O resultado final foi o aumento gradual da variação física no gênero *Homo*. Nesse contexto, não é nenhuma surpresa que os fósseis do *H. erectus*, encontrados na África, na Ásia e na Europa, revelem níveis de variação física parecidos com os que podem ser observados nas populações humanas modernas que habitam o mundo atualmente. Muitos paleoantropólogos acreditam que a variação física no gênero *Homo* foi muito grande para considerar todos esses espécimes uma única espécie, então separaram o *H. erectus* em várias espécies distintas.

As evidências fósseis disponíveis indicam que o *H. erectus* tinha tamanho e proporções similares aos do ser humano moderno, mas possuía musculatura mais pesada. As diferenças de tamanho entre os gêneros diminuíram consideravelmente, em comparação com os primeiros bípedes, talvez para facilitar os nascimentos.<sup>10</sup> Com base nas evidências dos fósseis de crânio, o tamanho médio do crânio do *H. erectus* situava-se entre a maior variação do *H. habilis* e a menor variação do cérebro do ser humano moderno. A dentição era completamente humana, embora relativamente grande para os padrões



Um dos fósseis mais antigos e certamente um dos mais completos do *Homo erectus* é o “menino de Nariokotome”, encontrado no Lago Turkana, no Quênia. Embora os restos sejam de um adolescente alto, sua pélvis foi utilizada para reconstruir a evolução do nascimento humano.

© National Museums of Kenya

<sup>10</sup> Hager, L. *The evolution of sex differences in the hominid bony pelvis*. Tese de doutorado, University of California, Berkeley, 1989.

**GLOSSÁRIO**

***Homo erectus*** (homem ereto). Uma espécie do gênero *Homo* que surgiu há 2 milhões de anos, na África, e se espalhou por todo o Velho Mundo.

modernos. Como se pode esperar, em virtude do cérebro maior, o *H. erectus* superava seus antecessores em habilidades culturais.

Na África e na maior parte da Eurásia, o instrumento de corte Oldowan foi substituído pelo machado, bem mais sofisticado. No início, esses machados, moldados com golpes regulares para que tivessem uma borda de corte mais fina e maior que as ferramen-

tas de corte, eram provavelmente implementos de múltiplas finalidades para procurar e processar alimentos e também para a defesa. Mas o *H. erectus* também desenvolveu o cutelo (parecido com o machado, mas sem pontas) e várias raspadeiras para processar couro de animais e fazer roupas e forros para dormir. Além disso, esse primeiro ser humano dependia de ferramentas feitas de lascas de pedra “em estado natural”, para cortar carne e processar vegetais, ou “retocadas”, com pontas, para perfurar ou fazer buracos em certos materiais. O desenvolvimento da eficiência tecnológica também fica evidente no uso da matéria-prima pelo *H. erectus*.

Em vez de produzir algumas ferramentas grandes, a partir de imensos pedaços de pedra, o *Homo erectus* preferiu ferramentas pequenas, economizando matérias-primas. Parte dessas matérias-primas continuam a ter valor prático ainda hoje, como ilustra a seção “Antropologia Aplicada”.

## Antropologia Aplicada

### Ferramentas de pedra para cirurgias modernas

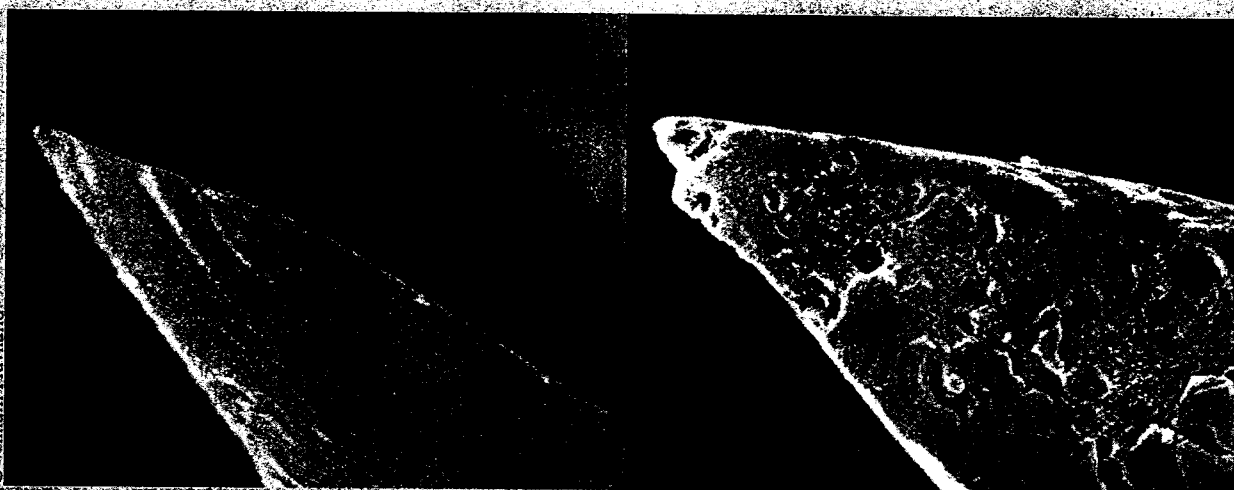
Quando o antropólogo Irven DeVore, da Universidade de Harvard, precisou retirar pequenos melanomas de seu rosto, ele não deixou que o cirurgião usasse os próprios bisturis, pediu que seu ex-aluno, John Shea, fizesse um bisturi. John fez uma lâmina de obsidiana (vidro vulcânico produzido naturalmente) com as mesmas técnicas usadas no Paleolítico Superior, e colocou um cabo de madeira, colado com resina derretida de pinheiro e amarrado com tendões. Após o procedimento, o cirurgião relatou que o bisturi de obsidiana era superior ao de metal.

DeVore não foi o primeiro paciente em que foram usados bisturis de pedra. Em 1975, Don Crabtree, então na Universidade do Estado de Idaho, preparou os bisturis que seriam usados em sua própria cirurgia do coração. Em 1980, Payson Sheets, na University of Colorado, preparou bisturis de obsidiana usados com sucesso em cirurgias de olhos. E, em 1986, David Pokotylo, do Museu de Antropologia da University of British Columbia, passou por uma cirurgia de reconstrução em uma das mãos, procedimento em que foram usados bisturis que ele mesmo produziu e acabou feito por seu colega Len McFarlane.

DeVore também descobriu que as ferramentas modernas, como as antigas ferramentas de pedra, e que o antigo homem perceberam que a obsidiana é muito superior aos materiais normalmente usados para se fazer bisturis. Ela é de 210 a 1050 vezes mais afiada que o aço cirúrgico, 100 a 500 vezes mais afiada que uma lâmina de barbear e 5 vezes mais resistente que uma lâmina de diamante (que, além de ser muito mais cara, não pode ser produzida com mais de 3 mm de borda de corte). As lâminas de obsidiana são mais fáceis para cortar e causar ferimentos, e o cirurgião, sob o microscópio, as usou e seitas com lâminas de aço.

Sheets, *The Neanderthal enigma: solving the mystery of modern human origins*. Nova York: William Morrow, 1997.

mais afiadas mostram bordas irregulares e ficam repletas de pedaços da carne).<sup>b</sup> Consequentemente, o cirurgião tem mais controle sobre o que está fazendo, além disso, as incisões se reconstituem com mais rapidez, provocam menos dor e cicatrizes menores. Por causa da superioridade dos bisturis de obsidiana, Payson Sheets criou uma empresa em parceria com o Dr. Firmon Hardenbergh, especialista em cirurgia de olhos, de Boulder, Colorado. Juntos, eles desenvolveram meios de produzir amostras de vidro derretido de tamanho uniforme, e também de uma máquina capaz de extrair lâminas dessas amostras.



Estas micrografias eletrônicas das pontas de uma lâmina de obsidiana (esquerda) e de um moderno bisturi de aço (direita) ilustram a superioridade da obsidiana.

<sup>b</sup> Sheets, P. D. Dawn of a New Stone Age in eye surgery. In: Sharer, R. J., Ashmore, W. (Eds.) *Archaeology: Discovering our past*, Palo Alto, CA: Mayfield, 1987. p. 231.

Restos encontrados ao sul da África também sugerem que o *Homo erectus* pode ter aprendido a usar o fogo há 1 milhão de anos. O fogo deu a nossos ancestrais humanos mais controle sobre o meio ambiente. Permitiu a continuidade de atividades à noite e forneceu maneiras de afastar os predadores. Deu-lhes o calor e a luz necessários para viver nas cavernas e possibilitou a cocção de alimentos. A habilidade de modificar culturalmente os alimentos pode ter sido importante na redução do tamanho dos dentes e da mandíbula dos últimos grupos fósseis, uma vez que o alimento cru é mais duro e requer mais mastigação. Contudo, o cozimento faz mais do que isso. Ele tira as toxinas de plantas venenosas. Além disso, altera as substâncias nas plantas, permitindo que vitaminas, minerais e proteínas importantes sejam absorvidas pelo trato intestinal, em vez de serem simplesmente eliminadas pelo organismo. Finalmente, o cozimento torna digeríveis os carboidratos complexos, como os amidos.

Ademais, sem o uso controlado do fogo, é improvável que os primeiros humanos pudessem ter vivido com sucesso em regiões onde as temperaturas durante o inverno ficam abaixo de dez graus Celsius, como nas montanhas no norte da China e da Ásia Central, ou na maior parte da Europa, onde houve a disseminação do gênero *Homo*, há aproximadamente 780 mil anos. Embora exista variação considerável, os estudos sobre o ser humano moderno indicam que muitas pessoas sentem-se razoavelmente confortáveis a uma temperatura de 10 graus Celsius, com roupas leves, contanto que se mantenham em atividade. Abaixo disso, as mãos e os pés esfriam e começam a doer. Resumindo, quando nossos ancestrais humanos aprenderam a usar o fogo para se aquecer, se proteger e cozinhar alimentos, eles aumentaram drasticamente o seu alcance geográfico e as suas opções nutricionais.

Com o *H. erectus* também começamos a ter evidências de caça organizada como meio de encontrar carne, couro de animais, chifres, ossos e tendões. As primeiras evidências que demonstram a tecnologia de caça desses ancestrais incluem lanças de madeira com 400.000 anos, descobertas em turfeiras (regiões onde originalmente havia brejos ou pântanos) no norte da Alemanha; é provável, no entanto, que os seres humanos em evolução tenham começado a caçar antes disso. A habilidade organizacional cada vez maior também pode ser indicada em sítios pré-históricos, como Ambrona, na Espanha, onde se propôs que o fogo era usado para direcionar animais grandes (inclusive elefantes) para algum pântano, a fim de matá-los,<sup>11</sup> embora já se tenha proposto o uso do fogo com vegetação natural como uma explicação alternativa.

Com o *H. erectus*, então, encontramos uma manifestação mais clara da interação complexa entre fatores biológicos, culturais e ecológicos. As mudanças na organização social e na tecnologia acompanharam o aumento do tamanho e da complexidade do cérebro e a redução do tamanho dos dentes e da mandíbula. O surgimento de adaptações culturais, como o uso controlado do fogo, cocção de alimentos e conjuntos de ferramentas mais complexas, pode ter facilitado o desenvolvimento da linguagem. A análise das ferramentas produzidas pelos humanos mais primitivos indica que os fabricantes eram preponderantemente destros. A lateralidade é uma característica associada às habilidades linguísticas. Além disso, o tamanho da abertura do nervo que controla o movimento da língua, tão importante para a linguagem oral, é semelhante ao dos seres humanos modernos. As melhorias na comunicação e na organização social promovidas pela linguagem, sem dúvida, contribuíram para a melhoria dos métodos de caça e coleta, para o aumento da população e para a expansão territorial. As mudanças biológicas e culturais contínuas decorrentes da seleção natural, no curso de centenas de milhares de anos, gradualmente transformaram o *H. erectus* na próxima espécie que surgia: o *Homo sapiens*.

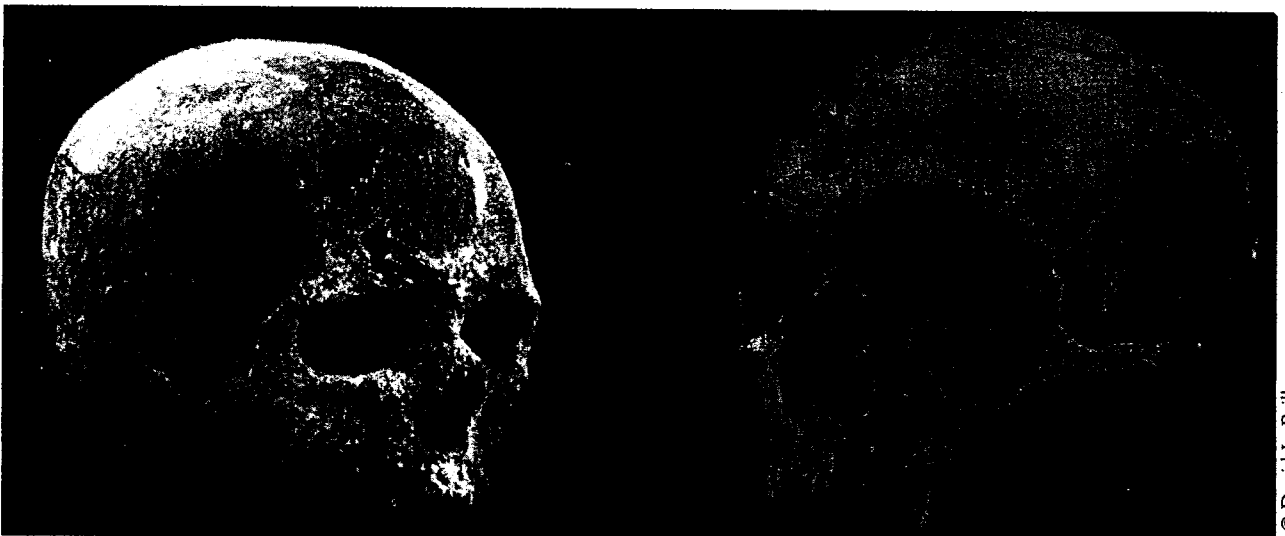
### **Agrupadores (*lumpers*) ou divisores (*splitters*)**

Em vários locais da África, Ásia e Europa foram encontrados muitos fósseis que datam de aproximadamente 200.000 a 400.000 anos. A melhor amostra de população, ossos de quase trinta indivíduos de ambos os sexos e idades variadas (mas nenhum com mais de 40 anos), vem de Atapuerca, um sítio de 400.000 anos, na Espanha. Acima de tudo, esses ossos retratam a mistura de características do *Homo erectus* com as dos primeiros *Homo sapiens*, exatamente o que se poderia esperar de restos fósseis de transição. Por exemplo, o tamanho do cérebro se sobrepõe ao período superior do *H. erectus* e ao inferior do *H. sapiens*.

Se alguém decide chamar esses ou quaisquer outros fósseis contemporâneos de *H. sapiens* inferior, *H. erectus* superior, ou *antecessor* do *Homo*, como o fizeram os antropólogos espanhóis que os descobriram, faz mais que um simples jogo de palavras. O nome dos fósseis indica a perspectiva do pesquisador sobre as relações evolutivas entre os grupos. Quando os espécimes recebem nomes de espécies diferentes, significa que formam parte de um grupo reprodutivamente isolado. Mas eram isolados? Alguns argumentam que as evidências não fundamentam tal suposição. Existem duas abordagens básicas para dar nomes às espécies no registro de fósseis: agrupamento e divisão.

<sup>11</sup> Freeman, L. G. *Ambrona and Torralba: New evidence and interpretation*. Paper apresentado no 91st Annual Meeting, American Anthropological Association, 1992.

Este livro adota a abordagem de agrupamento porque é mais simples e enfatiza as tendências gerais apropriadas para uma introdução à área. Alguns paleoantropólogos entendem que a análise do registro de fósseis com determinações biológicas detalhadas é arbitrária. Com o argumento de que é impossível demonstrar se um conjunto de ossos e dentes antigos representa ou não uma espécie distinta, eles também tendem a ser “agrupadores” (*lumpers*), pois situam espécimes fósseis com aparência mais ou menos semelhante em grupos mais inclusivos. Os “divisores” (*splitters*), ao contrário, concentram-se na variação do registro de fósseis, interpretando diferenças mínimas no formato de esqueletos ou crânios como evidências de espécies biológicas distintas com capacidades culturais correspondentes. Ao se referir ao formato variável da crista ósea (forâmen supraorbital ou incisura) acima dos olhos, o paleoantropólogo sul-africano Philip Tobias ironizou dizendo que “os divisores criarão uma nova espécie cada vez que encontrarem um forâmen supraorbital menor”. A divisão apresenta a vantagem da especificidade; o agrupamento, a da simplicidade.



© David L. Brill

© David L. Brill

Concomitantemente à descoberta do Homem de Neandertal, no fim do século XIX, outros fósseis conhecidos como Cro-Magnon, foram encontrados perto de Neandertal, no sudoeste da França. Naquela época, acreditava-se que eram duas formas antigas e distintas de um período similar. O desenvolvimento de técnicas de datação mostrou aos cientistas que o Homem de Neandertal e o Cro-Magnon não eram contemporâneos. Como visto mais alta, o crânio mais recente do Cro-Magnon (esquerda) é mais parecido com o do europeu contemporâneo que o do Homem de Neandertal (direita), com forâmen supraorbital proeminente e testa inclinada. Além disso, alguns propõem que a continuidade cultural da dieta pode ser inferida entre o Cro-Magnon e o povo francês contemporâneo. O crânio do Cro-Magnon apresenta evidências de uma infecção por fungos, talvez por comer cogumelos contaminados. O cogumelo é uma iguaria nessa região até hoje. Embora o Cro-Magnon seja claramente o ancestral do ser humano contemporâneo, a relação exata entre o Homem de Neandertal e o ser humano moderno é um dos grandes debates da paleoantropologia.

## O Homem de Neandertal

O registro de fósseis mais próximos ao presente nos apresenta muitos outros espécimes de seres humanos em comparação a períodos anteriores. O registro é particularmente rico com relação ao Homem de Neandertal, talvez o membro antigo

mais controverso do gênero *Homo*. Tipicamente, ele é representado como o clássico “homem das cavernas”, estereótipo usado pela mídia popular ocidental e também pelas exposições de museus, como o brutamonte peludo e selvagem que segura uma clava.

Com base em evidências fósseis abundantes, sabemos agora que o Homem de Neandertal era um membro extremamente musculoso do gênero *Homo*, que viveu aproximadamente entre 30.000 e 125.000 anos atrás, na Europa e em partes da Ásia. Embora tivesse cérebro do mesmo tamanho que o do humano moderno, a face e o crânio eram bem diferentes de restos fossilizados posteriores, considerados seres humanos anatomicamente modernos. O nariz grande e os dentes eram mais projetados para frente, mais que os dos humanos modernos.

Em geral, o Homem de Neandertal tinha testa inclinada e forâmen supraorbital proeminente sobre os olhos, queixo recuado e, na parte de trás do crânio, uma massa óssea fazia a ligação dos músculos potentes do pescoço. Essas características, embora não estejam exatamente alinhadas com o ideal moderno de beleza europeia, também são comuns em crânios noruegueses e dinamarqueses que datam de cerca de 1.000 anos atrás, o período dos vikings,<sup>12</sup> e, até certo ponto, podem ser observadas em alguns seres humanos atualmente. Todavia, essas semelhanças anatômicas não ajudam a refutar a imagem popular dos neandertais como brutamontes que viviam em cavernas. Essa reputação rude também pode derivar da época de sua descoberta, uma vez que o primeiro crânio neandertal amplamente divulgado foi encontrado em 1856, muito antes da aceitação das teorias científicas sobre as origens do ser humano.

Esse antigo crânio de aparência estranha, encontrado na Alemanha, no Vale de Neander (*Neandertal*, em alemão), surpreendeu os cientistas. Inicialmente, essas características extraordinárias foram explicadas como evidências de alguma doença desfiguradora em um “bárbaro” do leste que havia se escondido em uma caverna profunda para morrer. Apesar de agora sabermos que muitos aspectos do formato único do crânio e do corpo do Homem de Neandertal representam a adaptação biológica a um clima extremamente frio, e que o tamanho do cérebro e a capacidade de adaptação cultural eram visivelmente superiores às dos primeiros membros do gênero *Homo*, os neandertais continuam cercados de controvérsias.

### Uma espécie distinta?

O Homem de Neandertal foi uma espécie distinta que se extinguiu há aproximadamente 30.000 anos? Ou era uma subespécie do *Homo sapiens*? Se não teve continuidade, se foi uma ramificação sem sucesso da evolução humana, ele realmente contribuiu para o agrupamento de genes do ser humano moderno? Nesse caso, como a discussão continua, seus descendentes diretos caminham hoje sobre a Terra. A posição dos neandertais na história da evolução humana é uma questão altamente controversa.

#### GLOSSÁRIO

**Neandertal** Grupo distinto do gênero *Homo*, que habitou a Europa e o sudoeste da Ásia, entre aproximadamente 30.000 e 125.000 anos atrás.

**musteliana** Indústria de ferramentas dos Homens de Neandertal e seus contemporâneos da Europa, sudoeste e norte da África, entre 40.000 e 125.000 anos atrás.

<sup>12</sup> Ferrie, H. An interview with C. Loring Brace. *Current Anthropology*, n. 38, p. 861, 1997.



Com o cérebro maior, a capacidade de adaptação cultural dos neandertais era previsivelmente superior à de espécies anteriores. O uso extensivo do fogo, por exemplo, foi essencial para a sobrevivência deles no clima frio da Europa, durante os vários períodos glaciais. Os neandertais viviam em grupos pequenos ou unidades familiares simples, tanto em áreas abertas como em cavernas, e provavelmente se comunicavam através da linguagem. As evidências de sepultamentos deliberados entre os neandertais refletem uma medida de comportamento ritual em suas comunidades.

Além disso, os restos fósseis de um mutilado, descoberto no Iraque, e de um homem com artrite, escavado na França, fazem supor que os neandertais cuidavam dos incapazes, algo nunca antes observado no registro de fósseis do ser humano. A tradição de fabricar ferramentas comuns a todos os homens pré-históricos, exceto aos últimos neandertais, é chamada tradição *musteriana*, nome do lugar (Le Moustier), na região de Dordogne, no sul da França. A expressão *musteriana* refere-se à fabricação e ao estilo das ferramentas do Paleolítico Médio, ou Idade da Pedra Média, na Europa e no sudoeste da Ásia, geralmente com datação aproximada entre 40.000 e 125.000 anos atrás.

Embora haja variação considerável, as ferramentas musterianas são geralmente menores e mais leves que as de períodos anteriores. Enquanto as indústrias anteriores conseguiam apenas duas ou três lascas de um núcleo de pedra, os fabricantes musterianos obtinham lascas menores em maior quantidade, que retocavam e afiavam com habilidade. Seu conjunto de ferramentas também continha maior variedade que o de seus antepassados: machados de mão, lâminas, raspadores, perfuradores, lâminas entalhadas para raspar madeira e diversos tipos de pontas que podiam ser presas a galhos para fazer lanças. Essa variedade de instrumentos facilitou o consumo de alimentos e melhorou a qualidade de vestimentas e abrigos. As ferramentas de pedra musterianas eram usadas por neandertais e seus contemporâneos de outras regiões, incluindo Europa, oeste da Ásia e África do Norte, durante esse período. Quando o Homem de Neandertal clássico estava desaparecendo, entre 30.000 e 40.000 anos atrás, sua tecnologia podia ser comparada aos complexos de ferramentas usadas pelo anatomicamente moderno *H. sapiens* durante o mesmo período.<sup>13</sup>

### O gênero *Homo* em outras regiões

Enquanto isso, as variantes arcaicas do *H. sapiens*, sem a projeção facial e as ligações de músculos fortes atrás do crânio, comuns nos neandertais, habitavam outras partes do mundo. Fósseis de crânios humanos encontrados perto do rio Solo, em Java, são exemplos excelentes. A datação desses espécimes varia entre aproximadamente 27.000 e 200.000 anos atrás. Os fósseis, com cérebros de tamanho moderno, apresentam certas características do *H. erectus* combinadas com as do *H. sapiens* arcaico e também do mais moderno.

Além disso, uma descoberta controversa na ilha de Flores, na Indonésia, ilustra que o isolamento geográfico pode ser responsável por uma quantidade incomum de variação na morfologia de membros do gênero *Homo*. Um espécime adulto, com corpo e crânio pequenos – datado entre 18.000 e 38.000 anos, com não mais que um metro de altura, crânio e dentes parecidos com os do ser humano – foi classificado como a nova espécie *Homo floresiensis*, em 2004.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Mellars, P. *Major issues in the emergence of modern humans*. Current Anthropology, n. 30, p. 356-357, 1989.

<sup>14</sup> Brown, P. et al. A new small bodied hominin from the Late Pleistocene of Flores, Indonesia. *Nature*, n. 431, p. 1055-1061, 2004.

Os paleoantropólogos que encontraram esse espécime, com descobertas de ferramentas de pedra e de ossos de outras espécies animais datadas de 90.000 anos, sugerem que o *Homo floresiensis* é o “produto final de um longo período de evolução, em uma ilha comparativamente pequena, onde as condições ambientais estabeleceram o corpo pequeno como uma vantagem seletiva.<sup>15</sup> Alguns paleoantropólogos argumentam que o esqueleto representa um indivíduo com microcefalia (cérebro pequeno) e vários outros problemas médicos. Contudo, estudos recentes indicam que a razão entre tamanho do cérebro e do corpo nesse espécime é a de um australopitecino, enquanto o formato do cérebro, como preservado dentro do crânio, é uma versão anã do *Homo erectus*.<sup>16</sup> Outras descobertas nessa região fundamentam tal teoria.

Fósseis de várias partes da África, sendo o mais famoso um crânio encontrado em Kabwe, no Zâmbia, também mostram uma combinação de características antigas e modernas. Finalmente, restos similares foram encontrados em vários lugares na China. Para esses membros do gênero *Homo*, a melhoria das habilidades culturais adaptativas refere-se ao fato de que o cérebro havia alcançado o tamanho moderno. Esses espécimes são geralmente classificados como *Homo sapiens* arcaico. Do mesmo modo que o Homem de Neandertal, possui cérebro grande; no entanto, o formato do crânio é diferente daquele das espécies posteriores.

Tal cérebro possibilitou não apenas tecnologia sofisticada como também pensamento conceitual de complexidade intelectual considerável. Objetos e pingentes decorativos com marcas incrustadas e entalhadas também aparecem no registro arqueológico desse período. Os objetos também eram geralmente coloridos com pigmentos, como dióxido de manganês e minério de ferro (ocre) vermelho e amarelo. O sepultamento dos mortos e os objetos decorativos sem caráter utilitário fornecem evidências adicionais que fundamentam a argumentação teórica a favor do pensamento simbólico e do uso da linguagem nessas populações antigas.

É complexo estabelecer a relação entre as mudanças anatômicas e as culturais no curso da história da evolução humana (Figura 4.9). Há cerca de 200.000 anos, começaram a surgir indivíduos com aparência humana anatomicamente moderna na África e no sudoeste da Ásia. Embora os primeiros fósseis desses indivíduos estejam associados à indústria musteriana de ferramentas, usadas pelos neandertais, com o tempo surgiram novas indústrias e outras formas de expressão cultural. O centro do debate sobre a origem do homem moderno é se essas mudanças no formato do crânio estão ligadas a habilidades culturais superiores.

## O PALEOLÍTICO SUPERIOR

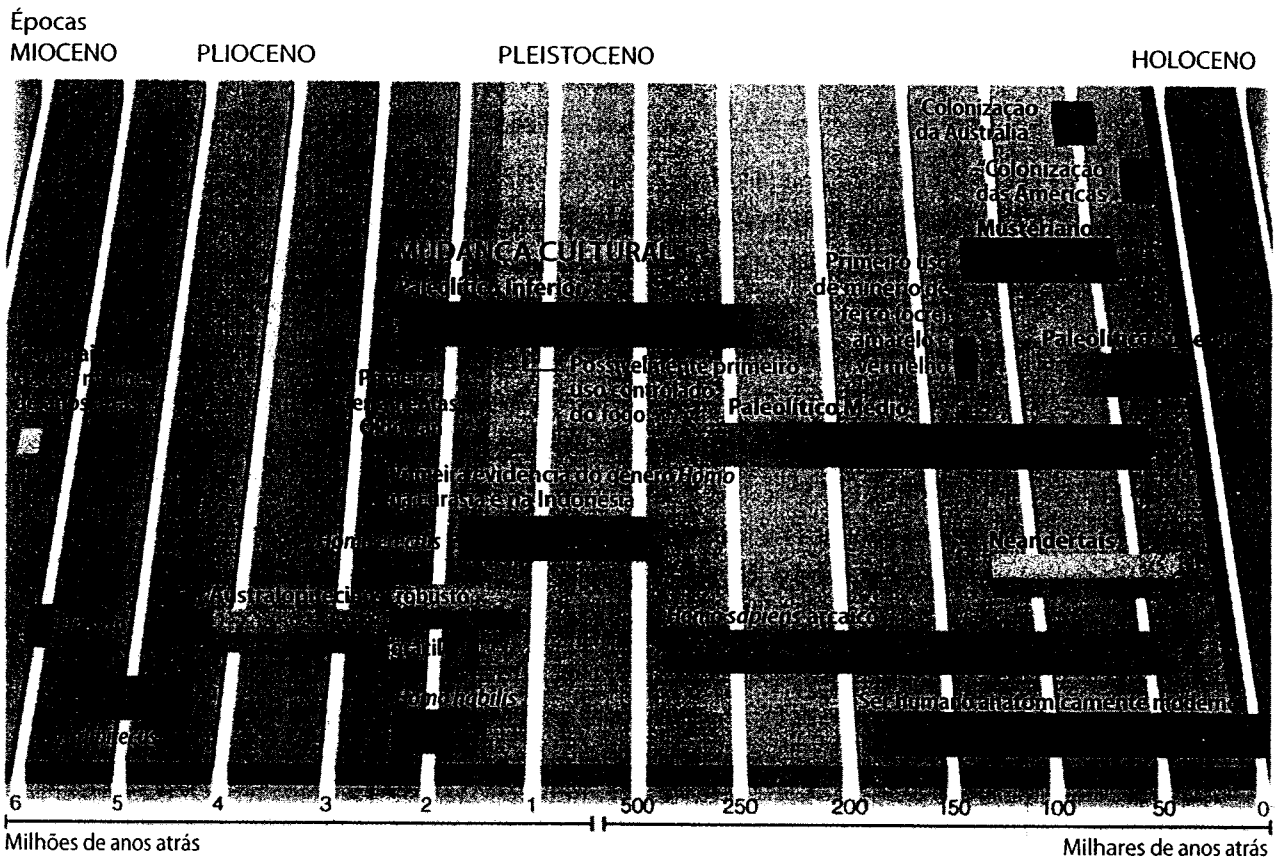
A abundância de tipos de ferramenta e outras formas de expressão cultural que começaram há aproximadamente 40.000 anos constitui o que é conhecido como a transição para o Paleolítico Superior. O conjunto de ferramentas do Paleolítico Superior inclui considerável aumento de instrumentos com “lâmina”: pedaços de pedra longos, finos e precisamente formatados que demonstram

### GLOSSÁRIO

Paleolítico Superior: último período de 100.000 a 40.000 anos atrás da história da humanidade, caracterizado por ferramentas longas, finas e precisamente formatadas, simbolizando a cultura.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 1060.

<sup>16</sup> Falk, D. et al. The brain of LB1, *Homo floresiensis*. Science, n. 308, p. 242-245, 2005.



**Figura 4.9** Os paleoantropólogos discutem a relação exata entre as espécies bípedes e outras espécies que existiram durante os últimos 5 a 8 milhões de anos. Esta linha do tempo segue a abordagem do "agrupamento", que limita o número de fósseis apresentados. O período de tempo para Paleolítico Superior, Médio e Inferior varia muito conforme a região. Observe também que a escala de tempo está expandida nos 250.000 anos mais recentes.

a habilidade extraordinária de seus criadores. O Paleolítico Superior, que durou até cerca de 10.000 anos, marca o início da modernidade comportamental. É mais conhecido pelas evidências arqueológicas encontradas na Europa, onde inúmeros complexos distintos de ferramentas de períodos sucessivos têm sido documentados. Além disso, o registro arqueológico europeu desse período é rico em pinturas nas paredes de cavernas, entalhes e esculturas em baixo-relevo, assim como muitos artefatos portáteis sem caráter utilitário.

No Paleolítico Superior, os humanos começaram a produzir ferramentas mais eficientes para caça, pesca e coleta. A adaptação cultural também se tornou mais específica e regional, aumentando as chances de sobrevivência humana em uma grande diversidade de condições ambientais. Em vez de produzir ferramentas com múltiplas finalidades, as populações do Paleolítico Superior que habitavam ambientes variados – montanhas, pântanos, tundras, florestas, regiões de lagos, vales de rios e praias – desenvolveram aparelhos especializados adequados aos recursos do habitat específico e às diferentes estações do ano. No Paleolítico Superior, os seres humanos primitivos descobriram formas e meios de atravessar as regiões árticas e o mar aberto para chegar a lugares nunca antes habitados. Os humanos chegaram à Austrália entre 40.000 e 60.000 anos atrás e às Américas entre 15.000 e 30.000.

Esse nível de especialização regional exigiu melhores técnicas de produção. O método de manufatura da lâmina, criado pelo arcaico *H. sapiens* e mais tarde usado amplamente na Europa e no oeste da Ásia, exigia menos matéria-prima e resultava em ferramentas menores e mais leves, com melhor razão entre o peso da pedra e o comprimento da borda de corte. A técnica de pressão-lascamento (em que um osso, chifre ou instrumento de madeira era usado para retirar pequenas lascas

de uma pedra maior) deu ao fabricante do Paleolítico Superior grande controle sobre o formato da ferramenta, o que não acontecia com a percussão e foi possível com essa técnica.

Inventado pelos fabricantes musterianos, o uso do buril (ferramenta de pedra com bordas oblíquas) tornou-se comum no Paleolítico Superior. O buril provou ser excelente para transformar ossos e chifres em ferramentas, como anzóis e arpões. O arremessador de lanças ou *atlatl* (palavra Nahuatl usada pelos astecas, no México, que se refere a um equipamento de madeira, de 30 a 60 centímetros de comprimento, com um gancho na ponta para arremessar lanças) também surgiu nesse período. Como dava maior extensão ao braço, o atlatl aumentava ainda mais a força do caçador que fazia o arremesso.

Além da criatividade evidente nas ferramentas e armas, as populações do Paleolítico Superior também produziram arte representativa. Em algumas regiões, entalhavam ferramentas e armas com belas figuras de animais; faziam pingentes e miniaturas femininas de osso e marfim e modelavam pequenas esculturas de barro. Pinturas e gravações espetaculares retratando pessoas e animais desse período foram encontradas nas paredes de cavernas no sudoeste da Europa, na Austrália e na África.

A tradição de arte nas rochas na África do Sul se estendeu por 27.000 anos e durou todo o período histórico; através dessa continuidade, sabemos que grande parte retrata a visão do artista em estados alterados de consciência em relação às práticas espirituais. Além dos animais, a arte também incluía motivos geométricos variados, reminiscentes de alucinações visuais geradas espontaneamente pelo sistema nervoso humano quando em estado de transe.

Rock Painting of a Bull and Horses, c. 17,000 B.C., Prehistoric Caves of Lascaux, Dordogne, France/ The Bridgeman Art Library



Estas imagens com 17.000 anos, pintadas na parede da caverna de Lascaux, em Dordogne, no sudoeste da França, foram descobertas em 1940 por quatro adolescentes. Além dos animais do Período Glacial – cavalos, bois selvagens, rinocerontes e bisões – também há pinturas de muitas outras espécies reconhecíveis. Geralmente, o interior pintado e entalhado dessas cavernas fica muito abaixo da superfície e é de difícil acesso. Os artistas do Paleolítico Superior queimavam gordura animal em recipientes de arenito para iluminar o caminho. Em 1963, a caverna de Lascaux foi fechada ao público porque o dióxido de carbono da respiração de milhares de visitantes estava danificando as pinturas. O governo francês construiu uma réplica exata da caverna para que as pessoas ainda possam admirar essas obras maravilhosas.

A arte das cavernas na Austrália, algumas mais antigas que as das cavernas europeias, também associada a transe, incluía motivos semelhantes. A ocorrência dos mesmos motivos geométricos na arte das cavernas da Europa sugere que o transe também fazia parte dessas culturas forrageiras pré-históricas. Alguns cientistas sugerem que os motivos geométricos da arte paleolítica eram interpretados como figuras humanas estilizadas e padrões de descendência. Embora especulativa, a grande importância do parentesco em todas as comunidades historicamente conhecidas de caçadores, pescadores e coletores torna tal sugestão plausível.

A hipótese de um novo tipo de homem, anatomicamente moderno, com habilidades criativas e intelectuais superiores, ser responsável ou não por essa explosão cultural é discutida calorosamente na paleoantropologia. Afinal, novos tipos de seres humanos não estavam associados às “explosões culturais” subsequentes, como a revolução neolítica (Capítulo 5). As evidências biológicas e culturais preservadas nos registros fósseis e arqueológicos não contam uma história simples.

## DEBATE SOBRE AS ORIGENS DO SER HUMANO MODERNO

No nível biológico, o debate sobre as origens do homem moderno pode ser condensado em uma questão: se uma, algumas ou todas as populações de grupos arcaicos tiveram importância para a evolução do *H. sapiens* moderno. Aqueles que apoiam a **hipótese multirregional** argumentam que as evidências fósseis sugerem uma transição local simultânea do *H. erectus* para o *H. sapiens* moderno, em todas as partes do mundo habitadas pelos primeiros membros do gênero *Homo*. De outro modo, aqueles que apoiam a **hipótese da origem africana** (também conhecida como *hipótese de Eva* ou *hipótese para fora da África*) argumentam que todos os humanos anatomicamente modernos que existem hoje descendem diretamente de uma única população mais recente do *H. sapiens* na África. Essa hipótese sustenta que, com a capacidade cultural desenvolvida, os membros desse grupo substituíram outras formas humanas arcaicas, à medida que começaram a se disseminar a partir da África, em algum momento há cerca de 100.000 anos. Portanto, embora as duas teorias situem com firmeza a origem do ser humano na África, a primeira afirma que nossos ancestrais começaram a se dirigir para Ásia e Europa há aproximadamente 1,8 milhão de anos. A segunda sustenta que o *H. sapiens* anatomicamente moderno evoluiu apenas na África, substituindo completamente outros membros do gênero *Homo*, conforme se disseminou por todo o mundo.

Durante muitos anos, a hipótese da origem africana contava com a evidência genética. Em particular, afirma-se que a evidência genética indica uma única mãe, “Eva”, para todos os seres humanos anatomicamente modernos, traçando as origens através do DNA encontrado na mitocôndria, estrutura celular herdada da mãe. Até recentemente, a ausência de boas evidências fósseis na África era um problema para a hipótese da origem africana. Em 2003, entretanto, o crânio de dois adultos e uma criança (descobertos em 1997, na região de Afar, Etiópia), descritos como

### GLOSSÁRIO

**hipótese multirregional** Hipótese que afirma que o homem moderno se originou de um processo de transição local simultânea do *Homo erectus* para o *Homo sapiens*, em todo o mundo habitado.

**hipótese da origem africana** Hipótese que afirma que todas as populações humanas modernas derivam de uma única população do *Homo sapiens* arcaico da África, que migrou desse lugar há 100.000 anos, substituindo todas as outras formas arcaicas devido à capacidade cultural superior. Também chamada hipótese de Eva e/ou hipótese para fora da África.

anatomicamente modernos, foram reconstruídos e datados de 160.000 anos.<sup>17</sup> Seus descobridores os chamaram *Homo sapiens idaltu* (que significa “mais velho”, na língua afar). Convencidos de que haviam confirmado conclusivamente a hipótese da origem africana, eles argumentaram que sua evidência mais recente comprovava que o Homem de Neandertal representa um ramo sem continuidade na evolução humana.

Embora a hipótese da origem africana seja a linha de pensamento que prevalece, nem todo os cientistas a apoiam. Entre os que discordam estão os paleoantropólogos chineses e australianos, que geralmente defendem a hipótese multirregional, em parte porque se ajusta melhor às descobertas de fósseis na Austrália e na Ásia.

Por outro lado, a hipótese da origem africana depende muito mais da interpretação das evidências genéticas, de fósseis e vestígios culturais da Europa, da África e do sudoeste da Ásia. Os proponentes do multirregionalismo criticam esse modelo com base em vários argumentos. Por exemplo, a evidência molecular sobre a qual a hipótese de origem africana está baseada tem sido severamente criticada, pois os estudos genéticos mais recentes indicam que a África não foi a única fonte de DNA para os humanos modernos.<sup>18</sup>

Os proponentes da origem africana argumentam que as populações anatomicamente modernas coexistiram durante certo tempo com as populações arcaicas, até que as capacidades culturais superiores das modernas provocaram a extinção das arcaicas. Isso pode ajudar a explicar sua popularidade entre os especialistas do Ocidente, pois corresponde à experiência europeia de expansão colonial; a diferença é que a África, não a Europa, é a origem das pessoas supostamente superiores. Também se põe de acordo com o desconforto histórico de considerar o Homem de Neandertal completamente humano.

Argumenta-se que as evidências da Europa, onde os neandertais e os “anatomicamente modernos” coexistiram entre 30.000 e 40.000 anos atrás, fundamentam um modelo de coexistência e substituição. Contudo, é difícil definir alguns fósseis como neandertal ou como anatomicamente modernos. Os últimos neandertais apresentam características (como o queixo) mais comumente vistas em seres humanos anatomicamente modernos, enquanto os “primeiros modernos” apresentam características (como forâmen supraorbital e massa óssea na parte de trás do crânio) reminiscências dos neandertais.

Essa mistura do moderno com o neandertal é tão proeminente em um esqueleto de criança recentemente encontrado em Portugal que faz com que vários especialistas o considerem uma evidência clara de hibridização, o cruzamento bem-sucedido entre as duas populações.<sup>19</sup> Outros especialistas argumentam que algumas das características que parecem modernas devem-se simplesmente ao fato de esse espécime ser uma criança. Porém, se for um híbrido, significa que as duas formas humanas pertenceram a uma única espécie, não a espécies distintas. Os multirregionalistas argumentam que a maneira mais simples de lidar com todas essas evidências é considerar esses fósseis como pertencentes a uma única população variada, com alguns indivíduos apresentando características mais típicas dos neandertais que outros. Eles mencionam as evidências

<sup>17</sup> White, T. et al. Pleistocene *Homo sapiens* from the Middle Awash, Ethiopia. *Nature*, n. 423, p. 742-747, 2003.

<sup>18</sup> Templeton, A. R. The “Eve” hypothesis: A genetic critique and reanalysis. *American Anthropologist*, n. 95, v. 1, p. 51-72; Gibbons, A. Ideas on human origins evolve at anthropology gathering. *Science*, n. 276, p. 535-536, 1997; Pennisi, E. Genetic study shakes up out of Africa theory. *Science*, n. 283, p. 1828, 1999.

<sup>19</sup> Holden, C. Ancient child burial uncovered in Portugal. *Science*, n. 283, p. 169, 1999.

arqueológicas de que as realizações culturais dos últimos neandertais não eram fundamentalmente diferentes das dos “primeiros modernos”,<sup>20</sup> assim como as evidências de que a cultura desses “primeiros modernos” europeus se desenvolveu na Europa,<sup>21</sup> não veio de outras regiões, como afirmam os proponentes da hipótese da origem africana.

Todavia, cerca de 30.000 anos atrás, muitas das características anatômicas distintas observadas em grupos arcaicos, como os neandertais, parecem desaparecer do registro de fósseis na Europa. Em seu lugar, parece que indivíduos com testa mais alta, forâmen supraorbital menor e queixo mais pronunciado habitaram a Europa. No entanto, ao se observar a imensa variação do ser humano contemporâneo, em todo o mundo, encontram-se pessoas que não se encaixam nas definições anatômicas de modernidade propostas pelo modelo da origem africana.<sup>22</sup>

O debate sobre as origens do homem moderno levanta questões fundamentais sobre a relação complexa entre a variação biológica e cultural. Conforme revisamos o registro de fósseis do ser humano, em todo este capítulo, fizemos inferências sobre a capacidade cultural de nossos ancestrais, com base parcialmente em características biológicas. Por exemplo, o argumento do tamanho do cérebro significativamente maior do *Homo habilis*, há 2,5 milhões de anos, comparado com o australopitecino anterior, foi usado para fundamentar a hipótese de que esses ancestrais eram capazes de realizar atividades culturais mais complexas, incluindo a produção de ferramentas de pedra. Podemos fazer o mesmo tipo de suposição sobre outros desenvolvimentos biológicos mais recentes? Podemos afirmar que apenas o ser humano anatomicamente moderno, com testa mais alta e forâmen supraorbital reduzido, foi capaz de desenvolver ferramentas sofisticadas e arte de grande beleza, em virtude de diferenças biológicas fundamentais?

Aqueles que defendem a hipótese multirregional afirmam que não. Eles argumentam que a história da evolução humana consiste em um longo período de uma única espécie humana em evolução, sem tipos biológicos geograficamente distintos. Ao observar as evidências fósseis, os paleoantropólogos conseguem reconhecer o conjunto de características distintas que um grupo fóssil apresenta, mas é muito mais difícil determinar se esses grupos constituem uma espécie diferente, ou uma variação dentro da mesma espécie.

Sem isolamento, o fluxo de genes tende a fazer com que as populações não se transformem em espécies diferentes. Como veremos nos próximos capítulos, desde o fim do período glacial até a era da globalização, atualmente, a maior parte das populações não viveu em isolamento extremo. O efeito integrador do fluxo de genes se tornou tão poderoso que não existem mais variações regionais para conjuntos de características.

Qualquer que tenha sido o caminho, no período mais recente de nossa longa história evolutiva, nos tornamos uma espécie incrivelmente diversificada, mesmo assim unificada, que habita toda a Terra.

<sup>20</sup> D'Errico, F. et al. Neandertal acculturation in Western Europe? *Current Anthropology*, n. 39, p. 521, 1998. Ver também Henry, D. O. et al. Human behavioral organization in the Middle Paleolithic: Were Neandertals different? *American Anthropologist*, n. 107, v. 1, p. 17-31, 2004.

<sup>21</sup> Clark, G. A. Neandertal archaeology: Implications for our origins. *American Anthropologist*, n. 104, v. 1, p. 50-67, 2002.

<sup>22</sup> Wolpoff, M.; Caspari, R. *Race and human evolution*. Nova York: Simon & Schuster, 1997. p. 344-345, 393.

## Resumo do capítulo

- A macroevolução estuda a formação de novas espécies (especiação) e as relações evolutivas entre grupos de espécies. A especiação pode acontecer com ramificação (cladogênese) ou sem ramificação (anagênese), à medida que, com o tempo, uma única população acumula mutações suficientes para ser considerada uma espécie diferente. As forças microevolutivas de mutação, fluxo de genes, deriva genética e seleção natural, podem provocar a mudança macroevolutiva, mas o ritmo dessa mudança varia. Uma mutação em um gene regulatório pode provocar mudanças rápidas. O modelo do equilíbrio pontuado afirma que a macroevolução se caracteriza por longos períodos intercalados de estabilidade relativa e de mudanças rápidas.
- As mudanças climáticas provocaram o surgimento dos primatas, há aproximadamente 65 milhões de anos, logo após a extinção em massa dos dinossauros. Esses primatas eram animais pequenos, arborícolas, noturnos e comiam insetos. As espécies do Velho e do Novo Mundo foram separadas há aproximadamente 40 milhões de anos. Muitas das espécies antropoides do Velho Mundo passaram a viver no solo. Há aproximadamente 23 milhões de anos, os homínides, primatas sem cauda e de ombros largos, que incluem todos os símios e seres humanos extintos e contemporâneos, começaram a surgir na Ásia, África e Europa. Os estudos genéticos confirmam que os símios africanos – chimpanzés, bonobos e gorilas – são nossos parentes mais próximos. O cérebro maior e a locomoção bipedal constituem as diferenças mais marcantes entre o ser humano e nossos parentes primatas mais próximos. O bipedalismo precedeu a expansão do cérebro e teve papel essencial em nossa separação dos macacos.
- Os primeiros membros da linhagem humana bipedal divergiram dos símios africanos (chimpanzés, bonobos e gorilas) em algum momento entre 5 e 8 milhões de anos atrás. Os mais conhecidos são os australopitecinos, bem equipados para o forrageio generalizado em um ambiente de savana relativamente aberto. Embora muitas teorias afirmem que o bipedalismo reforçou a expansão do cérebro, liberando as mãos para outras atividades além da locomoção, o aumento do tamanho do cérebro só apareceu na história da evolução humana muito mais tarde com o surgimento do gênero *Homo*.
- Com os primeiros membros do gênero *Homo* – *Homo habilis* –, cerca de 2,5 milhões de anos atrás, as ferramentas de pedra começaram a surgir no registro arqueológico. Ferramentas anteriores, possivelmente feitas de materiais perecíveis como fibras vegetais, não foram preservadas. Em todo o curso da evolução do gênero *Homo*, a importância crítica da cultura como mecanismo de adaptação impôs pressões seletivas que favoreceram um cérebro maior, o que, por sua vez, possibilitou o desenvolvimento da adaptação cultural.
- O *Homo erectus*, que surgiu há aproximadamente 2 milhões de anos, tinha o cérebro quase do tamanho do cérebro do homem moderno e comportamentos sofisticados, incluindo o uso controlado do fogo para se proteger, aquecer e cozinhar. Restos do *H. erectus* foram encontrados em toda a África, Ásia e Europa, inclusive nas áreas mais frias no norte, aonde ele chegou cerca de 780.000 anos atrás. A eficiência tecnológica do *H. erectus* fica evidente na fabricação de ferramentas melhores, o primeiro machado e outros instrumentos específicos para caçar,



processar alimentos, retirar a carne e limpar o couro de animais, e também para se defenderem. As técnicas de caça desenvolvidas pelo *H. erectus* refletiam avanço considerável na capacidade de organização.

- Entre 200.000 e 400.000 anos atrás, o ser humano em evolução tinha a capacidade cerebral do *Homo sapiens* contemporâneo. Aparentemente, existiram muitas variações locais do gênero *Homo* nesse período, incluindo os neandertais. A capacidade de adaptação cultural desses humanos primitivos era considerável, sem dúvida porque o cérebro grande possibilitou desenvolver tecnologia sofisticada e elaborar pensamento conceitual. Aqueles que habitavam a Europa usavam extensivamente o fogo, no clima ártico, viviam em pequenos bandos e se comunicavam por meio da linguagem. Os restos encontrados atestam o comportamento ritual e o cuidado com velhos e enfermos. Determinar o lugar dos neandertais na linhagem evolutiva do ser humano é um dos maiores debates da paleoantropologia.
- As evidências indicam que pelo menos uma população do *H. sapiens* arcaico evoluiu para o homem moderno. Se isso envolveu a evolução biológica de uma nova espécie com capacidades culturais melhores, ou um processo mundial envolvendo todas as formas arcaicas, continua a ser uma das questões mais controversas da paleoantropologia. De acordo com a hipótese da origem africana, o ser humano moderno evoluiu na África há aproximadamente 200.000 anos, substituindo outras populações, à medida que se disseminou pelo mundo. Segundo a hipótese multirregional, os homens se originaram na África, há cerca de 2 milhões de anos, e as populações antigas em todo o mundo são todas ancestrais dos homens modernos, que se tornaram uma espécie unificada, mantida por meio do fluxo de genes.
- A indústria de ferramentas de pedra e os trabalhos artísticos das culturas do Paleolítico Superior ultrapassaram qualquer realização anterior do ser humano. As pinturas em cavernas e arte em pedra encontradas na Espanha, França, Austrália e África tinham fins religiosos e confirmam uma sensibilidade estética extremamente sofisticada. Os homens passaram a habitar o mundo inteiro nesse período, desenvolvendo transporte marítimo e outras tecnologias adequadas para a adaptação a ambientes variados.
- Os paleoantropólogos relacionam as mudanças na capacidade cultural àquelas ocorridas no tamanho do cérebro e no formato do crânio durante a maior parte da história da evolução humana. À medida que nos aproximamos do presente, e os espécimes fósseis apresentam cérebro do tamanho do cérebro do ser humano contemporâneo, os paleoantropólogos debatem se um formato específico de crânio pode estar relacionado a habilidades culturais e a um conjunto de comportamentos. Com o fluxo de genes, que existe pelo menos desde o fim do período glacial, não é possível dividir o ser humano em uma série de tipos distintos.

### Questões para refletir

1. Durante os últimos 2,5 milhões de anos, as evidências fósseis mostram que as mudanças no formato do crânio foram acompanhadas de aumento do cérebro. Tais mudanças estão associadas à cultura na forma das primeiras ferramentas de pedra, da caça coordenada, do uso

controlado do fogo, da linguagem e, finalmente, da explosão de inovações e expressão simbólica no Paleolítico Superior. À medida que nossa discussão se aproxima do presente, de que forma as duas hipóteses principais sobre a origem do homem moderno relacionam tamanho e formato do crânio com diferenças culturais? O formato e o tamanho do crânio podem ser responsáveis pelas diferenças culturais entre os povos contemporâneos?

2. Você acredita que a evidência de um único osso seja suficiente para determinar se um organismo do passado era bípede?
3. Os paleoantropólogos podem ser caracterizados como “agrupadores” ou “divisores”, dependendo da abordagem adotada para reconhecer as espécies no registro de fósseis. Qual abordagem você prefere? Por quê?
4. Como você se sente em relação à possibilidade de o Homem de Neandertal ter feito parte de sua ancestralidade? Como se pode relacionar a discussão sobre o Homem de Neandertal com estereótipos ou racismo na sociedade contemporânea?
5. Você acredita que o gênero é importante na interpretação antropológica sobre o comportamento de nossos ancestrais e a forma como paleoantropólogos e arqueólogos conduzem suas pesquisas? Você acredita que o feminismo é importante na interpretação do passado?

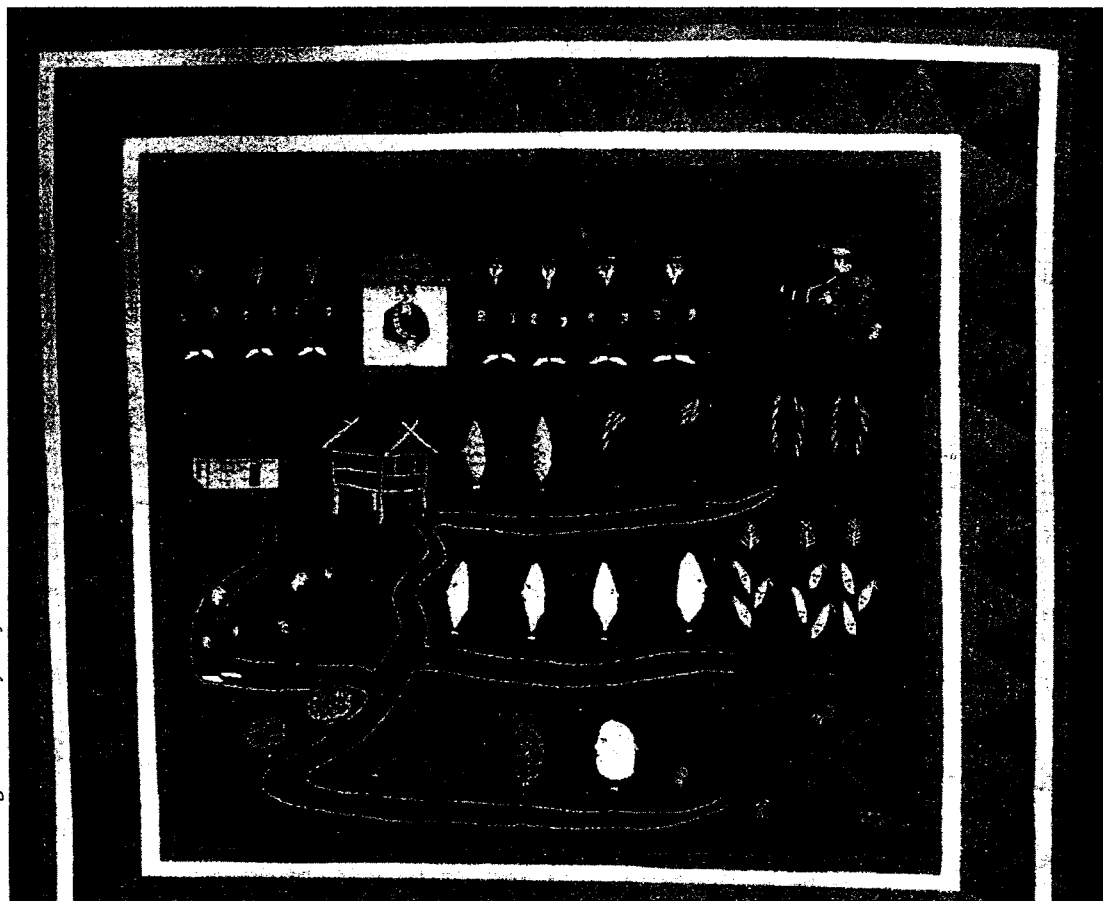
### Palavras-chave

Macroevolução; especiação; cladogênese; anagênese; equilíbrio pontuado; deriva continental; bipedalismo; australopiteco (*Australopithecus*); australopitecino robusto; australopitecino grácil; Oldowan; Paleolítico Inferior; *Homo habilis*; *Homo erectus*; Homem de Neandertal; musteriano; Paleolítico Superior; hipótese multirregional; hipótese da origem africana.

PASTA: 13  
26 FOLHAS  
DATA: 28/02

Aula 3

# Revolução Neolítica: a domesticação de plantas e animais



© Tavid Bingham e Amory Ledyard

## INTRODUÇÃO VISUAL

Este bordado feito pelo artista hmong Pangxiong Sirathasuk retrata não só a história de sua cultura sobre as origens da agricultura – uma forma de vida que começou há aproximadamente 10.000 anos –, mas também algumas das consequências da mudança da colheita e da produção de alimentos. De acordo com o folclore hmong, os vegetais começaram a caminhar em direção às vilas. Porém ficaram desapontados com a cobiça humana e voltaram para o campo, afirmando que o ser humano, no futuro, teria de trabalhar muito para receber as recompensas da terra. A agricultura, a domesticação dos animais e a vida em vilas marcam o início do Período Neolítico. Essas inovações culturais resolveram alguns dos desafios da existência humana, mas também apresentaram (e apresentam) riscos para a saúde e envolveram trabalho considerável. A alimentação limitada pelo cultivo de um único tipo de cultura às vezes provocava desnutrição, ou mesmo fome, quando as colheitas fracasavam. As condições de vida em grandes grupos e o contato direto com animais nas vilas neolíticas promoviam a disseminação de doenças infecciosas. Este bordado também mostra que as inovações que aconteceram em uma região se disseminaram no mundo todo. Embora a terra natal do grupo hmong esteja situada no sudeste da Ásia, a abóbora e o milho aqui representados são alimentos originalmente domesticados nas Américas.

**Raízes mesolíticas da agricultura e do pastoreio****Revolução Neolítica**

Domesticação: o que é?

Evidências do início da domesticação de plantas

Evidências do início da domesticação de animais

Início da domesticação

**Por que o homem se tornou produtor de alimentos**

O Crescente fértil

Outros centros de domesticação

**Produção de alimentos e tamanho da população****Expansão da produção de alimentos****Cultura dos povoados neolíticos**

Jericó: uma das primeiras comunidades agrícolas

Cultura material neolítica

Estrutura social

Culturas neolíticas nas Américas

**Período Neolítico e biologia humana****Período Neolítico e ideia de progresso****Resumo do capítulo**

Durante todo o Período Paleolítico, os homens primitivos dependiam exclusivamente de alimentos encontrados na natureza para sobreviver. Eles caçavam e faziam armadilhas, pescavam e recolhiam moluscos, ovos, bagas (morangos, amoras), frutos secos (nozes, castanhas), raízes e outros vegetais comestíveis, confiando em sua própria habilidade e força para obter o que a natureza oferecia. Sempre que as fontes de alimento se tornavam escassas, os grupos se ajustavam, aumentando a variedade de alimentos e incorporando outros, menos desejáveis, à sua dieta.

Com o tempo, as práticas de subsistência de alguns grupos começaram a mudar de tal forma que transformaram radicalmente seu modo de vida, pois estes deixaram de ser coletores e se tornaram produtores.<sup>1</sup> Para alguns dos grupos humanos, a produção de alimentos foi acompanhada de uma existência mais sedentária, que, por sua vez, permitiu a reorganização da carga de trabalho na sociedade: alguns indivíduos eram liberados da busca por alimentos para se dedicar a outras tarefas. No curso de milhares de anos, essas mudanças provocaram um modo de vida nunca imaginado. Com bons motivos, o Neolítico (literalmente, “nova Idade da Pedra”) é considerado um período revolucionário na história humana.

## RAÍZES MESOLÍTICAS DA AGRICULTURA E DO PASTOREIO

Como vimos no capítulo anterior, no fim do Paleolítico os humanos se disseminaram pelo mundo. Durante esse período, grande parte do Hemisfério Norte estava coberto por geleiras. Há 12.000 anos, o clima mais quente prevalecia e as geleiras diminuíram, provocando mudanças globais nos habitats humanos. Com o aumento do nível do mar, em todo o mundo, muitas áreas secas durante os períodos de glaciação – como o Estreito de Bering, partes do mar do Norte e grandes extensões de terra que ligavam as ilhas a leste da Indonésia à Ásia – ficaram inundadas.

Em algumas regiões do norte, o clima mais quente provocou mudanças acentuadas, permitindo a substituição da tundra improdutiva por florestas. Nesse processo, os rebanhos – dos quais os povos paleolíticos do norte dependiam

### GLOSSÁRIO

Neolítico, nova Idade da Pedra, período da história da humanidade aproximadamente 10.000 anos atrás, os humanos utilizavam tecnologia feita com pedra e dependiam de animais e vegetais domesticados.

<sup>1</sup> Rindos, D. *The origins of agriculture: An evolutionary perspective*. Orlando: Academic Press, 1984. p. 99.

para se alimentar, fazer roupas e abrigos – desapareceram de muitas áreas. Alguns animais, como o caribu e o boi almiscarado, mudaram-se para climas mais frios; outros, como os mamutes, desapareceram completamente. Nas novas florestas, os animais tinham hábitos ainda mais solitários. Como resultado, a caça em grupo já não era tão produtiva como antes. A dieta passou a incluir mais vegetais, peixes e outros alimentos, coletados perto de lagos, baías e rios. Na Europa, Ásia e África, esse período de transição do Paleolítico para o Neolítico é chamado Mesolítico, ou Média Idade da Pedra. Nas Américas, essas culturas são chamadas de **culturas arcaicas**.

Novas tecnologias acompanharam o ambiente pós-glacial modificado. Os povos começaram a manufaturar novos tipos de ferramentas de pedra, que eles lixavam para moldar e afiar; geralmente, também usavam areia como abrasivo adicional. Depois de moldadas e amoladas, tais pedras recebiam cabos feitos de madeira ou de chifre e eram transformadas em machados e enxadas, instrumentos de corte com lâmina afiada posicionada em ângulo reto em relação ao cabo. Embora esse tipo de implemento demorasse mais para ser manufaturado, a probabilidade de quebrar durante o trabalho pesado era menor em relação aos instrumentos feitos de pedra lascada. Assim, eram úteis para limpar áreas de floresta e para construir canoas feitas de um único tronco e barcos cobertos com pele. As evidências da presença de embarcações fortes, de boa navegabilidade e bem construídas nos sítios mesolíticos indicam que a coleta de alimentos acontecia tanto em mar aberto como em terra. Então, era possível utilizar recursos de águas profundas e também de áreas costeiras, rios e lagos.

O **micrólito**, uma lâmina pequena, dura e afiada, foi a ferramenta característica do Mesolítico. Embora tenha existido uma tradição microlítica (ferramentas de “pedras pequenas”) na África Central, há cerca de 40.000 anos,<sup>2</sup> tais ferramentas não se tornaram comuns em outros locais até o Mesolítico. Era possível produzir micrólitos em massa porque eles eram muito pequenos, de fabricação simples e podiam ser moldados a partir de partes de lâminas. Essas pequenas ferramentas eram presas na ponta de flechas ou outros instrumentos usando resina derretida (de pinheiros) como adesivo. Os micrólitos deram aos povos mesolíticos uma vantagem importante sobre os seus antepassados do Paleolítico Superior: o tamanho reduzido do micrólito permitia a criação de um número maior de ferramentas complexas feitas de pedra, madeira ou ossos. Assim, conseguiram criar foices, arpões, flechas, facas e adagas, encaixando micrólitos nas fendas de cabos de madeira, osso ou chifre. Ao longo do tempo, a experimentação com essas ferramentas levou à produção de outras mais sofisticadas, como arcos para lançar as flechas.

## GLOSSÁRIO

**Mesolítico** Média Idade da Pedra na Europa, Ásia e África. Iniciou-se há aproximadamente 12.000 anos.

**culturas arcaicas** Termo usado para se referir às culturas mesolíticas nas Américas.

**micrólito** Pequena lâmina de pedra encravada em cabos de madeira para ser usada como ferramenta, amplamente empregada no Período Mesolítico.

**cultura natufiana** Cultura mesolítica existente na região onde hoje se situam Israel, Líbano e oeste da Síria, entre aproximadamente 10.200 e 12.500 anos atrás.

**inovação** Qualquer nova ideia, método ou instrumento que tem ampla aceitação na sociedade.

**inovação primária** Criação, invenção ou descoberta casual de uma ideia, método ou instrumento completamente novo.

**inovação secundária** Aplicação ou modificação deliberada de uma ideia, método ou instrumento.

**domesticação** Processo evolutivo pelo qual o ser humano modifica, intencionalmente ou não, a formação genética de uma população de plantas ou animais, às vezes de modo que os membros dessa população se tornam incapazes de sobreviver e/ou se reproduzir sem o auxílio humano.

<sup>2</sup> Bednarik, R. G. Concept-mediated marking in the Lower Paleolithic. *Current Anthropology*, v. 36, p. 606, 1995.

As moradias do Mesolítico fornecem evidências de um estilo de vida mais estabelecido durante esse período. Os grupos que subsistiam com uma dieta de animais selvagens, frutos do mar e plantas, no ambiente de clima ameno e com florestas no norte, não precisavam se mudar regularmente e atravessar grandes áreas geográficas em busca de rebanhos migratórios.

Nas partes mais quentes do mundo, havia mais vegetais disponíveis, portanto, sua coleta complementou a caça, no Paleolítico Superior, muito mais que nas regiões mais frias do norte. Dessa forma, em áreas como o sudoeste da Ásia, o Mesolítico não foi um período de mudança tão acentuada no modo de vida, como aconteceu na Europa, onde floresceu a importante **cultura natufiana**.

Os natufianos viveram entre 10.200 e 12.500 anos atrás, na região leste do Mar Mediterrâneo, em cavernas, abrigos de rochas e pequenas vilas com casas de pedra e paredes cobertas de barro. O nome dessa cultura vem de Wadien-Natuf, uma ravina perto de Jerusalém, Israel, onde seus primeiros restos foram encontrados. Os natufianos enterravam os mortos em cemitérios comuns, geralmente em covas rasas, sem nenhum objeto ou decoração. Conhece-se um pequeno santuário, em uma de suas vilas, um povoado com 10.500 anos, em Jericó, no vale do rio Jordão. As depressões nas rochas, em forma de bacia, encontradas do lado de fora das casas, e poços de armazenagem revestidos com argamassa indicam que os natufianos formaram o primeiro grupo mesolítico a estocar vegetais. Certas ferramentas encontradas entre os restos natufianos sustentam a evidência de seu uso para cortar grãos. Essas foices mesolíticas consistiam de pequenas lâminas de pedra encaixadas em cabos retos de madeira ou osso.

O novo modo de vida das várias culturas arcaicas e mesolíticas geralmente fornecia alimento abundante para permitir que seus membros, em algumas partes do mundo, vivessem em grupos maiores e mais sedentários. Eles passaram a viver em aldeias, e algumas delas se expandiram e se transformaram em vilas agrícolas, pequenas cidades e, finalmente, grandes cidades.

## REVOLUÇÃO NEOLÍTICA

O Neolítico, ou Idade da Pedra Polida, recebeu esse nome em virtude das ferramentas de pedra polida, características desse período. Porém, mais importante que a presença dessas ferramentas é a transição cultural de uma economia com base na caça, pesca e coleta para uma economia com base na produção de alimentos, representando uma mudança importante nas práticas de subsistência dos primeiros povos. Embora muitos dos primeiros produtores de alimentos tenham passado a viver em vilas, outros grupos usavam ferramentas neolíticas e se estabeleceram em povoados, mas ainda mantinham o estilo de vida coletor, como alguns grupos o fazem até hoje. A Revolução Neolítica não foi de modo algum uniforme ou instantânea; na verdade, a mudança para a produção de alimentos durou muitos séculos – até mesmo milênios – e foi resultado direto do Período Mesolítico que a precedeu. Assim, nem sempre é fácil estabelecer uma divisão clara entre esses dois períodos.

A fonte principal de toda mudança cultural é a **inovação**: qualquer ideia, método ou instrumento novo que tem aceitação ampla na sociedade. **Inovação primária** é a criação, invenção ou descoberta casual de uma ideia, método ou instrumento completamente novo. **Inovação secundária** é a aplicação ou modificação deliberada de uma ideia, método ou instrumento.

Um exemplo de inovação primária é a descoberta de que, ao se cozer a argila, ela torna-se permanentemente dura (cerâmica). Presumivelmente, o cozimento acidental da argila ocorria com frequência nas fogueiras de preparo de alimentos, mas uma ocorrência casual não tem importância,

a menos que alguém perceba que existe uma aplicação para aquilo. Isso aconteceu há aproximadamente 25.000 anos, quando as pessoas começaram a fazer miniaturas de cerâmica. Contudo, foi somente em torno de 10.000 anos atrás que as pessoas perceberam a aplicação extremamente prática da queima da argila, empregando-a para a fabricação de recipientes e panelas de cerâmica.

As descobertas acidentais, responsáveis pelas inovações primárias, não são geradas por mudanças ambientais ou por qualquer outra necessidade, tampouco são necessariamente adaptativas. Entretanto, elas são estruturadas através do contexto cultural. O resultado da descoberta da cerâmica pelos povos coletores migratórios, há 25.000 anos, portanto, foi bem diferente do que aconteceu mais tarde, quando foi descoberta por agricultores já estabelecidos, no sudoeste da Ásia, onde desencadeou uma reação cultural em cadeia, pois uma invenção levava à outra, no início do Neolítico.

A mudança para a dependência relativamente total de plantas e animais domesticados levou vários milhares de anos. Embora essa transição tenha sido muito bem estudada no sudoeste da Ásia, existem evidências arqueológicas de produção de alimentos em outras partes do mundo, como na China, na América Central e nos Andes, em períodos semelhantes ou anteriores. O ponto crítico não é qual região criou a agricultura primeiro, mas a invenção independente ou mais ou menos simultânea da produção de alimentos em todo o mundo.

### **Domesticação: o que é?**

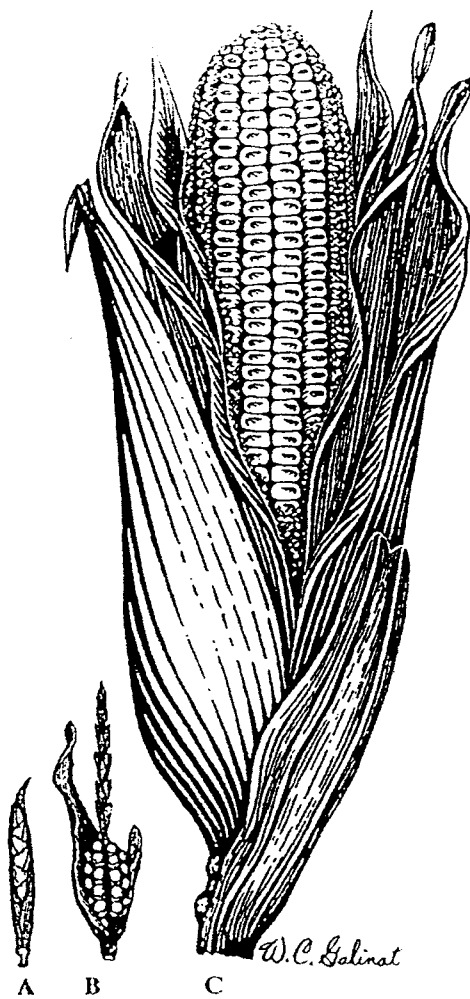
Domesticação é o processo pelo qual os seres humanos modificam, intencionalmente ou não, a formação genética de uma população de plantas ou animais, às vezes de modo que os membros dessa população se tornem incapazes de sobreviver e/ou se reproduzir sem o auxílio humano. A domesticação é essencialmente um caso especial de interdependência entre espécies diferentes frequentemente vistas na natureza, em que uma espécie depende de outra (de que se alimenta) para proteção e sucesso reprodutivo.

De acordo com Jared Diamond, biólogo evolucionista, geógrafo e teórico norte-americano, o ser humano não é a única espécie a domesticar outra. Certas formigas, nas regiões tropicais das Américas, cultivam, nos ninhos, cogumelos que lhes fornecem a maior parte dos nutrientes. Como os agricultores humanos, as formigas colocam esterco para estimular o crescimento e eliminar ervas daninhas, tanto mecanicamente como pelo uso de herbicidas antibióticos. Os cogumelos ficam protegidos e seu sucesso reprodutivo é garantido, proporcionando suprimento regular de alimento às formigas.<sup>3</sup>

Nas interações entre ser humano-plantas, a domesticação garante o sucesso reprodutivo e fornece alimentos. A reprodução seletiva elimina espinhos, toxinas e compostos químicos de sabor desagradável, que na natureza serviam para garantir a sobrevivência da espécie; ao mesmo tempo, produz partes comestíveis maiores e mais saborosas, que são mais atraentes para os seres humanos. O ambientalista norte-americano Michael Pollan sugere que as espécies de plantas domesticadas foram bem-sucedidas em explorar o desejo humano, desbancando outras espécies, e considera a "agricultura como algo que os vegetais menores fizeram com as pessoas para vencer as árvores".<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Diamond, J. *Ants, crops, and history*. *Science*, v. 281, p. 1974-1975, 1998.

<sup>4</sup> Pollan, M. *The botany of desire: A plant's-eye view of the world*. Nova York: Random House, 2001.



O tamanho maior de partes comestíveis é uma característica comum da domesticação. A espiga de milho (C) que conhecemos hoje é bem diferente da espiga de milho (com aproximadamente 3 cm de comprimento) característica de 5.500 anos atrás (B). O milho deve ter surgido quando uma mutação genética simples transformou o pendão masculino do teosinto (A) nas primeiras versões menores da espiga fêmea. O teosinto, uma gramínea selvagem das regiões montanhosas do México, é muito menos produtivo que o milho e não é muito saboroso. Como muitas plantas que foram domesticadas, ele não era um dos alimentos preferidos dos coletores. A domesticação o transformou em um alimento altamente desejável.

### Evidências do início da domesticação de animais

A domesticação também provocou mudanças na estrutura do esqueleto de alguns animais. Por exemplo, os chifres de cabras e carneiros selvagens são diferentes dos animais que foram domesticados. Alguns tipos de carneiros domesticados não têm chifres. Do mesmo modo, o tamanho de um animal, ou de certas partes de seu corpo, pode variar com a domesticação, como se pode notar no tamanho menor de certos dentes de porcos domesticados, em comparação com os de porcos selvagens.

### Evidências do início da domesticação de plantas

As plantas domesticadas geralmente diferem de seus ancestrais silvestres por características favorecidas pelo ser humano, incluindo tamanho maior, pelo menos das partes comestíveis; redução ou perda dos meios naturais de dispersão dos grãos; redução ou perda de aparelhos protetores, como casca seca ou componentes químicos de gosto ruim; perda ou germinação tardia das sementes (importante para a sobrevivência de plantas silvestres em períodos de seca ou outras condições adversas temporárias); desenvolvimento da maturação simultânea da semente ou do fruto.

Por exemplo, os cereais silvestres possuem caule muito frágil, os domesticados têm caule forte. Em condições naturais, as plantas de caule frágil espalham as sementes por si mesmas; as de caule forte, não. Durante a colheita, o caule frágil se despedaça com o golpe da foice e grande parte das sementes se perde. Inevitavelmente, embora sem intenção, a maior parte dos grãos colhidos teria sido retirada de plantas fortes. Os primeiros domesticadores provavelmente também tinham tendência a selecionar sementes de plantas com pouca ou nenhuma casca seca, reproduzindo-as, porque retirar a casca antes de triturar os grãos para fazer comida ou farinha exige trabalho extra.

Muitas das características peculiares das plantas domesticadas podem ser observadas em restos encontrados em sítios arqueológicos. Os paleobotânicos conseguem mostrar a diferença entre o fóssil de uma espécie silvestre e uma domesticada, por exemplo, estudando o formato e o tamanho das várias estruturas da planta.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Gould, S. J. *The flamingo's smile: Reflections in natural history*. Nova York: Norton, 1991. p. 368.



Um estudo da razão entre idade e sexo de animais abatidos, em um sítio arqueológico, pode indicar se houve domesticação. Os investigadores determinaram que, se a razão entre idade e/ou sexo é diferente daquela encontrada em um sítio arqueológico nos rebanhos selvagens, o desequilíbrio é resultado da domesticação. Os arqueólogos documentaram um aumento brusco no número de cabritos machos abatidos em sítios de 10.000 anos, nas montanhas Zagros, no Irã. Evidentemente, as pessoas abatiam os machos jovens para consumo enquanto as fêmeas eram mantidas para reprodução. Embora esse gerenciamento do rebanho não prove que os cabritos estivessem completamente domesticados, indica um passo nessa direção.<sup>6</sup> Da mesma forma, os sítios arqueológicos no altiplano andino, que datam de aproximadamente 6.300 anos atrás, contêm evidências de que esses animais eram mantidos em cativeiro, indicando o início da domesticação.

### Início da domesticação

Os cientistas ainda não têm todas as respostas sobre como e por que a domesticação aconteceu. Não obstante, três observações nos ajudam a entender como pode ter ocorrido a mudança para a produção de alimentos.

A primeira dessas observações é que essa transição não foi resultado de descobertas, como a de que as sementes, quando plantadas, se transformam em plantas. Os povos coletores contemporâneos têm plena consciência do papel das sementes no crescimento das plantas, sabem que elas crescem melhor sob certas condições e assim por diante. Jared Diamond descreve adequadamente os povos coletores contemporâneos como “enciclopédias ambulantes de história natural, com nomes específicos para mais de mil espécies de plantas e animais e com conhecimento detalhado sobre as características biológicas, distribuição e uso potencial destas”.<sup>7</sup> Além disso, eles frequentemente aplicam seus conhecimentos para gerenciar ativamente os recursos dos quais dependem. Por exemplo, os aborígenes (povos nativos) que vivem no norte da Austrália alteram deliberadamente a direção dos canais de escoamento dos riachos para inundar extensas áreas de terra, convertendo-as em campos cultivados com grãos selvagens. Os australianos nativos preferem continuar a coletar enquanto também gerenciam a terra.

A segunda delas é que a troca da coleta para a produção de alimentos não libera as pessoas do trabalho árduo. Na verdade, os dados etnográficos disponíveis indicam exatamente o contrário: que os agricultores, de modo geral, trabalham mais horas em comparação à maioria dos coletores.

Finalmente, a produção de alimentos não é necessariamente uma forma mais segura de subsistência que a coleta. A colheita resultante de sementes em particular – do tipo originalmente domesticado no sudoeste da Ásia, na América Central e no altiplano andino – é altamente produtiva, mas não é estável, do ponto de vista ecológico, pela baixa diversidade das espécies. Sem atenção humana constante, a sua produtividade diminui.

Por essas razões, é natural que os povos coletores não considerem necessariamente a agricultura e a criação de animais superiores à caça, coleta ou pesca. Assim, alguns povos continuam a ser coletores até hoje. Entretanto, isso tem se tornado cada vez mais difícil, porque os povos produtores

<sup>6</sup> Zeder, M. A.; Hesse, B. The initial domestication of goats (*Capra hircus*) in the Zagros Mountains 10,000 years ago. *Science*, v. 287, p. 2254-2257, 2000.

<sup>7</sup> Diamond, J. *Guns, germs, and steel*. Nova York: Norton, 1997. p. 143.

(incluindo as sociedades pós-industriais) vêm ocupando cada vez mais as terras necessárias para o modo de vida dos coletores. Para estes, contanto que as práticas existentes funcionem, não há necessidade de abandoná-las, principalmente se fornecem um modo de vida eminentemente satisfatório. Ao observar que os povos coletores têm mais tempo para descanso e lazer que os produtores de alimentos, o antropólogo norte-americano Marshall Sahlins classificou os caçadores-coletores como "a sociedade afluyente original".<sup>8</sup> A agricultura traz consigo um sistema totalmente novo de parentescos, que perturbam o antigo equilíbrio entre o homem e a natureza.

## **POR QUE O HOMEM SE TORNOU PRODUTOR DE ALIMENTOS**

Considerando tudo o que foi dito até agora, podemos muito bem perguntar: por que alguns grupos humanos abandonariam a coleta em favor da produção de alimentos?

Várias teorias já foram propostas para descrever essa mudança nas práticas de subsistência humana. Uma das mais antigas, defendida pelo arqueólogo australiano V. Gordon Childe, é a do dessecamento, ou do oásis, teoria que se baseia no determinismo ambiental. Seus proponentes defendem a ideia de que as geleiras que cobriram a Europa e a Ásia provocaram mudanças nos padrões de chuva da Europa até o norte da África e sudoeste da Ásia. Quando essas geleiras retrocederam em direção ao norte, o mesmo aconteceu com o padrão de chuvas. Como consequência, o norte da África e o sudoeste da Ásia se tornaram regiões mais secas e os povos foram obrigados a se congregarem em oásis para obter água. Como havia escassez relativa de comida nesse ambiente, a necessidade fez que as pessoas passassem a coletar plantas e grãos silvestres que cresciam em torno desses oásis, reunindo-se em uma região do sudoeste da Ásia conhecida como Crescente Fértil (Figura 5.1). Consequentemente, tiveram de cultivar essas plantas a fim de ter comida suficiente para a comunidade. De acordo com essa teoria, a domesticação de animais começou porque os oásis atraíam animais selvagens famintos, como cabras e bodes, ovelhas e carneiros, além de bois e vacas, que vinham beber água e pastar no que restava dos campos. Como esses animais geralmente eram muito magros para abate, as pessoas começaram a engordá-los para comê-los posteriormente.

Embora a teoria do oásis de Childe possa ser criticada sob vários aspectos, e muitas outras teorias já foram propostas para descrever a mudança para a domesticação, ela permanece historicamente significativa como a primeira explicação cientificamente testável para a origem da produção de alimentos. A teoria de Childe estabeleceu as bases para o desenvolvimento da arqueologia como ciência. As teorias desenvolvidas posteriormente pelos arqueólogos baseavam-se nas ideias de Childe e consideravam o papel das possíveis circunstâncias ambientais de uma região em especial, além de outros fatores culturais específicos que poderiam conduzir à mudança.

### **O Crescente Fértil**

As evidências atuais indicam que o início da domesticação de plantas aconteceu gradualmente no Crescente Fértil, uma imensa região em arco formada por vales de rios e planícies costeiras que se estende do Alto Nilo (Sudão) até as regiões mais baixas do Tigre (Iraque). Os dados arqueológicos sugerem a domesticação do centeio, há aproximadamente 13.000 anos, por povos que viviam em uma área (Abu

<sup>8</sup> Sahlins, M. *Stone age economics*. Chicago: Aldine, 1972.

Hureyra) a leste de Aleppo, na Síria, embora plantas e animais selvagens continuassem a ser sua principal fonte de alimento. Durante os vários milênios seguintes, eles se tornaram agricultores em tempo integral, cultivando centeio e trigo.<sup>9</sup> Há 10.300 anos, outros grupos na região também passaram a ser agricultores.

O processo da domesticação foi consequência da convergência casual de eventos naturais independentes e de outros desenvolvimentos culturais.<sup>10</sup> Os natufianos, cuja cultura vimos anteriormente neste capítulo, ilustram tal processo. Esse povo viveu em um período de mudanças cli-



Figura 5.1 A região do Crescente Fértil no sudoeste da Ásia e a área da cultura natufiana.

máticas dramáticas, no sudoeste asiático. Com o fim da última glaciação, as temperaturas não só ficaram significativamente mais quentes, mas também passaram a ser sazonais. Entre 6.000 e 12.000 anos atrás, a região sofreu a sazonalidade mais extrema de sua história, com verões secos significativamente mais longos e muito mais quentes que os de hoje. Como consequência do aumento da evaporação, muitos lagos rasos secaram, restando apenas três, no vale do rio Jordão. Ao mesmo tempo, as plantas da região mudaram dramaticamente. As que estavam mais bem adaptadas à instabilidade ambiental e secas sazonais eram anuais, incluindo cereais e legumes (como ervilhas, lentilhas e grãos-de-bico). Uma vez que elas completam o seu ciclo de vida em um ano, essas plantas anuais podem se desenvolver rapidamente em condições instáveis. Além disso, elas armazenam as habilidades reprodutivas para produzir sementes abundantes, que podem ficar adormecidas por períodos prolongados na estação úmida seguinte.

Os natufianos, que viviam onde essas condições eram principalmente severas, adaptaram-se, modificando suas práticas de subsistência de duas formas. Primeiro, eles provavelmente queimavam a área regularmente para que os ramos novos servissem de alimento para o veado vermelho e as gazelas, alvo principal de suas atividades de caça. Segundo, eles davam grande ênfase à coleta de grãos selvagens das plantas anuais que poderiam ser eficientemente armazenadas e consumidas durante a estação seca. A importância do alimento armazenado e a escassez de fontes de água promoveram padrões de vida sedentários, que se refletiram nas sólidas vilas dos últimos períodos dos natufianos. A dependência de grãos para a subsistência dos natufianos foi possível porque eles já

<sup>9</sup> Pringle, H. The slow birth of agriculture. *Science*, v. 282, p. 1446-1449, 1998.

<sup>10</sup> McCorrison, J.; Hole, F. The ecology of seasonal stress and the origins of agriculture in the Near East. *American Anthropologist*, v. 93, p. 46-69, 1991.

possuíam foices (originalmente usadas no corte de junco e papiro para fazer cestas) para usar na colheita e pedras de triturar para processar vários alimentos silvestres.<sup>11</sup>

O uso de foices para a colheita de grãos resultou em consequências importantes, novamente inesperadas, para os natufianos. Durante a colheita, era inevitável que muitos grãos se dispersassem e se perdessem pelos campos, enquanto os de plantas que não se espalhavam facilmente eram levados para locais onde eram processados e armazenados.<sup>12</sup>

As queimadas periódicas, realizadas para que os rebanhos de veados e gazelas se alimentassem, talvez também tenham afetado o desenvolvimento de uma nova variação genética. Sabe-se que o calor afeta as taxas de mutação. Além disso, o fogo remove os indivíduos de uma população, o que modifica sua estrutura genética drástica e rapidamente. Como os grãos de variantes que não se dispersam facilmente eram levados para as vilas, era inevitável que alguns dos que se perdiam germinassem e crescessem em locais de descarte de lixo e outros (latrinas, áreas sem árvores ou regiões queimadas).

Muitas plantas domesticadas eram "colonizadoras", variações que se reproduzem bem em habitats transformados. Além do mais, como os povos se tornavam cada vez mais sedentários, esses habitats se expandiram à medida que os recursos próximos dos povoados se esgotavam com o tempo. Portanto, as variações de plantas particularmente suscetíveis à manipulação humana tinham mais oportunidades de florescer onde os grupos viviam. Nessas circunstâncias, era inevitável que, por fim, esses povos comesçassem a promover ativamente seu crescimento, plantando-as deliberadamente. Por fim, as pessoas perceberam que podiam ter um papel mais ativo no processo, cultivando deliberadamente as variedades que preferiam. Com isso, pode-se afirmar que a domesticação se alterou de um processo não intencional para um intencional.

O desenvolvimento da domesticação de animais no sudoeste asiático parece ter seguido linha semelhante na região montanhosa do sudeste da Turquia, no norte do Iraque e nas Montanhas Zagros, no Irã. Grandes rebanhos de cabras e ovelhas, assim como a diversidade ambiental, caracterizavam essas regiões. A partir das planícies inundáveis dos vales dos rios Tigre e Eufrates, por exemplo, seguindo em direção norte ou leste, pode-se chegar às regiões altas através de três outras zonas: primeira, a estepe; em seguida, as zonas de florestas de carvalho e pistache; e, finalmente, o planalto com gramíneas, arbustos ou vegetação de deserto. Os vales que cortam essas cadeias de montanhas oferecem acesso relativamente fácil através dessas zonas. Atualmente, alguns povos que vivem na região ainda criam os seus rebanhos de cabras e ovelhas nas estepes baixas, no inverno, e as transferem para pastos mais altos nos platôs, no verão.

No período anterior à domesticação de plantas e animais, encontramos a região habitada por povos cujo padrão de subsistência, como o dos natufianos, era a coleta de alimentos. Encontravam-se plantas distintas em cada zona ecológica e, em virtude da variação de altitude, as plantas comestíveis amadureciam em períodos diversos em diferentes zonas. Muitas espécies de animais eram caçadas por esses povos, para se obter carne e couro, destacando-se os ungulados: veados, gazelas, cabras e ovelhas selvagens. Seus ossos são muito mais comuns em montes de descarte, feitos pelos humanos, que os de outros animais. Isso é significativo, pois muitos desses animais migram naturalmente de pastagens baixas, no inverno, para outras mais altas, no verão. As pessoas seguiam esses animais nas migrações sazonais, utilizando outros tipos de alimento silvestre nas zonas por onde passavam:

<sup>11</sup> Olszewki, D. I. Comment. *Current Anthropology*, n. 32, p. 43, 1991.

<sup>12</sup> Blumer, M. A.; Byrne, R. The ecological genetics and domestication and the origins of agriculture. *Current Anthropology*, n. 32, p. 30, 1991.

tâmaras, nas regiões baixas; bolotas (fruto do carvalho), amêndoas e pistaches, em áreas mais altas; maçãs e peras, em regiões ainda mais altas; grãos selvagens que amadureciam em épocas distintas em zonas diferentes; animais nas zonas de florestas, entre as áreas de pastagem de inverno e verão. Considerando tudo isso, era uma viagem rica e variada.

O registro arqueológico indica que, no início, animais de todas as idades e sexos eram caçados pelos povos das regiões altas do sudoeste asiático. Porém, cerca de 11.000 anos atrás, a porcentagem de cordeiros abatidos para alimentação aumentou quase 50% do total. Ao mesmo tempo, diminuiu a porcentagem de fêmeas abatidas (o número de cordeiros para alimentação aumentou porque as fêmeas eram separadas para procriação). Isso marca o início do gerenciamento humano dos rebanhos de ovelhas. À medida que esse gerenciamento se tornou mais eficiente, os rebanhos eram cada vez mais protegidos dos efeitos da seleção natural, possibilitando que as variações preferidas dos seres humanos tivessem sucesso reprodutivo cada vez maior. As variações atrativas aos humanos não surgiram por necessidade, mas aleatoriamente, como acontece com as mutações. Então os seres humanos criavam seletivamente as suas variações preferidas. Dessa forma, os aspectos característicos das ovelhas domésticas, como maior produção de gordura e carne, maior quantidade de lã, começaram a se desenvolver. Há cerca de 9.000 anos, o tamanho e o formato dos ossos da ovelha doméstica se tornaram distintos dos da ovelha selvagem. Quase ao mesmo tempo, desenvolvimentos similares aconteciam no sudeste da Turquia e na região baixa do vale do rio Jordão, onde os porcos eram o foco de atenção.<sup>13</sup>

Alguns pesquisadores recentemente relacionaram a domesticação de animais ao desenvolvimento de territórios e povoados fixos. Sem a noção de propriedade de recursos, eles sugerem que provavelmente os caçadores não adiariam o ganho de curto prazo da caça pelo de longo prazo do acesso contínuo a animais no futuro.<sup>14</sup> Consequentemente, as espécies de animais domesticados em uma área foram introduzidas em outras fora de seu habitat natural.

Resumindo, os domesticadores de plantas e animais procuravam apenas maximizar as fontes de alimento disponíveis. Eles não tinham consciência das consequências culturais revolucionárias que seus atos produziram ao longo prazo. Entretanto, à medida que o processo continuou, a produtividade das espécies domésticas aumentou em relação às selvagens. Assim, elas se tornaram cada vez mais importantes para a subsistência, resultando em mais domesticação e mais aumento na produtividade.

## Outros centros de domesticação

Além do sudoeste asiático, a domesticação de plantas e, em alguns casos, de animais aconteceu independentemente no sudeste da Ásia, partes das Américas (América Central, altiplano andino, florestas tropicais da América do Sul e leste da América do Norte), norte da China e África (Figura 5.2). Na China, a domesticação do arroz se desenvolveu ao longo do rio Yang-Tsé, há aproximadamente 11.000 anos.<sup>15</sup> No entanto, somente 4.000 anos mais tarde o arroz domesticado predominou sobre o silvestre como base da dieta.

### GLOSSÁRIO

**vegecultura** Cultivo de alzes e tubérculos domesticados, como batata-doce e inhame.

**vegecultura** Cultivo de alzes e tubérculos domesticados, como batata-doce e inhame.

<sup>13</sup> Pringle, op. cit., p. 1448.

<sup>14</sup> Alvard, M. S.; Kuznar, L. Deferred harvest: The transition from hunting to animal husbandry. *American Anthropologist*, n. 103, v. 2, p. 295-311, 2001.

<sup>15</sup> Pringle, op. cit., p. 1449.



**Figura 5.2** O início da domesticação de plantas e animais ocorreu em áreas distantes como o sudoeste da Ásia (A1), a África Central (A2), a China (B1), o sudeste da Ásia (B2), a América Central (C1), a América do Sul (C2) e a América do Norte (C3).

No sudeste asiático, a decoração da cerâmica, datada entre 5.000 e 8.800 anos atrás, documenta o arroz como a primeira espécie domesticada. Essa região, no entanto, é principalmente conhecida pela domesticação de raízes, destacando-se o inhame e a batata-doce. O cultivo de raízes, **vegecultura**, tipicamente envolve o plantio de muitas espécies diferentes em um único campo. Como se aproxima da complexidade da vegetação natural, ela tende a ser mais estável que o cultivo de grãos. A propagação ou reprodução de novas plantas ocorre tipicamente através de meios vegetativos, com o plantio de mudas em vez de sementes.

Nas Américas, a domesticação de plantas começou praticamente na mesma época que nas outras regiões. Uma espécie de abóbora domesticada pode ter sido cultivada há aproximadamente 10.000 anos nas florestas da costa do Equador. No mesmo período, outra espécie era cultivada em uma região árida do altiplano mexicano.<sup>16</sup> Evidentemente, esses acontecimentos ocorreram de forma independente uns dos outros. A diversidade ecológica dos vales do altiplano mexicano, a exemplo da região de colinas do sudoeste asiático, apresentava um ambiente excelente para a domesticação. A movimentação dos povos através de zonas ecológicas variadas, conforme a altitude mudava, trouxe espécies de plantas e animais para novos habitats, fornecendo oportunidades para a "colonização" de espécies e seres humanos.

A domesticação no altiplano andino do Peru, outra região de grande diversidade ambiental, enfatizava o cultivo de raízes, das quais a batata é a mais conhecida (aproximadamente 3.000 variedades eram cultivadas, contra os meros 250 tipos cultivados hoje na América do Norte). Os povos da América do Sul também domesticaram os porquinhos-da-índia, as lhamas, as alpacas e os patos. Os povos do planalto mexicano nunca avançaram muito com animais domésticos. Limitaram-se aos cachorros, aos perus e às abelhas. Os indígenas americanos que viviam no norte do México desenvolveram algumas espécies nativas domesticadas que incluíam variedades locais de abóbora e girassol.

Finalmente, os indígenas americanos domesticaram mais de 300 tipos de alimento, incluindo dois dos quatro mais importantes no mundo hoje: a batata e o milho (os outros dois são o trigo e o arroz).

<sup>16</sup> Ibidem, p. 1447.

Na verdade, 60% das safras plantadas em todo o mundo hoje foram cultivadas antes pelos povos nativos das Américas, que não só permanecem como os desenvolvedores do maior grupo de alimentos nutritivos, mas também são os principais colaboradores da grande diversidade da cozinha mundial.<sup>17</sup> Afinal, o que seria da cozinha italiana sem os tomates? Da tailandesa, sem os amendoins? Da do norte da Europa, sem as batatas? Não é à toa que os nativos das Américas são considerados os maiores agricultores do mundo.<sup>18</sup>

Com a domesticação das plantas, começaram a surgir as sociedades de **horticultura**. Estas eram pequenas comunidades de jardineiros que empregavam ferramentas simples e não usavam irrigação nem arado. Os horticultores tipicamente cultivavam várias plantas em pequenos jardins limpos manualmente. A sofisticação dos métodos agrícolas antigos, usados pelos povos indígenas da Floresta Amazônica, fica evidente na pesquisa conduzida por um grupo internacional de arqueólogos e outros cientistas. Esses métodos antigos, que deixavam o solo escuro rico para trás, podem ter aplicações importantes para os seres humanos hoje, como explica o “Estudo Original” deste capítulo. Reviver essas técnicas antigas de enriquecimento do solo pode contribuir para o melhor gerenciamento global das florestas tropicais e do clima.

### Estudo Original O verdadeiro solo fértil da Floresta Amazônica

Charles C. Mann

IRANDUBA, ESTADO DO AMAZONAS, BRASIL – Acima de um poço escavado por um grupo de arqueólogos, há um pomar de mandeíros repleto de árvores vigorosas carregadas de frutos verdes e carnudos. Abaixo da superfície existe um tipo diferente de riqueza: centenas, talvez milhares, de urnas funerárias e milhões de pedaços de cerâmica quebrada, tudo pertencente a um povo quase desconhecido que floresceu aqui antes da chegada dos colonizadores. Surpreendentemente, o que pode ser mais importante sobre esse local, no centro da Amazônia, não é o pomar vibrante ou a extraordinária quantidade de cerâmica, mas a terra sob as árvores e em volta da cerâmica. O solo preto é rico, conhecido localmente como *terra preta de Índio*, sustentou grandes povoadamentos nessas áreas durante dois milênios, segundo o grupo arqueológico formado por cientistas brasileiros e norte-americanos que aqui trabalha.

Em toda a Amazônia, os agricultores valorizam a terra preta pela grande produtividade – alguns agricultores trabalham a terra durante anos com fertilização mínima. Essa fertilidade duradoura é uma anomalia nos trópicos. Apesar do crescimento exuberante da floresta tropical, o solo vermelho é árido e se desgasta rapidamente sob o impacto de chuvas torrenciais e da erosão causada por rios e enchentes. Nesse tipo de solo, com o tempo, a matéria orgânica do carbono da madeira morta acaba armazenada no solo, como um depósito de tempo e da mesma vegetação que o criou. Quando os rios e rios, erodores de chão, e agricultores eliminam a vegetação do solo, a nova matéria orgânica se acumula rapidamente em uma quantidade que permanece no solo, o que é a razão pela qual a terra fértil é tão comum na cabeceira de muitos rios. Um dos motivos pelo qual os arqueólogos frequentemente se referem às florestas tropicais como “deserto úmido”.

<sup>17</sup> Weatherford, J. *Indian givers: How the Indians of the Americas transformed the world*. Nova York: Fawcett Columbine, 1998, p. 71, v. 115.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 95.

Como a terra preta está sujeita às mesmas condições que o oxissolo do entorno, "sua existência é surpreendente", afirma Bruno Glaser, químico do Instituto de Ciências e Geografia do Solo da Universidade de Bayreuth, Alemanha. "Se você considerar o que dizem os livros, este tipo de solo não deveria existir." Contudo, conforme afirma William I. Woods, geógrafo da Southern Illinois University, em Edwardsville, a terra preta pode cobrir aproximadamente 10% da Amazônia, uma área do tamanho da França. O que é ainda mais notável, ela parece ser o produto da habitação intensiva de populações ameríndias pré-históricas. "Eles praticaram a agricultura aqui durante séculos", afirma Glaser. "Mas não destruíram o solo, ao contrário, melhoraram, e isso é algo que não sabemos como fazer hoje."

Nos últimos anos, um pequeno, mas crescente, grupo de pesquisadores – geógrafos, arqueólogos, cientistas do solo, ecologistas e antropólogos – investiga esse "presente do passado", como foi chamada a terra preta pelo falecido antropólogo James B. Petersen, membro fundador do grupo de Iranduba. Esses pesquisadores esperam que, ao entender como os grupos indígenas criaram o solo escuro da Amazônia, os cientistas de hoje possam conseguir transformar parte do oxissolo da região na nova terra preta. Na verdade, programas experimentais para produzir a "nova terra preta" já foram iniciados. A pressão da população e as políticas do governo causam o desflorestamento rápido nos trópicos, e o solo pobre dessas regiões faz com que esse desmatamento não seja economicamente viável no longo prazo, uma vez que é ecologicamente prejudicial.

## A BOA TERRA

A terra preta está espalhada por toda a Amazônia, mas é encontrada com mais frequência nas colinas baixas que ficam perto dos rios, o tipo de terreno onde os grupos indígenas preferiam viver. De acordo com Eduardo Neves, arqueólogo da Universidade de São Paulo, que integra o grupo de Iranduba, os depósitos mais antigos datam de mais de 2.000 anos e ocorrem nas regiões centrais e baixas da Amazônia; parece que, então, a terra preta se disseminou para outras culturas rio acima. Entre os anos 500 a 1000 d.C., segundo ele, a terra preta apareceu em quase todas as partes da Bacia Amazônica.

Tipicamente, as regiões de terra preta cobrem entre 1 e 5 hectares, mas algumas delas chegam a 300 hectares ou mais. A terra preta tem geralmente 40 a 60 centímetros de profundidade, mas pode chegar a mais de 1 metro. Quase sempre é um solo fértil e produtivo. Embora as áreas de terra preta tenham sido usadas por séculos e até provavelmente pela agricultura, como afirmam os geólogos, como William I. Woods, elas ainda estão entre as mais desejadas da Amazônia. Na verdade, elas são valiosas que os moradores locais as vendem como terra para vacas. Para constatação dos arqueólogos, há longas jardineiras repletas de terra preta com pedaços de cerâmica pré-colombiana no aeroporto da cidade de Santarém para sazonais visitantes.

Como todo o resto, a terra preta apresenta maior concentração de matéria orgânica embaixo e no horizonte A do que o oxissolo adjacente, também apresenta maior quantidade de matéria orgânica, retém melhor a umidade e os nutrientes e, quando bem gerenciada, não fica rapidamente esgotada pelo uso agrícola.





O segredo da grande fertilidade da terra preta, segundo Glaser, é o carvão vegetal; ela contém até 70 vezes mais que o oxissolo adjacente. "O carvão vegetal evita que a matéria orgânica seja mineralizada rapidamente", afirma Glaser. "Com o tempo, ela oxida parcialmente, o que continua a fornecer locais para os nutrientes se agregarem." Mas não basta misturar carvão vegetal ao solo para criar a terra preta. Como o carvão vegetal contém poucos nutrientes, diz Glaser, "o acréscimo de grandes quantidades de nutrientes, através de excrementos e lixo, como restos de tartaruga, peixe e ossos de animais, foram necessários". Parece que os micro-organismos especiais do solo também têm um papel importante na fertilidade persistente, na visão de Janice Thies, ecologista que faz parte do grupo da Universidade de Cornell responsável pelo estudo da terra preta. "Há indícios de que a biomassa de micróbios é maior na terra preta", afirma ela, o que aumenta a possibilidade de que os cientistas consigam criar um "pacote" de carvão vegetal, nutrientes e microfauna que poderia ser usado para transformar oxissolo em terra preta.

### QUEIMADA E CARVÃO

Surpreendentemente, parece que a terra preta não foi criada por queimadas, prática comum nos trópicos. Na queimada o agricultor corta a vegetação e então a queima, usando a cinza para dar nutrientes ao solo, que é cultivado por alguns anos; quando a produtividade diminui, o agricultor usa outra área da floresta. Glaser, Woods e outros pesquisadores acreditam que os antigos indígenas amazônicos criaram a terra preta através de um processo que Christoph Steiner, cientista do solo da Universidade de Bayreuth, chamou de "queimada e carvão".

Em vez de queimar completamente a matéria orgânica e reduzi-la a cinzas, como ocorre hoje, os indígenas faziam uma queimada parcial, isto é, até virar carvão, que então era misturado diretamente no solo. Mais tarde, os indígenas acrescentavam nutrientes e, em um processo análogo ao acréscimo de fermento à massa de pão, possivelmente o solo ficava enriquecido com os micro-organismos. Além dos benefícios potenciais para o solo, essa técnica libera muito menos carbono na atmosfera em comparação com a queimada total da vegetação, que tem implicações potenciais para as mudanças do clima.

(Mann, Charles. *Science*, n. 297, p. 920-923. Copyright © by the American Association for the Advancement of Science. Reimpresso com permissão.)

Considerando separadamente as inovações da domesticação, é interessante notar que em todos os casos os povos desenvolveram os mesmos tipos de alimento. Em todos os lugares, os grãos de amido (ou raízes) são acompanhados por um ou mais tipos de legume: trigo e cevada com ervilhas, grão-de-bico e lentilha, no sudoeste asiático; milho com vários tipos de feijão, no México, por exemplo. Juntos, os aminoácidos (blocos construtores de proteínas) dessas combinações de amido e legumes fornecem proteínas suficientes ao ser humano. Os grãos de amido são a base da dieta e ingeridos em cada refeição na forma de pão, algum tipo de envoltório (como uma torta), mingau/papa ou agente espessante em cozidos com um ou mais legumes. Como têm sabores suaves, essas fontes de carboidrato e proteínas são geralmente combinadas com outras substâncias para dar mais sabor ao alimento.

No México, por exemplo, o tempero favorito para realçar o sabor é a pimenta; em outras cozinhas, pode ser um pedaço de carne ou tocinho, um derivado do leite ou cogumelos. O antropólogo Sidney Mintz refere-se a isso como *padrão base-legumes-temperos* (*core-fringe-legumepattern* – CFLP) e ressalta que apenas recentemente esse padrão vem sendo alterado pela disseminação mundial do açúcar refinado e de alimentos com alto teor de gordura.<sup>19</sup>

## PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E TAMANHO DA POPULAÇÃO

A população humana vem crescendo regularmente desde o Neolítico. A relação exata entre crescimento populacional e produção de alimentos é similar à velha pergunta sobre o ovo e a galinha. Alguns afirmam que o crescimento da população cria pressões que resultam em inovações, como a produção de alimentos, enquanto outros sugerem que esse crescimento é uma consequência dessa produção. Como já se observou, a domesticação inevitavelmente provoca mais produção e isso permite alimentar mais pessoas, mesmo à custa de mais trabalho.

Embora o aumento na dependência da agricultura esteja associado ao aumento da fertilidade nas populações humanas,<sup>20</sup> as razões por trás disso ilustram a relação complexa entre biologia e cultura em todas as atividades humanas. Alguns pesquisadores sugerem que a disponibilidade de alimentos leves para crianças, provocada pela agricultura, promoveu o crescimento da população. Nos humanos, a amamentação frequente enfraquece a ovulação da mulher, inibindo a gravidez naquelas que apenas amamentam. Como a frequência da amamentação diminuiu com a introdução de alimentos leves, a fertilidade tende a aumentar.

Contudo, seria excessivamente simplista limitar a explicação sobre mudanças na fertilidade apenas à introdução desses alimentos. Existem muitas outras formas que também provocam alterações na fertilidade. Por exemplo, entre os agricultores, o grande número de filhos é frequentemente visto como mão de obra para ajudar nos diversos trabalhos domésticos. Além disso, não se sabe se o modo de vida sedentário e a dieta que enfatizava uma pequena variedade de alimentos, característicos do Neolítico, provocaram o aumento das taxas de doenças infecciosas e de mortalidade. As altas taxas de mortalidade infantil podem muito bem ter levado a um valor cultural que enfatizava a fertilidade cada vez maior. Em outras palavras, a relação entre agricultura e fertilidade não é nada simples, como mostra a “Conexão Biocultural” deste capítulo.

## EXPANSÃO DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

Como um paradoxo, embora a domesticação aumente a produtividade, ela também eleva a instabilidade. Isso acontece porque as variedades com melhores produtos se tornam o centro da atenção humana, enquanto as que possuem menor valor são, por fim, ignoradas. Como resultado, os agricultores se tornam dependentes de uma pequena gama de recursos, ao contrário da ampla variedade utilizada pelos povos coletores. Hoje, essa variedade diminuiu ainda mais. Os agricultores modernos dependem de cerca de doze espécies de plantas, responsáveis por quase 80% da tonelagem mundial anual de todas as safras.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Mintz, S. A taste of history. In: Haviland, W. A.; Gordon, R. J. (Eds.) *Talking about people*. 2. ed. Mountain View, CA: Mayfield. p. 81-82.

<sup>20</sup> Sellen, D. W.; Mace, R. Fertility and mode of subsistence: A phylogenetic analysis. *Current Anthropology*, n. 38, p. 886, 1997.

<sup>21</sup> Diamond. *Guns, germs, and steel*, p. 132

Essa dependência significa que, quando uma safra é arruinada, por qualquer razão, os agricultores têm menos opções a que recorrer em comparação com os grupos coletores. Ademais, a probabilidade de perda da safra aumenta por causa da prática comum dos agricultores de plantarem produtos diferentes na mesma área, de maneira que uma doença contraída por uma planta pode se espalhar para as outras. Além disso, como dependem de sementes das plantas mais produtivas de uma espécie para estabelecer a safra seguinte, os agricultores favorecem a uniformidade genética, e não a diversidade. O resultado é que, se algum vírus, bactéria ou fungo destruir uma planta, provavelmente destruirá todas elas. Foi isso o que aconteceu durante a terrível escassez de batatas, na Irlanda, entre 1845-1850, que provocou a morte de quase 1 milhão de pessoas por inanição e doenças, e forçou quase 2 milhões delas a abandonar o país e a emigrar. A população da Irlanda diminuiu de 8 milhões de pessoas, antes da Grande Fome, para apenas 5 milhões, depois que a crise passou.

### Conexão Biocultural Amamentação, fertilidade e crenças

Os estudos transculturais indicam que as populações agrícolas geralmente apresentam taxas de fertilidade maiores que as de caçadores-coletores. Essas diferenças foram calculadas em relação ao número médio de filhos por mulher e à média de anos entre as gravidezes ou os nascimentos. As mulheres de grupos caçadores-coletores têm um filho a cada 4 ou 5 anos, enquanto algumas populações agrícolas contemporâneas, que não usam nenhum método de controle de natalidade, têm filhos a cada 18 meses.

Durante muito tempo, essa diferença foi interpretada como uma consequência do estresse nutricional entre os caçadores-coletores. Tal teoria baseou-se em parte na observação de que os seres humanos e muitos outros mamíferos requerem certa porcentagem de gordura no corpo para se reproduzirem com sucesso. Essa teoria também se fundamentou na crença cultural errônea de que o estilo de vida caçador-coletor, supostamente inferior ao de grupos "civilizados", não poderia fornecer nutrição adequada para nascimentos mais próximos. Estudos detalhados dos antropólogos Melvin Konner e Marjorie Shostak, realizados com o grupo !kung ou ju/hoansi que vive no deserto de Kalahari no sul da África, refutam essa teoria e descrevem uma relação notável entre os padrões biológicos e culturais na alimentação das crianças.

As observações detalhadas das práticas de alimentação das crianças dos ju/hoansi foram combinadas com estudos dos níveis hormonais das mulheres que amamentavam, conduzidos por Carol Worthman. As mães ju/hoansi não acreditam que a amamentação deva seguir um cronograma específico, como recomendam alguns especialistas norte-americanos. Também não acreditam que o choro faz bem para



Konner, M. & Worthman, C. Nursing frequency, gonadal function, and milk spacing among !kung and ju/hoansi women. *Science* 207, n. 728-79, 1980.

Shostak, M. *Naming people and words of !kung women*. Nova York: Random House, 1983.

o bebê. Ao contrário, elas atendem seus bebês imediatamente e os alimentam sempre que mostram qualquer sinal de agitação, durante o dia ou a noite. O padrão resultante é a amamentação em períodos curtos e muito frequente. Juntos, os estudos etnográficos e de laboratório documentam que esse padrão de amamentação estimula o corpo a suprimir a ovulação, ou a liberação de um óvulo para fertilização. Os sinais hormonais da estimulação dos mamilos, através da amamentação, controlam o processo de ovulação. Portanto, a média de anos entre os nascimentos no grupo ju/'hoansi não é uma consequência do estresse nutricional. Em vez disso, são as práticas e crenças dos ju/'hoansi sobre amamentação de bebês que afetam diretamente a biologia da fertilidade.

A Grande Fome, na Irlanda, ilustra como a combinação entre aumento da produtividade e vulnerabilidade pode contribuir para a disseminação geográfica da agricultura. Inúmeras vezes, no passado, o crescimento da população, seguido pela perda de safras, provocou a movimentação de povos e pessoas de uma região para outra, onde reestabeleceram as suas práticas de subsistência doméstica já conhecidas. Assim, depois do surgimento da agricultura, ficou mais ou menos garantido que ela se disseminaria para regiões vizinhas, por meio de tais migrações. Do sudoeste asiático, por exemplo, a agricultura se disseminou na direção nordeste e, conseqüentemente, para toda a Europa; para oeste, até alcançar o norte da África, e para leste, na Índia. As variações domesticadas também se disseminaram da China e do sudeste da Ásia para o oeste. Aqueles que transportaram as safras para novas localidades também trouxeram outras coisas, incluindo linguagem, crenças e novos alelos para o agrupamento de genes humanos. A disseminação de certas ideias, costumes ou práticas de uma cultura para outra é conhecida como **difusão**.

Uma difusão similar ocorreu do oeste para o sudeste africano, criando a distribuição moderna de grande alcance de falantes das línguas banto. As safras de sorgo (hoje tão valioso que é cultivado em áreas secas e quentes de todos os continentes), milheto, melancia, feijão-de-corda, batata-doce africana, palmeiras de óleo e castanhas de cola (matéria-prima dos refrigerantes de cola) foram primeiro domesticadas no oeste da África, mas começaram a se espalhar para o leste cerca de 5.000 anos atrás. Entre 2.000 e 3.000 anos, os falantes de banto chegaram com suas safras na costa leste do continente e, alguns séculos mais tarde, na região onde hoje se localiza a África do Sul.

## CULTURA DOS POVOADOS NEOLÍTICOS

Alguns povoados neolíticos foram explorados, particularmente no sudoeste da Ásia. As estruturas, os artefatos e restos de alimentos encontrados nesses sítios revelam muitos aspectos das atividades cotidianas dos habitantes, e como eles lutavam pela sobrevivência. Talvez o mais famoso desses sítios seja Jericó, uma das primeiras comunidades agrícolas, no vale do rio Jordão, na Palestina.

### Jerico: uma das primeiras comunidades agrícolas

#### GLOSSÁRIO

Este glossário contém os termos mais importantes utilizados no texto. Para mais informações, consulte o glossário completo no final do livro.

As escavações no povoado neolítico, que mais tarde mostrou ser a cidade bíblica de Jericó, revelaram os restos de uma comunidade agrícola de tamanho razoável, habitada há aproximadamente 10.350 anos. Ali, no vale do rio Jordão, as safras podiam ser

cultivadas quase que continuamente, graças à presença de uma fonte de água abundante e ao solo rico de um lago do Período Glacial, que havia secado quase 3.000 anos antes. Além disso, os depósitos resultantes das cheias que se originavam nas regiões montanhosas da Judeia, a oeste, renovavam a fertilidade do solo.

Para se proteger das cheias e dos fluxos de lama a elas associados, assim como de invasores, o povo de Jericó construiu imensas muralhas em torno do povoado.<sup>22</sup> Cercadas por essas muralhas (com 2 metros de largura e quase 4 metros de altura) e por uma imensa vala cortada na rocha (com mais de 8 metros de largura e quase 3 metros de profundidade), entre 400 e 900 pessoas viveram em casas de tijolos feitos de barro, com assoalho recoberto de argamassa, organizadas em torno de pátios. Além das casas, havia uma torre de pedra, que 100 pessoas teriam levado 104 dias para construir, no lado interno de um dos cantos da muralha, perto da fonte. Uma escadaria em seu interior provavelmente levava a uma construção de tijolos no topo. Nos arredores, havia construções para armazenagem e estruturas peculiares, possivelmente para cerimônias. O cemitério da vila também refletia a vida sedentária levada por esses primeiros povos. Os grupos nômades, com poucas exceções, raramente enterravam os mortos em um único local.

O contato próximo entre os agricultores de Jericó e os de outras vilas é indicado por características comuns na arte, nos rituais, no uso de produtos de prestígio e nas práticas de sepultamento. Há evidências da prática do comércio; obsidianas e turquesas, do Sinai, e conchas marinhas, da costa, foram as encontradas no interior das muralhas de Jericó.

### **Cultura material neolítica**

Várias inovações na área de produção de ferramentas, cerâmica, moradia e vestimentas caracterizavam a vida nas vilas neolíticas. Todos esses aspectos são exemplos de cultura material.

#### **Produção de ferramentas**

As primeiras ferramentas para colheita eram de madeira ou ossos com lâminas de pedra afiada. As ferramentas posteriores continuaram a ser feitas de pedra lascada, mas, durante o Período Neolítico, polia-se a pedra que era dura demais para ser lascada. Os povos desenvolveram foices grandes, forcados, enxadas e arados simples para substituir os galhos e ramos que eram usados para escavar. O pilão era utilizado para moer e triturar grãos. Mais tarde, quando os animais domesticados começaram a ser empregados para tração, a forma de lavrar a terra foi modificada. Com o desenvolvimento de diversas tecnologias, os indivíduos adquiriram habilidades específicas para criar uma variedade de produtos artesanais, como trabalhos em couro, tecelagem e cerâmica.

#### **Cerâmica**

O trabalho árduo por parte daqueles que produziam comida também sustentava outros membros da sociedade, os quais podiam então aplicar suas habilidades e energia para realizar trabalhos artesanais, como a cerâmica. No Neolítico, formas diferentes de cerâmica foram criadas para transportar e armazenar alimentos, água e outros materiais. Como esses utensílios não podiam ser danificados por insetos, roedores ou umidade, eram usados para armazenar pequenos grãos e sementes, ou outros materiais. Além disso, era possível usá-los para cozinhar diretamente sobre o fogo, em vez de usar técnicas antigas, como jogar pedras aquecidas diretamente na comida. A cerâmica também era

<sup>22</sup> Bar-Yosef, O. The walls of Jericho: an alternative interpretation. *Current Anthropology*, n. 27, p.160.

**GLOSSÁRIO**

**Revolução neolítica** Mudança cultural profunda, que teve início há 10.000 anos, e associada ao início da domesticação de plantas e animais e do assentamento em vilas permanentes; provocou transformações radicais nos sistemas culturais e às vezes é chamada de transição neolítica.

**Mesoamérica** Região que engloba o sul do México e o norte da América Central.

empregada em pipas, conchas, lâmpadas e outros objetos; algumas culturas utilizavam grandes urnas para enterrar os mortos. Significativamente, ainda hoje os utensílios de cerâmica são importantes para grande parte da humanidade.

O amplo uso de objetos de cerâmica, feitos de barro e queimados em fornos muito quentes, é uma boa indicação, embora sujeita a falhas, de

uma comunidade sedentária. São encontrados em quase todos os primeiros povoamentos Neolíticos. A fragilidade e o peso os tornam menos práticos para uso por nômades e caçadores, que tipicamente utilizam cestas e sacolas trançadas e utensílios de couro animal. Todavia, existem alguns grupos nômades modernos que utilizam objetos de cerâmica, da mesma forma que existem agricultores que não os usam. Na verdade, os povos coletores do Japão produziam objetos de cerâmica há aproximadamente 13.000 anos, muito antes de estes passarem a ser usados no sudeste da Ásia.

A manufatura da cerâmica exige habilidade artística e certa sofisticação tecnológica. Para fazer um objeto útil é preciso ter conhecimento sobre argila: como remover impurezas, como moldá-la nas formas desejadas e como secá-la de modo a não provocar rachaduras. Também é necessário saber fazer a queima adequada; a argila deve ser aquecida até o ponto em que fique dura e resista à desintegração provocada pela umidade, mas é preciso tomar cuidado para que o objeto não rache ou exploda, enquanto é aquecido e resfriado.

A cerâmica é decorada de várias formas. Por exemplo, os desenhos podem ser feitos antes da queima; bordas, bases, suportes e outros detalhes podem ser realizados separadamente e aplicados ao objeto depois de pronto. A pintura é a forma mais comum de decoração; existem literalmente milhares de desenhos encontrados em restos de cerâmica das culturas antigas.

**Moradia**

A produção de alimentos e o novo modo de vida sedentário provocaram outro desenvolvimento tecnológico: a construção de moradias. Muitos povos coletores não têm interesse em moradias permanentes, uma vez que estão sempre mudando de um lugar para outro. Cavernas, poços escavados no solo e telheiros simples feitos de couro animal e troncos de árvore serviam de abrigo. No Neolítico, entretanto, os tipos de moradia se tornaram mais complexos e diversificados. Alguns eram construídos de madeira, outros incluíam abrigos mais elaborados, feitos de pedra, tijolos secos ao sol ou galhos preenchidos com argila ou lama.

Embora a moradia permanente com frequência acompanhe a produção de alimentos, há evidências de que esta possa ter existido sem tal moradia. Por exemplo, na costa noroeste da América do Norte, as pessoas viviam em casas feitas de pranchas retiradas de troncos de cedro, mas sua alimentação consistia inteiramente de plantas e animais selvagens, principalmente salmão e mamíferos marinhos.

**Vestimentas**

Durante o Neolítico, pela primeira vez na história, as vestimentas eram feitas de tecidos. A matéria-prima e a tecnologia necessárias para a produção de roupas vinham de várias fontes: linho e algodão, da agricultura; lã, das ovelhas, lhamas ou cabras domesticadas; seda, do bicho-da-seda. O engenho humano contribuiu com a roca, para fiar, e o tear, para tecer.

## Estrutura social

As evidências de todos os desenvolvimentos econômicos e tecnológicos enumerados até agora permitem que os arqueólogos façam determinadas inferências sobre a organização das sociedades neolíticas. Embora existam indícios da prática de cerimônias, foram encontradas poucas evidências de uma vida religiosa centralmente organizada e dirigida. Os sepultamentos, por exemplo, mostram a ausência evidente da diferença social. As sepulturas do início do Neolítico raramente eram construídas ou cobertas por placas de pedra e raramente incluíam objetos complexos. Evidentemente, ninguém havia conseguido o tipo de *status* que teria exigido um funeral elaborado. O tamanho reduzido da maioria das vilas e a ausência de construções complexas sugerem que os habitantes se conheciam muito bem e tinham algum parentesco, de modo que a maior parte dos relacionamentos era provavelmente muito íntima, com significância emocional equivalente.

O quadro geral que se tem é de uma sociedade relativamente igualitária, com divisão mínima de trabalho, mas com algum desenvolvimento de papéis sociais novos e mais especializados. Parece que as vilas eram compostas por várias famílias, cada uma atendendo a maior parte de suas necessidades. As necessidades organizacionais da sociedade além do nível familiar eram provavelmente atendidas por grupos de parentesco.

## Culturas neolíticas nas Américas

Nas Américas, a forma e o período da revolução neolítica (às vezes chamada de *transição neolítica*) foram diferentes, em comparação a outras partes do mundo. Por exemplo, vilas agrícolas do Neolítico eram comuns no sudoeste asiático entre 8.000 e 9.000 anos atrás, mas vilas semelhantes somente surgiram nas Américas cerca de 4.500 anos atrás, na Mesoamérica (região que se estende do sul do México até a Costa Rica) e no altiplano andino. Além disso, a cerâmica, que se desenvolveu no sudoeste da Ásia logo após a domesticação de plantas e animais, somente surgiu nas Américas cerca de 4.500 anos atrás. O torno para cerâmica não foi utilizado pelos primeiros povos neolíticos nas Américas. Toda a cerâmica era produzida manualmente. O tear e o fuso manual surgiram nas Américas cerca de 3.000 anos atrás.

Contudo, a ausência desses implementos não indica atraso por parte dos povos nativos das Américas, muitos dos quais, como já vimos, eram agricultores altamente sofisticados. A eficácia das práticas existentes era tal que continuaram a ser satisfatórias. Quando a produção de alimentos se desenvolveu na Mesoamérica e no altiplano andino, aconteceu de forma completamente independente da Europa e da Ásia, com safras, animais e tecnologias diferentes.

Em outras regiões das Américas, fora da Mesoamérica e do altiplano andino, a caça, a pesca e a coleta de plantas selvagens continuaram a ser elementos importantes na economia dos povos neolíticos. Aparentemente, a maioria dos povos indígenas continuou a enfatizar a coleta de alimentos, e não a produção, como modo de vida, embora o milho e outras safras domésticas passassem a ser cultivados em quase todo lugar onde o clima permitia. O modo de vida deles era tão eficaz, tão bem integrado a um sistema cultural completo, e tão estável com o ambiente que, para muitos desses grupos, a mudança para a produção não era necessária. Somente a dominação dos exploradores europeus e as doenças por eles transmitidas devastaram essas culturas estáveis.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Mann, C. C. 1491: New revelations of the Americas before Columbus. Nova York: Knopf, 2005.

## PERÍODO NEOLÍTICO E BIOLOGIA HUMANA

Embora pensemos na invenção da produção de alimentos em termos de suas consequências culturais, ela obviamente teve um impacto biológico também. Mediante estudo dos esqueletos humanos neolíticos, os antropólogos físicos encontra-

ram evidências de redução da tensão mecânica nos corpos e nos dentes. Embora haja exceções, os dentes dos povos neolíticos geralmente mostram menos desgaste, os ossos não são tão robustos e a osteoartrite (resultado da tensão nas juntas) não é tão acentuada como nos esqueletos do Paleolítico e do Mesolítico.

Por outro lado, existem evidências claras de deterioração acentuada na saúde e na taxa de mortalidade. Os esqueletos das vilas neolíticas mostram indícios de tensão nutritiva crônica e aguda, como também de patologias relacionadas a doenças infecciosas e que provocam deficiências. A dieta com alto teor de amido também aumentou a quantidade de cáries dentárias no Neolítico. Os cientistas recentemente documentaram a perfuração de dentes em um sítio arqueológico de 9.000 anos, no Paquistão.<sup>24</sup> Esse aspecto lembra a alta frequência de cáries observada nas populações contemporâneas, quando mudam de uma dieta mais variada, de caça e coleta, para a de alto teor de amido. Como veremos no Capítulo 7, para as populações geneticamente adaptadas à dieta de caça e coleta, uma mudança frequentemente provoca o desenvolvimento de diabetes.

A domesticação encoraja um estilo de vida sedentário, com grande potencial para superpopulação em relação à base de recursos. Nessas condições, mesmo pequenas alterações ambientais podem provocar a disseminação da fome e da desnutrição. As evidências de estresse e de doenças cresceram proporcionalmente à densidade populacional e à dependência na agricultura intensiva.<sup>25</sup> Além disso, o espaço restrito dos povoados e a competição por recursos entre diferentes grupos também provocaram o aumento da mortalidade em virtude das guerras.

Em geral, as safras de que os povos neolíticos dependiam eram selecionadas pela alta produtividade e capacidade de armazenagem, não pelo valor nutritivo. Além disso, como já foi observado, a deficiência nutricional seria agravada pela suscetibilidade à redução periódica de alimentos, principalmente com o aumento das populações. Portanto, a saúde deficiente e a alta taxa de mortalidade entre os povos neolíticos não são nenhuma surpresa. Alguns estudiosos afirmam que a troca da coleta pela produção de alimentos foi o pior erro que os seres humanos já cometeram!

Outro fator importante que contribuiu para a crescente incidência de doenças e mortalidade foi provavelmente o novo modo de vida das comunidades neolíticas. A vida sedentária em povoados fixos provoca problemas sanitários, como o acúmulo de lixo e dejetos humanos. Isso não é problema para grupos pequenos que se mudam de um lugar para o outro. Além disso, as doenças transmitidas pelo ar são mais facilmente contraídas em lugares onde as pessoas se reúnem. As práticas de agricultura também criaram o ambiente ideal para a espécie de mosquito que transmite a malária.

### GLOSSÁRIO

**agricultura** Cultivo intensivo de safras, empregando arado, fertilizantes e/ou irrigação.

**pastoreio** Criação e gerenciamento de rebanhos migratórios de animais domesticados, como cabras, ovelhas, bois, lhamas ou camelos.

<sup>24</sup> Coppa, A. et al. Early Neolithic tradition of dentistry. *Nature*, n. 440, p. 755-756, 2006.

<sup>25</sup> Cohen, M. N.; Armelagos, G. J. *Paleopathology at the origins of agriculture*. Orlando: Academic Press, 1984; Goodman, A.; Armelagos, G. J. Death and disease at Dr. Dickson's mounds. *Natural History*, v. 94, n. 9, p. 12-18, 1985.



**TABELA 5.1**  
Doenças adquiridas de animais domésticos

Doença	Animal com patógeno mais proximamente relacionado
Sarampo	Gado (peste bovina)
Tuberculose	Gado
Variola	Gado (varíola bovina) ou outros animais com vírus relacionados
Influenza (gripe)	Porcos, patos
Coqueluche (tosse comprida)	Porcos, cachorros

O contato próximo com animais apresenta uma situação em que as variações dos patógenos podem ser transmitidas a humanos. Por exemplo, os humanos desenvolveram sintomas de infecção por gripe aviária depois do contato com aves domesticadas.

Fonte: Diamond, J. *Guns, germs, and steel*. Nova York: Norton, 1997. p. 207.

Outro fator, também, foi a proximidade entre seres humanos e animais domésticos, uma situação que conduz à transmissão de algumas doenças dos animais para as pessoas (zoonoses). Muitas delas são fatais, incluindo variola, catapora e todas as doenças infecciosas infantis que só foram controladas pela ciência no fim do século XX (Tabela 5.1).

## PERÍODO NEOLÍTICO E IDEIA DE PROGRESSO

Embora a saúde geral dos povos neolíticos tenha sido afetada como consequência da mudança cultural, muitos estudiosos consideram a transição da coleta para a produção de alimentos um grande avanço na escala de progresso. Em parte, essa interpretação deve-se a uma das maiores crenças da cultura ocidental, a de que a história da humanidade é basicamente o registro do progresso constante ao longo do tempo. Certamente, a agricultura proporcionou o aumento das populações, permitiu que as pessoas vivessem em comunidades sedentárias e reorganizou a carga de trabalho de modo a permitir a especialização das habilidades. Isso não é progresso no sentido universal, mas um conjunto de crenças culturais sobre a natureza do progresso. Cada cultura, afinal, define progresso (se é que o faz) em seus próprios termos.

Quaisquer que tenham sido os benefícios da produção de alimentos, todavia, pagou-se um preço muito caro. Como afirmam os antropólogos Mark Cohen e George Armelagos, “considerando todos os aspectos, os indicadores sugerem claramente um declínio geral na qualidade e provavelmente na duração da vida humana associado ao domínio da agricultura”.<sup>26</sup>

Então, em vez de impor as noções etnocêntricas de progresso no registro arqueológico, é melhor considerar o advento da produção de alimentos como mais um fator que contribuiu para a diversificação das culturas, algo que começou no Paleolítico. Embora algumas sociedades continuem a praticar várias formas de caça, pesca e coleta, outras se tornaram horticultoras.

Algumas sociedades horticultoras desenvolveram a **agricultura**. Tecnicamente mais complexas que as sociedades horticultoras, as agricultoras praticavam o cultivo intensivo de safras,

<sup>26</sup> Cohen, M. N.; Armelagos, G. J. Paleopathology at the origins of agriculture: Editors' summation. In: *Paleopathology at the origins of agriculture*. Orlando: Academic Press, 1984. p. 594.

empregando arados, fertilizantes e, possivelmente, irrigação. Utilizavam um arado de metal ou madeira, puxado por um ou mais animais, como cavalos, bois ou búfalos, para produzir alimentos em áreas maiores. Nem sempre é fácil distinguir sociedades horticultoras de sociedades agrícolas intensivas. Por exemplo, os índios hopi, do sudoeste dos Estados Unidos, tradicionalmente empregavam a irrigação em suas plantações, mas, ao mesmo tempo, usavam ferramentas manuais básicas.

O pastoreio surgiu em ambientes muito secos, com relva abundante, inclinação acentuada, e extremamente frios ou quentes para a horticultura ou agricultura intensiva. Os pastores criavam e gerenciavam rebanhos migratórios de animais domesticados, como cabras, ovelhas, bois, lhamas ou camelos. Por exemplo, as estepes russas, cobertas de relva espessa, não eram adequadas para a agricultura sem arado, mas eram ideais para o pastoreio. Assim, os povos que viviam nas regiões áridas e nos desertos, que se estendem do noroeste africano até a Ásia Central, mantinham grandes rebanhos de animais domésticos, mas dependiam de seus vizinhos para obter alimentos cultivados. Finalmente, algumas sociedades se transformaram em civilizações, assunto a ser tratado no próximo capítulo.

## Resumo do capítulo

- O fim do período glacial foi de grandes mudanças físicas nos habitats humanos. O nível dos mares aumentou, a vegetação se modificou e rebanhos inteiros desapareceram de muitas regiões. O Período Mesolítico marcou a passagem da caça de grandes animais para a de animais menores e o início da coleta de uma grande variedade de plantas e recursos aquáticos. A dependência cada vez maior de frutos do mar e plantas transformou o Mesolítico em um período mais sedentário para muitos povos. As ferramentas de pedra, incluindo machados e enxadas, atenderam às necessidades de novas tecnologias no mundo pós-glacial. Muitas ferramentas mesolíticas no Velho Mundo eram feitas de micrólitos – lâminas pequenas, duras, afiadas e feitas de pedra, que podiam ser produzidas em massa e fixadas em cabos, para produzir implementos, como a foice. Nas Américas, as culturas arcaicas são comparáveis ao Período Mesolítico do Velho Mundo.
- A mudança para a produção de alimentos aconteceu de forma independente, e mais ou menos simultânea, em várias regiões do mundo. Com a produção de alimentos, as pessoas se tornaram mais sedentárias, permitindo a reorganização da carga de trabalho, de modo que algumas se encarregavam de determinadas tarefas. A partir do fim do Mesolítico, alguns grupos humanos se tornaram maiores e mais permanentes, à medida que domesticaram plantas e animais. Outros grupos permaneceram coletores, às vezes com modo de vida sedentário.
- Uma planta ou animal domesticado é aquele que foi geneticamente modificado como consequência intencional ou não da manipulação humana. A análise dos restos de plantas e animais em um sítio geralmente indica se os ocupantes eram produtores de alimentos. Os cereais selvagens, por exemplo, tipicamente apresentam caules frágeis e os cultivados, caules mais fortes. As plantas domesticadas também podem ser identificadas porque as partes comestíveis são geralmente maiores que as das plantas selvagens. A domesticação produz mudanças no esqueleto de alguns animais. Os chifres de cabras e carneiros selvagens são diferentes dos de animais que foram domesticados. O desequilíbrio na idade e no gênero em rebanhos também pode indicar manipulação por domesticação humana.

- A teoria mais provável sobre a revolução do Neolítico é que a domesticação ocorreu como consequência de uma convergência casual de eventos naturais e desenvolvimentos culturais distintos. Isso aconteceu independentemente, quase ao mesmo tempo, no sudoeste e sudeste da Ásia, nas regiões montanhosas do México e do Peru, na Floresta Amazônica, no leste da América do Norte, na China e na África. Em todos os casos, porém, os grupos desenvolveram complexos de alimentos com base em grãos de amido e/ou raízes, os quais eram consumidos com legumes que continham proteínas e ervas para melhorar o sabor.
- A população humana vem crescendo regularmente desde o Neolítico. Alguns estudiosos argumentam que a pressão provocada por esse aumento levou a inovações, como a agricultura intensiva. Outros sugerem que essas inovações agrícolas é que permitiram o aumento da população.
- Duas das consequências mais importantes da domesticação foram o aumento da produtividade e a maior vulnerabilidade das safras. Essa combinação periodicamente faz com que o tamanho da população exceda o suprimento de alimentos; como consequência, os povos migram para outras regiões. Dessa forma, a agricultura se disseminou de uma região para outra, como, por exemplo, do sudoeste asiático para a Europa. Às vezes, os povos coletores adotam o cultivo de safras de povos vizinhos, em resposta à escassez de alimentos selvagens.
- Entre os primeiros sítios conhecidos que contêm plantas e animais domesticados estão os do sudoeste da Ásia. Esses locais eram, na maioria, pequenas vilas compostas de cabanas de barro, com poços individuais de armazenagem e fornos de argila. Há evidências não só de cultivo e domesticação, mas também de comércio. Na antiga Jericó, os restos de ferramentas, casas e vestimentas indicam que o oásis era ocupado por grupos neolíticos há aproximadamente 10.350 anos. Em seu auge, a Jericó neolítica tinha uma população de 400 a 900 pessoas. Vilas semelhantes se desenvolveram independentemente no México e no Peru, cerca de 4.500 anos atrás.
- Durante o Neolítico, a pedra que era dura demais para ser lascada era lixada e polida para fabricação de ferramentas. As pessoas desenvolveram grandes foices, forcados, enxadas e arados simples para substituir os galhos e ramos que eram usados para escavar. O Neolítico também se caracterizou pela manufatura extensiva e pelo uso da cerâmica. A ampla utilização da cerâmica é um bom indicador de uma comunidade sedentária. É encontrada em quase todos os primeiros povoamentos neolíticos. A produção da cerâmica exige conhecimento sobre argila e técnicas de queima ou cozimento. Outros desenvolvimentos tecnológicos que acompanharam a produção de alimentos e a vida sedentária foram a construção de moradias permanentes e a produção de tecidos.
- Os arqueólogos conseguem fazer inferências sobre a estrutura social das sociedades neolíticas. Não se encontrou nenhuma evidência indicando que a religião ou o governo era uma instituição organizada centralmente. A organização social era talvez relativamente igualitária, com divisão mínima de trabalho e pouco desenvolvimento de papéis sociais especializados.
- O desenvolvimento da produção de alimentos teve consequências biológicas e culturais. Novas dietas, modo de vida e práticas agrícolas provocaram a incidência cada vez maior de doenças e de taxas de mortalidade mais altas. O aumento da fertilidade, porém, compensou a mortalidade e a população humana vem crescendo globalmente desde o Neolítico.

## Questões para refletir

1. A mudança nos modos de vida no Neolítico inclui a domesticação de plantas e animais e do estabelecimento em vilas. Quais as vantagens e desvantagens dessa nova forma de vida? O Neolítico provocou problemas que persistem até hoje?
2. Por que você acha que alguns povos do passado decidiram não mudar da coleta para a produção de alimentos? Quais problemas do mundo de hoje têm suas origens no modo de vida que teve início no Neolítico?
3. Embora a biologia e a cultura humana estejam sempre interagindo, as taxas de mudanças biológicas e culturais passaram a ser diferentes em algum momento da história de nosso desenvolvimento. Pense em exemplos de como as diferenças nessas taxas tiveram consequências para os humanos, no Neolítico e no presente.
4. Por que as mudanças do Neolítico são erradamente associadas à ideia de progresso? Por que as formas sociais que se originaram no Neolítico dominaram o mundo?
5. Embora o registro arqueológico indique algumas diferenças nos períodos de domesticação de plantas e animais, em diversas partes do mundo, por que não se pode afirmar que uma região era mais avançada que outra?

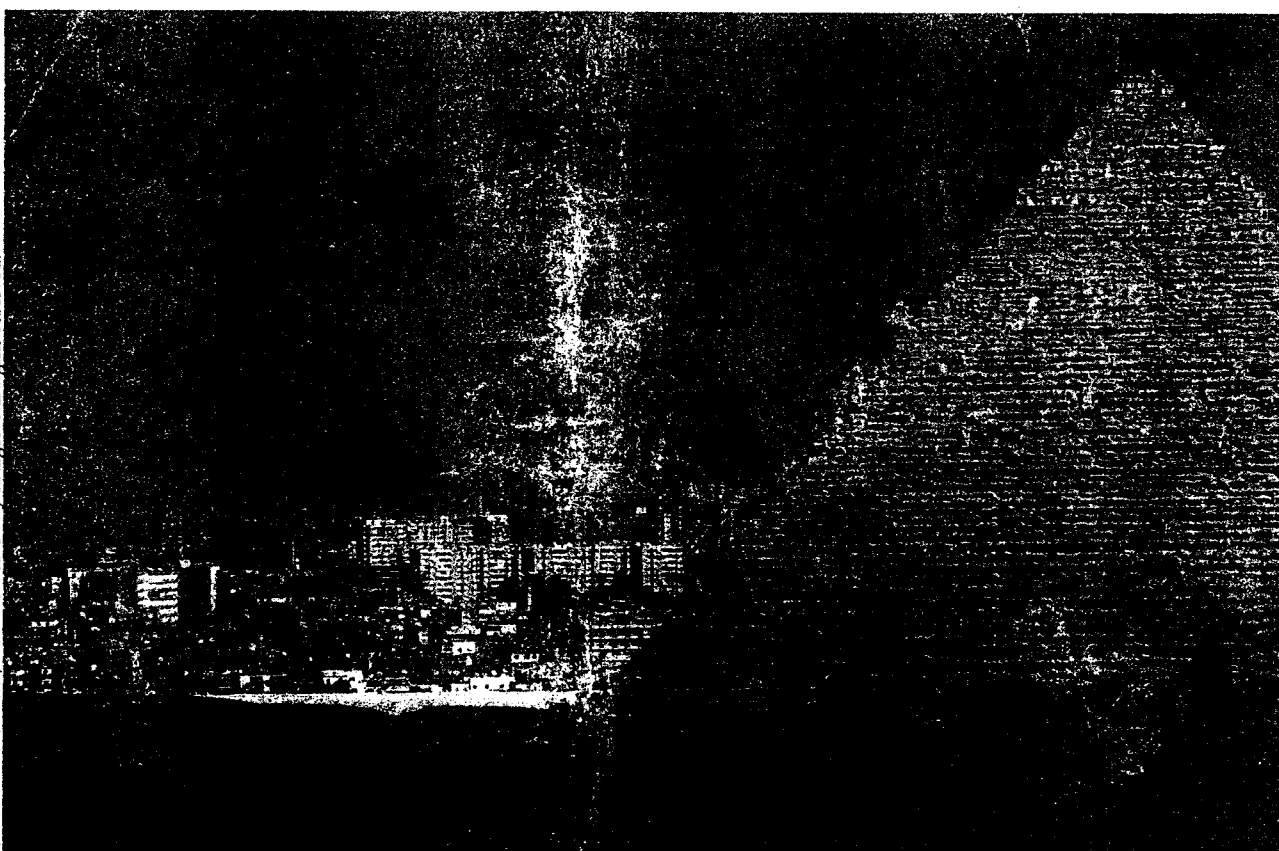
## Palavras-chave

Neolítico; Mesolítico; culturas arcaicas; micrólito; cultura natufiana; inovação; inovação primária; inovação secundária; domesticação; vegeticultura; horticultura; difusão; revolução neolítica; Mesoa-mérica; agricultura; pastoreio.

# O surgimento de cidades e estados

# 6

© 2010 Photos.com, a division of Getty Images. All rights reserved.



## INTRODUÇÃO VISUAL

Com o surgimento de cidades e estados, as sociedades humanas começaram a desenvolver e constituir governos que centralizavam o poder e possibilitaram a construção de estruturas monumentais, como as grandes pirâmides do Egito, próximas à cidade do Cairo. No entanto, as cidades e os estados também geraram uma série de problemas que os seus habitantes ainda hoje enfrentam. Por exemplo, a estratificação social, em que uma elite dominante controla os meios de subsistência e muitos outros aspectos da vida cotidiana, traz a exploração a muitos moradores de áreas mais afastadas e pobres. Embora as pessoas das sociedades estratificadas sejam interdependentes, a elite tem acesso desproporcional a todos os recursos e exerce controle sobre eles, incluindo a mão de obra. No Cairo, como em outras grandes cidades, as residências, por exemplo, são dramaticamente diversas para diferentes classes sociais. Enquanto a elite vive em casas luxuosas, 5 milhões de pessoas pobres habitam ilegalmente as tumbas de um cemitério, conhecido como Cidade dos Mortos.

---

**Definição de civilização****Tikal: estudo de caso**

Pesquisa e escavação do sítio  
arqueológico

Evidências da escavação

**Cidades e mudança cultural**

Inovação agrícola

Diversificação do trabalho

Governo central

Estratificação social

**O surgimento dos estados**

Abordagens ecológicas

Teoria da ação

**Civilização e suas contrariedades****Resumo do capítulo**

---

Um passeio por uma rua movimentada de Nova York ou São Francisco mostra inúmeras atividades essenciais da sociedade norte-americana. As calçadas estão repletas de pessoas que entram e saem de escritórios e lojas. O fluxo intenso de carros, táxis e caminhões periodicamente provoca congestionamentos. Em apenas duas quadras pode-se encontrar comércio variado: mercearias, lojas de roupa e de utilidades, livrarias, restaurantes, bancas de jornal e revistas, postos de gasolina, cinemas. Outros locais, como museus, delegacias de polícia, escolas, hospitais ou igrejas, distinguem alguns bairros.

Cada um desses postos de serviço ou locais de comércio depende de outros que estão fora dessas duas quadras. Um açougue, por exemplo, depende de matadouros e fazendas de criação de gado. Uma loja de roupas não existe sem estilistas, sem fazendeiros que produzam algodão e lã, ou operários que manufaturam as fibras sintéticas. Os restaurantes dependem de transporte refrigerado e produtores de legumes, verduras e laticínios. Os hospitais precisam de seguradoras, farmacêuticas e de equipamentos médicos para funcionar. Todas as instituições, afinal, necessitam dos serviços de utilidade pública – telefone, gás, água e eletricidade. Embora a interdependência não esteja de imediato aparente, é um aspecto relevante nas cidades modernas.

A interdependência de bens e serviços em uma grande cidade faz com que inúmeros produtos estejam prontamente disponíveis. Mas a interdependência também gera vulnerabilidade. Se houver greve, mau tempo ou atos de violência, pode haver interrupção no funcionamento de um serviço; outros podem se deteriorar. Ao mesmo tempo, as cidades apresentam rapidez na capacidade de responder às tensões. Quando um serviço é interrompido, outros assumem suas funções. Durante uma longa greve dos jornais, em Nova York, na década de 1960, por exemplo, várias revistas foram lançadas e as redes de televisão expandiram a cobertura de notícias e eventos. Esse fenômeno lembra o aumento recente do número de *reality shows* nos Estados Unidos, durante a greve dos roteiristas de Hollywood, no fim de 2007 e início de 2008. Em muitas partes do mundo, a violência das guerras tem causado danos imensos à infraestrutura básica, o que provoca o desenvolvimento de sistemas alternativos para lidar com a situação, desde tarefas

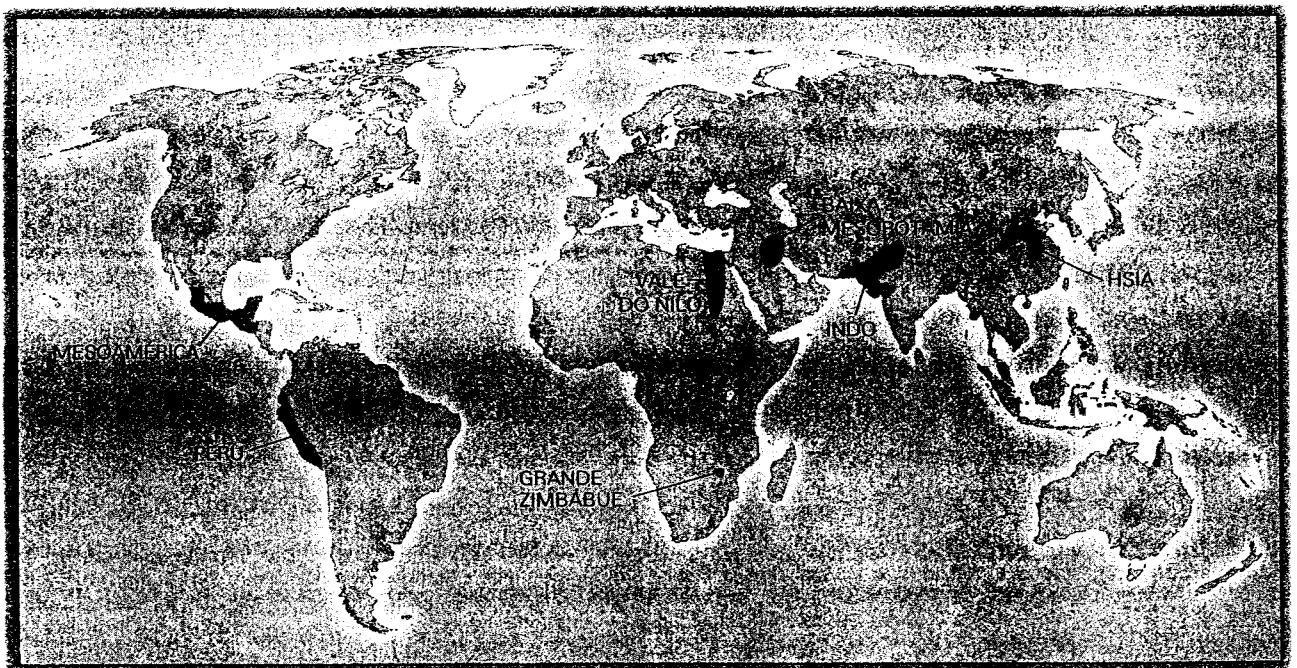
básicas, como obter alimentos, à comunicação entre os sistemas políticos globais. Com o surgimento da internet e da globalização, a interdependência de bens e serviços, que costumava ser característica apenas das cidades, se estende muito além de seus limites.

À primeira vista, a vida na cidade parece tão ordenada que a consideramos normal; mas um momento de reflexão nos faz lembrar que sua estrutura intrincada nem sempre existiu, e a disponibilidade concentrada de diversos produtos é um desenvolvimento muito recente na história humana.

## DEFINIÇÃO DE CIVILIZAÇÃO

A palavra *civilização* vem do latim *civis*, que se refere àquele que habita em uma cidade, e *civitas*, que se refere à comunidade urbana onde uma pessoa mora. No uso comum, nos Estados Unidos e na Europa, a palavra *civilização* tem a conotação de refinamento e progresso e pode implicar julgamentos sobre as culturas, de acordo com um padrão etnocêntrico. Em antropologia, ao contrário, o termo tem um significado mais preciso que evita noções ligadas à cultura. Os antropólogos utilizam o termo *civilização* para se referir às sociedades em que grande número de pessoas vive nas cidades, são socialmente estratificadas e governadas por uma elite dominante que opera através de sistemas políticos constituídos e centralizados chamados estado. Esses aspectos serão aprofundados no decorrer do capítulo.

À medida que as vilas do Neolítico cresceram, as primeiras cidades do mundo se desenvolveram. Isso aconteceu entre 4.500 e 6.000 anos atrás, primeiro na Mesopotâmia (atualmente Iraque), depois no Vale do Nilo, no Egito, e no Vale do Indo (hoje Índia e Paquistão). Na China, a civilização já estava em desenvolvimento há 5.000 anos. Independentemente desses progressos na Eurásia e na África, as primeiras cidades indígenas nas Américas surgiram no Peru, em torno de 4.000 anos atrás, e na Mesoamérica, cerca de 2.000 anos atrás (Figura 6.1).



**Figura 6.1** As primeiras civilizações importantes surgiram de vilas neolíticas em várias partes do mundo. Nas Américas, as civilizações se desenvolveram de maneira completamente independente das existentes na África e na Eurásia; aparentemente, a civilização chinesa se desenvolveu de modo independente em relação às civilizações do sudoeste asiático (incluindo o Nilo e o Indo).

**GLOSSÁRIO**

**civilização** - Em antropologia, um tipo de sociedade marcada pela presença de cidades, classes sociais e estado.

Quais as características dessas primeiras cidades? Por que são consideradas berço das civilizações? As primeiras características das cidades – e das civilizações – são o tamanho e o número de habitantes.

No entanto, as cidades são muito mais que pequenas vilas que cresceram. Considere o caso de Çatalhöyük, um povoamento compacto de 9.500 anos, na região centro-sul da Turquia.<sup>1</sup> As casas amontoadas de mais de 5 mil habitantes não deixavam espaço para ruas. As pessoas andavam sobre o telhado das casas vizinhas e passavam por um buraco para entrar nas próprias casas. As paredes eram cobertas com todo tipo de pinturas e baixos-relevos, as casas eram estruturalmente similares e não havia arquitetura pública estabelecida. As pessoas cultivavam alguns produtos, criavam animais e também coletavam quantidades significativas de plantas e animais selvagens, mas nunca intensificaram as práticas agrícolas. As evidências de divisão de trabalho ou de uma autoridade central são mínimas ou inexistentes. Çatalhöyük parecia um amontoado de várias vilas neolíticas em um único lugar.

As evidências arqueológicas dos primeiros centros urbanos, em comparação, demonstram planejamento organizado por uma autoridade central, intensificação tecnológica e estratificação social. Por exemplo, proteção e controle de enchentes eram componentes vitais nas grandes cidades antigas do Vale do rio Indo, onde hoje se localizam Índia e Paquistão. O centro urbano de Mohenjo-Daro, cujo auge foi há aproximadamente 4.500 anos, com uma população de pelo menos 20 mil habitantes, foi construído sobre um monte artificial, protegido das cheias. Ademais, as ruas dessa cidade densamente populosa foram elaboradas em padrão de grade e incluíam casas individuais com sistemas sofisticados de drenagem.

Os povos antigos incorporavam suas crenças espirituais e ordem social nas cidades que construíam. Por exemplo, o traçado da grande cidade mesoamericana de Teotihuacan, fundada há 2.200 anos, traduzia o calendário solar em um padrão espacial unificado. A Calçada dos Mortos – um imenso eixo norte-sul que começa na Pirâmide da Lua, ladeado pela Pirâmide do Sol e pelo palácio real – foi deliberadamente orientada para um marcador astronômico, a leste do norte verdadeiro. Aqueles que planejaram a cidade até mesmo canalizaram o rio San Juan para se adequar ao projeto, no trecho em que este corta a cidade. Em torno desse núcleo havia milhares de complexos de habitações, separadas umas das outras por ruas estreitas, também com a mesma orientação a leste do norte por toda a cidade. Estima-se que mais de 100 mil pessoas habitavam essa grande cidade até seu colapso, possivelmente no século VII.

Finalmente, Teotihuacan apresenta evidências claras de diversidade econômica e social. É possível reconhecer seis níveis sociais pelas diferenças de tamanho e qualidade das habitações. Aqueles que estavam no topo da escala social, ou perto dele, viviam na Calçada dos Mortos, ou próximos a ela. A Pirâmide do Sol, nessa mesma avenida, foi construída sobre uma caverna, considerada um portal para o mundo inferior e morada de entidades associadas à morte. Os artesãos de Teotihuacan trabalhavam com produtos exóticos e matéria-prima importada de regiões distantes; pelo menos

<sup>1</sup> As informações sobre Çatalhöyük foram extraídas de Balter, M. Why settle down? The mystery of communities. *Science*, n. 282, p. 1442-1444, 1998. Balter, M. A long season puts Çatalhöyük in context. *Science*, n. 286, p. 890-891, 1999; Balter, M. Did plaster hold Neolithic society together? *Science*, n. 294, p. 2278-2281; Kunzig, R. A tale of two obsessed archaeologists, one ancient city and nagging doubts about whether science can ever hope to reveal the past. *Discover*, n. 20, v. 5, p. 84-92, 1999.



dois bairros abrigavam pessoas com parentesco com estrangeiros, um com Oaxaca, o outro (o "bairro dos comerciantes") com as terras baixas do Golfo e dos Maias. Os agricultores, cujo trabalho nos campos (alguns com irrigação) fornecia alimentos para os habitantes da cidade, também residiam nesses bairros.<sup>2</sup>

Mohenjo-Daro e Teotihuacan, como outras cidades antigas em todo o mundo, foram muito mais que vilas neolíticas expandidas. Houve mudanças tão grandes na transição de vila para cidade que o surgimento da vida urbana é considerado por alguns estudiosos um dos maiores desenvolvimentos da cultura humana. O estudo de caso a seguir apresenta um exemplo de outra cidade antiga, descreve o modo como os arqueólogos a estudam e como pode ter se desenvolvido a partir de uma pequena comunidade agrícola.

### TIKAL: ESTUDO DE CASO

A antiga cidade de Tikal, um dos maiores centros maias existentes na região baixa, localiza-se na América Central, a aproximadamente 300 quilômetros ao norte da cidade da Guatemala. Tikal foi construída sobre um amplo terraço de calcário na floresta tropical. Nesse local os maias se estabeleceram há 3.000 anos. Como o calendário maia pode ser precisamente correlacionado ao nosso, sabe-se que sua civilização floresceu até o ano 1.100 d.C.

Em seu auge, Tikal possuía quase 120 quilômetros quadrados. No centro, situava-se a Grande Praça, uma imensa área pavimentada, rodeada por cerca de 300 estruturas principais e milhares de casas (Figura 6.2). Tikal iniciou-se com uma pequena população dispersa e chegou a ter pelo menos 45 mil habitantes. Há 1.550 anos, a densidade populacional chegou a 600 ou 700 pessoas por quilômetro quadrado, três vezes mais que a de seus arredores.

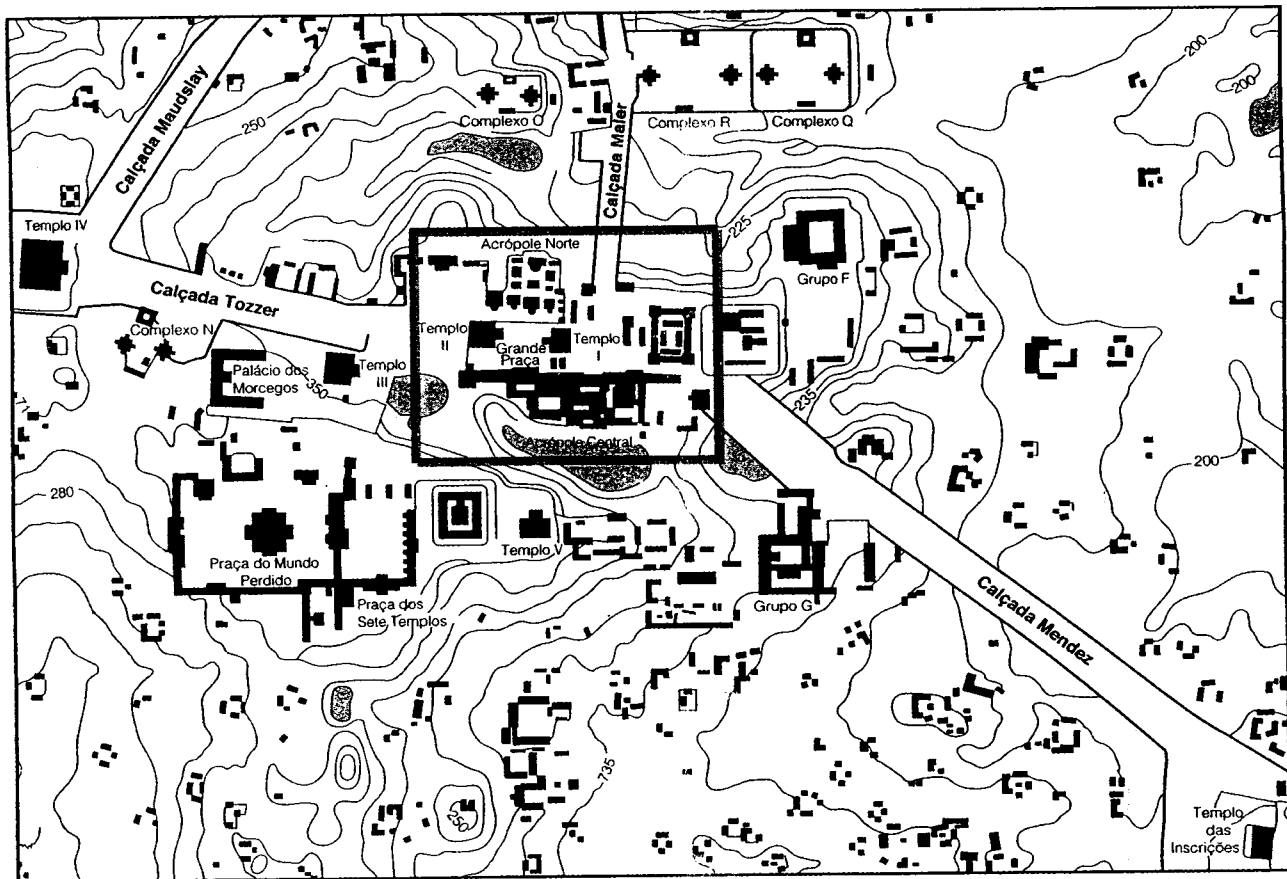
Tikal e sua área circundante foram intensamente exploradas, com o patrocínio conjunto do Museu da Universidade da Pensilvânia e do governo da Guatemala, a partir de 1956 e durante a década de 1960. Naquela época, foi o projeto arqueológico mais ambicioso já realizado no Ocidente.

Nos primeiros anos do Projeto Tikal, os arqueólogos investigaram apenas os templos principais e as estruturas dos palácios que ficavam nos arredores da Grande Praça, no centro do sítio arqueológico. Mas, em 1959, com o objetivo de obter uma visão equilibrada do desenvolvimento e da composição de Tikal, os arqueólogos voltaram sua atenção para centenas de pequenos montes que rodeavam as construções maiores e que eles acreditavam ser restos de moradias. De certo modo, isso representou a mudança na prática da arqueologia para o estudo das complexidades da vida diária. Imagine como seria difícil obter uma visão realista da vida em uma cidade importante, como Washington ou Pequim, analisando apenas as construções públicas monumentais. Da mesma forma, a visão realista sobre Tikal não pôde ser reconstruída sem o exame da grande variedade de ruínas presentes na área.

Mediante a escavação de pequenas estruturas – a maioria provavelmente era de residências – foi possível fazer uma estimativa do tamanho e da densidade da população de Tikal. Com essa informação, os arqueólogos conseguiram testar a hipótese convencional de que as práticas de subsistência dos maias eram inadequadas para sustentar grandes concentrações de pessoas.

As escavações extensivas também forneceram bases importantes para reconstituir a vida diária e a organização social dos maias, um povo bem conhecido graças ao estudo de restos cerimoniais.

<sup>2</sup> Cowgill, G. L. State and society at Teotihuacan, Mexico. *Annual Review of Anthropology*, n. 26, p. 129-161, 1997.



**Figura 6.2** Tikal se estende muito além da Grande Praça e das construções monumentais que foram escavadas e estão representadas no mapa. Os arqueólogos empregaram técnicas de pesquisa, poços de teste e outras estratégias para definir completamente os limites da cidade e entender a representação dos modos de vida de Tikal. O retângulo cinza no centro do mapa delimita a corte, o cemitério real e o mercado central. Além da área apresentada no mapa, Tikal se estende por vários quilômetros em todas as direções.

Por exemplo, as diversidades na arquitetura, na construção das casas, nos artefatos e sepultamentos sugerem diferenças de classe social. As características na distribuição das casas podem refletir a existência de famílias estendidas ou outros tipos de grupos de parentesco. A escavação de construções grandes e pequenas revelou a estrutura social de toda a população de Tikal.<sup>3</sup>

### Pesquisa e escavação do sítio arqueológico

A equipe de mapeamento avaliou cuidadosamente 6 quilômetros quadrados de área coberta por floresta nos arredores da Grande Praça e fez um mapa preliminar para orientar o processo de escavações de pequenas estruturas.<sup>4</sup> Não foi possível utilizar fotografias aéreas, porque a copa das árvores chegava a 30 metros de altura, escondendo praticamente tudo, exceto os templos mais altos. Muitas das ruínas pequenas são praticamente invisíveis, mesmo para observadores que estão no solo. Após quatro anos de mapeamento, descobriu-se que Tikal era muito maior que os 6 quilômetros quadrados originalmente avaliados. Mais tempo e investimentos possibilitaram a continuação da pesquisa na área para definir completamente os limites da cidade e calcular seu tamanho total.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> Haviland, W. A. Settlement, society and demography at Tikal. In: Sabloff, J. (Ed.) *Tikal*. Santa Fe: School of American Research, 2002.

<sup>4</sup> Haviland, W. A. et al. *Excavations in small residential groups of Tikal: Groups 4F-1 and 4F-2*. Philadelphia: University Museum, 1985.

<sup>5</sup> Puleston, D. E. *The settlement survey of Tikal*. Philadelphia: University Museum, 1983.

A escavação inicial de seis construções, duas praças e uma plataforma revelou novas estruturas, anteriormente invisíveis, sua complexidade arquitetônica e uma enorme quantidade de artefatos que tiveram de ser lavados e catalogados. Algumas construções foram parcialmente escavadas, outras não foram investigadas. Em seguida a esse trabalho inicial, a equipe de arqueologia escavou mais de cem pequenas estruturas adicionais em partes diferentes do sítio, a fim de garantir a investigação de uma amostra representativa. O grupo também cavou diversos poços de teste em vários outros grupos de pequenas estruturas para complementar as informações obtidas em escavações mais extensivas.

### Evidências da escavação

As escavações em Tikal produziram evidências consideráveis sobre a organização social, a tecnologia e a diversidade nessa antiga cidade, assim como a relação de parentesco entre as pessoas de Tikal com as de outras regiões. Por exemplo, o sítio apresenta evidências de comércio de produtos não perecíveis. Granito, quartzito, hematita, pirita, jade, ardósia e obsidiana eram importados, como matéria-prima ou produtos acabados. Os materiais de origem marinha vinham do Caribe ou de regiões da costa do Pacífico. Tikal localiza-se no topo de uma fonte abundante de sílex (pedra usada para manufaturar ferramentas), mineral que pode ter sido exportado na forma de matéria-prima ou de objetos manufaturados. Localizada entre dois sistemas fluviais, a leste e a oeste, Tikal pode ter sido a rota principal de comércio entre ambos. Além disso, as evidências de comércio de produtos perecíveis, como tecidos, penas, sal e cacau, indicam que havia pessoas que se dedicavam exclusivamente ao comércio.

Na área da tecnologia, foram encontradas oficinas especializadas em madeira, cerâmica, obsidiana e conchas. Os entalhes caprichosos nos monumentos de pedra sugerem que a obra foi realizada por especialistas. Também se pode afirmar o mesmo sobre o fino trabalho artístico nos vasos de cerâmica. Os antigos artistas tinham de imaginar como ficariam seus trabalhos depois que queimassem a cerâmica clara, quase sem cor.

Para controlar a grande população, deve ter existido alguma forma de organização burocrática. Pelos registros escritos dos maias (glifos), sabemos que o governo era liderado por uma dinastia hereditária, com poder suficiente para organizar a construção e manutenção maciças. Isso incluía um sistema de diques e fossos de defesa nos limites norte e sul da cidade. O mais longo deles tinha, talvez, de 19 a 28 quilômetros de comprimento. Embora não tenhamos evidências diretas, há indícios da existência de trabalhadores têxteis, "dentistas", produtores de "papel" de casca de árvores, escribas, pedreiros, astrônomos e outras ocupações especializadas.

A religião dos maias de Tikal pode ter se desenvolvido inicialmente como uma forma de lidar com as incertezas da agricultura. O solo é fino e a água disponível vem da chuva, recolhida em reservatórios. Durante a estação úmida, as chuvas são abundantes, mas imprevisíveis. A elevação de Tikal, em relação ao terreno em volta, pode ter feito com que a cidade fosse considerada um "lugar de poder", particularmente adequado para o contato com forças e seres sobrenaturais.

Os sacerdotes maias tentavam não só agradar às divindades, na época da seca, mas também honrá-las na época da fartura. Os sacerdotes, especialistas no calendário maia, determinavam o melhor período para o plantio das safras e também se envolviam em outros assuntos relativos à agricultura. Esse aspecto fazia com que as pessoas permanecessem na cidade ou perto dela. A população de Tikal

e de seu entorno dependia dos sacerdotes para influenciar as forças e os seres sobrenaturais, de modo a trazer produtividade para suas colheitas.

À medida que a população crescia, as áreas para agricultura se tornaram escassas, forçando os maias a encontrar novos métodos de produção de alimentos para sustentar a densa população que vivia em Tikal. Eles aumentaram o plantio e o cuidado de árvores frutíferas e outras plantações que podiam ser cultivadas em torno das casas, no solo enriquecido pelo lixo humano (ao contrário de Teotihuacan, as casas em Tikal não ficavam próximas umas das outras). Além de hortas e pomares domésticos, os maias construíram campos artificialmente elevados, em áreas que eram inundadas na estação das chuvas. Nesses campos, as plantações podiam ser intensivamente cultivadas ano após ano, desde que fossem bem cuidadas. Também tomaram medidas para maximizar a coleta de água para a estação seca, convertendo áreas baixas em reservatórios e construindo canais de escoamento das praças e de outras construções para esses reservatórios.

Com essas mudanças, surgiu uma classe de artesãos e outros especialistas para atender às necessidades de uma elite que consistia de sacerdotes e da dinastia dominante. Os maias construíram inúmeros templos, prédios públicos e vários tipos de casas, apropriadas para as classes sociais distintas de sua sociedade.

Durante várias centenas de anos, Tikal conseguiu sustentar a população que aumentava cada vez mais. Quando a pressão por alimentos e terra chegou a um ponto crítico, esse crescimento cessou. Ao mesmo tempo, as guerras com outras cidades se tornavam cada vez mais destruidoras. Tudo isso ficou marcado arqueologicamente pelo abandono das casas em terras de qualidade; nas áreas rurais, pelo advento de problemas nutricionais, visíveis nos esqueletos recuperados de tumbas; e pela construção dos fossos e diques mencionados anteriormente. Em outras palavras, houve um período de reajuste, que deve ter sido direcionado por uma autoridade central poderosa. As atividades então continuaram como antes, mas sem o crescimento da população, por quase 250 anos ou mais.

De acordo com o estudo de caso, as escavações em Tikal demonstraram o esplendor, a organização social, os sistemas de crenças e as práticas agrícolas da antiga civilização maia, entre outros aspectos. A seção "Antropologia Aplicada" ilustra uma abordagem bem diferente para outro sítio maia, distante apenas um dia de caminhada de Tikal.

## CIDADES E MUDANÇA CULTURAL

Se uma pessoa que cresceu em uma pequena cidade da área rural dos Estados Unidos se mudasse para Chicago, Montreal, Los Angeles ou qualquer grande centro, experimentaria um modo de vida bem diferente. O mesmo seria verdadeiro para o morador de uma vila neolítica que se mudasse para uma das primeiras cidades da Mesopotâmia, 5.500 anos atrás. Quatro mudanças básicas marcam a transição da vida em vilarejos neolíticos para os centros urbanos: inovações agrícolas, diversificação do trabalho, governo central e estratificação social.

### GLOSSÁRIO

**Idade do Bronze** No Velho Mundo, o período marcado pela produção de ferramentas e ornamentos de bronze. Começou há cerca de 5.000 anos, na China e no sudoeste asiático, e aproximadamente 500 anos antes no sudeste da Ásia.

### Inovação agrícola

As mudanças nos métodos de agricultura distinguem as primeiras civilizações das vilas neolíticas. Os antigos sumérios, por exemplo, construíram extensos sistemas de diques, canais e

reservatórios para irrigar suas áreas de plantio. Com esse sistema, eles conseguiam controlar os recursos hídricos como desejavam; a água podia ser represada e então escoada para os campos, conforme a necessidade. A irrigação era um fator importante que afetava o aumento da área cultivada. Como não havia ciclos sazonais de chuva, os agricultores colhiam mais safras em um ano. O aumento de produtos cultivados, resultante das inovações agrícolas, contribuiu para a alta densidade populacional das civilizações antigas.

## Antropologia Aplicada

### Arqueologia da ação e a comunidade de El Pilar

Anabel Ford

O gerenciamento e a conservação de recursos são temas em evidência hoje. Em nenhum outro lugar sente-se isso tão profundamente quanto na floresta maia, uma das áreas de maior biodiversidade do mundo e uma das últimas fronteiras da Terra. Nas próximas duas décadas, a população dessa região irá dobrar, ameaçando a integridade dos ecossistemas tropicais com estratégias de desenvolvimento contemporâneo. Curiosamente, no passado, a floresta maia foi o lar de uma civilização importante com uma população pelo menos três a nove vezes maior que a atual.

Comecei meu trabalho como arqueóloga na floresta maia em 1972. Estava interessada na vida cotidiana dos maias, por meio do estudo de sua ecologia cultural – as múltiplas facetas das relações de parentesco das pessoas e o meio ambiente –, e não nas construções monumentais. Apesar do meu interesse a respeito da vida cotidiana na floresta, essas construções monumentais se tornaram parte do meu trabalho. Enquanto conduzia uma pesquisa em um povoado na floresta, descobri El Pilar, um centro urbano maia com templos e praças que cobriam mais de 50 hectares. A observação de que os antigos maias desenvolveram uma economia sustentável nos trópicos da Mesoamérica orientou minha abordagem a respeito do desenvolvimento de El Pilar.

Dividida pela atual fronteira que separa Belize da Guatemala, El Pilar tem sido foco de um projeto audacioso de conservação, que prevê a construção de um parque binacional da paz em uma região de conflitos. Minha visão de El Pilar fundamenta-se na preservação da herança cultural no contexto do ambiente natural. Com uma equipe interdisciplinar e participativa composta por moradores locais, administradores do governo e cientistas, criamos a Reserva Arqueológica de El Pilar para Fauna e Flora Maia. Desde 1993, as inovações do programa abrem caminho para testar novas estratégias de participação da comunidade no desenvolvimento da conservação da Reserva de El Pilar. O programa inclui temas administrativos de importância global: turismo, recursos naturais, relações internacionais e desenvolvimento e educação rural. Mas os impactos são ainda maiores trabalhando para e aprendendo com os agricultores maias tradicionais, os jardineiros da floresta, e de que modo impactam a agricultura, os empreendimentos rurais e a habilidade de construção. Há poucas áreas que não foram atingidas pelo movimento inclusivo do programa, e mais áreas puderam contribuir para a evolução do mesmo.



Em El Pilar, pratica-se o que chamo "arqueologia da ação", um modelo pioneiro de conservação que usa as lições aprendidas no passado distante e no recente para beneficiar as populações contemporâneas. Por exemplo, a evolução conjunta da sociedade maia e do ambiente mostra indícios de sustentabilidade nessa região, atualmente. Em El Pilar, aplicamos o cultivo tradicional da floresta: uma forma alternativa para os métodos de plantio e pastagem, que diminuem os recursos. A floresta sobrevive e demonstra rápida capacidade de recuperação dos impactos causados pela expansão humana. Os antigos maias viveram nessa floresta por milênios, e o programa El Pilar afirma que há lições a ser aprendidas com o passado.

O programa El Pilar reconhece o privilégio de moldar um processo inovador com a participação da comunidade na criação de um projeto de gerenciamento único e no desenvolvimento de um novo destino turístico. O sucesso local do projeto pode ser visto no crescimento da organização comunitária Amigos de El Pilar. Com grupos de dois países, Belize e Guatemala, essa organização participa do programa para construir uma relação inclusiva entre a comunidade e a reserva, a qual é mutuamente benéfica. O desenvolvimento dessa relação dinâmica está no cerne da filosofia de El Pilar – capacidade rápida de recuperação e com potencial para educar comunidades, modificar o gerenciamento de recursos em nível local e apresentar projetos de conservação para a floresta maia.

(Por Anabel Ford, diretora do Mesoamerican Research Center, University of California, Santa Barbara. [www.marc.ucsb.edu](http://www.marc.ucsb.edu), [www.espmaya.org](http://www.espmaya.org), [www.mayaforestgardeners.org](http://www.mayaforestgardeners.org).)

## Diversificação do trabalho

A diversificação do trabalho também foi uma característica das primeiras civilizações. Em uma vila neolítica, sem irrigação ou arado, todos os membros da família trabalhavam no cultivo das plantações. A maior quantidade de produtos cultivados, possível através de novos métodos e do aumento da população, permitiu que um grande número de pessoas executasse outras atividades, em período integral.

Os registros públicos antigos documentam grande variedade de trabalhadores especializados. Por exemplo, um velho documento da Mesopotâmia, da antiga cidade babilônica de Lagash (atual Tell al-Hiba, no Iraque), enumera artesãos, artífices e outros trabalhadores, pagos com o excedente das colheitas armazenadas nos celeiros dos templos. Essa lista inclui: artesãos que trabalhavam com cobre e prata, escultores, mercadores, ceramistas, curtidores, entalhadores, açougueiros, carpinteiros, fiandeiros, barbeiros, marceneiros, cozinheiros, ajudantes e cervejeiros.

Com a especialização, veio o conhecimento que levou à invenção de novas maneiras de estruturar e produzir as coisas. Na Eurásia e na África, a civilização entrou no que os arqueólogos chamam de Idade do Bronze, período marcado pela produção de ferramentas e ornamentos feitos com esse metal.

Era grande a demanda por metais para a manufatura de ferramentas para agricultores e artesãos, assim como para armas. O cobre e o estanho (materiais que compõem o bronze) eram fundidos, ou separados do minério, em seguida purificados e moldados para a fabricação de arados, espadas, machados e escudos. Mais tarde, esses artefatos passaram a ser feitos de ferro fundido. Nas guerras, facas, lanças e atiradeiras de pedra não eram capazes de enfrentar as lanças, flechas, espadas, elmos ou armaduras de metal.

As civilizações indígenas das Américas também usaram metais. Na América do Sul, cobre, prata e ouro eram empregados na fabricação de ferramentas, bem como de objetos ornamentais e

cerimoniais. Os astecas e maias também empregavam os mesmos metais moles para fabricar objetos ornamentais e cerimoniais, enquanto continuavam a depender da pedra para as ferramentas do dia a dia. Para aqueles que acreditam que o metal é inegavelmente superior, isso parece um tanto enigmático. Entretanto, a obsidiana (vidro formado pela atividade vulcânica), com disponibilidade imediata, capacidade de corte (muitas vezes, era mais afiada que o aço mais fino) e facilidade para ser trabalhada, era perfeitamente adequada para atender suas necessidades. Além disso, ao contrário do bronze – e principalmente do ferro –, o cobre, a prata e o ouro são metais leves e têm uso prático limitado. As ferramentas de obsidiana apresentam algumas das bordas mais afiadas já feitas. (Ver a seção “Antropologia Aplicada” do Capítulo 4, “Ferramentas de pedra para cirurgias modernas”.)

Las sujeción de Google it.

As primeiras civilizações desenvolveram amplos sistemas de comércio a fim de encontrar a matéria-prima necessária para suas tecnologias. Em muitas partes do mundo, os barcos davam maior acesso aos centros de comércio, transportando grandes quantidades de produtos importados e exportados, entre as cidades, a custo mais baixo que o transporte por terra. Uma viagem de um dia das antigas cidades egípcias, ao longo do Nilo, até o porto da cidade de Byblos, na Fenícia (perto de onde se localiza a atual Beirute, no Líbano), era menos demorada de barco a remo do que pela rota terrestre. Com barco a vela, o tempo da viagem era ainda menor.

As expedições eram enviadas pelos faraós egípcios ao sul da Núbia (atualmente norte do Sudão) pelo ouro; a leste da Península do Sinai, pelo cobre; para a Arábia, pelos temperos e perfumes; para a Ásia, pelos lápis-lázuli (uma pedra semipreciosa azul) e outras joias; ao norte do Líbano, pelo cedro, vinho e óleos para funeral; e ao sudeste e centro da África, por marfim, ébano, penas de avestruz, pele de leopardo, gado e escravos. As evidências de comércio da região do Grande Zimbábue, no sul da África, indicam que essas redes comerciais se estendiam por todo o Velho Mundo. O contato cada vez maior com os povos estrangeiros, através do comércio, trouxe novas informações para as economias, aumentando a expansão das inovações e mesmo de conhecimentos, como geometria e astronomia.

## Governo central

O surgimento de uma elite governante também foi uma característica das primeiras civilizações. Os desafios que as novas cidades enfrentavam, em virtude de seu tamanho e complexidade, exigiam uma autoridade central poderosa. A elite governante assegurava que diferentes grupos de interesse, como agricultores, artesãos ou artífices, fornecessem os respectivos serviços e não se desrespeitassem.

Como ocorre atualmente, os governos do passado garantiam a segurança das cidades contra os inimigos, construindo fortificações e organizando exércitos. Criavam tributos e indicavam os coletores das taxas, que cobravam os impostos para pagar os trabalhadores das construções, os soldados do exército e outras despesas públicas. Garantiam que os mercadores, carpinteiros ou agricultores que fizessem alguma reclamação legal recebessem uma solução justa, conforme os padrões do sistema legal. Garantiam também segurança para a vida e a propriedade das pessoas comuns e que qualquer dano sofrido por uma pessoa seria avaliado com justiça. Além disso, o alimento excedente tinha de ser armazenado para períodos de escassez, e os serviços públicos, como os extensos sistemas de irrigação ou as fortificações, deveriam ser supervisionados por indivíduos competentes e justos. Os mecanismos do governo serviam para todas essas funções.

## Evidências de autoridade centralizada

As evidências de autoridade centralizada nas civilizações antigas vêm de fontes como códigos de leis, registros feitos nos templos e crônicas reais. As próprias escavações das estruturas das cidades fornecem evidências adicionais, porque podem mostrar sinais definidos de planejamento urbano. O desenho astronômico preciso da cidade mesoamericana de Teotihuacan, descrita anteriormente, atesta um forte controle centralizado.

Geralmente, nas ruínas de antigas civilizações, encontram-se construções monumentais, como templos, palácios e grandes esculturas. Por exemplo, a Grande Pirâmide, tumba do faraó egípcio Khufu, tem 236 metros de comprimento e 147 metros de altura; ela foi construída com aproximadamente 2,3 milhões de blocos de rocha, cada um com peso médio de 2,5 toneladas. Heródoto, o grande historiador grego, relata que 100 mil homens levaram vinte anos para construí-la. Essas estruturas gigantescas puderam ser erguidas somente porque havia uma poderosa autoridade central, que contava com uma força de trabalho considerável, engenheiros e matéria-prima necessários para a sua construção.

Outro indicador da existência de uma autoridade centralizada é a escrita, ou outra forma de registro de informação. Com a escrita, as autoridades centrais puderam disseminar, armazenar, sistematizar e organizar informações para fins políticos, religiosos e econômicos.

Os estudiosos consideram que o motivo inicial para o desenvolvimento da escrita na Mesopotâmia foi a necessidade de registrar os assuntos de Estado. A escrita permitiu que os primeiros governos contabilizassem o excedente de seus alimentos e outros recebimentos comerciais. Alguns dos primeiros documentos parecem ser registros desse tipo: listas de legumes, verduras e animais comprados e vendidos, listas de impostos e inventários de itens armazenados.

Há mais de 5.500 anos, os registros consistiam inicialmente em "sinais" (*token*), peças de cerâmica com formatos diferentes que indicavam mercadorias distintas. Assim, uma peça com formato de cone poderia representar uma medida de grãos, enquanto um cilindro poderia equivaler a um animal. À medida que o sistema evoluiu, os sinais passaram a representar animais diferentes; alimentos processados, como óleo, patos assados ou pão; e produtos manufaturados ou bens importados, como tecidos e metal.<sup>6</sup> Por fim, tabelas de argila com marcas impressas representando esses objetos substituíram tais sinais.

Na cidade mesopotâmica de Uruk, no atual Iraque (o nome do país provavelmente deriva da denominação desse lugar antigo), cerca de 5.100 anos atrás, surgiu uma nova técnica de escrita, os escribas utilizavam um estilete de junco para fazer marcas em forma de cunha (daí essa escrita ser conhecida como cuneiforme) sobre uma placa de argila úmida. Originalmente, cada marca representava uma palavra. Como a maior parte das palavras dessa língua era monossilábica, com o tempo as marcas passaram a representar sílabas.

Existem muitas controvérsias sobre a questão das primeiras evidências da escrita. Tradicionalmente, os primeiros escritos estavam ligados à Mesopotâmia. Entretanto, em 2003, arqueólogos que trabalhavam na Província de Henan, na região central da China, descobriram sinais entalhados em carapaças de tartaruga datados de 8.600 anos; essas marcas lembram os caracteres usados posteriormente e precedem em cerca de 2.000 anos as evidências encontradas na Mesopotâmia.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Lawler, A. Writing gets a rewrite. *Science*, n. 292, p. 2419, 2001.

<sup>7</sup> Li, X. et al. The earliest writing? Sign use in the seventh millennium BC at Jiahu, Henan Province, China. *Antiquity*, n. 77, p. 31-44, 2003.



Nas Américas, os sistemas de escrita eram usados por vários povos mesoamericanos, mas o sistema dos maias era particularmente sofisticado. O sistema de escrita maia, como outros aspectos dessa cultura, parece ter raízes no sistema anterior usado pela civilização Olmec.<sup>8</sup> O sistema de hieróglifos maia pouco se relacionava com o registro dos bens do governo; registrava as celebrações extravagantes dos feitos alcançados pelos governantes. Os soberanos maias glorificavam a si próprios registrando suas genealogias dinásticas, suas conquistas importantes e casamentos reais, empregando títulos grandiosos para se referirem a si mesmos, bem como associando seus atos com importantes eventos astronômicos. Embora esses registros possam ser diferentes daqueles empregados na antiga Mesopotâmia, todos os sistemas de escrita demonstram a preocupação com o poder político e sua manutenção.

### Os primeiros governos

Um rei e seus conselheiros tipicamente lideravam os primeiros governos das cidades. Entre os muitos reis antigos conhecidos, um deles se destaca como realmente notável pela eficiente organização do governo e pelo sistema legal altamente desenvolvido que caracterizou seu reinado: Hamurabi, rei da Babilônia que viveu na Mesopotâmia (hoje Iraque) entre 3.700 e 3.950 anos atrás. Na Babilônia, capital do império, ele estabeleceu um conjunto de leis conhecido como Código de Hamurabi, notável pelos detalhes e padronização. Tal código estabelecia a forma correta para os procedimentos legais e determinava penalidades para perjúrio e acusações falsas. Continha leis referentes ao direito de propriedade, empréstimos e débitos, direito de família e mesmo danos causados por erros médicos. Definia taxas fixas que deveriam ser cobradas em vários negócios e ramos comerciais e mecanismos para proteger pobres, mulheres, crianças e escravos contra injustiças.

O código era exibido publicamente, em grandes placas de pedra, de modo que ninguém podia afirmar que o desconhecia. Mesmo os cidadãos mais pobres deveriam conhecer seus direitos e responsabilidades. A lei refletia claramente as distintas classes sociais (o império da lei não é necessariamente o mesmo que a igualdade diante da lei). Por exemplo, se um aristocrata arrancava o olho de outro aristocrata, a lei exigia que, em troca, seus próprios olhos fossem arrancados, o que deu origem ao ditado "olho por olho". Contudo, se o aristocrata arrancasse os olhos de um plebeu, a punição seria simplesmente um pagamento em prata.<sup>9</sup>

Enquanto algumas civilizações floresceram no reinado de um único monarca com habilidades extraordinárias para governar, outras possuíam uma ampla burocracia eficiente em todos os níveis. O governo do império inca é um exemplo disso.

O auge da civilização inca, no Peru e territórios vizinhos, aconteceu cerca de 500 anos atrás, pouco antes da chegada dos invasores espanhóis. Em 1525, estendia-se por mais de 4 mil quilômetros, de norte a sul, e mais de 800 quilômetros, de leste a oeste; na época, era um dos maiores impérios na face da Terra. Sua população, que chegava a milhões de pessoas, era composta de vários grupos étnicos diferentes. Nas realizações do governo e do sistema político, a civilização inca ultrapassou qualquer outra das Américas e a maioria das civilizações da Eurásia. Um imperador, considerado

<sup>8</sup> Pohl, M. E. D.; Pope, K. O.; von Nagy, C. Olmec origins of Mesoamerican writing. *Science*, n. 298, p. 1984-1987, 2002.

<sup>9</sup> Moscati, S. *The face of the ancient orient*. Nova York: Doubleday, 1962. p. 90.

## GLOSSÁRIO

**objetos funerários:** Itens como utensílios, imagens e objetos pessoais simbolicamente colocados na sepultura, para serem usados pelas pessoas na outra vida.

**teoria hidráulica:** A teoria que explica a emergência da civilização como resultado da construção de sistemas de irrigação elaborados, que exigiam gerenciamento em período integral, tal fato provocou o surgimento do primeiro grupo de governo e da elite social.

\_\_\_\_\_ liderava o governo. Abaixo dele, havia a família real, a aristocracia, os administradores imperiais e a baixa nobreza; em seguida vinham os artesãos, trabalhadores e agricultores.

O império era dividido em quatro regiões administrativas, subdivididas em províncias, em vilas e famílias. As autoridades do governo responsáveis pela agricultura e pelos impostos supervisionavam as atividades nos campos, como

plantio, irrigação e colheita. Equipes de corretores profissionais se revezavam e conseguiam levar mensagens a uma distância de 400 quilômetros, em um único dia, por uma rede de estradas e pontes que, mesmo hoje, ainda impressionam.

Considerando a complexidade da civilização inca, é estranho que não tivessem uma forma conhecida de escrita convencional. Os registros públicos e as crônicas históricas eram mantidos por meio de um engenhoso sistema de códigos de fios coloridos com nós.

## Estratificação social

O surgimento de grandes populações economicamente diversificadas, presididas por um governo centralizado, trouxe consigo a quarta mudança cultural característica da civilização: a estratificação social, ou o surgimento das classes sociais. Por exemplo, símbolos de *status* e de privilégios especiais surgiram nas antigas cidades da Mesopotâmia, onde as pessoas eram classificadas conforme o tipo de trabalho que exerciam ou a família a que pertenciam.

Aquelas pessoas que ficavam no nível mais alto do governo, ou estavam próximas a ele, tinham o *status* mais alto. Embora os especialistas – aqueles que trabalhavam com metais, couro ou comércio – geralmente fossem considerados superiores aos agricultores, isso não significava que tivessem mais *status* por suas especializações. Ao contrário, as pessoas que realizavam esse tipo de atividade econômica pertenciam às classes mais baixas ou eram consideradas párias.<sup>10</sup> Os mercadores, às vezes, conseguiam comprar para si uma posição melhor em uma classe mais alta. Com o tempo, a riqueza e a influência que uma pessoa conseguia comprar se tornaram um requisito para ter alto *status*, como acontece em algumas culturas contemporâneas.

Como os arqueólogos sabem que diferentes classes sociais existiram nas civilizações antigas? Conforme já foi mencionado, as leis e outros documentos escritos, assim como as características arqueológicas, incluindo o tamanho e a localização das casas, podem indicar a estratificação social.

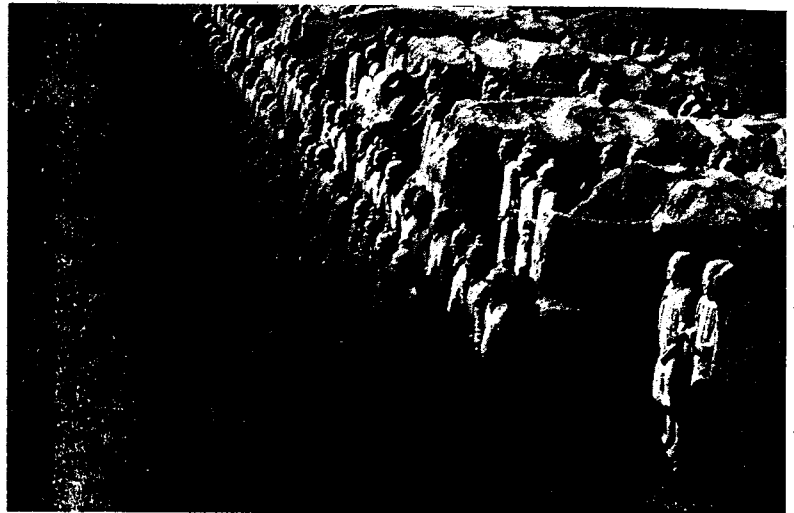
Isso também é revelado pelos hábitos de sepultamento. As tumbas escavadas nos primeiros sítios neolíticos são, na maioria, simples buracos no chão, com poucos objetos funerários, ou nenhum. **Objetos funerários** consistem em utensílios, imagens e objetos pessoais simbolicamente colocados na tumba, para serem usados pelas pessoas na outra vida. As tumbas dos primeiros sítios neolíticos revelam pouca variação, indicando essencialmente sociedades sem divisão em classes. As tumbas escavadas em civilizações, ao contrário, variam amplamente em tamanho, modo de sepul-

<sup>10</sup> Sjoberg, G. *The preindustrial city*. Nova York: Free Press, 1960. p. 325.

tamento e em número e variedade de objetos funerários. Isso reflete uma sociedade estratificada, dividida em classes sociais. As tumbas de pessoas importantes contêm vários artefatos feitos de materiais preciosos e, às vezes, como em algumas das primeiras tumbas egípcias, os restos de servos que evidentemente foram mortos para servirem aos seus amos na outra vida.

Os esqueletos sepultados também podem mostrar indícios de estratificação. A idade e a presença de certas doenças podem ser deter-

minadas através da análise das ossadas. Nas sociedades estratificadas, os grupos dominantes geralmente viviam mais, tinham uma alimentação melhor e uma vida mais fácil que os membros das classes mais baixas da sociedade, como acontece ainda hoje.



Os objetos funerários frequentemente indicam o *status* do indivíduo nas sociedades estratificadas. Por exemplo, o primeiro imperador da China foi enterrado com 7 mil estátuas de guerreiros feitas de terracota.

© 2010 Photos.com, a division of Getty Images. All rights reserved.

## O SURGIMENTO DOS ESTADOS

Da África à China e à região andina, na América do Sul, as civilizações antigas estão quase sempre associadas a palácios magníficos, esculturas tão perfeitas que são incomparáveis às dos artistas de hoje e projetos de engenharia tão grandes e ousados que despertam em nós um sentimento de admiração. Essas obras impressionantes poderiam indicar que a civilização é melhor que qualquer outra forma cultural, particularmente quando as civilizações passaram a dominar os povos com outros sistemas sociais. Mas a dominação é mais um reflexo da agressão, do tamanho e do poder que superioridade cultural. Em outras palavras, a emergência de governos centralizados, uma característica das civilizações, permitiu que algumas culturas dominassem outras e que as civilizações se desenvolvessem. Os antropólogos propõem várias teorias para descrever a transição de pequenas vilas igualitárias para grandes centros urbanos, onde a densidade populacional, a desigualdade social e a diversidade de mão de obra exigiam um governo centralizado.

### Abordagens ecológicas

As abordagens ecológicas enfatizam o papel do ambiente no desenvolvimento dos estados. Entre elas, a teoria hidráulica, ou da irrigação, afirma que as civilizações progrediram quando os povos neolíticos perceberam que a agricultura se desenvolvia melhor nos solos férteis dos vales cortados por rios, desde que fosse possível controlar as cheias periódicas.<sup>11</sup> O esforço centralizado para controlar o processo de irrigação produziu o primeiro corpo de governo, a elite social e a civilização.

<sup>11</sup> Wittfogel, K. A. *Oriental despotism, a comparative study of total power*. New Haven, CT: Yale University Press, 1957.

**GLOSSÁRIO**

**teoria da ação** teoria que afirma que ações realizadas em interesse próprio têm papel importante no surgimento das civilizações.

Outra teoria sugere que, nas regiões com diversidade ecológica, o comércio é necessário para suprir recursos escassos. No México, por exemplo, as redes comerciais distribuía pimenta, cultivada nas regiões montanhosas; algodão e feijão, plantados nas regiões intermediárias; e o sal, extraído na costa, para os grupos em todas as regiões. Alguma forma de autoridade centralizada se desenvolveu a fim de organizar o comércio para obtenção e redistribuição desses produtos.

Uma terceira teoria, defendida pelo antropólogo norte-americano Robert Carneiro, sugere que os estados se desenvolveram em locais onde as populações estavam confinadas por barreiras ambientais como montanhas, desertos, mares, ou outras populações humanas, como resultado de guerras e conflitos nessas regiões.<sup>12</sup> Com o crescimento dessas populações, não houve espaço para a expansão; inicia-se então a competição pelos recursos, cada vez mais escassos. Internamente, esse aspecto pode provocar o desenvolvimento da estratificação social, em que uma elite controla os recursos importantes, aos quais as classes mais baixas têm acesso limitado. Externamente, isso provoca guerras e mesmo conquistas que, para terem sucesso, exigem organização elaborada sob o comando de uma autoridade centralizada.

Existem controvérsias em cada uma dessas teorias ecológicas. Em todo o mundo e ao longo do tempo, encontram-se culturas que não se encaixam nesses modelos. Por exemplo, alguns dos primeiros sistemas de irrigação em grande escala foram desenvolvidos nas regiões montanhosas da Nova Guiné, onde nunca houve governo centralizado forte. Os nativos norte-americanos possuíam redes de comércio que se estendiam da região de Labrador, no nordeste do Canadá, ao Golfo do México, à região de Yellowstone, nas Montanhas Rochosas, e ao Pacífico, sem um sistema de controle centralizado.<sup>13</sup> Em muitas das culturas que não se encaixam nas teorias do determinismo ecológico, culturas vizinhas aprenderam a conviver em paz, em vez de guerrear até a conquista total.

Embora poucos antropólogos neguem a importância da relação entre o homem e o meio ambiente, muitos não estão satisfeitos com as abordagens que não consideram as crenças e os valores que regulam a interação entre as pessoas e o meio ambiente.<sup>14</sup> Por exemplo, como descrito no estudo de caso sobre Tikal, enquanto a religião estava ligada à terra, uma vez que os sacerdotes definiam o período mais favorável para o plantio, as crenças e as relações de poder que se desenvolveram na cultura maia não eram determinadas pelo ambiente. As sociedades humanas do passado e do presente colocam suas crenças e valores na interação com o meio ambiente.

## Teoria da ação

Uma crítica às teorias discutidas anteriormente é que elas não reconhecem a capacidade de líderes ambiciosos e carismáticos para moldar o curso da história humana. Assim, os antropólogos Joyce Marcus e Kent Flannery desenvolveram o que eles chamam de **teoria da ação**.<sup>15</sup> Essa teoria admite a relação da sociedade com o meio ambiente na formação do comportamento cultural e social, mas

<sup>12</sup> Carneiro, R. L. A theory of the origin of the state. *Science*, p. 169, n. 733-738, 1970.

<sup>13</sup> Haviland, W. A.; Power, M. W. *The original Vermonters*. 2. ed. Hanover, NH: University Press of New England, 1994, cap. 3 e 4.

<sup>14</sup> Adams, R. M. Scale and complexity in archaic states. *Latin American Antiquity*, n. 11, p. 188, 2001.

<sup>15</sup> Marcus, J.; Flannery, K. V. *Zapotec civilization: How urban society evolved in Mexico's Oaxaca Valley*. Nova York: Thames & Hudson, 1996.

também reconhece que líderes poderosos se empenham para garantir a posição por meio de ações que interessam apenas a si mesmos. Ao agir desse modo, podem provocar mudanças.

No caso da história maia, por exemplo, os líderes locais, que antes dependiam do carisma pessoal para obter o suporte econômico e político necessário para mantê-los em suas posições, podem ter recorrido à religião para solidificar seu poder. Através da religião, desenvolveram uma ideologia que garantiu a eles e a seus descendentes uma ancestralidade sobrenatural e permitiu que tivessem acesso privilegiado aos deuses, dos quais os seguidores dependiam. Nesse caso, certos indivíduos poderiam monopolizar o poder e surgir como reis divinos, usando seu poder para subjugar os rivais.

Como o exemplo anterior explicita, o contexto em que opera um líder poderoso é crítico. No caso dos maias, a combinação dos fatores ecológicos e culturais existentes abriu caminhos para o surgimento das dinastias políticas. Assim, é provável que as explicações sobre a emergência das civilizações envolvam causas múltiplas, e não apenas uma delas. Além disso, também pode haver o equivalente cultural do que os biólogos chamam *convergência*, em que sociedades similares surgem de formas diferentes. Consequentemente, uma teoria que descreva o surgimento de uma civilização em um lugar talvez não funcione quando se considera outro local.

## CIVILIZAÇÃO E SUAS CONTRARIEDADES

Como vivemos no contexto de civilização, estamos inclinados a ver seu desenvolvimento como um grande passo na chamada escala do progresso. Quaisquer que sejam os benefícios produzidos pela civilização, as mudanças culturais que ela representa criam novos problemas. Entre estes está o descarte do lixo. Na verdade, isso provavelmente começou a ser um problema em povoados agrícolas estabelecidos, muito antes do surgimento das civilizações. Mas, à medida que as vilas se transformaram em cidades, o problema tornou-se mais sério, pois nas condições de espaço reduzido, o lixo e o esgoto criaram ambiente propício para doenças infecciosas, como a peste bubônica, o tifo e a cólera. As primeiras cidades, portanto, tendiam a ser lugares repletos de doenças, com taxas de mortalidade bem altas.

A adaptação genética às doenças também pode ter influenciado o curso da civilização. Nos europeus do norte, por exemplo, a mutação de um gene no cromossomo 7 torna os portadores resistentes à cólera, ao tifo e outras diarreias provocadas por bactérias.<sup>16</sup> Em razão da mortalidade causada por essas doenças, a seleção favoreceu a disseminação desse alelo entre as pessoas do norte da Europa. Contudo, como no caso da anemia falciforme, essa proteção teve um preço alto: a fibrose cística, uma doença geralmente fatal quando presente em pessoas que são homocigotos do gene alterado.

O crescimento de aldeias e cidades também provocou outras doenças infecciosas agudas. Em uma pequena população, doenças como catapora, gripe (influenza), sarampo, caxumba, coqueluche, poliomielite, rubéola e varíola matam ou imunizam uma parcela tão grande da população que o vírus não consegue se propagar. O sarampo, por exemplo, provavelmente desaparece em qualquer população humana com menos de 500 mil pessoas.<sup>17</sup> Dessa forma, tais doenças, quando introduzidas em pequenas comunidades, disseminam-se imediatamente para toda a população e então extinguem-se. A continuidade de sua existência depende da presença de uma grande população, como a encontrada nas cidades. Os sobreviventes possuíam imunidade a essas doenças letais.

<sup>16</sup> Ridley, M. *Genome: The autobiography of a species in 23 chapters*. Nova York: HarperCollins. p. 142.

<sup>17</sup> Diamond, J. *Guns, germs, and steel*. Nova York: Norton, 1997.

As doenças infecciosas tiveram papel importante na colonização europeia das Américas. Quando os europeus, com imunidade às chamadas doenças do Velho Mundo, vieram para as Américas pela primeira vez, trouxeram consigo essas doenças devastadoras. Milhões de indígenas – que nunca tinham sido expostos aos micróbios que causam doenças como gripe, varíola, tifo e sarampo – morreram.

## Conexão Biocultural

### Estratificação social e doenças da civilização: tuberculose

Antes da descoberta dos antibióticos, no início do século XX, os indivíduos infectados com a bactéria que provoca a tuberculose (TB) invariavelmente definhavam até morrer. Porém, antes do desenvolvimento das cidades, a tuberculose era rara no ser humano. A bactéria que provoca a doença não consegue sobreviver na presença do sol e do ar fresco. Portanto, como muitas outras enfermidades, a tuberculose pode ser considerada uma doença da civilização.

Antes de o ser humano viver em centros urbanos escuros e repletos de gente, se um indivíduo infectado tossisse e liberasse a bactéria no ar, provavelmente a luz do sol evitaria sua disseminação. Mas a civilização afeta as doenças de outro modo poderoso. A distribuição social da tuberculose indica que a estratificação social é um fator na disseminação dessa doença, em comparação com qualquer bactéria do passado e do presente.

Por exemplo, os judeus asquenazitas, do leste da Europa, foram forçados a viver em guetos urbanos durante muitos séculos, e se tornaram vulneráveis à bactéria da tuberculose em bairros isolados, escuros e cheios de gente. Como vimos na resposta genética à malária (a falciforme e outras hemoglobinas anormais) e as diarreias provocadas por bactérias (o gene da fibrose cística), a tuberculose desencadeou uma resposta genética na forma do alelo Tay-Sachs. Os indivíduos heterozigotos para o alelo de Tay-Sachs estavam protegidos contra essa doença.<sup>4</sup>

Infelizmente, os homozigotos para esse alelo desenvolviam uma condição degenerativa letal que permaneceu comum nos judeus asquenazitas. Sem a pressão seletiva da tuberculose, a frequência do alelo de Tay-Sachs nunca teria aumentado. Do mesmo modo, sem as rígidas normas sociais compostas por regras de casamento que confinaram os judeus pobres a guetos, a frequência do alelo de Tay-Sachs nunca teria aumentado. Em épocas mais recentes, certos mecanismos culturais, como exames pré-natais e pré-nupciais, vêm provocando a diminuição na frequência desse alelo.

Enquanto o uso de antibióticos reduz as mortes por tuberculose, formas resistentes da bactéria exigem um tratamento com drogas múltiplas. Não apenas as pessoas mais pobres estão mais sujeitas a contrair tuberculose, como também têm menos condições de comprar os remédios caros para o seu tratamento. Para as pessoas que vivem em países pobres e para as menos favorecidas em países mais ricos, a tuberculose, como a Aids, pode ser uma doença infecciosa incurável e fatal. Como afirma Holger Sauer, da Organização Mundial de Saúde, "a tuberculose e a Aids se desenvolvem em áreas pobres". As difíceis condições de vida em favelas urbanas promovem a disseminação de doenças infecciosas. A pobreza também torna inacessível o tratamento médico.

Antes de a estratificação social acompanhar o surgimento de cidades e estados, todos os homens eram iguais, com relação a micróbios infecciosos.

<sup>4</sup> Ridley, M. *Genome: The autobiography of a species in 23 chapters*. Nova York: Harper Collins, 1999. p. 191.

Apenas recentemente as medidas de saúde pública reduziram o risco de morte nas cidades, e as áreas de alta densidade populacional não teriam persistido, não fosse o constante êxodo rural. A população urbana da Europa, por exemplo, somente se tornou autossustentável no início do século XX.<sup>18</sup> O que levou as pessoas a viver em lugares tão insalubres? Muito provavelmente, elas foram atraídas pelas mesmas coisas que hoje as fascinam. As cidades são lugares vibrantes e interessantes, que oferecem novas oportunidades e proteção em períodos de guerra. Obviamente, a experiência de vida na cidade nem sempre correspondeu às expectativas das pessoas, particularmente dos pobres, como descreve a seção “Conexão Biocultural” deste capítulo.

Além dos distúrbios de saúde, muitas das primeiras cidades enfrentaram problemas sociais semelhantes aos encontrados atualmente em cidades do mundo todo. A grande densidade da população, as desigualdades dos sistemas de classe e a opressão dos governos centralizados criaram tensões internas. Os pobres viam que os ricos tinham todas as coisas que os membros das classes mais baixas não podiam ter. Não era apenas uma questão de possuir artigos de luxo; os pobres não tinham comida ou espaço suficiente para viver com conforto, dignidade e saúde.

As evidências de guerras nas primeiras civilizações são comuns. As cidades eram fortificadas. Os documentos antigos enumeram batalhas, ataques e guerras entre grupos. Cilindros de impressão, pinturas e esculturas retratam cenas de batalha, reis vitoriosos e prisioneiros de guerra. A população cada vez maior e a escassez de terras férteis geralmente provocavam desavenças e disputas sobre limites territoriais entre estados civilizados ou entre os chamados povos tribais e um estado. Quando a guerra começava, as pessoas se amontoavam nas cidades fortificadas para ter proteção e acesso aos sistemas de irrigação.

O que hoje chamamos desenvolvimento – a transformação do espaço aberto das áreas rurais em ambientes construídos e densamente povoados – apresentava problemas semelhantes no passado. Na cidade maia de Copan, onde hoje se localiza Honduras, grande parte do solo fértil ao longo do rio Copan era pavimentada, conforme a cidade crescia, fazendo com que os habitantes ficassem cada vez mais dependentes dos alimentos cultivados no frágil solo dos morros. No fim, esse aspecto provocou a perda catastrófica do solo, através da erosão, e a interrupção da produção de alimentos. Da mesma forma, na antiga Mesopotâmia, a evaporação da água devida aos extensivos trabalhos de irrigação resultou no surgimento de sal no solo, que se arruinou para o uso agrícola.

Não é nada encorajador observar que muitos dos conflitos associados às primeiras civilizações ainda existem em nossa vida. Descarte de lixo, distúrbios de saúde relacionados à poluição, multitudes, desigualdade social e guerras continuam a ser problemas sérios. Por meio do estudo das civilizações antigas e da comparação com as sociedades contemporâneas, temos agora uma chance de compreender tais problemas. Esse entendimento representa uma importante parcela da missão do antropólogo e pode contribuir para a habilidade da nossa espécie de transcender as dificuldades causadas pelo ser humano.

<sup>18</sup> Diamond, p. 205.

## Resumo do capítulo

- As primeiras cidades cresceram de vilas neolíticas entre 4.500 e 6.000 anos atrás, primeiro na Mesopotâmia, em seguida no Egito e no vale do rio Indo. Na China, o processo já estava em andamento havia 5.000 anos. Algum tempo depois, mudanças semelhantes, porém completamente independentes, aconteceram na Mesoamérica e na região central dos Andes. Quatro mudanças básicas marcam a transição da vida nas vilas neolíticas para os centros urbanos civilizados: inovações agrícolas; diversificação do trabalho; surgimento do governo centralizado; e estratificação social.
- As inovações agrícolas envolveram o desenvolvimento de novos métodos agrícolas, como a irrigação, que aumentou a quantidade de produtos cultivados. Tais inovações provocaram outras mudanças, como o aumento do tamanho das populações.
- A diversificação do trabalho ocorreu como resultado do crescimento das populações nas cidades. Algumas pessoas conseguiam fornecer alimentos suficientes para outras, que se dedicavam completamente à especialização, como artesãos e operários. Com a especialização veio o desenvolvimento de novas tecnologias, provocando o início dos sistemas de comércio extensivo. Os novos conhecimentos se disseminaram como consequência da inovação tecnológica e do contato cada vez maior com povos estrangeiros por meio do comércio. Ciências, como geometria e astronomia, se desenvolveram nessas primeiras civilizações.
- O surgimento de um governo central proporcionou uma autoridade para lidar com os problemas complexos associados às cidades. As evidências da autoridade de um governo central nas civilizações antigas vêm de várias fontes, como códigos de leis, registros feitos nos templos e crônicas reais. Com a invenção da escrita, os governos passaram a manter o registro das suas transações e/ou de seu poder e glória. Evidências adicionais de governos centralizados vêm de estruturas públicas monumentais e sinais de planejamento central. Tipicamente, as primeiras cidades eram dirigidas por um rei e seus conselheiros.
- A estratificação social, ou o surgimento das classes sociais, é outra mudança cultural característica das cidades e estados. Surgiram os símbolos de *status* e o privilégio, e os indivíduos foram classificados de acordo com o trabalho que realizavam ou a posição de suas famílias. Os arqueólogos têm conseguido verificar a existência de classes sociais nas antigas civilizações escavando túmulos a fim de estudar os hábitos de sepultamento, objetos funerários e esqueletos; observando o tamanho das moradias nas cidades escavadas e examinando os registros preservados por meio da escrita e da arte.
- Várias teorias foram propostas para explicar o surgimento de cidades e estados. As teorias ecológicas enfatizam a inter-relação das ações dos povos antigos com o meio ambiente. Segundo essas teorias, as civilizações se desenvolveram à medida que os governos centralizados começaram a controlar os sistemas de irrigação, as redes de comércio e/ou os recursos escassos. Como esses fatores coincidem com o surgimento dos estados, é difícil estabelecer se as condições ambientais provocaram mudanças culturais. Essas teorias omitem a importância das crenças e dos valores das culturas do passado, bem como as ações de líderes dinâmicos e poderosos, cujos esforços para promover os próprios interesses podem ter sido importantes para as mudanças sociais. Provavelmente, vários fatores atuaram concomitantemente para promover o surgimento de cidades e estados.



- As primeiras cidades enfrentaram muitos problemas. O saneamento deficiente e o grande número de pessoas que viviam muito próximas criaram ambientes onde as doenças infecciosas se proliferavam. Os primeiros centros urbanos também enfrentaram problemas sociais notavelmente semelhantes àqueles que persistem no mundo de hoje. A densidade da população, os sistemas de classe e governos fortemente centralizados criaram tensões internas. As guerras eram comuns; as cidades eram fortalezas e os exércitos serviam para proteger o estado.

### Questões para refletir

1. Em sociedades de grande escala, no passado e no presente, a elite tem acesso desproporcional aos recursos e controle sobre eles. Essa estratificação social é uma consequência inevitável do surgimento de cidades e estados? De que maneira o estudo sobre estratificação social no passado contribui para a resolução de questões contemporâneas de justiça social?
2. Nos capítulos anteriores, enfatizou-se que a história da evolução humana não deveria ser considerada progresso. Da mesma forma, por que é incorreto pensar na mudança de vila para cidade e desta para estado como progresso?
3. Como se expressam as diferenças de estratificação social em sua comunidade? Ela tem alguma tradição com relação à morte que serve para estabelecer a diferença social entre os indivíduos?
4. Atualmente, com as redes econômicas e de comunicação globais, será possível modificar os sistemas sociais que envolvem governos centrais ou será inevitável a existência de uma autoridade central global?
5. Com muitas descobertas arqueológicas existe certo valor para os “primeiros”, como a primeira forma de escrita, a primeira cidade ou o primeiro governo. Considerando a história do surgimento independente de cidades e estados em todo o mundo, você acredita que os cientistas deveriam dar mais valor a esses eventos simplesmente porque são mais antigos?

### Palavras-chave

Civilização; Idade do Bronze; objetos funerários; teoria hidráulica; teoria da ação.



# Diversidade humana moderna: raça e racismo



## INTRODUÇÃO VISUAL<sup>1</sup>

Embora escolas, bebedouros, salas de espera e outros locais apenas para “negros” ou para “brancos” tenham se tornado ilegais nos Estados Unidos, após o movimento pelos direitos civis, na década de 1960, o racismo ainda persiste, não somente nos Estados Unidos, mas em muitos outros países. O racismo é motivado pela crença popular de que os chamados grupos raciais são divisões naturais para separar nossa espécie, com base em diferenças físicas visíveis. As evidências biológicas demonstram que não existem raças separadas. Em uma definição ampla, os agrupamentos “raciais” geográficos apresentam apenas 7% de diferença em seus genes. A troca de genes ocorreu durante toda a história da evolução das populações humanas e continua ainda hoje. Em vez de provocar o desenvolvimento de subespécies distintas (biologicamente definidas como raças), essa mudança genética vem mantendo toda a humanidade como uma única espécie. Embora o conceito de raça funcione como uma categoria política e social que promove a desigualdade em algumas sociedades, ela é uma construção cultural sem base científica objetiva.

<sup>1</sup> Texto da imagem: Os brancos do sul são os melhores amigos dos negros, mas integração, não. (NT)

**História da classificação humana****Raça como conceito biológico****Conceito de raças humanas****Significado social de raça: racismo**

Raça e comportamento

Raça e inteligência

**Diversidade biológica humana**

Cor da pele: um estudo de caso sobre adaptação

Cultura e diversidade biológica

**Resumo do capítulo**

Ops: Nos vemos  
todas culturas e etnias  
são muito diferentes  
e a pele mel. E des?  
fazem?

Homem ou mulher, alto ou baixo, claro ou escuro, a variação biológica pode ser categorizada de várias formas, mas, no fim, somos todos membros da mesma espécie. Variações minúsculas em nosso DNA dão a cada um de nós impressões digitais genéticas únicas, contudo, essas variações existem apenas nos seres humanos. As diferenças visíveis entre os seres humanos modernos são expressas dentro do conjunto de características biológicas compartilhadas por todas as espécies e, como espécie, os seres humanos são diferentes.

A variação genética humana está geralmente distribuída por todo o globo de modo contínuo. Sob a perspectiva biológica, essa variação, certas vezes, segue um padrão imposto pela interação com o meio ambiente, através do processo evolutivo da seleção natural. Outras vezes, a variação resulta da deriva genética aleatória. O significado que damos à nossa variação biológica, entretanto, é sempre padronizado, porque o modo como a percebemos, se é que o fazemos, é determinado pela cultura. Por exemplo, em muitas culturas polinésias, onde a cor da pele não determina o *status* social, as pessoas prestam pouca atenção a essa característica física. Em comparação, em países como Estados Unidos, Brasil e África do Sul, nos quais a cor da pele representa uma categoria política e social significativa, este é um dos primeiros aspectos que as pessoas observam.

A diversidade biológica, portanto, não pode ser estudada sem o conhecimento das dimensões culturais que moldam as questões sobre diversidade e sobre a história de como esse conhecimento vem sendo aplicado. Quando os especialistas europeus iniciaram estudos sistemáticos sobre a variação humana, entre os séculos XVIII e XIX, eles estavam preocupados em documentar as diferenças entre grupos humanos, a fim de dividi-los hierarquicamente em seres humanos progressivamente “melhores”. Hoje, essa abordagem hierárquica foi devidamente abandonada. Antes de explorar como a variação biológica contemporânea é estudada atualmente, examinaremos os efeitos das ideias sociais sobre raça e hierarquia racial na interpretação da variação biológica, no passado e no presente.

**GLOSSÁRIO**

**raça** Em biologia, categoria taxonômica de subespécies que não se aplica aos seres humanos, porque a divisão dos homens em tipos discretos não representa a verdadeira natureza da variação biológica humana; em algumas sociedades a raça é uma categoria social importante.

**HISTÓRIA DA CLASSIFICAÇÃO HUMANA**

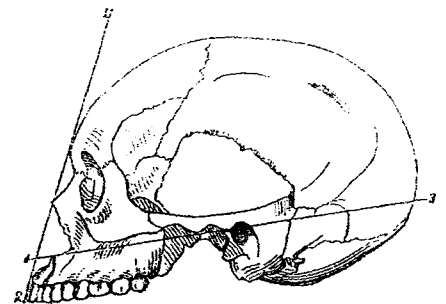
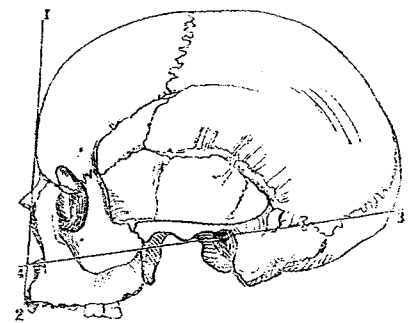
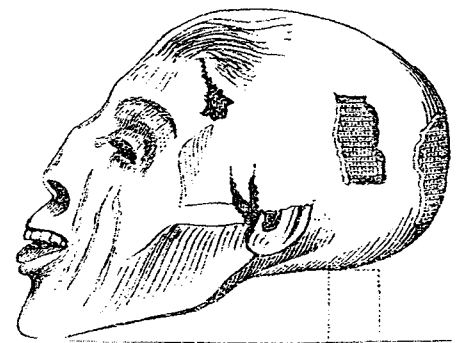
Os primeiros acadêmicos europeus tentaram classificar sistematicamente o *Homo sapiens* em subespécies, ou raças,

com base em localização geográfica e nas características fenotípicas, como cor da pele, tamanho do corpo, formato da cabeça e textura do cabelo. No século XVIII, o naturalista sueco Carlos Lineu originalmente dividiu os seres humanos em subespécies, com base na localização geográfica, e classificou todos os europeus como “brancos”, os africanos como “negros”, os indígenas norte-americanos como “vermelhos” e os asiáticos como “amarelos”.

O médico alemão Johann Blumenbach (1752-1840) introduziu algumas mudanças significativas nesse esquema de quatro raças, na edição de 1795 de sua obra *On the natural variety of mankind* [A diversidade natural da humanidade]. Vale destacar que esse livro apresenta formalmente a noção de hierarquia de tipos humanos. Com base em exames comparativos de sua coleção de crânios humanos, Blumenbach considerou o mais bonito o de uma mulher da região do Cáucaso (cadeia de montanhas entre o Mar Morto e o Mar Cáspio, no sudeste europeu e sudoeste asiático). Era mais simétrico que os outros, e Blumenbach o via como um reflexo da forma ideal da natureza: o círculo. Naturalmente, o médico alemão concluiu que esse espécime “perfeito” lembrava a criação original de Deus. Além disso, ele achava que os habitantes da região do Cáucaso eram os mais “bonitos” do mundo. Com base nesses critérios, ele concluiu que essa cadeia de montanhas, que não fica muito distante das terras mencionadas na Bíblia, foi o local da origem dos homens.

Blumenbach determinou que todas as pessoas de pele clara, da Europa e de áreas adjacentes do oeste asiático e do norte africano pertenciam à mesma raça. Sobre essa base ele aboliu o rótulo “europeu” de raça e o substituiu por “caucasiano”. Embora tenha continuado a distinguir os indígenas americanos como uma raça separada, ele reagrupou os africanos de pele escura como “etiópicos” e dividiu os asiáticos que não eram considerados caucasianos em duas raças distintas: “mongoloides” (referindo-se à maioria dos habitantes da Ásia, incluindo China e Japão) e “malaios” (nativos australianos, das ilhas do Pacífico e outros).

Convencido de que os caucasianos estavam mais próximos dos homens ideais, supostamente criados à imagem de Deus, Blumenbach os classificou como superiores. As outras raças, ele argumentava, foram o resultado da “degeneração”; ao se mudarem de seus lugares de origem e se adaptarem a climas e ambientes diferentes, eles haviam se transformado física e moralmente no que muitos europeus passaram a considerar raças inferiores.<sup>2</sup>



O trabalho realizado no século XIX pelo médico Samuel Morton, da Filadélfia, é um exemplo de pesquisa fundamentada ideologicamente para justificar os preconceitos populares sobre as chamadas hierarquias raciais. Ele baseou seus estudos de mensuração de uma série de crânios para demonstrar a suposta superioridade biológica de grupos de pessoas, ou povos, através de aspectos do tamanho e do formato do crânio. Suas “medições” foram contestadas por Stephen Jay Gould, no clássico *A falsa medida do homem* (*The mismeasure of man*).

<sup>2</sup> Gould, S. J. The geometer of race. *Discover*, v. 15, n. 11, p. 65-69, 1994.

Agora reconhecemos claramente os erros reais e os preconceitos etnocêntricos implícitos no trabalho de Blumenbach, bem como de outros estudiosos, em relação ao conceito de raça. Especialmente desastrosa é a noção de raças superiores e inferiores, pois esta tem sido aplicada para justificar brutalidades que incluem repressão, escravização, assassinatos em massa e genocídios. Também emprega-se essa noção para racionalizar o cruel menosprezo, que é dolorosamente ilustrado pela trágica história de Ota Benga, um pigmeu do povo twa que, no início do século XX, foi enjaulado em um zoológico de Nova York com um orangotango.

Capturado em um ataque no Congo, Ota Benga acabou sob a posse do negociante norte-americano Samuel Verner, que procurava "selvagens" exóticos para exibição nos Estados Unidos. Em 1904, Ota e um grupo de pigmeus twa foram embarcados e levados da África para os Estados Unidos e exibidos na Feira Mundial de Saint Louis, no Missouri. Com aproximadamente 23 anos na época, Ota tinha 1,25 m de altura e pesava 46 quilos. Milhares de pessoas visitaram a feira para ver dezenas de nativos de todo o mundo, com roupas tradicionais junto a réplicas das vilas onde viviam e realizando suas atividades rotineiras. A feira foi um sucesso para os organizadores; todos os pigmeus twa sobreviveram e foram embarcados de volta à terra natal. Verner também retornou ao Congo e, com a ajuda de Ota, recolheu artefatos para vender ao Museu de História Natural, em Nova York.

No verão de 1906, Ota voltou aos Estados Unidos com Verner, que logo foi à falência e perdeu toda a sua coleção. Sozinho na cidade grande, Ota ficou sob a guarda do museu e então foi levado para o zoológico do Bronx e exibido na jaula dos macacos, em companhia de um orangotango. Os dentes afiados de Ota (uma prática cultural de seu povo) eram vistos como evidência de sua suposta natureza canibal. Após protestos intensos, as autoridades do zoológico o retiraram da jaula. Durante o dia ele caminhava livre pelo parque, onde normalmente era importunado pelos visitantes. Ota (chamado de "garoto" pela maioria das pessoas) foi então levado para um orfanato para crianças afro-americanas. Em 1916, ao ouvir que nunca voltaria a sua terra natal, suicidou-se com um tiro no coração.<sup>3</sup>

A exposição racista no zoológico do Bronx, há um século, sem dúvida foi única. Apenas a ponta do iceberg do etnocentrismo, a manifestação de uma ideologia poderosa na qual uma pequena parte da humanidade tentava demonstrar e justificar sua pretensão de superioridade biológica e cultural. Esse fato teve ressonância em especial na América do Norte, onde pessoas de descendência europeia colonizaram terras originalmente habitadas por povos indígenas; em seguida, exploraram escravos africanos e (mais tarde) asiáticos importados como mão de obra barata. Na verdade, tal alegação, baseada nas falsas noções de raça, resultaram na opressão e no genocídio de milhões de pessoas por causa da cor da pele ou do formato do crânio.

Felizmente, no início do século XX, alguns especialistas começaram a desafiar o conceito de hierarquia racial. Entre os mais contundentes críticos estava Franz Boas (1858-1942), cientista judeu que imigrou para os Estados Unidos em virtude do crescimento do antissemitismo na Alemanha, sua terra natal, e que se tornou o fundador de quatro áreas da antropologia, na América do Norte. Como presidente da American Association for the Advancement of Science (Associação Americana para o Avanço da Ciência), Boas criticou as falsas alegações de superioridade racial em um discurso importante, intitulado "Raça e Progresso", publicado na prestigiada revista *Science*, em 1909. A especialização de Boas em antropologia cultural e biológica contribuiu para o aprofundamento dessa crítica.

<sup>3</sup> Bradford, P. V.; Blume, H. *Ota Benga: the pygmy in the zoo*. Nova York: St. Martin's Press, 1992.

Ashley Montagu (1905-1999), aluno de Boas e um dos antropólogos mais conhecidos da época, devotou a maior parte de sua carreira para combater o racismo científico. Descendente de uma família judia de classe baixa, Israel Ehrenberg (seu verdadeiro nome) nasceu na Inglaterra e também sentiu o preconceito do antissemitismo. Após alterar o nome, na década de 1920, ele emigrou para os Estados Unidos, onde lutou para combater o racismo através de seus escritos, nas palestras e nas aulas que ministrava. Entre os seus trabalhos, o de maior destaque é o livro *Man's most dangerous myth: the fallacy of race* [O mito mais perigoso do homem: a falácia das raças]. Publicado em 1942, começou a desmentir esse conceito, ligando raças a "mito social". O livro já teve seis edições, a última saiu em 1998. As ideias antes controversas de Montagu agora prevalecem, e seus textos ainda são alguns dos tratados mais completos sobre o assunto.

## RAÇA COMO CONCEITO BIOLÓGICO

Para entender por que a abordagem "racial" para a variação humana foi e é improdutivo e mesmo danosa, primeiro precisamos compreender o conceito de raça, em termos estritamente biológicos. Em biologia, raça é definida como uma subespécie, ou uma população de uma espécie diferente geográfica, morfológica ou geneticamente de outras populações da mesma espécie.

Embora tal definição possa parecer simples e correta, três observações importantes devem ser feitas. Primeira, ela é arbitrária; não existe senso comum sobre quantas diferenças são necessárias para compor uma raça. Por exemplo, se um pesquisador enfatiza a cor da pele e outro as diferenças de grupo sanguíneo, eles não classificarão as pessoas da mesma maneira. Finalmente, é impossível chegar a um acordo com relação ao número de genes e estabelecer com precisão quais são os mais importantes para definir as raças.

A segunda observação é que não significa que determinada raça tenha posse exclusiva de qualquer variação específica de um gene ou de vários. Em relação aos seres humanos, a frequência de um traço, como o grupo sanguíneo tipo O, por exemplo, pode ser alta em uma população e baixa em outra, mas está presente em ambas. Em outras palavras, as populações são geneticamente "abertas", o que significa que há fluxo de genes entre elas. Como as populações são geneticamente abertas, não podem existir grupos raciais fixos. As únicas barreiras reprodutivas que existem para os humanos são as regras culturais que algumas sociedades impõem com relação à escolha do parceiro adequado, considerando a afinidade dos cônjuges.

A terceira observação não se aplica aos seres humanos, porque as diferenças entre os indivíduos de uma referida população racial são maiores que as diferenças entre populações separadas. Na década de 1970, o biólogo especialista em evolução Richard Lewontin demonstrou esse aspecto por meio de análises genéticas. Ele comparou a quantidade de variação genética nas populações e nos chamados grupos raciais e descobriu que havia apenas 7% de variação humana entre os grupos.<sup>4</sup> Na verdade, a maior parte da variação genética existe dentro do próprio grupo. Como afirma o escritor James Shreeve, "grande parte do que me separa geneticamente de um africano ou esquimó típico também me separa da média da minha ascendência norte-americana ou europeia".<sup>5</sup> Isso está de acordo com a questão da abertura das raças; nenhuma raça pode alegar que possui exclusivamente qualquer forma particular de um gene ou traço.

<sup>4</sup> Lewontin, R. C. The apportionment of human diversity. In: Dobzhansky, T. et al. (Eds.) *Evolutionary biology*. Nova York: Plenum Press, 1972. p. 381-398.

<sup>5</sup> Shreeve, J. Terms of estrangement. *Discover*, v. 15, n. 11, p. 60, 1994.



Os padrões de curvas, espirais e arcos das impressões digitais são determinados geneticamente. O agrupamento de pessoas, segundo esses padrões, classificaria a maior parte dos europeus, dos africanos subsaarianos e do leste asiático como "curvas"; os aborígenes australianos e os mongóis como "espirais"; e os centro-europeus e bosquímanos da região sul-africana como "arcos".

## CONCEITO DE RAÇAS HUMANAS

O conceito biológico de raça não se aplica à variação humana; todavia, as raças existem como uma categoria cultural significativa. Os grupos humanos frequentemente inserem uma noção falsa de diferenças biológicas na categoria cultural de raça, fazendo-a parecer mais real e objetiva. De várias maneiras, as culturas definem grupos religiosos, linguísticos e étnicos como "raças", confundindo traços linguísticos e culturais com características físicas.

Por exemplo, em muitos países latino-americanos, as pessoas são comumente classificadas como índio, mestiço (miscigenado) ou ladino (de descendência espanhola). Entretanto, apesar das conotações biológicas desses termos, o critério usado para classificar indivíduos nessas categorias consiste em aspectos como: se usam sapatos, sandálias ou andam descalços; se falam espanhol ou uma língua nativa; se moram em uma casa coberta de sapé ou em uma residência de estilo europeu, e assim por diante. Portanto, um indígena que fale espanhol, use roupas ocidentais e more em uma casa num bairro não indígena deixa de ser indígena, não importa quantos "genes indígenas" apresente.

Sem dúvida, esse tipo de confusão entre características não biológicas e a noção biológica de hereditariedade não está limitada às sociedades latino-americanas. De certo modo, encontra-se tal controvérsia na maior parte das sociedades da Europa e da América do Norte. Considere, por exemplo, o fato de que as categorias raciais empregadas pelo U.S. Census Bureau<sup>6</sup> se modificam a cada censo. As categorias amplas e gerais utilizadas atualmente (branco, negro, indígena norte-americano ou nativo do Alasca, asiático, nativo da ilha do Pacífico ou nativo do Havaí) incluem diversos povos. A categoria asiática, por exemplo, inclui povos tão diversos como chineses e indianos da região leste, enquanto as que incluem os nativos do Havaí e do Alasca são bem mais restritas. O Census Bureau também pede às pessoas para identificar a etnicidade hispânica, uma categoria que inclui pessoas que, em seu país de origem, podem ser classificadas como indígenas, mestiços ou ladinos. O acréscimo de categorias para nativos havaianos, do Oriente Médio e aqueles que se consideram multirraciais não melhora nada a situação.

Para aumentar a confusão, a inclusão em uma ou outra dessas categorias geralmente se fundamenta na autoidentificação, o que significa que não são categorias biológicas de modo algum. A observação de que a designação da raça de um indivíduo pode variar durante seu período de vida está ligada ao fato de que as forças culturais moldam a designação de pertencimento a uma categoria racial específica.<sup>7</sup>

Nos Estados Unidos, onde a raça é um determinante social e político de saúde, as estatísticas são coletadas segundo as categorias do Census Bureau com o propósito de corrigir as disparidades de saúde existentes entre os grupos sociais. Infelizmente, essas análises frequentemente retratam o

<sup>6</sup> Autarquia norte-americana equivalente ao IBGE. (NRT)

<sup>7</sup> Hahn, R. A. The state of federal health statistics on racial and ethnic groups. *Journal of the American Medical Association*, v. 267, n. 2, p. 268-271, 1992.



falso conceito biológico. Como resultado, o risco cada vez maior que uma pessoa de descendência afro-americana tem de morrer de ataque cardíaco, em comparação com um indivíduo "branco", é atribuído às diferenças biológicas, não às disparidades do serviço de saúde ou a outros fatores sociais.

Do mesmo modo, a pesquisa médica na área da genética está excessivamente simplificada a comparações dos tipos raciais definidos durante os séculos XVIII e XIX. Se essa pesquisa genética evitará a armadilha de recriar tipos genéticos falsos que não refletem a verdadeira natureza da variação humana é algo ainda a ser visto. As exigências recentes para a fabricação de drogas e vacinas específicas segundo a raça basearam-se em dados científicos limitados, indicando que a categoria social de raça pode, mais uma vez, estar interferindo em nossa compreensão sobre a verdadeira natureza da diversidade genética humana.

Para piorar, a confusão entre fatores biológicos e sociais frequentemente é combinada com preconceitos que servem para excluir categorias inteiras de pessoas de certos papéis ou posições na sociedade. Por exemplo, na América do Norte colonial, a visão de mundo "racial" que tinha antecedentes nas diferentes relações de poder entre a "raça" inglesa, saxônica, e a "raça" irlandesa, ou céltica, na Europa, determinou *status* inferior perpétuo aos indígenas norte-americanos e africanos importados como escravos. Uma suposta inferioridade biológica foi usada para justificar esse *status* inferior, enquanto o acesso a privilégios, poder e riqueza estava reservado a grupos favorecidos de descendência europeia.<sup>8</sup>

Em virtude da associação colonial entre pele mais clara com poder e *status* social maiores, as pessoas cuja história inclui a dominação por europeus de pele mais clara às vezes valorizam esse fenótipo. No Haiti, por exemplo, a "questão da cor" tem sido uma força dominante na vida política e social. Aspectos como textura da pele, características faciais, cor do cabelo e classe socioeconômica têm papel importante nessa classificação. Segundo o antropólogo haitiano Michel-Rolph Trouillot, "um negro rico se torna mulato, um mulato pobre se torna negro".<sup>9</sup>

Os nazistas alemães transformaram a visão mundial de raça em política de estado, com consequências particularmente perversas. As leis raciais de Nuremberg, de 1935, declararam a superioridade da "raça" ariana e a inferioridade das "raças" de ciganos e judeus. A doutrina nazista justificava, com fundamentação supostamente biológica, a repressão política e a exterminação. Ao todo, 11 milhões de pessoas (judeus, ciganos, homossexuais e pessoas consideradas inferiores, bem como aqueles que se opunham ao regime nazista) foram deliberadamente assassinadas.

Tragicamente, o Holocausto nazista (da palavra grega *holókaustos*, que significa "sacrifício pelo fogo" ou "queimar integralmente") não foi a única ocorrência desse tipo na história da humanidade. Tais genocídios, programas de exterminação de um grupo por outro, têm uma longa história que precede a Segunda Guerra Mundial e continua até hoje. Genocídios recentes e que estão acontecendo em regiões da América do Sul, África, Europa e Ásia, como os anteriores, são acompanhados por uma retórica de desumanização e do retrato de pessoas sendo exterminadas como um tipo inferior de ser humano.

#### GLOSSÁRIO

**racismo:** Doutrina de superioridade pela qual um grupo justifica a desumanização de outros com base em suas características físicas distintas.

<sup>8</sup> American Anthropological Association. Statement on "race", 1998. www.ameranthassn.org.

<sup>9</sup> Trouillot, M. R. Culture, color, and politics in Haiti. In: Gregory, S.; Sanjek, R. (Eds.) *Race*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1996.

Considerando os problemas, a confusão e as consequências horrorosas, não é de admirar que grande parte dos antropólogos tenha abandonado o conceito de raça, por este não ser útil para o entendimento da variação biológica humana. Eles consideram mais produtivo estudar as *clines*, a distribuição e significação de traços contínuos e características únicas e específicas, com fundamentação na genética, relacionadas à adaptação. Examinam a variação humana em pequenas populações que se reproduzem, as menores unidades em que ocorre a mudança evolutiva.

## SIGNIFICADO SOCIAL DE RAÇA: RACISMO

Os fatos científicos, infelizmente, demoram para modificar o pensamento das pessoas sobre raças. O racismo, uma doutrina de superioridade por meio da qual um grupo justifica a desumanização de outros, com base em suas características físicas distintas, não se refere apenas a ideias discriminatórias, valores ou atitudes, mas é também um problema político. Na verdade, os políticos exploram esse conceito com frequência, como forma de mobilizar apoio, demonizar os oponentes e eliminar rivais. Os conflitos raciais resultam de estereótipos sociais, não de fatos científicos.

## Raça e comportamento

A teoria de que existem diferenças de comportamento entre as “raças” humanas permanece verdadeira para muitas pessoas que a ela aderem obstinadamente. Em toda a história, certas características foram e são atribuídas a grupos de pessoas sob várias nomenclaturas: caráter nacional, espírito, temperamento, mas geralmente são vagas e representam conceitos que não estão relacionados a nenhum fenômeno biológico. Os mitos comuns envolvem a frieza dos escandinavos, a rudeza dos norte-americanos, o caráter guerreiro dos alemães ou a natureza indolente dos africanos. Essas caracterizações injustas baseiam-se na falsa noção da diferença biológica.

Até o momento, qualquer característica inata de comportamento atribuída a um grupo (que o leigo pode chamar de “raça”) pode ser explicada em termos de práticas culturais. Se os chineses exibem habilidades visuais e espaciais excepcionais, provavelmente é porque a leitura dos caracteres chineses exige o desenvolvimento dessas habilidades, as quais não são necessárias para o aprendizado dos alfabetos ocidentais.<sup>10</sup> Do mesmo modo, a exclusão de “não brancos” das honras do golfe (até Tiger Woods) estava mais relacionada às regras sociais dos clubes e às grandes despesas com esse esporte. Todas essas diferenças ou características podem ser explicadas em termos de cultura.

Na mesma linha, as altas taxas de criminalidade, alcoolismo e uso de drogas entre certos grupos podem ser explicadas com base na cultura, e não na biologia. Os indivíduos alienados e desmoralizados pela pobreza, injustiça e oportunidades desiguais tendem a abandonar o caminho tradicional de sucesso da cultura dominante, porque esse caminho está bloqueado. Em uma sociedade racializada, a pobreza e suas consequências adversas afetam alguns grupos com mais severidade que outros.

## Raça e inteligência

Uma pergunta frequentemente feita por aqueles não familiarizados com a falácia da teoria de raças biológicas para os seres humanos é se algumas “raças” são inerentemente mais inteligentes que outras. Primeiro, precisamos perguntar: o que significa o termo *inteligência*? Infelizmente, não

<sup>10</sup> Chan, J. W. C.; Vernon, P. E. Individual differences among the peoples of China. In: Berry, J. W. (Ed.) *Human abilities in cultural context*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998. p. 340-357.

existe consenso geral sobre quais habilidades ou talentos realmente compõem o que chamamos inteligência, embora alguns psicólogos insistam que é algo que se quantifica através de testes de QI (quociente de inteligência). Muitos psicólogos consideram a inteligência o produto da interação de diferentes tipos de habilidades cognitivas: verbal, lógico-matemática, espacial, linguística, musical, corporal cinestésica, social e pessoal.<sup>11</sup> Cada uma delas pode ser considerada uma forma específica de inteligência, não relacionada às outras. Sendo assim, esses tipos de inteligência devem ser herdados independentemente (até o ponto em que são herdados), da mesma forma que altura, tipo sanguíneo, cor da pele e outros aspectos são herdados de modo independente. Portanto, as várias habilidades que constituem a inteligência são distribuídas independentemente, a exemplo de outros traços fenotípicos, como a cor da pele e o tipo sanguíneo.

Mas os testes de QI não são uma medida completamente válida da inteligência inata. Eles medem o desempenho (algo que se faz), não a disposição genética (algo que nasceu com o indivíduo). O desempenho reflete experiências passadas e o estado de motivação atual, assim como habilidades inatas.

Embora os testes de QI não sejam um método confiável para avaliar a inteligência inata, seu uso para provar a existência de diferenças significativas na inteligência entre populações humanas acontece há pelo menos um século. Nos Estados Unidos, as comparações sistemáticas de inteligência entre “brancos” e “negros” começaram no início do século XX, e geralmente eram combinadas com dados obtidos por antropólogos físicos sobre formato e tamanho do crânio.

Durante a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, uma série de testes de QI, conhecidos como Alfa e Beta, foi regularmente aplicada aos indivíduos que se alistavam. Os resultados mostraram que a média obtida por euro-americanos era maior que a de afro-americanos. Embora os afro-americanos das regiões urbanas dos estados do norte tivessem pontuação mais alta que os euro-americanos das regiões rurais do sul, e alguns afro-americanos, pontuação maior que a maioria dos euro-americanos, muitas pessoas consideraram esses resultados uma prova da superioridade intelectual dos “brancos”. Porém os testes de QI realmente mostraram que, em média, os “brancos” saíram-se melhor que os “negros” na situação social. Os testes não mediram a inteligência em si, mas a habilidade, condicionada pela cultura, de certos indivíduos responderem adequadamente a certas perguntas concebidas por norte-americanos de descendência europeia para “brancos” de classe média. Esses testes geralmente exigiam conhecimento dos valores e do comportamento linguístico da classe média “branca”.

Por esses motivos, os testes de inteligência continuam a ser alvo de controvérsia. Muitos psicólogos e antropólogos estão convencidos de que são de uso limitado, porque se aplicam apenas a circunstâncias culturais específicas. Quando os fatores ambientais e culturais permanecem constantes, tanto afro-americanos quanto euro-americanos alcançam boa pontuação.<sup>12</sup>

Todavia, alguns pesquisadores ainda insistem na existência de diferenças significativas na inteligência entre as populações humanas. Alguns dos proponentes recentes dessa visão são Richard Herrnstein, psicólogo, e Charles Murray, cientista político e membro antigo do American Enterprise Institute, uma instituição conservadora de pesquisa dos Estados Unidos. Eles argumentam, em um livro longo (e muito divulgado) chamado *The bell curve* [A curva do sino], que a diferença na

<sup>11</sup> Jacoby, R.; Glauber, N. (Eds.) *The bell curve debate*. Nova York: Random House, 1995. p. 7, 55-56, 59.

<sup>12</sup> Sanday, P. R. On the causes of IQ differences between groups and implications for social policy. In: Montagu, M. F. A. (Ed.) *Race and IQ*. Nova York: Oxford University Press, 1975. p. 232-238.

pontuação de QI entre norte-americanos de ascendência africana, asiática e europeia é determinada principalmente por fatores genéticos, portanto, é imutável.

A obra de Herrnstein e Murray tem sido merecidamente criticada em muitos aspectos, incluindo violação das regras básicas da estatística e a prática de utilizar estudos, mesmo que falhos, que parecem fundamentar sua tese, enquanto ignora ou pouco menciona aqueles que a ela se opõem. Além disso, eles também erram em fundamentações puramente teóricas. Como os genes são herdados independentemente, quaisquer alelos que possam estar associados à inteligência não têm relação com os responsáveis pela pigmentação da pele ou com qualquer outro aspecto da variação humana, como o tipo sanguíneo.

Além disso, a expressão dos genes sempre ocorre em um ambiente. Entre humanos, a cultura molda todos os aspectos do ambiente. No “Estudo Original” que se segue, o antropólogo físico norte-americano Jonathan Marks estende a discussão de raça e inteligência para os estereótipos sobre as habilidades atléticas das assim chamadas raças diferentes.

## Estudo Original

### Busca infrutífera pelo gene do basquete

*Jonathan Marks*

Você sabe o que dizem sobre conhecimentos mínimos. Eis uma: os maiores corredores e jogadores de basquete são predominantemente negros. Outra: os laureados com o Prêmio Nobel de ciências são predominantemente brancos.

O que podemos concluir? Que os negros têm habilidade natural para corridas e os brancos habilidade natural para ciências? Ou, talvez, que os negros têm habilidade natural para corridas, mas os brancos não têm habilidade natural para ciências, porque isso não seria politicamente correto?

Ou, talvez, que não podemos tirar conclusões válidas sobre a distribuição racial das habilidades com base em informações como essas.

Isso é o que a antropologia moderna diria.

Mas não é o que afirma o livro: *Taboo: why black athletes dominate sports and why we're afraid to talk about it* [Tabu: por que atletas negros dominam os esportes e por que temos medo de falar sobre isso]. O livro afirma que os negros dominam os esportes devido aos genes e nós temos medo de falar sobre o assunto por causa de um grupo pós-moderno de professores bem conceituados e politicamente corretos – eu mesmo, observo com orgulho, estou entre eles.

O livro é um exemplo da velha fascinação norte-americana pelo anti-intelectualismo (malditos professores!) que lida com crenças vulgares sobre diferenças entre grupos, do tipo que lembra o livro *The bell curve* (1994). Entretanto, estas não são questões sobre as quais os antropólogos têm “medo de falar”; nós as discutimos, e muito. O autor, jornalista, formador de opinião e ex-produtor de televisão Jon Entine simplesmente não gosta do que afirmamos. Mas, para abordar o assunto com algum rigor, como os antropólogos tentam fazer há quase um século, é preciso reconhecer que existem várias questões consistentes relacionadas a esse fato.

Primeiro, como podemos inferir uma fundamentação genética para as diferenças entre as pessoas? Resposta: por meio da coleta de informações genéticas. Não há outra forma. Podemos documentar diferenças

consistentes em características físicas, atos e realizações, até a Segunda Vinda de Jesus, e estarmos completamente errados em pensar que se fundamentam na genética. Mil ibos nigerianos e mil dinamarqueses apresentarão diferenças consistentes em compleição física, linguagem e formato do crânio. A primeira é genética, a segunda, não, e a terceira simplesmente não a entendemos.

O que está claro é que, em relação ao desenvolvimento, o corpo apresenta plasticidade suficiente de modo que diferenças sutis nas condições de crescimento e vida podem afetá-lo profundamente. A simples observação da diferença não é, portanto, um argumento genético.

O que nos leva à segunda pergunta: como podemos aceitar a fundamentação genética para a habilidade atlética e rejeitá-la para a inteligência? Resposta: não podemos. Ambas as conclusões baseiam-se no mesmo padrão de evidências. Se aceitarmos que os negros são corredores geneticamente dotados, porque "eles" correm muito bem, somos obrigados a aceitar que não são geneticamente dotados para os estudos, porque "eles" não apresentam bons resultados.

Em qualquer caso, enfrentamos a tarefa cientificamente impossível de tirar conclusões a partir de um conjunto de dados mal controlados. Controles são cruciais na ciência: se todo garoto negro em idade escolar souber que deve ser um bom jogador de basquete e um mau aluno de matemática, e não temos meios para avaliar os alunos além dessas expectativas, como poderemos avaliar suas habilidades "naturais"? Muitos aspectos são considerados na observação da excelência ou do fracasso, os dotes naturais genéticos são apenas um deles.

Mas, obviamente, os humanos diferem entre si. Portanto, a última questão seria a seguinte: qual é a relação entre padrões de variação genética humana e grupos de pessoas? Resposta: isso é complexo.

Todas as populações são heterogêneas e, de alguma forma, se desenvolvem em oposição a outros grupos. Judeu ou muçulmano, hutu ou tutsi, sérvio ou bósnio, irlandês ou inglês, Harvard ou Yale – de uma coisa estamos certos: os grupos mais significativos para nós não apresentam muita correspondência em sua natureza.

Considere, então, a categoria "atleta negro" – e vamos nos limitar aos homens. Essa categoria é bem ampla a fim de incluir Arthur Ashe (tênis), Mike Tyson (boxe) e Kobe Bryant (basquete).

Quando você lê sobre o físico de um atleta negro, imagina o corpo de quem? O dom físico que esses homens compartilham não fica imediatamente aparente ao se olhar para eles.

Homens negros com físicos extremamente diversificados se tornam atletas e se destacam.

Muitos outros não. Em outras palavras, há muito mais em ser negro e ser um atleta proeminente que a mera biologia. Se a excelência profissional ou a representação em excesso pudesse ser considerada evidência de superioridade genética, haveria nos judeus fortes conexões com os genes da comédia e nos irlandeses, fortes ligações com os genes da polícia.

Inferir sobre a excelência de um grupo através das realizações de alguns membros depende de uma assimetria crucial: conseguir realizar algo significa que você tem habilidade para tanto, mas fracassar não significa que não tem habilidade. E os dados genéticos existentes atestam que as variações de DNA conhecidas não respeitam os limites dos grupos humanos.

Para ser um atleta de elite, ou alguém de elite, presumivelmente não é requerido nenhum tipo de dom genético. Mas esses dons devem ser imensamente diversificados, distribuídos entre todas as pessoas do mundo – pelo menos para julgar de que modo a erosão das barreiras sociais consistentemente permite que o talento se manifeste em grupos diferentes de pessoas.

Em uma entrevista ao jornal *The Philadelphia Daily News*, em fevereiro, Jon Entine observou que os judeus têm representação excessiva entre os críticos da ideia que ele defende. Mas é algo significativamente judaico? Ou é simplesmente uma consequência do fato de que em qualquer grupo de intelectuais norte-americanos há grande número de judeus, porque eles formam uma minoria com alto nível de escolaridade? Certamente há não judeus que acreditam que as ideias apresentadas em *Taboo* sejam uma charlatanice demagógica.

Naturalmente, os acadêmicos judeus podem, às vezes, falar como especialistas, não como judeus. Da mesma forma, os atletas negros podem atuar como atletas, não apenas como negritude personificada.

É muito fácil converter Michael Jordan, um homem excepcional e extraordinário, em um mero representante do atleta negro.

O problema de discutir a superioridade inata do atleta negro é que isso é genética de faz de conta aplicada a grupos ingenuamente conceitualizados. Coloca o foco sobre as diversidades naturais imaginárias e não sobre as diferenças sociais verdadeiras.

Mais importante, destrói gradualmente as realizações do indivíduo enquanto pessoa. Quaisquer que sejam os dons que cada um possui, pelo que sabemos da genética, provavelmente são constelações individuais únicas de genes que expressam as habilidades de um grupo.

(Por Jonathan Marks. A feckless quest for the basketball gene. *New York Times*, 8 abr. 2000. Copyright © 2000 por New York Times Co. Impresso com permissão.)

Separar os componentes genéticos da inteligência (ou de qualquer outro traço contínuo) dos fatores ambientais apresenta problemas enormes.<sup>13</sup> A maior parte dos estudos sobre inteligência depende de comparações entre gêmeos idênticos, indivíduos geneticamente idênticos criados nos mesmos ambientes ou em ambientes diferentes. Os estudos de gêmeos são abalados por uma série de conflitos: amostras inadequadas; julgamentos subjetivos tendenciosos; fracasso ao garantir que “gêmeos separados” realmente foram criados separadamente; amostras não representativas de pessoas adotadas para servir como grupo de controle; hipóteses não testadas sobre similaridade de ambientes. Na verdade, crianças educadas pela mesma mãe assemelham-se a ela em nível de QI, compartilhem ou não seus genes.<sup>14</sup> Claramente, ainda se está longe de entender até que ponto a inteligência é herdada através dos genes.<sup>15</sup>

Sem dúvida, os efeitos do ambiente social são importantes para a inteligência. Isso não deveria ser nenhuma surpresa, uma vez que outras características determinadas geneticamente são influenciadas por fatores ambientais. A altura do ser humano, por exemplo, tem base genética, mas também depende de nutrição e qualidade da saúde (doenças severas na infância atrasam o crescimento e, mesmo com a retomada do crescimento, esse atraso não é completamente recuperado). Embora seja possível observar os efeitos do ambiente sobre o crescimento, as contribuições relativas exatas dos fatores genéticos e ambientais sobre a altura ou a inteligência de um indivíduo permanecem desconhecidas.

<sup>13</sup> Andrews, L. B.; Nelkin, D. The bell curve: a statement. *Science*, v. 271, p. 13, 1996.

<sup>14</sup> Lewontin, R. C.; Rose, S.; Kamin, L. J. *Not in our genes*. Nova York: Pantheon, 1984. p. 100, 113, 116.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 9, 121.

No entanto, a documentação da importância do ambiente na expressão da inteligência expõe ainda mais os problemas relativos a generalizações sobre QI e “raça”. Por exemplo, a pontuação de QI de todos os grupos nos Estados Unidos, assim como na maioria dos países industriais e pós-industriais, aumentou cerca de 15 pontos desde a Segunda Guerra Mundial. Além disso, a diferença entre norte-americanos descendentes de africanos e europeus, por exemplo, é menor hoje que no passado. Outros estudos apresentam pontuações de QI impressionantes de crianças afro-americanas que nasceram em famílias com desvantagem social e econômica e foram adotadas por famílias prósperas, com alto nível de escolaridade. Sabe-se agora que as crianças menos favorecidas e adotadas por famílias privilegiadas podem melhorar suas pontuações nos testes de QI em 20 pontos. Também é sabido que a pontuação de QI aumenta conforme o nível de escolaridade da pessoa que faz o teste. Muitos outros casos poderiam ser citados, mas esses exemplos são suficientes para se chegar à seguinte conclusão: há tendenciosidade nos testes de QI com base em classes sociais.

A alegação de que o QI é biologicamente fixo e imutável é claramente falsa. Classificar os seres humanos conforme suas pontuações de inteligência em termos de diferença “racial” é duplamente falso.

Durante os últimos 2,5 milhões de anos, todas as populações do gênero *Homo* se adaptaram primeiramente por meio da cultura – criando ativamente soluções para os problemas da existência, em vez de depender apenas da adaptação biológica. Portanto, podemos esperar um nível comparável de inteligência em todas as populações humanas atuais. A única forma de garantir que cada pessoa desenvolva completamente suas capacidades e habilidades inatas é fazer com que tenha acesso aos recursos e às oportunidades necessários. Isso certamente não pode ser concretizado quando se supõe que populações inteiras são consideradas inferiores.

## DIVERSIDADE BIOLÓGICA HUMANA

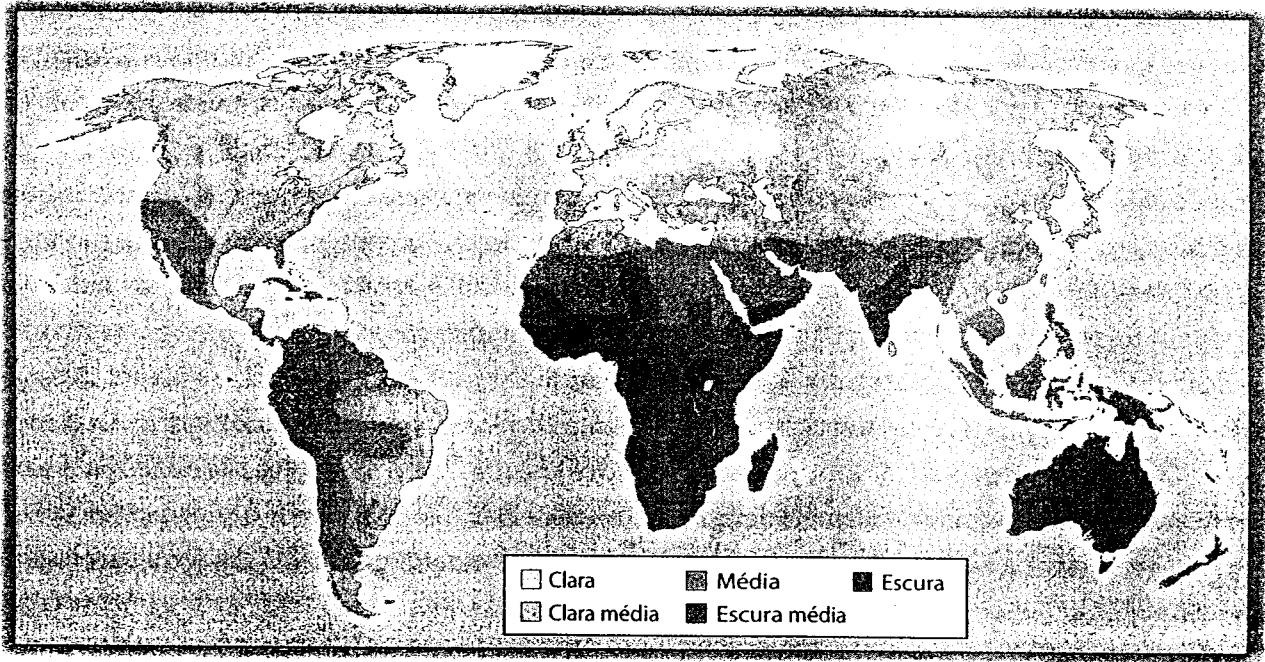
Embora a categoria biológica de raça não seja válida quando se consideram os grupos humanos, isso não quer dizer que não existam diferenças em vários traços biológicos, como a cor da pele. Na verdade, a cor da pele fornece um excelente exemplo do papel da seleção natural na formação da variação humana.

### Cor da pele: um estudo de caso sobre adaptação

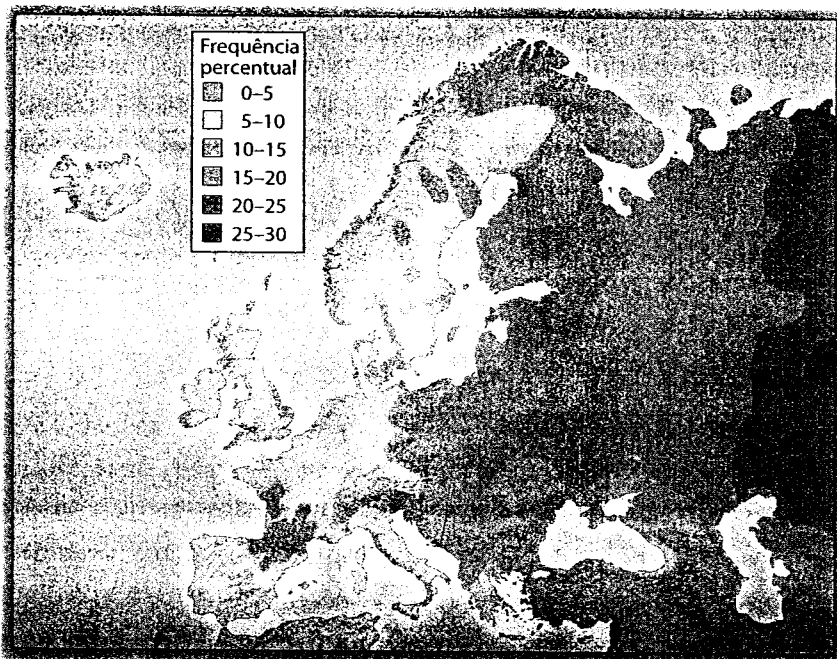
A cor da pele está sujeita a grandes variações, atribuídas a diversos fatores: transparência ou espessura; um pigmento cor de cobre chamado caroteno; cor refletida dos vasos sanguíneos (responsável pela coloração rosada das pessoas com pouca pigmentação); e, mais significativamente, a quantidade de melanina (da palavra grega *melas*, que significa “negro”), um pigmento escuro que fica na camada mais externa da pele. As pessoas de pele escura têm mais células produtoras de melanina que as de pele clara, mas todos (exceto os albinos) têm certa quantidade de melanina. A exposição à luz do sol aumenta a produção dessa proteína, provocando o escurecimento do tom da pele.

Sabe-se que a melanina protege a pele dos raios ultravioletas;<sup>16</sup> conseqüentemente, as pessoas de pele mais escura estão menos sujeitas ao câncer de pele e a queimaduras de sol que as de pele mais

<sup>16</sup> Neer, R. M. The evolutionary significance of vitamin D, skin pigment, and ultraviolet light. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 43, p. 409-416, 1975.



**Figura 7.1** Este mapa ilustra a distribuição da pigmentação da pele humana clara e escura, antes de 1492. A cor clara média, no sudeste da Ásia, reflete a disseminação de pessoas do sul da China para aquela região; enquanto a cor escura média dos nativos do sul da Austrália é consequência de sua ancestralidade tropical do sudeste da Ásia. A ausência da pigmentação escura nas populações tropicais de indígenas na América reflete sua ancestralidade do norte da Ásia, há 20.000 anos.



**Figura 7.2** O gradiente leste-oeste na frequência do tipo sanguíneo B, na Europa, contrasta com o gradiente norte-sul na cor da pele, como mostra a Figura 7.1. Os genes envolvidos nas várias habilidades reunidas como inteligência também devem ser classificados de modo independente.

clara e com menos melanina. Considera-se que também que as pessoas de pele mais escura são menos suscetíveis à destruição de certas vitaminas sob exposição intensa à luz solar. Como as maiores concentrações de pessoas de pele escura geralmente se encontram nas regiões tropicais, parece que a seleção natural favoreceu a pele com alta concentração de pigmentos como uma proteção contra a exposição nos lugares onde a radiação ultravioleta é mais constante.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Branda, R. E.; Eatoil, J. W. Skin color and photolysis: An evolutionary hypothesis. *Science*, v. 201, p. 625-626.



A herança da cor da pele envolve vários genes, cada um deles com vários alelos, tanto, uma taxa contínua de expressão para essa característica. Além disso, a distribuição geográfica da cor da pele tende a ser contínua (Figuras 7.1 e 7.2). Nas latitudes norte, a pele clara tem uma vantagem de adaptação relacionada à importante função biológica da pele como produtora de vitamina D, através de uma reação química que depende da luz solar. A vitamina D é vital para manter o equilíbrio de cálcio no organismo. Nos climas da região norte do planeta, com pouca luz solar, a pele clara absorve quantidade suficiente para estimular a formação da vitamina D, essencial para manter os ossos saudáveis. A pigmentação escura interfere nesse processo. As consequências severas da deficiência de vitamina D podem ser evitadas através da cultura. Até recentemente, as crianças do norte da Europa e do norte da América do Norte recebiam regularmente uma colher de óleo de fígado de bacalhau durante os meses de inverno, em que há pouca luz do sol. Hoje em dia, o leite pasteurizado normalmente é fortificado com vitamina D.

Considerando o que sabemos sobre a significação adaptativa da cor da pele do ser humano e o fato de que, até 800.000 anos atrás, os membros do gênero *Homo* eram criaturas exclusivamente dos trópicos, é provável que as peles mais claras sejam um desenvolvimento recente na história da humanidade. Por outro lado, e de maneira consistente com a origem africana da humanidade, a pele mais escura é, provavelmente, bem antiga.

A enzima tirosinase, que converte o aminoácido tirosina no composto que forma a melanina, está presente nas pessoas com pouca pigmentação em quantidade suficiente para torná-las bem "escuras". Isso não acontece porque essas pessoas possuem genes que deixam essa enzima inativa ou que a inibem.<sup>18</sup> A pele humana, dotada de glândulas sudoríparas e com menos pelos que a de outros primatas, elimina efetivamente o excesso de calor do corpo, em climas quentes. Isso teria sido principalmente vantajoso para nossos ancestrais nas savanas, que poderiam ter evitado os confrontos com grandes animais carnívoros, realizando a maior parte de suas atividades durante o dia, com mais calor. Na maioria das vezes, os predadores dos trópicos descansam durante esse período, caçando principalmente do entardecer até a manhã seguinte. Sem muitos pelos para cobrir seus corpos, a seleção teria favorecido a pele escura em nossos ancestrais humanos. Em resumo, com base nas evidências científicas disponíveis, parece que todo ser humano tem uma ancestralidade "negra", não importa quão "brancos" alguns possam parecer atualmente.

Obviamente não se pode concluir que a pele com menos pigmentação seja melhor ou mais evoluída que a pele mais pigmentada, embora ela tenha desenvolvimento mais recente. A última é claramente mais evoluída para as condições de vida nos trópicos ou em altitudes maiores, embora com adaptações culturais, como roupas e chapéus, e a criação mais recente de cremes para proteção solar, as pessoas com pele clara consigam sobreviver nessas regiões. Ao contrário, a disponibilidade de fontes suplementares de vitamina D permite que pessoas com mais pigmentação vivam bem em lugares distantes dos trópicos. Em ambos os casos, a cultura torna as diferenças da cor da pele extremamente irrelevantes, sob uma perspectiva puramente biológica. Com o tempo e com o esforço que vem sendo feito em muitas culturas atualmente, a cor da pele pode também, por fim, perder sua significação social.

<sup>18</sup> Wills, C. The skin we're in. *Discover*, v. 15, n. 11, p. 79, 1994.

## GLOSSÁRIO

**lactose** - Açúcar que é o principal componente do leite fresco.

**lactase** - Enzima localizada no intestino delgado que permite aos humanos a assimilação da lactose.

**genótipo econômico** - Genótipo humano que permite a armazenagem eficiente de gordura para uso em períodos de escassez de alimentos e conservação da glicose e do nitrogênio.

## Cultura e diversidade biológica

Enquanto a adaptação cultural tem reduzido a importância da adaptação biológica e da variação física já há algum tempo, as forças culturais impõem suas próprias pressões seletivas. Por exemplo, considere a força reprodutiva de indivíduos com diabetes, uma doença de predisposição ge-

nética. Atualmente, na América do Norte e na Europa, onde existe medicação relativamente disponível, os portadores de diabetes têm tanta força biológica como qualquer outra pessoa. Entretanto, se lhes for negado o acesso à medicação adequada, como acontece em muitas partes do mundo, eles perdem essa força biológica e morrem. Na verdade, a situação financeira afeta o acesso à medicação, portanto, embora não seja intencional, a força biológica pode ser decidida pela condição financeira.

Os fatores culturais também podem contribuir diretamente para o desenvolvimento da doença. Por exemplo, um tipo de diabetes é muito comum entre indivíduos com excesso de peso e que se exercitam pouco (atualmente, uma combinação que descreve 61% das pessoas nos Estados Unidos, as quais são cada vez mais afetadas por essa condição). Na medida em que as pessoas de culturas tradicionais em todo o mundo adotam o padrão de não praticar atividade física e uma dieta com alto teor de açúcar, a frequência do diabetes e da obesidade cresce.

Outro exemplo de como a cultura atua como um agente da seleção biológica está relacionado à tolerância à lactose: a habilidade para digerir a lactose, o principal componente do leite fresco. Essa disposição depende da capacidade de se produzir uma enzima específica, a lactase.

A maior parte dos mamíferos, assim como das populações humanas – principalmente asiáticos, nativos australianos e indígenas americanos, e muitas (mas nem todas) populações africanas – para de produzir lactase na idade adulta. A ausência dessa enzima provoca gases e diarreia nos indivíduos que consomem leite. Apenas 10% a 30% dos norte-americanos de descendência africana e 0% a 30% dos adultos asiáticos têm tolerância à lactose.<sup>19</sup> Em contraste, a retenção da lactase e a tolerância à lactose são normais para mais de 80% dos adultos cujos antepassados são do norte da Europa. Os europeus do leste, os árabes e alguns africanos do leste apresentam mais semelhança com os europeus do norte na retenção de lactase que com os asiáticos e outros africanos. De modo geral, encontra-se alta retenção de lactase nas populações com longa tradição na criação de rebanhos leiteiros. Para elas, o leite fresco é um item importante da dieta. Nessas populações, a seleção favoreceu os indivíduos com o alelo que confere a habilidade para assimilar a lactose, excluindo aqueles que não apresentavam tal alelo.

Como o leite está associado à saúde nos países da América do Norte e da Europa, o leite em pó há muito é a base de ajuda econômica para outros países. Na verdade, tais práticas atuam contra os membros das populações em que a lactase não é retida na idade adulta. Os indivíduos que não têm tolerância à lactose não conseguem utilizar os muitos nutrientes do leite. Frequentemente sofrem de diarreia, cólicas abdominais e mesmo degeneração dos ossos, com sérios resultados. De fato, o envio de leite em pó para as vítimas de terremotos na América do Sul, na década de 1960, provocou muitas mortes.

<sup>19</sup> Harrison, G. G. Primary adult lactase deficiency: A problem in anthropological genetics. *American Anthropologist*, v. 77, p. 815-819, 1975.

## Conexão Biocultural

### Receitas paleolíticas para a cura de doenças atuais

Embora o aumento da expectativa de vida seja considerado uma das maiores conquistas da civilização moderna, de certo modo as pessoas do mundo “desenvolvido” não são tão saudáveis como nossos ancestrais. Durante a maior parte da nossa história evolutiva, os humanos levaram uma vida fisicamente mais ativa e ingeriam maior variedade de alimentos com baixo teor de gordura, em comparação com nossa dieta atual. Não bebiam nem fumavam. Passavam o dia em busca de proteína animal e de alimentos vegetais e também ingeriam uma boa quantidade de insetos. Mantinham-se em forma porque andavam grandes distâncias pela savana e além dela.

Hoje em dia, os homens vivem mais, mas essa longevidade engloba taxas astronômicas de obesidade e enfermidades crônicas. Doenças cardíacas, diabetes, pressão sanguínea alta e câncer castigam os indivíduos nas nações industrializadas ricas. Tais doenças se tornam ameaças mundiais, à medida que a dieta ocidental e os hábitos sedentários substituem os estilos de vida tradicionais.

Os antropólogos Melvin Konner e Marjorie Shostak e o médico Boyd Eaton sugerem que nossos ancestrais paleolíticos forneceram uma receita para a cura de doenças atuais. Eles propõem que, como o “homem da Idade da Pedra em uma via de alta velocidade”, a saúde das pessoas irá melhorar quando elas retornarem ao estilo de vida a que seu organismo está adaptado.\* Essas receitas paleolíticas são um exemplo de medicina evolutiva — um ramo da antropologia médica que emprega os princípios da evolução a fim de contribuir para a saúde humana.

A medicina evolutiva baseia suas receitas na ideia de que as taxas de mudança cultural excedem as de mudança biológica. Nossa fisiologia forrageira foi moldada durante milhões de anos, e nossos corpos estão mais bem adaptados a esse estilo de vida. Ao contrário, as mudanças culturais que levaram ao estilo de vida contemporâneo ocorreram rapidamente, em poucos segundos, se falarmos em termos evolutivos.

A trajetória de declínio da saúde humana começou com os primeiros povoados, há aproximadamente 10.000 anos. Enquanto as deficiências nutricionais e o aumento de ocorrência de doenças infecciosas atormentam o ser humano desde o início do Neolítico, as principais ameaças à saúde se modificaram nos últimos sessenta anos.

A invenção dos antibióticos controlou ou eliminou efetivamente muitas doenças infecciosas, mas, ao mesmo tempo, a diminuição da atividade física e o aumento do consumo de calorias provocaram obesidade e o surgimento de doenças crônicas. O retorno ao estilo de vida de nossos antepassados paleolíticos — com alta frequência de atividade física e uma dieta caracterizada pelo consumo moderado de alimentos variados e não processados — pode melhorar substancialmente nossa saúde.

\*Eaton, S. B., Konner, M., Shostak, M. Stone-agers in the fast lane: chronic degenerative diseases in evolutionary perspective. *American Journal of Medicine*, v. 84, n. 4, p. 739-749, 1988.

Entre os europeus, a tolerância à lactose está relacionada com a evolução de um genótipo não econômico, em contraste com o **genótipo econômico** que caracterizou os seres humanos até cerca de 6.000 anos atrás.<sup>20</sup> O genótipo econômico permite a armazenagem eficiente de gordura para o uso em períodos de escassez de alimentos. Em tempos de escassez, os indivíduos que apresentam o genótipo econômico conservam a glicose (um açúcar simples) para usar no cérebro e nos glóbulos vermelhos (em vez de em outros tecidos, como os músculos), bem como o nitrogênio, vital para o crescimento e a saúde.

O acesso regular à glicose, através da lactose do leite, provocou a seleção do genótipo não econômico como proteção contra o surgimento do diabetes nos adultos, ou, pelo menos, sua ocorrência em um período mais adiantado da vida (em uma idade não reprodutiva). As populações que não têm tolerância à lactose retêm o genótipo econômico. Consequentemente, quando são introduzidos em uma dieta de estilo ocidental (caracterizada pela abundância principalmente de alimentos com alto teor de açúcar), a incidência de obesidade e do diabetes aumenta excessivamente. A “Conexão Biocultural” deste capítulo descreve como a volta ao estilo de vida do Paleolítico pode reduzir o predomínio de problemas crônicos de saúde, como obesidade, diabetes e doenças cardíacas, independentemente da “economia” do genótipo.

Em vista das consequências de inovações aparentemente benignas para a biologia humana como agricultura ou criação de animais, podemos conjecturar sobre muitas práticas recentes, por exemplo, os efeitos do aumento da exposição à radiação de raios X, acidentes nucleares, produção de lixo radioativo, diminuição da camada de ozônio (que aumenta a exposição à radiação solar) e similares. Além da exposição à radiação, os seres humanos também enfrentam a exposição cada vez maior a agentes mutagênicos, incluindo grande variedade de produtos químicos.

Os produtos químicos que afetam os hormônios são de preocupação específica, porque interferem no processo reprodutivo. Por exemplo, em 1938, um estrógeno sintético, conhecido como DES (dietilestilbestrol) foi desenvolvido e subsequentemente prescrito para várias doenças, de acne a câncer de próstata. Além disso, o DES era rotineiramente acrescentado à alimentação de animais. Somente em 1971, entretanto, os pesquisadores descobriram que o DES provoca câncer vaginal em mulheres jovens. Estudos subsequentes mostraram que o DES causa problemas no sistema reprodutor masculino e pode provocar deformidades no trato reprodutor feminino de mulheres cujo útero foi exposto a tal substância. O DES imita o hormônio natural, ligando receptores apropriados nas células e para elas, portanto desencadeia a atividade biológica associada ao hormônio.<sup>21</sup>

O DES não é o único que provoca efeitos nocivos: sabe-se que pelo menos 51 produtos químicos, muitos de uso comum, interferem nos hormônios, e esse aspecto pode ser apenas a ponta do iceberg. Alguns desses produtos imitam os hormônios, como o DES, enquanto outros interferem em outras partes do sistema endócrino, como na tireoide e no metabolismo da testosterona. Nessa lista também estão substâncias supostamente benignas e inertes, como os plásticos amplamente usados em laboratórios e produtos químicos acrescentados ao poliestireno e ao cloreto de polivinila (PVC) para torná-los mais estáveis, de modo que quebrem menos. Tais plásticos são muito usados em encanamentos, processamento e embalagem de alimentos.

<sup>20</sup> Allen, J. S.; Cheer, S. M. The non-thrifty genotype. *Current Anthropology*, v. 37, p. 831-842, 1996.

<sup>21</sup> Colburn, T.; Dumanoski, D.; Myers, J. P. Hormonal sabotage. *Natural History*, v. 3, p. 45-46, 1996.

Os produtos químicos que afetam os hormônios também são encontrados em muitos detergentes e produtos de higiene pessoal, cremes contraceptivos, jarras para água e revestimento plástico de latas. Aproximadamente 85% das latas de alimentos nos Estados Unidos apresentam esse revestimento. Da mesma forma, as consequências nocivas para a saúde provocadas pela liberação de compostos químicos de embalagens e recipientes plásticos durante o uso do forno de micro-ondas não são conhecidas, embora esse uso seja uma prática cultural aceitável. Similarmente, o bisfenol-A (BPA) – um produto químico amplamente usado na manufatura de garrafas de água e mamadeiras (de plástico rígido) – foi recentemente associado a altas taxas de enfermidades crônicas, como doenças cardíacas e diabetes, e também foi comprovado que interrompe uma série de outros processos reprodutivos e metabólicos. As crianças e os fetos correm grande risco ao ser expostos ao BPA.<sup>22</sup>

Embora haja consenso na comunidade científica e os governos estejam começando a tomar providências (o governo canadense declarou o BPA uma substância tóxica), remover tal composto da indústria alimentícia talvez seja mais fácil que eliminá-lo do meio ambiente. Durante décadas, bilhões de quilos de BPA foram produzidos a cada ano, e esse material vem sendo descartado em aterros sanitários e rios. Da mesma forma que a Revolução Neolítica e o desenvolvimento da civilização, cada invenção cria novos desafios para os humanos.

As implicações de todos esses desenvolvimentos são imensas. Sabemos que as patologias são resultado de níveis extremamente baixos de exposição a produtos químicos prejudiciais. Contudo, além do uso doméstico, os Estados Unidos exportam milhões de toneladas desses produtos para o mundo inteiro.<sup>23</sup> As interrupções hormonais podem, pelo menos, ser parcialmente responsáveis por certas tendências que ultimamente preocupam os cientistas. Elas variam desde o início prematuro da puberdade nas meninas a declínios dramáticos na contagem de espermatozoides. Com relação ao último aspecto, 61 estudos distintos confirmam que a contagem caiu quase 50%, de 1938 a 1990. A maior parte desses estudos foi realizada nos Estados Unidos e na Europa, mas alguns feitos na África, Ásia e América do Sul mostram que é um fenômeno mundial. Se essa tendência continuar, terá resultados profundos.

Uma das dificuldades para se prever tendências é que as sérias consequências relacionadas à saúde, resultantes de novas práticas culturais, só se tornam aparentes anos, ou mesmo décadas depois. Até lá, naturalmente, essas práticas serão completamente absorvidas pelo sistema cultural e grandes interesses financeiros estarão em jogo. Atualmente, as práticas culturais, provavelmente como nunca antes, estão tendo impacto sobre o agrupamento de genes humano.

Será preciso esperar para ver quais serão os efeitos de longo prazo sobre a espécie humana como um todo. Indubitavelmente, tal impacto é nocivo para indivíduos que pagam com miséria e morte muitos dos benefícios materiais de que desfrutamos hoje. O fato de as pessoas pobres e especialmente os negros suportarem desproporcionalmente esse fardo demonstra que o racismo e o classismo ainda exercem seus efeitos negativos de maneira global.

<sup>22</sup> Lang, I. A. et al. Association of urinary bisphenol A concentration with medical disorders and laboratory abnormalities in adults. *Journal of the American Medical Association*, v. 300, n. 11, p. 1353-1355, 2008; e Richter, C. A. et al. In vivo effects of bisphenol A in laboratory rodent studies. *Reproductive Toxicology*, v. 24, n. 2, p. 199-224, 2007.

<sup>23</sup> Colburn; Dumanoski; Myers, op. cit., p. 47.

## Resumo do capítulo

- Os seres humanos são uma espécie única e altamente variável que habita todo o globo. Embora os processos biológicos sejam responsáveis pela variação humana, o conceito biológico de raça ou subespécie não pode ser aplicado à diversidade humana. A variação humana contemporânea não existe como tipos raciais discretos. Ao contrário, os traços individuais surgem em gradações contínuas, de uma população para outra, sem distinções acentuadas. Além do mais, em virtude da herança independente de traços individuais e da abertura genética das populações humanas, a maior parte da variação humana existe dentro das próprias populações, não entre populações diferentes. Embora os antropólogos trabalhem para mostrar ativamente que o conceito biológico de raça é falso quando aplicado à diversidade humana, eles reconhecem a significação de raça como uma categoria sociopolítica em muitos países, como Estados Unidos, Haiti, Brasil e África do Sul.
- O racismo pode ser visto exclusivamente como um problema social. Os conflitos raciais resultam de estereótipos sociais, não de fatos científicos. Os racistas do passado e do presente frequentemente invocam a noção de diferença biológica para fundamentar práticas sociais injustas.
- Muito embora seja impossível definir “raças” humanas biologicamente válidas, muitas pessoas consideram que existem diferenças biocomportamentais entre elas. Essas características de comportamento atribuídas à raça podem ser explicadas em termos de experiência e de uma ordem social hierárquica que afeta oportunidades e desafios enfrentados por diferentes grupos, não em termos de biologia.
- Nos Estados Unidos, os testes de inteligência ou de QI foram empregados no século XX para tentar estabelecer diferenças raciais. Além dos problemas relacionados à especificidade ambiental e cultural desses testes, as comparações entre as pessoas, divididas segundo a falsa categoria biológica de raça, não têm fundamentação. Além disso, no presente, não é possível separar os componentes herdados da inteligência daqueles adquiridos culturalmente. Ainda não existe consenso sobre o que realmente é inteligência, mas, em geral, há concordância de que é composta de vários talentos e habilidades diferentes.
- Em muitas partes do mundo, a “raça” é comumente estabelecida pela cor da pele. Sujeita a intensas variações, a cor da pele depende de diversos fatores: transparência ou espessura da pele, distribuição dos vasos sanguíneos e quantidade de caroteno e melanina na pele. A exposição ao sol aumenta a quantidade de melanina, escurecendo a pele. A seleção natural favoreceu a pele com mais pigmentação como proteção contra a forte radiação solar das latitudes equatoriais. Nas latitudes mais ao norte, a seleção natural favoreceu a pele com menos pigmentação, que pode utilizar a radiação solar mais fraca para produzir vitamina D. Fatores culturais, como acasalamento seletivo e localização geográfica, têm papel importante na distribuição global da cor da pele.
- Embora a espécie humana tenha passado a depender da adaptação cultural em vez da biológica para sobreviver, os agrupamentos de genes humanos ainda se modificam em resposta a fatores externos. Muitas dessas mudanças são provocadas por práticas culturais. Por exemplo, povos com tradição de criar rebanho leiteiro possuem a habilidade de digerir o açúcar do leite (lactose) na idade adulta, e um genótipo não econômico. As populações que não apresentam tolerância

à lactose retêm o genótipo econômico. Como consequência, quando são introduzidos em uma dieta ocidental (caracterizada pela abundância principalmente de alimentos com alto teor de açúcar), a incidência de obesidade e do diabetes aumenta de forma considerável.

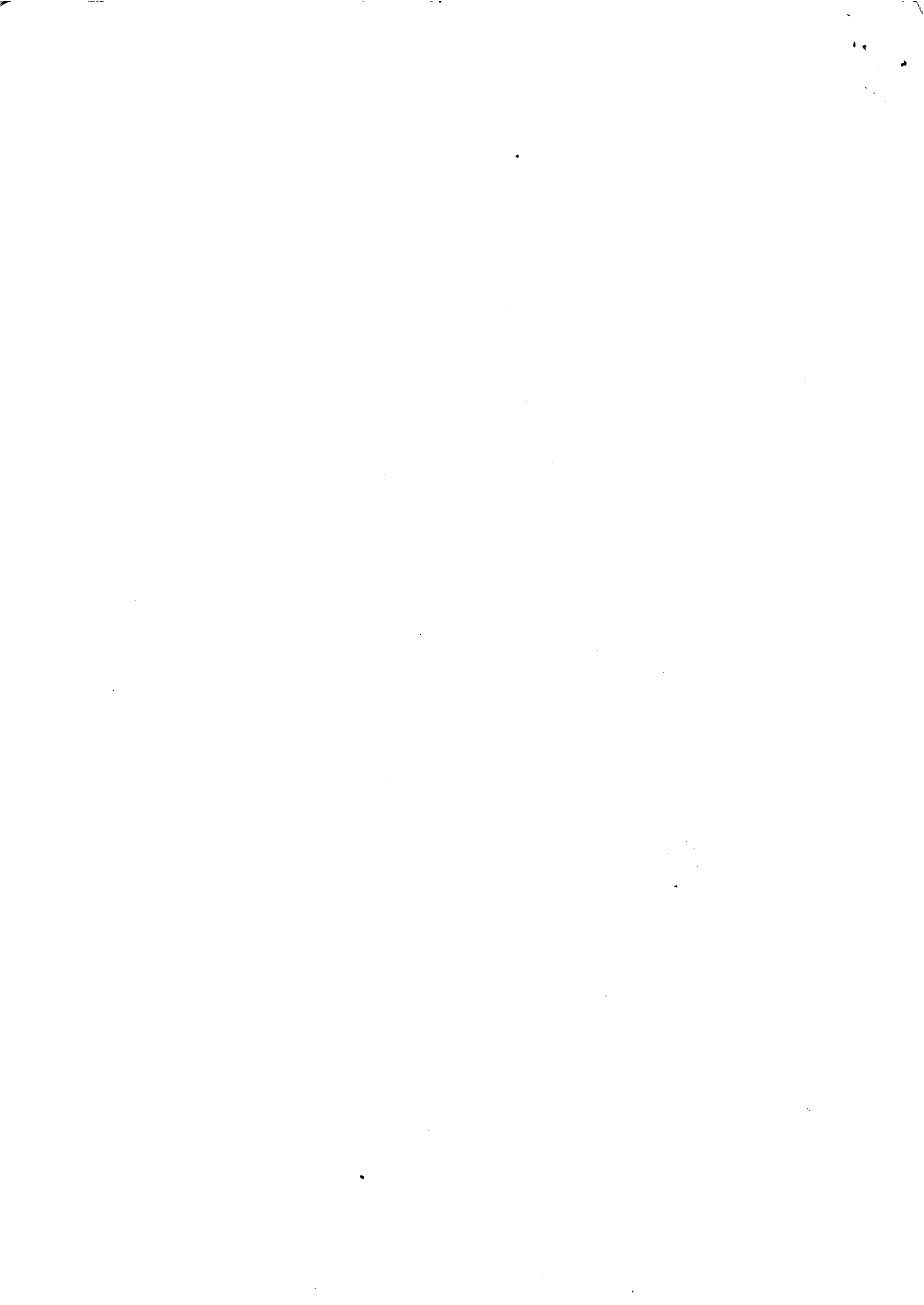
- Hoje em dia, os produtos químicos que afetam os hormônios, empregados na indústria de plásticos e outras, exercem grande influência sobre a saúde humana, porque interferem nos processos metabólicos e reprodutivos. Também estão associados ao aumento da frequência de doenças crônicas.
- Uma das dificuldades para se prever tendências é que as sérias consequências relacionadas à saúde, resultantes de novas práticas culturais, apenas se tornam aparentes anos ou mesmo décadas depois. Até lá, naturalmente, essas práticas vão estar assimiladas por completo ao sistema cultural.

### Questões para refletir

1. Como espécie, os seres humanos são extremamente diversificados; mesmo assim, nossa diversidade biológica não pode ser dividida em tipos discretos, subespécies ou raças. Ao mesmo tempo, a raça funciona como uma categoria política e social que impõe desigualdades em algumas sociedades. De que maneira as crenças culturais sobre raça afetaram a interpretação da diversidade biológica no passado? Atualmente, quais são as crenças culturais sobre diversidade biológica em sua comunidade?
2. Apesar de observarmos e explicarmos cientificamente as diferenças de cor da pele entre populações, por que não é válido usar o conceito biológico de subespécie ou raça quando nos referimos aos seres humanos? Você consegue imaginar outra espécie de animal, planta ou micro-organismo para o qual o conceito de subespécie faz sentido?
3. Globalmente, as estatísticas de saúde são coletadas por país. Além disso, alguns países, como os Estados Unidos, coletam estatísticas de saúde por “raça”. De que modo esses dois aspectos são distintos e semelhantes? As estatísticas de saúde deveriam ser coletadas por grupo?
4. Como você define o conceito de inteligência? Você acha que os cientistas um dia serão capazes de descobrir suas bases genéticas?
5. As práticas culturais afetam as mudanças microevolutivas na espécie humana e geralmente têm efeitos dramáticos sobre a saúde. À medida que o mundo se torna cada vez mais interconectado, de que maneira os humanos deveriam regulamentar globalmente essas ações?

### Palavras-chave

Raça; racismo; lactose; lactase; genótipo econômico.

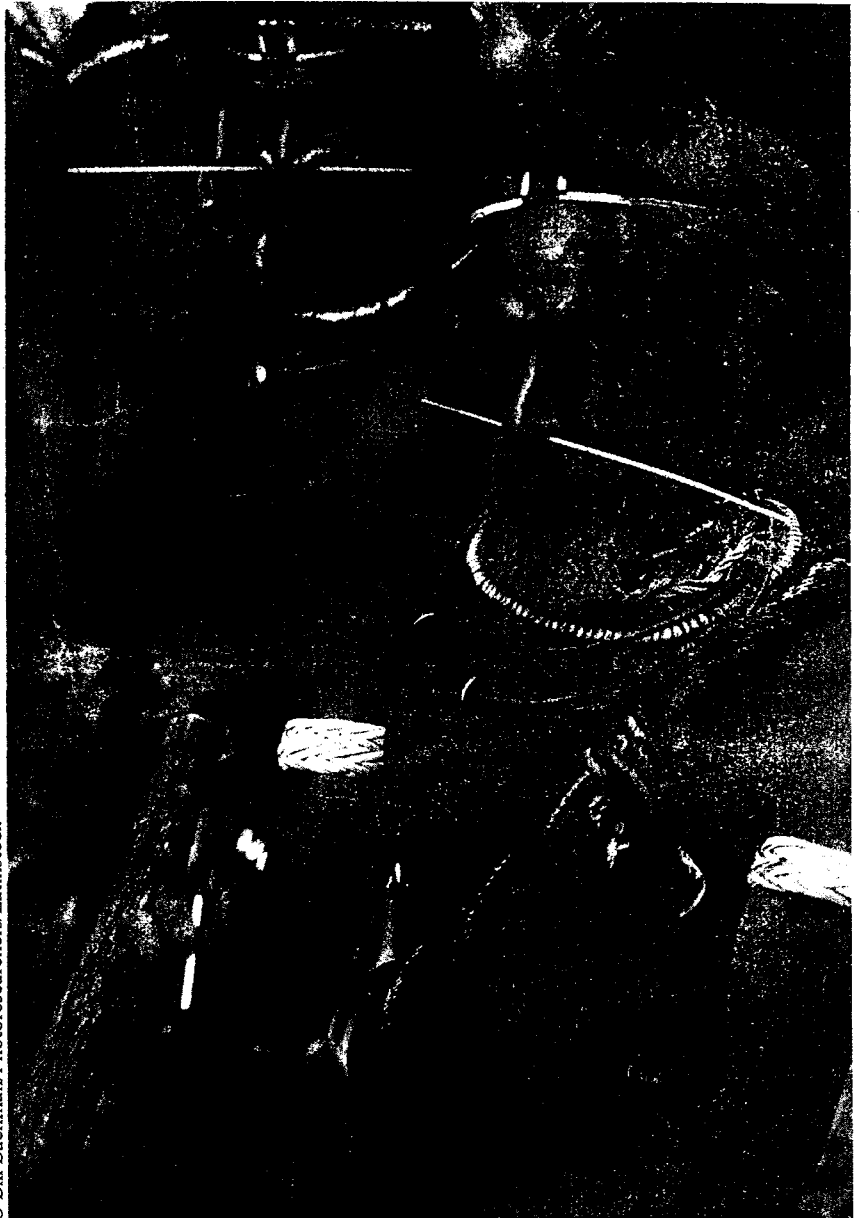




PASTA: 13  
25 FOLHAS  
DATA: 28/02

Aula 6

# Língua e comunicação



© Bill Bachman/Photoresearchers/Latinstock

## INTRODUÇÃO VISUAL

Como criaturas sociais que dependem umas das outras para sobreviver, os seres humanos desenvolvem com criatividade muitas formas de se comunicar de modo expressivo, empregando uma variedade de gestos distintos, sons, toques e posturas corporais. O nosso meio mais sofisticado de compartilhar grande número de informações complexas é a língua – a pedra fundamental de cada cultura humana. Atualmente, como mostra esta imagem de aborígenes na Nova Guiné, a tecnologia moderna permite que as pessoas se comuniquem instantaneamente através de oceanos, desertos e montanhas. Entretanto, embora seus equipamentos eletrônicos sejam extremamente sofisticados, é preciso que elas compartilhem a língua para a mensagem ter sentido.

**Pesquisa linguística e natureza das línguas****Linguística descritiva**

Fonologia

Morfologia, sintaxe e gramática

**Linguística histórica**

Processos de divergência linguística

Morte e renascimento de uma língua

**Língua no contexto social e cultural**

Sociolinguística

Etnolinguística

**Versatilidade da língua****Além das palavras: o sistema de sons**

e gestos

Linguagem do corpo

Paralinguagem

**Línguas tonais****Origem das línguas****Da fala à escrita**

Letramento no mundo globalizado

**Resumo do capítulo**

A capacidade humana de se comunicar através da linguagem reside diretamente em nossa formação biológica. Somos “programados” para a linguagem, através de sons ou gestos. (As linguagens de sinais, empregadas por deficientes auditivos, são totalmente desenvolvidas por competência própria.) Com exceção do choro dos bebês, que não é aprendido, mas realmente transmite uma mensagem, os homens precisam aprender suas línguas. Assim, qualquer criança normal, de qualquer parte do mundo, aprende rapidamente a língua de sua cultura.

**Língua** é um sistema de comunicação que emprega sons e/ou gestos, agrupados de acordo com determinadas regras, os quais resultam em significados inteligíveis para todos os que dela compartilham. Esses sons e gestos são considerados *símbolos* (definidos como signo, som, emblema ou qualquer coisa arbitrariamente relacionada a algum objeto, ser ou evento e que o representa de forma significativa). Por exemplo, a palavra *chorar* é um símbolo, uma combinação de sons que estabelece significado para uma ação específica e que nós podemos empregar para comunicar esse significado, se alguém perto de nós está realmente chorando ou não.

**Sinais**, ao contrário de símbolos culturalmente aprendidos, são sons e gestos instintivos que possuem significado natural ou evidente. Gritos, suspiros, tosse, por exemplo, são sinais que transmitem algum tipo de estado emocional ou físico. Hoje, os linguistas divergem sobre até que ponto se deve dar crédito a animais, como várias espécies de golfinhos e símios, pela habilidade de empregar símbolos e sinais. Mas já se tornou evidente que muitos animais se comunicam de formas notáveis.<sup>1</sup>

Quais são as implicações para nosso entendimento sobre natureza e evolução das línguas? Não haverá resposta definitiva e clara até que se tenha mais conhecimento sobre os vários sistemas da comunicação animal. Enquanto isso, mesmo que o debate sobre como a comunicação do ser humano e dos animais se relacionam continue, não se pode

**GLOSSÁRIO**

**língua** sistema de comunicação que emprega sons e/ou gestos de modo significativo, agrupados de acordo com um conjunto de regras

**sinais** sons ou gestos instintivos com significado natural ou evidente

<sup>1</sup> Entre muitas referências sobre o assunto, ver Bekoff, M. et al. (Eds.) *The cognitive animal: empirical and theoretical perspectives on animal cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002; Patterson, F. G. P.; Gordon, W. Twenty-seven years of Project Koko and Michael. In: Galdikas, B. et al. (Eds.) *All apes great and small*. vol. 1. *Chimpanzees, bonobos, and gorillas*. Nova York: Kluwer Academic, 2002. p. 165-176.

descartar a comunicação entre espécies não humanas como um conjunto de reflexos instintivos simples ou um padrão de ações fixas.<sup>2</sup>

Um exemplo extraordinário dos muitos esforços científicos em desenvolvimento nessa área é a história de um orangotango chamado Chantek, apresentado no “Estudo Original”. Entre outras coisas, ele ilustra o processo criativo de desenvolvimento da língua e a capacidade de um primata não humano para reconhecer símbolos.

## Estudo Original

### Linguagem e habilidade intelectual dos orangotangos

*H. Lyn White Miles*

Em 1978, depois que os pesquisadores passaram a usar a linguagem de sinais dos surdos-mudos (norte-americana) para se comunicar com chimpanzés e gorilas, comecei o primeiro estudo de longa duração sobre a habilidade de linguagem de um orangotango macho chamado Chantek. As críticas afirmavam que símios que empregavam símbolos poderiam simplesmente estar imitando o ser humano responsável por cuidar deles, mas agora os especialistas concordam cada vez mais que orangotangos, gorilas e duas espécies de chimpanzés conseguem desenvolver habilidades linguísticas no mesmo nível que uma criança entre 2 e 3 anos de idade.

O objetivo do Projeto Chantek era investigar a mente de um orangotango através de um estudo sobre suas habilidades cognitivas e linguísticas. Foi uma grande responsabilidade ética e emocional engajar um orangotango no que os antropólogos chamam “enculturação”, pois eu ensinaria não apenas uma forma de comunicação, mas também aspectos da cultura em que essa língua se baseava. [...]

Um pequeno grupo de cuidadores da Universidade do Tennessee, em Chattanooga, começou a criar Chantek quando ele estava com 9 meses. Eles se comunicavam com Chantek com gestos baseados na linguagem de sinais para surdos. Após um mês, Chantek produziu seu primeiro sinal e, depois de certo tempo, aprendeu a utilizar aproximadamente 150 sinais diferentes, formando um vocabulário semelhante ao de uma criança. Chantek aprendeu nomes de pessoas (LYN, JOHN), lugares (JARDIM, BROCK-HALL), alimentos (IOGURTE, CHOCOLATE), ações (TRABALHAR, ABRAÇAR), objetos (CHAVE DE FENDA, DINHEIRO), animais (CACHORRO, MACACO), cores (VERMELHO, PRETO), pronomes (VOCE, EU), localização (PARA CIMA, APONTAR), atributos (BOM, MACHUCADO) e ênfase (MAIS, HORA DE FAZER).

Descobrimos que os sinais empregados por Chantek eram espontâneos e não repetitivos. Ele não imitava simplesmente os cuidadores, mas trabalhava ativamente para iniciar uma comunicação e produzir sinais necessários para se comunicar. Ele também conseguiu utilizar sinais em combinações e articulá-los significando por meio de pequenas mudanças na forma como articulava e organizava esses sinais. Ele comentava “GOCA BEBER” após beber Coca-Cola, “PUXAR BARBA” enquanto puxava o cabelo de algum cuidador.

a Nome do edifício que abriga os departamentos de Línguas Estrangeiras, Geografia, Antropologia, História e Sociologia da Universidade do Tennessee (NRT).

<sup>2</sup> Armstrong, D. E.; Stokoe, W. C.; Wilcox, S. E. Signs of the origin of syntax. *Current Anthropology*, n. 34, p. 349-368, 1993; Burling, R. Primate calls, human language, and non verbal communication. *Current Anthropology*, n. 34, p. 25-53, 1993.

através da grade e "HORA ABRAÇAR" enquanto estava preso em sua jaula e o cuidador olhava o relógio. No entanto, além de usar sinais dessa maneira, conseguiria empregá-los como símbolos? Ou seja, aplicá-los de modo mais abstrato para representar uma pessoa, objeto, ação ou ideia, mesmo fora de seu contexto ou quando não estivesse presente?

Uma indicação da capacidade de crianças surdas-mudas para usar a linguagem simbólica é a habilidade de apontar; alguns pesquisadores argumentam que os símios não conseguem fazer isso espontaneamente. Chantek começou a apontar objetos quando tinha 2 anos de idade, um pouco mais tarde que as crianças. Primeiro ele mostrava e nos entregava objetos, em seguida começou a apontar onde queria ser coçado e para onde queria ser levado. Finalmente, ele conseguia responder perguntas como: ONDE CHAPÉU? QUAL DIFERENTE? e O QUE QUERER?, apontando para o objeto correto.

A medida que o vocabulário de Chantek aumentou, as ideias que expressava se tornaram mais complexas. Por exemplo, quando ele sinalizava PÁSSARO MAU, indicava os pássaros barulhentos que faziam alarde, e COMIDA QUEIJO BRANCO COMER, referia-se a queijo branco. Ele entendia que as coisas tinham características ou atributos que podiam ser descritos. Também criou combinações de sinais que nunca havíamos usado antes.

Da mesma forma que uma criança aprende a língua, Chantek começou a aumentar ou diminuir o significado de seus sinais, o que nos deu indicações de suas emoções e de como ele estava começando a classificar seu mundo. Por exemplo, ele utilizava o sinal CACHORRO para indicar cães reais, assim como para uma imagem de cachorro no Viewmaster, para orangotangos vistos na televisão, sons de latidos ouvidos no rádio, pássaros, cavalos, um tigre no circo, um rebanho, uma figura de um guepardo e um helicóptero barulhento que, presumivelmente, parecia o som de latido. Para Chantek, o sinal INSETO incluía grilos, baratas, a figura de uma barata, besouros, lesmas, pequenas mariposas, aranhas, minhocas, moscas, a figura de um gráfico com formato de borboleta, pedaços pequenos de comida para gato e fezes. Ele fazia o sinal QUEBRAR antes de quebrar pedaços de bolacha e o fez depois que quebrou sua privada. Ele fazia o sinal MAU para se referir a si mesmo antes de agarrar um gato, também utilizou esse sinal quando mordeu um rabanete e para um pássaro morto.

Também descobrimos que Chantek conseguia compreender o inglês que falávamos (após os primeiros anos, usamos a linguagem oral e a de sinais). Aos 2 anos de idade, Chantek começou a fazer sinais para indicar objetos que não estavam presentes. Ele frequentemente pedia para ir a locais em seu jardim a fim de procurar animais, como o esquilo e o gato de estimação, que serviam de companheiros nas brincadeiras. Ele também pedia SORVETE, fazendo o sinal CARRO PASSEAR e nos puxando em direção ao estacionamento para ir de carro até a sorveteria.

Descobrimos que um orangotango sabe mentir. O logro é um indicador importante das habilidades linguísticas, pois exige a representação falsa, intencional e deliberada, da realidade. Para enganar alguém, é preciso ver os eventos sob a perspectiva da outra pessoa e negar essa percepção. Chantek começou a fazer isso desde cedo, e nós o pegávamos mentindo geralmente três vezes por semana. Ele descobriu que, ao fazer o sinal para SUJO, seria levado ao banheiro, mas, em vez de usar a privada, brincava com a máquina de lavar roupas, a secadora e o sabão. Ele também nos enganava para obter vantagens sociais em jogos, desviar a atenção em interações sociais, evitar situações de teste, voltar para casa após os passeios pelo campus.

mentou no ambiente de trabalho

Em uma ocasião, Chantek roubou uma borracha, fingiu que a engoliu e "confirmou" o ato abrindo a boca e fazendo o sinal COMIDA-COMER, como se mostrasse que havia engolido. No entanto, ele escondeu a borracha na parte interna da bochecha, mais tarde ela foi encontrada em seu quarto, onde Chantek geralmente escondia os objetos.

Avaliamos sua capacidade mental com testes desenvolvidos para crianças. Chantek alcançou uma idade mental equivalente a de uma criança entre 2 e 3 anos, com algumas habilidades de crianças mais velhas. Em algumas atividades realizadas prontamente por crianças, como usar um objeto para representar outro e fingir brincar, Chantek agia da mesma forma, mas com menos frequência. Ele brincava de pega-pega, olhando por cima dos ombros enquanto corria de um lado para o outro, embora não houvesse ninguém atrás dele. Ele também fazia sinais para os brinquedos e lhes oferecia comida e bebida. *Instituto de Brincar*

Aos 4 anos e 6 meses, Chantek mostrou evidências de planejamento, simulação criativa e uso de objetos em relações inusitadas para criar novos significados. Por exemplo, ele simulava o contexto de preparação de comida, dando ao cuidador dois objetos necessários para preparar seu leite e olhando para o local onde ficava a lata.

Chantek era extremamente curioso e criativo. Quando desejava saber o nome de alguma coisa, oferecia as mãos para que mostrássemos como fazer o sinal. Mas a linguagem é um processo criativo, então ficamos satisfeitos quando ele começou a criar os próprios sinais. Ele inventou NAO DENTES (para mostrar que não usaria os dentes durante brincadeiras brutas); OLHOS BEBER (para a solução de lentes de contato usada pelos cuidadores); DAVE SEM DEDO (nome para um funcionário da universidade que teve um ferimento na mão). Como nossos ancestrais, Chantek passou a criar linguagem.

(Adaptado de Miles, H. L. W. Language and the orangutan: The old "person" of the forest. In: Cavalieri, P.; Singer, P. (Eds.) *The great ape project*. Nova York: St. Martin's Press, 1993, p. 45-50.)

## 2008 – ATUALIZAÇÃO

Minha relação e pesquisa com Chantek continua por meio da Chantek Foundation and Animal Nation, Inc. de Kennesaw, Geórgia. Chantek agora utiliza centenas de sinais e criou sozinho muitos outros, por exemplo: ÁGUA GARRAFA (combinando os sinais para CARRO e ÁGUA), KETCHUP (combinando TOMATE e CREME DENTAL). Ele usa computador e faz ferramentas de pedra, pinturas e outros tipos de arte e artesanato, incluindo instrumentos de percussão utilizados em minha banda de rock indígena Animal Nation. Ele é coautor das músicas da banda. Chantek também faz joias exclusivas e montagens com pedras semipreciosas para a fundação, o que ajuda a custear a pesquisa.

Como alguém com ascendência indígena, acredito que os animais não são pessoas do tipo humano. Há um movimento crescente em todo o mundo para reconhecer a inteligência, personalidade e até mesmo a proteção legal para todos os grandes símios, com base em sua cultura, no habitat natural e no que aprendemos sobre as habilidades de Chantek. Há planos para fazer com que ele e outros símios enculturados vivam em áreas preservadas, onde terão mais opções de escolha e oportunidades de aprendizagem que os zoológicos e centros de pesquisa podem oferecer. Um projeto novo e interessante sob o patrocínio do Animal Nation, Inc. dará aos símios a oportunidade de se comunicarem via Internet. Como o astro de rock Peter Dinklage diz em sua música *Animal nation* sobre a comunicação com os símios: "Quem sabe onde isso vai dar?" (Para mais informações, visite [www.chantek.org](http://www.chantek.org).)

Estudos linguísticos como o que envolve Chantek são fascinantes e revelam muito sobre a cognição dos primatas; contudo, permanece a questão de que a cultura humana depende essencialmente de um sistema elaborado de comunicação, muito mais complexo que o de qualquer outra espécie, até mesmo as de nossos parentes primatas. O motivo é simplesmente a quantidade de conhecimento que deve ser aprendido por cada indivíduo para que consiga participar de modo pleno de uma sociedade. Naturalmente, ocorre uma quantidade significativa de aprendizagem na ausência da linguagem, através da observação e da imitação, direcionadas por um número limitado de signos ou símbolos expressivos. Entretanto, todas as culturas humanas conhecidas possuem conteúdo tão rico que exigem sistemas de comunicação que não somente estabeleçam rótulos precisos a várias classes de fenômenos como permitam que se pense e fale sobre as próprias experiências e expectativas, e sobre as de outras pessoas, no passado, no presente e no futuro.

O sistema de comunicação humana mais importante e desenvolvido é a língua. O conhecimento sobre como ela opera, portanto, é essencial para o entendimento completo sobre o que é e de que forma opera a cultura.

## PESQUISA LINGÜÍSTICA E NATUREZA DAS LÍNGUAS

Qualquer língua humana – chinês, inglês, suaíli ou qualquer outra – é um meio para transmitir informações e compartilhar experiências individuais e coletivas. É um sistema que nos permite traduzir preocupações, crenças e percepções em símbolos, os quais podem ser entendidos e interpretados pelos outros.

Na linguagem falada, isso é feito através dos sons – nenhuma língua emprega mais que aproximadamente cinquenta sons – e das regras desenvolvidas para agrupá-los de forma significativa. As linguagens de sinais, como as da American Sign Language (*Dicionário da língua brasileira de sinais* – Libras, no Brasil) fazem o mesmo com gestos. O grande número de linguagens no mundo, em torno de 7 mil, pode muito bem nos deixar estarecidos e desorientados pela imensa variedade e complexidade, contudo, os linguistas descobriram que todas, até onde se pode acompanhar, são organizadas da mesma forma básica.

As raízes da **linguística** – o estudo sistemático de todos os aspectos da língua – são antigas, remontam ao trabalho de antigos especialistas na Índia, há mais de 2.000 anos. O período das

grandes explorações europeias, do século XIV ao XVIII, estabeleceu as bases para um grande salto em direção ao estudo científico da língua. Os exploradores, invasores e missionários acumularam informações sobre uma imensa diversidade de línguas de todo o mundo. Havia aproximadamente 10 mil línguas quando as investigações foram iniciadas.

Os linguistas do século XIX, incluindo antropólogos, deram uma contribuição significativa ao descobrir que existem sistema, regularidade e relações entre os dados e formularam experimentalmente leis e princípios regulares relacionados

### GLOSSÁRIO

**linguística** Estudo científico moderno de todos os aspectos da língua humana. Inclui a fonética, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática.

**fonemas** Menor unidade de som que diferencia o significado das palavras. Exemplo: /p/ e /b/.

**morfologia** Estudo dos padrões ou regras de formação de palavras (afixação, como as que se referem a tempos verbais, formação do plural e palavras compostas).

**morfemas** Menor unidade de som que possui significado, são diferentes dos fonemas, que podem não ter significado, mas não possuem significado.

**sintaxe** Padrões ou regras que determinam a organização das palavras em frases.

à língua. No século XX, enquanto ainda coletavam dados, os linguistas fizeram progresso considerável ao desvendar o processo de raciocínio implícito na construção da língua, ao testar e trabalhar com novas e aprimoradas teorias.

Na medida em que as teorias e os fatos linguísticos são verificados por pesquisadores independentes, os quais examinam os mesmos materiais, pode-se afirmar que existe a ciência linguística. Esta possui três áreas principais: linguística descritiva, linguística histórica e uma terceira área que se concentra na linguagem em relação ao contexto social e cultural.

## LINGUÍSTICA DESCRITIVA

→ registrar e catalogar as línguas

Como um antropólogo, comerciante, missionário, diplomata ou qualquer outro estrangeiro pode pesquisar uma língua que ainda não foi descrita e analisada, ou que não possui material escrito disponível? Há centenas de línguas que não foram documentadas no mundo. Felizmente, métodos eficazes foram desenvolvidos para ajudar nessa tarefa. A linguística descritiva estuda a língua através de registros, descrições e análises de todos os seus aspectos. É um processo trabalhoso, mas compensador, pois proporciona profundo entendimento sobre uma língua – sua estrutura, o repertório linguístico (figuras de linguagem, jogo de palavras etc.) e sua relação com outras línguas.

O processo de desvendar as regras implícitas de uma língua falada requer acuidade auditiva e o entendimento total da forma como os múltiplos sons da fala são produzidos. Sem esse conhecimento, é extremamente difícil escrever ou fazer uso inteligente de qualquer tipo de dado concernente a uma língua específica. Para atender essa exigência preliminar, a maioria das pessoas precisa de treinamento especial em fonética, que discutiremos a seguir.

## Fonologia

Origina-se da palavra grega *phone* (que significa “som”); define-se **fonética** como a identificação e descrição sistemática dos sons distintos de uma língua. A fonética é a base da **fonologia**, que estuda os sons. Para analisar e descrever qualquer língua, primeiro é necessário fazer um inventário de todos os diferentes sons que compõem essa língua.

Alguns sons empregados em outras línguas podem soar bem semelhantes aos da língua do próprio pesquisador, mas outros podem ser bem diferentes. Por exemplo, como o som *th*, comum em inglês, não existe no português, é difícil para a maioria dos falantes produzir esse som; assim como o som *l*, usado em várias línguas, é difícil para os falantes de japonês. E os sons únicos de “clique” usados pelas línguas dos bosquímanos no sul da África são difíceis para falantes de praticamente qualquer outra língua.

Enquanto coleta os sons e articulações da fala, o linguista trabalha para isolar o **fonema**, a menor unidade de som que provoca diferenças no significado. O isolamento e a análise são realizados por meio de um processo chamado teste do par mínimo. O pesquisador tenta encontrar duas palavras curtas que apresentam semelhanças, exceto por um som, como *bit* e *pit*, em inglês ou *bala* e *pala*, em português. Se a substituição do som *b* por *p* nesse par mínimo provocar diferença no significado, como realmente acontece no inglês, então eles podem ser identificados como fonemas distintos da língua e requerem dois símbolos diferentes para registro. Se, contudo, o linguista encontra duas pronúncias diferentes (como a palavra “butter” pronunciada “budder”, em inglês, ou

“menina” pronunciada “minina” ou “ménina”, em português) e descobre que não há diferença no significado para o falante nativo, os sons representados serão considerados variantes do mesmo fonema. Nesses casos, por economia de representação, apenas um símbolo será empregado para registrar a ocorrência desse som.

## Morfologia, sintaxe e gramática

Enquanto elabora e estuda um conjunto de sons distintos, o linguista também analisa a **morfologia**, o estudo dos padrões ou regras de formação das palavras em uma língua (até as que se referem a tempos verbais, formação do plural e palavras compostas). Isso é feito ao marcar sons específicos e combinações de sons que parecem ter significado. Esses sons são chamados **morfemas** – a menor unidade sonora que possui significado em uma língua.

Os morfemas são diferentes dos fonemas, que podem alterar o significado, mas não possuem significado quando isolados. Por exemplo, um linguista que estuda inglês em uma comunidade agrícola norte-americana logo descobre que *cow* é um morfema – uma combinação significativa dos fonemas *c*, *o* e *w*. Ao indicar dois desses animais, o linguista esclarece a palavra *cows* com os falantes locais. Isso revela outro morfema – o *s* – que pode ser acrescentado ao morfema original para indicar plural.

A próxima etapa para estudar uma língua é identificar a **sintaxe** – os padrões ou regras pelos quais os morfemas, ou palavras, são organizados em frases e orações. A **gramática** de uma língua consiste essencialmente de todas as observações sobre os morfemas e a sintaxe.

Um dos aspectos positivos da linguística descritiva moderna é a objetividade dos métodos empregados. Por exemplo, um antropólogo que fala inglês e se especializa nessa área não estuda uma língua com a ideia de que a mesma deve ter substantivos, verbos, preposições ou qualquer uma das classes de palavras identificáveis em inglês. Ele observa o que acontece e tenta descrever conforme o funcionamento interno próprio da língua estudada. Isso proporciona descobertas inesperadas. Por exemplo, ao contrário de muitas línguas, o inglês não faz distinção entre substantivos masculinos e femininos. Portanto, os falantes de inglês empregam o artigo definido *the* antes de qualquer substantivo, enquanto o francês e o português exigem dois tipos de artigo definido: *la / a* para substantivos femininos e *le / o* para masculinos, como em *la lune / a lua* e *le soleil / o sol*. Os falantes de alemão empregam três tipos de artigos: *der*, antes de substantivos masculinos, *die*, antes de substantivos femininos, e *das*, antes de substantivos neutros. Também é interessante notar que, ao contrário dos falantes de francês e português, os falantes de alemão consideram a palavra *lua* substantivo masculino, assim, falam *der Mond*, e *sol*, substantivo feminino, *die Sonne*. Em outra parte do mundo, nas montanhas do Peru e na Bolívia, os povos indígenas que falam quíchua não se preocupam se os substantivos são masculinos, femininos ou neutros, pois essa língua não emprega artigos definidos.

## LINGUÍSTICA HISTÓRICA

A linguística descritiva estuda todos os aspectos de uma língua específica, em qualquer momento no tempo; a linguística histórica analisa as mudanças que uma língua sofre. Além de decifrar línguas “mortas”, que não são mais faladas, o especialista dessa área investiga as relações entre formas anteriores e posteriores, estuda línguas antigas para identificar os processos que as transformaram em línguas modernas e examina as inter-relações entre línguas antigas. Por exemplo, ele tenta



organizar como o desenvolvimento do latim (falado há quase 1.500 anos no sul da Europa) se transformou em italiano, espanhol, português, francês e romeno, identificando as mudanças naturais na língua original e as alterações provocadas, durante os séculos seguintes, pelo contato direto com os invasores falantes de alemão do norte da Europa.

A linguística histórica não se limita ao passado distante, pois as línguas modernas também sofrem mudanças constantes, através do acréscimo de novas palavras, da exclusão de outras e da mudança de significado. Durante as últimas duas décadas, o uso da internet ampliou o significado de um grande número de palavras da língua inglesa – *hacking*, *surfing*, *spam* – e vocábulos totalmente novos, como *blogging* e *vlogging* (*videologging*), foram criados.

A linguística histórica depende do registro escrito das línguas, principalmente quando se concentra em longos processos de mudanças. Os estudiosos tiveram sucesso considerável ao estabelecer relações entre línguas diferentes que se refletem em esquemas de classificação. Por exemplo, o inglês é uma das quase 140 línguas classificadas na grande família das línguas indo-europeias (Figura 9.1). Uma **família linguística** é um grupo de línguas descendentes de uma única língua ancestral. Essa família está subdividida em aproximadamente 11 grupos, o que mostra que houve um longo período (aproximadamente 6.000 anos) de **divergência linguística** de uma língua antiga unificada (reconstruída como protoindo-europeu) em línguas “filhas” distintas. O inglês é uma das várias línguas do subgrupo germânico (Figura 9.2), que estão mais estreitamente relacionadas entre si que com as línguas de qualquer outro subgrupo da família indo-europeia.

Dessa forma, apesar das diferenças, as línguas de um subgrupo apresentam certas características comuns quando comparadas às de outro. Para ilustrar, a palavra equivalente a *father*, nas línguas germânicas, sempre inicia com o som *f* ou *v* (*vader*, em dinamarquês, *Vater*, em alemão, e *Fadar*, em gótico). Entre as línguas românicas, esse mesmo vocábulo sempre se inicia com o som *p*: *père*, em francês; *padre*, em italiano e espanhol; e *pai*, em português, todos derivados do latim, *pater*. A palavra indo-europeia original para “pai” era *p'te-r*; portanto, nesse caso, as línguas românicas mantiveram a pronúncia original, enquanto as línguas germânicas a modificaram.

## Processos de divergência linguística

O estudo das línguas modernas em seu contexto cultural específico nos ajuda a entender os processos de mudança que podem ter provocado a divergência linguística. Uma influência clara para essas mudanças é o empréstimo seletivo de vocábulos que uma língua faz de outra. Isso fica evidente nas inúmeras palavras do francês presentes no inglês, e no número cada vez maior de palavras do inglês presentes em línguas de todo o mundo, como resultado da globalização.

Os avanços tecnológicos que criam novos equipamentos e produtos também promovem mudanças linguísticas. Por exemplo, a revolução eletrônica, que inventou o rádio, a televisão e os computadores, também gerou vocábulos inteiramente novos.

A especialização profissional cada vez maior é outra força determinante. Um dos muitos exemplos é a área da biomedicina; os alunos de hoje devem aprender o vocabulário específico, o jargão

### GLOSSÁRIO

**gramática** Estrutura formal de uma língua, incluindo morfologia e sintaxe.

**família linguística** Grupo de línguas que descende de uma única língua ancestral.

**divergência linguística** Desenvolvimento de línguas diferentes a partir de uma única língua ancestral.



**Figura 9.1 Línguas indo-europeias**

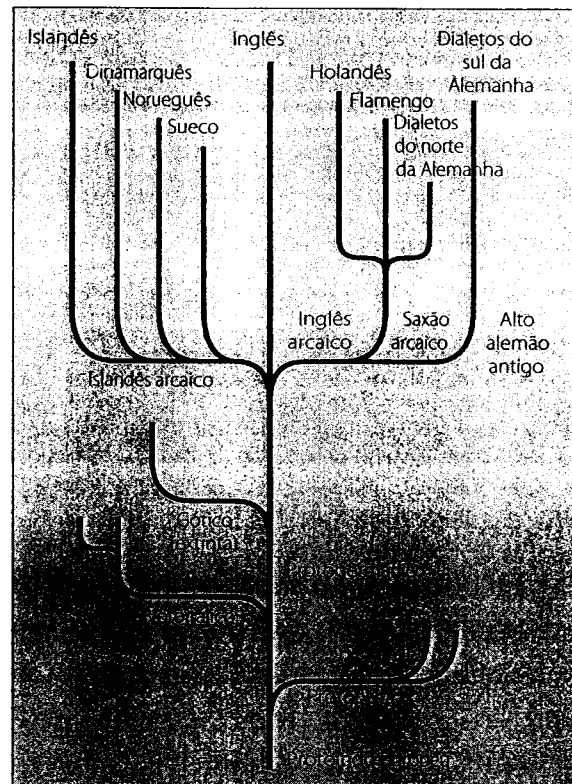
Nem todas as línguas faladas na Europa fazem parte da família indo-europeia. Por exemplo, as línguas faladas pela maior parte das pessoas na Finlândia e na Hungria pertencem à família linguística Urálica.

da profissão – mais de 6 mil palavras novas – no primeiro ano do curso. Há também a tendência de qualquer grupo em uma sociedade criar seu próprio vocabulário – uma gangue de rua, uma irmandade, um grupo religioso, prisioneiros ou soldados. Modificando o sentido de vocábulos existentes ou criando palavras novas, os membros de um grupo conseguem se comunicar com seus pares, enquanto excluem efetivamente os estranhos que podem estar ouvindo. Finalmente, parece existir uma tendência para admirar a pessoa que cria um novo idioma, uma palavra útil ou uma pronúncia de estilo, desde que não interfira seriamente na comunicação. Isso tudo significa que a língua não é estática.

**Morte e renascimento de uma língua**

Talvez a força mais poderosa para a mudança linguística seja a dominação de uma sociedade por outra, como demonstram os 500 anos de colonialismo europeu. Ainda hoje, essas dominações persistem em muitas partes do mundo, tais como povos nativos de Taiwan governados por chineses falantes de mandarim, indígenas tarascan dominados por mexicanos falantes de espanhol, ou bosquímanos governados por namibianos falantes de inglês.

Em muitos casos, o controle político estrangeiro provocou a erosão linguística ou mesmo o desaparecimento completo de uma língua, às vezes deixando apenas um traço tênue em nomes indígenas antigos de acidentes geográficos, como morros e rios. Na verdade, durante os últimos 500 anos, das quase



**Figura 9.2** O inglês é uma das línguas do subgrupo germânico da família indo-europeia. Este diagrama apresenta sua relação com as outras línguas do mesmo subgrupo. A raiz foi o protoindo-europeu, uma língua ancestral originalmente falada pelos primeiros pastores e agricultores que se espalharam no norte e no oeste da Europa, levando consigo os costumes e a língua.

10 mil línguas existentes no mundo, cerca de 3 mil foram extintas como resultado direto de guerras, epidemias e assimilação forçada, provocadas por potências coloniais ou outros invasores.

A maior parte das 7 mil línguas restantes tem muito poucos falantes, que diminuem com rapidez por causa da globalização. De fato, metade delas tem menos de 10 mil falantes cada uma, e um quarto, menos de mil. Na América do Norte, por exemplo, existem hoje apenas 150 das 300 línguas indígenas originais e muitas delas estão seriamente ameaçadas de extinção, em velocidade alarmante.

A previsão dos antropólogos é de que o número de línguas faladas atualmente será reduzido pela metade até o ano 2100, em grande parte porque as crianças de grupos étnicos minoritários deixam de falar a língua dos ancestrais; ao começar a frequentar a escola, migram para as cidades, passam a fazer parte da força de trabalho e são expostas à mídia eletrônica e impressa. A imprensa, o rádio, a televisão, a internet e as mensagens de texto enviadas por telefones celulares provocam a necessidade de uma língua comum que muitos entendam, e o inglês é cada vez mais utilizado. Nos últimos 500 anos, o inglês – originalmente falado por cerca de 2,5 milhões de pessoas que viviam em uma parte das ilhas britânicas – espalhou-se pelo mundo todo. Atualmente, quase 375 milhões de pessoas (6% da população global) declaram ter o inglês como língua materna. Para cerca de 1,2 bilhão (mais de 17%), esse idioma é uma segunda língua, ou língua estrangeira.

Embora uma língua comum possibilite a comunicação entre pessoas de grupos étnicos diferentes, há o risco de que a disseminação de uma única língua provoque o desaparecimento de outras. Com a extinção, perde-se a rica e variada herança cultural da humanidade, incluindo os inúmeros conhecimentos sobre a vida.

Atualmente, um aspecto importante no esforço para a preservação das línguas é o impacto da mídia eletrônica, como a internet, em que o conteúdo é apresentado em poucos idiomas e quase 85% dos usuários regulares são falantes nativos de apenas 10 das 7 mil línguas que existem no mundo. Em 2001, a Unesco (United Nations Cultural, Scientific, and Educational Organization – Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas) criou a InitiativeB@bel (Iniciativa B@bel), que emprega as tecnologias de comunicação e informação para apoiar a diversidade cultural e linguística. O objetivo dessa iniciativa é diminuir a divisão digital, promovendo o multilinguismo na internet, a fim de tornar mais equitativo o acesso a conteúdos e serviços para usuários no mundo todo (Figura 9.3).

Às vezes, como reação a uma ameaça real ou provável de dominação cultural por sociedades estrangeiras poderosas, os grupos étnicos, e mesmo países inteiros, geralmente tentam manter ou recuperar a identidade, excluindo termos “estrangeiros” de seu vocabulário. Ao surgir como uma força significativa para as mudanças linguísticas, esse **nacionalismo linguístico** é principalmente característico nas antigas colônias da África e da Ásia. Sem dúvida, esse aspecto não fica restrito a tais países, como se pode observar pelas tentativas periódicas da França para evitar americanismos como *le hamburger*. Um exemplo recente foi a decisão da França de substituir a expressão *e-mail* pelo termo recém-criado e aprovado pelo governo *courriel* (*courrier + électronique*).

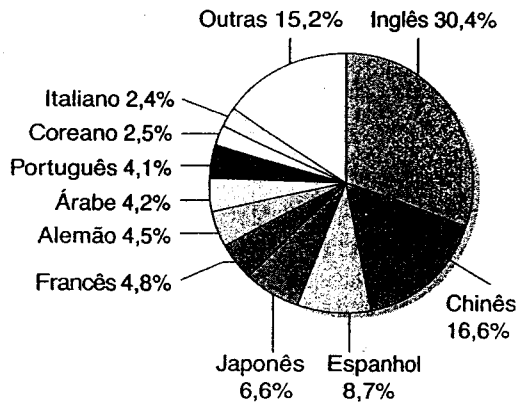
## GLOSSÁRIO

**nacionalismo linguístico**: tentativa, por parte de minorias étnicas, e mesmo de países, de proclamar independência, excluindo termos estrangeiros de seu vocabulário.

**sociolinguística**: Estudo da relação entre língua e sociedade, examinando de que modo as categorias sociais (como idade, gênero, etnicidade, religião, ocupação e classe) influenciam o uso e a significação de estilos distintos de discurso.

**discurso de gênero**: Padrões masculinos e femininos distintos de discurso os quais variam segundo o contexto social e cultural.

**dialetos**: Formas variadas de uma língua de regiões, profissões ou classes sociais específicas que apresentam semelhanças suficientes de modo a não prejudicar a comunicação.



**Figura 9.3** Embora a divisão digital esteja diminuindo, ela ainda é dramática. Como mostra o gráfico, quase 85% dos usuários da internet são falantes nativos de apenas 10 das 7 mil línguas existentes. Deve-se destacar que o árabe, na internet, cresceu mais de 2.000% na primeira década do século XXI.

Para muitas minorias étnicas, as tentativas de oposição à ameaça de extinção linguística ou de ressurreição de línguas extintas são parte da luta para manter o sentido de identidade e dignidade cultural. A forma principal pela qual alguns grupos poderosos tentam assegurar sua dominação sobre as minorias que vivem dentro de suas fronteiras é a de suprimir ativamente o uso da língua.

## LÍNGUA NO CONTEXTO SOCIAL E CULTURAL

Como foi discutido na seção sobre linguística descritiva, uma língua não é simplesmente a combinação de sons, conforme certas regras, para produzir enunciados significativos. É importante lembrar que as línguas são

faladas por pessoas que integram sociedades distintas. Além do fato de que muitas sociedades possuem a própria cultura, os indivíduos de cada uma delas tendem a empregar a língua de formas variadas, com base em fatores sociais como gênero, idade, classe e etnicidade.

Escolhemos as palavras e as frases para transmitir significados, mas o que é significativo para uma comunidade ou cultura, pode não ser para outra. O uso da linguagem reflete o restante de nossa cultura e é refletido por ela. Por esse motivo, os antropólogos linguísticos também pesquisam a língua em relação aos diversos contextos culturais e sociais. Essa terceira área de estudos linguísticos abrange duas categorias: sociolinguística e etnolinguística.

### Sociolinguística

Sociolinguística, o estudo da relação entre língua e sociedade, examina como as categorias sociais (idade, gênero, etnicidade, religião, ocupação e classe) influenciam o uso e a significação de estilos distintos de discurso.

### Linguagem e gênero

Como fator importante na identidade social e pessoal, o gênero geralmente se reflete no uso da linguagem, portanto, não é surpresa que muitos tópicos sociolinguísticos provocadores incluam as categorias de linguagem e gênero. Eles englobam o discurso de gênero – padrões masculinos e femininos distintos de discurso, os quais variam conforme o contexto social e cultural.

Um dos primeiros estudos profundos nessa linha, realizado no início da década de 1970, afirmava que linguagem e gênero não poderiam ser estudados de modo independente das comunidades socialmente construídas em que vivemos. Explorando a relação entre gênero e poder, esse estudo abordava questões específicas, incluindo fatores sociais que contribuem para que as mulheres apresentem estilos discursivos menos incisivos que os homens. Esse estudo e vários trabalhos acadêmicos subsequentes relacionados ao assunto produziram novos conhecimentos sobre a língua, como “desempenho” do discurso social nos contextos público e privado.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Ver Lakoff, R. T. *Language and woman's place*. M. Bucholtz (Ed.). Nova York: Oxford University Press, 2004.

A pesquisa sobre o discurso de gênero também inclui estudos sobre o emprego distinto da sintaxe por homens e mulheres em vários idiomas no mundo todo, como a língua lakota, ainda falada nas reservas indígenas de Pine Ridge e Rosebud, no estado de Dakota do Sul, Estados Unidos. Quando uma mulher lakota quer perguntar a alguém “Como vai?”, ela diz: “Tonikthkahe?”. Mas, quando seu irmão faz a mesma pergunta, ele diz: “Toniktukahwo?”. Como explica Michael Two Horses, “Nossa língua está relacionada a gênero na área de comandos, perguntas e algumas outras coisas”.<sup>4</sup>

### Dialetos sociais

A sociolinguística também está interessada nos dialetos – formas variadas de uma língua que refletem regiões, profissões ou classes sociais específicas e apresentam semelhanças suficientes para serem mutuamente inteligíveis.

Ao distinguir dialetos de línguas e revelar a relação entre língua e poder, o ativista político e linguista Noam Chomsky observou que um dialeto é uma língua sem exército.<sup>5</sup> Tecnicamente, todos os dialetos são línguas – não há nada parcial ou sublinguístico – e o momento em que dois dialetos diferentes se tornam línguas distintas é aquele em que os falantes de um deles ficam praticamente incapazes de se comunicar com os falantes do outro.

Os limites podem ser psicológicos, geográficos, sociais ou econômicos, e nem sempre são bem definidos. No caso de dialetos regionais, geralmente existe um território de transição, ou talvez uma zona intermediária, onde as características de ambos se encontram e se entendem, como entre as regiões do centro e do sul da China. O fato é que, quando se aprende o chinês falado em Pequim, descobre-se que uma pessoa de Cantão ou Hong Kong não entende praticamente nada do que se diz, embora ambas as línguas – ou dialetos – sejam considerados chinês.

Um exemplo clássico do tipo de dialeto que pode separar um grupo de outro em uma única sociedade é o falado por muitos afro-americanos nas cidades. Tecnicamente conhecido como inglês vernáculo afro-americano (IVAA), mas também chamado “inglês de preto” (*Black English*) e “Ebonics”.<sup>6</sup> Infelizmente, há a percepção errônea entre aqueles que não falam IVAA de que esse dialeto é, de alguma forma, inferior ou imperfeito. Um princípio básico da linguística é o de que a seleção de um dialeto de prestígio – nesse caso, o que podemos chamar de inglês padrão em oposição ao IVAA – é determinada por forças históricas, como riqueza e poder, e não depende de virtudes ou defeitos dos próprios dialetos. Na verdade, o IVAA é uma forma de discurso altamente estruturada, com regras padronizadas de sons e sequências como qualquer outra língua ou dialeto. Muitos dos aspectos característicos derivam da retenção de padrões de sons, regras gramaticais referentes a verbos e mesmo palavras das línguas da região oeste da África, faladas pelos ancestrais dos afro-americanos de hoje.<sup>7</sup>

Em muitas sociedades onde são faladas línguas ou dialetos diferentes, os indivíduos geralmente falam mais de uma delas e possuem a habilidade de fazer a alternância entre elas de acordo

<sup>4</sup> Comunicação pessoal, abr. 2003.

<sup>5</sup> Ver biografia de Chomsky em Shook, J. R. et al. (Eds.) *Dictionary of modern American philosophers, 1860-1960*. Bristol, Inglaterra: Thoemmes Press, 2004. A frase é atribuída ao linguista iídiche Max Weinreich.

<sup>6</sup> Termo criado pelo psicólogo Robert Williams, em 1973, ao mesclar as palavras *ebony* (negro) e *phonics* (estudo dos sons). (NT)

<sup>7</sup> Monaghan, L.; Hinton, L.; Kephart, R. Can't teach a dog to be a cat? The dialogue on ebonics. *Anthropology Newsletter*, n. 38, v. 3, p. 1, 8-9, 1997.

**GLOSSÁRIO**

**alternância de código** Processo de alternância de registros conforme a situação, de uma língua para outra ou de um dialeto para outro.

**etnolinguística** Ramo da linguística que estuda as relações dinâmicas entre língua e cultura e como elas, mutuamente, se influenciam e informam.

**relatividade linguística** A ideia de que as distinções codificadas por uma língua são específicas dela.

**determinismo linguístico** A ideia de que a língua, até certo ponto, modela a forma como entendemos o mundo que nos rodeia.

com a situação na qual eles estão falando. Inconscientemente, todos nós agimos do mesmo modo quando alternamos entre linguagem, ou registro, formal e informal, que depende de onde estamos e com quem falamos. O processo de alternância entre registros conforme a situação, seja de uma língua para outra, seja de um dialeto para outro, é chamado **alternância de código** e tem sido objeto de estudo de muitos estudos sociolinguísticos.

**Etnolinguística**

A **etnolinguística** estuda as relações dinâmicas entre língua e cultura e como elas, mutuamente, se influenciam e informam.

Nesse tipo de pesquisa, o antropólogo pode investigar como a língua reflete os aspectos culturalmente significativos do ambiente natural tradicional de um grupo. Entre os inuítes, na região do Ártico canadense, encontramos diversas palavras que fazem referência aos diferentes tipos de neve; os norte-americanos de uma cidade como Detroit provavelmente devem se utilizar de um vocabulário rico, que lhes permite distinguir precisamente entre muitos tipos de carros, categorizados por modelo, ano e fabricante. Isso é um exemplo de **relatividade linguística** – a ideia de que as distinções codificadas por uma língua são específicas.

Outro exemplo se refere a categorias culturais de cor. As línguas têm formas diferentes de dividir e nomear os elementos do espectro solar que, na verdade, é um contínuo de nuances sem limites definidos. Em português é feita a distinção entre vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta, mas outras línguas marcam grupos diferentes. Por exemplo, os índios que vivem nas montanhas na região noroeste do México, falantes de tarahumara, empregam apenas uma palavra para verde e azul – *siyoname*.

**Determinismo linguístico**

Relacionado à relatividade linguística está o princípio do **determinismo linguístico**, a ideia de que, até certo ponto, a língua modela a forma como um povo vê o mundo que o rodeia e pensa a respeito dele. Uma versão extrema desse princípio afirma que a língua realmente determina o pensamento e, portanto, molda o comportamento e a cultura. Uma visão mais amplamente aceita defende que o pensamento é simplesmente influenciado pela língua.

Por exemplo, o hopi, uma língua indígena ainda falada no Arizona (EUA), difere do inglês não somente no vocabulário, mas também em termos das categorias gramaticais, como substantivos e verbos. Os falantes de hopi usam números para contar e medir objetos concretos, mas não aplicam os números da mesma forma para abstrações, como tempo. Eles não teriam nenhum problema para traduzir para o hopi uma frase como “Vejo quinze ovelhas pastando em um campo de três acres”, mas uma sentença igualmente simples, como “Há três semanas, aproveitei meus quinze minutos de fama”, exigiria uma tradução muito mais complexa.

Vale também destacar que os verbos na língua hopi expressam o tempo de forma diferente do inglês. Em vez de marcar passado, presente e futuro com *-ed*, *-ing* e *will*, o hopi exige palavras extras para indicar se um evento já terminou, se está em andamento ou se ainda vai acontecer. Assim, em vez de dizer: “Três estranhos ficaram quinze dias em nossa vila”, um falante de hopi diria algo como: “Lembro que três estranhos ficaram em nossa vila até o décimo sexto dia”. Além disso, os verbos hopi mostram distinção entre a afirmação de um fato (se o falante realmente testemunhou certo evento), a afirmação de uma expectativa e a afirmação que expressa regularidade. Por exemplo, quando se pergunta a um atleta falante de inglês “você corre?”, ele pode responder, “sim”, quando na verdade, naquele momento, pode estar sentado vendo TV. Quando se faz a mesma pergunta a um atleta hopi, em sua língua, ele talvez responda “não”, porque, em hopi, a afirmação do fato “ele corre” é traduzida como *wari* (a ação está acontecendo), enquanto a afirmação que expressa regularidade/hábito “ele corre” (faz parte da equipe de corrida) é traduzida como *warikngwe* (a ação ocorre habitualmente). Isso mostra que a língua hopi estrutura cognição e comportamento com o foco no presente – preparar e realizar o que precisa ser feito agora.<sup>8</sup>

Na década de 1960, os antropólogos linguísticos desenvolveram novas estratégias de pesquisa para explorar o conceito teórico de determinismo linguístico.<sup>9</sup> Um estudo descobriu que falantes de sueco e finlandês (povos vizinhos falantes de línguas radicalmente diferentes), com trabalho semelhante, em regiões parecidas, sob leis e regulamentos similares, apresentam taxas significativamente diferentes de acidentes de trabalho. Os índices são muito menores entre falantes de sueco.

O resultado da comparação entre as duas línguas é que o sueco (uma das línguas indo-europeias) enfatiza a informação sobre movimento em espaço tridimensional. O finlandês (uma língua do ramo ural-altaico sem vínculo com línguas indo-europeias) enfatiza relações mais estáticas entre entidades temporais coerentes. Conseqüentemente, os finlandeses organizam o local de trabalho de modo a favorecer o indivíduo em detrimento da organização temporal no processo total de produção. Isso, por sua vez, provoca interrupções frequentes da produção, desperdício e (por fim) acidentes.

Uma observação etnolinguística mais óbvia é que a língua espelha ou reflete a realidade cultural, porém não a determina. Os indígenas aimarás, do altiplano boliviano, por exemplo, dependem da batata (*lukî*) como fonte principal de alimento. Sua língua possui mais de 200 palavras para batata, refletindo as diversas variedades tradicionalmente cultivadas e as maneiras diferentes para preservar e preparar esse alimento. Da mesma forma, os antropólogos observaram que a língua do povo nômade nuer, do sul do Sudão, é rica em palavras e expressões relacionadas a gado; há mais de 400 palavras para descrever o gado, as quais também são usadas para dar nome aos meninos do grupo. Portanto, por meio do estudo da língua, pode-se determinar a importância do gado para a cultura nuer e toda a etiqueta das relações entre homem e gado.

Se a língua realmente reflete a realidade cultural, as mudanças que ocorrem em uma cultura, cedo ou tarde, se refletem em alterações na língua. Vemos isso acontecer em todo o mundo, até mesmo na língua inglesa.

<sup>8</sup> Carroll, J. B. (Ed.) *Language, thought and reality: Selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, MA: MIT Press, 1956. p. 148.

<sup>9</sup> Lucy, J. A. Linguistic relativity. *Annual Review of Anthropology*, n. 26, p. 291-312, 1997.

Os linguistas descobriram que, embora as línguas sejam, geralmente, flexíveis e adaptativas, as terminologias estabelecidas tendem a se perpetuar, refletindo e revelando a estrutura social e a visão de mundo dos grupos e das pessoas. Por exemplo, o inglês norte-americano apresenta grande variedade de palavras relacionadas a conflitos e guerras. Também manifesta muitas metáforas militares, como “conquistar” o espaço (*“conquering” space*), “lutar” na “batalha” contra a gordura (*“fighting” the “battle” of the bulge*), promover uma “guerra” contra as drogas (*“carrying out a “war” against drugs*), “arrasar” no mercado de ações (*“making a “killing” on the stock market*), “detonar” um argumento (*“shooting down” an argument*), “destruir” um plano (*“torpedoing” a plan*), ser “ponta de lança” de um movimento (*“spearheading” a movement*), “decapitar” um governo estrangeiro (*“decapitating” a foreign government*), ou “bombar” em um exame (*“bombing” on an exam*), para mencionar apenas algumas. Um observador de uma cultura diferente e talvez menos agressiva, como os nativos hipo, no Arizona, ou os jain, na Índia, poderia entender a importância da competição aberta, de vencer e do poderio militar dos Estados Unidos, simplesmente prestando atenção em expressões como essas, que são comumente faladas.

## VERSATILIDADE DA LÍNGUA

Em muitas sociedades, é comum que os indivíduos sejam fluentes em duas, três ou mais línguas diferentes. Eles conseguem isso porque utilizam vários idiomas desde criança, não aprendem na escola, que é a norma nos Estados Unidos.

Em algumas regiões onde grupos que falam línguas diferentes coexistem e interagem, as pessoas geralmente se entendem, mas preferem falar a língua materna. É o que acontece nas regiões de fronteira no norte da Bolívia e sul do Peru, onde falantes de quíchua e aimará são vizinhos. Quando um agricultor aimará conversa com um pastor quíchua em aimará, este responde em quíchua e vice-versa; cada um sabe que o outro entende ambas as línguas, mesmo utilizando apenas uma delas. A habilidade de compreender duas línguas, mas expressar-se em apenas uma, chama-se *bilinguismo receptivo* ou *passivo*.

Nos Estados Unidos, talvez como reflexo de seu extenso território e poder, muitas pessoas não têm interesse em aprender uma segunda língua. Isso é principalmente significativo – e problemático –, já que os Estados Unidos não são apenas um dos países com mais diversidade étnica do mundo, mas também a maior economia mundial e uma nação altamente dependente das relações de comércio internacional. No mundo globalizado, ser bilíngue ou multilíngue pode abrir as portas da comunicação não somente para o comércio, mas também para o trabalho, a diplomacia, a arte e a amizade. Ironicamente, a relutância em aprender outra língua prevalece nos Estados Unidos, apesar do fato de a principal língua das Américas não ser o inglês, e sim o espanhol. O espanhol não é apenas a principal língua do hemisfério, mas é também a que mais rapidamente cresce nos Estados Unidos.

## ALÉM DAS PALAVRAS: O SISTEMA DE SONS E GESTOS

Embora as línguas sejam eficientes para nomear e discutir ideias, ações e objetos, todas apresentam, até certo ponto, deficiências para comunicar determinados tipos de informação que as pessoas precisam saber para entender completamente o que está sendo falado. Por isso, a fala humana sempre utiliza um sistema de sons e gestos que compartilhamos com primatas não humanos.



Os vários sons e gestos desse sistema servem para “traduzir” a fala, oferecendo ao ouvinte uma estrutura adequada para interpretar o que o falante está dizendo. Esse sistema comunica com eficiência as mensagens relacionadas a emoções e intenções humanas: o falante está feliz, triste, furioso, entusiasmado, cansado ou qualquer outro estado emocional? Ele/ela está solicitando uma informação, negando algo, relatando a verdade ou mentindo? Tais informações não são transmitidas apenas pela língua falada. Em inglês, por exemplo, pelo menos 90% das informações emocionais são transmitidas pela linguagem do corpo e pelo tom de voz.

#### GLOSSÁRIO

**gesto** — o conjunto das posturas e movimentos corporais que transmitem as mensagens pretendidas e também as subscientes.

**cinesia** — sistema para observar e analisar postura, expressões faciais e movimentos do corpo que transmitem mensagens.

### Linguagem do corpo

Os gestos consistem em expressões faciais, posturas e movimentos do corpo que transmitem as mensagens pretendidas e também as subscientes. O método para observar e analisar a linguagem corporal é conhecido como **cinesia**.

A linguagem corporal humana possui um vasto repertório. Isso fica evidente quando se considera apenas um aspecto: o fato de que o ser humano tem quase cinquenta músculos faciais e consegue, portanto, demonstrar mais de 7 mil expressões. Assim, não é nenhuma surpresa saber que pelo menos 60% da comunicação total são enunciados não verbais. Geralmente, as mensagens gestuais complementam as faladas. Por exemplo, balançar a cabeça enquanto se faz verbalmente uma afirmação, levantar as sobrancelhas quando se faz uma pergunta, ou utilizar as mãos para ilustrar ou enfatizar o que se fala. Entretanto, os sinais não verbais às vezes são diferentes da fala e têm o poder de sobrepor-se a ela, ou diminuir sua significação. Por exemplo, uma pessoa pode dizer “te amo” mil vezes para outra, mas, se não for verdade, os sinais não verbais provavelmente indicarão esse aspecto.

Os cientistas prestavam pouca atenção à linguagem do corpo antes da década de 1950, mas, desde então, muitas pesquisas foram realizadas sobre esse assunto intrigante. Os estudos transculturais mostram que, em todo o mundo, existem muitas semelhanças entre expressões faciais básicas como sorrir, gargalhar, chorar e demonstrar raiva ou susto. Os sorrisos afetados, o franzir as sobrancelhas e o ofegar que herdamos de nossos ancestrais primatas exigem pouco aprendizado e são mais difíceis de fingir que os gestos convencionais ou socialmente adquiridos, os quais são compartilhados pelos membros de um grupo, embora nem sempre isso seja feito conscientemente.

Os cumprimentos de rotina também são similares em todo o mundo. Europeus, balineses, papuas, samoanos, bosquímanos e pelo menos alguns grupos indígenas da América do Sul sorriem e inclinam a cabeça; se o indivíduo for simpático, eles arqueiam as sobrancelhas com um movimento rápido e as mantêm assim por uma fração de segundo. Ao agir dessa forma, sinalizam que estão prontos para o contato. Os japoneses, contudo, não arqueiam as sobrancelhas, pois consideram isso um gesto indecente, e mostram que existem diferenças transculturais importantes, assim como semelhanças.

Isso pode ser observado na expressão gestual para afirmar e negar. Na América do Norte, inclina-se a cabeça para a frente, quando se quer dizer sim, para a esquerda e para a direita, quando se quer dizer não. No Sri Lanka, as pessoas também inclinam a cabeça para responder sim a uma pergunta factual, mas, quando se pede a eles para fazer alguma coisa, o movimento lento da cabeça, para o lado, significa sim. Na Grécia, inclinar a cabeça para a frente significa sim, mas movimentar a

## GLOSSÁRIO

**proxêmica** Estudo transcultural sobre percepção e uso do espaço pela humanidade.

**paralinguagem** Efeitos da voz que acompanham a linguagem e transmitem significado. Esses efeitos incluem vocalizações, como risadinhas, gemidos ou suspiros, além de aspectos da voz como tom e ritmo.

**língua tonal** Língua em que o tom musical de uma palavra falada é parte essencial de sua pronúncia e significado.

**deslocamento** Refere-se a coisas e eventos removidos no tempo e no espaço.

cabeça para trás rapidamente, levantando o rosto, em geral, com os olhos fechados e as sobrancelhas arqueadas, significa não.

Outro aspecto da linguagem corporal relaciona-se a espaço social: como as pessoas se posicionam fisicamente umas em relação às outras. A **proxêmica**, o estudo transcultural sobre percepção e uso do espaço, surgiu através do trabalho do antropólogo Edward Hall, que cunhou o termo.<sup>10</sup>

Sua pesquisa mostrou que pessoas de culturas diferentes possuem formas distintas para definir e organizar o espaço, tanto o pessoal, que determinam em torno do próprio corpo, como as sensibilidades no macronível, que moldam as expectativas culturais sobre como ruas, bairros e cidades devem ser organizados. Entre outras coisas, sua investigação a respeito do espaço pessoal revelou que cada cultura possui regras específicas para proximidade. (Você pode observar esse aspecto ao assistir a um filme estrangeiro, visitar outro país ou participar de um grupo multicultural. A que distância as pessoas ficam uma da outra quando conversam na rua, quando estão no metrô ou no elevador? O padrão é o mesmo ao qual você está acostumado em seu próprio ambiente cultural?)

Hall identificou quatro categorias de espaços proxemicamente relevantes ou de distância entre os corpos: íntimo (0 – 45 cm), pessoal-informal (45 cm – 1,20 m), social-consultivo (1,20 m – 3,60 m) e público (3,60 m em diante). Ele alertou que as diferentes definições culturais sobre o uso do espaço socialmente aceito nessas categorias pode provocar sérios desentendimentos ou incompreensões em contextos transculturais. Sua pesquisa estabeleceu os fundamentos para o atual treinamento de executivos internacionais, diplomatas e outras pessoas envolvidas em atividades interculturais.

## Paralinguagem

O segundo componente do sistema de sons e gestos é a **paralinguagem** – efeitos especiais da voz que acompanham a fala e contribuem para a comunicação. Esses efeitos incluem vocalizações, como risadinhas, gemidos ou suspiros, além de aspectos da voz, como tom e ritmo.

A importância da paralinguagem é sugerida pelo comentário: “Não é tanto *o que* foi dito, mas *como* foi dito”. Estudos recentes mostram, por exemplo, que as mensagens subliminares transmitidas abaixo do limiar da percepção consciente por diferenças aparentemente insignificantes na expressão, ritmo, duração das respostas e assim por diante, são muito mais importantes em julgamentos do que qualquer advogado observador já possa ter imaginado. Entre outras coisas, o modo como uma testemunha apresenta seu depoimento altera a recepção deste pelos jurados e influencia na credibilidade da testemunha.<sup>11</sup>

A comunicação sofreu uma mudança radical na década de 1990, com a disseminação do uso do correio eletrônico e das salas de bate-papo na internet. As duas formas de contato lembram a espontaneidade e a velocidade da comunicação face a face, mas perde com a falta dos sinais do corpo

<sup>10</sup> Hall, E. T. *The silent language*. Garden City, NY: Anchor Press/Doubleday, 1959.

<sup>11</sup> O’Barr, W. M.; Conley, J. M. When a juror watches a lawyer. In: Haviland, W. A.; Gordon, R. J. (Eds.) *Talking about people*. Mountain View, CA: Mayfield, 1993. p. 42-45.

e dos qualificadores orais os quais dão nuances ao que está sendo dito (e dicas de como está sendo recebido). De acordo com um estudo recente, o tom pretendido nas mensagens de correio eletrônico é entendido corretamente apenas 56% das vezes. Uma mensagem mal compreendida pode rapidamente se transformar em uma “guerra acalorada” com mensagens hostis e insultantes. Como o risco de desentendimento é muito grande, mesmo com o uso de sinais de interpretação como “rs” (risos) ou da carinha sorridente ☺, certas trocas emocionais acontecem melhor pessoalmente.<sup>12</sup>

## LÍNGUAS TONAIS

Existe uma enorme variedade na forma como as línguas são faladas. Além de centenas de vogais e consoantes, os sons podem ser divididos em tons – aumento e diminuição do tom da voz, que tem papel importante para distinguir uma palavra da outra. Aproximadamente 70% das línguas do mundo são línguas tonais, nas quais os diversos tons distintos das palavras faladas são parte essencial de sua pronúncia e chave para o seu significado; no mundo todo, pelo menos um terço da população fala uma língua tonal.

Muitas línguas na África, América Central e região leste da Ásia são tonais. Por exemplo, o mandarim, a língua mais comum na China, apresenta quatro tons contrastantes: breve, crescente, descendente e descendente e então crescente. Esses tons são utilizados para fazer a distinção entre as sílabas tônicas de outras que são idênticas. Portanto, conforme a entonação, *ba* pode significar “exterminar”, “oito”, “manter” ou “ancinho”.<sup>13</sup> O cantonês, a língua principal no sul da China e em Hong Kong, emprega seis tons contrastantes, e alguns dialetos chineses possuem quase nove desses tons. Nas línguas atonais, como o inglês, o tom pode ser empregado para transmitir uma atitude ou para transformar uma afirmação em pergunta, mas apenas o tom não muda o significado individual das palavras, como acontece no mandarim, no qual o uso inadequado do tom na sílaba *ma* pode fazer com que se chame a mãe de alguém de cavalo!

## ORIGEM DAS LÍNGUAS

As culturas de todo o mundo têm histórias sagradas ou mitos sobre a questão milenar relacionada à origem das línguas humanas. Os antropólogos que reúnem essas histórias geralmente descobrem que os grupos culturais tendem a situar o local de origem na própria terra natal e também acreditam que os primeiros seres humanos falavam sua língua.

Por exemplo, os incas contam a história de Pacha Camac (“Criador da Terra”), o sagrado criador que veio ao vale de Tiwanaku, nos Andes, há muito tempo. Conforme o mito, Pacha Camac retirou os povos do solo, fez de barro uma pessoa de cada nação, pintou cada uma delas com roupas específicas e deu a cada uma a língua para se comunicar e canções para cantar. No outro lado do mundo, os antigos israelitas acreditavam que Javé (Yaweh), o divino criador, deu aos hebreus a língua original falada no paraíso. Mais tarde, quando os seres humanos começaram a construir a Torre de Babel para expressar seu próprio poder e ligar a terra ao céu, Javé interveio e criou uma confusão de línguas para que as pessoas não conseguissem mais se entender. Ele então espalhou os povos por toda a face da terra, e a torre nunca foi concluída.

<sup>12</sup> Kruger, J. et al. Egocentrism over e-mail: Can people communicate as well as they think? *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 89, v. 6, p. 925-936, dez. 2005.

<sup>13</sup> Catford, J. C. *A practical introduction to phonetics*. Oxford: Clarendon Press, 1998. p. 183.

As primeiras tentativas científicas para explicar a origem das línguas não conseguiram apresentar dados sólidos. Atualmente, há mais evidências científicas, incluindo informações genéticas, com que trabalhar – maior conhecimento sobre o cérebro dos primatas, novos estudos sobre sua comunicação, mais informação sobre o desenvolvimento da competência linguística nas crianças, mais fósseis humanos que podem ser utilizados para reconstruir os cérebros e o aparelho fonador dos humanos primitivos, além de melhor entendimento sobre o modo de vida dos primeiros ancestrais humanos. Ainda não podemos comprovar conclusivamente como, quando e onde a linguagem humana se desenvolveu primeiro, mas agora é possível propor teorias razoáveis com base em mais informações e dados de melhor qualidade. O registro arqueológico mostra que o ser humano arcaico, conhecido como Neandertal (que viveu entre 30.000 e 125.000 anos atrás, na Europa e no sudoeste da Ásia), apresentava as características anatômicas e neurológicas necessárias para a fala. As amostras fossilizadas de cérebro dos antigos membros do gênero *Homo* fornecem evidências de especialização no hemisfério esquerdo, associadas ao desenvolvimento da linguagem. Além disso, a observação de que as primeiras ferramentas de pedra foram feitas predominantemente por indivíduos destros também fundamenta a ideia de que a especialização lateral ocorreu nesse período.

Como a fala humana sempre utiliza um sistema de sons e gestos de um tipo que compartilhamos com primatas não humanos (principalmente os grandes símios), os antropólogos aumentaram seu conhecimento sobre a linguagem humana observando os sistemas de comunicação de nossos parentes primatas, como vimos no Estudo Original sobre Chantek, no início do capítulo. Como o ser humano, os símios são capazes de se referir a eventos afastados no tempo e no espaço, um fenômeno conhecido como **deslocamento** e um dos aspectos distintivos da linguagem humana.<sup>14</sup>

Já que existe continuidade entre as linguagens gestual e oral, esta pode ter surgido a partir daquela através da ênfase cada vez maior nos movimentos sutilmente controlados da boca e da garganta. Esse cenário é compatível com o surgimento de estruturas neurológicas básicas para a linguagem, nos primeiros representantes do gênero *Homo*, e do aumento regular do cérebro humano, entre 200.000 e 2,5 milhões de anos atrás. Os tecidos moles do aparelho fonador relacionados à fala não são preservados no registro fóssil. Mas, como descreve a “Conexão Biocultural”, a comparação da anatomia vocal de chimpanzés e seres humanos permite que os paleoantropólogos identifiquem as diferenças anatômicas responsáveis pela fala humana que surgiu no curso da evolução humana.<sup>15</sup>

A vantagem da linguagem oral sobre a gestual em uma espécie cada vez mais dependente do uso de ferramentas para sobreviver é óbvia. Para falar com as mãos, é preciso parar de fazer qualquer coisa que se esteja realizando; a fala não interfere em nada. Outras vantagens incluem: falar no escuro, através de objetos opacos ou com pessoas cuja atenção é desviada. Não se sabe precisamente quando ocorreu a mudança para a linguagem oral, mas todos os estudiosos concordam que as línguas faladas são, no mínimo, tão antigas quanto o *Homo sapiens*.

<sup>14</sup> Para uma discussão abrangente de trinta anos de estudos sobre a linguagem de sinais de chimpanzés e dados neurológicos e comportamentais a respeito das semelhanças entre sistemas de comunicação humana e não humana, ver Fouts, R. S.; Waters, G. Chimpanzee sign language and Darwinian continuity: evidence for a neurology continuity of language. *Neurological Research*, n. 23, p. 787-794, 2001.

<sup>15</sup> Philip Lieberman, principal teórico evolutivo, argumenta que a habilidade da linguagem humana é a confluência da sucessão de desenvolvimentos evolutivos separados, equipados pela seleção natural, para uma habilidade evolutivamente extraordinária. Ver Lieberman, P. *Toward an evolutionary biology of language*. Cambridge, MA: Belknap Press, 2006.

## Conexão Biocultural

### A biologia da fala humana

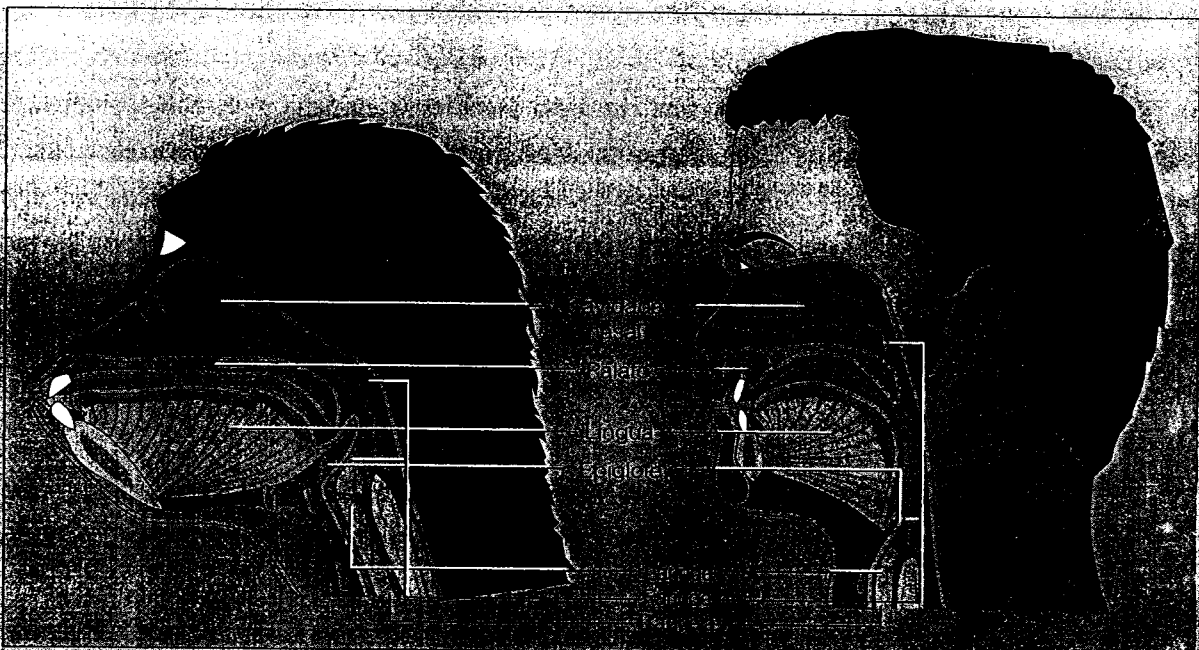
Alguns primatas apresentam alguma capacidade para a linguagem (um código de comunicação socialmente reconhecido), entretanto, a habilidade da fala é restrita ao ser humano. Essa habilidade está ligada ao desenvolvimento anatômico singular dos órgãos humanos da fala.

A posição da laringe (caixa de voz) e da epiglote é de importância fundamental. A laringe, situada no trato respiratório entre a faringe (garganta) e a traqueia, contém as cordas vocais. A epiglote é a estrutura que separa o esôfago da traqueia, a medida que a comida segue da boca para o estômago. (Ver a figura com diagramas comparativos da anatomia dessa região em chimpanzés e seres humanos.)

A medida que o ser humano amadurece e desenvolve a coordenação neurológica e muscular para a fala, a laringe e a epiglote mudam para uma posição inferior. A língua humana dobra na parte anterior e liga-se à faringe, região da garganta onde comida e vias aéreas têm área comum. O som é produzido quando o ar que exala dos pulmões passa pelas cordas vocais e provoca sua vibração.

Por meio de movimentos interativos contínuos da língua, faringe, lábios e dentes, assim como das cavidades nasais, os sons são alternadamente modificados para produzir a fala — os sons de padrão único de uma língua específica. Com base em padrões da linguagem socialmente adquiridos, línguas diferentes ressaltam tipos distintos de sons como significativos e ignoram outros. Por exemplo, as línguas que pertencem à família iroquesa, como mohawk, seneca e cherokee, estão entre as poucas do mundo que não possuem sons oclusivos bilabiais (sons de *b* e *p*). Elas também não possuem os sons fricativos labio-dentais (sons de *f* e *v*), o som bilabial nasal *m* é a única consoante que exige a articulação dos lábios.

São necessários muitos anos de prática para dominar os movimentos musculares necessários para produzir os sons exatos de qualquer língua. Porém nenhum ser humano conseguiria produzir os sons sutilmente controlados da fala sem que a laringe e a epiglote estivessem em uma posição inferior.



## GLOSSÁRIO

**sistema de escrita** Conjunto de sinais táteis ou visíveis usados para representar as unidades da língua de forma sistemática.

**alfabeto** Uma série de símbolos que representam os sons de uma língua, organizados em ordem tradicional.

## DA FALA À ESCRITA

Quando a antropologia se transformou em disciplina acadêmica, há mais de um século, concentrou sua atenção em pequenas comunidades tradicionais que dependiam primeiramente da interação pessoal e da comunicação oral para so-

breviver. As culturas que necessitam da oralidade geralmente possuem ricas tradições de contar histórias e fazer discursos, que têm papel central na educação, resolução de conflitos, decisões políticas, práticas espirituais ou sobrenaturais e muitos outros aspectos da vida.

Os oradores tradicionais (do latim *orare*, “falar”) são geralmente treinados desde muito jovens. Sua habilidade extraordinária de memorização é aprimorada por recursos orais como rima, ritmo e melodia. Os oradores também empregam objetos especiais para ajudar a lembrar sequências adequadas e pontos a ressaltar – recursos de memória como bastões entalhados, cordões com nós, faixas bordadas com conchas, e assim por diante. Por exemplo, os oradores tradicionais dos índigenas iroqueses geralmente faziam os discursos segurando cintos de tiras de cânhamo (*wampum*) bordados com contas de conchas azuis e brancas em padrões que simbolizavam várias mensagens importantes ou acordos, até mesmo tratados com outras nações.

Milhares de línguas, antigas e atuais, existem apenas na forma oral, mas já se documentaram muitas outras com algum tipo de símbolo gráfico. Com o tempo, a representação visual na forma de figuras simplificadas de objetos (pictografia) se transformou em formas simbólicas mais estilizadas.

Embora povos diferentes tenham inventado vários estilos gráficos, os antropólogos distinguem um **sistema de escrita** real como um conjunto de sinais táteis ou visíveis usados para representar as unidades linguísticas de forma sistemática. Símbolos entalhados em cascos de tartaruga de 8.600 anos, descobertos recentemente no oeste da China, podem representar as primeiras evidências de escrita elementar.<sup>16</sup>

Um sistema de escrita antigo e completamente desenvolvido são os hieróglifos egípcios, elaborados há mais de 5.000 anos e em uso há pelo menos 3.500 anos. Outro sistema muito antigo é a escrita *cuneiforme*, uma combinação de marcas em forma de cunha desenvolvida originalmente na Mesopotâmia (sul do Iraque), que teve quase a mesma duração do sistema egípcio. A escrita cuneiforme se destaca de outras formas antigas, pois deu origem ao primeiro sistema de escrita fonética (ou seja, um **alfabeto**, uma série de símbolos que representam os sons de uma língua) que, por sua vez, proporcionou a criação de uma grande variedade de sistemas alfabéticos. Quase dois milênios depois, outros sistemas começaram a surgir, desenvolvendo-se independentemente em regiões longínquas do planeta.<sup>17</sup> A palavra *alfabeto* é formada pelas duas primeiras letras do sistema de escrita grego, *alpha* e *beta*.

## Letramento no mundo globalizado

Milhares de anos se passaram desde que o letramento surgiu, contudo, ainda hoje aproximadamente 800 milhões de adultos não sabem ler nem escrever. O analfabetismo condena à pobreza contínua as

<sup>16</sup> Li, X. et al. The earliest writing? Sign use in the seventh millennium BC at Jiahu, Henan Province, China. *Antiquity*, n. 77, p. 31-44, 2003.

<sup>17</sup> Del Carmen Rodríguez Martínez, M. et al. Oldest writing in the New World. *Science*, v. 313, n. 5793, p. 1610-1614, 2006.

peças já em desvantagem – trabalhadores rurais migrantes, refugiados, minorias étnicas e aqueles que vivem em áreas rurais e favelas urbanas em todo o mundo. Por exemplo, um terço dos adultos na Índia são analfabetos e 75 milhões de crianças no mundo inteiro não frequentam a escola.<sup>18</sup>

Ao declarar a alfabetização um direito humano, as Nações Unidas estabeleceram o dia 8 de setembro como o Dia Internacional da Alfabetização e proclamaram o período entre 2003 e 2012 a Década da Alfabetização, com o objetivo de estender a alfabetização a toda a humanidade. A cada dia 8 de setembro, ao longo dessa década, a Unesco entregará prêmios a indivíduos ou grupos que contribuem de modo efetivo para a luta contra o analfabetismo.<sup>19</sup>

## Resumo do capítulo

- Os antropólogos precisam entender o funcionamento da língua, porque é através dela que as pessoas em todas as sociedades compartilham suas experiências, preocupações e crenças, sobre o passado e o presente, e é por meio dela que isso será transmitido à próxima geração. A língua torna possível a comunicação de significados infinitos através de sons e/ou gestos, agrupados conforme determinadas regras, que resultam em significados inteligíveis para todos os que dela compartilham.
- Hoje, os linguistas divergem sobre até que ponto se deve dar crédito a animais, como várias espécies de golfinhos e símios, pela habilidade de empregar símbolos e sinais, embora já tenha sido descoberto que esses e muitos outros animais se comunicam de formas extraordinárias. Vários chimpanzés, gorilas e orangotangos aprenderam a linguagem de sinais.
- Linguística é o estudo sistemático de todos os aspectos da língua, realizado por antropólogos, psicólogos e outros especialistas. As três áreas principais da linguística são: linguística descritiva, linguística histórica e uma terceira área que se concentra na língua em relação ao contexto social e cultural.
- Os especialistas em linguística descritiva estudam e explicam as características de uma língua em um momento específico de sua história. Esse trabalho inclui fonologia (o estudo dos sons) e a investigação da gramática – todas as regras que se referem a morfemas (a menor unidade de combinação significativa de sons) – e da sintaxe (os princípios que estabelecem a construção das frases).
- Os especialistas em linguística histórica investigam as relações entre as formas anteriores e posteriores de uma língua, identificando até mesmo as forças que provocaram mudanças nas línguas durante o curso da divergência linguística. Seu trabalho oferece meios para datar certas migrações, invasões e contato entre os povos.
- Outro grupo de especialistas estuda a forma como a língua se relaciona com a sociedade e a cultura – áreas conhecidas como sociolinguística e etnolinguística. A sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade, examinando como as categorias sociais (idade, gênero, etnicidade, religião, ocupação e classe) influenciam o uso e a significação de estilos distintos de discurso. A etnolinguística estuda as relações dinâmicas entre língua e cultura e como elas, mutuamente, se influenciam e informam.

<sup>18</sup> Unesco Institute for Statistics, 2007. <http://stats.uis.unesco.org>.

<sup>19</sup> [www.unesco.org/education/litdecade](http://www.unesco.org/education/litdecade).

- Todas as línguas se modificam, através do empréstimo de vocábulos de outras línguas ou da criação de palavras novas para recentes tecnologias ou realidades sociais. Uma causa importante nas mudanças de uma língua é a dominação de uma sociedade sobre outra, que, nos últimos 500 anos, provocou o desaparecimento de quase 3 mil das 10 mil línguas existentes no mundo. Uma reação para essa perda e para a disseminação atual e dominação da língua inglesa é o nacionalismo linguístico – remover os termos estrangeiros do vocabulário e pressionar para a revitalização de línguas que estão ameaçadas ou que desapareceram.
- Dialeto social é a língua utilizada por um grupo que integra outro grupo maior, cujos membros podem usar praticamente a mesma língua.
- Todas as linguagens estudadas são complexas, sofisticadas e capazes de expressar uma grande variedade de experiências.
- A linguagem humana está inserida em um sistema de sons e gestos herdado de nossos ancestrais primatas e que serve para “estimular” o discurso, oferecendo uma estrutura apropriada para interpretar a forma linguística. O componente gestual desse sistema consiste em expressões faciais e posições e movimentos do corpo que transmitem as mensagens pretendidas e também as subscientes. O método para notar e registrar esses movimentos é conhecido como cinesia. Outro aspecto da linguagem corporal é a proxêmica, o estudo de como as pessoas percebem e usam o espaço. O componente oral desse sistema de sons e gestos é representado pela paralinguagem, que consiste de várias qualidades da voz, como tom e ritmo, e de vocalizações, como suspiros ou risadinhas.
- Quase 70% das línguas são tonais, ou seja, o tom musical de uma palavra falada é parte essencial de sua pronúncia e significado.
- As culturas de todo o mundo têm histórias sagradas ou mitos sobre a origem das linguagens humanas. Não existe uma explicação científica sólida sobre essas origens, mas todos os estudiosos concordam que as línguas faladas são, no mínimo, tão antigas quanto o *Homo sapiens*.
- Os primeiros sistemas de escrita – hieróglifos egípcios e a escrita cuneiforme – desenvolveram-se há cerca de 5.000 anos. Símbolos entalhados em cascos de tartaruga de 8.600 anos, descobertos recentemente no oeste da China, podem representar as primeiras evidências de escrita elementar.

### Questões para refletir

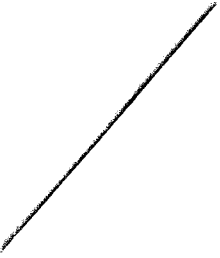
1. Você se sente preparado para enfrentar o desafio de se comunicar efetivamente nesse mundo cada vez mais globalizado? Justifique.
2. Mais de 3 mil línguas desapareceram nos últimos 500 anos, a maioria sem deixar vestígios. Atualmente, existem menos de 7 mil línguas no mundo. Se a mesma taxa de extinção perdurar, e apenas uma ou duas línguas existirem no ano 2500, isso seria bom ou ruim? Por quê?
3. Aplicando o princípio do determinismo linguístico a sua própria língua, considere como suas percepções sobre a realidade objetiva podem ter sido moldadas por ela. De que maneira seu sentido de realidade seria diferente se você tivesse crescido tendo o hopi como língua materna?



4. O que nos distingue de símios como o orangotango Chantek? Que palavras ele poderia usar para nos contar sobre seu confinamento para realização de pesquisa científica?
5. Na era da globalização a comunicação visual instantânea em todos os cantos do mundo ocorre através da mídia eletrônica e digital, principalmente via internet. Como a maior parte de nossa comunicação não acontece de maneira verbal, você acha que as mensagens através de gestos são compreendidas transculturalmente? Qual a probabilidade de serem interpretadas de forma errada?

### **Palavras-chave**

Língua; sinais; linguística; fonética; fonologia; fonemas; morfologia; morfemas; sintaxe; gramática; família linguística; divergência linguística; nacionalismo linguístico; sociolinguística; discurso baseado em gênero; dialetos; alternância de código; etnolinguística; relatividade linguística; determinismo linguístico; gestos; cinesia; proxêmica; paralinguagem; língua tonal; deslocamento; sistema de escrita; alfabeto.



PASTA: 13  
28 FOLHAS  
DATA: 28/02

Aula 6

# 10

## Identidade social personalidade e gênero

### INTRODUÇÃO VISUAL

Em todo o mundo, as pessoas demonstram sua identidade social, coletiva e individual de muitas maneiras criativas, até mesmo pelo modo como se vestem. E todo grupo cultural socializa as crianças, ensinando valores específicos e códigos sociais para que se transformem em membros funcionais que contribuam para a comunidade. Isso garante que uma sociedade reproduza a si mesma cultural e biologicamente. Muitas comunidades tradicionais educam as crianças em um ambiente cultural segregado por gênero. Ao condicionar meninos e meninas para desempenhar papéis sociais distintos como homens e mulheres, os adultos asseguram que as crianças tenham roupas e outros artigos essenciais para enfatizar as diferenças de gênero. Assim também acontece entre grupos cristãos conservadores, como os amish, nos Estados Unidos, os fundamentalistas islâmicos wahabi, na Arábia, e os judeus hassidim, mostrados na imagem ao lado. Esse movimento judeu místico, que surgiu na Polônia, no século XVIII, agora está amplamente disseminado, com grandes comunidades hassídicas ("piedosas") em muitos centros urbanos, em todo o mundo. Os hassidim falam iídiche (língua germano-judaica desenvolvida na Europa Central). Os homens usam chapéus e capas diferentes e, em geral, têm barba comprida e cachos laterais longos (*peyot*). As mulheres, que devem se vestir modestamente em público, usam lenço para cobrir os cabelos e roupas longas para cobrir pernas, braços e pescoço.



© Philippe Lissac/GODONG/Corbis (DC)/Latinstock

**Enculturação: self e identidade social**

Autoconsciência

Identidade social mediante nomeação

Self e ambiente comportamental

**Personalidade**

Desenvolvimento da personalidade

Personalidade do grupo

Personalidade modal

Caráter nacional

Valores básicos

**Modelos alternativos de gênero sob a****perspectiva transcultural****Personalidade normal e anormal no****contexto social***Sadhus*: homens santos nas culturas

hindu

Distúrbios mentais através dos tempos e

das culturas

**Resumo do capítulo**

Em 1690, o filósofo inglês John Locke apresentou a teoria da *tabula rasa* em sua obra *Ensaio sobre o entendimento humano*. Essa teoria afirma que o ser humano, ao nascer, é como uma folha em branco onde, à medida que o indivíduo se transforma, suas experiências são escritas. A implicação é que todos os indivíduos apresentam o mesmo potencial para o desenvolvimento da personalidade e que a personalidade do adulto é produto exclusivo das experiências após o nascimento, que diferem entre as culturas.

A teoria de Locke proporcionou muitas esperanças para o impacto abrangente da educação moral e intelectual na formação do caráter da criança, mas não é completamente adequada, pois não leva em consideração o que sabemos agora: com base em descobertas recentes da pesquisa genética humana, a maioria dos antropólogos agora reconhece que uma parte identificável de nosso comportamento é influenciada por fatores genéticos.<sup>1</sup> Isso significa que cada pessoa nasce com um conjunto particular de tendências herdadas que ajudam a delimitar sua personalidade adulta. Embora a herança genética estabeleça certas limitações e potenciais amplos, a identidade cultural e as experiências únicas de cada indivíduo, particularmente nos primeiros anos de vida, também têm papel fundamental em sua formação.

Como as culturas lidam com a criação e a educação das crianças de maneiras diferentes, essas práticas e seus efeitos sobre a personalidade são assuntos relevantes na pesquisa antropológica. Esses estudos transculturais provocaram o surgimento da antropologia psicológica e são assunto deste capítulo.

## ENCULTURAÇÃO: SELF E IDENTIDADE SOCIAL

Desde o nascimento, toda pessoa enfrenta muitos desafios para sobreviver. Naturalmente, os recém-nascidos não conseguem atender sozinhos às próprias necessidades biológicas. Apenas em mitos e fantasias românticas encontramos histórias sobre crianças que sobrevivem sozinhas, ou que são criadas por animais, na natureza. Milhões de crianças em todo o mundo ficam fascinadas com a história de Tarzan, criado por macacos, ou de Mogli, o menino-lobo.

<sup>1</sup> Harpending, H.; Cochran, G. In our genes. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, v. 99, n. 1, p. 10-12, 2002.

Além disso, pessoas de todas as idades são cativadas por falsas histórias de “meninos-lobo”, como a do menino de 10 anos que supostamente teria sido visto correndo com gazelas, no deserto da Síria, em 1946.

Fantasia à parte, as crianças não são biologicamente preparadas para sobreviver sem a cultura. Esse aspecto foi esclarecido por vários casos documentados de “meninos-lobo”, que cresceram sem contato com outros seres humanos. Nenhum deles teve um final feliz. Por exemplo, não houve nada romântico sobre a menina kamala, supostamente resgatada de uma caverna de lobos, em 1920, na Índia. Ela andava de quatro e não conseguia se alimentar sozinha. Em Paris, o “menino-lobo” capturado na floresta perto da vila de Aveyron, em 1800, foi considerado um idiota incurável. Evidentemente, a fim de existir, a capacidade biológica para o que consideramos humano, que exige cultura, deve ser nutrida.

A cultura é socialmente construída e aprendida, não é biologicamente herdada. Assim, todas as sociedades devem, de alguma forma, garantir que a cultura seja transmitida adequadamente de uma geração para a outra – processo que já definimos como *enculturação*. Já que todo grupo vive conforme um conjunto específico de normas culturais, a criança deve aprender as regras de seu grupo para sobreviver. Grande parte desse aprendizado acontece nos primeiros anos de vida, quando a criança aprende a sentir, pensar, falar e, finalmente, agir como um adulto, seja japonês, kikuyu, lakota, norueguês ou qualquer grupo étnico ou nacional em que essa criança nasceu.

Em toda sociedade, os primeiros agentes da enculturação são os membros da família, especialmente a mãe. (Na verdade, os fatores culturais estão em ação mesmo antes do nascimento, através do que a mãe come, bebe e inala, além dos sons, ritmos e padrões de atividade de sua vida diária.) Quem são os outros membros influenciadores depende de como a família é estruturada em cada sociedade específica.

Conforme a criança amadurece, outros indivíduos, além da família, passam a fazer parte do processo de enculturação. Geralmente são outros parentes e certos amigos. Em algumas sociedades, alguns profissionais participam do processo, a fim de oferecer educação formal. Em outras, as crianças aprendem através da observação e da participação, em seu próprio ritmo.

## Autoconsciência

A enculturação inicia-se com o desenvolvimento da autoconsciência – a habilidade para se identificar como indivíduo, para refletir sobre si e se autoavaliar. Os humanos não têm essa capacidade ao nascer, ainda que seja essencial para seu bom funcionamento social. A autoconsciência permite responsabilizar-se pela própria conduta, aprender como reagir e assumir vários papéis sociais. Um aspecto importante da autoconsciência é a conexão de valores positivos em relação a si mesmo. Sem isso, o indivíduo não pode ser motivado a agir em benefício próprio.

A autoconsciência não surge de repente. Nas sociedades industriais e pós-industriais modernas, por exemplo, a criança não distingue entre “eu” (a si própria, *self*) e “não eu” (as demais pessoas, outros *self*) até que tenha aproximadamente 2 anos de idade, um pouco mais tarde que em outras culturas. A autoconsciência evolui com o desenvolvimento neuromotor, que acontece mais

### GLOSSÁRIO

**Autoconsciência:** Habilidade para identificar a si mesmo como um indivíduo, refletir sobre si e se autoavaliar.

**Cerimônia de nomeação:** Evento ou ritual especial para marcar a nomeação de uma criança.

lentamente em crianças de sociedades industriais do que em muitas, talvez a maioria, comunidades coletoras ou agrícolas. As razões para essa constatação ainda não foram esclarecidas, embora um aspecto importante parece ser a dimensão de contato humano e estímulos recebidos pela criança.

Nos Estados Unidos, por exemplo, as crianças não dormem no mesmo quarto que os pais, são colocadas em seu próprio quarto. Esse aspecto é considerado um passo importante para transformá-las em indivíduo, "dono" de si e de suas capacidades. Consequentemente, elas não recebem o estímulo pessoal constante, que inclui cheiro, movimento e calor, que viriam a ter se dormissem com os pais. Dormir separado também evita a oportunidade de amamentação constante durante a noite.

Nas sociedades tradicionais, as crianças, de modo habitual, dormem com os pais, ou, pelo menos, com a mãe. Além disso, são carregadas ou seguradas a maior parte do tempo, quase sempre em posição vertical. A mãe costuma responder ao choro ou à "agitação" em segundos, em geral, oferecendo o peito. Assim acontece entre o povo ju/'hoansi (pronuncia-se "jut-uasi"), que vive no deserto de Kalahari, no sul da África, cujas crianças são amamentadas sempre que exigem, com frequência, no geral quatro vezes por hora, em mamadas de um ou dois minutos. Em geral, uma criança ju/'hoansi de 15 meses está em contato direto com a mãe quase 70% do tempo (comparado a 20% para crianças que ficam com a mãe, nos Estados Unidos). Além disso, ela normalmente tem um considerável contato com muitos outros adultos e crianças de idades variadas.

Esse fluxo regular de estímulos variados é significativo, pois estudos recentes mostram que o estímulo é importante para as "ligações" do cérebro – é necessário para o desenvolvimento dos circuitos neurais. Analisando de modo específico a amamentação, os estudos mostram que, quanto mais tempo, melhores os resultados obtidos em testes cognitivos e menor o risco de distúrbio de hiperatividade e déficit de atenção. Além disso, a amamentação diminui a ocorrência de alergias, infecções de ouvido, diarreias e síndrome de morte súbita do lactente. Contudo, no mundo industrializado, a amamentação tende a durar poucos meses, em parte porque as condições de trabalho não permitem.<sup>2</sup>

## Identidade social mediante nomeação

Os nomes próprios são um aspecto importante para a autodefinição em todas as culturas. É por meio da nomeação que o grupo social reconhece os direitos de nascimento da criança e estabelece sua identidade social. Sem nome, um indivíduo não tem identidade, não tem *self*. Por essa razão, muitas culturas consideram a escolha do nome um assunto muito importante e celebram a oficialização de nomeação de uma criança como um evento especial, um ritual, conhecido como **cerimônia de nomeação**.

Por exemplo, os índios aimarás da comunidade Laymi, na Bolívia, não consideram a criança um ser humano verdadeiro até que um nome lhe seja dado. A nomeação só acontece quando a criança começa a falar aimará, geralmente aos 2 anos de idade. Depois de mostrar que é capaz de falar como um ser humano, ela é considerada pronta para ser reconhecida como tal e recebe um nome. A cerimônia de nomeação marca a transição social da criança de um estado de "natureza" para o de "cultura" e, consequentemente, a aceitação plena na comunidade laymi.

<sup>2</sup> Dettwyler, K. A. When to wean. *Natural History*, n. 49, out. 1997; Stuart-MacAdam, P.; Dettwyler, K. A. (Eds.) *Breastfeeding: biocultural perspectives*. Nova York: Aldine de Gruyter, 1995.

Há inúmeras abordagens para a nomeação. Os islandeses nomeiam as crianças no momento do nascimento e ainda seguem um costume antigo: as crianças utilizam o primeiro nome do pai como sobrenome. Ao nome do filho, acrescenta-se o sufixo *sen*, ao da filha, *dottir*. Portanto, irmão e irmã cujo pai é Sven Olafsen terão como sobrenomes, respectivamente, Svensen e Svendottir.

Entre os inuítes netsilik, da região do Ártico canadense, a mulher que tem um parto difícil pronuncia o nome de pessoas falecidas e de caráter admirável. Acredita-se que o nome chamado na hora do nascimento entra no corpo do bebê e ajuda no parto. A criança, então, recebe esse nome. Os inuítes também dão o nome de parentes falecidos, pois acreditam que a identificação espiritual ajuda na formação do caráter.<sup>3</sup>

Em muitas culturas, a criança recebe o nome logo após o nascimento, mas pode adquirir outros nomes em fases subsequentes da vida. Por exemplo, os navajos, que vivem no sudoeste dos Estados Unidos, nomeiam as crianças quando nascem, mas os tradicionalistas geralmente dão ao bebê um nome ancestral do clã depois que a criança sorri pela primeira vez. Entre os navajos, o sorriso representa a primeira expressão da linguagem humana. Sinaliza o início da vida como ser social e, portanto, é uma ocasião que deve ser celebrada. A pessoa que testemunha o acontecimento convida a família e os amigos mais próximos para a cerimônia do primeiro sorriso (*Chį Dlo Dil*). Nesse encontro, aquele que oferece a festa segura a criança e ajuda em um ritual importante: coloca pedras de sal na mão do bebê e ajuda a espalhar o sal sobre seu corpo. O sal, que representa lágrimas de alegria e tristeza, dá força e proteção e proporciona uma vida longa e feliz. Então a criança recebe o nome ancestral. Em seguida, como o objetivo principal da cerimônia é garantir que a criança se transforme em um adulto generoso e altruísta, o padrinho/a madrinha auxilia o bebê a oferecer uma pedrinha de sal a cada convidado, quando este a cumprimenta e lhe dá as boas-vindas à comunidade. Ao aceitar esse presente simbólico, os convidados também recebem força e proteção. E, ao participar da cerimônia, todos são lembrados da importância de ser generoso e compartilhar, valores tradicionais da comunidade.<sup>4</sup>

## GLOSSÁRIO

**personalidade** As distintas formas de pensamentos, sentimentos e comportamentos de um indivíduo

## Self e ambiente comportamental

O desenvolvimento da autoconsciência requer orientações básicas que estruturam o campo psicológico em que o *self* atua. Elas incluem orientação de objetos, espacial, temporal e normativa.

Primeiro, cada indivíduo deve aprender sobre o mundo dos objetos diferentes do *self*. Por meio dessa *orientação de objetos*, cada cultura concentra a atenção em certas características ambientais, enquanto ignora outras ou as coloca em categorias mais amplas. A cultura também explica a percepção do ambiente. Isso é importante, pois a explicação cultural do que está em torno do indivíduo impõe uma medida de ordem e oferece o senso de direção necessário para que atue de modo efetivo e significativo.

<sup>3</sup> Balicki, A. *The Netsilik Eskimo*. Garden City, NY: Natural History Press, 1970.

<sup>4</sup> Observação dos autores em uma cerimônia do primeiro sorriso, tradicional entre os navajos, de Wesley Bitsie-Baldwin; comunicação pessoal, La Verne Bitsie-Baldwin e Anjanette Bitsie.

Por trás disso, há o forte impulso psicológico de reduzir as incertezas – parte da necessidade humana comum de uma perspectiva equilibrada e integrada do universo que é relevante. Ao serem confrontadas com ambiguidades e incertezas, as pessoas invariavelmente se empenham para esclarecer e estruturar a situação; naturalmente, agem desse modo conforme sua cultura considera apropriado. Portanto, não é nenhuma surpresa descobrirmos que as observações e explicações sobre o universo são culturalmente construídas e mediadas simbolicamente através da linguagem. Na verdade, tudo no ambiente físico varia no modo como é percebido e experimentado pelo ser humano. Resumindo, podemos afirmar que percebemos o mundo que nos rodeia através de uma lente cultural.

O ambiente comportamental em que o *self* atua também envolve *orientação espacial*, habilidade de se mover de um objeto ou lugar para outro. Em todas as sociedades, o nome e as características significativas de cada lugar são referências importantes para a orientação espacial. Encontrar o caminho para a sala de aula, lembrar onde deixou a chave do carro, indicar onde fica o ponto de ônibus mais próximo, andar de metrô, são alguns exemplos de tarefas cognitivas altamente complexas, baseadas na orientação espacial e na memória. Outro exemplo é a habilidade de um nômade do deserto de realizar viagens de longas distâncias, de um oásis a outro, determinando a rota através de um mapa mental da imensidão de areia e estabelecendo sua localização pela posição do sol, durante o dia, e das estrelas, à noite, e mesmo pelos ventos e cheiros ao longo do caminho. Sem essa orientação espacial, seria impossível conduzir as atividades da vida diária.

A *orientação temporal*, que dá a sensação de localização no tempo, também faz parte do ambiente comportamental. Conectar as ações do passado com as do presente e do futuro nos dá um senso de continuidade. Essa é a função dos calendários, por exemplo. O tempo e o espaço são organizados em termos culturais, do mesmo modo que a percepção do ambiente de objetos.

Um aspecto final sobre o ambiente comportamental é a *orientação normativa*. Os valores morais, ideais e princípios, de origem puramente cultural, fazem parte do ambiente comportamental de um indivíduo da mesma forma que árvores, rios e montanhas. Sem eles, as pessoas não teriam como avaliar e dimensionar suas próprias ações ou as de outros. Em resumo, o aspecto autoavaliativo da autoconsciência não seria funcional. A orientação normativa inclui padrões que indicam o tipo de comportamento aceitável para homens e mulheres em uma sociedade específica.

## PERSONALIDADE

No processo de enculturação, já vimos que cada indivíduo é introduzido às ideias do *self* e do ambiente comportamental característicos de sua própria cultura. O resultado é a criação de um tipo de mapa mental do mundo em que o indivíduo irá avaliar e atuar. É o mapa específico de como percorrerá os caminhos do labirinto da vida. Quando nos referimos à personalidade de alguém, fazemos generalizações sobre o mapa cognitivo dessa pessoa ao longo do tempo. Portanto, a personalidade é produto da enculturação, conforme as experiências do indivíduo, cada uma com sua formação genética distinta.

Não é fácil apresentar uma definição formal de **personalidade**, mas, para atender nossos objetivos, vamos considerar as formas distintas de pensamentos, sentimentos e comportamentos de um indivíduo. O termo deriva do latim *persona*, que significa “máscara”, e refere-se à ideia de aprender a representar um papel no palco da vida cotidiana. Gradualmente, a “máscara”,



conforme é “colocada” no rosto da criança, começa a moldá-lo até que a criança não a sinta como uma força estranha que lhe é imposta. Ao contrário, a máscara parece natural, como se tivesse nascido com ela. O indivíduo finalmente internalizou, com êxito, a cultura.

## Desenvolvimento da personalidade

Embora *o que* se aprende seja importante para o desenvolvimento da personalidade, a maioria dos antropólogos também considera importante *como* se aprende. Assim como os teóricos em psicologia, os antropólogos entendem que as experiências da infância têm grande influência na personalidade do adulto.

A literatura psicológica sobre conceitos especulativos, dados clínicos e estudos relacionados à cultura costuma ser extensa. Já os antropólogos têm mais interesse em estudos que buscam provar, modificar ou, pelo menos, esclarecer as diferenças culturais na formação da personalidade. Por exemplo, o ideal tradicional das sociedades ocidentais é que os homens sejam duros, agressivos, seguros, dominadores e autoconfiantes, enquanto as mulheres devem ser gentis, passivas, obedientes e cuidadosas. Para muitos, esses contrastes de personalidade entre os sexos parecem tão naturais que são considerados biologicamente justificados; portanto, fundamentais, imutáveis e universais. Mas são mesmo? Os antropólogos identificaram alguma característica psicológica ou de personalidade que diferencia universalmente homens e mulheres?

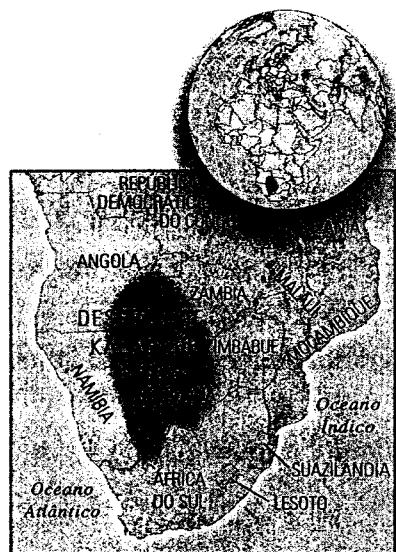
A antropóloga norte-americana Margaret Mead é conhecida como a pioneira em estudos transculturais sobre personalidade e gênero. No início da década de 1930, ela estudou três grupos étnicos em Papua-Nova Guiné: arapesh, mundugamor e tchambuli. Essa pesquisa comparativa sugeriu que quaisquer que sejam as diferenças biológicas entre homens e mulheres, elas são extremamente maleáveis. Em poucas palavras, a antropóloga concluiu que biologia não significa destino. Margaret Mead descobriu que, entre os arapesh, as relações entre homens e mulheres deveriam ser equitativas, os dois gêneros deveriam apresentar o que a maioria dos norte-americanos tradicionalmente considera traços femininos (cooperação, cuidado e gentileza). Ela também encontrou igualdade de gêneros entre os mundugamor (agora geralmente chamados biwat); contudo, nessa comunidade, ambos os gêneros apresentavam traços supostamente masculinos (individualismo, segurança, versatilidade e agressividade). Entre os tchambuli (agora chamados chambri), entretanto, Mead descobriu que as mulheres dominam os homens.<sup>5</sup>

Pesquisas antropológicas recentes sugerem que algumas interpretações de Margaret Mead sobre o papel dos gêneros estavam incorretas. Por exemplo, as mulheres chambri não dominam os homens, ou vice-versa. No entanto, sua pesquisa gerou novas percepções sobre a condição humana, pois mostrou que a dominação masculina é uma construção cultural e que, conseqüentemente, arranjos alternativos de gênero podem ser criados. Embora não se possa excluir a influência biológica no comportamento masculino e feminino (na verdade, o debate sobre fatores genéticos e hormonais continua), sem dúvida, já ficou claro que cada cultura oferece oportunidades

### GLOSSÁRIO

treinamento para dependência: processo educacional que promove a submissão no desempenho de tarefas estabelecidas e a dependência do grupo doméstico em vez da autonomia.

<sup>5</sup> Mead, M. [1935] *Sex and temperament in three primitive societies*. Nova York: New American Library, 1950.



diferentes e tem expectativas distintas para o que considera comportamento ideal ou aceitável.<sup>6</sup>

Para entender a importância de práticas educativas infantis no desenvolvimento das características da personalidade relacionadas a gênero, vamos examinar novamente o povo ju/'hoansi, que vive no deserto de Kalahari, na Namíbia e em Botsuana, no sul da África. Entre os ju/'hoansi que tradicionalmente coletam para sobreviver enfatiza-se a igualdade e não se tolera a agressividade e a dominação em nenhum gênero. Os homens são tão gentis quanto as mulheres, que têm tanta energia e autoconfiança quanto os homens. Em comparação, os ju/'hoansi que recentemente se estabeleceram em vilas apresentam características de personalidade que lembram as que são tradicionalmente consi-

deradas masculinas e femininas na América do Norte e em outras sociedades industriais.<sup>7</sup>

Entre os ju/'hoansi que coletam, cada recém-nascido recebe cuidados pessoais de sua mãe durante os primeiros anos de vida, pois o espaço de tempo entre os nascimentos é geralmente de quatro a cinco anos. Isso não quer dizer que as mães estejam sempre com as crianças. Por exemplo, quando as mulheres saem para coletar comida, nem sempre levam as crianças. Durante esse tempo, as crianças ficam sob os cuidados do pai ou de outros adultos da comunidade; geralmente entre um terço e metade dos adultos estão sempre no campo, a qualquer hora do dia. Dessa forma, as crianças estão habituadas tanto à presença masculina como à feminina.

Meninos e meninas não têm tarefas específicas. As crianças fazem poucos trabalhos de maneira igual. Em vez disso, elas passam a maior parte do tempo brincando, o que inclui membros de ambos os sexos e de idades muito diversas. Quando as crianças mais velhas precisam cuidar das mais novas, o fazem espontaneamente, não como obrigação, e a responsabilidade não é maior para meninas ou meninos. Resumindo, as crianças ju/'hoansi dos grupos coletores tradicionais têm poucas experiências que separam um gênero do outro.

A situação é diferente entre os ju/'hoansi que foram forçados a abandonar a vida forrageira tradicional e agora vivem em povoados permanentes: as mulheres passam grande parte do tempo em casa preparando comida, fazendo as tarefas domésticas e cuidando dos filhos. Os homens, enquanto isso, ficam muito tempo cuidando das plantações, dos animais ou realizando trabalho assalariado. Por consequência, as crianças estão menos acostumadas a sua presença. A distância dos homens, aliada ao conhecimento maior do mundo externo e ao dinheiro que ganham, tende a fortalecer a influência masculina na família.

Nessas vilas familiares, a atribuição de papéis de gênero começa cedo. Assim que têm idade suficiente, as meninas devem atender a muitas necessidades dos irmãos mais novos, para que a mãe tenha mais tempo para realizar outras tarefas domésticas. Isso molda e limita o comportamento das meninas, que não podem vaguear ou explorar o mundo com tanta liberdade, porque precisam

<sup>6</sup> Errington, F. K.; Gewertz, D. B. *Cultural alternatives and a feminist anthropology: An analysis of culturally constructed gender interests in Papua New Guinea*. Cambridge, UK; Nova York: Cambridge University Press, 2002.

<sup>7</sup> Draper, P. !Kung women: Contrasts in sexual egalitarianism in foraging and sedentary contexts. In: Reiter, R. (Ed.) *Toward an anthropology of women*. Nova York: Monthly Review Press, 1975, p. 77-109.

cuidar dos mais novos. Os meninos, em contraste, não cuidam dos irmãos; quando recebem tarefas, estas geralmente são realizadas longe de casa. Portanto, o espaço que as meninas ocupam fica restrito e elas são treinadas em comportamentos que promovem a passividade e o cuidado com a família, enquanto os meninos aprendem as regras que os tornarão adultos.

Essas comparações nos ajudam a entender de que forma a economia de uma sociedade pode estruturar o modo como uma criança é educada e como isso, por sua vez, influencia a personalidade do adulto. Também mostra que existem alternativas para a educação das crianças, o que significa que a mudança das condições sociais em que uma criança cresce pode alterar significativamente o modo como homens e mulheres agem e interagem.

### Treinamento para dependência

Alguns anos após a pesquisa comparativa pioneira de Margaret Mead sobre gênero em três comunidades de Papua-Nova Guiné, antropólogos com formação em psicologia realizaram uma série de estudos transculturais significativos e mais abrangentes sobre educação infantil e personalidade. Entre outras coisas, seu trabalho identificou dois padrões gerais de educação infantil. Tais padrões surgem de várias práticas que, independentemente da razão de sua existência, têm o efeito de, por um lado, enfatizar a dependência e, por outro, a independência. Portanto, por questões de conveniência, empregaremos as expressões “treinamento para dependência” e “treinamento para independência”.<sup>8</sup>

O **treinamento para dependência** faz com que as pessoas pensem sobre si mesmas de modo mais abrangente como grupo. Seu efeito é criar membros de uma comunidade cuja ideia de individualidade transcende o individualismo, promovendo a aquiescência para o desempenho de tarefas determinadas e mantendo os indivíduos no grupo. Esse padrão está tipicamente associado a famílias extensas, que consistem de várias unidades marido-esposa-filhos residentes no mesmo domicílio, ou próximas a este. É mais provável encontrar tal padrão em sociedades cuja economia baseia-se na agricultura de subsistência e também em grupos coletores nos quais vários grupos de famílias vivem juntos pelo menos parte do ano. Famílias extensas são importantes, pois fornecem a força de trabalho necessária para cultivar a terra, cuidar dos rebanhos e realizar outras atividades econômicas de meio período, consideradas necessárias para a subsistência.

Essas famílias grandes, no entanto, desenvolveram certas tensões potencialmente destruidoras. Por exemplo, as decisões familiares importantes devem ser coletivamente aceitas e seguidas. Além disso, os cônjuges que vêm de outros grupos, de fora da família extensa e/ou de suas alianças, devem se adaptar, algo que pode não ser fácil.

O **treinamento para dependência** ajuda a manter esses problemas potenciais sob controle e envolve aspectos tanto de apoio como de correção. Com relação a aspectos de apoio, há tolerância no que diz respeito a bebês e crianças pequenas, particularmente na forma de amamentação, que acontece sempre que a criança exige e tem duração de vários anos. Elas podem interpretar esse fato como uma recompensa por buscar apoio na família, principal agente que satisfaz suas necessidades. Ainda no aspecto de apoio, mesmo com pouca idade, as crianças recebem algumas tarefas domésticas e de cuidado com os irmãos; tudo isso contribui significativamente para o bem-estar da família. Portanto, as crianças aprendem desde cedo que os membros de uma família devem se apoiar e se ajudar mutuamente.

<sup>8</sup> Whiting, J. W. M.; Child, I. L. *Child training and personality: a cross-cultural study*. New Haven, CT: Yale University Press, 1953.

Com relação a aspectos de correção, os adultos desencorajam ativamente comportamentos egoístas ou agressivos. Além disso, insistem na obediência total, que normalmente faz com que o indivíduo seja subordinado ao grupo. Essa combinação de estímulo e desencorajamento no processo de socialização ensina os indivíduos a colocar as necessidades do grupo acima das próprias – obedecer, apoiar, não competir, ser responsável, permanecer no grupo e não fazer nada que seja potencialmente destruidor. Na verdade, a exata definição do *self* para a pessoa resulta da participação do indivíduo em um grupo social maior, não da mera existência individual.

### Treinamento para independência

O treinamento para independência promove a independência individual, a autoconfiança e a realização pessoal. Está tipicamente associado a sociedades em que uma unidade social básica, consistindo de pais e filhos, é responsável pela própria sobrevivência. O treinamento para independência é característico das sociedades mercantis (comércio), industriais e pós-industriais, nas quais a autossuficiência e as realizações pessoais são aspectos importantes para o sucesso, se não para a sobrevivência – principalmente para os homens, e cada vez mais para as mulheres.

Esse padrão também envolve estímulo e desencorajamento. O aspecto negativo é que a amamentação acontece conforme um cronograma, não de acordo com a necessidade da criança. Na América do Norte, como já foi observado, os bebês raramente são amamentados por mais de um ano, se chegar a tanto. Muitos pais utilizam um bico artificial ou chupeta para satisfazer o instinto de sugar do bebê; geralmente agem assim para acalmar a criança, não porque têm consciência de que o bebê precisa sugar para fortalecer e treinar a coordenação dos músculos empregados para se alimentar e falar.

Os pais também começam a dar outros alimentos muito cedo e tentam até fazer com que a criança coma sozinha. Muitos ficam encantados quando o bebê consegue segurar a mamadeira sozinho. Além disso, as crianças, em geral, são colocadas em seu próprio quarto, longe dos pais, o mais cedo possível.

A responsabilidade coletiva não é forçada às crianças; apenas quando estão mais velhas elas recebem tarefas domésticas significativas, que normalmente são realizadas para obter benefício pessoal (como uma mesada para gastar do modo que quiserem) e não para contribuir com o bem-estar da família.

As demonstrações individuais de desejo, segurança e mesmo agressão são muito mais encorajadas, ou, pelo menos, toleradas do que nos casos de treinamento para dependência. Na escola, e mesmo na família, enfatiza-se competir e ganhar. Nos Estados Unidos, por exemplo, as escolas dedicam recursos consideráveis a esportes competitivos. A competição também é promovida na sala de aula, abertamente, através de concursos de soletrar palavras e de prêmios, implicitamente, através das notas. Além disso, existem vários concursos de popularidade, como a coroação do rei e

da rainha do baile, ou uma eleição para escolher o colega “mais bonito”, ou que tem mais chances de “ser bem-sucedido”. Portanto, na sociedade norte-americana, quando o indivíduo chega à idade adulta, já recebeu uma mensagem clara: viver significa ganhar ou perder, e perder significa fracassar.

#### GLOSSÁRIO

**treinamento para independência** Práticas educativas infantis que promovem a independência individual, autoconfiança e realização pessoal.

**personalidade modal** Conjunto de traços de caráter que ocorre com mais frequência em uma população limitada pela cultura.

Em suma, o treinamento para independência geralmente incentiva os indivíduos a controlar a própria vida e chamar a atenção, em vez de dispender cuidado com outras pessoas. Essas qualidades são úteis em sociedades com estrutura social hierárquica, que enfatizam as realizações pessoais e nas quais os indivíduos devem buscar os próprios interesses. Tal padrão de socialização condiz com valores, atitudes e atividades competitivas, materialistas e egoístas, que promovem a disseminação agressiva do capitalismo global e lucram com ele.

### **Combinação entre treinamento para dependência e para independência**

Na verdade, os treinamentos para dependência e para independência representam extremos de um contínuo e situações específicas podem incluir elementos de ambos. É o caso das práticas educativas infantis das sociedades coletoras, por exemplo. “Compartilhar igualmente” é a ordem geral, assim, o comportamento competitivo, que pode interferir na cooperação de que todo o restante depende, não é incentivado. Portanto, a criança recebe muita atenção positiva e afetuosa dos adultos, o que inclui amamentação prolongada. Esse aspecto, aliado à pouca pressão por obediência e à falta de ênfase em competição, incentiva os indivíduos a dar mais apoio uns aos outros, o que não é o caso nas sociedades industriais e pós-industriais modernas. Ao mesmo tempo, incentiva-se a realização pessoal e a independência, pois os indivíduos mais confiantes estão aptos a ser os mais bem-sucedidos na coleta de alimentos.

Na América do Norte, o argumento utilizado é que a educação infantil “permissiva” produz adultos irresponsáveis. No entanto, apesar de as práticas dos povos coletores parecerem extremamente “permissivas”, os adultos produzidos são socialmente responsáveis. A verdade é que nenhum desses sistemas educacionais é melhor ou pior que os outros; o que importa é se o sistema é funcional ou disfuncional no contexto de uma sociedade específica. Se forem necessários adultos obedientes, que aceitem autoridade, então o treinamento para independência não funcionará bem. Da mesma forma, o treinamento para dependência não funcionará em uma sociedade em que se espera que os adultos sejam confiantes, questionadores e prontos para explorar e abraçar novas maneiras de realizar as coisas.

### **Personalidade do grupo**

A partir de estudos, como os vistos anteriormente, fica claro que a personalidade, as práticas educativas infantis e outros aspectos da cultura estão sistematicamente inter-relacionados. A existência de uma relação próxima, se não causal, entre as práticas educativas infantis de um grupo e o desenvolvimento da personalidade, aliada à variação transcultural destas, provocou várias tentativas para distinguir sociedades inteiras quanto aos tipos específicos de personalidade. Na verdade, o senso comum sugere que as personalidades que se ajustam a uma cultura podem não ser adequadas a outras. Por exemplo, uma personalidade egocêntrica e agressiva ficaria deslocada em uma sociedade em que cooperar e compartilhar são a chave para o sucesso.

Infelizmente, o senso comum, do mesmo modo que a sabedoria convencional, em geral, nem sempre corresponde à verdade. Uma pergunta que vale a pena ser feita é: podemos descrever a personalidade de um grupo sem cair em estereótipos? A resposta parece ser um sim bem sonoro. De forma abstrata, podemos falar de uma “personalidade cultural” generalizada para uma sociedade, desde que não se espere encontrar uniformidade de personalidades. Ou seja: cada indivíduo

desenvolve certas características de personalidade que, pela experiência comum, lembram as de outras pessoas. Contudo, cada ser humano também adquire traços de personalidade distintos, porque tem experiências únicas e pode reagir de modos singulares àqueles que são compartilhados. Além disso, cada pessoa traz para essas experiências um potencial genético único (exceto no caso de gêmeos idênticos) que é importante para determinar a personalidade.

Isso torna-se evidente, se não óbvio, em cada sociedade, mesmo nas mais tradicionais. Considere, por exemplo, os índios ianomâmis, que sobrevivem da coleta e da horticultura nas florestas tropicais, no norte do Brasil e sul da Venezuela. No geral, os homens se esforçam para ter uma reputação de violência e agressividade, que defendem arriscando-se a ficar muito feridos ou mesmo a morrer. Entretanto, entre os ianomâmis, há homens que têm personalidade calma e um tanto reservada. Para um estranho, é muito fácil ignorar esses indivíduos, quando há outros, mais “típicos”, empurrando e exigindo atenção.

### Personalidade modal

Naturalmente, qualquer abordagem produtiva para o problema da personalidade do grupo deve reconhecer que cada indivíduo é único até certo ponto com relação à herança genética e experiências de vida, e deve deixar espaço para vários tipos de personalidade em qualquer sociedade. Além do mais, os traços de personalidade que podem ser adequados para os homens talvez não sejam para as mulheres e vice-versa. Assim, vamos concentrar nossa atenção na **personalidade modal** de um grupo, definida como o conjunto de traços de caráter que ocorre com mais frequência em uma população culturalmente limitada.

A personalidade modal é um conceito estatístico, não a personalidade de uma pessoa comum em uma sociedade específica. Assim, é possível investigar como as sociedades organizam a diversidade e como esta se relaciona com a mudança cultural. Tais questões são facilmente omitidas quando se associa certo tipo de personalidade a uma cultura específica, como alguns antropólogos fizeram anteriormente. Ao mesmo tempo, pode-se comparar a personalidade modal de grupos diferentes.

A melhor forma de coletar dados sobre personalidade modal é através de testes psicológicos (como o de Rorschach, ou teste da “mancha”) realizados com uma amostra da população em questão. Ademais, a observação e o registro da frequência de certos comportamentos, a coleta e análise de histórias de vida e de sonhos, a análise de contos populares, as piadas, as lendas e os mitos tradicionais podem fornecer dados úteis sobre a personalidade modal.

Embora seja recomendável, o conceito de personalidade modal como meio de lidar com a personalidade do grupo apresenta certas dificuldades. Uma delas é a complexidade das técnicas de medição, que podem ser difíceis de executar em campo. Por exemplo, é necessário obter uma amostra representativa adequada dos indivíduos. O problema então duplica: ter certeza de que a amostra é realmente representativa e ter tempo e pessoal necessário para administrar os testes, conduzir entrevistas e assim por diante, processos que podem ser longos e demorados.

Os testes em si constituem um problema, pois os que foram organizados para um cenário cultural podem não ser adequados para outro. Além do mais, as diferenças de linguagem ou valores culturais conflitantes entre o pesquisador e os indivíduos estudados podem inibir a comunicação e/ou levar a interpretações errôneas. Por exemplo, o que é agressão? Todos a definem do mesmo modo? É um conceito analítico elementar ou envolve outras variáveis?

## Caráter nacional

*Estereótipo → expressão de uma característica cultural!*

Há alguns anos, o ministro do Turismo da Itália comentou publicamente sobre as “características típicas” dos alemães, referindo-se a eles como “loiros hipernacionalistas” e “beberrões de cerveja” que fazem “competição de arrotos barulhentos” nas praias italianas.<sup>9</sup> Sentindo-se insultado (e orgulhoso da excelente cerveja produzida em seu país), o chanceler alemão cancelou as férias programadas na Itália e exigiu desculpas oficiais. Naturalmente, muitos alemães acham que os italianos são comedores de macarrão, de olhos escuros e sangue quente. Dizer isso em público, porém, pode causar confusão.

Estereótipos desagradáveis sobre estrangeiros estão enraizados profundamente nas tradições culturais de todos os países. Muitos japoneses acreditam que os coreanos são pães-duros, grosseiros e agressivos, enquanto os coreanos consideram os japoneses frios e arrogantes. Do mesmo modo, todos nós temos em mente alguma imagem, talvez não muito bem definida, do cidadão típico da Rússia, do México ou da Inglaterra. E muitos norte-americanos que viajam para a Europa ficam surpresos ou se sentem insultados porque os europeus têm a imagem negativa do “ianque” barulhento, atrevido e arrogante, imortalizado na obra *Ugly American* [Quando os irmãos se defrontam] de 1958, que Hollywood transformou em filme, estrelado por Marlon Brando. Essencialmente, são apenas estereótipos. Podemos muito bem perguntar, no entanto, se esses estereótipos têm realmente algum fundamento. Na verdade, existe um *caráter nacional*?

Alguns antropólogos acreditavam que a resposta poderia ser positiva. Em consequência, nas décadas de 1930 e 1940, foram realizados estudos sobre caráter nacional, para tentar descobrir traços básicos de personalidade compartilhados pela maioria das pessoas das sociedades modernas. No que ficou conhecido como movimento da *cultura e personalidade*, a pesquisa enfatizava as práticas educativas infantis e a educação formal como fatores teoricamente responsáveis por essas características.

Logo no início, reconheceu-se que esses estudos eram falhos, principalmente porque apresentavam conclusões excessivamente generalizadas com base em dados limitados, amostras relativamente pequenas de informantes e suposições questionáveis sobre psicologia do desenvolvimento.<sup>10</sup>

## Valores básicos

Uma abordagem alternativa para o caráter nacional, que considera o fato de que nem todas as personalidades se amoldam aos ideais culturais, é a do antropólogo sino-americano Francis Hsu. Ele estudou os **valores básicos** (valores promovidos principalmente por uma cultura específica) e os traços de personalidade a eles relacionados. Os chineses, ele sugere, valorizam os laços familiares e a cooperação acima de tudo. Para eles, a dependência mútua é a essência das relações pessoais e tem sido por milhares de anos. A obediência e subordinação dos desejos individuais aos da família e dos parentes está acima de tudo, e a autoconfiança não é incentivada nem é fonte de orgulho.

<sup>9</sup> Italy-Germany verbal war heats up. *Deccan Herald*. Índia, Bangalores. 9 jul. 2003.

<sup>10</sup> Ver Beeman, W. O. Introduction: Margaret Mead, cultural studies, and international understanding. In: Mead, M.; Métraux, R. (Eds.) *The study of culture at a distance*. Nova York, Oxford: Berghahn Books, 2000, p. xiv-xxxi.

Talvez o valor básico mais apreciado pelos norte-americanos de descendência europeia seja o individualismo vigoroso, tradicionalmente nos homens, mas nas últimas décadas também nas mulheres. Cada indivíduo deve ser capaz de conseguir aquilo que deseja, desde que tenha vontade de trabalhar com afinco. Desde os primeiros anos de vida, as pessoas estão sujeitas a pressões implacáveis para ter sucesso e, como já observamos, competir e vencer são aspectos cruciais. Sem dúvida, isso contribui para a inquietação e a motivação, consideradas características de grande parte da sociedade norte-americana atualmente.

Além disso, até o ponto em que motiva os indivíduos a trabalhar muito e ir atrás de emprego, ajusta-se perfeitamente à demanda da economia moderna. Assim, enquanto as pessoas da sociedade tradicional chinesa estão firmemente ligadas ao grupo maior, com o qual têm obrigações que duram a vida inteira, a maioria da população no Ocidente vive isolada dos parentes, exceto dos filhos e cônjuge, e mesmo o comprometimento com o casamento vem diminuindo. Muitas pessoas na Europa Ocidental, na América do Norte e em outras sociedades industriais ou pós-industriais preferem permanecer solteiras ou retardar o casamento. Esse individualismo crescente também é indicado pela alta incidência de divórcios – cerca de 50% dos casamentos fracassam.<sup>11</sup>

Outra evidência dessa tendência para a individualização é o número cada vez maior de casais que preferem viver juntos sem se casar (Figura 10.1). Desde 1960, o número total de casais que coabitam, nos Estados Unidos, aumentou mais de 12 vezes. Para as mulheres que têm filhos, a coabitação normalmente impõe obrigações financeiras desproporcionais. A coabitação também cresceu dramaticamente nos países ricos da Europa Ocidental, principalmente na Noruega. Nesse país, os pais de mais da metade dos recém-nascidos não são casados. Um motivo é que “os casais que coabitam e têm filhos juntos, ou que vivem juntos há pelo menos dois anos, possuem praticamente os mesmos direitos e obrigações em relação a seguridade social, pensões e impostos que aqueles que são legalmente casados”.<sup>12</sup>

## MODELOS ALTERNATIVOS DE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA TRANSCULTURAL

Como discutimos anteriormente, o papel de gênero designado a cada sexo varia de cultura para cultura e tem impacto na formação da personalidade. Mas o que acontece quando o sexo de uma pessoa não fica evidente para ela mesma, como revela o “Estudo Original” a seguir? Escrita quando o autor era aluno de graduação em filosofia, na Faculdade Bryn Mawr, Pensilvânia, essa narrativa apresenta um relato pessoal fascinante sobre as dificuldades emocionais associadas à intersexualidade e à ambiguidade de gênero, e destaca de maneira importante que as atitudes em relação a gênero variam entre as culturas. No entanto, parte da informação cultural é excessivamente generalizada, incluindo a ideia de que a visão de mundo religiosa e espiritual de todos ou da maior parte dos índios norte-americanos não era e não é hierárquica.<sup>13</sup>

### GLOSSÁRIO

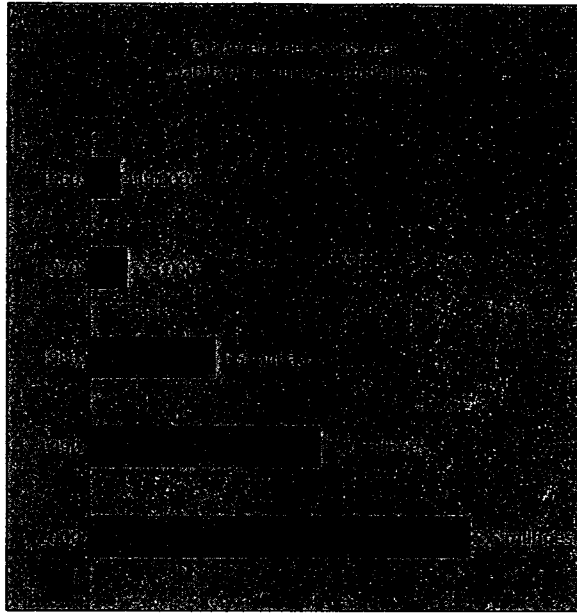
valores básicos Valores especialmente promovidos por uma cultura específica.

<sup>11</sup> As observações sobre a cultura norte-americana nesta seção foram retiradas principalmente de Natadecha-Sponsal, P. The young, the rich and the famous: individualism as an American cultural value. In: DeVita, P. R.; Armstrong, J. D. (Eds.) *Distant mirrors: America as a foreign culture*. Belmont, CA: Wadsworth, 1993, p. 46-53. Ver também Whitehead, B. D.; Popenoe, D. *The state of our unions: The social health of marriage in America 2004*. Rutgers, NJ: Rutgers University National Marriage Project, 2004.

<sup>12</sup> Noack, T. Cohabitation in Norway: An accepted and gradually more regulated way of living. *International Journal of Law, Policy, and the Family*, n. 15, v. 1, p. 102-117, 2001.

<sup>13</sup> Para relatos acadêmicos sobre os assuntos apresentados, há vários livros excelentes, incluindo o que é mencionado no Estudo Original: Roscoe, W. *Zuni man-woman*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991.





**Figura 10.1** Número de casais que coabitam nos Estados Unidos, por ano. De acordo com o censo nacional mais recente, realizado em 2000, 8,5% dos casais que coabitavam nos Estados Unidos não eram casados. Esse número continua a crescer, diminuindo assim as obrigações legais dos parceiros. Para as mulheres norte-americanas que têm filhos, a coabitação pode significar obrigações financeiras menores do que se não tivessem um parceiro, mas, em geral, essa situação é menos economicamente vantajosa que o casamento.

Os aspectos biológicos da natureza humana nem sempre são claros, como supõe a maioria das pessoas. No nível dos cromossomos, o sexo biológico é determinado se o conjunto do cromossomo 23 for XX (feminino) ou XY (masculino). Alguns dos genes desses cromossomos controlam o desenvolvimento sexual. Esse pacote biológico padrão não se aplica a todos os seres humanos, pois um número considerável de pessoas é **intersexual**, indivíduos que nascem com órgãos reprodutivos, genitália e/ou cromossomos sexuais que não são exclusivamente masculinos ou femininos. Essas pessoas não se encaixam perfeitamente em um padrão de gênero binário.<sup>14</sup>

Por exemplo, algumas pessoas nascem com um distúrbio genético que faz com que tenham apenas um cromossomo X, em vez de dois. A pessoa que apresenta esse complexo cromossômico, conhecido como síndrome de Turner, desenvolve a genitália feminina, mas os ovários não funcionam, portanto, não é fértil. Outros indivíduos nascem com os cromossomos sexuais masculinos XY, mas apresentam anomalias no cromossomo X que afetam a sensibilidade do organismo a andrógenos (hormônios masculinos). Isso é conhecido como síndrome de insensibilidade androgênica (SIA). Uma pessoa adulta com SIA parece completamente feminina, com clitóris normal, lábios e seios. Internamente, esses indivíduos possuem testículos (no abdômen, não na posição normal no saco escrotal); no entanto, nascem sem o conjunto completo de órgãos genitais internos, masculinos ou femininos. Geralmente possuem uma vagina curta, sem abertura.

#### GLOSSÁRIO

**intersexual** Pessoas que nascem com os órgãos reprodutivos, genitália e/ou cromossomos sexuais que não são exclusivamente masculinos ou femininos.

<sup>14</sup> Esta seção baseia-se em várias fontes: Chase, C. Hermaphrodites with attitude. *Gay and Lesbian Quarterly*, n. 4, v. 2, p. 189-211, 1998; Dumurat-Dreger, A. "Ambiguous sex" or ambivalent medicine? *The Hastings Center Report*, n. 28, v. 3, p. 2435, maio-jun. 1998 (disponibilizado no website da Intersex Society of North America: [www.isna.org](http://www.isna.org)); Fausto-Sterling, A. The five sexes: why male and female are not enough. *The Sciences*, n. 33, v. 2, p. 20-24, 1993; website da Mayo Clinic.

## Estudo Original

### Maldição abençoada

R. K. Williamson

Certa manhã, não faz muito tempo, uma criança nasceu. Esse nascimento, entretanto, não teve a comemoração habitual. Havia algo errado: muito grave, muito sério, muito sinistro. Essa criança nasceu entre os sexos, uma criança "intersexual". A partir do dia em que veio ao mundo, essa criança enfrentaria uma série de desafios que envolveriam praticamente todos os aspectos da vida. Coisas que não exigiam muito sobre o que pensar em circunstâncias "normais" eram, nesse caso, extremamente difíceis. Perguntas simples tinham um ar de complexidade: "O que é, menina ou menino?" "Que nome daremos?" "Como iremos educar nosso filho?" "De quem é a culpa?"

#### Um pé em cada mundo

A criança mencionada no parágrafo anterior sou eu mesma. Como bisneta de uma indígena cherokee, fui exposta à visão dos índios norte-americanos de pessoas que nasceram entre os sexos e que apresentam características transexuais. Essa visão, ao contrário da euro-americana, considera esses indivíduos de um ponto de vista muito positivo. Contudo, o ponto de vista de minha família imediata (mãe, pai e irmãos) estava firmemente ligado à visão euro-americana cristã negativa. Em consequência, desde muito cedo, eu tinha duas visões diferentes e conflitantes de mim mesma. Eu me sentia muito confusa sobre o que era, como nasci assim e o que minha intersexualidade significava em termos de espiritualidade e meu lugar na sociedade.

Lembro que, mesmo quando era bem pequena, recebia mensagens ambíguas sobre meu valor como ser humano. Minha avó, mantendo a tradição nativa, contava histórias sobre meu nascimento. Ela me dizia que, quando nasci, sabia que tinha um lugar especial nesta vida, que me foi dada por Deus, o Grande Espírito, e que eu recebera "uma força muito grande que as meninas não têm, e uma delicadeza que os meninos não possuem" e que eu era "bonita demais para ser menino e forte demais para ser apenas menina". Ela comemorou esse "dom especial" e me ensinou que significava que o Grande Espírito queria "que eu fizesse algo importante nesta vida". Lembro como eu me sentia bem interiormente, quando ela me dizia essas coisas e como eu refletia com sobriedade, mesmo tendo apenas cinco anos, que devia ser aplicada e tentar entender e alcançar o objetivo destinado somente a mim pelo Grande Espírito.

Meus pais, contudo, sentiam tanta repulsa por minha intersexualidade, que nunca falavam dela diretamente. Referiam-se a ela apenas como "trabalho do demônio". Para eles, não fui abençoada com um "dom especial" de algum "Grande Espírito", fui "amaldiçoada e entregue ao demônio" por Deus. Meu pai me tratava com desprezo e minha mãe variava entre desprezo e indiferença. Fui levada de uma igreja carismática a outra para que expulsassem o demônio do sexo misto do meu corpo. Em algumas dessas cerimônias de "libertação" me davam até um guardanapo para que eu tossisse e colocasse o demônio para fora!

Por fim, nunca saiu nenhum demônio de meu corpo. Mesmo assim, cresci acreditando que havia algo em mim que fazia com que Deus me odiasse, que minha intersexualidade era um castigo para esse algo, uma marca de condenação.

Sempre que ficava na casa de minha avó, meus medos diminuíam, pois ela sempre lembrava que eu era abençoada por ter recebido esse dom especial. Ela ficava transtornada porque meus pais me tratavam com crueldade e implorava para que me deixassem morar com ela, mas eles não permitiam. No entanto,

permitiram que eu passasse uma parte significativa de minha infância com ela. Não fosse por isso, talvez eu não tivesse conseguido sobreviver aos terríveis julgamentos que me aguardavam em minha caminhada nesta vida.

### **Dom abençoado: a visão dos indígenas norte-americanos**

Sabe-se agora que muitas, se não todas, as sociedades indígenas norte-americanas tinham certos indivíduos que eram encaixados entre as categorias de "homem" e "mulher". E que várias nações indígenas tinham nomes diferentes para essas pessoas, mas um termo amplamente empregado e reconhecido é *berdache*, palavra de origem francesa que se refere ao homossexual masculino passivo. (Atualmente prefere-se empregar o termo *two-spirit* [dois espíritos].) Alguns desses indivíduos nasceram fisicamente intersexuais. Outros parecem ser homens anatomicamente normais, mas exibem caráter e modos de mulher, ou vice-versa. A forma como os povos nativos tratavam esses indivíduos revela aspectos interessantes sobre seu sistema de crenças.

### **O espírito**

O nível de espiritualidade dos índios norte-americanos reflete-se na crença de que tudo tem espírito. Cada ser – plantas, rochas, água, ar, lua, animais, seres humanos, a própria terra – possui um espírito. O espírito de um ser (incluindo o humano) não é superior ao de qualquer outro. A função da religião não é condenar ou modificar o que já existe, mas aceitar as realidades do mundo e apreciar sua contribuição para a vida. Tudo o que existe tem uma finalidade.

Esse paradigma é a base do pensamento e da ação dos índios norte-americanos. Como tudo tem espírito e nenhum espírito é superior ao outro, não existe "acima" ou "abaixo", "superior" ou "inferior", "dominante" e "subordinado". Isso é uma ilusão criada pelo pensamento que não é claro. Assim, em muitas culturas norte-americanas indígenas tradicionais, uma criança intersexuada não é ridicularizada ou vista como uma "aberração da natureza". A intersexualidade (assim como a masculinidade na mulher, ou a feminilidade no homem) é vista como a manifestação do espírito da criança; portanto, a criança intersexuada é respeitada como uma menina ou um menino. O espírito determina qual será o gênero da criança. De acordo com o índio lakota *Lame Deer*, "o Grande Espírito criou os *winktes* [dois espíritos], e nós os aceitamos como são". Nesse sentido, a criança não tem controle sobre qual será seu gênero. Acontece que, onde não há escolha, não pode haver responsabilidade por parte da criança. Na verdade, quem recebe o espírito de um *winkte* é incapaz de resistir a se tornar um deles.

"Quando um menino Omaha vê o Ser Lua [um Espírito feminino] em sua busca pela visão, o espírito se segura um arco em uma das mãos e alças de bolsa em outra. [...] Quando ele tenta agarrar o arco e as flechas, o Ser Lua cruza as mãos com rapidez e se o jovem não tiver cuidado, ele agarra as alças em vez do arco e flechas, determinando assim sua sorte na vida. Nesse caso, ele não poderia deixar de agir, falar, se vestir e trabalhar como mulher."

### **A maldição: visão euro-americana**

Em oposição a visão de respeito e admiração pela intersexualidade física e comportamento trans-gênero tradicionalmente aceito pelos povos indígenas norte-americanos, os europeus que vieram para a "Ilha da Tartaruga" (nome *Cherokee* para a América do Norte) trouxeram uma visão de mundo moldada pelas crenças judaico-cristãs. De acordo com essa perspectiva religiosa, deve haver, por mandamento de Deus, uma dicotomia completa dos sexos. [...]

Will Roscoe, em seu livro *The Zuni Man-Woman*, relata: "A obsessão espanhola as práticas homossexuais no Novo Mundo foi brutal. Em 1513, o explorador Vasco Núñez de Balboa jogou aproximadamente quarenta *berdaches* aos cães [para serem comidos vivos] – um belo ato para um espanhol católico de respeito, como comentou um historiador espanhol. No Peru, os espanhóis queimavam os *godomitas* [...] assim, os amedrontavam de tal maneira que eles abandonavam esse grande pecado" (p. 172-173).

Esta muito claro que os euro-americanos cristãos exerceram todo o poder possível para destruir a cultura norte-americana nativa. "Em 1883, o U.S. Office of Indian Affairs [Departamento de Relações Indígenas] emitiu uma série de leis que ficou conhecida como Code of Religious Offenses [Código de Ofensas Religiosas], ou Religious Crimes Code [Código de Crimes contra a Religião]. [...] Os indígenas que se recusavam a adotar os hábitos de trabalho sistemático, ou a se engajarem em empregos civilizados, estavam sujeitos a prisão e castigo. [...] Ao interferir na sexualidade [e na cultura] nativa, os agentes da assimilação arruinaram gradualmente a estrutura social de tribos inteiras" (Roscoe, p. 176).

### Decisão pessoal

Para mim, a decisão sobre a mensagem dupla que recebia demorou a acontecer, principalmente por causa do medo e da raiva incutidos em mim pelo cristianismo. Por fim, contudo, o espírito venceu. Acabei por adotar os ensinamentos de minha avó sobre minha intersexualidade. Através de terapia e um novo ambiente carinhoso, consegui acalmar o medo constante do castigo eterno que sentia por algo sobre o que não tinha controle. Afinal, eu não criei a mim mesma.

Em virtude da minha própria experiência, e inferindo sobre os ensinamentos de minha avó, agora consigo ver a mim mesma como uma criatura maravilhosa do Grande Espírito – mas não sou só eu. Toda criação é maravilhosa. Existe um objetivo para cada um no espectro do gênero. O espírito de cada pessoa é único em sua forma, seja qual for. Acredito que, apenas vivendo verdadeiramente segundo a natureza que nos foi concedida pelo Grande Espírito, conseguiremos ficar em paz conosco e viver em harmonia com os nossos semelhantes. Para mim, isso é o Grande Significado e o Grande Objetivo. [...]

(Adaptado de Williamson, R. K. *The blessed curse: Spirituality and sexual difference as viewed by Euramerican and Native American cultures*. *The College News*, n. 18, v. 4, 1995. Reimpresso com permissão da autora.)

As "hermafroditas" compreendem uma categoria distinta de intersexualidade, embora os termos "pseudo-hermafrodita masculino" e "pseudo-hermafrodita feminino" sejam, no geral, empregados para se referir a uma série de condições intersexuais. O nome, contestado por muitos, tem origem na mitologia grega: Hermafrodito (filho de Hermes, mensageiro dos deuses, e Afrodite, deusa da beleza e do amor) se tornou metade homem, metade mulher quando se apaixonou por uma ninfa e seu corpo fundiu-se ao dela.

Mais obviamente, os indivíduos intersexuais ("hermafroditas verdadeiros") apresentam tecido testicular e ovariano. Podem apresentar ovários e testículos separados; mais comumente exibem uma gônada que contém os dois tipos de tecido. Cerca de 60% possuem os cromossomos XX (feminino) e o restante pode apresentar o XY ou uma mistura. A genitália externa pode ser ambígua ou feminina, e podem ter útero ou (mais comum) um semiútero.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Fausto-Sterling, A. *The five sexes revisited*. *The Sciences*, p. 20-24, jul. 2003.

A intersexualidade talvez seja rara, mas não é incomum. Na verdade, quase 1% da população humana é intersexuada de alguma forma (não necessariamente visível); em outras palavras, mais de 60 milhões de pessoas em todo o mundo.<sup>16</sup> Até pouco tempo atrás, isso raramente era discutido em público em muitas sociedades. Desde meados do século XX, os indivíduos com condições financeiras, em regiões tecnologicamente avançadas, têm a opção de fazer cirurgia de reconstrução e tratamentos hormonais para alterar essas condições, e muitos pais que têm uma criança intersexuada em uma cultura que não tolera essas minorias fazem a escolha pelo bebê. Entretanto, há um movimento crescente para adiar esses procedimentos irreversíveis indefinidamente ou até que a criança tenha idade suficiente para escolher. Naturalmente, a atitude da sociedade em relação a esses indivíduos pode afetar sua personalidade, o senso fundamental do *self* e a maneira como se expressa.

Além das pessoas que são biologicamente intersexuais, em toda a história, alguns indivíduos sujeitaram-se à remoção cirúrgica de parte dos órgãos sexuais. Em muitas culturas, os prisioneiros de guerra ou os escravos sofriam a castração forçada, os testículos eram esmagados ou cortados. A castração do homem não elimina o impulso sexual ou a possibilidade de ereção, mas encerra a produção necessária de esperma para reprodução.

Evidências arqueológicas do Egito antigo, Iraque, Irã e China sugerem que a prática cultural de castrar cativos de guerra pode ter se iniciado há vários milhares de anos. Os homens jovens capturados durante as guerras ou expedições em busca de escravos geralmente eram castrados antes de serem vendidos e enviados para domicílios estrangeiros, até mesmo cortes reais. No Império Otomano, dos turcos, onde esses escravos conseguiam ocupar várias funções importantes no palácio do sultão, de meados do século XV em diante, ficaram conhecidos como eunucos. Como sugere o significado original da palavra, em grego “guardião da cama”, os homens castrados, no geral, cuidavam do harém, os aposentos das mulheres. Os eunucos também podiam ter alto *status* como sacerdotes e administradores; eram até mesmo indicados para servir como comandantes de exércitos. Alguns lordes, reis e imperadores poderosos mantinham centenas de eunucos em seus castelos e palácios.

Além da castração forçada, havia a voluntária e alguns homens chegavam a castrar a si mesmos. Por exemplo, os primeiros monges, no Egito e regiões vizinhas, abstinham-se voluntariamente de relações sexuais e, às vezes, se castravam em troca do reino dos céus. Essa mutilação genital também era praticada pelos monges coptas, no Egito e na Etiópia, até o início do século XX.<sup>17</sup>

No fim do século XV, a Europa viu o surgimento de uma categoria de cantores eunucos conhecida como *castrati*. Eles cantavam as partes femininas nos corais, depois que as autoridades católico-romanas proibiram a participação de mulheres cantoras com base no que determinava São Paulo: “Deixem que as mulheres fiquem em silêncio na igreja”.<sup>18</sup>

## GLOSSÁRIO

**transgênero** Pessoas que cruzam ou ocupam uma posição intermediária culturalmente aceita na construção binária de gênero masculino-feminino. Também identificadas como pessoas do “terceiro gênero” (ou por vários nomes culturalmente específicos, como “dois espíritos”, empregado por muitos grupos indígenas norte-americanos).

<sup>16</sup> Fausto-Sterling, A. Comunicação pessoal via correio eletrônico desse especialista sobre o assunto. Ago. 2003. Para estatísticas publicadas, ver seu artigo em coautoria com Blackless, M. et al. How sexually dimorphic are we? Review and synthesis. *American Journal of Human Biology*, v. 12, p. 151-166, 2000.

<sup>17</sup> Abbot, E. *A history of celibacy*. Cambridge, MA: Da Capo Press, 2001.

<sup>18</sup> Taylor, G. *Castration: abbreviated history of western manhood*. Nova York: Routledge, 2000, p. 38-44, 252-259.

Ao mapear o cenário sexual, os antropólogos perceberam que a inclinação de gênero existe em muitas culturas em todo o mundo, com papel importante na formação de comportamentos e personalidades. Por exemplo, as comunidades indígenas nas Grandes Planícies (meio-oeste) e no sudoeste dos Estados Unidos criaram espaços sociais para os transgênero, pessoas que cruzam ou ocupam uma posição social alternativa na construção binária de gênero masculino-feminino. O povo lakota, das planícies do norte, tinha um terceiro gênero, homens transgêneros que se vestiam como mulher; os lakota acreditavam que esses indivíduos possuíam tanto o espírito masculino como o feminino. Eles chamavam (e ainda chamam) esses indivíduos de *winkte*, empregando o termo para o homem “que quer ser mulher”. Como se acredita que eles possuem poderes especiais de cura, os *winktes* tradicionalmente têm prestígio considerável em sua comunidade. Os cheyenne usavam o termo *hemannah*, que significa literalmente “metade homem, metade mulher”.<sup>19</sup> Atualmente, o termo preferido da maioria dos indígenas norte-americanos é “dois espíritos”.

Esses indivíduos do terceiro gênero são bem conhecidos em Samoa, onde os homens que assumem a identidade feminina são chamados *fa'afafines* (“o jeito feminino”). Tornar-se um *fa'afafine* é uma opção aceita para rapazes que preferem dançar, limpar a casa e cuidar das crianças e dos idosos. Em famílias grandes, é comum encontrar dois ou três rapazes que são criados como garotas para assumir as tarefas domésticas. Como relatou o antropólogo norte-americano Lowell Holmes:

Na verdade, eles são muito valorizados, porque conseguem fazer o serviço pesado que muitas mulheres consideram difícil. Uma freira samoana certa vez me contou como é bom ter um *fa'afafine* na família para ajudar nas tarefas domésticas. Existe também a exigência de que os *fa'afafines* nunca tenham relações sexuais entre si, ao contrário, devem se considerar “irmãs”. [Eles] são religiosos e frequentam a igreja regularmente vestidos como mulher e [...] alguns são professores de catecismo. Os *fa'afafines* geralmente participam de equipes esportivas, alguns são treinadores.<sup>20</sup>

Esses tipos culturais de transgênero não podem simplesmente ser considerados homossexuais. Por exemplo, o povo que fala tagalo (malaio), nas Filipinas, emprega a palavra *bakla* para se referir ao homem que vê a si mesmo “como um homem com coração feminino”. Esses indivíduos se travestem diariamente, em geral se tornam mais femininos que as mulheres no uso de maquiagem pesada, nas roupas que vestem e no modo de andar. Como os *fa'afafines* de Samoa, geralmente não sentem atração sexual por outros *bakla*, mas por heterossexuais.

Além disso, algumas pessoas variam de gênero – travestis permanentes ou ocasionais, sem serem homossexuais –, o que deixa claro que o esquema de gênero e sexo transcultural é complexo. Na verdade, o rótulo “homossexualidade”, cunhado no fim do século XIX, é bastante inadequado para cobrir toda a diversidade de gênero e sexo.

Em resumo, durante milhares de anos, as culturas humanas lidam criativamente com muitos aspectos sexuais herdados e artificialmente impostos. É importante estudar categorias complexas que envolvem a intersexualidade e a transgenerização para que possamos reconhecer a amplitude das alternativas de gênero existentes e desmistificar falsos estereótipos. É mais uma peça do quebra-

<sup>19</sup> Medicine, B. Gender. In: Davis, M. B. (Ed.) *Native America in the twentieth century*. Nova York: Garland, 1994; ver também Gilley, B. J. *Becoming two-spirit: gay identity and social acceptance in Indian Country*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2007.

<sup>20</sup> Holmes, L. D. Paradise Bent (film review). *American Anthropologist*, v. 102, n. 3, p. 604-605, 2000.

-cabeça humano, uma parte importante que nos estimula a repensar os códigos sociais e a amplitude das forças que moldam a personalidade, assim como a definição de “normal” em cada sociedade.

## PERSONALIDADE NORMAL E ANORMAL NO CONTEXTO SOCIAL

Os padrões culturais que definem o comportamento normal de qualquer sociedade são determinados por ela mesma. Dessa forma, nas sociedades europeias e norte-americanas, em contraste àquelas que acabamos de mencionar, o comportamento transgênero é, de modo cultural, tradicionalmente considerado anormal. Nessas sociedades, um homem que se veste de mulher ainda é visto como emocional ou mentalmente perturbado, e seu comportamento anormal pode levar à intervenção psiquiátrica. Há inúmeros exemplos de comportamentos que, normais e aceitáveis (quando não populares) em uma sociedade, são considerados anormais e inaceitáveis (ridículos, vergonhosos, às vezes criminais) em outra.

Os limites que diferenciam o normal do anormal são culturalmente variáveis (portanto, não são absolutos nem fixos), assim como os padrões do que é socialmente aceitável. Em outras palavras, em cada sociedade, há indivíduos cuja aparência ou comportamento desvia dos padrões ou normas sociais gerais, mas que não são considerados “anormais”, no sentido restrito da palavra, e não são socialmente rejeitados, ridicularizados, censurados, condenados, presos ou penalizados de qualquer outra forma. Ao contrário, algumas culturas toleram ou aceitam uma diversidade maior e podem até conceder *status* especial a esse desvio ou excentricidade, considerando-o excepcional, extraordinário ou mesmo sagrado.

### *Sadhus*: homens santos nas culturas hindu

Um exemplo etnográfico fascinante de uma cultura em que os indivíduos anormais são socialmente aceitos e mesmo respeitados é apresentado pelos místicos religiosos na Índia e no Nepal. Renunciando a todas as ligações sociais, materiais e sexuais dos prazeres e deleites humanos normais, esses monges ascetas, ou *sadhus*, dedicam-se a alcançar a união espiritual com a Alma divina, ou universal. Isso é feito através de meditação intensa (entoando hinos sagrados ou orações místicas, os mantras) e ioga (disciplina asceta e mística que envolve determinadas posições e controle da respiração). O objetivo é se tornar uma alma completamente iluminada, libertada dos limites físicos do eu individual mortal, que inclui o ciclo de vida e morte.

A vida de um *sadhu* exige concentração extraordinária e esforço sobre-humano, como se observa nas posições mais difíceis da ioga. Essa vida de sofrimento pode também incluir a autotortura como forma de penitência extrema. Por exemplo, alguns *sadhus* perfuram a língua ou as bochechas com uma longa vara de ferro, enfiam uma faca no braço ou na perna, ou colocam a cabeça em um buraco no solo e permanecem assim durante muitas horas.

Muitos hindus reverenciam e, às vezes, temem os *sadhus*. Quando encontram algum, em um templo, em um cemitério, perto de uma floresta, nas margens de um rio ou em uma caverna, geralmente lhe oferecem comida ou outro donativo. É comum vê-los, já que aproximadamente 5 milhões de *sadhus* vivem na Índia e no Nepal.<sup>21</sup> Naturalmente, se algum desses monges hindus, com barba e

<sup>21</sup> Ver Kelly, T. L. *Sadhus, the great renouncers*. Exposição fotográfica, Indigo Gallery, Naxal, Kathmandu, Nepal, 2006. [www.asianart.com/exhibitions/sadhus/index.html](http://www.asianart.com/exhibitions/sadhus/index.html). Ver também Heitzman, J.; Wordem, R. L. (Eds.) *India: A country study*. 5. ed. Washington: Federal Research Division, Library of Congress. 2 set. 2006.



cabelos longos, decidir realizar os exercícios de ioga e outras práticas religiosas na Europa Ocidental ou na América do Norte, ele seria considerado mentalmente perturbado.

### Distúrbios mentais através dos tempos e das culturas

Mesmo que certos comportamentos pareçam excêntricos ou bizarros em determinado tempo e lugar, é possível que o “anormal” se torne socialmente aceito em culturas que estão se modificando. É o caso do transtorno maníaco-depressivo (agora chamado *transtorno bipolar*) e do transtorno de hiperatividade e déficit de atenção (THDA), ambos anteriormente considerados terríveis.

Na Europa Ocidental, na América do Norte e na do Sul, os aspectos obsessivos e de hiperatividade relacionados a esses transtornos estão gradualmente começando a ser vistos como trunfos na busca do sucesso. Cada vez mais são interpretados como indicadores de um “sistema nervoso extremamente alerta e interconectado” que torna a pessoa altamente sensível a sinais de mudança, capaz de saltar de uma coisa a outra, exagerando e fazendo tudo com um nível intenso de energia, concentrada apenas no futuro. Esses aspectos são exaltados como virtudes excelentes no mundo corporativo, onde ser considerado “hiper” ou “maníaco” é cada vez mais uma expressão de aprovação.<sup>22</sup> Do mesmo modo que as atitudes referentes a muitas diferenças psicológicas e físicas se modificam com o tempo, em uma sociedade, elas também variam entre as culturas, como mostra a “Conexão Biocultural” deste capítulo.

### Relatividade cultural da anormalidade

Isso tudo significa que “normalidade” é um conceito sem sentido quando aplicado à personalidade? No contexto de uma cultura específica, o conceito de personalidade normal é muito significativo. Irving Hallowell, uma figura importante no desenvolvimento da antropologia psicológica, observou, de modo um tanto irônico, que é normal compartilhar ilusões tradicionalmente aceitas pela sociedade. A anormalidade envolve o desenvolvimento de um sistema ilusório não aprovado pela cultura.

Se forem severos, os conflitos culturalmente induzidos podem produzir psicoses e também determinar sua forma. Em uma cultura que incentiva a agressividade e a desconfiança, a pessoa insana pode ser aquela que é passiva e confiante. Em uma cultura que incentiva a passividade e a confiança, a pessoa insana pode ser aquela que é agressiva e desconfiada. Assim como cada sociedade estabelece as próprias normas, cada indivíduo tem percepções únicas.

Muitos antropólogos entendem que o único critério significativo para avaliar a personalidade é fazer sua correlação com a conformidade social. De acordo com seu ponto de vista, a insanidade é uma doença mental construída culturalmente, e as pessoas são consideradas insanas quando não se submetem a limites de comportamento definidos culturalmente. Isso não significa que a psicose seja simplesmente uma questão de desajuste entre o indivíduo e sua cultura específica.

<sup>22</sup> Martin, E. Flexible survivors. *Anthropology News*, n. 40, v. 6, p. 5-7, 1999.



## Conexão Biocultural

### Síndrome de down em culturas diferentes

Katherine A. Dettwyler

A antropóloga biológica Katherine Dettwyler compara a experiência cultural da síndrome de down, o estado biológico de se ter um cromossomo 21 extra, entre seu filho Peter e Abi, uma criança que ela conheceu enquanto fazia trabalho de campo em Mali, África Ocidental. Dettwyler relata:

As crianças com síndrome de down geralmente (mas nem sempre!) são doces, felizes e carinhosas. Muitas famílias com crianças assim as consideram um dom especial de Deus e as chamam de anjos. [1]

Uma garfinha acabou de entrar na cabana, fazia parte de uma família com muitos filhos. Ela tinha a cabeça pequena e redonda e as características faciais de uma criança com síndrome de down: olhos puxado, com dobras epicânticas; nariz pequeno e achatado e orelhas pequenas. Não havia erro no diagnóstico. Chamava-se Abi, tinha mais ou menos 4 anos, a mesma idade de Peter.

"Ajoelhei-me diante dela. 'Olá, querida. fale em inglês. 'Dá um abraço.' 'Abri os braços, ela deu um passo adiante e me deu um abraço apertado.

"Olhei para a mãe. 'Você sabe que ela tem algo diferente?', perguntei, escolhendo bem as palavras.

"Ela não fala", disse a mãe, hesitante, olhando para o marido em busca de confirmação.

"É o mesmo", afirmou ele. "ela nunca disse uma palavra".

"Ela é saudável?", perguntei.

"Sim", respondeu o pai. "é como as outras crianças, mas não fala. Esta sempre feliz. Nunca chora. Sabemos que consegue ouvir, porque faz o que mandamos. Por que tanto interesse?"

"Porque sei qual é o problema. Eu tenho um filho assim." Agitada, peguei uma foto de Peter na bolsa e mostrei a eles. Entretanto, eles não viam nenhuma semelhança. A diferença na cor da pele eliminava as semelhanças nas características faciais. Os malienses acreditam que todos os brancos são parecidos. E não é verdade que todas as crianças com síndrome de down são parecidas; elas são diferentes da mesma forma, mas parecem mais com os pais e irmãos.

"Vocês conhecem outras crianças assim?", perguntei, curiosa para saber como a cultura rural de Mali lida com uma condição pouco frequente como a síndrome de down. Para começar, essa síndrome é uma ocorrência rara, atinge aproximadamente um em cada 700 bebês. Em uma comunidade onde ocorrem no máximo uma ou duas crianças com deficiência por ano, é raro encontrar uma criança com síndrome de down. Cada uma dessas muitas crianças vive um tempo suficiente para que alguém possa contar que eram diferentes. Os defeitos físicos (cãibras, raqueteria, intestinos) são comuns na infância, sem cirurgia imediata e cuidados neonatais intensivos, muitas não sobrevivem. Essas cirurgias são comuns nos hospitais infantis dos Estados Unidos, mas não existem na região rural de Mali. Uma criança com defeitos físicos precisa enfrentar os perigos da vida rural para sobreviver: malária, sarampo, diarreia, difteria e polio. Algumas, como Peter, tem sistema imunológico deficiente, o que as torna ainda mais suscetíveis a doenças infantis. As probabilidades de sobreviver a uma criança com síndrome de down saudável em uma vila rural de Mali são mínimas.

Como já imaginava, os pais não conheciam nenhuma outra criança como Abi. Perguntaram se eu conhecia algum remédio para curá-la. "Não", expliquei, "ela não pode ser curada. Mas vai aprender a falar, precisa de tempo. Conversem bastante com ela, tentem fazer com que repita o que vocês dizem. E deem muito amor e atenção. Talvez ela demore para aprender algumas coisas, mas continuem tentando. No meu país, algumas pessoas dizem que crianças assim são um dom especial de Deus." Não havia como explicar sobre células e cromossomos e falhas em sua separação, mesmo com a ajuda de um tradutor. E de que adiantaria? Eles a aceitavam do jeito que era.

Conversamos mais um pouco. Medi a família toda, incluindo Abi que, naturalmente, era pequena para a idade. Abracei-a mais uma vez, dei-lhe um beijo e ela saiu atrás dos irmãos. [...] Sai da cabana [...] tentando controlar minhas emoções. Por fim, desabei, segurei os joelhos contra o peito e chorei. Chorei por Abi, que coraçozinho corajoso ela deve ter. Imagine o que ela poderia ter conseguido com todos os programas de estimulação infantil que existem no Ocidente. Chorei por Peter, outro coraçozinho corajoso. Imagine o que ele poderia conseguir se tivesse a chance de viver em uma cultura que simplesmente o aceitasse, sem estereótipos e rótulos, reprimindo-o porque as pessoas não acreditam que seja capaz de se desenvolver. Chorei por mim mesma, nem um pouco corajosa. Parecia que meu coração ia explodir de saudades de Peter, meu anjinho querido.

Certamente existe alguma verdade no velho ditado que diz que a ignorância é sinônimo de felicidade. Talvez as mulheres grávidas em Mali tenham de se preocupar com espíritos malignos que se escondem nas latrinas à noite, mas elas não passam a gravidez se preocupando com anomalias nos cromossomos, as implicações morais da amniocentese ou a angústia de tentar avaliar as desvantagens e decidir quais não fazem a vida valer a pena. As mulheres nos Estados Unidos talvez tenham liberdade para decidir se têm ou não crianças com problemas físicos ou mentais, mas as mulheres em Mali têm a liberdade de não se preocupar com isso. As crianças nos Estados Unidos têm a liberdade de frequentar programas especiais que as ajudam a superar deficiências, mas as crianças em Mali estão livres da maior desvantagem de todas: o preconceito.

Chorei até não ter mais lágrimas. Lavei o rosto com a água fria que estava em um balde na cozinha e voltei ao trabalho.

(Adaptado de Dettwyler, Katherine A. *Dancing skeleton: life and death in West Africa* (cap. 8). Reimpresso com permissão de Waveland Press, Inc., Long Grove, IL, 1994.)

Embora seja verdade que cada cultura defina o que é ou não comportamento normal, a situação é complicada por estudos que sugerem que as principais categorias de transtornos mentais podem ser tipos universais de aflição humana. Considere, por exemplo, a esquizofrenia, provavelmente a mais comum de todas as psicoses e uma das que podem ser encontradas em qualquer cultura, não importa como se manifesta. Os indivíduos afetados pela esquizofrenia sofrem distorções da realidade que reduzem a capacidade de funcionar de modo adequado; portanto, geralmente se isolam do mundo social e vivem em sua própria concha psicológica. Embora os fatores ambientais sejam importantes, as

evidências sugerem que a esquizofrenia é provocada por um distúrbio bioquímico para o qual existe tendência hereditária. Uma de suas formas mais severas é a esquizofrenia paranoica. Aqueles que apresentam tal transtorno sentem medo e desconfiam de praticamente todas as pessoas. Eles ouvem vozes que falam coisas horríveis e estão convencidos de que existe alguém “lá fora para pegá-los”. Com essa convicção, começam a se comportar de modo bizarro, então são removidos da sociedade.

## GLOSSÁRIO

**psicose étnica** transtorno mental específico de determinado grupo étnico.

### Psicose étnica

A **psicose étnica** é um transtorno mental específico de um grupo cultural. Por exemplo, a **anorexia nervosa** é uma psicose étnica que ocorre com mais frequência em meninas e mulheres jovens, e agora também em garotos e jovens, nos países ocidentais. Essa psicose está se espalhando para outras regiões do mundo, em parte estimulada pelas imagens fascinantes de modelos e celebridades do cinema muito magras e “sensuais”. Como apresenta preocupação excessiva com a magreza e a rejeição a alimentos, a anorexia pode provocar a morte.

Um exemplo histórico de psicose étnica é a **psicose Windigo**, limitada aos grupos indígenas algonquin, como os cree e ojibwa. O sistema de crenças tradicionais desses índios reconhece a existência de monstros canibais chamados Windigos. Os indivíduos afetados por essa psicose desenvolviam a ilusão de que, se ficassem sob o controle desses monstros, também seriam transformados em Windigos com muita vontade de comer carne humana. Quando isso acontecia, o indivíduo psicótico via as pessoas se transformando em animais comestíveis, um castor gordo e suculento, por exemplo. Embora não haja exemplos conhecidos de que pessoas com a psicose Windigo tenham realmente comido outro ser humano, elas tinham muito medo de agir desse modo, e os que conviviam com elas tinham medo de que realmente o fizessem.

A psicose Windigo pode parecer diferente dos casos clínicos de esquizofrenia paranoica encontrados nas culturas euro-americanas; no entanto, uma observação mais detalhada mostra o contrário. Esse transtorno estava simplesmente se expressando de modos compatíveis com as culturas algonquianas tradicionais. A ideia de perseguição, em vez de ser direcionada a outros seres humanos, era dirigida a seres sobrenaturais (os Windigos); o pânico canibalístico substituía o pânico expresso em outras formas. Os índios algonquianos, como os euro-americanos, expressavam seus problemas de forma compatível com a visão adequada do *self* e seu ambiente comportamental.

Em comparação, as ilusões dos esquizofrênicos irlandeses referem-se a imagens e símbolos do catolicismo irlandês e apresentam motivos de salvação e virginal. Os euro-americanos, de outro modo, tendem a apresentar ilusões referentes a perseguições do clero secular ou eletromagnéticas.

A estrutura subjacente do transtorno mental é a mesma em todos os casos, mas a forma como se manifesta é especificada culturalmente. Os antropólogos consideram as questões de saúde mental no contexto cultural, reconhecendo o fato de que a identidade social, a personalidade única e o senso completo de saúde mental de cada indivíduo são moldados pela cultura específica em que a pessoa nasce e é educada para funcionar como membro valorizado da comunidade.

## Resumo do capítulo

- A enculturação, processo pelo qual os indivíduos se tornam membros de sua sociedade, inicia-se logo após o nascimento. Os primeiros agentes são os membros da família, mais tarde, outros membros da sociedade também se envolvem. Para que a enculturação ocorra, o indivíduo deve ter autoconsciência, isto é, a habilidade de identificar a si mesmo como um indivíduo, de refletir sobre si e se autoavaliar.
- Para que a autoconsciência se desenvolva e funcione, são necessárias quatro orientações básicas a fim de estruturar o ambiente comportamental em que o *self* atua: orientação de objetos (aprender sobre um mundo de objetos, além do próprio *self*), orientação espacial, orientação temporal e orientação normativa (o entendimento de valores, ideais e padrões que constituem o ambiente comportamental).
- Os direitos de nascimento e a identidade social de uma criança se estabelecem através da nomeação pessoal, uma prática universal com muitas variações transculturais. O nome é um expediente importante para a autodefinição; sem nome, um indivíduo não tem identidade, não existe *self*. Muitas culturas realizam uma cerimônia especial para nomear uma criança.
- A personalidade se refere a formas distintas de pensamentos, sentimentos e comportamentos de um indivíduo. Além dos psicólogos, muitos antropólogos acreditam que as experiências no início da infância são importantes para formar a personalidade do adulto. O objetivo dos antropólogos é produzir estudos objetivos que testem essa teoria. Os estudos transculturais sobre características de personalidade relacionadas a gênero, por exemplo, mostram que, quaisquer que sejam as diferenças de personalidade com bases biológicas entre homens e mulheres, elas são extremamente maleáveis. A economia de uma sociedade ajuda a estruturar a forma como uma criança é educada, o que, por sua vez, influencia sua personalidade como adulto.
- Os antropólogos com formação em psicologia, com base em estudos transculturais, estabeleceram a inter-relação entre personalidade, práticas educativas infantis e outros aspectos da cultura. Por exemplo, o treinamento para dependência, geralmente associado a sociedades agrícolas tradicionais, enfatiza a submissão no desempenho de tarefas estabelecidas e a dependência do grupo doméstico, em vez da confiança em si. O outro extremo, o treinamento para independência, típico de sociedades caracterizadas por famílias pequenas e independentes, incentiva a autoconfiança, o comportamento independente e as realizações pessoais. Embora a sociedade enfatize um tipo de comportamento mais que o outro, talvez não faça isso com a mesma intensidade para os dois sexos. Alguns antropólogos com formação em psicologia sustentam que as práticas educativas infantis têm suas raízes nos costumes de uma sociedade para atender às necessidades físicas básicas de seus membros e que essas práticas produzem determinados tipos de personalidade adulta.
- O comportamento e as relações dos gêneros são maleáveis e variam entre as culturas. Cada uma apresenta oportunidades e expectativas diferentes com relação ao comportamento masculino-feminino ideal ou aceitável. Em algumas culturas, as relações masculino-feminino baseiam-se

na igualdade de *status*, ou seja, espera-se que ambos os gêneros se comportem similarmente. Em outras, porém, essas relações baseiam-se na desigualdade e são marcadas por padrões diferentes de comportamento esperado. A pesquisa antropológica demonstra que a dominação masculina é uma construção cultural e que, conseqüentemente, arranjos sociais masculino-feminino alternativos podem ser criados, se assim for desejado.

- Desde o princípio, os antropólogos estudam se é possível delinear a personalidade de um grupo sem cair em estereótipos. Cada cultura escolhe, entre várias possibilidades, as características que entende como normativas ou ideais. Os indivíduos que se ajustam a elas são recompensados, os outros, não. A personalidade modal de um grupo é o conjunto de traços de caráter que ocorre com mais frequência em uma população limitada pela cultura. Como conceito estatístico, é possível investigar de que forma as sociedades organizam as diversas personalidades de seus membros, algumas das quais se ajustam mais que outras ao tipo modal.
- Os estudos sobre o caráter nacional se concentram nas características modais de países modernos. Tais estudos tentam determinar as práticas educativas e a educação formal que molda a personalidade do grupo. Muitos antropólogos acreditam que as teorias sobre o caráter nacional baseiam-se em dados não científicos e excessivamente generalizados; outros decidiram se concentrar nos valores básicos promovidos por sociedades específicas, mas reconhecem que o êxito para internalizar esses valores pode variar consideravelmente.
- Intersexuais – indivíduos que nascem com órgãos reprodutivos, genitália, e/ou cromossomos sexuais que não são exclusivamente masculinos ou femininos – não se encaixam perfeitamente em um padrão biológico masculino ou feminino ou em um padrão de gênero binário. No curso da história, inúmeras culturas criaram um espaço social para os intersexuais, assim como para os transgêneros – pessoas fisicamente masculinas ou femininas que cruzam ou ocupam uma posição social alternativa na construção binária de gênero masculino-feminino.
- O que define o comportamento normal em qualquer cultura é determinado por ela mesma, e o que pode ser aceito, ou admirado, em uma cultura, talvez não o seja em outra. A anormalidade envolve o desenvolvimento de traços de personalidade que não são aceitos por uma cultura. Os conflitos culturalmente induzidos podem gerar distúrbios psicológicos e também determinar a forma desse distúrbio. Da mesma forma, distúrbios mentais com causa biológica, como esquizofrenia, apresentam-se por meio de sintomas específicos relacionados à cultura do indivíduo. Psicoses étnicas são distúrbios mentais específicos de um grupo étnico particular.

### Questões para refletir

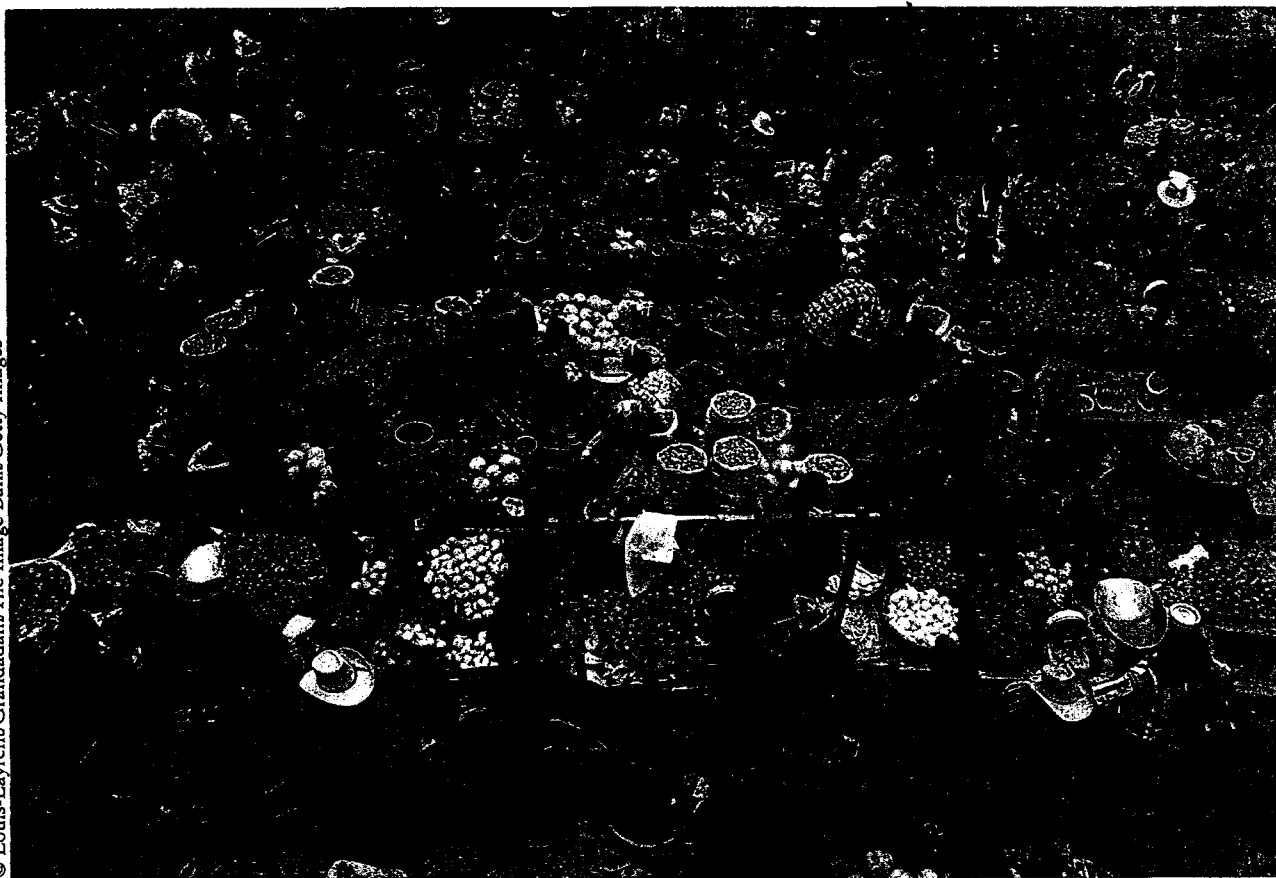
1. Toda sociedade enfrenta o desafio de humanizar as crianças, ensinando valores e códigos sociais que farão com que sejam membros funcionais e que colaborem com a comunidade. Por quais práticas educativas você passou que incorporam os valores e códigos sociais de sua sociedade?

2. Considerando o significado cultural das cerimônias de nomeação em muitas sociedades, o que você acredita ter motivado seus pais a escolher seu nome? Isso tem alguma influência em seu senso de *self*?
3. Você se ajusta ao padrão aceitável de personalidade modal de sua sociedade? Como?
4. Como mais de 60 milhões de pessoas atualmente são intersexuais, o que você acha de sociedades que criaram um espaço cultural para a opção do terceiro gênero?
5. A pesquisa transcultural sobre as relações de gênero sugerem que a dominação masculina é uma construção cultural e que, conseqüentemente, arranjos alternativos podem ser criados. Observando seus avós, pais e irmãos, você nota alguma mudança na própria família? E na sua comunidade? Você acha que essas mudanças são positivas?

### Palavras-chave

Autoconsciência; cerimônia de nomeação; personalidade; treinamento para dependência; treinamento para independência; personalidade modal; valores básicos; intersexual; transgênero; psicose étnica.

# Troca e Subsistência



© Louis-Layrent/Grandadam/The Image Bank/Getty Images

## INTRODUÇÃO VISUAL

Todo ser humano depende de alimento, água e abrigo para sobreviver. Além das necessidades básicas, também desfruta de outras coisas que tornam a vida mais confortável e prazerosa, proporcionam prestígio ou, de qualquer forma, são desejáveis ou importantes. Como mostra esta imagem de um mercado regional, na região do altiplano da Guatemala, os nativos maias cultivam quantidade de alimentos maior que o necessário para alimentar suas famílias. Assim, levam o excedente para esse mercado tradicional, onde o trocam por produtos que não cultivam ou fabricam, como açúcar, calças jeans, botas de borracha, recipientes de plástico, machados, pás, facas e facões. Também trocam o excedente por moeda, a fim de adquirir outros bens e serviços, como remédios, e para pagar o ônibus ou caminhão para voltar para a aldeia nas montanhas. Para o observador atento, a blusa bordada (*huipile*) usada pelas mulheres maia revela onde elas moram e se são casadas ou solteiras. Em mercados como este, pelo mundo afora, pessoas de lugares diferentes moldam e confirmam suas redes sociais. Essas amizades, parcerias e alianças são essenciais para a segurança e o bem-estar.

**Adaptação**

- Unidade de adaptação
- Adaptação na evolução cultural

**Modos de subsistência**

- Sociedades coletoras
- Sociedades produtoras
- Sociedades industriais

**Economia e subsistência**

- Controle dos recursos naturais (terra e água)
- Recursos tecnológicos
- Recursos e padrões da mão de obra

**Troca e distribuição**

- Reciprocidade
- Redistribuição
- Mercado

**Economia local e capitalismo global**

**Resumo do capítulo**

*(Handwritten notes and signatures)*

Rodolfo Pereira Graziotti

Rodolfo Pereira Graziotti

Rodolfo Pereira Graziotti

Rodolfo Pereira Graziotti

Rodolfo Pereira

Vanda Pereira

Todo ser humano deve satisfazer certas necessidades básicas para se manter vivo, o que inclui alimento, água e abrigo. Além disso, como essas necessidades devem ser atendidas regularmente, nenhuma criatura conseguiria sobreviver por muito tempo se a relação com o meio ambiente fosse aleatória e caótica. Nesse aspecto, nós, seres humanos, temos grande vantagem sobre os outros animais. Possuímos cultura. Com o tempo, ela se tornou nosso principal meio de adaptação às limitações e possibilidades em qualquer ambiente.

**ADAPTAÇÃO**

Nos capítulos anteriores, vimos que adaptação é o processo contínuo pelo qual os organismos passam a fim de se ajustar de modo benéfico a um ambiente específico. O que torna a adaptação humana singular, entre todas as outras espécies, é a nossa capacidade para produzir e reproduzir a cultura, de modo a se ajustar com criatividade a uma variedade extraordinária de ambientes radicalmente diversos. A base biológica dessa capacidade inclui cérebro grande e longo período de crescimento e desenvolvimento.

O modo como as pessoas se adaptam às responsabilidades e oportunidades da vida diária é a preocupação básica de todas as culturas. Como foi definido no Capítulo 8, a “adaptação cultural” de um povo consiste em um complexo de ideias, atividades e tecnologias que permitem a sobrevivência e o desenvolvimento; isto, por sua vez, afeta o ambiente.

Por meio da adaptação cultural, grupos humanos distintos têm conseguido habitar uma grande diversidade de ambientes naturais: da região gelada do Ártico às ilhas de corais da Polinésia, do deserto do Saara à floresta Amazônica. A adaptação não acontece somente quando o ser humano provoca mudanças em seu ambiente natural, ocorre também quando ele é modificado biologicamente pelo próprio ambiente, como ilustra a “Conexão Biocultural” deste capítulo.

**Unidade de adaptação**

A unidade de adaptação abrange os organismos e seu ambiente. Os organismos, incluindo o ser humano, existem como membros de uma população, que, por sua vez, precisa ter flexibilidade para lidar com a variabilidade e as mu-



agricultores, pastores, pescadores, artesãos locais, como tapeceiros e carpinteiros, e assim por diante. De acordo com o ponto de vista dessas pessoas, tais *slogans* de liberdade representam o “capitalismo selvagem”, uma expressão normalmente empregada na América Latina para descrever a ordem mundial em que os mais fracos estão frequentemente condenados à pobreza e à miséria.

Embora as autoridades políticas das sociedades organizadas em estados procurem administrar e controlar as atividades econômicas para tentar regulamentar e cobrar impostos, nem sempre o conseguem. Seja em razão dos recursos insuficientes, do gerenciamento burocrático deficiente e da corrupção, seja por causa das pessoas que tentam escapar das regulamentações e dos cobradores de impostos, as sociedades organizadas em estados também possuem uma **economia informal** não documentada, uma rede de produção e circulação de bens e serviços que, por várias razões, escapam ao controle do governo (enumeração, regulamentação ou outros tipos de monitoramento ou auditoria pública).

Tais empreendimentos podem incluir muitas atividades: limpeza doméstica, cuidado de crianças, jardinagem, serviços de reparo ou construção, produção e venda de bebidas alcoólicas, comércio de rua, empréstimos financeiros, pedir esmolas, prostituição, jogo, tráfico de drogas, pequenos furtos e serviços realizados por trabalhadores estrangeiros ilegais, apenas para mencionar alguns deles.

Essas atividades sem registro, de mercado informal, são conhecidas há muito tempo, mas, no geral, são consideradas de importância marginal pelos economistas. Contudo, em muitos países, a economia informal é, na verdade, mais relevante que a formal. Em diversos países, um grande número de pessoas desempregadas ou com subempregos, que têm apenas acesso limitado ao setor da economia formal, na verdade improvisam e “se viram” com recursos escassos. Enquanto isso, os membros mais ricos da sociedade podem evitar várias regulamentações como forma de maximizar os lucros e/ou extravasar a frustração pela perda da autodeterminação em virtude do aumento das regulamentações governamentais.

Agora que a globalização está conectando os mercados locais, regionais e nacionais em que recursos naturais, produtos e mão de obra são comercializados, as pessoas se deparam com novas oportunidades econômicas e enfrentam novos desafios. A tecnologia de ponta transforma radicalmente os ambientes naturais com mais rapidez e as práticas de subsistência, os arranjos econômicos, as organizações sociais e as ideias, as crenças, os valores há muito estabelecidos também sofrem pressões enormes.

## Resumo do capítulo

- A adaptação, essencial para a sobrevivência, é o processo contínuo pelo qual os organismos passam a fim de adquirir um ajuste benéfico a um ambiente específico. O ser humano é único em sua capacidade de adaptação cultural – o complexo de ideias, atividades e tecnologias que permitem que as pessoas sobrevivam em determinado ambiente e, por sua vez, o modifiquem.
- Evolução cultural (a mudança das culturas com o tempo) não deve ser confundida com a ideia de progresso (a noção de que o ser humano se move para um estágio mais alto e mais avançado no desenvolvimento em busca da perfeição).
- O modo de vida de coleta de alimentos, a forma mais antiga e universal de adaptação humana, exige que as pessoas mudem a residência de acordo com as fontes de alimento. O tamanho do

grupo é pequeno, possivelmente porque um número menor de pessoas se ajusta à capacidade da terra para sustentá-lo. É óbvio que um habitat rico em recursos naturais pode sustentar mais pessoas que as terras marginais que atualmente abrigam os poucos grupos coletores ainda existentes.

- A mudança da coleta para a produção de alimentos, conhecida como Revolução Neolítica, iniciou-se há aproximadamente 10.000 anos. Com ela surgiram os povoados permanentes, à medida que as pessoas começaram a praticar a horticultura com ferramentas simples. Um modo comum de horticultura é o cultivo por queimadas. A agricultura, uma atividade mais complexa, envolve irrigação, fertilizantes e/ou arados de tração animal. O pastoreio é uma forma de subsistência que depende da criação de rebanhos de herbívoros domesticados, como gado, ovelhas e carneiros, bodes e cabras. Os pastores são geralmente nômades, mudando-se conforme necessário para que os animais obtenham pastagem e água.
- A Revolução Industrial teve início há 200 anos com a invenção do motor a vapor. O trabalho humano, a tração animal e as ferramentas manuais foram substituídos por máquinas e provocaram grandes mudanças culturais em muitas sociedades. Atualmente, em diversas partes do mundo, observa-se o surgimento de sociedades pós-industriais, com economias baseadas na pesquisa e no desenvolvimento de novos conhecimentos e tecnologias, assim como no fornecimento de informações, serviços e capital financeiro em escala global.
- Sistema econômico é um conjunto organizado para produção, distribuição e consumo de bens. O estudo da economia de sociedades não letradas (ágrafas) e não industrializadas somente pode ser realizado no contexto total da cultura de cada uma delas. Cada sociedade resolve os problemas de subsistência alocando recursos naturais, tecnologia e mão de obra conforme as próprias prioridades.
- Toda sociedade regulamenta a alocação de terras e de outros recursos valiosos. Em sociedades não industriais, é raro haver proprietários individuais de terra. Geralmente, a terra é controlada por grupos familiares, como o bando, o que dá flexibilidade ao uso, uma vez que o tamanho do grupo e do território ocupado podem ser ajustados conforme a disponibilidade de recursos em qualquer lugar específico. A tecnologia de um povo, ou seja, as ferramentas utilizadas e o conhecimento a elas associado, está relacionada à forma de subsistência.
- A mão de obra é o principal recurso para a produção, e a distribuição do trabalho é, no geral, determinada por regras conforme gênero e idade. Somente algumas generalizações amplas podem ser feitas sobre o tipo de trabalho realizado por homens e mulheres em cada cultura. Uma estratégia mais produtiva é examinar o tipo de trabalho que homens e mulheres realizam no contexto de sociedades específicas para observar como ele se relaciona a outros fatores históricos e culturais. A cooperação de muitas pessoas no trabalho conjunto é um aspecto típico de sociedades industriais e não industriais. A especialização de tarefas é importante mesmo em sociedades com tecnologias muito simples. Um dos inúmeros exemplos disso é o povo afar, que realiza a mineração de sal na Depressão de Danakil, na África.
- Uma característica das sociedades coletoras é o igualitarismo. Como esse modo de vida exige mobilidade, as pessoas acumulam apenas os materiais necessários para sobreviver; assim, as diferenças de *status* limitam-se àquelas com base em idade e gênero. As diferenças de *status*,

associadas a gênero, contudo, não implicam a subordinação das mulheres aos homens. Os recursos alimentares são distribuídos igualmente em todos os grupos; portanto, um indivíduo não consegue obter a riqueza ou o *status* que o acúmulo de bens pode proporcionar. Nas sociedades coletoras, os códigos de generosidade promovem o livre acesso a ferramentas, mesmo que sejam feitas para uso do próprio indivíduo que as fabricou. As comunidades estabelecidas em povoados têm mais oportunidades para acumular bens pessoais, e pode ocorrer desigualdade de riqueza entre as pessoas. Nessas comunidades, porém, uma ordem social relativamente igualitária pode ser mantida através de mecanismos niveladores, como a cerimônia *potlatch* e o sistema de cargos.

- Os povos não industriais consomem a maior parte do que produzem, mas também comercializam produtos. Os processos de distribuição podem ser identificados como reciprocidade, redistribuição e troca de mercado. Reciprocidade, a troca de produtos e serviços de valor aproximado entre duas partes, ocorre de três formas: (a) generalizada (o valor não é calculado, nem a data da retribuição é especificada); (b) equilibrada (a pessoa que recebe tem a obrigação de retribuir imediatamente); e (c) negativa (o objetivo é conseguir algo pelo menor valor possível).
- Troca refere-se à transação em que duas ou mais pessoas estão envolvidas na permuta de um produto por outro de valor igual. As trocas apresentam elementos de reciprocidade, mas envolvem mais cálculos sobre o valor relativo dos produtos negociados. A troca é um modo de comércio que não envolve moeda, e as partes negociam a permuta direta de um produto por outro. Pode também acontecer na forma de reciprocidade negativa, na qual uma parte procura obter lucro maior que a outra. Um exemplo clássico de troca que envolve a reciprocidade equilibrada e a barganha é o círculo Kula das ilhas Trobriand.
- É necessário haver uma organização política poderosa e centralizada para que ocorra redistribuição. O governo estabelece uma taxa ou tributo a cada cidadão, emprega esses recursos para sustentar o governo e a elite religiosa e redistribui o restante, geralmente na forma de serviços públicos. O sistema de cobrar impostos e oferecer serviços públicos e subsídios, em muitos países, é um modo de redistribuição.
- O consumo conspicuo, ou demonstração de riqueza para obter prestígio social, é uma força motivadora nas sociedades com excedente de produção. O prestígio vem da doação pública de produtos valiosos, como na cerimônia *potlatch*, que também é um exemplo de mecanismo nivelador.
- As trocas nos mercados servem para distribuir os produtos em uma região. Nas sociedades não industriais, o mercado é, no geral, um local específico, onde produtos, animais e outros itens são negociados. Também funciona como local de encontros e de atualização de informações. Embora as trocas de mercado possam ocorrer sem moeda, por meio de permutas e de outras formas de reciprocidade, algum tipo de moeda, pelo menos para transações especiais, torna essas trocas mais eficientes. Nas economias de mercado, o setor informal pode se tornar mais importante que o formal. A economia informal consiste de atividades econômicas que fogem do controle e das regulamentações oficiais.
- Atualmente, a abordagem antropológica aplicada à economia tem mais importância no mundo do comércio e do desenvolvimento internacional. Sem isso, os esquemas de desenvolvimento para os chamados países subdesenvolvidos estão provavelmente fadados ao fracasso, e o comércio internacional fica prejudicado em virtude de desentendimentos culturais.

## Conexão Biocultural

### Sobrevivência nos Andes: adaptação dos aimará às altitudes elevadas

Embora os seres humanos sejam uma espécie que se adapta por meio da cultura, alguns ambientes naturais apresentam desafios climáticos tão extremos que o organismo precisa realizar adaptações físicas a fim de sobreviver. A região alta dos Andes, na Bolívia, oferece um exemplo interessante de interação biocultural complexa, em que um determinado tipo de organismo humano, biologicamente adaptado, surgiu como resultado da seleção natural.

Conhecida como *altiplano*, essa região apresenta altitude média de 4 mil metros. Há milhares de anos, pequenos grupos coletores das regiões baixas e quentes subiram as montanhas em busca de caça e outros alimentos. À medida que subiam, ficava mais difícil respirar em virtude da diminuição da concentração molecular, a pressão parcial do oxigênio no ar. No entanto, ao chegar à região alta, fria e sem árvores, encontraram manadas de lhamas e plantas comestíveis resistentes, incluindo batatas, bons motivos para permanecer. Por fim (cerca de 4.000 anos atrás), seus descendentes domesticaram a lhama e a batata e desenvolveram um novo modo de vida como pastores e agricultores em altitudes elevadas.

A lhama fornecia carne e couro, além de leite e lã. A batata, fonte rica em carboidratos, tornou-se o alimento básico. Durante muitos séculos, os aimará cultivaram seletivamente mais de 200 variedades desse tubérculo em pequenas propriedades familiares. Cozinham para consumo imediato e também congelavam e secavam, como *chuño*, a principal fonte nutritiva dos aimará até hoje.

Ainda sobrevivendo como agricultores e criadores de subsistência nas regiões altas, os nativos aimará se adaptaram cultural e biologicamente ao frio e às condições difíceis do altiplano boliviano. Eles vivem e trabalham em altitudes extremamente altas (até 4.800 metros), onde a pressão parcial do oxigênio no ar é muito menor do que a maior parte das pessoas está acostumada.

Ao sofrer hipoxemia (oxigenação insuficiente do sangue), a resposta fisiológica normal à atividade física em tais altitudes é a respiração rápida e pesada. Muitas pessoas, quando visitam a região do altiplano, precisam de vários dias para se acostumar a essas condições. Ir para uma região muito alta, muito rápido, pode provocar *soroche* (mal da altitude), cuja resposta fisiológica pode ser hipertensão pulmonar, aceleração dos batimentos cardíacos, falta de ar, dor de cabeça, febre, letargia e náusea. Esses sintomas geralmente desaparecem quando a pessoa se aclimata, contudo, muitas se cansam com rapidez ao realizar atividades físicas consideradas normais.

Para os índios aimará, cujos ancestrais habitaram o altiplano há milhares de anos, a situação é diferente. Através de gerações de seleção natural, seu organismo se tornou biologicamente adaptado aos baixos níveis de oxigênio. Com o passar dos dias, é como se o corpo pequeno possuir um volume torácico incomum. Comparado ao dos vizinhos das regiões baixas e tropicais e ao da maior parte dos seres humanos, o coração e os pulmões maiores possuem quase 30% a mais de capacidade de difusão pulmonar para oxigenar o sangue. Resumindo, o torax distintamente grande dos aimará é uma evidência de sua adaptação biológica a atmosfera com pouco oxigênio de um habitat natural, onde sobrevivem como agricultores e pastores em altitudes elevadas.

(Ver Baker, P. (Ed.) *The biology of high altitude peoples*. Londres: Cambridge University Press, 1978; Rupert, J. L.; Hochachka, P. W. The evidence for hereditary factors contributing to high altitude adaptation in Andean natives: a review. *High Altitude Medicine & Biology*, v. 2, p. 2, p. 235-256, 2001.)

danças no ambiente natural que a sustenta. Em termos biológicos, essa flexibilidade significa que organismos diversos dessa população apresentam diferenças nos dotes genéticos naturais. Em termos culturais, significa que a variação ocorre nas habilidades individuais, no conhecimento e na personalidade. Na verdade, organismos e ambientes formam sistemas interativos dinâmicos. Embora o ambiente não determine a cultura, ele apresenta certas possibilidades e limitações: as pessoas podem cultivar ou pescar com facilidade, mas não se encontra um agricultor na tundra congelada da Sibéria, ou um pescador no meio do deserto do Saara.

Alguns antropólogos adotaram o conceito de ecossistema dos ecologistas, definido como um sistema, um todo que funciona, composto pelo ambiente natural e por todos os organismos que nele vivem. O sistema é limitado pelas atividades dos organismos, assim como por processos físicos, como erosão e evaporação.

### Adaptação na evolução cultural

Os grupos humanos se adaptam ao ambiente através da cultura. Entretanto, ela pode se modificar com o tempo: sofre **evolução cultural**. Esse processo, às vezes, é confundido com a ideia de **progresso**, a noção de que o ser humano se move para um estágio mais alto e mais avançado no desenvolvimento em busca da perfeição. Contudo, nem todas as mudanças são positivas, no longo prazo, tampouco melhoram as condições para todos os membros da sociedade, no curto prazo. As sociedades urbanas complexas não são mais evoluídas que as dos povos coletores. Ambas são altamente evoluídas, de formas bem diferentes.

Para se adequar a um ecossistema, o ser humano (como todos os organismos) deve ter potencial para se ajustar a ele ou se tornar parte dele. Um bom exemplo são os comanches, cuja história começa na região alta do sul do estado de Idaho.<sup>1</sup> Vivendo em uma região árida e difícil, esses indígenas norte-americanos sobreviviam de modo tradicional, se alimentando de plantas selvagens, pequenos animais e, ocasionalmente, de caça de maior porte. O equipamento material era simples e limitava-se ao que eles (e seus cachorros) conseguiam carregar ou puxar. O tamanho dos grupos era restrito e a pequena força social que conseguia se desenvolver estava nas mãos do xamã, uma combinação de curandeiro e guia espiritual.

Em algum momento de sua história nômade, os comanches se mudaram para leste, região das Grandes Planícies, atraídos pelas imensas manadas de bisões. Como grupos maiores conseguiam se sustentar com o suprimento novo e abundante de alimento, os comanches precisavam de uma organização política mais complexa. Por fim, adquiriram cavalos e armas dos europeus e de outros mercadores indígenas das regiões vizinhas. Isso aumentou de modo significativo sua capacidade para caçar e provocou o surgimento de chefes caçadores poderosos.

Os comanches passaram a praticar ataques para conseguir mais cavalos (pois não os criavam) e seus chefes caçadores se transformaram em chefes guerreiros. Os antigos caçadores-coletores, materialmente pobres e pacíficos, das regiões altas e secas ficaram ricos, e os ataques passaram a ser um modo de vida. Entre o fim do século XVIII e o início do XIX, eles dominaram as planícies do sul (atualmente Texas e Oklahoma). Ao se mudar de um ambiente para outro e adotar novas

<sup>1</sup> Wallace, E.; Hoebel, E. A. *The Comanches*. Norman: University of Oklahoma Press, 1952.

tecnologias, os comanches conseguiram aproveitar as capacidades culturais existentes para se desenvolver nessa nova situação.

Às vezes, sociedades que se desenvolveram independentemente uma da outra encontram soluções semelhantes para problemas parecidos. Por exemplo, os indígenas cheyenne se mudaram da região de florestas dos Grandes Lagos para as Grandes Planícies e assumiram uma forma de cultura que lembrava a dos comanches, embora o passado histórico-cultural dos dois grupos fosse significativamente diferente. (Antes de se transformarem em caçadores de bisão que utilizavam cavalos, os cheyenne eram

agricultores e colhiam arroz selvagem, o que promovia um conjunto distinto de práticas religiosas, políticas e sociais. Esse é um exemplo de **evolução convergente**, o desenvolvimento de adaptações culturais semelhantes, em condições ambientais similares, por povos diferentes, com culturas ancestrais distintas.

Particularmente interessante é o fato de que os cheyenne abandonaram por completo a agricultura e se concentraram de modo exclusivo à caça e à coleta, depois de se mudarem para as imensas pastagens, no norte das Planícies Altas. Ao contrário da noção popular de evolução como movimento progressivo para a manipulação cada vez maior do meio ambiente, esse exemplo etnográfico mostra que as mudanças histórico-culturais nas práticas de subsistência nem sempre ocorrem da dependência de alimentos selvagens para a agricultura; o inverso também pode acontecer.

Relacionada ao fenômeno da evolução convergente está a **evolução paralela**, em que adaptações culturais semelhantes a condições ambientais similares são realizadas por povos cuja cultura ancestral era de alguma forma parecida. Por exemplo, o desenvolvimento da agricultura no sudoeste da Ásia e na Mesoamérica (discutida no Capítulo 5) aconteceu de modo independente, pois os povos dessas regiões, cujo modo de vida já era comparável, se tornaram dependentes de uma pequena variedade de alimentos vegetais que exigiam a intervenção humana para sua proteção e sucesso reprodutivo. Ambos desenvolveram formas intensivas de agricultura, construíram grandes cidades e criaram organizações políticas e sociais complexas.

É importante reconhecer que adaptação cultural e evolução envolvem mudança e estabilidade; episódios de mudanças adaptativas importantes podem ser seguidos por longos períodos de estabilidade relativa em um sistema cultural.

Além disso, nem todos se beneficiam das mudanças, principalmente quando são forçadas. Como demonstra a história, dolorosamente, o ser humano, com muita frequência, provocou mudanças que tiveram resultados desastrosos, causando a morte de milhares, ou até mesmo de milhões, de pessoas, para não mencionar outras criaturas, e a destruição do ambiente natural. Em resumo, devemos evitar cair na armadilha etnocêntrica de equiparar mudança com progresso ou ver tudo como adaptativo.

## GLOSSÁRIO

**ecossistema** Sistema, um todo que funciona, composto pelo ambiente natural e por todos os organismos que nele vivem.

**evolução cultural** Mudança cultural ao longo do tempo (não deve ser confundida com progresso).

**progresso** Noção etnocêntrica de que o ser humano se move para um estágio mais elevado e mais avançado no desenvolvimento em busca da perfeição.

**evolução convergente** Na evolução cultural, o desenvolvimento de adaptações culturais semelhantes, em condições ambientais similares, por povos diferentes e com culturas ancestrais distintas.

**evolução paralela** Na evolução cultural, o desenvolvimento de adaptações culturais semelhantes, em condições ambientais similares, realizadas por povos cuja cultura ancestral era de alguma forma parecida.

**GLOSSÁRIO**

**coleta de alimentos** Modo de subsistência que envolve a combinação de caça, pesca e coleta de alimentos silvestres.

**sociedade industrial** Sociedade em que trabalho humano, ferramentas e tração animal são substituídos por máquinas, com economia baseada especialmente em grandes fábricas.

**Revolução Neolítica** Mudança cultural profunda que teve início há 10.000 anos, e associada ao início da domesticação de plantas e animais e do assentamento em vilas permanentes, provocou transformações radicais nos sistemas culturais e às vezes é chamada de transição neolítica.

**horticultura** Cultivo de plantações, realizado com ferramentas simples, como galhos ou enxadas.

**cultivo por queimada** Forma extensiva de horticultura, na qual a vegetação natural é cortada, queimada e o plantio é feito sobre as cinzas.

**MODOS DE SUBSISTÊNCIA**

As sociedades humanas, em todo o mundo, desenvolveram uma infraestrutura compatível com os recursos naturais disponíveis, dentro das limitações dos vários habitats em que viviam. Cada forma de subsistência envolve não somente os recursos, mas também a tecnologia exigida para obtê-la e utilizá-la de modo efetivo, assim como os tipos de organização de trabalho desenvolvidos para melhor atender às necessidades de uma sociedade. Nas próximas páginas, discutiremos os principais tipos de infraestrutura cultural, começando com o modo de subsistência mais antigo e universal: a coleta de alimentos.

**Sociedades coletoras**

Antes da domesticação de plantas e animais, todos os povos se sustentavam por meio da **coleta de alimentos**, modo de subsistência que envolve a combinação de caça, pesca e coleta de alimentos silvestres. Quando os coletores tinham a terra para si, podiam escolher os melhores ambientes. Mas, gradualmente, as áreas de solo rico e grandes suprimentos de água foram sendo apropriadas por sociedades agrícolas e, mais recentemente, por **sociedades industriais**, nas quais o trabalho humano, as ferramentas e a tração animal foram substituídos por máquinas. Como resultado, as pequenas comunidades coletoras foram forçadas a sair dos habitats tradicionais.

Atualmente, apenas cerca de 250 mil pessoas (menos de 0,005% da população mundial de mais de 6 bilhões de habitantes) ainda se sustentam como coletoras. Elas se encontram apenas em áreas marginais, na tundra congelada do Ártico, em desertos e florestas e, de modo típico, têm uma existência migratória. Como as culturas coletoras praticamente desapareceram em áreas com abundância natural de alimentos e recursos combustíveis, os antropólogos são cautelosos ao fazer generalizações sobre o passado antigo com base em estudos aprofundados sobre grupos coletoras ainda existentes que se adaptaram a habitats mais marginais.

**Características das sociedades coletoras**

De modo típico, os coletores têm uma dieta ampla e balanceada e é menos provável que sofram fome mais severa que os agricultores. Suas posses materiais são limitadas, como também o desejo de acumular bens. De maneira singular, eles têm muito tempo livre para se concentrar nos laços familiares, na vida social e no desenvolvimento espiritual; aparentemente, bem mais que as pessoas que vivem em sociedades agrícolas e industriais. Essas descobertas, de modo claro, desafiam a antiga visão de que os coletores tinham uma existência miserável.

Atualmente, as pessoas que sobrevivem de caça, pesca e coleta de alimentos selvagens não seguem um modo de vida antigo, porque não têm conhecimento desse aspecto. Ao contrário, as circunstâncias os forçaram a situações em que esse é o melhor meio de sobrevivência, ou simplesmente

preferem viver assim. Na verdade, a coleta constitui uma resposta racional a realidades ecológicas, econômicas e sociopolíticas específicas. Além disso, pelo menos por 2.000 anos, os grupos caçadores, pescadores e coletores atenderam a demanda por produtos, como peles, couro, penas, marfim, pérolas, frutos secos e mel, em grandes redes comerciais. Como qualquer pessoa, grande parte deles agora faz parte de um sistema maior, com relações sociais, econômicas e políticas que se estendem muito além das fronteiras regionais, nacionais ou mesmo continentais.

As características das sociedades coletoras (de modo particular daquelas que ainda, ou até recentemente, sobrevivem em áreas marginais que não são ricas em alimentos e combustíveis) incluem mobilidade e grupos pequenos. Eles se movimentam, conforme a necessidade, em uma região delimitada para recorrer a fontes de alimento naturalmente disponíveis. Um fator crucial para essa movimentação é a disponibilidade de água. A distância entre o suprimento de alimento e a água não deve ser grande, de modo que não seja necessário despender mais energia para recolher água do que para obter alimentos.

Outra característica da adaptação coletora é o tamanho reduzido dos grupos, tipicamente compostos de menos de cem pessoas. Ainda não se apresentou uma explicação completamente satisfatória, mas tanto os fatores ecológicos como os sociais estão envolvidos. Entre os fatores ecológicos está o número de pessoas que os recursos disponíveis conseguem sustentar em determinado nível de técnicas de coleta de alimentos. Isso exige o ajuste a mudanças sazonais e de longo prazo na disponibilidade de recursos. A densidade da população dos grupos coletores em ambientes marginais raramente excede uma pessoa por 2,6 km<sup>2</sup>, índice muito baixo.

Outras características importantes são o igualitarismo, a propriedade comum e a divisão flexível do trabalho por gênero, que serão discutidas na seção sobre economia, neste capítulo.

## Sociedades produtoras

Como descrito no Capítulo 5, a domesticação de plantas e animais iniciou-se há cerca de 10.000 anos com a **Revolução Neolítica**. Esse aspecto provocou transformações radicais nos sistemas culturais, com os coletores desenvolvendo novos padrões sociais e econômicos com base no cultivo de plantas ou no pastoreio. Embora a produção de alimentos tenha proporcionado fontes alternativas de nutrição e algum controle sobre os recursos vitais, os novos modos de vida nem sempre eram mais confiáveis que a coleta.

### Produção de alimentos: horticultura

Com o advento da domesticação de plantas, algumas sociedades adotaram a **horticultura** (do latim *hortus*, que significa "jardim"), em que pequenas comunidades cultivam safras com ferramentas simples, sem empregar irrigação ou arado. Tipicamente, os horticultores cultivam várias espécies de alimento em espaços reduzidos, limpos de forma manual. Como, no geral, não fertilizam o solo, utilizam determinada área apenas durante alguns anos, antes de abandoná-la e começar a plantar outra. Com frequência, os horticultores cultivam alimentos suficientes para sua subsistência e ocasionalmente produzem um excedente modesto que pode ser empregado em celebrações ou para troca entre aldeias. Apesar de a maior fonte de alimentos vir dessas hortas, muitos horticultores também pescam, caçam e coletam alimentos silvestres, quando há necessidade e oportunidade.



Uma das formas mais difundidas de horticultura, especialmente nos trópicos, é o **cultivo por queimada**, em que a vegetação natural é cortada e, em seguida, queimada e, então, o plantio é feito entre as cinzas. É um modo ecologicamente sofisticado e sustentável de cultivo de alimentos, em especial nos trópicos, quando realizada em condições corretas: baixa densidade populacional e extensão adequada de terra. Ela imita a diversidade do ecossistema natural, produzindo várias safras diferentes na mesma área. Juntas, as safras são menos vulneráveis a pestes e doenças do que se fossem cultivadas isoladamente.

Além de ser ecologicamente seguro, o sistema é muito mais eficiente em questão de energia que os métodos agrícolas modernos empregados em países desenvolvidos, como os Estados Unidos, onde os recursos naturais, como terra e combustíveis, ainda são relativamente baratos e abundantes, e muitas fazendas operam com suporte financeiro em forma de subsídios do governo ou incentivos fiscais. Enquanto a agricultura de alta tecnologia exige consumo de energia maior do que produz, a agricultura por queimada gera entre 10 e 20 unidades de energia para cada unidade consumida.

### **Produção de alimentos: agricultura**

Em contraste com a horticultura, a **agricultura** (do latim *agri*, que significa "campo") é o cultivo de alimentos, como grãos, tubérculos, frutas e verduras, em solo preparado e mantido para esse fim. Esse modo mais intensivo de produção envolve o uso de tecnologias como irrigação, fertilizantes e arados de tração animal. Nos países considerados desenvolvidos, a agricultura depende de tratores para produzir alimentos em áreas mais extensas. A engenhosidade de alguns dos primeiros agricultores encontra-se ilustrada na seção "Antropologia Aplicada" deste capítulo, com destaque para um sistema ecologicamente correto de irrigação e terraços (socalcos) nas montanhas, estabelecido há 1.000 anos.

Entre os agricultores, o cultivo de excedente é, no geral, substancial, fornecendo alimentos não somente para atender às próprias necessidades, mas também às de vários especialistas que trabalham em período integral e consumidores que não são horticultores. O excedente pode ser trocado por outros produtos ou por moeda, ou pode ser entregue pelos agricultores na forma de impostos, aluguel ou tributos (presentes forçados que reconhecem submissão ou proteção), como pagamento a proprietários de terras ou outros grupos dominantes. Esses proprietários e especialistas, como comerciantes, carpinteiros, ferreiros, escultores, artesãos e cortadores de pedras, tipicamente residem em vilas ou cidades, onde o poder político está centralizado nas mãos de uma elite social. Dominados por grupos e mercados mais poderosos, muito do que os agricultores fazem é determinado por forças políticas e econômicas sobre as quais eles têm pouco controle.

### **Características das sociedades produtoras de safras**

Um dos correlatos mais significativos do cultivo de safras foi o desenvolvimento de povoados fixos, onde as famílias de agricultores residem próximo às áreas cultivadas. A atividade de produção de alimentos deu origem a um tipo diferente de organização social. Como o trabalho de alguns membros do grupo fornecia alimento para todos, outros podiam empregar o tempo livre para criar e produzir o equipamento necessário para uma nova forma de vida sedentária. As ferramentas para arar e colher, os utensílios de cerâmica para armazenar e cozinhar, os tecidos para as roupas e as casas de pedra, madeira ou tijolos secos ao sol surgiram dessas condições sedentárias e modificaram a divisão do trabalho.

Zodolter 5/21/11

A Revolução Neolítica também provocou mudanças importantes na estrutura social. Primeiramente, as relações sociais eram igualitárias e pouco diferiam das que prevaleciam entre os povos coletores. Com o crescimento dos povoados, no entanto, muitas pessoas tiveram de compartilhar recursos importantes, como terra e água, e a sociedade tornou-se mais minuciosamente organizada.

## Antropologia Aplicada

### O antropólogo e o desenvolvimento da agricultura

Ann Kendall

Ao entender as práticas tradicionais de povos indígenas, os antropólogos sempre ficaram impressionados com sua engenhosidade. Essa percepção disseminou-se além da profissão, para todo o Ocidente em geral, criando a noção popular de que os grupos indígenas invariavelmente vivem um tipo de união feliz com o meio ambiente. No entanto, essa nunca foi a mensagem dos antropólogos, que sabem que os povos tradicionais são simplesmente humanos e, como tal, são capazes de cometer erros. Assim, da mesma forma que podemos aprender com seu sucesso, também podemos aprender com seu fracasso.

A arqueóloga Ann Kendall faz exatamente isso no Vale Patacancha, na região andina do sul do Peru. Ela é diretora e fundadora do Cusichaca Trust, com base em Oxford, Inglaterra, uma organização de desenvolvimento rural que revive antigas práticas agrícolas. No fim da década de 1980, após trabalhar por dez anos em projetos de escavações arqueológicas e desenvolvimento rural, ela convidou o botânico Alex Chepstow-Lusty, da Universidade de Cambridge, para investigar as mudanças climáticas e os dados paleoecológicos. Suas descobertas, e as de Ann Kendall, apresentaram evidências de agricultura intensiva no Vale Patacancha, que começaram aproximadamente há 4.000 anos. A pesquisa mostrou que, com o tempo, a limpeza da terra para estabelecer e manter áreas de cultivo e os terraços precários nas encostas resultaram no empobrecimento do solo através da erosão. Cerca de 1.900 anos atrás, a degradação do solo e o clima mais frio provocaram a redução dramática da agricultura. Então, há aproximadamente 1.000 anos, a agricultura renasceu, dessa vez com técnicas para proteger o solo.

As investigações de Ann Kendall documentaram a construção de terraços com irrigação intensiva, em vários períodos de ocupação, incluindo os dois principais, o desenvolvimento pré-inca e o inca ocorrido na região. Era um sistema sofisticado, elaborado para evitar a erosão e obter produção máxima. Exigia que os trabalhadores transportassem terra do vale para as montanhas. Além disso, eles plantavam um certo tipo de árvore (*aliso*, *alnus acuminata*) a fim de estabilizar o solo e servir como lenha para fogueiras e material de construção. Esse sistema foi tão bem-sucedido no período inca que a população do vale aumentou para cerca de 4 mil pessoas, praticamente o mesmo número de habitantes atual. No entanto, o destino provocou mudanças drásticas quando os espanhóis dominaram o Peru – os terraços e as árvores deterioraram.



Com essas descobertas, as informações e o conhecimento adquiridos por meio de entrevistas e encontros com a população local, o Cusichaca Trust apoiou a restauração de terraços e de 5,8 quilômetros de canal. Os esforços contaram com a mão de obra local, que empregou métodos e materiais tradicionais: argila (com uma mistura de cacto, para manter a umidade), rochas e solo. As famílias locais replantaram 160 hectares de terraços, agora renovados, com milho, batata, trigo e extensas culturas verdes, como favas (pergunto-me se poderíamos hoje incluir a quinua). A cultura em terraços irrigados aumentou consideravelmente a produção agrícola, tornando as áreas até dez vezes mais produtivas que outrora. Entre outras realizações, foram instalados 21 sistemas de água domésticos, que atendem mais de 800 famílias, e o conceito tradicional de horta doméstica foi adaptado para introduzir hortas no estilo europeu, a fim de melhorar a dieta e a saúde e facilitar o comércio. Desde 1997, esses projetos estão sob a administração de uma organização independente e local de desenvolvimento rural, conhecida como Adessa (Associação de Desenvolvimento Ambiental).

O Cusichaca Trust atualmente continua seu trabalho pioneiro em áreas peruanas de extensa pobreza, como Apurímac e Ayacucho, empregando tecnologia tradicional comprovada na restauração de antigos sistemas de canais e terraços.

(Adaptado de R. K. Greenfarming by the Incas? *Science*, v. 281, p. 323, 1998. A atualização e a elaboração do texto pelos autores baseiam-se em comunicação pessoal com Ann Kendall e relatórios do Cusichaca Trust. Para mais informações, visite [www.cusichaca.org](http://www.cusichaca.org).)

RPG RPS

### Criação de animais: pastoreio

Um dos exemplos mais notáveis de adaptação humana ao meio ambiente é o **pastoreio**, a criação e o gerenciamento de grandes rebanhos de herbívoros domesticados, como cabras, ovelhas, bois, cavalos, lhamas ou camelos.

Como dependem de animais para sobreviver, as famílias das culturas de pastoreio possuem manadas cujas necessidades de alimento e água determinam a rotina diária. Ao contrário dos agricultores, que precisam ficar próximo da área cultivada, os pastores de modo geral não possuem moradia permanente, pois devem seguir ou direcionar regularmente as manadas para regiões diferentes. Como seus animais, os pastores precisam se mudar, sendo assim, adaptaram seu modo de vida.

O pastoreio nômade é um modo de vida eficiente (muito mais que a criação de ovelhas ou gado em fazendas) em ambientes que são secos, frios, íngremes ou rochosos demais para a agricultura, como a região árida que se estende para o leste, do norte da África ao deserto da Arábia, através do planalto do Irã até o Turquistão e a Mongólia. Atualmente, apenas na África e na Ásia, há mais de 21 milhões de pastores que ainda migram com as manadas. Tais grupos nômades consideram o movimento parte natural da vida.

Embora os pastores nômades dependam muito dos animais para atender às necessidades diárias, eles comercializam os animais excedentes, o couro e a lã (e vários artigos artesanais, como tapetes) com agricultores e mercadores. Em troca recebem produtos como trigo, frutas secas,

#### GLOSSÁRIO

agricultura cultivo intensivo de terras, empregando arado, fertilizantes e irrigação.  
 pastoreio criação e gerenciamento de rebanhos migratórios de animais domésticos, como cabras, ovelhas, bois, cavalos, lhamas ou camelos.

temperos, chás, facas, panelas e chaleiras de metal, tecidos de algodão ou linho, armas e (mais recentemente) utensílios de plástico, lençóis etc. Em outras palavras, há muitos laços que os ligam às sociedades agrícolas e industriais.

A divisão do trabalho entre os pastores ocorre especialmente conforme a idade e o gênero. De modo típico, a tarefa principal dos homens adultos e dos rapazes mais velhos é cuidar dos animais. Em muitas sociedades de pastores, embora as mulheres e garotas mais velhas também cuidem dos animais, elas basicamente se encarregam de cozinhar, costurar, tecer, cuidar das crianças e carregar combustível e água.

## Sociedades industriais

Até aproximadamente 200 anos atrás, as sociedades humanas do mundo inteiro desenvolveram uma infraestrutura cultural com base em coleta, horticultura, agricultura, pastoreio, artesanato, comércio ou uma combinação desses modos de vida. Isso se modificou com a invenção do motor a vapor na Inglaterra, pois provocou uma revolução industrial que rapidamente se espalhou para outras partes do globo. Máquinas e ferramentas movimentadas por água, vento e vapor (em seguida, por petróleo, gás e diesel) substituíram o trabalho humano, a tração animal e as ferramentas manuais, aumentando a produção nas fábricas e facilitando o transporte em massa.

Nos séculos XIX e XX, ocorreu a industrialização em grande escala de muitas sociedades. As invenções tecnológicas que utilizam petróleo, eletricidade e, desde a década de 1940, energia nuclear provocaram mudanças dramáticas na organização econômica e social em escala mundial.

No fim do século XX, a revolução eletrônica digital tornou a distribuição de informações e serviços o centro da atividade econômica em algumas sociedades ricas. Essa transição de sociedade industrial para **sociedade pós-industrial** acontece principalmente em regiões dos Estados Unidos, Canadá, Japão e Europa Ocidental, onde as economias se tornam menos dependentes da produção em grande escala e da distribuição de produtos industrializados. Em vez de enormes fábricas, essas economias pós-industriais baseiam-se cada vez mais na pesquisa e no desenvolvimento de novos conhecimentos e tecnologias, assim como no fornecimento de informações, serviços e capital financeiro em escala global.<sup>2</sup>

## ECONOMIA E SUBSISTÊNCIA

Determinado sistema econômico é um conjunto organizado para produção, distribuição e consumo de bens. Uma vez que um povo, na busca por certo meio específico de subsistência, necessariamente produz, distribui e consome, é óbvio que nossa discussão sobre padrões de subsistência envolve os aspectos econômicos. Contudo, os sistemas econômicos englobam muito mais do que se discutiu até agora.

Embora os antropólogos tenham adotado teorias e conceitos de economia, a maioria reconhece que os princípios teóricos derivados do estudo de economias de mercado capitalistas têm aplicação limitada aos sistemas econômicos em sociedades que não são industrializadas e onde as pessoas não produzem e trocam bens para lucro próprio. Isso acontece porque, nessas sociedades que não

<sup>2</sup> Ritzer, G. *The coming of post-industrial society*. 2. ed. Nova York: McGraw-Hill, 2007.

**GLOSSÁRIO**

**sociedade pós-industrial** Sociedade cuja economia baseia-se na pesquisa e no desenvolvimento de novos conhecimentos e tecnologias, assim como no fornecimento de informações, serviços e capital financeiro em escala global.

**sistema econômico** Organização para produção, distribuição e consumo de bens.

**tecnologia** Ferramentas e outros equipamentos materiais, aliados ao conhecimento de como produzi-los e utilizá-los.

são consideradas estado, a esfera econômica de comportamento não se separa das esferas social, religiosa e política.

Em cada sociedade, costumes e regras específicas determinam o tipo de trabalho, quem o realiza, as atitudes em relação a ele, como é feito e quem controla os recursos necessários para a produção de bens, conhecimento e serviços necessários. Os recursos básicos em qualquer cultura são matéria-prima, tecnologia e mão de obra. As

regras que direcionam o uso desses recursos estão inseridas na cultura do povo e determinam como a economia opera em qualquer ambiente natural específico.

Rodolfo P. Graucetti

### Controle dos recursos naturais (terra e água)

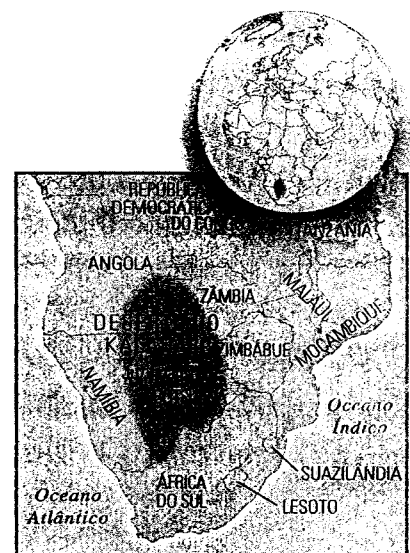
Rodolfo P. Graucetti

Toda sociedade regula a alocação de recursos naturais valiosos, principalmente terra e água. Os coletores devem determinar quem caça e coleta plantas e onde essas atividades acontecem. Os grupos que dependem da pesca ou da agricultura precisam decidir quem realiza qual tarefa, em que área de terra ou de água. Os agricultores devem ter alguma maneira para determinar o direito à terra e o acesso a suprimentos de água para irrigação. Os pastores necessitam de um sistema que estabeleça direitos a locais com água e pastagens, assim como a áreas por onde conduzir as manadas.

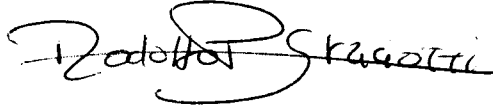
Nas sociedades capitalistas do Ocidente, geralmente prevalece o sistema de propriedade privada da terra e direito a recursos naturais. Por exemplo, embora existam leis elaboradas para regulamentar a compra, posse e venda de terras e recursos hídricos, se o indivíduo desejar realocar uma área valiosa para outros fins, normalmente obtém permissão.

Nas sociedades não industriais tradicionais, a terra, no geral, é controlada por grupos com afinidades ou parentesco, não por um único indivíduo. Por exemplo, entre os ju/'hoansi, do deserto do Kalahari, cada grupo de dez a trinta pessoas vive em uma área de aproximadamente 650 quilômetros quadrados, considerada seu território, seu próprio país. Esses territórios não são definidos por fronteiras, mas pelos locais onde existe água. A terra é "propriedade" dos membros mais antigos, de modo geral um grupo de irmãos e irmãs ou primos. Seu conceito de propriedade da terra, porém, não é fácil de ser traduzido nos termos ocidentais modernos de propriedade privada. Basta dizer que, de acordo com sua visão tradicional, nenhuma parte do território pode ser vendida ou trocada por outros produtos. Os estranhos devem pedir permissão para entrar no território (terra natal), mas negar a autorização seria algo impensável.

Os povos coletores costumam definir territórios com base em características básicas – poços de água (como entre os ju/'hoansi), rios e riachos (como entre os indígenas da região nordeste dos Estados Unidos), locais específicos onde se acredita que morem os espíritos ancestrais (como entre os aborígenes da Austrália),



ou qualquer outro aspecto. Os limites territoriais tendem a ser vagamente definidos e, para evitar atritos, os coletores podem designar parte de seu território como zona neutra, que também é utilizada pelos vizinhos. O valor adaptativo é óbvio: a extensão do território, assim como o tamanho do grupo, pode ser ajustado para equilibrar a disponibilidade de recursos em uma área específica. Tal ajuste seria mais difícil em um sistema de propriedade individual de um território com limites claramente demarcados.



## Recursos tecnológicos

Toda sociedade possui algum meio de criar e alocar ferramentas a fim de produzir bens, assim como tradição para transmiti-los às gerações seguintes. O número e os tipos de ferramenta utilizados por uma sociedade, que, aliados ao conhecimento sobre como produzi-los e usá-los constituem sua **tecnologia**, estão relacionados ao modo de vida de seus membros. Os coletores e pastores nômades que se movimentam com frequência possuem equipamentos mais simples e em menor quantidade que os povos sedentários, pois um número maior de ferramentas complexas prejudicaria a movimentação. Assim, o peso médio dos objetos pessoais dos coletores ju/'hoansi é de menos de 12 quilos, limitados ao essencial, como implementos de caça, coleta, pesca, construção e cozimento. Os pastores nômades, que contam com a ajuda dos animais para transporte, geralmente possuem mais objetos que os coletores, mas menos que as pessoas que vivem em locais permanentes.

Os coletores fabricam e utilizam várias ferramentas, muitas das quais são engenhosas e eficazes. Algumas são para uso próprio, mas, como o código de generosidade é grande, uma pessoa não pode se recusar a dar ou emprestar o que lhe é solicitado. As ferramentas podem ser dadas ou emprestadas em troca dos produtos resultantes de seu uso. Por exemplo, um ju/'hoansi que dá uma flecha a outro caçador tem o direito de receber uma parte dos animais caçados. O animal é considerado "propriedade" daquele cuja flecha o matou, mesmo que este não esteja presente na caçada. Assim, não faz sentido acumular luxos ou produtos excedentes, e o fato de um indivíduo não possuir significativamente mais que outro ajuda a limitar as diferenças de *status*.

Entre os horticultores, o machado, a vara para cavar e a enxada são as ferramentas básicas. Como são fáceis de produzir, quase todos podem possuí-las. Aquele que fabrica uma ferramenta tem direito a ela, mas, quando não está sendo utilizada, qualquer membro da família pode pedir para usá-la, e a solicitação raramente é negada. A recusa levaria as pessoas a tratarem o proprietário com desprezo pela falta de consideração. Se um parente ajuda a cuidar da plantação em troca de uma determinada ferramenta, ele se torna, em parte, proprietário do implemento, que não pode ser permutado ou presenteado sem sua permissão.

Em comunidades agrícolas permanentes, as ferramentas e outros bens produtivos são mais complexos, pesados e caros para fabricar. Portanto, a propriedade individual tende a ser mais absoluta, como são as condições em que as pessoas podem tomar emprestado e utilizar tais equipamentos. É fácil substituir um facão perdido durante o cultivo; no entanto, é muito mais difícil substituir um arado ou uma colheitadeira. Os direitos de propriedade de ferramentas complexas são aplicados com mais rigidez; no geral, a pessoa que pagou a compra de uma máquina é considerada única proprietária e pode decidir como e por quem será utilizada.

## Recursos e padrões da mão de obra

Além de matéria-prima e tecnologia, a mão de obra é um recurso chave em qualquer sistema econômico. Em todo o mundo há muitos padrões diferentes de mão de obra, mas dois deles estão quase sempre presentes nas culturas humanas: a divisão básica por gênero e por idade.

### Divisão do trabalho por gênero

Os antropólogos têm estudado extensivamente a divisão social do trabalho por gênero, em culturas de todos os tipos. A característica de trabalho realizado pelos homens ou pelas mulheres varia de grupo para grupo, mas, normalmente, cada um deles possui tarefas específicas. Por exemplo, as práticas, no geral, consideradas "trabalho de mulher" tendem a ser aquelas que podem ser realizadas perto da moradia e que são facilmente retomadas após uma interrupção. As tarefas historicamente consideradas "trabalho de homem" tendem a ser aquelas que exigem força física, mobilização rápida de grande quantidade de energia, viagens frequentes a certa distância da moradia e enfrentamento de altos níveis de risco e perigo.

No entanto, há muitas exceções, como aquelas em sociedades nas quais a mulher com frequência transporta cargas pesadas, ou passa muitas horas realizando trabalho árduo nos campos. Em algumas sociedades, a mulher faz quase três quartos de todo o trabalho e, em várias delas, também participa de combates. Há referências a mulheres guerreiras na história antiga da Irlanda, e as evidências arqueológicas indicam sua presença entre os vikings. No século XIX, no reino de Daomé, na região noroeste da África (atual Benin), milhares de mulheres serviram nas forças armadas do rei daomeano, e foram consideradas melhores lutadoras que os homens.

Durante a Segunda Guerra Mundial, dezenas de milhares de mulheres da Rússia e de outras nações soviéticas se engajaram em combates na linha de frente, defendendo a terra contra os invasores alemães. Atualmente, em muitos países, há mulheres nas forças armadas, mas apenas o Canadá, a Dinamarca, a França, a Alemanha e alguns outros permitem que elas participem de unidades de combate.

Em vez de procurar fatores biológicos chave para explicar a divisão social do trabalho, uma estratégia mais útil é examinar o tipo de trabalho que os homens e as mulheres realizam no contexto de sociedades específicas, a fim de entender como este se relaciona a outros fatores históricos e culturais. Os pesquisadores encontram um *continuum* de padrões, que variam da integração flexível entre homens e mulheres à rígida segregação por gênero.<sup>3</sup>

O *padrão flexível/integrado* é exemplificado pelos ju/'hoansi, discutido anteriormente, e é observado com mais frequência entre povos coletores (assim como entre comunidades nas quais o cultivo é tradicionalmente realizado para consumo familiar). Nessas sociedades, homens e mulheres têm participação praticamente igualitária em até 35% das atividades, e as tarefas consideradas adequadas para um gênero podem ser realizadas pelo outro sem perda de prestígio. Nas sociedades em que essas práticas prevalecem, as crianças são educadas do mesmo modo, aprendem a valorizar a cooperação, não a competição, e se habituem a homens e mulheres adultos que interagem de forma relativamente igualitária.

<sup>3</sup> Sanday, P. R. *Female power and male dominance: On the origins of sexual inequality*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1981. p. 79-80.

As sociedades que seguem o *padrão de segregação* definem quase toda tarefa como masculina ou feminina, então homens e mulheres raramente juntam esforços de qualquer natureza. Nessas sociedades, é inconcebível que alguém possa mesmo pensar em fazer algo considerado trabalho do sexo oposto. Esse padrão é frequentemente observado em sociedades industriais, de pastores nômades e de agricultura intensiva, nas quais o trabalho masculino mantém o homem fora de casa a maior parte do tempo. Em tais sociedades, espera-se, tipicamente, que o homem seja forte, agressivo e competitivo, o que com frequência envolve a afirmação da superioridade masculina; portanto, da autoridade sobre a mulher. Historicamente, as sociedades segregadas por gênero com assiduidade impõem seu controle sobre aquelas que apresentam integração, abalando a natureza igualitária desta.

No terceiro padrão de divisão de trabalho por gênero, às vezes chamado *configuração de dois sexos*, homem e mulher realizam o trabalho de modo separado, como nas sociedades segregadas por gênero, mas a relação entre eles é de complementaridade equilibrada, não de desigualdade. Assim, da mesma forma que nas sociedades integradas, um gênero não exerce dominância sobre o outro. A orientação de dois sexos pode ser observada em certos povos indígenas norte-americanos cuja economia baseava-se na agricultura de subsistência, assim como em vários reinos do noroeste da África, até mesmo o reino daomeano, mencionado anteriormente.

Em sociedades pós-industriais, a divisão do trabalho por gênero se torna indistinta e irrelevante, lembrando o padrão flexível/integrado dos coletores tradicionais, já discutido brevemente. Embora existam preferências por gênero e discriminação no local de trabalho, em sociedades que estão passando por transição econômica, as ideias culturais características de sociedades agrícolas ou industriais previsivelmente se modificam com o tempo, adaptando-se aos desafios e às oportunidades pós-industriais.

### **Divisão do trabalho por idade**

A divisão do trabalho de acordo com a idade também é típica de sociedades humanas. Entre os ju/'hoansi, por exemplo, não se espera que as crianças contribuam de modo significativo para a subsistência antes que cheguem ao fim da adolescência. Na verdade, enquanto não possuem os níveis de força e resistência do adulto, é difícil coletar grande quantidade de alimentos de "arbustos".

Entre os ju/'hoansi, o equivalente à aposentadoria acontece em torno dos 60 anos de idade. Os idosos, apesar de geralmente coletarem alimento para consumo próprio, não têm obrigação de fazer grandes contribuições. Entretanto, homens e mulheres mais velhas desempenham um papel essencial nas questões espirituais. Livres dos tabus alimentares e de outras restrições que se aplicam a jovens adultos, eles podem lidar com substâncias utilizadas em rituais e consideradas perigosas para aqueles que caçam ou que têm crianças. Em virtude da idade, lembram de práticas e eventos habituais que aconteciam no passado. Portanto, são repositórios de sabedoria acumulada, a biblioteca de um povo ágrafo, e conseguem apresentar soluções para problemas que os adultos mais jovens nunca tiveram de enfrentar. Considerados úteis pelo conhecimento que possuem, estão longe de ser membros improdutivos da sociedade.

Em muitas sociedades agrícolas tradicionais, as crianças e os idosos podem contribuir muito para a economia em questão de trabalho e responsabilidade, o que não é comum em sociedades industriais ou pós-industriais. Por exemplo, nas comunidades de lavradores maias, no sul do México



## GLOSSÁRIO

**reciprocidade** Troca de produtos e serviços de valor aproximado entre duas partes.

**reciprocidade generalizada** Forma de troca em que o valor do presente não é calculado, nem o período para retribuição é especificado.

**reciprocidade equilibrada** Forma de troca em que dar e receber são específicos com relação ao valor do produto e ao período de entrega.

**reciprocidade negativa** Forma de troca cujo objetivo é conseguir algo pelo menor valor possível. Não é justa nem equilibrada e pode envolver barganha, manipulação, trapaça direta ou roubo.

e da Guatemala, as crianças cuidam dos irmãos mais novos e ajudam no serviço doméstico. As meninas começam a contribuir substancialmente para o trabalho familiar aos 7 ou 8 anos de idade. Aos 11 anos, estão constantemente ocupadas com diversas tarefas: moer milho, preparar *tortillas*, recolher lenha e água, varrer a casa, e assim por diante. Os meninos não têm tanto a fazer, mas realizam pequenas tarefas, como recolher as galinhas ou brincar com o bebê. No entanto, aos 12 anos, carregam as *tortillas* assadas para os que

estão trabalhando no campo e retornam com cargas de milho.<sup>4</sup>

As crianças também trabalham nas sociedades industriais, pois as famílias pobres dependem de toda contribuição possível. No entanto, o desespero econômico pode facilmente levar à exploração abusiva de crianças em fábricas. O emprego do trabalho infantil se tornou uma preocupação cada vez maior, pois as grandes corporações capitalistas contam com a produção de baixo custo nos países mais pobres do mundo. É difícil apresentar números confiáveis, mas estima-se que há quase 200 milhões de crianças com menos de 14 anos trabalhando; quase todas vivem em países do Terceiro Mundo, nos quais a família depende da renda extra que recebem. Com apenas 6 ou 7 anos, muitas delas começam a trabalhar o dia inteiro, por salários extremamente ínfimos, o que ajuda a manter baixos os custos de produção. Embora os Estados Unidos tenham há muito aprovado leis que proíbem o trabalho infantil institucionalizado, importam pelo menos 100 milhões de dólares em produtos manufaturados por crianças que recebem salários irrisórios, que variam de tapetes e roupas a bolas de futebol.<sup>5</sup>

### Trabalho cooperativo

Grupos de trabalho cooperativo podem ser encontrados em todo lugar, em sociedades coletoras, produtoras de alimentos, industriais e não industriais. Com frequência, quando o esforço envolve toda a comunidade, o espírito festivo permeia o trabalho.

Em algumas partes do leste da África, os grupos de trabalho (ou mutirão) iniciam com a apresentação de um pote de cerveja de milho, o principal cereal, que será consumido após as tarefas. De produção caseira, a cerveja não é o pagamento pelo trabalho; na verdade, o esforço aplicado vale bem mais que isso. Certamente, o fato de tomarem essa bebida de baixo teor alcoólico, mas altamente nutritiva, com o grupo, é muito mais uma atividade simbólica para celebrar o espírito de amizade e apoio mútuo, visto que a recompensa vem à medida que os indivíduos, cedo ou tarde, participam de grupos de trabalho para outros membros da sociedade. Nas áreas rurais de todo o mundo, os agricultores, em geral, se ajudam mutuamente durante os períodos de colheita e fenação, compartilhando com frequência os equipamentos maiores.

Em grande parte das sociedades humanas, a unidade básica em que a cooperação acontece é o lar. É uma unidade de produção e consumo; apenas nas sociedades industriais esses dois aspectos foram separados.

<sup>4</sup> Vogt, E. Z. *The Zinacantecos of Mexico: A modern Maya way of life*. 2. ed. Fort Worth: Holt, Rinehart & Winston, 1990. p. 83-87.

<sup>5</sup> It's the law: Child labor protection. *Peace and Justice News*, n. 11, nov.-dez. 1997.

## Especialização em tarefas

Nas sociedades contemporâneas industriais e pós-industriais, há grande diversidade de tarefas especializadas; portanto, é difícil que um indivíduo conheça todas as que, no geral, são consideradas adequadas para sua idade e gênero. No entanto, embora a especialização tenha crescido, as tecnologias modernas fazem com que a divisão de trabalho com base em gênero seja menos relevante. Em contraste, nas sociedades de coleta em pequena escala e nas agrícolas tradicionais, a divisão do trabalho de modo típico ocorre conforme idade e gênero. Cada pessoa tem conhecimento de todos os aspectos do trabalho adequado para seu gênero e sua idade, e competência para realizá-lo. Contudo, mesmo nessas sociedades não industriais, há uma medida de especialização.

Um exemplo disso pode ser encontrado entre o povo afar, na Depressão de Danakil, na região de fronteira entre Eritreia e Etiópia, um dos lugares mais quentes e mais baixos da Terra.<sup>6</sup> O relevo desolado apresenta campos de enxofre, fissuras fumacentas, tremores vulcânicos e imensas planícies de sal. Há muito tempo, os homens periodicamente extraem o sal, recortando blocos da crosta da planície. O trabalho é desgastante, ainda mais com temperaturas que chegam a quase 60 °C.

Além da força física para trabalhar sob condições extremas, a extração exige planejamento especializado e habilidades de organização para se movimentar na área.<sup>7</sup> Os camelos precisam ser alimentados com antecedência, pois carregar forragem interfere na capacidade para transportar o sal. A água e o alimento, empacotados pelas mulheres na borda do deserto, devem ser levados aos mineiros, geralmente grupos de trinta a quarenta pessoas. A viagem acontece à noite, para evitar o sol escaldante.



## TROCA E DISTRIBUIÇÃO

Em sociedades sem economia monetária, as recompensas pelo trabalho são quase sempre diretas. Os trabalhadores de um grupo familiar consomem o que colhem, comem o que o caçador ou coletor traz para casa e utilizam as ferramentas que eles mesmos produzem. Contudo, mesmo onde não há um meio de troca formal, como a moeda, ocorre alguma distribuição de produtos. Os antropólogos frequentemente classificam os sistemas culturais de distribuição de bens materiais em três categorias: reciprocidade, redistribuição e troca de mercado.<sup>8</sup>

### Reciprocidade

**Reciprocidade** refere-se à troca de produtos e serviços de valor aproximado entre duas partes. Isso pode envolver presentear. Notavelmente, indivíduos ou grupos em muitas culturas acreditam que o ponto principal da transação é o presente em si, mas o que realmente importa são os laços

<sup>6</sup> Nesbitt, L. M. *Hell-hole of creation*. Nova York: Knopf, 1935.

<sup>7</sup> Mesghinua, H. M. Salt mining in Enderta. *Journal of Ethiopian Studies*, n. 4 v. 2, 1966; O'Mahoney, K. The salt trade. *Journal of Ethiopian Studies*, n. 8, v. 2, 1970.

<sup>8</sup> Polanyi, K. The economy as instituted process. In: LeClair Jr, E. E.; Schneider, H. K. (Eds.) *Economic anthropology: Readings in theory and analysis*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1968. p. 127-138.

sociais criados ou reforçados entre quem dá o presente e quem o recebe. Como a reciprocidade refere-se a uma relação entre o eu e o outro, o ato de presentear raramente é desinteressado. O motivo principal (se inconsciente) é cumprir uma obrigação social e talvez conseguir um pouco de prestígio no processo.

As tradições culturais determinam a ocasião, o lugar e a forma de troca. Por exemplo, quando um grupo de caçadores australianos mata um animal, a carne é dividida entre as famílias e outros parentes. Cada pessoa recebe uma parte, cujo tamanho depende da natureza dos laços que a ligam aos caçadores. Dar e receber são obrigatórios, como também a particularidade da distribuição. Essa divisão reforça os laços comunitários e garante que todos se alimentem. Ao doar parte da caça, os caçadores ganham créditos sociais para uma quantidade semelhante de alimento no futuro. De certa forma, é como adquirir um seguro coletivo.

A reciprocidade divide-se em várias categorias. A distribuição australiana constitui um exemplo de **reciprocidade generalizada** – forma de troca em que o valor do presente não é calculado, nem a data de retribuição é especificada. Presentear, com fim altruísta, também pertence a essa categoria, como ainda o ato de uma alma bondosa que ajuda certo motorista em dificuldades ou alguém em desespero e recusa o pagamento com a frase: “Faça o mesmo para alguém que precise”.

A reciprocidade mais generalizada, entretanto, ocorre entre parentes próximos ou pessoas com laços fortes. Nesses círculos íntimos, as pessoas dão presentes quando têm meios e sabem que vão receber quando precisarem. Tipicamente, os participantes não consideram essas trocas em termos econômicos, mas as expressam de forma explícita em questão de relações familiares e de amizade.

A **reciprocidade equilibrada** é diferente, pois não faz parte de um processo de longo prazo. O dar e receber, assim como o tempo envolvido, são mais específicos. A pessoa tem obrigação direta de retribuir prontamente no mesmo valor para que a relação social perdure. Exemplos de reciprocidade equilibrada na sociedade norte-americana contemporânea incluem práticas costumeiras como organizar o chá de bebê para a amiga que espera o primeiro filho, dar presentes em aniversários e várias outras ocasiões especiais, determinadas culturalmente, e pagar a bebida em um encontro de amigos.

A **reciprocidade negativa** é uma terceira forma de troca cujo objetivo é conseguir algo pelo menor valor possível. As partes envolvidas apresentam interesses opostos e geralmente não têm relação próxima; podem ser estranhos ou mesmo inimigos. São pessoas para quem as trocas não são justas nem equilibradas e normalmente não se espera que o sejam. Pode envolver barganha, manipulação ou trapaça direta. Um modo extremo de reciprocidade negativa é tomar algo à força, mesmo sabendo que a vítima poderá buscar compensação ou retribuição pela perda.

### Troca e comercialização

As trocas que ocorrem em um grupo de parentes ou entre amigos são normalmente do tipo reciprocidade equilibrada ou generalizada. *Troca* refere-se a uma transação em que duas ou mais pessoas estão envolvidas na permuta de um produto – uma quantidade de comida, combustível, roupas, joias, animais ou moeda, por exemplo – por outro de igual valor. Nessa transação, o valor dos bens pode ser estabelecido previamente ou negociado pelas partes no momento da troca. Quando não há moeda envolvida na transação, e as partes negociam a troca direta de um bem por outro, pode-se falar em *barganha*. Na barganha, a discussão sobre o preço do bem e os termos do negócio pode muito bem ser na forma de reciprocidade negativa, em que uma parte tenta obter lucro maior que a outra.

O valor relativo é calculado e, apesar de as partes mostrarem indiferença, a regra geral é a discussão, quando comparada à natureza mais equilibrada de trocas em um grupo. → *Trato Feito!*

### Círculo Kula: comércio e troca de presentes no Pacífico Sul

A reciprocidade equilibrada pode assumir formas mais complicadas, em que a troca de presentes serve para facilitar a interação social, “atenuando” as relações sociais entre os comerciantes que desejam negociar. Um exemplo etnográfico clássico de reciprocidade equilibrada entre parceiros comerciais que desejam ser amigos e, ao mesmo tempo, fazer negócios é o círculo Kula, no sudoeste do Oceano Pacífico. Ao envolver milhares de comerciantes que atravessam grandes distâncias e mantêm boas relações comerciais, esse antigo sistema cerimonial de trocas permanece até hoje.<sup>9</sup>

Os participantes do círculo Kula são homens de influência que viajam para as ilhas de Trobriand para trocar itens de prestígio: colares de conchas vermelhas (*soulava*) são trocados em sentido horário, e braceletes de conchas brancas (*mwali*), em sentido anti-horário (Figura 11.1). Cada homem do círculo Kula está ligado a parceiros das ilhas vizinhas. Para um parceiro que reside em uma ilha do sentido horário do percurso, ele oferece um *soulava* e recebe em troca um *mwali*. Então faz a troca inversa de um *mwali* por um *soulava* com um parceiro que vive no sentido anti-horário. Cada um deles, por fim, passa o objeto para outro parceiro das ilhas que fazem parte do círculo Kula.

O *soulava* e o *mwali* são classificados de acordo com o tamanho, a cor, o polimento que recebem e sua história específica. A fama de alguns é tal que, quando chegam a uma vila, criam sensação.

Tradicionalmente, os homens realizam a viagem pelo círculo Kula em canoas entalhadas, navegando com barcos de seis ou sete metros de comprimento em alto-mar, por distâncias de até cem quilômetros ou mais. A aventura é quase sempre perigosa e pode fazer com que fiquem longe de casa por várias semanas, às vezes meses. Embora as viagens ofereçam oportunidades para negociar produtos básicos, esse nem sempre é o motivo – o Kula também não é uma parte necessária dessas expedições comerciais regulares.

Talvez a melhor maneira de entender o Kula seja como uma apólice de seguro em uma ordem econômica repleta de perigos e incertezas.

Ele estabelece e reforça as parcerias sociais entre comerciantes que negociam em lugares distantes, garantindo uma recepção calorosa por parte daqueles que têm interesses semelhantes. Assim, essa rede cerimonial de trocas significa bem mais que simplesmente atenuar ou melhorar a troca de alimentos e outros produtos essenciais para a sobrevivência. Os melanésios que participam do círculo Kula não têm dúvida de que sua posição social está relacionada às relações que mantêm e os círculos em que se movimentam. Eles

#### GLOSSÁRIO

**círculo Kula** Forma de reciprocidade equilibrada que regula o comércio e as relações sociais entre os povos das ilhas Trobriand, no sudoeste do Oceano Pacífico, na costa de Papua Nova Guiné e outras ilhas da Melanésia.

**redistribuição** Modo de troca em que os produtos são enviados para um lugar central, onde são separados, empacados e realocados.

**consumo conspicuo** Forma de ostentação de riqueza para obter prestígio social.

**potlatch** Na costa noroeste da América do Norte, cerimônia em que um chefe distribui publicamente alimentos e outros produtos que simbolizam riqueza.

<sup>9</sup> Malinowski, B. *Argonauts of the western Pacific*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1922. p. 94; Weiner, A. B. *The Trobrianders of Papua New Guinea*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1988.

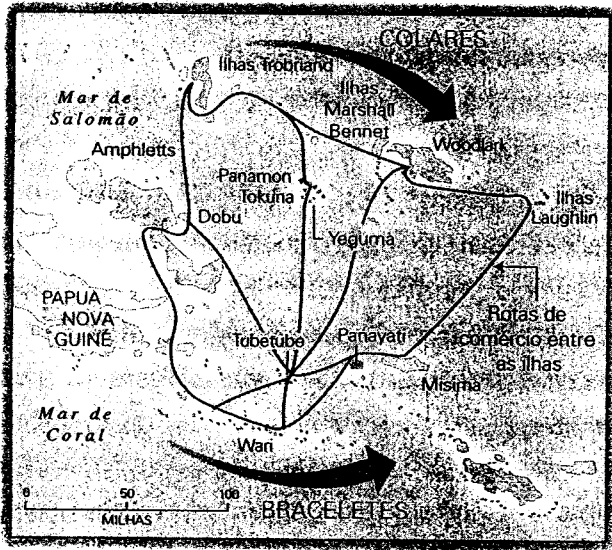


Figura 11.1 A troca cerimonial de presentes feitos de conchas no círculo Kula incentiva o comércio nas ilhas da Melanésia.

obtêm prestígio social em virtude da reputação dos parceiros e dos objetos de valor que circulam. Ao dar e receber braceletes e colares que acumulam a história de suas viagens e o nome daqueles que as possuíram, os homens proclamam sua fama e talento individuais, obtendo influência considerável nesse processo.

Como outras formas de moeda, o *soulava* e o *mwali* devem passar de mão em mão; quando esse processo para, ambos podem perder seu valor. Aquele que leva esses objetos valiosos para fora do circuito recebe críticas. Ele pode perder seu prestígio ou capital social como homem de influência, e também se transformar em alvo de feitiçaria por revelar a cultura que

mantém as ilhas unidas como uma ordem social e econômica em funcionamento.

Como ilustra esse exemplo do Pacífico Sul, a tensão potencial entre os parceiros de comércio pode ser resolvida ou atenuada pela participação em um ritual de reciprocidade equilibrada. Como um complexo de cerimônias elaboradas, relações políticas, trocas econômicas, viagens, mágica e integração social, o círculo Kula mostra como as questões econômicas não se separam do restante da cultura. Embora talvez seja difícil reconhecer, isso também acontece nas sociedades industriais modernas, do mesmo modo que na sociedade tradicional das ilhas Trobriand, quando os chefes de Estado trocam presentes em visitas oficiais.

## Redistribuição

Redistribuição é a forma de troca em que os produtos são levados para um lugar central, onde são separados, contados e realocados. Geralmente envolve uma parcela de poder. Em sociedades com excedente suficiente para suportar algum tipo de governo, os produtos em forma de presentes, impostos, taxas e resultado de guerras são armazenados em galpões controlados por um chefe, ou algum outro tipo de líder. Então, são repassados novamente. O líder apresenta três motivos para fazer a redistribuição: o primeiro é ganhar ou manter a posição de poder, demonstrando riqueza e generosidade; o segundo é garantir àqueles que apoiam sua liderança um padrão de vida adequado, proporcionando os bens desejados; o terceiro é estabelecer alianças com líderes de outros grupos, realizando festas suntuosas e oferecendo presentes valiosos.

Os impostos estabelecidos pelos governos centrais dos países em todo o mundo são uma forma de redistribuição, pagamentos exigidos normalmente com base em uma porcentagem da renda e dos valores de propriedade do contribuinte. Tipicamente, uma parte dos impostos serve para sustentar o próprio governo, enquanto o restante é redistribuído em forma de pagamentos (como previdência e empréstimos do governo ou subsídios) ou na forma de serviços (como defesa militar, cumprimento das leis, inspeção de alimentos e remédios, escolas, construção de rodovias, e assim por diante). As leis tributárias variam muito. Em diversos países europeus, os cidadãos ricos pagam consideravelmente mais impostos que os dos Estados Unidos.

### Gasto da riqueza para obtenção de prestígio

Nas sociedades em que as pessoas dedicam a maior parte de seu tempo a atividades de subsistência, as parcelas de riqueza são pequenas e, por isso, mantidas através de vários mecanismos e sistemas culturais de reciprocidades que servem para distribuir a riqueza existente. A situação é diferente nas sociedades de classe, que produzem excedentes substanciais e as diferenças entre os que têm muito e os que possuem pouco são consideráveis. Nessas sociedades, a demonstração exagerada para obter prestígio social, chamada **consumo conspícuo**, é um forte motivador para a distribuição da riqueza.

É evidente que o esforço excessivo para impressionar por meio da riqueza ou do *status* também tem papel importante nas sociedades industriais e pós-industriais, à medida que as pessoas competem para obter prestígio. Na verdade, muitos norte-americanos e europeus passam grande parte da vida tentando impressionar os outros. Isso exige a ostentação de símbolos de prestígio – roupas de grife, joias exuberantes, mansões gigantescas, carros enormes, jatos particulares – e se ajusta perfeitamente a uma economia com base no desejo de consumo.

Um modo de consumo conspícuo também ocorre em algumas sociedades coletoras e agrícolas, como ilustram as cerimônias *potlatch* realizadas pelos chefes de vários grupos indígenas norte-americanos que vivem ao longo da costa do Pacífico, incluindo os povos tlingit, haida e kwakwaka'wakw (Kwakiutl). O *potlatch* é uma cerimônia em que um chefe distribui publicamente alimentos e outros produtos que simbolizam riqueza. (O termo vem da palavra indígena chinook *patshatl*, que significa “presente”.<sup>10</sup>)

Tradicionalmente, um chefe que possui excedente suficiente para realizar tal festa em outras aldeias da região distribui grandes quantidades de couro de lontra do mar, salmão defumado, cobertores e outros objetos valiosos, enquanto faz discursos exagerados sobre sua generosidade, grandeza e seus ancestrais gloriosos. Na medida em que os outros chefes ficam em débito, ele colhe os louros da liderança generosa e repleta de êxito e vê seu prestígio crescer. No futuro, a própria aldeia talvez enfrente escassez, e ele então estará entre aqueles que recebem presentes. Caso isso aconteça, ele vai ouvir os discursos pomposos dos chefes rivais. Obrigado a receber, temporariamente perderá prestígio e *status*.

Em exibições extremas de riqueza, os chefes até mesmo destroem parte de suas preciosas posses. Isso acontecia com frequência na segunda metade do século XIX, depois que o contato com os europeus desencadeou um processo de mudança cultural que incluía riquezas resultantes de comércio. Um estranho pode considerar essas demonstrações grandiosas um desperdício exagerado. Entretanto, tais cerimônias extravagantes apresentam papel ecologicamente adaptativo na região da costa, onde as aldeias enfrentam, de modo alternado, períodos de escassez e de abundância e dependem de alianças e do comércio para sobreviver no longo prazo. O *potlatch* apresentava uma oportunidade cerimonial para distribuir de forma estratégica o excedente de alimentos e produtos entre as aliadas, em resposta a flutuações periódicas da sorte.

Uma estratégia que apresenta esse tipo de acúmulo de bens com o fim específico de ostentar riqueza e presentear para ganhar mais *status* é a **economia de prestígio**. Em comparação ao consumo

<sup>10</sup> Podemos também traduzir e “entender” presente como dádiva/dom que se recebe. Nesse sentido, ver a obra de Marcel Mauss, *Ensaio sobre a dádiva*. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, de 1925, que trata, entre outras coisas, sobre os métodos de troca nas sociedades consideradas primitivas. (NRT)

conspícuo nas sociedades industriais e pós-industriais, a ênfase não está no acúmulo de bens, que então se tornam inacessíveis para outras pessoas. Ao contrário, está na obtenção da riqueza, a fim de oferecer presentes simplesmente para obter prestígio e *status*.

### Mecanismos niveladores

O *potlatch* é um exemplo de mecanismo nivelador – uma obrigação cultural que faz com que os membros prósperos de certa comunidade deem presentes, promovam festas públicas, ofereçam serviços gratuitos ou demonstrem generosidade de qualquer outra forma, para que determinada pessoa não acumule de modo permanente mais riqueza que qualquer outra. Com os mecanismos niveladores em funcionamento, mais riqueza produz maior pressão social para gastar e doar generosamente. Com essa demonstração de altruísmo, a pessoa tem mais destaque social perante a comunidade e também evita a inveja devastadora.

Como os mecanismos niveladores enfatizam o valor do bem-estar coletivo sobre o interesse individual, são importantes para a sobrevivência das comunidades tradicionais no longo prazo. A cerimônia *potlatch* é apenas uma das diversas variedades culturais de mecanismos niveladores. Outro exemplo pode ser encontrado nas vilas maias, no altiplano da Guatemala e do sul do México. Nessas comunidades tradicionais, os cargos mais altos são os de conselheiros, juizes e prefeitos, além de várias posições de liderança em cerimônias. Uma vez que as pessoas que ocupam esses papéis não recebem pagamento, as posições são conhecidas como *cargos* (em espanhol *carga*). Na verdade, as autoridades maias devem pagar pessoalmente a comida, bebida, música, fogos de artifício, ou o que for necessário para as festividades da comunidade, ou pelos banquetes relacionados ao posto específico. Para alguns cargos, o custo pode ser o equivalente ao valor recebido por um homem em quatro anos.

Depois de cumprir o mandato, o homem geralmente retorna à vida normal por determinado período, durante o qual poderá acumular recursos suficientes para concorrer a um cargo mais elevado. Os homens bem-sucedidos da comunidade têm a obrigação social de participar do sistema de cargos da comunidade pelo menos uma vez, e a pressão social impulsiona os indivíduos que já conseguiram acumular riqueza excedente a concorrer a cargos mais altos a fim de aumentar seu *status* social. Teoricamente, enquanto alguns indivíduos conseguem mais prestígio que outros na comunidade, ninguém se torna significativamente mais rico no longo prazo.

Ao pressionar os membros a dividir a riqueza com a própria comunidade, em vez de mantê-la para si ou investir em outro lugar, os mecanismos niveladores mantêm os recursos em circulação. Eles também reduzem as tensões sociais entre parentes, vizinhos e conhecidos, promovendo o

senso coletivo de unidade. Um benefício prático adicional é que os membros mais ricos garantem que os serviços necessários para a comunidade sejam realizados.

### Mercado

Para um economista, **troca de mercado** refere-se à compra e venda de bens e serviços, com preços estabelecidos pelas regras de oferta e demanda. Os valores morais e a lealdade pessoal não devem

#### GLOSSÁRIO

**economia de prestígio** Criação de excedente com o fim específico de ostentar riqueza e presentear, a fim de aumentar o próprio *status* social.

**mecanismo nivelador** Obrigação cultural que faz com que os membros prósperos de uma comunidade deem presentes, promovam festas públicas, ofereçam serviços gratuitos ou demonstrem generosidade de qualquer outra forma, de modo que uma pessoa não acumule permanentemente mais riqueza que outra.

**troca de mercado** Compra e venda de produtos e serviços, com preços estabelecidos por regulamentação de oferta e demanda.

ser considerados importantes, mas, no geral, o são. Como o local da transação nem sempre é relevante, no mundo atual, é necessário distinguir entre “mercado” e “trocas de mercado”.

Tipicamente, até o século XX, as trocas eram realizadas em locais específicos, os *mercados*. Isso ainda acontece em grande parte do mundo não industrializado e mesmo em muitas cidades antigas da Europa e da Ásia. Nas sociedades produtoras, os mercados administrados por determinada autoridade política centralizada oferece oportunidades para que agricultores ou camponeses das áreas vizinhas troquem parte dos animais e produtos por itens necessários, manufaturados em fábricas ou nas oficinas de artesãos que (no geral) vivem nas cidades. Portanto, é necessário algum tipo de divisão complexa do trabalho e de organização política centralizada para o surgimento dos mercados.

O mercado tradicional é local, específico e controlado. Os preços são normalmente estabelecidos em transações pessoais, não por forças invisíveis completamente distantes do próprio mercado. As vendas não necessariamente envolvem moeda; os produtos podem ser negociados diretamente por meio de algum tipo de troca entre os indivíduos envolvidos.

Em sociedades industrializadas e em processo de industrialização, muitas transações ainda acontecem em um local específico, incluindo feiras internacionais de comércio, como a Canton Trade Fair, em Guangzhou, China. Na primavera de 2007, 13 mil empresas chinesas participaram do evento, oferecendo 150 mil produtos e gerando mais de 36 bilhões de dólares em vendas para 207 mil visitantes.

Contudo, nas regiões tecnologicamente conectadas, é cada vez mais comum comprar e vender de tudo, de gado a carros, sem estar na mesma cidade ou no mesmo espaço. Por exemplo, nas empresas que funcionam via internet, como o eBay, as transações ocorrem de forma eletrônica, independentemente da distância geográfica. Assim, quando se fala em mercado, no mundo industrializado ou pós-industrializado, a localização geográfica específica onde um produto é comprado ou vendido não tem nenhuma importância.

As trocas impessoais que acontecem nas sociedades industriais e pós-industriais contrastam muito com a experiência das sociedades não industriais, que apresentam o movimento atribulado de uma feira. Os centros tradicionais são lugares coloridos, nos quais uma grande quantidade de produtos desperta os sentidos. De modo típico, os vendedores e/ou os membros da família produzem o que vendem, personalizando as transações. Há apresentações de música e dança, e o fim do dia é marcado por celebrações. Nesses mercados, as relações sociais e as interações pessoais são elementos importantes, e as atividades não econômicas podem suplantar as econômicas. Resumindo, esses mercados são locais de encontro em que as pessoas renovam as amizades, encontram os parentes, conversam e se atualizam, enquanto procuram os bens de que precisam e os quais não produzem.<sup>11</sup>

### **Moeda como meio de troca**

Embora haja mercados sem moeda de qualquer tipo, ela com certeza facilita o comércio. A moeda pode ser definida como algo utilizado para efetuar pagamentos por outros produtos e serviços, assim como para medir seu valor. Suas características principais são: durabilidade, mobilidade, divisibilidade, reconhecimento e permutabilidade. Os itens utilizados como moeda em várias sociedades incluem: sal, conchas, pedras preciosas, sementes de cacau, contas, animais e, naturalmente, metais valiosos como ferro, cobre, prata e ouro.

<sup>11</sup> Plattner, S. Markets and marketplaces. In: Plattner, S. (Ed.) *Economic anthropology*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1989. p. 171.



**GLOSSÁRIO**

**moeda** Qualquer objeto usado para efetuar pagamentos por outros produtos e serviços, assim como para medir seu valor, pode ter fins específicos ou múltiplos.

**economia informal** Rede de produção e circulação de bens e serviços que, por várias razões, fogem do controle do governo.

Há cerca de 5.000 anos, na Mesopotâmia (agora parte do Iraque), metais preciosos, como a prata, começaram a ser empregados nas transações. Depois que o valor dessas peças foi estabelecido como meio de troca, moeda, seguiram-se outros desenvolvimentos comerciais mais complexos.

À medida que o meio de troca foi padronizado em termos de valor, tornou-se mais fácil acumular, emprestar ou pedir emprestado montantes específicos, por determinado período, com o pagamento de juros. Com o tempo, alguns indivíduos começaram a lidar apenas com moeda e se tornaram banqueiros.

A partir da disseminação da moeda, as unidades de metal foram adaptadas para uso prolongado, fácil armazenagem e transporte em longa distância. Em algumas culturas, essas peças de ferro, cobre ou prata eram cunhadas como miniaturas de implementos, como machados ou espadas. Entretanto, aproximadamente 2.600 anos atrás, no antigo reino de Lídia (sudoeste da Turquia), começaram a ser moldadas em forma de pequenos discos achatados, com tamanho e peso diferentes.<sup>12</sup> Durante os séculos seguintes, as moedas de metal foram padronizadas com relação à pureza e valor – por exemplo, 100 unidades de cobre equivalem a 10 unidades de prata ou 1 de ouro.

Cerca de 2.000 anos atrás, o emprego comercial dessas moedas havia praticamente se disseminado por toda a Europa e se tornado comum em partes da Ásia e da África, especialmente em rotas comerciais e centros urbanos. Portanto, a moeda provocou mudanças econômicas radicais em muitas sociedades tradicionais e introduziu o que se chama capitalismo de mercadores em muitas partes do mundo.<sup>13</sup>

**ECONOMIA LOCAL E CAPITALISMO GLOBAL**

Pode haver sérias consequências econômicas quando as tendências culturais não são superadas, principalmente na era da globalização. Por exemplo, isso fez com que países prósperos impusessem esquemas inadequados de desenvolvimento em partes do mundo consideradas economicamente subdesenvolvidas. De modo típico, esses esquemas se concentram em aumentar as metas de crescimento do produto interno bruto, por meio de uma escala de produção que, com frequência, melhora o bem-estar para alguns, mas provoca pobreza, deficiências de saúde, descontentamento e muitas doenças para outros.

Entre diversos exemplos, relata-se a produção global de soja, que cresceu demasiadamente em várias partes do mundo, em particular no Paraguai. Lá, os grandes proprietários de terra, aliados ao agronegócio, muitos dos quais são propriedade dos vizinhos brasileiros, agora produzem sementes modificadas geneticamente, desenvolvidas e comercializadas por companhias estrangeiras, em especial a corporação Monsanto, multinacional com base nos Estados Unidos. Apesar de esses proprietários de terra e de agronegócios terem apenas 1% do total de fazendas no Paraguai, possuem agora quase 80% das áreas agrícolas do país. Com a exportação da soja, obtêm lucros volumosos porque os custos de produção são baixos e a demanda internacional por alimento para gado e biocombustível é alta.

<sup>12</sup> Davies, G. *A history of money from the earliest times to present day*. 3. ed. Cardiff: University of Wales Press, 2005.

<sup>13</sup> Ver também Wolf, E. R. *Europe and the people without history*. Berkeley: University of California Press, 1982. p. 135-141.

No entanto, as vítimas do progresso são os pobres da área rural, centenas de milhares de pequenos agricultores e camponeses sem-terra, trabalhadores rurais e suas respectivas famílias. Eles, de forma tradicional, cultivam a maior parte do alimento que consomem (mais algum extra para vender nos mercados locais) em pequenas áreas; vários foram forçados a sair da terra que ocupavam e a trabalhar por salários muito baixos ou a migrar para cidades, ou mesmo para outros países, a fim de sobreviver. Aqueles que ficaram enfrentam a desnutrição e outras dificuldades, pois não possuem terra fértil suficiente para alimentar a família e não ganham o suficiente para as necessidades básicas.<sup>14</sup>

Esses aspectos estão relacionados ao fato de que toda cultura é um sistema integrado (como ilustra o modelo cilíndrico, ver Capítulo 8) e que uma alteração na infraestrutura, ou na base econômica, afeta os elementos interligados da estrutura e da superestrutura social da sociedade. Como demonstram os exemplos etnográficos do *potlatch* e do círculo Kula, as atividades econômicas nas culturas tradicionais estão interligadas de modo complexo com as relações políticas e sociais e também podem envolver elementos espirituais. Os programas de desenvolvimento que não consideram essas complexidades podem ter consequências negativas não intencionais para a sociedade. Felizmente, há agora a consciência cada vez maior por parte das autoridades de desenvolvimento de que os futuros projetos provavelmente não tenham êxito sem o conhecimento especializado da antropologia.

Atualmente, obter o entendimento transcultural da organização econômica de outros povos, que não seja distorcida ou limitada pela lógica, pela esperança e pelas expectativas da própria sociedade, também se tornou importante para os altos executivos. Reconhecer como a estrutura econômica se interliga a outros aspectos de uma cultura pode ajudar as empresas a evitar problemas, como aconteceu com a Gerber, quando iniciou a venda de comida para bebês, na África. Como nos Estados Unidos, os rótulos dos produtos mostravam a imagem de um bebê sorrindo. Somente mais tarde os executivos descobriram que, na África, as empresas rotineiramente colocam a imagem do próprio produto no rótulo, pois muitas pessoas não sabem ler.<sup>15</sup>

À medida que cresce a globalização, também aumenta a consciência empresarial sobre o custo da falta de informações culturais. Então, não é nenhuma surpresa que os recrutadores, nas universidades norte-americanas e em outros lugares, procurem candidatos com o tipo de conhecimento de mundo que a antropologia proporciona.

Quando essas oportunidades de trabalho envolvem ajudar uma empresa a explorar as pessoas para obter lucro comercial, o antropólogo deve considerar o primeiro princípio ético da profissão: não causar danos.<sup>16</sup> É importante destacar que o objetivo principal de empresas poderosas geralmente são os lucros milionários; esses objetivos não incluem proteger os fracos, beneficiar os pobres, apoiar os doentes, favorecer os pequenos produtores ou preservar o meio ambiente. Sua política é universalmente promovida por meio de *slogans* como “livre comércio”, “mercado livre” e “liberdade de empreendimento”. O sucesso comercial desses empreendimentos, nacionais ou internacionais, sempre tem um preço, geralmente pago por povos coletores nativos, pequenos

<sup>14</sup> Fogel, R.; Riquelme, M. A. *Enclave sojero*. Merma desoberania y pobreza. Assunção: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2005; Bodley, J. H. *Victims of progress*. 3. ed. Mountain View, CA: Mayfield, 1990. p. 141.

<sup>15</sup> Madison Avenue relevance. *Anthropology Newsletter*, n. 40, v. 4, p. 32, 1999.

<sup>16</sup> Os antropólogos brasileiros seguem o Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia – ABA ([www.abant.org.br](http://www.abant.org.br)). (NRT)

## Questões para refletir

1. Desde o início da história da humanidade, nossa espécie enfrenta o desafio da sobrevivência, adaptando-se a ambientes diferentes. Ao apreender os recursos naturais essenciais, também modifica esses ambientes. Cite exemplos de áreas radicalmente transformadas por motivos econômicos. Quem se beneficia com essas mudanças no longo prazo?
2. O que houve de tão radical na transição neolítica para que seja considerada uma revolução? Você tem conhecimento de mudanças igualmente radicais nas práticas de subsistência que acontecem hoje?
3. Como mostra a cerimônia *potlatch*, pode-se obter prestígio por meio da doação da própria riqueza. Esse mecanismo de desenvolvimento de prestígio ocorre na sociedade onde você vive? Em caso afirmativo, como ele funciona?
4. Como discutimos neste capítulo, as relações econômicas nas culturas tradicionais, no geral, estão ligadas a questões sociais, políticas e mesmo espirituais. Cite alguns exemplos de sua sociedade em que a esfera econômica esteja inextricavelmente ligada a outras estruturas do sistema cultural. A manipulação experimental da esfera econômica afeta outros aspectos da cultura?
5. Qual será o futuro de centenas de milhões de pastores e camponeses independentes que tentam sobreviver da terra, como seus ancestrais?

## Palavras-chave

Ecosistema; evolução cultural; progresso; evolução convergente; evolução paralela; coleta de alimentos; sociedade industrial; Revolução Neolítica; horticultura; cultivo por queimada; agricultura; pastoreio; sociedade pós-industrial; sistema econômico; tecnologia; reciprocidade; reciprocidade generalizada; reciprocidade equilibrada; reciprocidade negativa; círculo Kula; redistribuição; consumo conspicuo; *potlatch*; economia de prestígio; mecanismo nivelador; troca de mercado; moeda; economia informal.



# Sexo, Casamento e Família **12**

© Imago/Hoch Zwei/Imago Stock People/Latinstock



## INTRODUÇÃO VISUAL

Toda sociedade possui regras e costumes relacionados a relações sexuais, casamento, residência, estrutura familiar e criação dos filhos. Esses constructos culturais são importantes para estabelecer e manter as alianças sociais e a continuidade que ajudam a garantir o bem-estar geral da sociedade. Uma cerimônia de matrimônio não marca apenas o casamento entre indivíduos de famílias diferentes, mas também cria uma ligação entre os parentes das duas famílias. Como em muitos países, no Japão, o casamento representa uma mistura de estilos japoneses tradicionais e ocidentais contemporâneos. De acordo com a antiga tradição xintoísta (Shintō = “caminho dos deuses”), os noivos, como os da foto acima, posam com os parentes próximos e pessoas mais velhas que servem como intermediários na cerimônia. O noivo utiliza um quimono preto e hakama cinza, calças tradicionais que protegiam as pernas dos guerreiros montados em cavalos. A noiva veste um capuz branco, que simbolicamente esconde da sua sogra os “chifres do ciúme”, pois esta terá autoridade sobre ela na família de que passa a fazer parte. O branco do quimono simboliza a pureza. Outras mulheres da família da noiva usam preto. Ao fundo, vemos o templo sagrado de Meiji, em Tóquio, local favorito para cerimônias de casamento, dedicado aos espíritos divinos do imperador e de sua esposa. Após a cerimônia xintoísta, o sacerdote purifica o casal que, acompanhado de seus parentes mais próximos, toma saquê, bebida feita de arroz fermentado, simbolizando o vínculo entre as famílias.

**Controle das relações sexuais**

Casamento e regulamentação das relações sexuais

Tabu do incesto

Endogamia e exogamia

Distinção entre casamento e acasalamento

**Formas de casamento**

Monogamia

Poligamia

Casamento de grupo

**Escolha do cônjuge**

Casamento entre primos

Casamento entre pessoas do mesmo sexo

**Casamento e troca econômica****Divórcio****Família e residência**

Tipos de família

Famílias não tradicionais e residências

não familiares

**Padrões de residência**

Casamento, família e residência no mundo globalizado e informatizado

**Resumo do capítulo**

O comportamento sexual varia significativamente de uma sociedade para outra, pois a cultura é importante para determinar quando, como e entre quais pessoas as relações sexuais acontecem. Por exemplo, em algumas sociedades, as relações sexuais durante a gravidez é tabu; outras julgam tais relações como algo positivo, que promove o crescimento do feto. Enquanto algumas sociedades condenam veementemente as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, outras as aceitam.

Os hábitos de matrimônio também variam muito entre as culturas: a escolha do cônjuge, os rituais de casamento, os códigos de matrimônio e as regras (ou proibição) do divórcio. Em algumas, o matrimônio é um evento privado, do qual participam apenas os noivos, os parentes mais próximos e uma autoridade política ou espiritual que confirma de modo formal o ritual de união. Em outras, pode envolver todos os membros da comunidade e, às vezes, pessoas de comunidades vizinhas. Quando acontece o matrimônio de líderes de alta posição ou pessoas famosas, o evento pode se transformar em um espetáculo público com milhares de convidados e milhões de pessoas que o acompanham pela televisão ou pela internet.

Privado ou público, sagrado ou secular, o matrimônio revela, confirma e ressalta ideias e valores importantes de uma cultura. Rico em simbologia, geralmente apresenta rituais litúrgicos específicos, vestimentas, posturas e gestos, comida e bebida, música e danças predeterminadas, tudo transmitido de geração para geração.

**CONTROLE DAS RELAÇÕES SEXUAIS**

Em muitas partes do mundo, as relações sexuais fora do casamento normalmente não são permitidas, assim, são ocultadas, motivo de escândalo ou condenadas. Em uma sociedade dominada pelos homens, como o Japão, esse ideal cultural se aplica à mulher (muito mais que ao homem), como ressalta a cor branca da roupa da noiva. Contudo, a preocupação com a "pureza" sexual da noiva não é universal e, nas últimas décadas, diminuiu ou desapareceu em muitas sociedades.

Diferentemente dos indivíduos criados em famílias japonesas xintoístas tradicionais, os jovens solteiros nas Ilhas Trobriand, no Pacífico Sul, não sofrem repressão nas descobertas sexuais pré-maritais. Atrair um parceiro sexual é



um assunto relevante e os trobriandeses passam grande parte do tempo se enfeitando para se tornarem atrativos e sedutores. As conversas dos jovens, durante o dia, são repletas de insinuações sexuais e encantos mágicos; esses jovens também dão pequenos presentes para atrair um possível parceiro sexual para a praia, à noite, ou para a casa, onde os rapazes dormem separados dos pais. Como isso também acontece com as garotas, os jovens e adolescentes têm liberdade considerável para organizar seus encontros amorosos. Rapazes e garotas participam desse jogo com igualdade, um não tem vantagem sobre o outro.<sup>1</sup>

Até o fim do século XX, a atitude do povo de Trobriand em relação à sexualidade do adolescente apresentava grande contraste com a da maior parte das culturas ocidentais, nas quais os indivíduos não deveriam ter relações sexuais antes ou fora do casamento. Desde então, em grande parte dessas regiões, as práticas se modificaram e ficaram parecidas com as dos trobriandeses, embora o ideal tradicional de abstinência pré-marital não tenha sido inteiramente abandonado.

Além da grande variedade de práticas heterossexuais diferentes, também há muita diversidade transcultural referente a relações entre pessoas do mesmo sexo. Não raro, pode-se encontrar misturas de relações sexuais, como em muitas culturas da Melanésia, ou mesmo da Nova Guiné. Lá, certos atos sexuais entre homens fazem parte de ritos de iniciação exigidos de todos os garotos, para que se tornem adultos de respeito.<sup>2</sup> Por exemplo, algumas comunidades Papua, na Nova Guiné, consideram a transmissão de sêmen, dos mais velhos para os mais jovens, através do sexo oral, algo vital para desenvolver a força necessária a fim de criar proteção contra os efeitos supostamente debilitantes da relação heterossexual adulta.<sup>3</sup>

### Casamento e regulamentação das relações sexuais

Na ausência de métodos eficazes de controle de natalidade, o resultado normal da atividade sexual entre indivíduos férteis do sexo oposto é, cedo ou tarde, a gravidez. Em virtude do intrincado arranjo de responsabilidades sociais que envolvem a educação da criança nascida da relação – e o potencial para conflitos violentos resultantes da competição sexual não regulamentada –, não é nenhuma surpresa que todas as sociedades tenham regras culturais para controlar essas relações.

Em grande parte do Ocidente, onde a atividade sexual fora do casamento era tradicionalmente um tabu (em especial para as mulheres, nas sociedades dominadas por homens), espera-se que os indivíduos constituam família por meio do matrimônio, pois é através dele que uma pessoa passa a ter direito sexual exclusivo sobre outra. De acordo com a lei judaico-cristã, prescrita em Levítico 20:10, o adultério era punido com a morte: “Se algum homem se tornar réu de fornicção com a mulher de outro, e cometer adultério com a mulher de seu próximo, sejam punidos de morte tanto o adúltero quanto a adúltera”. O Deuteronômio 22:24, acrescenta: “[...] conduzirás um e outro à porta da cidade e serão apedrejados até a morte”.

#### GLOSSÁRIO

**casamento** União culturalmente sancionada entre duas ou mais pessoas que estabelece certos direitos e obrigações entre elas, seus filhos e também entre seus novos parentes advindos da união (parentes por afinidade). Tais direitos e obrigações matrimoniais, com frequência incluem, mas não estão limitados a sexo, trabalho, propriedade, criação dos filhos, trocas e *status*.

**tabu do incesto** A proibição de relações sexuais entre determinadas pessoas, geralmente entre pais e filhos e entre irmãos.

<sup>1</sup> Weiner, A. B. *The trobrianders of Papua New Guinea*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1988. p. 17.

<sup>2</sup> Kirkpatrick, R. C. The evolution of human homosexual behavior, *Current Anthropology*, n. 41, p. 385, 2000.

<sup>3</sup> Herdt, G. H. Semen transactions in Sambia culture. In: Suggs, D. N.; Mirade, A. W. (Eds.) *Culture and human sexuality*. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole, 1993. p. 298-327.

Muito tempo depois, entre os colonizadores cristãos da Nova Inglaterra, nos séculos XVII e XVIII, a participação da mulher no adultério continuava a ser um crime grave. Embora não fossem apedrejadas até a morte, as acusadas eram banidas da comunidade e poderiam ser presas. Como relata Nathaniel Hawthorne, em *A letra escarlata*, a adúltera era obrigada a usar a letra "A" no peito, assumindo publicamente sua transgressão.

Tais restrições continuam em muitas sociedades tradicionais muçulmanas, no norte da África e no oeste da Ásia, onde a antiga sharia ainda prevalece ou foi reestabelecida para regulamentar o comportamento social conforme os rígidos padrões religiosos da moralidade. De acordo com essa lei, as mulheres culpadas de manter relações sexuais fora do casamento podem ser apedrejadas até a morte. No norte da Nigéria, por exemplo, uma mulher muçulmana, que cometeu adultério e teve um filho fora do casamento, foi condenada à morte em 2002. Sua sentença foi, por fim, revogada por uma corte de apelação islâmica; contudo, o fato demonstrou que a lei sharia é obedecida. Ao transformar as transgressões legais em espetáculo público, as autoridades reforçam a consciência pública das regras de conduta social.

Um efeito positivo dessas regras é que limitam a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis. Por exemplo, a epidemia global de HIV/Aids teve impacto muito menor nos países muçulmanos do norte da África que nos estados não muçulmanos da África subsaariana, onde a taxa média de infecção de adultos é quase 17 vezes maior. As estatísticas ilustram de modo claro o impacto das proibições religiosas e culturais: a porcentagem de adultos infectados pelo vírus HIV é 0,1% na Argélia, no Marrocos e na Tunísia, em contraste com 18,8% na África do Sul, 24,1% em Botsuana e 33,8% na Suazilândia.<sup>4</sup>

Muitas culturas não regulamentam de maneira rígida os hábitos pessoais, incluindo as práticas sexuais. Na verdade, a grande maioria é considerada sexualmente permissiva ou semipermissiva (a primeira apresenta pouca ou nenhuma restrição à experiência sexual antes do casamento, a segunda permite, mas não tão abertamente). Poucas sociedades conhecidas, aproximadamente 15%, possuem regras exigindo que o envolvimento sexual aconteça apenas dentro do casamento.

Esse aspecto permite elaborar a definição antropológica de **casamento** – união culturalmente sancionada entre duas ou mais pessoas que estabelece certos direitos e obrigações entre as partes envolvidas, entre estas e seus filhos e também entre os parentes por afinidade. Tais direitos e obrigações matrimoniais com frequência incluem, mas não estão limitados a, sexo, trabalho, propriedade, criação dos filhos, trocas e *status*. Assim definido, o casamento é universal. Destacamos que nossa definição de casamento refere-se à união entre "pessoas", não entre "um homem e uma mulher", porque, em alguns países, o casamento entre pessoas do mesmo sexo é considerado socialmente aceitável e permitido por lei, embora o casamento entre pessoas de sexo diferente seja bem mais comum. Voltaremos a discutir esse assunto mais adiante, neste capítulo.

## Tabu do incesto

Assim como o casamento, em suas várias formas, existe em todas as culturas, também há o **tabu do incesto**, a proibição de contato sexual entre certos parentes próximos. Mas a definição de "próximo" não

<sup>4</sup> Aids Epidemic Update. Geneva: Joint United Nations Program on HIV/Aids (Unaid) and World Health Organization, 2007, p. 7, [www.unaids.org](http://www.unaids.org); ver também Gray, P. B. HIV and Islam: Is HIV prevalence lower among Muslims? *Social Science & Medicine*, n. 58, v. 9, p. 1751-1756, maio 2004.



é a mesma em todas as culturas. Além disso, essas definições podem sofrer mudanças com o tempo. Os objetivos e detalhes do tabu variam conforme a cultura e o tempo, mas quase todas as sociedades, do passado e do presente, proibiam e proíbem terminantemente as relações sexuais pelo menos entre pais e filhos e, quase sempre, entre irmãos. Em algumas sociedades o tabu se estende a outros parentes próximos, como primos, e mesmo alguns parentes ligados através do casamento.

O tabu do incesto há muito fascina os antropólogos, que propuseram diversas explicações para sua existência e variação transcultural. A explicação mais simples, baseada na ideia de “natureza humana”, é que a espécie humana tem uma repulsa “instintiva” pelo incesto. Já se documentou que os indivíduos criados juntos sentem menos atração sexual um pelo outro. Entretanto, o argumento de “desprezo pela reprodução familiar” pode simplesmente substituir o resultado pela causa. O tabu do incesto garante que pais e filhos, que estão em contato íntimo constante, evitem a possibilidade de relacionamento sexual. Além disso, se há certo horror instintivo, como podemos descrever as raras violações a esse tabu? (Nos Estados Unidos, por exemplo, estima-se que 10% a 14% das crianças e jovens menores de 18 anos já foram envolvidos em relações incestuosas.<sup>5</sup>)

Além disso, a chamada repulsa instintiva não explica o incesto institucionalizado, como o que exigia que o governante divino do antigo império Inca, no Peru, casasse com a própria (meia) irmã. Partilhando o mesmo pai, ambos pertenciam à dinastia política que obtinha o direito divino para governar o império de Inti, o deus Sol. E, em virtude da origem divina da linhagem real, seus filhos poderiam reclamar o mesmo *status* político sagrado dos deuses, com os humanos deus-pai e a deusa-mãe. Os antigos imperadores do Egito também praticavam o incesto, prescrito pela religião com base em direitos semelhantes a *status* divino.

Os primeiros estudiosos da genética argumentaram que o tabu do incesto impede os efeitos prejudiciais da endogamia. É verdade que, como acontece entre os animais domésticos, a endogamia pode melhorar as características desejadas, assim como as nocivas. Além disso, os efeitos indesejados surgem mais cedo sem endogamia, assim, os genes responsáveis por eles são rapidamente eliminados da população. Dessa forma, a preferência por um parceiro geneticamente diferente tende a manter um nível mais alto de diversidade genética. Na evolução, essa variação proporciona vantagens para a espécie, pois, sem diversidade genética, uma espécie não consegue se adaptar biologicamente às mudanças ambientais.

A endogamia, ou teoria do impedimento biológico, pode ser contestada em vários aspectos. Os registros detalhados dos censos realizados no Egito dominado pelos romanos, cerca de 2.000 anos atrás, mostram que casamentos entre irmãos não eram incomuns para os membros da classe agrícola.<sup>6</sup> Além disso, em uma amostra de 129 sociedades, a antropóloga Nancy Thornhill descobriu que apenas 57 tinham regras específicas contra o incesto entre pais e filhos ou entre irmãos. O dobro (114) possuía regras específicas para controlar a atividade entre primos, parentes afins (não consanguíneos) ou ambos.<sup>7</sup>

#### GLOSSÁRIO

**endogamia** Casamento dentro de um grupo ou categoria específica de indivíduos.

**exogamia** Casamento com membro de outro grupo.

<sup>5</sup> Whelehan, P. Review of incest, a biosocial view. *American Anthropologist*, n. 87, p. 678, 1985. Ver também Langan, P.; Harlow, C. [1984] *Child rape victims*. Washington: Bureau of Justice Statistics, U.S. Department of Justice, 1992.

<sup>6</sup> Leavitt, G. C. Sociobiological explanations of incest avoidance: a critical review of evidential claims. *American Anthropologist*, n. 92, p. 982, 1990.

<sup>7</sup> Thornhill, N. citado em Haviland, W. A.; Gordon, R. J. (Eds.) *Talking about people*. Mountain View, CA: Mayfield, 1993. p. 127.

Alguns antropólogos argumentam que o tabu do incesto existe como meio cultural a fim de preservar a estabilidade e a integridade da família, que é essencial para manter a ordem social. As relações sexuais entre membros da sociedade, além do marido e da esposa, introduziriam a competição, destruindo a harmonia de uma unidade social fundamental para a ordem social. Ainda é preciso desenvolver uma explicação realmente convincente para o tabu do incesto.

## Endogamia e exogamia

Qualquer que seja a causa, a utilidade do tabu do incesto pode ser entendida por meio do exame de seus efeitos na estrutura social. Estreitamente relacionadas às proibições contra o incesto estão as regras culturais contra a **endogamia** (do grego *endon*, “dentro” e *gamos*, “casamento”), o matrimônio entre indivíduos de um grupo específico (primos e parentes afins, por exemplo). Se o grupo é definido como a família imediata, então a sociedade geralmente proíbe ou, pelo menos, desencoraja a endogamia, promovendo, portanto, a **exogamia** (do grego *exo*, “fora” e *gamos*, “casamento”), o matrimônio fora do grupo. Porém, uma sociedade que pratica a exogamia em um nível pode praticar a endogamia em outro. Entre os trobriandeses, por exemplo, cada indivíduo deve casar fora de seu próprio clã e linhagem (exogamia). Contudo, como os parceiros sexuais elegíveis devem ser encontrados na própria comunidade, comumente se pratica a endogamia na vila.

É interessante notar que há muita variação nas sociedades com relação a quais parentes se encaixam ou não nas regras da exogamia. Por exemplo, o casamento entre primos em primeiro grau é proibido em muitos países onde a Igreja Católica Romana é, há muito tempo, uma instituição dominante. Esses casamentos também são considerados ilegais em 31 estados dos Estados Unidos. Não obstante, em muitas outras sociedades, os primos em primeiro grau são os cônjuges preferidos.<sup>8</sup> (Veja, na “Conexão Biocultural”, uma discussão sobre as proibições referentes a casamento nos Estados Unidos.)

Os primeiros antropólogos sugeriram que nossos ancestrais descobriram a vantagem do casamento entre membros de grupos diferentes como forma de criar laços de amizade ou alianças entre comunidades distintas. Ao ampliar a rede humana, um grupo maior de pessoas conseguia reunir recursos naturais e informações culturais, incluindo tecnologia e outros conhecimentos úteis.

A exogamia também pode ajudar a desenvolver e manter alianças políticas e promover o comércio entre os grupos, garantindo assim a proteção mútua e o acesso aos bens e recursos necessários que, de outro modo, não estariam disponíveis. Ao criar redes maiores de parentesco, a exogamia também integra grupos distintos e, portanto, reduz potencialmente conflitos violentos.

## Distinção entre casamento e acasalamento

Após definir o casamento, em parte, em termos de acesso sexual, é preciso esclarecer a distinção entre casamento e acasalamento. Todos os mamíferos, incluindo os seres humanos, formam pares para reprodução – alguns para a vida toda, outros não; alguns com um único indivíduo, outros com vários. O acasalamento garante e mantém o cônjuge exclusivamente através do esforço individual

<sup>8</sup> Ottenheimer, M. *Forbidden relatives: The American myth of cousin marriage*. Champaign: University of Illinois Press, 1996. p. 116-133.

## Conexão Biocultural

### Proibições de casamento nos Estados Unidos

*Martin Ottenheimer*

Nos Estados Unidos, cada estado possui leis próprias que proíbem o casamento entre alguns parentes. Todos os estados proíbem casamentos entre pais e filhos e entre irmãos, mas existe uma variação considerável nas proibições referentes a parentes mais distantes. Por exemplo, embora a maior parte dos estados condene o casamento entre primos de primeiro grau, 19 deles o permitem e outros o aceitam sob certas condições. É interessante destacar que os Estados Unidos são o único país do mundo ocidental que apresentam proibições contra o casamento entre primos em primeiro grau.

Muitos norte-americanos acreditam que as leis que impedem o casamento entre membros da mesma família existem porque os pais biologicamente próximos correm o risco de gerar filhos com deficiência física e/ou mental. Convencidos de que os primos em primeiro grau se encaixam nessa categoria de "proximidade", a população acredita que as leis contra o casamento entre primos de primeiro grau foram estabelecidas para proteger as famílias dos efeitos de genes nocivos.

Essa crença apresenta dois problemas importantes. Primeiro, a proibição do casamento entre primos foi estabelecida nos Estados Unidos muito antes da descoberta dos mecanismos genéticos das doenças. Segundo, a pesquisa genética mostra que os filhos de casais que são primos em primeiro grau não apresentam significativamente risco maior de problemas que os daqueles com parentesco distante.

Por que, então, alguns estados ainda mantêm essa crença? Para responder a essa pergunta, é interessante saber que as leis contra o casamento entre primos de primeiro grau surgiram nos Estados Unidos em meados do século XVIII, quando os modelos de evolução do comportamento humano se tornaram um modismo. Em particular, o modelo pré-darwiniano, que explicava a evolução social como dependente dos fatores biológicos, ganhou popularidade. Esse modelo pressupunha que o "progresso da selvageria para a civilização" seria possível quando o ser humano abandonasse a endogamia. Acreditava-se que o casamento entre primos era característico da selvageria, a forma mais baixa de vida social, e que inibia o desenvolvimento intelectual e social. O casamento entre primos passou a ser associado a comportamento "primitivo" e considerado uma ameaça a um país civilizado.

Desse modo, surgiu um mito poderoso na cultura popular norte-americana, que, desde então, passou a ser protegido por lei. Esse mito é mantido e defendido até hoje, às vezes com grande comoção, apesar de basear-se em uma teoria evolutiva desacreditada socialmente e contestada pelos resultados da pesquisa genética moderna.

Recentemente, um grupo de geneticistas publicou o resultado de um estudo sobre uniões consanguíneas, estimando que existe "um risco crescente de aproximadamente 1,7% a 2,8% de defeitos congênitos além do risco do histórico da população".<sup>4</sup> Além de ser uma estimativa alta, situa-se nos limites da margem de erros estatísticos. Mesmo assim, é um risco menor que o associado a filhos de mulheres com mais de 40 anos, as quais o governo não proíbe de se casar ou ter filhos.

(Por Martin Ottenheimer, Universidade Estadual do Kansas)

<sup>4</sup> Bennett, R. L. et al. Genetic counseling and screening of consanguineous couples and their offspring: recommendations of the National Society of Genetic Counselors. *Journal of Genetic Counseling*, v. 31, n. 2, p. 97-119, abr. 2002.

e do consentimento mútuo. Em contraste com o acasalamento, que é um assunto pessoal entre os indivíduos, o casamento é uma relação culturalmente reconhecida. Somente ele é sustentado por fatores sociais, políticos e ideológicos que regulamentam as relações sexuais e os direitos de reprodução e de propriedade e suas obrigações. Portanto, enquanto o acasalamento é biológico, o casamento é cultural. Isso fica evidente quando consideramos as várias formas que ele assume em cada cultura.

## FORMAS DE CASAMENTO

Nas sociedades e, mais ainda, entre as culturas, observamos contrastes nos constructos e nos contratos de casamento. Na verdade, como evidencia a definição de casamento apresentada anteriormente, esta instituição possui várias formas, distintas em termos de número e gênero dos cônjuges envolvidos.

### Monogamia

A **monogamia**, casamento em que ambos os parceiros têm apenas um cônjuge, é a forma mais comum em todo o mundo. Na América do Norte e na maior parte da Europa, é a única forma legalmente reconhecida. As demais são proibidas, e os sistemas de herança, que transferem riqueza e propriedades de uma geração para a outra, são fundamentados na instituição do casamento monogâmico. Em algumas partes do mundo, como América do Norte e Europa, onde as taxas de divórcio e casamento de divorciados são altas, uma forma cada vez mais comum é a **monogamia serial**, em que um indivíduo se casa com vários parceiros sucessivamente.

### Poligamia

Embora a monogamia seja a forma mais comum de casamento em todo o mundo, não é a preferida culturalmente. Essa distinção abrange a **poligamia** (indivíduo que tem vários cônjuges), especificamente a **poliginia**, situação em que um homem tem várias esposas (*gine*, em grego, significa “mulher” e “esposa”). Aceita por 80% a 85% das culturas de todo o mundo, a poliginia é comumente praticada em algumas regiões da Ásia e em grande parte da África subsaariana.<sup>9</sup>

Embora a poliginia seja a forma preferida de casamento nesses locais, a monogamia a supera, por razões econômicas, não morais. Em muitas sociedades políginas, nas quais no geral se espera que o noivo recompense a família da noiva em dinheiro ou em espécie, o homem deve ser razoavelmente rico para conseguir sustentar mais de uma esposa. Várias pesquisas recentes, realizadas em 25 países da África subsaariana, onde a poliginia é comum, mostram que essa prática diminuiu quase 50% desde a década de 1970; contudo, ainda permanece altamente significativa, com uma média de 25% de mulheres em uniões políginas.<sup>10</sup> Essa diminuição dramática apresenta muitos motivos, um dos quais está relacionado a famílias em transição econômica, da agricultura e do pastoreio tradicionais para áreas urbanas, onde subsistem principalmente do trabalho assalariado.

A poliginia é particularmente comum em sociedades produtoras tradicionais que subsistem da criação de animais ou do cultivo, nas quais a mulher é responsável pela maior parte do trabalho.

<sup>9</sup> Lloyd, C. B. (Ed.) *Growing up global: the changing transitions to adulthood in developing countries*. Washington: National Academies Press, Committee on Population, National Research Council, and Institute of Medicine of the National Academies, 2005. p. 450-453.

<sup>10</sup> Idem.

Nessas condições, ela é valorizada tanto para o trabalho quanto para a procriação. Como nas residências políginas o trabalho da esposa gera riqueza, e pouco se exige do marido, ela possui uma posição com alto poder de negociação. Geralmente, tem liberdade considerável para ir e vir e alguma independência econômica, resultante da venda de produtos artesanais ou da safra. A poliginia que gera riqueza é encontrada em seu refinamento completo em partes da África subsaariana e do sudoeste da Ásia, embora também exista em outros lugares.<sup>11</sup>

Nas sociedades que praticam a poliginia geradora de riqueza, a maioria dos homens e das mulheres é membro de casamentos políginos, embora alguns o façam mais cedo que outros. Isso é possível porque a razão entre sexo feminino e/ou da idade média da mulher para se casar é significativamente menor que a do homem. Na verdade, geralmente se encontra esse padrão de casamento em sociedades nas quais a violência, incluindo guerras, é comum e em que muitos homens morrem lutando. A alta taxa de mortalidade em combate resulta em uma população em que o número de mulheres excede o de homens.

Em comparação, nas sociedades em que os homens se envolvem mais no trabalho produtivo, geralmente poucos casamentos são políginos. Nessas circunstâncias, as mulheres dependem mais do homem para seu sustento, portanto, é mais valorizada pela capacidade de procriação que pela de trabalhar. Esse geralmente é o caso em sociedades de pastores nômades, nas quais o homem é proprietário e principal gerenciador dos animais. Tal aspecto faz com que as mulheres se tornem vulneráveis, caso sejam incapazes de procriar, um dos motivos pelos quais o homem poderá ter outra esposa.

Outra razão para que um homem tenha outras esposas é demonstrar sua alta posição na sociedade. No entanto, como ele realiza a maior parte do trabalho produtivo, deve trabalhar muito para sustentar mais de uma esposa, e poucos atualmente o fazem. Em geral, o caçador excepcional ou o xamã (curandeiro ou pajé), em uma sociedade coletora, ou um homem particularmente rico, em uma sociedade horticultora, agrícola ou pastoril, está mais propenso a praticar a poliginia. Quando o faz, no geral, é do tipo *sororal*, em que as esposas são irmãs. Como já viviam juntas antes do casamento, continuam a morar na mesma casa com o marido, em vez de ocuparem moradias separadas. A poliginia também ocorre em alguns lugares da Europa. Em 1972, por exemplo, as leis inglesas referentes a casamento foram modificadas para acomodar os imigrantes que tradicionalmente praticavam a poliginia. Desde então, os casamentos políginos são legais na Inglaterra para algumas minorias religiosas específicas, incluindo os muçulmanos e os judeus sefarditas. De acordo com um especialista em direito de família, o verdadeiro ímpeto por trás dessa mudança na lei foi a preocupação crescente de que “as esposas de imigrantes destituídas, abandonadas pelos maridos, estavam sobrecarregando a previdência social”.<sup>12</sup>

## GLOSSÁRIO

**monogamia** Casamento em que o homem ou a mulher possui apenas um cônjuge.

**monogamia serial** forma de casamento em que o homem ou a mulher se casa ou vive com vários parceiros sucessivamente.

**poligamia** Situação em que o homem ou a mulher tem vários cônjuges ao mesmo tempo; do grego *poli* (“muitos”) e *gamos* (“casamento”).

**poliginia** Casamento de um homem com duas mulheres ou mais, ao mesmo tempo; uma forma de poligamia.

**poliandria** Casamento de uma mulher com dois homens ou mais, ao mesmo tempo; uma forma de poligamia.

<sup>11</sup> White, D. R. Rethinking polygyny: Co-wives, codes, and cultural systems. *Current Anthropology*, n. 29, p. 529-572, 1988.

<sup>12</sup> Cretney, S. *Family law in the twentieth century: A history*. Nova York: Oxford University Press, 2003. p. 72-73.

## GLOSSÁRIO

**casamento de grupo** casamento em que vários homens e mulheres têm acesso sexual entre si, também chamado casamento conjunto.

Mesmo nos Estados Unidos, onde é ilegal, entre 20 mil e 60 mil pessoas vivem em residências compostas de um homem e duas ou mais esposas, nos estados que se localizam na região das Montanhas Rochosas.<sup>13</sup> A maioria se considera

mórmon, embora a Igreja Mórmon<sup>14</sup> oficial não aprove essa prática. Essa minoria crescente, entretanto, se autodenomina “polígama cristã” e cita a Bíblia como justificativa.<sup>15</sup> Apesar de ilegal, as autoridades regionais geralmente adotam a postura “melhor ignorar” em relação à poliginia. Uma mulher, advogada e uma entre nove esposas, assim expressa sua atitude em relação à poliginia:

Vejo que é a forma ideal para que uma mulher possa ter carreira e filhos. Em nossa família, as mulheres ajudam umas às outras com as crianças. Nas relações monogâmicas, a mulher não tem esse luxo. Acredito que, se esse modo de viver não existisse, teria de ser inventado para acomodar a mulher que deseja ter uma carreira profissional.<sup>16</sup>

Embora a monogamia e a poliginia sejam as formas mais comuns de casamento no mundo atual, existem outras. A **poliandria** (*andros*, em grego, significa “homem” ou “marido”), o casamento de uma mulher com dois ou mais homens, simultaneamente, é conhecida em poucas sociedades, talvez em parte porque a expectativa de vida da mulher é, no geral, maior que a do homem, e a taxa de mortalidade infantil feminina é, de certa forma, menor; assim, é provável haver um número maior de mulheres.

Sabe-se que poucas sociedades favorecem essa forma de casamento, mas ela está presente entre povos geograficamente distantes, como os inuítes, na região leste da América do Norte, os habitantes das Ilhas Marquesas, no Pacífico, e os tibetanos, na Ásia Central. No Tibete, onde a herança é transferida para os filhos homens e as terras cultiváveis são limitadas, o casamento de irmãos com uma única mulher (*poliandria fraternal*) evita que a terra seja repetidamente dividida entre os filhos, de uma geração para a outra. Ao contrário da monogamia, mantém baixo o crescimento da população, evitando assim as pressões cada vez maiores sobre os recursos. Finalmente, entre os tibetanos que praticam uma economia mista de agricultura, criação de animais e comércio, a poliandria fraternal reúne a mão de obra masculina adequada para as três atividades de subsistência.<sup>17</sup>

## Casamento de grupo

O **casamento de grupo** (também conhecido como *casamento conjunto*) é um arranjo raro em que vários homens e mulheres têm acesso sexual entre si. Entre os esquimós, no norte do Alasca, por exemplo, as relações sexuais entre indivíduos que não possuem parentesco implicam laços de ajuda e apoio mútuos. Para criar ou fortalecer esses laços, o marido pode emprestar a mulher a outro homem, para que mantenham relações sexuais temporariamente:

<sup>13</sup> Egan, T. The persistence of polygamy. *New York Times Magazine*, n. 52, 28 fev. 1999.

<sup>14</sup> Seu nome oficial é Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Também, há muitas décadas, presente no Brasil. (NRT)

<sup>15</sup> Wolfson, H. Polygamists make the Christian connection. *Burlington Free Press*, n. 2c, 22 jan. 2000.

<sup>16</sup> Johnson, D. Polygamists emerge from secrecy, seeking not just peace but respect. In: Haviland, W. A.; Gordon, R. J. (Eds.) *Talking about people*. 2. ed. Mountain View, CA: Mayfield, 1996. p. 129-131.

<sup>17</sup> Levine, N. E.; Silk, J. B. Why polyandry fails. *Current Anthropology*, n. 38, p. 375-398, 1997.

Assim, ao atrair e manter os membros de um grupo de caça, um umialik [capitão de navio baleeiro] pode emprestar sua esposa a um membro da tripulação e tomar a mulher deste em troca. Eles então passam a ter uma relação de parceria, quase tão forte quanto o parentesco. Os filhos, na verdade, mantêm uma relação reconhecida em virtude da troca de esposas.<sup>18</sup>

## ESCOLHA DO CÔNJUGE

O ideal igualitário ocidental de que um indivíduo deve ser livre para casar com quem desejar é um arranjo distinto que, com certeza, não é aceito universalmente. Em muitas sociedades, casar e estabelecer família são considerados algo muito importante para ser decidido conforme a vontade dos jovens. A relação individual entre duas pessoas que passarão a vida e educarão os filhos juntas é vista como secundária, enquanto o estabelecimento de alianças entre as duas famílias por meio dos laços do casamento é considerada uma questão mais séria. O matrimônio envolve a transferência de direitos entre as famílias, o que inclui os de propriedade e sobre os filhos, além dos sexuais. Portanto, o casamento tende a ser arranjado para que as famílias tenham vantagens econômicas e políticas.

Embora o casamento arranjado seja raro nas sociedades ocidentais, ele acontece. Entre as minorias étnicas, pode servir para preservar os valores tradicionais que, de outro modo, poderiam se perder. Entre as famílias ricas e poderosas, o casamento pode ser arranjado com a segregação dos filhos em escolas privadas e a condução cuidadosa para um matrimônio "apropriado". O "Estudo Original", a seguir, ilustra como o casamento pode ser arranjado nas sociedades em que essa prática é comum.

### Estudo Original Arranjo de casamento na Índia

*Serena Nanda*

Seis anos após minha primeira viagem à Índia retornei ao país para fazer uma pesquisa de campo sobre a classe média, em Mumbai, uma cidade moderna e sofisticada. Pela experiência da visita anterior, decidi incluir em meu projeto um estudo sobre casamentos arranjados. Eu já conhecia muitos casais cujo casamento fora arranjado e que pareciam muito felizes. Comparando o destino de muitos amigos casados, nos Estados Unidos, já em processo de divórcio, os aspectos positivos dos casamentos arranjados pareciam exceder os negativos. Na verdade, pensei até em participar diretamente do arranjo de um deles. Já havia conseguido, nos Estados Unidos, dar um jeito em muitos amigos e tinha certeza de que minhas habilidades casamenteiras poderiam ser facilmente aplicadas a essa nova situação, depois que aprendesse as regras básicas. "Afinal", pensei, "não deve ser muito complicado."

E uma oportunidade surgiu quase de imediato. Uma amiga que fiz na viagem anterior tentava arranjar o casamento do filho mais velho. Como a família dela era respeitável e o rapaz bem apresentável, muito educado e bonito, tinha certeza de que até o fim de meu ano de pesquisa de campo encontraríamos um par.

<sup>18</sup> Spencer, R. F. North Alaska Coast Eskimo. In: Damas, D. (Ed.) *Arctic: handbook of North American Indians*, v. 5. Washington: Smithsonian Institution, 1984. p. 320-337.

A regra básica parece ser a de que a reputação da família é mais importante. Os casais são arranjados apenas na mesma casta e na mesma classe social, embora se permitam arranjos com subcastas, se a posição da classe das famílias do noivo e da noiva for semelhante. Embora o dote agora seja proibido por lei na Índia, em todo casamento existe a troca de muitos presentes. Mesmo quando a família do rapaz não "faz exigências", a família da garota sente-se na obrigação de oferecer os presentes tradicionais à moça, ao rapaz e à família dele. Especialmente quando o casal vai viver com a família conjunta – com os pais do rapaz, os irmãos casados e respectivas famílias, e os irmãos solteiros, o que ainda é muito comum, mesmo entre as famílias de classe alta das cidades, na Índia –, os pais da garota ficam ansiosos para estabelecer relações de amizade entre sua família e a do rapaz. Oferecer os presentes adequados, mesmo que não seja chamado "dote", é geralmente um fator importante para influenciar as relações de parentesco entre as famílias e talvez, também, o tratamento que a noiva receberá no novo lar.



Em uma sociedade na qual o divórcio ainda é um escândalo e onde, na verdade, apresenta uma taxa extremamente baixa, um casamento arranjado é o começo de uma relação de parentesco que deverá durar a vida inteira, não só entre noiva e noivo, mas também entre as famílias de ambos. Portanto, apesar de a aparência da garota ser importante, seu caráter é mais ainda, pois ela é avaliada como provável nora tanto quanto como noiva. [...]

Minha amiga é esposa, mãe e nora muito querida. É religiosa, modesta e atenciosa, além disso, fala com suavidade. Não faz fofoca nem briga, duas qualidades altamente desejáveis em uma mulher. A família com reputação de fofocas e conflitos entre as mulheres não consegue com facilidade boas esposas para os filhos. [...]

Originária do norte da Índia, a família de minha amiga vive há quarenta anos em Mumbai, onde seu marido possui um negócio. A busca por uma noiva para o filho mais velho fora adiada porque ele era piloto da força aérea e, por vários anos, serviu em lugares tão remotos que não parecia vantajoso tentar encontrar uma garota que quisesse acompanhá-lo. Em sua classe social, a carreira militar, apesar da segurança econômica, possui pouco prestígio e é considerada uma desvantagem no momento de encontrar uma noiva adequada. [...]

O rapaz deixara o serviço militar e trabalhava com o pai. Como ele tinha ensino superior, era moderno, viajado e era bonito, pensei bem bonito, pareceu-me que ele – na verdade sua família – poderia determinar a escolha. Disse isso a minha amiga. Ela concordou que possuíam muitas vantagens, mas também disse: "Devemos ter em mente que meu filho é baixo e tem a pele escura, desvantagens na hora de encontrar o par perfeito". [...]

Uma fonte importante de contatos para tentar arranjar o casamento do rapaz era o clube do qual minha amiga participava em Mumbai. Muitas mulheres tinham filhas com idade adequada e algumas já haviam manifestado interesse no rapaz. Eu estava entusiasmada com as possibilidades de uma família em particular, que tinha cinco filhas, todas muito bonitas, recatadas e bem educadas. A mãe das garotas dissera a



minha amiga: "Você pode escolher para seu filho aquela que lhe agrada mais entre as minhas filhas". Havia uma candidata em vista. "Certamente", disse a ela, "encontraremos uma noiva lá. Vamos fazer uma visita e escolher." Mas minha amiga recuou; não parecia ter o mesmo entusiasmo que eu, por razões que, naquele momento, eu não conseguia compreender.

Quando insisti por uma explicação para sua relutância, ela admitiu: "Sabe, Serena, o problema é que a família tem muitas filhas, como conseguirá prover adequadamente cada uma das garotas? [...] Como é nosso filho mais velho, é melhor que se case com uma garota que seja filha única, então será realmente um acontecimento de gala". Argumentei que certamente a qualidade das garotas compensaria qualquer deficiência no requinte do casamento. Ela concordou com esse aspecto, mas ainda parecia relutante.

"Há outra coisa", perguntei, "algum fator que não percebi?" "Bem", ela finalmente admitiu, "existe outra coisa. Eles têm uma filha já casada que vive em Mumbai. A mãe sempre reclama que os parentes não permitem que ela visite a própria família com frequência. Então, fico imaginando, será que ela é o tipo de mãe que quer a filha sempre em sua casa? Isso atrapalhará a adaptação da garota em nossa casa. Não é bom." Assim, a família com cinco filhas foi descartada.

Mesmo desapontada, respeitei a opinião de minha amiga e passei para a próxima candidata. Também era filha de uma senhora do clube. Havia interesse claro nessa família e logo entendi o motivo. A reputação da família era excelente; na verdade, era de uma subcasta pouco mais alta que a de minha amiga. A garota, filha única, era bonita e bem-educada e tinha um irmão estudando nos Estados Unidos. Contudo, após demonstrar certo interesse, de repente tudo mudou e a busca começou mais uma vez.

"O que aconteceu com aquela garota?", perguntei a minha amiga, certo dia. "Você não fala mais dela. É tão bonita e educada, o que há de errado?"

"É educada demais. Decidimos que não serve. O pai de meu marido a viu no ônibus outro dia e a descartamos. Uma garota que 'anda' pela cidade sozinha não serve para nossa família." Fiquei ainda mais desapontada, pois acreditava que o rapaz teria gostado muito dela. [...] Aprendi que, se a família da garota tem *status* social pouco mais alto que a família do rapaz, a noiva talvez ache que é boa demais e isso também pode criar problemas. [...]

Depois de mais uma candidata, que minha amiga não achou bonita o suficiente, quase seis meses se passaram e eu estava ansiosa. Ela ria de minha impaciência. "Não tenha pressa, vocês norte-americanos querem tudo muito rápido. Casam em pouco tempo e logo se divorciam. Aqui pensamos em casamento com mais seriedade. Precisamos considerar todos os fatores. Para nós, não basta aprender com os próprios erros. É algo muito sério. Se cometermos um erro, arruinamos a vida de nosso filho ou filha e a reputação da família também. Assim, ficará mais difícil para os irmãos e irmãs se casarem. Então precisamos ter muito cuidado."

O que ela disse era verdade e prometi a mim mesma ter mais paciência. Eu realmente esperava encontrar uma noiva antes que meu ano na Índia terminasse. Mas não foi o que aconteceu. Quando deixei a Índia, minha amiga não parecia empenhada em encontrar uma noiva adequada para o filho.

Dois anos depois, quando voltei para o país, ela ainda não havia encontrado uma noiva para o filho, que já tinha quase 30 anos, e percebi que estava um pouco preocupada. Como sabia que eu tinha amigos em toda a Índia e que ficaria lá por um ano, pediu-me que "a ajudasse nessa tarefa" e ficasse de olhos abertos para tentar encontrar uma garota adequada. [...]

Quase no fim de minha permanência de um ano na Índia, conheci uma família que tinha uma filha em idade de casar e achei que poderia ser uma boa candidata para o rapaz. [...] Essa família tinha um negócio bem-sucedido, em uma cidade de tamanho médio na região central da Índia, e pertencia à mesma sub-casta que a de minha amiga. A filha era bonita e chique; na verdade, havia estudado moda na faculdade. Os pais não a deixaram ir sozinha para qualquer uma das cidades importantes da Índia, onde poderia fazer carreira, mas concordaram com sua vontade de trabalhar e permitiram que montasse uma pequena confecção em casa. Apesar do desejo de ter uma carreira, a garota, que tivera uma criação tradicional e protetora, era modesta e adorava a casa.

Quando mencionei a possibilidade de casamento com o filho de minha amiga, os pais da garota ficaram muito interessados. Embora a filha não estivesse ansiosa para casar, a ideia de viver em Mumbai, uma cidade sofisticada e extremamente consciente em relação à moda, onde ela poderia continuar a estudar, foi um grande incentivo. Dei aos pais o endereço de minha amiga e sugeri que, quando fossem à cidade, procurassem a família.

Ao retornar a Mumbai, a caminho de Nova York, contei a minha amiga sobre a nova candidata. Ela pareceu achar que havia potencial, mas, apesar de minha insistência, não tomaria a iniciativa. Preferia esperar que a família da moça entrasse em contato.

Um ano mais tarde recebi uma carta dela. A família realmente fora visitá-los; a noiva em potencial e a filha de minha amiga, com quase a mesma idade, haviam se tornado boas amigas. Durante aquele ano, elas se visitaram com frequência. As coisas pareciam promissoras.

Na semana passada recebi um convite de casamento: o filho de minha amiga e a garota iam se casar. Como eu encontrara a noiva, minha presença era especialmente requisitada na cerimônia. Fiquei emocionada. Finalmente conseguira! Enquanto me preparava para a viagem, pensava: "Agora, é a vez do filho mais jovem, qual conhecido tem uma filha para ele [...]?"

(Extraído de Serena Nanda. Arranging a marriage in India. In: De Vita, P. R. (Ed.) *The naked anthropologist*. Belmont: Wadsworth, 1992, p. 139-143.)

## Casamento entre primos

Enquanto algumas sociedades proíbem o casamento entre primos, em outras, certos primos são os parceiros preferidos. Um **primo paralelo** é filho(a) do irmão do pai ou da irmã da mãe (Figura 12.1). Em algumas sociedades, o cônjuge preferido para um homem é a filha do irmão do pai ou, do ponto de vista feminino, o filho do irmão do pai. Chama-se *casamento com primo(a) paralelo(a) patrilateral*. Embora não fosse obrigatório, esse tipo de matrimônio era favorecido historicamente entre os árabes, os antigos israelitas e os antigos gregos. Todas essas sociedades são (ou eram) hierárquicas por natureza, isto é, algumas pessoas têm *status* maior que outras porque possuem mais poder e propriedades e, apesar de enfatizar a dominação e a descendência masculina, a propriedade de valor para o homem é herdada tanto pelas filhas como pelos filhos. Portanto, quando um homem se casa com a filha do irmão do pai (ou a mulher, com o filho do irmão do pai), a propriedade permanece na linha de descendência masculina única. Nessas sociedades, genericamente falando, quanto maior a propriedade, maior a possibilidade de ocorrência desse tipo de casamento entre primos paralelos.

Um primo(a) cruzado(a) é filho do irmão da mãe ou da irmã do pai (ver Figura 12.1). Algumas sociedades favorecem o casamento com primo(a) cruzado(a) *matrilateral* – o casamento do rapaz com a filha do irmão da mãe, ou da jovem com o

filho da irmã do pai. Essa preferência existe entre povos coletores (como os aborígenes da Austrália) e em algumas culturas agrícolas (incluindo vários povos do sul da Índia). Entre povos coletores, que herdavam relativamente pouco em termos de propriedade, esses casamentos ajudam a estabelecer e manter os laços de solidariedade entre os grupos sociais. Nas sociedades agrícolas, porém, a transmissão da propriedade é um determinante importante. Nas sociedades que traçam a descendência exclusivamente na linha feminina, por exemplo, as propriedades e outros direitos importantes geralmente são transmitidos do homem para o filho de sua irmã; nos casamentos entre primos cruzados, o filho da irmã também é o marido da filha.

**GLOSSÁRIO**

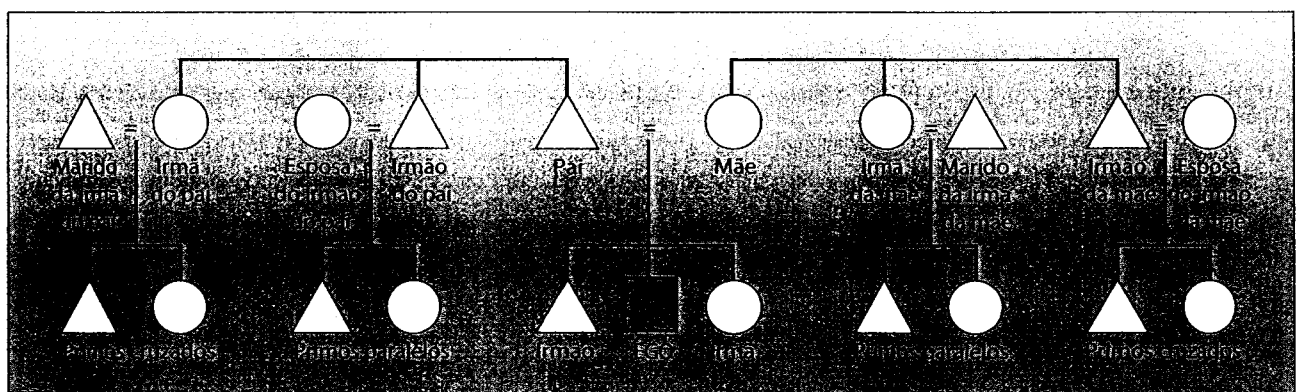
primo(a) paralelo(a) filho(a) do irmão do pai ou da irmã da mãe

primo(a) cruzado(a) filho(a) do irmão da mãe ou da irmã do pai

### Casamento entre pessoas do mesmo sexo

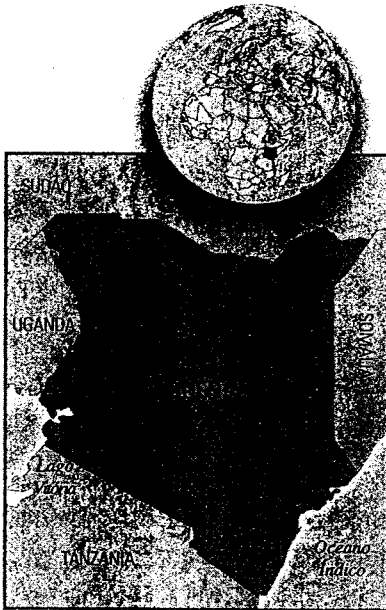
Como já observamos anteriormente, nossa definição de casamento se refere à união entre “pessoas”, não àquela entre “homem e mulher”, porque em algumas sociedades o casamento entre pessoas do mesmo sexo é socialmente aceitável e permitido por lei. Esse tipo de união pode oferecer uma forma de lidar com problemas para os quais o casamento heterossexual não apresenta soluções satisfatórias. É o caso do casamento entre mulheres, uma prática permitida em muitas sociedades da África subsaariana, embora em nenhuma delas envolva mais que uma pequena minoria entre as mulheres.

Os detalhes diferem de uma sociedade para a outra, mas o casamento entre mulheres no grupo Nandi, no oeste do Quênia, pode ser considerado representativo de tais práticas na África.<sup>19</sup> Os nandi são pastores, mas também praticam agricultura. O controle das propriedades mais significativas e dos principais meios de produção – terra e animais – fica exclusivamente nas mãos dos homens e apenas



**Figura 12.1** Os antropólogos utilizam diagramas deste tipo para ilustrar as relações de parentesco. O diagrama acima apresenta a distinção entre primos cruzados e primos paralelos. Nesses diagramas, homens são sempre representados por um triângulo e mulheres, por um círculo. Os laços de matrimônio são representados pelo sinal de igual (=), a relação fraterna é assinalada por uma linha horizontal e a relação pai-filho(a)/mãe-filho(a), por uma linha vertical. Os termos são apresentados a partir da perspectiva do indivíduo denominado EGO, que pode ser homem ou mulher.

<sup>19</sup> Com base em Opler, R. S. Is the female husband a man? Woman/woman marriage among the Nandi of Kenya. *Ethnology*, n. 19, p. 69-88, 1982.



pode ser transmitido aos herdeiros masculinos, no geral, seus filhos. Como a poliginia é a forma preferida de casamento, as propriedades de um indivíduo são normalmente divididas por igual entre as esposas, para que os filhos as herdem. No grupo domiciliar, cada esposa tem sua própria casa, onde mora com os filhos, mas todas estão sob a autoridade do marido. Nessas situações, a posição de uma mulher que não possui filhos homens é difícil, pois ela não ajuda a perpetuar a linhagem masculina do marido, uma grande preocupação entre os nandi, e não tem ninguém para herdar a parte que lhe caberia da herança.

Para resolver esses problemas, uma mulher de idade avançada sem filhos homens pode se tornar uma mulher-marido, casando-se com uma mulher jovem. A finalidade desse arranjo é fazer com que a jovem esposa produza os herdeiros masculinos que a mulher-marido não conseguiu. Para isso, a jovem esposa tem

relações sexuais com outro homem, não com o marido, geralmente um parente. Não há nenhuma obrigação entre essa mulher e o companheiro sexual, e a mulher-marido é reconhecida como pai social e legal de qualquer criança que nascer sob essas condições.

Ao manter o papel de mulher-marido, ela deve abandonar sua identidade feminina e, preferivelmente, vestir-se e se comportar como homem. Na prática, isso é complicado, pois é difícil inverter os hábitos de uma vida inteira. De modo geral, é no contexto das atividades domésticas, altamente simbólicas da identidade feminina, que a mulher-marido assume a identidade masculina de forma mais completa.

Os indivíduos que são parceiros em casamentos mulher-mulher têm várias vantagens. Ao assumir a identidade masculina, uma mulher estéril ou sem filhos homens aumenta consideravelmente seu *status* e consegue até mesmo se igualar aos homens, que, sob outros aspectos, ocupam uma posição muito mais favorável na sociedade nandi que as mulheres. Uma jovem que se casa com uma mulher-marido é, no geral, aquela incapaz de fazer um bom casamento, frequentemente porque perdeu o prestígio como consequência de uma gravidez pré-marital. Ao desposar uma mulher-marido, ela também eleva seu *status* e garante a legitimidade para os filhos. Além disso, a mulher-marido geralmente é menos dura e exigente, passa mais tempo com ela e permite que tenha maior participação nas decisões que o marido homem. A única coisa que não pode fazer é manter atividades sexuais com a parceira de casamento. Na verdade, a mulher-marido deve abandonar completamente a atividade sexual, até mesmo com o próprio marido, com quem permanece casada, embora agora tenha a própria esposa.

Diferentemente dos casamentos mulher-mulher entre os nandi, existem os casamentos entre

#### GLOSSÁRIO

**preço da noiva** Dinheiro ou bens valiosos pagos ao noivo ou a sua família pela família da noiva por ocasião do casamento. Também chamado *matreza da noiva*.

**serviço da noiva** Determinado período em que o noivo trabalha para a família da noiva.

**dote** Pagamento da herança da mulher, quando se casa, feito a ela mesma ou ao marido.

peças do mesmo sexo que incluem atividade sexual entre os parceiros. Durante a última década, o reconhecimento legal dessas uniões tornou-se assunto de debates acirrados em algumas partes do mundo. Vários países, incluindo Bélgica, Canadá, Holanda, Noruega, África do Sul e Espanha, aprovaram leis legalizando o casamento entre gays. Simultaneamente, vários

estados norte-americanos adotaram emendas constitucionais que impedem o casamento entre pessoas do mesmo sexo, enquanto outros – Connecticut e Massachusetts – reconhecem legalmente essas uniões.<sup>20</sup>

Entre os argumentos mais comumente empregados por aqueles que se opõem a essas uniões está a crença de que o casamento sempre aconteceu entre um homem e uma mulher; contudo, como acabamos de ver, isso não é verdade. O casamento entre pessoas do mesmo sexo já foi documentado em várias sociedades da África e em outras partes do mundo. Entre os nandi, por exemplo, ele proporciona uma posição aceitável na sociedade para indivíduos que, de outra forma, seriam marginalizados.

## CASAMENTO E TROCA ECONÔMICA

Em muitas sociedades o casamento é formalizado por algum tipo de troca econômica. Pode ser na forma de uma troca de presentes conhecida como *preço da noiva* ou *riqueza da noiva*, que envolve o pagamento em dinheiro ou bens valiosos aos pais da noiva ou outros parentes próximos. Isso geralmente acontece em sociedades patrilineares, nas quais a noiva se torna membro do grupo em que o marido foi criado; esse grupo se beneficia de seu trabalho, assim como da prole que ela produz. Assim, sua família deve ser recompensada pela perda.

O preço da noiva não é a simples “compra e venda” de mulheres, mas os pais podem empregar esse dinheiro para comprar joias ou mobília e utensílios domésticos para ela, ou custear uma festa de casamento elaborada e dispendiosa. Também contribui para a estabilidade do casamento, porque o valor deve ser devolvido em caso de separação. Outras formas de compensação são a troca de mulheres entre famílias: “Meu filho se casa com sua filha se o seu filho se casar com minha filha”. Outra é o *serviço da noiva*, determinado período em que o noivo trabalha para a família da noiva.

Em algumas sociedades, mais ou menos restritas às margens oeste, sul e leste da Eurásia, nas quais a economia se baseia na agricultura, a mulher geralmente recebe um dote quando se casa. Nos Estados Unidos, uma forma de dote é o pagamento das despesas do casamento pela família da noiva. Na verdade, o dote é parte das propriedades dos pais que a mulher ganha; em vez de recebê-la quando os pais morrem, recebe quando se casa. Isso não significa que ela tenha controle sobre essas propriedades após o casamento. Em alguns países da Europa e da Ásia, por exemplo, as propriedades da mulher ficam tradicionalmente sob controle do marido. Como ele se beneficiou com o que ela trouxe para o casamento, é obrigado a cuidar do bem-estar futuro da esposa, incluindo a segurança após sua morte.

Portanto, uma das funções do dote é garantir o suporte da mulher em caso de viuvez (ou após o divórcio), um aspecto importante em uma sociedade na qual o homem realiza grande parte do trabalho produtivo, e a mulher é valorizada pelo potencial de reprodução, não pelo trabalho. Nessas sociedades, a mulher que não consegue ter filhos fica especialmente vulnerável, mas o dote ajuda a protegê-la contra o abandono. Outra função do dote é refletir o *status* econômico da mulher em sociedades em que as diferenças de riqueza são importantes. Também permite que ela, com a ajuda de pais e parentes, possa competir por um marido desejável (ou seja, rico).

<sup>20</sup> No Brasil, o reconhecimento de união entre pessoas do mesmo sexo até o presente ocorreu apenas em algumas decisões judiciais. O projeto de lei de 1995 que regulamenta a questão, de autoria da então deputada Marta Suplicy, jamais foi aprovado. Em alguns estados os cartórios de Títulos e Documentos registram contratos de união civil entre pessoas de mesmo sexo. A Constituição Federal do Brasil exclui o reconhecimento dessa união em seu art. 226, §3º; assim como as Leis n. 8.971/94 e 9.278/96 e o Código Civil no art. 1.723. (Fonte: Wikipedia, acesso em nov. 2010). (NE)

## DIVÓRCIO

Como o casamento, em muitas sociedades, o divórcio é assunto de grande preocupação para as famílias. Sendo o casamento uma questão muito mais econômica que religiosa, os arranjos de divórcio podem ser feitos por várias razões e com graus variados de dificuldade. Entre os agricultores gusii, no oeste do Quênia, por exemplo, a esterilidade e a impotência são motivos para o divórcio. Os coletores chenchu, que habitam as montanhas com densas florestas no centro da Índia, não o incentivam depois que o casal tem filhos; geralmente as famílias pressionam para que o casal acerte as diferenças. Em contraste, no Arizona, sudoeste dos Estados Unidos, a mulher hopi pode se divorciar do marido simplesmente colocando seus pertences no lado de fora da porta, indicando que ele não é mais bem-vindo.

Na maioria das sociedades não ocidentais, é raro haver uma mulher adulta que não esteja casada, pois aquelas que se divorciam logo casam novamente. Em muitas sociedades, as questões econômicas são normalmente o motivo mais forte para o casamento. Na ilha da Nova Guiné, o homem não se casa por necessidade sexual, que pode ser satisfeita prontamente fora do casamento, mas porque precisa de uma mulher para confeccionar panelas e redes, cozinhar e cuidar da plantação. Do mesmo modo, em comunidades que, para segurança, as mulheres dependem dos homens capazes de lutar, elas necessitam de um marido que foi criado para ser um guerreiro hábil e um bom caçador.

Embora as taxas de divórcio sejam altas em várias partes do mundo, elas são tão altas nas sociedades ocidentais industriais e pós-industriais, que muitos se preocupam mais com o futuro do que com o que entendem como formas tradicionais e comuns de casamento e de família. É interessante observar que, embora o divórcio fosse quase impossível nas sociedades ocidentais entre os anos 1000 e 1800, poucos casamentos duravam mais de dez ou vinte anos, em virtude das altas taxas de mortalidade, provocadas em parte pelos cuidados inadequados da saúde e do pouco conhecimento médico.<sup>21</sup> Com o aumento da longevidade, a separação por morte tem diminuído, mas a separação legal tem crescido. Nos Estados Unidos, atualmente, cerca de 50% dos primeiros casamentos acabam em divórcio, o dobro da taxa da década de 1960, mas esse índice é um pouco menor que o do período de maior alta, no início dos anos 1980.<sup>22</sup>

É preciso destacar que, em algumas sociedades, o casamento é uma instituição de certo modo marginal e não é considerado fundamental para estabelecer e manter a vida familiar e a sociedade. Nas últimas décadas, ele perdeu muito de seu significado tradicional em sociedades nas quais era considerado uma instituição social importante e profundamente enraizada. É o caso, por exemplo, das sociedades escandinavas da Islândia, Noruega, Suécia e Dinamarca, em parte, em razão das mudanças na economia política, das relações mais equilibradas entre os gêneros e dos benefícios oferecidos pelos governos desses ricos países capitalistas.

## FAMÍLIA E RESIDÊNCIA

A dependência da vida em grupo para sobreviver é uma característica humana básica. Herdamos essa dependência de nossos ancestrais primatas, mas a desenvolvemos conforme nosso característico modo humano – através da cultura. Contudo, cada cultura pode definir o que constitui uma

<sup>21</sup> Stone, L. *Kinship and gender: An introduction*. Boulder, CO: Westview Press, 1998. p. 235.

<sup>22</sup> Whitehead, B. D.; Popenoe, D. *The state of our unions: The social health of marriage in America 2004*. Rutgers, NJ: Rutgers University National Marriage Project, 2004.

família, a unidade social que forma a estrutura básica de cooperação, atende às necessidades mais importantes do indivíduo e fornece o cuidado indispensável para que as crianças se desenvolvam como membros produtivos e saudáveis do grupo e, portanto, ajuda a garantir seu futuro.

Estudos comparativos históricos e transculturais revelam uma grande diversidade de padrões familiares que podem se modificar com o tempo. Portanto, a definição de **família** é, por necessidade, ampla: duas ou mais pessoas ligadas por laços de sangue, de matrimônio ou de adoção. A família pode ter muitas formas, que variam de um pai ou mãe que cria o(s) filho(s) sozinho(a), um casal ou cônjuges polígamos com ou sem filhos, ou várias gerações de pais e seus respectivos filhos.

Para fins de comparações transculturais, os antropólogos definem **residência** como a unidade residencial básica em que a produção econômica, o consumo, a herança, a criação dos filhos e o abrigo são organizados e realizados. Em grande parte das sociedades humanas, muitas residências são compostas de famílias, mas existem diversos arranjos. Por exemplo, entre os indígenas mundurucu, povo horticultor que vive no centro da floresta Amazônica, no Brasil, homens e mulheres casados são membros de residências separadas, encontrando-se periodicamente para atividade sexual. Aos 13 anos, os garotos se juntam aos pais na casa dos homens. Enquanto isso, as garotas continuam a viver com as mães e os irmãos mais novos em duas ou três residências agrupadas em torno da casa dos homens. Portanto, a casa dos homens constitui uma residência, habitada por homens adultos e os respectivos filhos sexualmente maduros; as casas das mulheres, habitadas por mulheres adultas, garotas e garotos pré-adolescentes, constituem outras.

Arranjos domésticos diversos podem ser encontrados em outras partes do mundo, incluindo situações em que os corresidentes de uma residência não são parentes biológicos ou por matrimônio, como os empregados em uma residência real complexa, os aprendizes em residências de especialistas em artesanato, ou os dependentes de baixo *status* nas residências de benfeitores ricos e poderosos. Portanto, *família* e *grupos domiciliares* nem sempre são sinônimos.

## Tipos de família

Para discutir as várias formas de família, em resposta a circunstâncias sociais, históricas e ecológicas específicas, precisamos, inicialmente, distinguir entre **família conjugal** (em latim, *conjugere* significa "unir"), formada com base em laços matrimoniais, e **família consanguínea** (do latim *consanguineus*, que significa "do mesmo sangue"), composta por mulheres aparentadas, seus filhos e irmãos.

As famílias consanguíneas não são comuns, mas alguns exemplos incluem os musuo, no sudoeste da China, e os habitantes da ilha Tory (uma comunidade de pescadores católicos, falantes de gaélico, na costa norte da Irlanda). Comumente, os habitantes dessa ilha somente se casam em torno dos 30 anos, como comenta uma moradora do local:

### GLOSSÁRIO

**família** Duas ou mais pessoas ligadas por laços de sangue, de matrimônio ou de adoção. A família pode ter muitas formas, que variam de um pai ou mãe que cria o(s) filho(s) sozinho(a), um casal ou cônjuges polígamos com ou sem filhos, ou várias gerações de pais e seus respectivos filhos.

**residência** Unidade residencial básica onde a produção econômica, o consumo, a herança, a criação dos filhos e o abrigo são organizados e realizados.

**família conjugal** Família estabelecida por meio do casamento.

**família consanguínea** Família composta de parentes de sangue, composta de mulheres aparentadas, seus filhos e irmãos.

**família nuclear** Grupo que consiste apenas do pai, da mãe ou do casal e dos filhos dependentes, que pode incluir a criança madrasada, meio-irmão, filho adotado. (Até recentemente esse termo se referia apenas à unidade formada por pais e filhos.)

É tarde demais para modificar arranjos já existentes há muito tempo. [...] Sabe, tenho que cuidar de minhas irmãs e irmãos, por que deveria sair de casa e viver com um marido? Afinal, ele tem suas irmãs e irmãos para cuidar dele.<sup>23</sup>

É preciso destacar que, como a comunidade é constituída por poucas centenas de pessoas, maridos e esposas vivem em locais muito próximos.

De acordo com a pesquisa transcultural sobre os tipos de família em 192 culturas de todo o mundo, a família extensa é a mais comum, presente em quase metade dessas culturas, se comparada à família nuclear, com 25%, e à polígama, com 22%.<sup>24</sup> Abordaremos cada uma delas a seguir.

### Família nuclear

A menor unidade familiar é conhecida como **família nuclear**, grupo que consiste apenas de pai ou mãe, ou do casal e dos filhos dependentes, que pode incluir padrasto/madrasta, meios-irmãos e filhos adotados (Figura 12.2). Até recentemente, o termo *família nuclear* referia-se apenas à unidade composta de pai, mãe e filhos, o tipo de família que a maioria dos norte-americanos, europeus e muitos outros agora consideram

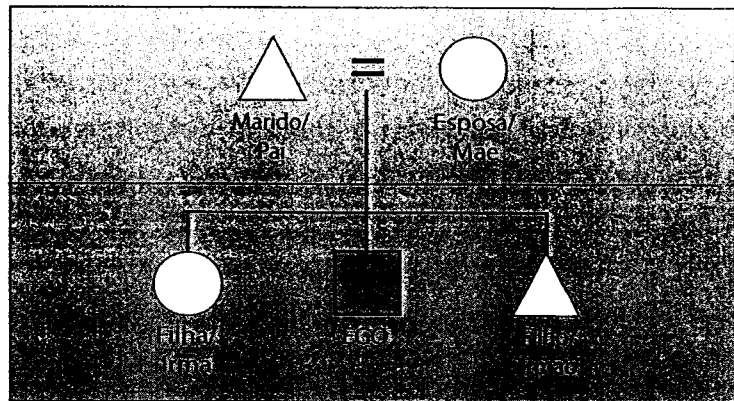


Figura 12.2 Este diagrama apresenta a relação em uma família nuclear tradicional, uma forma comum, mas que está em declínio na América do Norte e em grande parte da Europa.

o núcleo natural ou normal de unidades familiares maiores. Nos Estados Unidos, as residências de famílias nucleares compostas de pai, mãe, filho(s) e/ou filha(s) alcançou seu auge em torno de 1950, quando 60% dos lares configuravam-se conforme esse modelo.<sup>25</sup> Atualmente, tais famílias compreendem apenas um quarto das residências norte-americanas,<sup>26</sup> e o termo família nuclear é empregado para cobrir a realidade social de vários tipos de pequenas unidades compostas de pai-mãe-filho(a), incluindo pais e/ou mães solteiros e casais do mesmo sexo com filhos.

A industrialização e o capitalismo de mercado vêm desempenhando um papel histórico na formação da família nuclear com a qual temos familiaridade atualmente. Uma razão para isso é que as fábricas, companhias mineradoras e de transporte, armazéns, lojas e outros negócios em geral somente pagam um salário individual. As empresas que visam ao lucro não se preocupam se o trabalhador é solteiro, casado, divorciado, tem irmãos ou filhos. Como o tipo de trabalho muda, o trabalhador assalariado deve ter flexibilidade para se adaptar ao mercado. E, como poucos trabalhadores possuem recursos financeiros para sustentar grande número de parentes sem renda própria, as sociedades industriais ou pós-industriais não favorecem a continuidade de famílias extensas (que serão discutidas a seguir), as quais constituem o padrão em muitas sociedades tradicionalmente dependentes do pastoreio nômade, da agricultura ou da horticultura.

<sup>23</sup> Fox, R. [Entrevista]. Coast Telecourses, Inc., Los Angeles, 3 dez. 1981.

<sup>24</sup> Winick, C. (Ed.) *Dictionary of anthropology*. Totowa, NJ: Littlefield, Adams, 1970. p. 202.

<sup>25</sup> Stacey, J. *Brave new families*. Nova York: Basic Books, 1990. p. 5, 10.

<sup>26</sup> Irvine, M. [24 nov. 1999] Mom-and-pop houses grow rare. *Burlington Free Press; Current population survey*. (2002) U.S. Census Bureau.



É interessante notar que a família nuclear também se destaca em sociedades coletoras tradicionais, como a do povo esquimó que vive nas regiões áridas do leste da Sibéria, do Alasca, da Groenlândia e do Canadá (onde são conhecidos como inuítes). Durante o inverno, a família tradicional (marido, esposa e filhos) vagueia pela imensidão branca e gelada do Ártico canadense em busca de alimento. O marido caça e constrói abrigos. A esposa cozinha, cuida dos filhos, faz as roupas e as mantém em bom estado. Uma de suas tarefas é morder as botas do marido a fim de amaciar o couro para que, no dia seguinte, ele continue a caçar. A esposa e os filhos não conseguiriam sobreviver sem o marido/pai, e a vida do homem é inimaginável sem a esposa.

De modo semelhante às famílias nucleares nas sociedades industriais, aquelas que vivem em condições ambientais extremamente difíceis devem estar preparadas para se defender sozinhas. Esse isolamento apresenta os próprios desafios, incluindo as dificuldades de criar os filhos sem o apoio de outras gerações e a falta de cuidado familiar com relação aos idosos. No entanto, esse tipo de família está bem adaptado a um modo de subsistência que exige altos níveis de mobilidade geográfica. Para os inuítes no Canadá, essa mobilidade permite a caça de alimento; para outros norte-americanos, a caça ao emprego e ao *status* social mais elevado exige uma forma móvel de unidade familiar.



### Família extensa

Quando duas ou mais famílias nucleares com parentesco próximo se reúnem em um grupo doméstico maior, formam uma unidade conhecida como **família extensa**. Essa unidade familiar maior, comum em sociedades horticuloras, agrícolas e pastoris tradicionais, em todo o mundo, é tipicamente composta de irmãos com as respectivas esposas e filhos e, de modo frequente, pelos pais. Todos eles, alguns com parentesco sanguíneo, outros com parentesco por casamento (por afinidade), vivem e trabalham juntos para o bem comum e lidam com os estranhos como uma entidade única.

Como os membros da geração mais jovem trazem os maridos ou esposas para viver com a família, as famílias extensas têm continuidade. À medida que os membros mais velhos morrem, outros nascem. As famílias extensas enfrentam desafios específicos. Entre eles, as prováveis dificuldades do cônjuge para se adaptar à família do marido ou da esposa.

### Famílias não tradicionais e residências não familiares

Na América do Norte e em partes da Europa, um número cada vez maior de pessoas vive em residências não familiares, sozinhas ou com indivíduos sem nenhuma relação de parentesco. Na verdade, aproximadamente um terço das residências nos Estados Unidos se encaixa nessa categoria. Muitas outras vivem como membros do que geralmente se chama *família não tradicional*.

#### GLOSSÁRIO

família extensa: duas ou mais famílias nucleares com parentesco próximo reunidas em um grupo doméstico maior.

As residências de *coabitação*, compostas de casais sem vínculo matrimonial (agamia), são cada vez mais comuns. Desde 1960, o número dessas residências cresceu significativamente,

em especial entre casais jovens, na faixa de 20 a 30 anos, no Ocidente. Na Noruega, mais da metade dos nascimentos ocorre fora do casamento, em parte, porque lá “os casais que coabitam e têm filhos juntos, ou que vivem juntos há pelo menos dois anos, têm praticamente os mesmos direitos e obrigações com relação à seguridade social, pensões e impostos que aqueles que são legalmente casados”.<sup>27</sup> Para muitos, entretanto, a coabitação representa um arranjo doméstico que dura relativamente muito pouco, pois a maioria casa ou separa em dois anos.<sup>28</sup>

A separação de casais que coabitam vem contribuindo para o crescimento do número de residências *com apenas pai ou mãe*, do mesmo modo que o aumento de divórcios e da atividade sexual fora do casamento, e para o declínio das taxas de casamento de mulheres em idade para procriar e do número de mulheres que preferem ser mães solteiras.

Nos Estados Unidos, cerca de um terço de todos os nascimentos ocorrem fora do casamento. Lá, a porcentagem de residências com apenas pai ou mãe aumentou nove pontos, enquanto o número de casais unidos legalmente e com filhos caiu para 24%. Embora as residências com apenas pai ou mãe correspondam a apenas 9%, são o lar de 28% de todas as crianças e jovens (menores de 18 anos) do país.<sup>29</sup> Na grande maioria dos casos, a criança que vive em residência com apenas um dos pais mora com a mãe.

As residências lideradas por mulheres não são novidade, nem estão restritas às sociedades industriais ou pós-industriais. São conhecidas e estudadas há muito tempo nos países do Mar do Caribe, nos quais os homens historicamente são explorados como mão de obra barata nas plantações de açúcar, café ou banana. Nas últimas décadas, muitos deles foram trabalhar em serviços temporários em países estrangeiros, especialmente nos Estados Unidos, e vivem em residências temporárias com colegas.

## PADRÕES DE RESIDÊNCIA

Em lugares onde a norma é algum tipo de família conjugal ou extensa, a exogamia exige que o marido ou a esposa, ou ambos, se mude para uma nova residência depois do casamento. Há cinco padrões comuns de residência que um novo casal pode adotar, sendo as circunstâncias ecológicas o principal fator determinante, embora possa haver outros. Assim, a organização da residência após o casamento, longe de ser arbitrária, é, de modo característico, adaptativa. Apresentaremos a seguir apenas as três formas mais comuns.

**Residência patrilocal** ocorre quando o casal vive no local de residência do pai do marido. Esse arranjo é favorecido em situações em que os homens têm papel predominante na subsistência, particularmente se possuírem bens que podem ser acumulados, se a poliginia for habitual, se a possibilidade de guerra for óbvia o bastante para que a cooperação entre eles seja especialmente importante e se existir uma organização política complexa, na qual os homens exercem autoridade. Essas condições são encontradas com mais frequência em sociedades que dependem da economia baseada na criação de animais e/ou na agricultura intensiva para sua subsistência. Em lugares em que a residência patrilocal é costumeira, a noiva geralmente se muda para um grupo ou comunidade diferente.

<sup>27</sup> Noack, T. Cohabitation in Norway: An accepted and gradually more regulated way of living. *International Journal of Law, Policy, and the Family*, n. 15, v. 1, p. 102-117, 2001.

<sup>28</sup> Forste, R. Prelude to marriage, or alternative to marriage? A social demographic look at cohabitation in the U.S. Working paper. Social Science Electronic Publishing, Inc, 2008. [http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=269172](http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=269172).

<sup>29</sup> *Current Population Survey (CPS)*.

Nesses casos, a família não perde apenas os serviços de um membro útil, mas também a prole em potencial. Desse modo, é normal haver algum tipo de compensação para a família, comumente o preço da noiva.

A **residência matrilocal**, em que o casal vive no local de residência da mãe da esposa, é o resultado provável se as circunstâncias culturais e ecológicas fazem com que o papel da mulher seja predominante para a subsistência. Encontra-se com mais frequência em sociedades horticultoras, em que a organização política é relativamente descentralizada e onde é importante haver cooperação entre as mulheres. Os nativos hopi são um exemplo. Embora os homens sejam encarregados da agricultura, as mulheres controlam o acesso à terra e são “donas” da colheita. Na verdade, eles sequer têm permissão para entrar nos celeiros. Na residência matrilocal, os homens, no geral, não se mudam para muito longe da própria família, assim podem ajudá-la de vez em quando. Portanto, o casamento, em geral, não envolve nenhum tipo de compensação para a família do noivo.

Na **residência neolocal**, o casal estabelece residência em lugar diferente. Isso ocorre onde se enfatiza a independência da família nuclear. Em sociedades industriais, como os Estados Unidos, em que a maior parte da atividade econômica ocorre fora do âmbito familiar, e nas quais é importante que os indivíduos sejam capazes de se mudar para locais onde há empregos, a residência neolocal é a mais adequada.

## CASAMENTO, FAMÍLIA E RESIDÊNCIA NO MUNDO GLOBALIZADO E INFORMATIZADO

Em muitos países, as formas de casamento, família e residência se tornaram mais variadas nas últimas décadas. Muitos fatores contribuíram para isso, incluindo o capitalismo global e a migração em grande escala de pessoas para outras culturas. Também significativas são as taxas de divórcio e de casamento de divorciados, que resultam em *famílias mistas* compostas de um casal com filhos de uniões anteriores. E, embora não seja incomum que casais sem filhos de muitas culturas, em toda a história da humanidade, adotem filhos, incluindo órfãos, e até mesmo prisioneiros, atualmente é prática mundial que adultos de países industriais e pós-industriais busquem, mundo afora, crianças para adotar, sem distinção de herança étnica. Outros fatores que contribuem para a diversidade das famílias e das residências incluem as *novas tecnologias reprodutivas* (NTR), como a fertilização *in vitro*, a barriga de aluguel e a adoção aberta, a qual permite que a criança se relacione com os pais biológicos e adotivos.

Também é preciso destacar, em todo o mundo, o número cada vez maior de residências compostas de trabalhadores temporários e migrantes. Atualmente, apenas a China possui 114 milhões, a maior parte de jovens que abandonaram a vila do campo onde passaram a infância e mudaram para cidades que crescem rapidamente para trabalhar em fábricas, lojas, restaurantes e outros locais semelhantes. Alguns se amontoam em apartamentos com amigos e colegas de trabalho, outros vivem em dormitórios das fábricas – residências novas, de uma geração de solteiros que contrasta imensamente com as residências de famílias extensas, com membros de várias gerações, onde cresceram. Cenas semelhantes se repetem em todo o mundo, conforme os indivíduos dessa força de trabalho

### GLOSSÁRIO

**residência patrilocal** Padrão em que o casal vive no local de residência do pai do marido.

**residência matrilocal** Padrão em que o casal vive no local de residência da mãe da esposa.

**residência neolocal** Padrão em que o casal estabelece residência em lugar diferente daquele habitado pelos pais do marido ou da esposa.

- Em países industriais e pós-industriais do Ocidente, o casamento geralmente baseia-se nos ideais do amor romântico. Outras partes do mundo não arriscam casamentos com base em desejos juvenis. Nas sociedades não ocidentais, considerações econômicas são a preocupação principal nos arranjos de casamentos, e os matrimônios servem para que as famílias se tornem aliadas.
- Em muitas sociedades, o parceiro preferido para o casamento é um primo cruzado específico (a filha do irmão da mãe, para um primo, ou o filho da irmã do pai, para uma prima), ou, o que não é tão comum, um primo paralelo do lado paterno (filho ou filha do irmão do pai). O casamento entre primos cruzados é um meio de estabelecer e manter a solidariedade entre os grupos.
- O casamento entre pessoas do mesmo sexo existe em algumas sociedades. Por exemplo, os matrimônios entre mulheres, praticados em algumas culturas africanas, oferecem uma forma socialmente aprovada para lidar com problemas para os quais os casamentos heterossexuais não apresentam soluções satisfatórias. Alguns países – Bélgica, Canadá, Espanha, Noruega e Holanda – e alguns estados norte-americanos legalizaram o casamento entre pessoas do mesmo sexo.
- Em muitas sociedades, os casamentos são formalizados por algum tipo de troca econômica, como a reciprocidade na troca de presentes entre os parentes dos noivos. Uma forma mais comum é o preço da noiva, o pagamento em moeda ou outros bens valiosos feito pela família do noivo à da noiva. O serviço da noiva ocorre quando o futuro marido deve trabalhar para a família da noiva por determinado período. O dote é o pagamento da herança da mulher, por ocasião do casamento, feito a ela mesma ou ao marido. Sua finalidade é garantir o sustento à mulher, em sociedades nas quais o homem realiza a maior parte do trabalho produtivo e a mulher é valorizada especialmente pelo potencial de reprodução.
- O divórcio é possível em todas as sociedades, embora as razões e a frequência variem entre as culturas.
- A família pode ter muitas formas, que variam de um pai ou mãe que cria o(s) filho(s) sozinho(a), um casal unido legalmente ou cônjuges polígamos com ou sem filhos, ou várias gerações de pais e seus respectivos filhos. Família é diferente de residência, que é a unidade residencial básica na qual a produção econômica, o consumo, a herança, a criação dos filhos e o abrigo são organizados e realizados. Na maioria das sociedades, muitas residências são compostas de famílias, ou de parte delas, mas há muitos outros arranjos.
- A menor unidade doméstica é a família nuclear, grupo que consiste apenas do pai ou da mãe, ou do casal e dos filhos dependentes, que pode incluir padrasto/madrasta, meios-irmãos e filhos adotados. (Até recentemente, esse termo se referia apenas à unidade formada por pai, mãe e filho(s).) Essa forma é comum em países industriais e pós-industriais da América do Norte e da Europa e também em sociedades que vivem em ambientes áridos, como os inuítes. É bem adequada para a mobilidade necessária, tanto para grupos coletores como para sociedades industriais, nas quais as mudanças de trabalho são frequentes. A família extensa consiste de várias famílias nucleares com parentesco próximo que geralmente trabalham juntas e vivem em uma única residência.
- Três padrões comuns de residência são: patrilocal (o casal vive no lugar onde reside o pai do marido), matrilocal (o casal vive no lugar onde reside a mãe da esposa) e neolocal (o casal vive em lugar diferente daquele habitado pelos pais de ambos).

- No Ocidente, um número cada vez maior de pessoas vive em residências não familiares, sozinhas ou com indivíduos sem nenhuma relação de parentesco. Isso inclui a crescente categoria de casais que coabitam sem vínculo matrimonial (agamia). Muitos outros vivem como membros do que geralmente se chama família não tradicional, incluindo residências com apenas pai ou mãe e famílias mistas. Recém-criadas tecnologias reprodutivas, barriga de aluguel e adoções internacionais acrescentam novas dimensões às relações familiares.

### Questões para refletir

1. Conforme a tradição xintoísta, na sociedade japonesa tradicional, o vestido da noiva é branco para simbolizar sua pureza. Muitas mulheres que vivem em sociedades com menos restrições sexuais também optam por vestidos brancos. Por que isso acontece? Como ocorre em sua família e em sua comunidade? Além disso, por que o preto e o cinza são as cores específicas da roupa do noivo, no Japão? Isso também acontece em sua cultura?
2. Os membros de comunidades tradicionais, em países onde o estado é fraco ou ausente, dependem dos parentes para ajudar a atender às necessidades básicas de sobrevivência. Nessas sociedades tradicionais, por que seria um risco escolher o cônjuge exclusivamente com base no amor romântico? Você pode imaginar outros fatores importantes para essa escolha, caso a sobrevivência da comunidade estivesse em risco, no longo prazo?
3. Embora muitas mulheres, na Europa e na América do Norte, provavelmente entendam a poliginia como uma prática que beneficia exclusivamente o homem, as de culturas nas quais esses casamentos são tradicionais podem ressaltar os aspectos positivos da divisão do marido com outras mulheres. Em que condições a poliginia seria considerada relativamente benéfica para a mulher?
4. Sua cultura possui regras historicamente determinadas para as relações sexuais, não somente em relação ao contato heterossexual fora do casamento, mas também no que diz respeito à relação entre pessoas do mesmo sexo? Você acredita que as mudanças econômicas e sociais, em uma sociedade, podem modificar as ideias e atitudes em relação a sexo e casamento? Em caso afirmativo, elas se tornarão mais ou menos restritivas?
5. Muitas crianças na Europa e na América do Norte crescem em residências com apenas pai ou mãe. Diferentemente dos Estados Unidos, onde muitas crianças que vivem apenas com a mãe crescem em residências com desvantagens econômicas, na Noruega, relativamente poucas crianças que vivem nessa situação enfrentam a pobreza. Por que isso acontece?

### Palavras-chave

Casamento; tabu do incesto; endogamia; exogamia; monogamia; monogamia serial; poligamia; poliginia; poliandria; casamento de grupo; primo(a) paralelo(a); primo(a) cruzado(a); preço da noiva; serviço da noiva; dote; família; residência; família conjugal; família consanguínea; família nuclear; família extensa; residência patrilocal; residência matrilocal; residência neolocal.

transitória passam a morar juntos, longe da família, para ganhar a vida. Embora muitos países tenham aprovado leis para dar proteção aos imigrantes em relação à moradia, assim como condições de trabalho e salário (como o Migrant and Seasonal Agricultural Worker Protection Act – Lei de proteção ao trabalhador agrícola migrante sazonal, nos Estados Unidos, de 1983), as condições de moradia para esses trabalhadores são quase sempre miseráveis.<sup>30</sup>

Como ilustram os vários exemplos etnográficos deste capítulo, nossa espécie criou uma grande variedade de formas de casamento, família e residência; cada uma delas corresponde a fatores específicos na estrutura social e se adapta ao sistema cultural mais amplo. Ao enfrentarmos novos desafios, buscamos soluções que, algumas vezes, resultam em formas completamente novas; em outras, nos fazem retomar fórmulas tradicionais e já testadas de diversidade.

## Resumo do capítulo

- Toda sociedade possui regras e costumes relacionados a relações sexuais, casamento, residência, estrutura familiar e criação das crianças, todos importantes para estabelecer e manter as alianças sociais que ajudam a garantir o bem-estar geral da sociedade.
- Muitas culturas permitem a liberdade sexual e não possuem regras rígidas para regular as práticas sexuais. Outras restringem e proíbem explicitamente toda atividade sexual fora do casamento. Destas, algumas punem o adultério com prisão, exclusão social, ou até mesmo a morte, como determinam tradicionalmente algumas leis religiosas.
- O casamento pode ser definido, de modo amplo, como a união culturalmente sancionada entre duas ou mais pessoas que estabelece certos direitos e obrigações entre as partes envolvidas, entre elas e seus filhos e também entre elas e seus parentes afins. O tabu do incesto proíbe as relações sexuais entre certos parentes próximos, geralmente entre pais e filhos e entre irmãos, no mínimo. Uma explicação realmente convincente sobre esse tabu ainda precisa ser elaborada, mas se relaciona às práticas de endogamia (casamento dentro de um grupo social) e exogamia (casamento fora do grupo social).
- O casamento, diferentemente do acasalamento, tem o apoio de forças sociais, legais e econômicas. Divide-se em várias categorias amplas. A monogamia, ter apenas um cônjuge, é a forma mais comum, especialmente por razões econômicas. A monogamia serial, em que um homem ou uma mulher se casa com vários parceiros sucessivamente, vem se tornando comum entre os europeus e os norte-americanos. A poligamia, em que um indivíduo (homem ou mulher) possui vários cônjuges, tem duas formas: poliginia e poliandria. O homem deve possuir riqueza suficiente para sustentar a poliginia, o casamento com mais de uma mulher ao mesmo tempo. Entretanto, em sociedades nas quais a mulher realiza a maior parte do trabalho, a poliginia pode ser uma forma de gerar riqueza. Embora poucos casamentos, em determinada sociedade, sejam políginos, são considerados uma forma apropriada, e mesmo preferida, na maior parte das sociedades do mundo. Como poucas comunidades possuem excedente masculino, a poliandria, mulher com vários maridos, não é comum. Raro, também, é o casamento grupal, em que vários homens e mulheres têm acesso sexual entre si.

<sup>30</sup> Chang, L. A migrant worker sees rural home in new light. *Wall Street Journal*, 9 jun. 2005.

# Parentesco e outras formas de agrupamento



© Hugh Morton

## INTRODUÇÃO VISUAL

Como criatura social, o ser humano cria e mantém redes que vão além da família ou dos familiares para obter segurança e apoio. No nível básico, essas associações são organizadas por parentesco. Nas regiões altas da Escócia, assim como entre muitos povos tradicionais em todo o mundo, grandes grupos de parentes, conhecidos como clãs, são unidades importantes de organização social. Ao traçar a descendência exclusivamente através dos pais, a partir de um ancestral masculino distante, os membros do clã normalmente demonstram o parentesco usando *kilts* e xales com padronagem xadrez distinta para identificar cada grupo. Historicamente, havia doze clãs escoceses, no geral, identificados pelo prefixo "Mac" ou "Mc" (uma antiga palavra celta que significa "filho de"). Ao longo dos últimos séculos, muitos escoceses abandonaram a terra natal em busca de melhores oportunidades econômicas. Atualmente, há descendentes de escoceses em todo o mundo, em especial na Austrália, no Canadá e nos Estados Unidos. Com o auxílio da internet, eles tentam restabelecer os laços familiares e viajam longas distâncias para participar de encontros de clãs em que celebram sua herança cultural, com danças e músicas tocadas com a tradicional gaita de fole. A imagem acima mostra um "desfile de tartan"<sup>1</sup> – a expressão alegre e festiva da identidade do grupo e do orgulho étnico, durante uma reunião de clãs em Grandfather Mountain, Carolina do Norte.

<sup>1</sup> Padrão nacional escocês, tipicamente utilizado em tecidos de lã. Caracteriza-se por respeitar determinadas regras relativas à composição e proporção das cores. O tartan escocês tem origem na roupa tradicional dos antigos clãs escoceses; cada clã distinguia-se dos demais pelas cores e tamanhos do xadrez das roupas. Alguns tinham roupa com distintas combinações de cores para usar em ocasiões diferentes. O tartan escocês é um dos mais antigos desenhos de lanifícios e com maior valor estético; os diversos tipos ainda são hoje referidos pelo dos clãs originais. Nome dado pelos escoceses "scotal tartan" (= padrão do clã). Outras fontes dão como origem o espanhol "tiritana" (= tecido com pequenos quadrados). (NE. Fonte: [http://pt.texsite.info/Tartan\\_cloth](http://pt.texsite.info/Tartan_cloth))

**Grupos de descendência**

Descendência unilinear

Outras formas de descendência

**Descendência no sistema cultural**

mais amplo

Linhagem exogâmica

Da linhagem ao clã

Fratrías e metades

**Parentesco bilateral e parentesco**

consanguíneo

**Terminologia e grupos de parentesco**

Sistema esquimó

Sistema havaiano

Sistema iroquês

Termos de parentesco e novas

tecnologias de reprodução

**Agrupamentos além do parentesco**

Agrupamento por gênero

Agrupamento por idade

**Agrupamento por interesses comuns****Agrupamento por classe social nas**

sociedades estratificadas

Classe social e castas

Indicadores de classe social

Mantendo a estratificação

Mobilidade social

**Resumo do capítulo**

Toda sociedade depende de alguma forma de organização familiar ou de grupo domiciliar para atender às necessidades básicas: garantir alimento, abrigo e proteção contra o perigo, coordenar o trabalho, regulamentar a atividade sexual e organizar a educação das crianças. Por mais eficientes e flexíveis que essas unidades socioeconômicas possam ser para enfrentar tais desafios, muitas sociedades apresentam problemas que estão além da capacidade de organização da família e dos parentes próximos.

Por exemplo, os membros de um grupo local independente frequentemente necessitam de algum meio para interagir com pessoas fora de seu círculo imediato, para se defender contra desastres naturais ou agressores e para garantir acesso a recursos naturais vitais, como alimentos, combustível e abrigo. Um círculo mais amplo também pode ser necessário para formar uma força de trabalho de cooperação para tarefas que exigem um número maior de participantes.

O homem criou diversos modos de ampliar seus círculos de apoio para enfrentar desafios. Um deles é o sistema político formal, com pessoas para elaborar leis e garantir que elas sejam cumpridas, manter a paz, alocar recursos e executar outras funções sociais e reguladoras. Mas a forma predominante para desenvolver esse apoio nas sociedades que não são organizadas como estados políticos, em especial as coletoras, agrícolas e pastoris, é por meio do parentesco, uma rede de pessoas aparentadas com determinados direitos e obrigações mútuos.

## GRUPOS DE DESCENDÊNCIA

Um modo comum de organizar uma sociedade em linhas de parentesco é criar o que os antropólogos chamam de grupos de descendência. Encontrado em muitas sociedades, o **grupo de descendência** é qualquer grupo de parentesco cuja linhagem descende diretamente de um ancestral comum, real (histórico) ou fictício. O acréscimo de algumas obrigações culturais e tabus significativos serve para ajudar a manter unido o grupo social estruturado.

Embora muitas funções importantes do grupo de descendência sejam assumidas por outras instituições, quando uma sociedade se torna politicamente organizada como estado, os elementos desse grupo estruturado por parentesco

### GLOSSÁRIO

**parentesco** Rede de parentes na qual os indivíduos possuem certos direitos e obrigações mútuos.

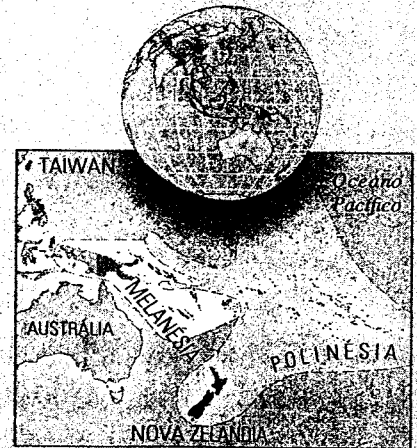
**grupo de descendência** Qualquer grupo de parentesco cujos membros são linearmente descendentes de um ancestral comum, real (histórico) ou fictício.



## Conexão Biocultural

### Origem dos maori: genes ancestrais e canoas míticas

Os antropólogos ficam fascinados ao descobrir que as tradições orais do povo maori, na Nova Zelândia, se encaixam muito bem nas descobertas científicas. A Nova Zelândia, ilha que é um país e cuja geografia acidentada serviu como cenário para a trilogia *O Senhor dos Anéis*, situa-se em uma área remota do Oceano Pacífico, a quase 2 mil quilômetros a sudeste da Austrália. Em 1642, foi descoberta por marinheiros holandeses, que a batizaram, mas passou a ser colônia britânica cerca de 150 anos depois. Os maori, povo nativo, tentaram resistir, mas, como os britânicos os excediam em armas e homens, foram derrotados no início de 1870. Atualmente, quase 600 mil dos 4,1 milhões de habitantes da Nova Zelândia afirmam ter descendência maori.



Os maori têm uma antiga lenda sobre como eles chegaram a Aotearoa ("Terra da longa nuvem branca"), nome nativo da Nova Zelândia. Há mais de 25 gerações, seus ancestrais polinésios chegaram em uma grande frota de canoas de Hawaiki, sua terra natal mítica às vezes identificada como o Taiti, cuja língua nativa lembra a deles. De acordo com canções e genealogias transmitidas ao longo do tempo, essa frota consistia de pelo menos sete (talvez até treze) canoas. Com peso aproximado de cinco toneladas, cada uma delas tinha vela triangular e podia transportar entre 50 e 120 pessoas, além de alimentos, plantas e animais.

Como descreve o antropólogo maori Te Rangi Hiroa (Peter Buck), as habilidades desses viajantes lhes permitia navegar seguindo as correntes, os ventos e as estrelas, por grandes extensões do oceano.<sup>a</sup> Talvez tentando escapar de guerras e do pagamento de tributos em Hawaiki, eles provavelmente realizaram a viagem de cinco longas semanas em torno de 1350 d.C., embora canoas também tenham realizado a jornada antes e depois dessa data.

A sociedade maori tradicional é organizada em aproximadamente trinta *iwi* ("tribos") diferentes, agrupadas em treze *waka* ("canao"), cada uma delas com seu território tradicional. Atualmente, antes de fazer uma apresentação formal, os maori se identificam nomeando sua *iwi*, sua *waka* e os principais lugares sagrados do seu território ancestral. A genealogia os conecta ao ancestral que fundou a tribo, que era membro ou talvez chefe de uma das canoas gigantes mencionadas na lenda da Grande Frota.<sup>b</sup>

As tradições orais dos maori sobre suas origens se ajustam perfeitamente nos dados científicos encontrados em pesquisas antropológicas e, mais recentemente, também genéticas. O estudo realizado por estrangeiros pode ser controverso porque os maori equiparam os genes de um indivíduo a sua genealogia, que pertence ao *iwi*, a comunidade ancestral. Considerada sagrada e responsabilidade dos mais velhos da tribo, a genealogia é tradicionalmente cercada de *tapu* ("proibições sagradas").<sup>c</sup> O termo maori para genealogia é *whakapapa* ("colocar camada sobre camada"), que também é a palavra para "gene". Dessa forma, o termo maori tem algo do original *genous*, a palavra grega que significa "gerar descendentes".

<sup>a</sup> Buck, P. H. *Vikings of the Pacific*. Chicago: University Press of Chicago, 1938.

<sup>b</sup> Hanson, A. The making of the Maori: Culture invention and its logic. *American Anthropologist*, v. 91, n. 4, p. 890-902, 1989.

<sup>c</sup> Mead, A. T. P. Genealogy, sacredness, and the commodities market. *Cultural Survival Quarterly*, n. 20, v. 2, 1996.

Outra expressão maori para gene é *iratangata* ("espírito da vida dos mortais") e, para eles, o gene possui *mauri* (a "força da vida"). Em virtude dessas associações espirituais, as investigações genéticas do DNA maori não poderiam prosseguir sem que eles próprios estivessem ativamente envolvidos na pesquisa.

Com outros pesquisadores, a geneticista maori Adele Whyte examinou os marcadores genéticos herdados dos lados materno e paterno, o DNA das mitocôndrias, nas mulheres, e os cromossomos Y, nos homens.<sup>d</sup> Recentemente, ela calculou que, para criar a população maori da Nova Zelândia, seriam provavelmente necessárias entre 170 e 230 mulheres. Se a frota original que seguiu para Aotearoa era composta de sete grandes canoas, talvez tenha transportado um total de quase 600 pessoas (homens, mulheres e crianças).

A comparação do DNA dos maori com o dos polinésios, no Oceano Pacífico, e dos povos do sudeste da Ásia revela um mapa genético de rotas de migração maori muito antigas. O DNA das mitocôndrias, transmitido da mãe para os filhos virtualmente sem modificação, apresenta um relógio genético que liga os polinésios de hoje aos povos nativos da costa do sul de Taiwan, o que mostra que os ancestrais femininos originalmente vieram daquela ilha, na costa sudeste da China, cerca de 6.000 anos atrás.<sup>e</sup> Durante alguns milhares de anos, eles migraram através das Filipinas e então seguiram para o sul e para o leste, de ilha em ilha.

Além do agrupamento de genes, durante as gerações posteriores, os homens da Nova Guiné e de outros lugares na Melanésia juntaram-se aos grupos de migrantes antes de chegar a Aotearoa. Resumindo, as tradições culturais maori, na Nova Zelândia, são, em geral, confirmadas por dados da antropologia, assim como por informações da biologia molecular.

<sup>d</sup> Whyte, A. L. H. Human evolution in Polynesia. *Human Biology*, n. 77, v. 2, p. 157-177, 2005.

<sup>e</sup> Gene study suggests Polynesians came from Taiwan. *Reuters*, 4 jul. 2005.

podem continuar a existir. Observa-se esse aspecto em muitas sociedades indígenas tradicionais que passaram a fazer parte das grandes sociedades estatais, mas, mesmo assim, perduram como comunidades organizadas por parentesco.

Isso acontece com os maori da Nova Zelândia, como mostra a "Conexão Biocultural" deste capítulo. Mantendo os elementos de sua estrutura social tradicional, ainda são organizados em quase 30 grandes grupos de descendência, conhecidos como *iwi* ("tribo"), que integram unidades sociais e territoriais maiores, conhecidas como *waka* ("canoa").

A participação em grupos de descendência deve ser minuciosamente definida para ser eficaz em uma sociedade organizada por parentesco. Quando a participação coincide em parte, a fidelidade principal do indivíduo não fica clara, especialmente quando grupos de descendência diferentes

apresentam interesses conflitantes. A participação pode ser delimitada de várias maneiras. A forma mais comum é chamada pelos antropólogos de *descendência unilinear*.

### Descendência unilinear

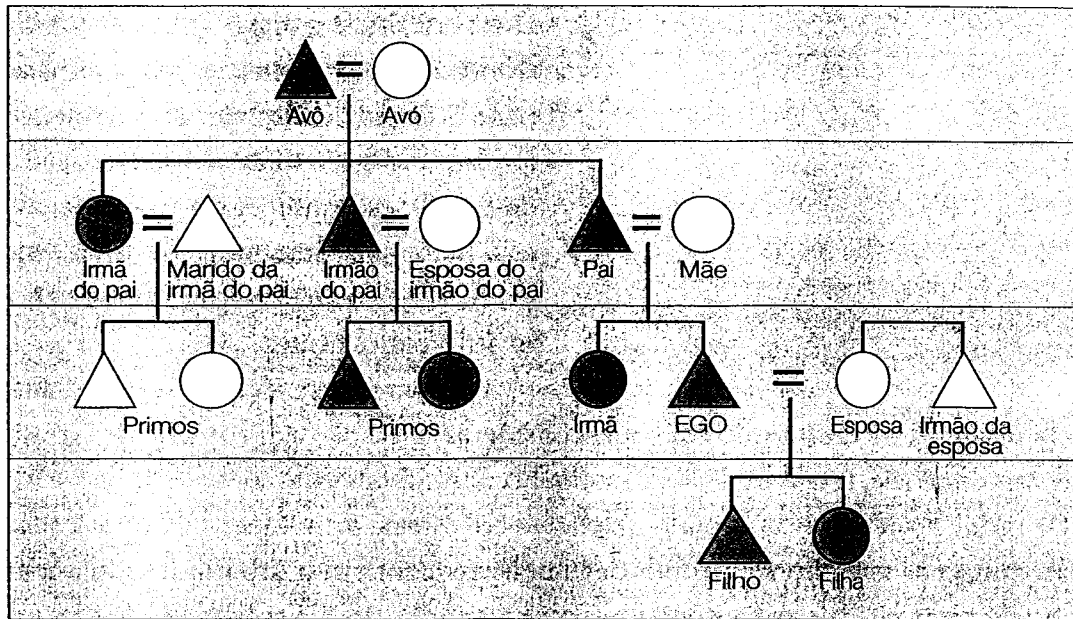
A *descendência unilinear* (às vezes chamada *descendência unilateral*) estabelece a participação de um membro no grupo exclusivamente através da linhagem masculina ou feminina. Nas sociedades

#### GLOSSÁRIO

**descendência unilinear** Descendência que estabelece a participação de um membro no grupo exclusivamente através da linhagem masculina ou feminina.

**descendência matrilinear** Descendência traçada unicamente através da linhagem feminina, para estabelecer a participação de um membro no grupo.

**descendência patrilinear** Descendência traçada absolutamente através da linhagem masculina, para estabelecer a participação de um membro no grupo.



**Figura 13.1** Traçado da descendência patrilinear

Apenas os indivíduos simbolizados por um círculo ou triângulo preenchido fazem parte do mesmo grupo de descendência que o EGO (a pessoa central a partir da qual o grau de parentesco é traçado).

não ocidentais, os grupos de descendência unilinear são muito comuns. A participação do indivíduo em um grupo de descendência específica é determinada no nascimento; e pode ser traçada pela **descendência matrilinear**, por meio da linhagem feminina, ou pela **descendência patrilinear**, através da linhagem masculina, dependendo da cultura. Nas sociedades matrilineares, as mulheres têm importância social significativa, pois são responsáveis pela continuação da existência do grupo. Nas sociedades patrilineares, essa responsabilidade é do homem, o que eleva sua importância social.

As duas formas principais para um grupo de descendência unilinear, patrilinear ou matrilinear são a linhagem e o clã. A **linhagem** é a descendência unilateral de um grupo de descendentes com um fundador ou ancestral comum, que viveu entre quatro a seis gerações anteriores; o parentesco entre os membros pode ser estabelecido genealogicamente e de maneira exata. O clã é um grupo de parentesco unilinear extenso, que consiste de várias linhagens, cujos membros afirmam ter descendência comum de um ancestral distante, no geral lendário ou mitológico.<sup>2</sup>

### Descendência e organização patrilinear

A descendência patrilinear (às vezes chamada *descendência masculina* ou *agnática*) é o sistema de descendência unilinear mais difundido. Através dos antepassados, os membros masculinos de um grupo traçam sua descendência de um ancestral comum (Figura 13.1). Os irmãos e irmãs pertencem ao grupo de descendência do pai do pai, do pai, dos irmãos do pai e dos filhos dos irmãos do pai. O filho e a filha desse homem também traçam sua descendência através da linha masculina até o ancestral comum. No grupo patrilinear típico, a autoridade sobre os filhos pertence ao pai ou a seu irmão mais velho. A mulher pertence ao mesmo grupo de descendência que seu pai e irmãos, mas seus filhos não podem traçar sua descendência através dela.

<sup>2</sup> Ver Hoebel, E. A. *Man in the primitive world: An introduction to anthropology*. Nova York: McGraw-Hill, 1949. p. 646, 652.

## GLOSSÁRIO

**linhagem** - Descendência unilateral de um grupo com um fundador ou ancestral comum, que viveu entre quatro a seis gerações anteriores; o parentesco entre os membros pode ser estabelecido genealógicamente e de maneira exata.

**clã** - Grupo de parentesco unilinear extenso, que normalmente consiste de várias linhagens, cujos membros afirmam ter descendência comum de um ancestral distante, geralmente lendário ou mitológico.

## Descendência e organização matrilinear

Como o termo implica, a descendência matrilinear é traçada exclusivamente através da linha feminina (Figura 13.2), do mesmo modo que a descendência patrilinear é traçada através da linha masculina. Entretanto, o padrão matrilinear é diferente, pois não confere autoridade ao gênero automaticamente.

Embora a descendência seja transmitida através da linha feminina e a mulher tenha poder considerável, ela não tem autoridade exclusiva sobre o grupo de descendência. Esta é dividida com um homem, geralmente com seu irmão (e não com o marido). De modo aparente, a finalidade adaptativa do sistema matrilinear é fornecer solidariedade contínua no grupo de trabalho feminino. Geralmente encontra-se o sistema matrilinear em sociedades horticultoras, nas quais as mulheres realizam a maior parte das tarefas domésticas e das áreas de cultivo próximas da casa. Como, em parte, seu trabalho no cultivo é considerado importante para a sociedade, a descendência matrilinear prevalece.

No sistema matrilinear, irmãos e irmãs pertencem ao grupo de descendência da mãe, da mãe da mãe, das irmãs da mãe e dos filhos da irmã da mãe. Portanto, todo homem pertence ao mesmo grupo de descendência que sua mãe, e seus filhos pertencem ao grupo de descendência de sua esposa, e não ao seu.

Embora não seja verdadeiro para todos os sistemas matrilineares, uma característica comum é a fragilidade relativa dos laços sociais entre marido e mulher. O marido não possui autoridade na casa que partilha com a esposa. A mulher não possui autoridade no ambiente doméstico. É seu irmão, não o marido-pai, quem distribui os bens, organiza o trabalho, resolve disputas, supervisiona os rituais e administra a herança e as regras de sucessão. Enquanto isso, o marido exerce o mesmo

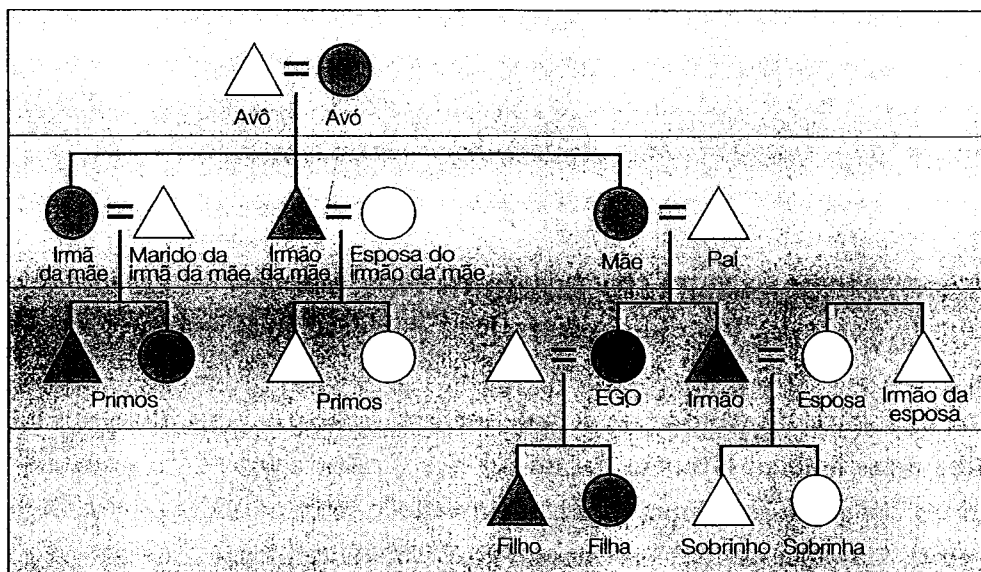


Figura 13.2 Traçado da descendência matrilinear

Este diagrama pode ser comparado ao da descendência patrilinear, na Figura 13.1. Os dois padrões são virtualmente opostos. Observe que o homem não pode transmitir descendência aos próprios filhos.

papel na residência da própria irmã. Além disso, as propriedades e o *status* são herdados pelo filho de sua irmã, não pelo seu. Portanto, irmãos e irmãs mantêm laços vitalícios, enquanto os laços maritais são facilmente rompidos. É mais fácil desfazer um casamento insatisfatório na sociedade matrilinear que na patrilinear.

### Outras formas de descendência

Entre os samoanos (e entre muitas culturas do Pacífico e do sudeste da Ásia), uma pessoa tem a opção de se afiliar ao grupo de descendência do pai ou da mãe. Conhecido como *descendência ambilinear*, esse sistema oferece flexibilidade. Contudo, também pode proporcionar disputas e conflitos, pois os grupos unilineares pleiteiam novos membros.

Essa difícil questão não ocorre na *descendência dupla*, ou descendência unilinear dupla, um sistema raro em que a descendência é matrilinear para algumas finalidades e patrilinear para outras. Em geral, onde a descendência dupla é traçada, os grupos matrilineares e patrilineares atuam em esferas diferentes da sociedade. Por exemplo, entre os yakö, no leste da Nigéria, a propriedade é dividida entre bens patrilineares e matrilineares.<sup>3</sup> A patrilinearidade detém os recursos perpétuos de produção, como a terra, enquanto a matrilinearidade possui os bens consumíveis, como animais. A matrilinearidade, legalmente mais fraca, é de certo modo mais influente nas questões religiosas que a patrilinearidade. Por meio da dupla descendência, um yakö pode herdar áreas de pastagem do grupo patrilinear do pai e certos privilégios rituais do grupo matrilinear da mãe.

Finalmente, quando a descendência deriva tanto da família da mãe como da do pai, os antropólogos empregam o termo *descendência bilateral*. Nesse sistema, as pessoas traçam a descendência de todos os ancestrais, não importa o gênero ou o lado da família. Podemos reconhecer a descendência bilateral quando os indivíduos aplicam os mesmos termos genealógicos para identificar indivíduos com o mesmo parentesco em ambos os lados da família. Por exemplo, quando se referem a uma "avó" ou "avô", não indicam se esses parentes são do lado materno ou paterno.

A descendência bilateral existe em várias culturas coletoras e também é muito comum em diversas sociedades estatais contemporâneas, com economia agrícola, industrial e pós-industrial. Por exemplo, embora muitas pessoas na Europa, Austrália e América do Norte de modo típico herdem o nome de família do pai (que indica a história de uma cultura em que a descendência patrilinear era a norma), elas geralmente se consideram membros tanto da família da mãe como da do pai.

### DESCENDÊNCIA NO SISTEMA CULTURAL MAIS AMPLO

Existe uma relação próxima entre o sistema de descendência e a infraestrutura de um sistema cultural. De modo geral, a descendência patrilinear prevalece onde o trabalho masculino é considerado de importância primária, como entre pastores e agricultores. A descendência matrilinear se sobressai em especial entre horticultores em sociedades nas quais o trabalho feminino é particularmente importante para a subsistência. Encontram-se muitas sociedades matrilineares no sul da Ásia, uma das primeiras regiões produtoras de alimento no mundo. Também são proeminentes em partes da América do Norte indígena, nas áreas tropicais da América do Sul e algumas regiões da África.

<sup>3</sup> Forde, C. D. Double descent among the Yakö. In: Bohannan, P.; Middleton, J. (Eds.) *Kinship and social organization*. Garden City, NY: Natural History Press, 1968. p. 179-191.

Em muitas sociedades o indivíduo não possui *status* legal ou político, exceto como membro de uma linhagem. Como a "cidadania" provém da participação em uma linhagem e o *status* legal depende desse aspecto, o poder político também se origina dela. Como a linhagem perdura após a morte dos membros e outros continuam a nascer, ela tem uma existência continuada que faz com que atue como uma corporação, por exemplo, na posse de propriedades, organização de atividades produtivas, distribuição de bens e força de trabalho, determinação do *status* e regulamentação das relações com outros grupos. O grupo de descendência também pode atuar como repositório de tradições religiosas: O culto aos antepassados, por exemplo, é geralmente uma força poderosa que serve para intensificar a solidariedade do grupo. Dessa forma, é uma base sólida e eficaz para a organização social.

Qualquer que seja a forma de descendência predominante, os parentes tanto do pai como da mãe são componentes determinantes da estrutura social em todas as sociedades. O simples fato de a descendência ser patrilinear não significa que os parentes da linhagem materna não sejam importantes. Quer dizer simplesmente que, para fins de participação no grupo, os parentes da mãe são omitidos. Assim como os parentes do pai são excluídos na descendência matrilinear.

Para citar um exemplo, na linhagem matrilinear dos trobriandeses, no Pacífico Sul, discutido no Capítulo 12, os filhos pertencem aos grupos de descendência da mãe, apesar de os pais terem papel importante na sua criação. Quando se casam, os parentes paternos do noivo e da noiva contribuem para a troca de presentes e, durante a vida, o homem pode contar com a ajuda deles para melhorar sua posição política e econômica na sociedade. Por fim, os filhos podem herdar as propriedades pessoais de seus pais.

Como uma instituição tradicional em uma sociedade organizada por parentesco, o grupo de descendência frequentemente perdura em sociedades organizadas em estados, nos quais as instituições políticas são ineficientes ou pouco desenvolvidas. Isso acontece em muitos países atualmente, em especial em vilas remotas, em desertos ou montanhas, de difícil acesso pelas autoridades do estado.

Além disso, como valores, ideias e práticas culturais associados a grupos de descendência tradicionais podem estar profundamente enraizados, tais padrões culturais com frequência persistem em *comunidades diaspóricas* (entre imigrantes que deixaram a terra natal ancestral e mantêm a identidade cultural distinta como minoria étnica no país onde vivem).

## Linhagem exogâmica

Uma característica comum das linhagens é a *exogamia*. Como definida no capítulo anterior, significa que os membros devem encontrar cônjuges em outras linhagens. Uma vantagem da exogamia é que a competição por um cônjuge desejável no grupo é reprimida, promovendo sua coesão interna. Linhagem exogâmica também significa que cada casamento é mais que a união entre duas pes-

soas, pois também gera ou reafirma uma aliança entre linhagens. Esse aspecto ajuda a sustentá-las como componentes de sistemas sociais mais amplos. Finalmente, a linhagem exogâmica mantém a comunicação aberta em uma sociedade, promovendo a difusão do conhecimento de uma linhagem para a outra.

### GLOSSÁRIO

**fissão** Divisão de um grupo de descendência em dois ou mais novos grupos de descendência.

**totemismo** Grupo de que as pessoas possuem parentes em comum, plantas, animais ou objetos naturais específicos, por meio da descendência de espíritos ancestrais comuns.

## Da linhagem ao clã

No decorrer do tempo, conforme uma geração sucede a outra e novos membros nascem, a participação no grupo de parentesco, na linhagem, pode ser ampla demais para ser administrada ou talvez exceda seus recursos. Quando isso acontece, ocorre a **fissão**, ou seja, a linhagem original se divide em novas linhagens menores. Normalmente, os membros das novas linhagens continuam a reconhecer a relação original entre si. O resultado desse processo é o surgimento de um tipo maior de grupo de descendência: o clã.

Como mencionamos anteriormente, o clã – tipicamente constituído por várias linhagens – é uma extensa linhagem unilinear, cujos membros afirmam ser descendentes de um determinado antepassado comum e distante (geralmente lendário ou mitológico); no entanto, não conseguem identificar precisamente as ligações genealógicas até esse ancestral. Isso acontece em razão da grande sequência genealógica, uma vez que o antepassado fundador viveu há tanto tempo que não é possível estabelecer essas ligações, apenas presumi-las. O clã difere da linhagem em outro aspecto: não possui a unidade residencial no geral, embora não de maneira invariável, característica dos membros principais da linhagem. Do mesmo modo que na linhagem, a descendência pode ser patrilinear, matrilinear ou dupla. Os escoceses, como os da imagem no início deste capítulo, são um exemplo de clãs patrilineares (ou patriclãs), que traçam a descendência exclusivamente através dos homens, a partir de um ancestral fundador.

Como a participação no clã é dispersa, em vez de localizada, em geral não inclui a propriedade compartilhada de bens tangíveis, mas envolve a participação compartilhada em assuntos políticos e cerimoniais. Apenas em ocasiões especiais os membros se reúnem para fins específicos.

Os clãs, porém, podem ter funções integradoras importantes. Como as linhagens, podem regulamentar o casamento através da exogamia. Uma vez que a participação é dispersa, o indivíduo tem direito de entrar em outros grupos locais, além do próprio. Normalmente, espera-se que os membros ofereçam proteção e hospitalidade mútuas. Portanto, esses direitos a benefícios podem ser esperados em qualquer grupo local que inclua pessoas que pertençam a um único clã.

Como não possui a unidade residencial da linhagem, os clãs dependem de símbolos – animais, plantas, forças naturais, cores e objetos especiais – para promover a solidariedade entre os membros e facilitar a identificação imediata. Esses símbolos, chamados *totens*, normalmente estão associados à origem mítica e reforçam a consciência clânica da descendência comum. A palavra *totem* origina-se da palavra *ototeman*, dos indígenas norte-americanos ojibwa, que significa “ele é meu parente”. O **totemismo** foi definido pelo antropólogo britânico A. R. Radcliffe-Brown como um conjunto de crenças e práticas habituais “que estabelece um sistema especial de relações entre a sociedade e as plantas, os animais e outros objetos naturais importantes para a vida social”.<sup>4</sup> Por exemplo, os clãs matrilineares dos índios hopi, no Arizona, possuem nomes totêmicos como Bear (Urso), Bluebird (Pássaro Azul), Butterfly (Borboleta), Lizard (Lagarto), Spider (Aranha) e Snake (Serpente).<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Radcliffe-Brown, A. R. Social organization of Australian tribes. *Oceana Monographs*, v. 1, n. 29, 1931.

<sup>5</sup> O mesmo ocorre entre vários dos povos indígenas no Brasil. Para saber mais, consultar as obras de autores como Curt Nimuendajú, Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, Manuela Carneiro da Cunha, Roberto Cardoso de Oliveira, Rafael Bastos, Oscar Calavia Sáez, Viveiros de Castro, Roque Laraia, Júlio Melatti, Roberto Damatta, entre outros.

## Fratrías e metades

Fratrías e metade (Figura 13.3) são tipos maiores de grupos de descendência. A **fratéria** (da palavra grega *phratría*, “fraternidade”) é um grupo de descendência unilinear, composto de pelo menos dois clãs que supostamente compartilham ancestralidade comum. Como no clã, os membros da fratéria não conseguem traçar de maneira precisa os laços de descendência até um ancestral comum, embora acreditem com veemência que este tenha existido.

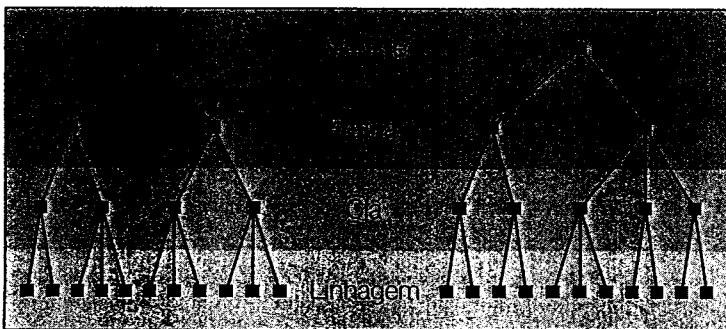
Se a sociedade for dividida em apenas dois grupos principais de descendência, equivalentes a clãs ou fratrías, cada um deles é chamado **metade** (da palavra francesa *moitié*, que significa “metade”). Os membros da metade acreditam compartilhar um ancestral comum, mas não conseguem comprovar através de laços genealógicos precisos. Como regra geral, os sentimentos de parentesco entre os membros de linhagens e clãs são mais fortes que os de membros de fratrías e metades. Em grande parte, isso acontece em virtude do tamanho e da disseminação muito maior desses últimos.

Como os sentimentos de parentesco são normalmente mais fracos entre pessoas de clãs diferentes, o sistema de metade é uma invenção cultural que mantém as comunidades baseadas em clãs unidas em uma rede social que obrigatoriamente oferece e recebe benefícios. Ao institucionalizar a reciprocidade entre grupos de clãs, o sistema de metade mantém unidas as famílias que, de outra forma, não investiriam o suficiente para manter a comunidade.

Da mesma forma que a linhagem e o clã, a fratéria e a metade são geralmente exógamas, assim permanecem unidas através do casamento entre seus membros. Como no clã, os membros têm direito de acesso a outras comunidades. Em uma comunidade que não inclui membros do clã de um indivíduo, os membros da fratéria oferecem hospitalidade. Finalmente, as metades podem realizar serviços de modo recíproco. Entre elas, o indivíduo recorre à outra “metade” para os rituais fúnebres necessários, quando um membro de sua própria linhagem morre. Essa interdependência entre as metades, mais uma vez, serve para manter a coesão de toda a sociedade.

## PARENTESCO BILATERAL E PARENTESCO CONSANGUÍNEO

Embora os grupos de descendência sejam importantes em muitas sociedades, não são encontrados em todas elas, nem são os únicos tipos de grupo de parentesco extenso existentes. O *parentesco bilateral*, uma característica da maior parte das sociedades europeias e norte-americanas contemporâneas, assim como de várias culturas coletoras, agrega uma pessoa a parentes geneticamente próximos (mas não aos parentes afins) através dos dois sexos. Em outras palavras, o indivíduo traça a



**FIGURA 13.3** O diagrama mostra como linhagens, clãs, fratrías e metades formam uma hierarquia organizacional. Cada metade é subdividida em fratrías, cada fratéria, em clãs e cada clã, em linhagens.

descendência através de ambos os pais, dos quatro avós, e assim por diante, reconhecendo ancestrais múltiplos. Teoricamente, o indivíduo está, de modo igual, associado a todos os parentes “de sangue”, tanto da família paterna como da materna. Assim, esse princípio faz a ligação linear de um indivíduo a todas as oito bisavós e a lateral a todos os primos em terceiro e quarto graus.



Como um grupo tão grande não é socialmente prático, em geral é reduzido a um círculo menor de parentes maternos e paternos, chamados parentes consanguíneos. O **parente consanguíneo** pode ser definido como o parente “de sangue” dos lados materno e paterno da família. É organizado de forma lateral, não de forma linear, ou seja, o EGO, a pessoa central a partir de quem o grau da relação é determinado, é o centro do grupo (Figura 13.4). Portanto, ao contrário do grupo de descendência verdadeira, o grupo de parentesco consanguíneo não é composto de pessoas com um ancestral comum, mas por aqueles que têm um parente vivo em comum.

A maioria dos ocidentais apresenta familiaridade com esse aspecto: aqueles que fazem parte de uma família são simplesmente chamados parentes. Inclui parentes consanguíneos maternos e paternos que, no geral, se encontram em ocasiões importantes, como casamentos, reuniões e funerais. Os membros são identificados até os avós e primos de primeiro grau e mesmo de segundo.

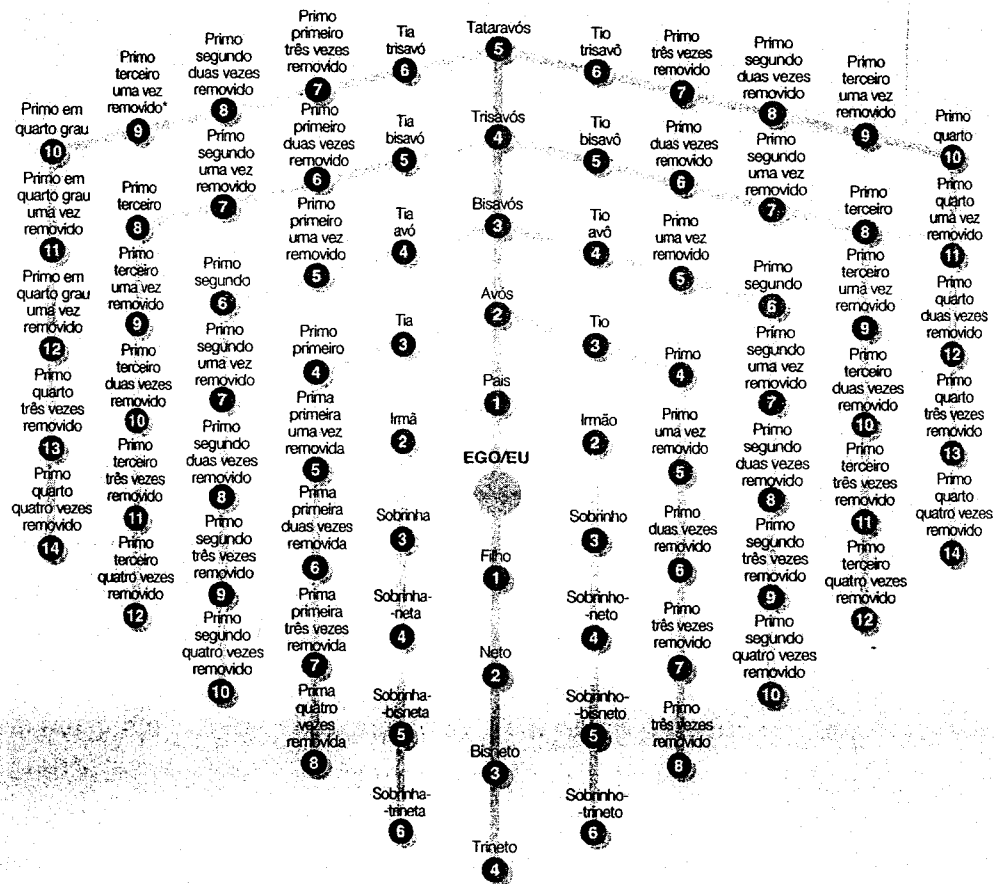
**GLOSSÁRIO**

**gratia** Grupo de descendência unilinear composto pelo menos de dois dias que supostamente compartilham ancestralidade comum, seja esta real ou não.

**metade** Cada grupo que resulta da divisão de uma sociedade em duas metades, com base na descendência.

**parente consanguíneo** Parente “de sangue” dos lados materno e paterno da família de um indivíduo.

**EGO** Pessoa central a partir de quem o parentesco é traçado.



\* “Uma vez removido” significa que há diferença de uma geração; “duas vezes removido”, diferença de duas gerações etc. (NE)

Figura 13.4 EGO e seus parentes

O parentesco consanguíneo especifica o grau exato da relação consanguínea com outras pessoas da família. Esse grau de consanguinidade determina não só as obrigações sociais para com os parentes, mas também os direitos. Por exemplo, quando uma tia-avó, viúva e sem filhos, morre sem deixar testamento, determinados parentes consanguíneos vivos serão considerados seus herdeiros legais.

Como a estrutura é bilateral, o grau de parentesco consanguíneo nunca é o mesmo para duas pessoas, exceto para os *siblings* (irmãos e irmãs). Também não é perpétuo, cessa com a morte do EGO. Ao contrário do grupo de descendência, não há líder constante, nem é possível manter, administrar ou transferir propriedades. Em virtude de sua natureza vaga, temporária e afiliação em constante mudança, o parentesco não funciona como um grupo, exceto em relação ao EGO. Na maioria dos casos, não consegue organizar o trabalho, nem administrar a justiça ou determinar o *status* com facilidade.

Entretanto, é possível recorrer a ele para obter ajuda. Nas sociedades não ocidentais, por exemplo, os parentes podem compor um grupo de assalto, de ataques ou de comércio. Ele se reúne para realizar alguma função específica, divide o resultado e então se dissolve. Também pode atuar como grupo de cerimônia para ritos de passagem: cerimônias de iniciação e eventos semelhantes. Tradicionalmente, o parentesco consanguíneo também é importante em muitas culturas europeias, onde pode servir para ajudar a levantar fundos, compensar a família de uma vítima, ou vingar a morte ou ferimento de um membro. Finalmente, o parentesco consanguíneo também pode regulamentar o casamento através da exogamia.

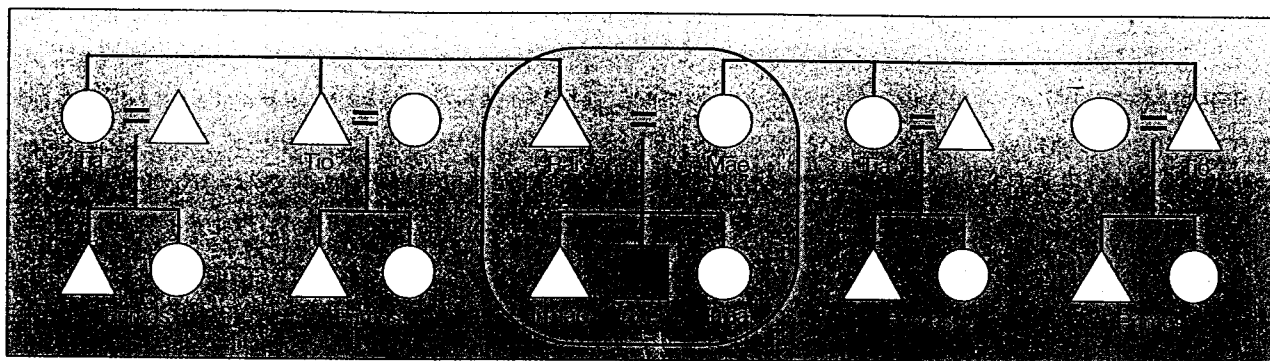
Com frequência, está presente em sociedades estatais industriais e pós-industriais, nas quais as condições capitalistas de trabalho assalariado provocam a mobilidade e promovem o individualismo, enfraquecendo, portanto, a importância de uma organização poderosa de parentesco.

## TERMINOLOGIA E GRUPOS DE PARENTESCO

Qualquer sistema organizado de pessoas que sejam parentes em grupos diferentes – parentesco consanguíneo, linhagem ou clã – influencia a forma como os membros são rotulados em uma determinada sociedade. Os sistemas de terminologia do parentesco variam consideravelmente entre as culturas, pois refletem a posição que os indivíduos ocupam na respectiva sociedade, ajudando a estabelecer a diferença entre eles. Os fatores de distinção incluem gênero, diferenças de geração ou genealógicas. Nos vários sistemas de terminologia, qualquer um desses fatores pode ser enfatizado em detrimento de outros.

Ao analisar os termos empregados para especificar os parentes em uma determinada sociedade, o antropólogo pode estabelecer como o grupo de parentesco se estrutura, quais relações são consideradas importantes e, às vezes, quais atitudes prevalecem, levando-se em conta os diversos relacionamentos. Por exemplo, várias línguas empregam o mesmo termo para identificar um irmão e um primo, outras têm apenas uma palavra para designar primo, sobrinha e sobrinho. Algumas culturas acreditam ser útil distinguir o irmão mais velho dos mais novos e têm palavras diferentes para cada um deles. Da mesma forma, muitas línguas distinguem entre a tia que é irmã da mãe e a que é irmã do pai.

Independentemente dos fatores enfatizados, toda terminologia de parentesco cumpre duas tarefas importantes. Primeiro, classifica tipos similares de indivíduos em categorias específicas únicas; segundo, separa tipos diferentes de indivíduos em categorias distintas. Geralmente, dois ou mais parentes recebem o mesmo termo quando os indivíduos possuem quase os mesmos direitos e obrigações em relação à pessoa que se refere a eles como tal. É o que acontece no Brasil, por exemplo, quando alguém se refere à irmã da mãe e à irmã do pai como “tia”. Em relação ao falante, ambas apresentam *status* semelhante.



**Figura 13.5 Sistema esquimó**

O sistema esquimó de terminologia de parentesco enfatiza a família nuclear (círculo maior). O pai e a mãe de EGO distinguem-se dos tios e tias, e os *siblings* dos primos.

Vários sistemas diferentes de terminologia de parentesco resultam da aplicação dos princípios mencionados, incluindo os sistemas esquimó, havaiano, iroquês, crow, omaha, sudanês, kariera e aranda; cada um deles recebeu o nome conforme o exemplo etnográfico que foi o primeiro ou mais bem descrito pelos antropólogos. Os últimos cinco sistemas são fascinantes por sua complexidade e encontrados em poucas sociedades em todo o mundo. Entretanto, para ilustrar alguns dos princípios básicos envolvidos, apresentaremos apenas os três primeiros.

### Sistema esquimó

O sistema esquimó, comparativamente raro em relação aos sistemas mundiais, é usado pelos euro-americanos, assim como por vários povos coletores (incluindo os inuítes e outros esquimós, por isso o nome). Às vezes chamado *sistema linear*, o sistema esquimó enfatiza a família nuclear, identificando especificamente mãe, pai, irmã e irmão, enquanto agrupa todos os outros parentes em categorias mais amplas (Figura 13.5). Por exemplo, o termo empregado para se referir ao pai é diferente daquele usado para o irmão do pai (tio); mas o termo para se referir ao irmão do pai é o mesmo para o irmão da mãe (ambos são chamados "tio"). A irmã da mãe e a irmã do pai são ambas chamadas "tia". Além disso, todos os filhos e filhas dos tios e tias são chamados "primo",<sup>6</sup> fazendo, portanto, uma distinção de gerações sem indicar o lado da família a que pertencem, nem o gênero.

Diferentemente de outras terminologias, o sistema esquimó apresenta termos distintos e separados para os membros da família nuclear. Isso provavelmente acontece porque o sistema esquimó em geral baseia-se em sociedades bilaterais, em que o grupo dominante é o de parentes consanguíneos, no qual apenas os membros imediatos são importantes para o dia a dia. Isso é especialmente verdadeiro para as modernas sociedades europeias e norte e sul-americanas, em que muitas famílias são independentes, vivem longe dos outros parentes e não se envolvem diretamente com eles, exceto em ocasiões especiais. Portanto, a maioria dos norte-americanos (e outros), em geral, distingue entre parentes mais próximos (pais e irmãos), mas agrupa outros (tios, tias, primos e primas) de ambos os lados da família.

<sup>6</sup> Em inglês, a palavra *cousin* não apresenta forma feminina, diferentemente do português. O gênero é identificado por meio de determinantes, pronomes (*she/he, his/her*), por exemplo. (NT)

## Sistema havaiano

O sistema havaiano de terminologia de parentesco, comum (como o nome implica) no Havaí e em outras ilhas do centro-sul do Oceano Pacífico, mas também encontrado em alguns outros lugares, é menos complexo, pois emprega menos termos. Também é chamado *sistema de gerações*, pois todos os parentes da mesma geração e sexo recebem a mesma denominação (Figura 13.6). Por exemplo, na geração do pai de um indivíduo, o termo utilizado para se referir ao pai é o mesmo para o irmão do pai e o irmão da mãe, assim como a mãe, a irmã da mãe e a irmã do pai recebem uma única denominação. Na geração de EGO, primos e primas são diferenciados por gênero e iguados a irmãos e irmãs.

O sistema havaiano reflete a ausência de descendência unilinear forte e os membros do lado materno e paterno são considerados praticamente iguais. Portanto, todos os irmãos do pai e da mãe de um indivíduo são reconhecidos como parentes semelhantes e agrupados em um único termo, conforme o gênero. Do mesmo modo, os filhos dos irmãos do pai e da mãe são parentes do EGO assim como o irmão e a irmã. Segundo o tabu do incesto, eles não são considerados cônjuges potenciais.

## Sistema iroquês

No sistema iroquês de terminologia do parentesco, o pai e o irmão do pai recebem uma única denominação, assim como a mãe e a irmã da mãe; porém, a irmã do pai e o irmão da mãe recebem

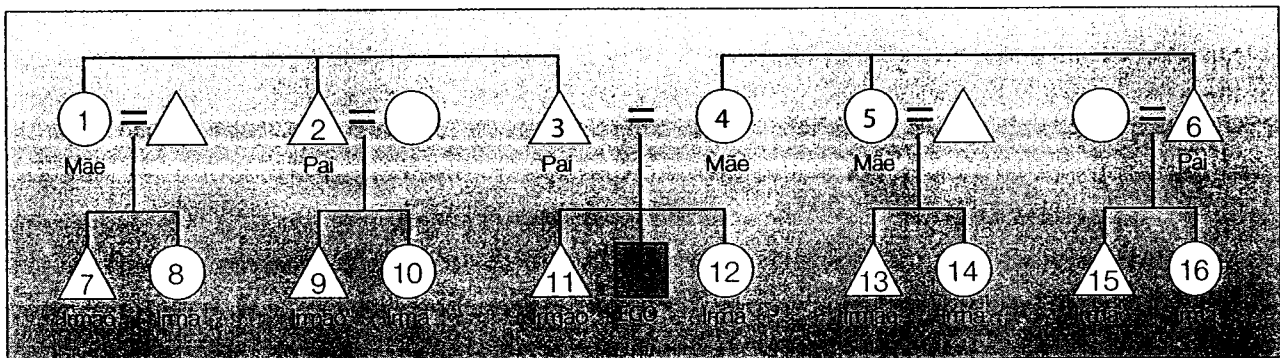


Figura 13.6 Sistema havaiano

No sistema havaiano de parentesco, o EGO chama os homens de número 2 e 6 pelo mesmo termo que o pai (3) e as mulheres de número 3 e 5, pelo mesmo termo que a mãe (4). Todos os primos da mesma geração de EGO (7-16) são considerados irmãos e irmãs.

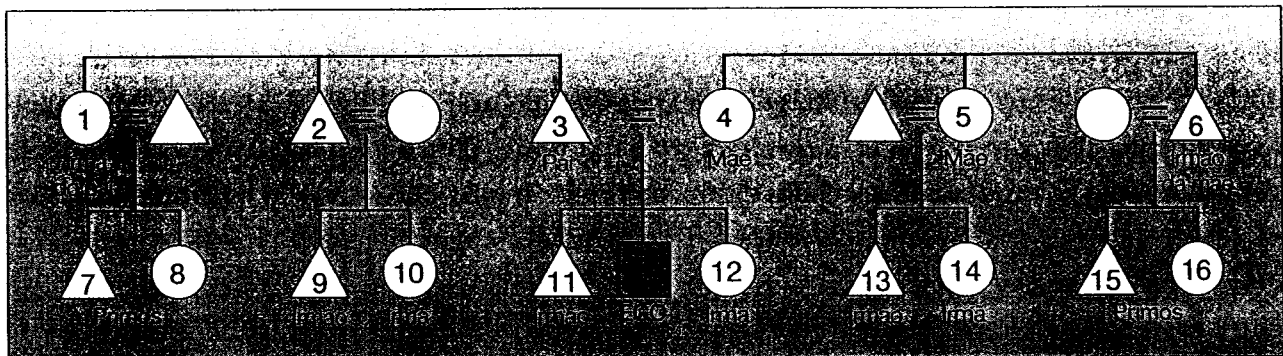


Figura 13.7 Sistema iroquês

Segundo o sistema de terminologia de parentesco iroquês, o irmão do pai de EGO (2) é chamado pelo mesmo termo que o pai (3); a irmã da mãe (5), pelo mesmo termo que a mãe (4), mas cada uma das pessoas com número de 1 a 6 recebe termo distinto. As de número 9 a 14 são todas consideradas irmãos, mas as de número 7, 8, 15 e 16 são consideradas primos.

denominações diferentes (Figura 13.7). As pessoas da mesma geração de um indivíduo, irmãos, irmãs e primos paralelos (filhos de irmãos do mesmo gênero dos pais, ou seja, da irmã da mãe ou do irmão do pai) do mesmo sexo são chamados pelos mesmos termos, o que é lógico, considerando que são filhos de pessoas classificadas na mesma categoria que a mãe e o pai de EGO. Os primos cruzados (filhos de irmãos de gênero diferente dos pais, ou seja, do irmão da mãe ou da irmã do pai) são diferenciados por termos que os separam de todos os outros parentes. Na verdade, os primos cruzados geralmente são os preferidos como cônjuges, pois o casamento entre eles reafirma as alianças entre as linhagens ou os clãs aparentados.

A terminologia iroquesa, que se refere aos nativos iroqueses da região de florestas a noroeste da América do Norte, é, na verdade, amplamente difundida e encontrada em grupos de descendência unilinear. Foi, por exemplo, empregada até recentemente na sociedade rural chinesa.

### Termos de parentesco e novas tecnologias de reprodução

Se outros sistemas de parentesco, senão o próprio, parecem estranhos e complexos, considere as implicações de um evento que aconteceu em 1978: a produção do primeiro bebê de proveta fora do útero, sem haver relação sexual. Desde então, milhares de bebês já foram concebidos desse modo, e todos os tipos de novas tecnologias se tornaram parte do repertório reprodutivo. As **novas tecnologias reprodutivas (NTR)** são formas alternativas de reprodução, como a barriga de aluguel e a fertilização *in vitro*.

Essas tecnologias criaram uma grande diversidade, às vezes assustadora, de possibilidades reprodutivas. Por exemplo, se a criança é concebida com o óvulo de uma doadora, implantado no útero de uma segunda mulher e criada por uma terceira, quem é a mãe? Para complicar ainda mais a situação, o óvulo pode ter sido fertilizado pelo espermatozoide de um doador que não é casado, ou não teve relações sexuais, com nenhuma delas. Na verdade, já foi sugerido que precisamos de aproximadamente uma dezena de termos de parentesco diferentes para incluir os conceitos de pai e mãe na sociedade atual, em constante mudança.<sup>7</sup>

Certamente, as novas tecnologias reprodutivas estão influenciando as noções tradicionais de parentesco. Além de transformar nossa noção sobre o ser humano, elas nos forçam a redefinir conceitos estabelecidos sobre o *status* de parentes, desafiando-nos a repensar o que significa “ser parente” e, especificamente, quais são nossos direitos e obrigações em relação a essas categorias pouco familiares de parentesco.

#### GLOSSÁRIO

**sistema esquimo** sistema de parentesco em que a família nuclear é enfatizada por meio da denominação específica da mãe, do pai, do irmão e da irmã, enquanto agrupa todos os outros parentes em categorias mais amplas, como tio e primo; também conhecido como sistema linear.

**sistema havaiano** sistema de parentesco em que todos os parentes do mesmo sexo e geração recebem a mesma denominação; também conhecido como sistema de gerações.

**sistema iroqueses** sistema de parentesco em que o pai e o irmão do pai recebem a mesma denominação, assim como a mãe e a irmã da mãe; o irmão da mãe e a irmã do pai recebem denominações diferentes; os primos paralelos são classificados como irmãos e irmãs, enquanto os primos cruzados são classificados separadamente, mas não são incluídos a parentes de alguma geração.

<sup>7</sup> Stone, L. *Kinship and gender: an introduction*. Boulder: Westview Press, 1998. p. 272.

## AGRUPAMENTOS ALÉM DO PARENTESCO

Como os laços de parentesco e de grupo nem sempre são suficientes para lidar com todos os desafios da sobrevivência, as pessoas também formam grupos com base em gênero, idade, interesses comuns e classe ou nível social.

### Agrupamento por gênero

Como já mostramos em capítulos anteriores, a divisão do trabalho conforme o gênero ocorre em todas as sociedades humanas. Em algumas culturas, como a ju/'hoansi, no sul da África, já discutida anteriormente, muitas tarefas realizadas por homens e mulheres podem ser divididas. As pessoas podem executar o trabalho normalmente designado ao sexo oposto sem perder o prestígio. Em outras, porém, homens e mulheres são rigidamente segregados. É o caso de muitas culturas marítimas, nas quais os marinheiros a bordo de navios pesqueiros, baleeiros e de transporte são geralmente homens. Por exemplo, encontram-se comunidades temporárias totalmente masculinas em navios pesqueiros na costa do País Basco, no norte da Espanha, em navios baleeiros, entre os esquimós yupik no Alasca, e em grupos de mercadores suaíli, ao longo da costa leste da África. Eles geralmente ficam longe da esposa, mãe e filhos durante meses seguidos.

Também há grupos evidentemente demarcados por gênero em muitas sociedades horticultoras tradicionais. Por exemplo, entre os indígenas mundurucu, na Floresta Amazônica, homens e mulheres trabalham, comem e dormem separadamente. A partir dos 13 anos, os homens vivem juntos em uma casa, enquanto as mulheres, as meninas, as moças e os meninos pré-adolescentes ocupam duas ou três casas, nos arredores da moradia dos homens. Para todos os fins, os homens formam grupos somente masculinos e as mulheres, apenas femininos.

### Agrupamento por idade

O agrupamento por idade é tão comum e importante que esse aspecto e o gênero são considerados os fatores universais que determinam a posição de um indivíduo na sociedade. Atualmente, na América do Norte, por exemplo, e em quase todos os países do Ocidente, os primeiros amigos de uma criança são outras da própria idade. Ao ingressar na escola, com colegas da mesma idade, as crianças continuam com os mesmos colegas por 12 anos ou mais. Em idades específicas, elas podem ver certos tipos de filmes, dirigir e fazer coisas reservadas para adultos, como votar, consumir bebida alcoólica e servir nas forças armadas. Por fim, nos Estados Unidos, a pessoa se aposenta em idade específica e, cada vez mais, passa o resto da vida em comunidades segregadas do restante da

sociedade. À medida que amadurece, é chamada “adolescente”, “de meia-idade” ou “madura” e “da terceira idade”, goste ou não, simplesmente pelo número de anos que já viveu.

A classificação por idade também tem papel importante nas sociedades não ocidentais que, no mínimo, fazem distinção entre pessoas imaturas, maduras e mais velhas, cuja força física é mais fraca. Nessas sociedades, a velhice possui

#### GLOSSÁRIO

**novas tecnologias reprodutivas (NTR)** Formas alternativas de reprodução, como a barriga de aluguel e a fertilização *in vitro*.

**faixa etária** Categoria organizada de pessoas de acordo com a idade.

**classe de idade** Grupo formalmente estabelecido que nasce em determinado período e segue junto por várias faixas etárias.

um significado profundo, que traz consigo certo período de grande respeito (para a mulher, pode significar a primeira igualdade social em relação ao homem). Raramente os idosos são afastados ou abandonados. Mesmo os nativos inuítes, na região do Ártico canadense, geralmente citados como exemplo de um povo que abandona os parentes idosos, somente o fazem em situações de desespero, quando a sobrevivência física do grupo está em risco. Nas sociedades de tradição oral, os mais velhos são repositórios de sabedoria acumulada. Reconhecidos como tal e não tendo mais que executar muitas atividades de subsistência, são extremamente importantes para transmitir o conhecimento cultural aos descendentes.

Todas as sociedades humanas reconhecem vários estágios da vida. Os limites e a duração desses estágios variam de acordo com a cultura. Cada estágio sucessivo da vida apresenta papéis sociais distintos e tem certas características culturais, como padrões específicos de atividade, atitudes, proibições e obrigações. Em muitas culturas, a posição social de um indivíduo, em determinado estágio da vida, também é marcada por uma aparência externa distinta em termos de vestimenta, estilo de cabelo, pintura corporal, tatuagens, insígnias, ou alguma outra distinção simbólica. Tipicamente, esses estágios são estabelecidos para ajudar na transição entre as idades, para ensinar as habilidades necessárias ou para prestar assistência econômica. Em geral, são tomados como base para a formação de grupos organizados.

### Faixa etária

A faixa etária é uma categoria organizada de acordo com a idade. A entrada em uma faixa etária e a saída dela podem ser acompanhadas individualmente, ou pela distinção biológica, como a puberdade, ou por um *status* socialmente reconhecido, como o casamento ou o nascimento de um filho. Embora os membros de uma faixa etária possam ter muito em comum – engajamento em atividades semelhantes, cooperação mútua e compartilhamento das mesmas orientações e aspirações –, a permanência em determinada faixa etária nem sempre é completamente simultânea à idade fisiológica. Uma época específica é geralmente estabelecida através de rituais para marcar a passagem de uma faixa à outra. Um exemplo é a tradicional cerimônia judaica do *barmitzvah* (termo hebraico que significa “filho do mandamento”), que marca a transição do garoto de 13 anos para a idade da responsabilidade e das tarefas religiosas. *Batmitzvah*, que significa “filha do mandamento”, é o termo equivalente para as meninas.

Embora os membros de grupos mais velhos normalmente esperem respeito e consideração por parte dos mais novos e lhes determinem certas responsabilidades, isso não significa que uma faixa etária seja vista como melhor, pior ou mesmo mais importante que a outra. Pode haver competição padronizada (oposição) entre as idades, como, no geral, acontece entre alunos do primeiro e do último ano, nas faculdades norte-americanas.

### Classe de idade

Além da faixa etária, algumas sociedades apresentam classe de idade. Uma classe de idade é um grupo formalmente estabelecido, que nasceu em determinado período e que segue junto através de várias faixas etárias. A classe de idade, diferentemente da faixa etária, termina após um número determinado de anos; os membros da classe de idade, no geral, permanecem estreitamente associados durante a vida. Isso tem relação, mas é diferente da ampla e informal prática norte-americana de

identificar grupos de gerações compostos de todos os indivíduos que nasceram em uma determinada época, como a do “baby boom” (1946-1960), da geração X (1961-1980) e da geração do novo milênio ou da internet (1981-2000) (períodos de tempo aproximados).

A noção de classe de idade envolve fortes sentimentos de lealdade e apoio mútuo. Como esses grupos podem possuir propriedades, músicas, símbolos e rituais e são internamente organizados para liderança e decisões coletivas, a classe de idade é diferente da faixa etária. Embora em muitas partes do mundo a idade seja um critério para participar de um grupo, no leste da África encontra-se uso mais variado e elaborado em vários grupos de pastoreio nômade.<sup>8</sup>

## AGRUPAMENTO POR INTERESSES COMUNS

O surgimento de sociedades industrializadas urbanas, em que os indivíduos geralmente se separam dos parentes, provocou a proliferação de **associações de interesse comum**, que resultam de um ato de ingresso e se baseiam em atividades, objetivos, valores ou crenças específicas. Além disso, essas associações comuns ajudam as pessoas a satisfazer várias necessidades, como companhia, condições de trabalho seguras, aprendizagem de outra língua e costumes, quando há mudança para outro país.

Como são flexíveis por natureza, geralmente são procuradas, nas cidades e nas áreas rurais, como uma forma de atender a essas necessidades. Contudo, essas associações não se restringem apenas às sociedades modernas. Também são encontradas em muitas sociedades tradicionais, e há motivos para acreditar que surgiram com a emergência das primeiras vilas horticuloras. Além disso, as associações em sociedades tradicionais podem ser tão complexas e altamente organizadas como as de países como os Estados Unidos e o Canadá.

A variedade das associações de interesse comum é surpreendente. Incluem entidades diversificadas como gangues de rua, milícias particulares, clubes esportivos e de serviço, grupos religiosos, partidos políticos, sindicatos, organizações ambientais e clubes de todos os tipos. Os objetivos podem incluir fazer amizades, oferecer atividades recreativas e promover certos valores, assim como governar, buscar a paz em escala global e defender os interesses econômicos.

As associações também servem para preservar músicas tradicionais, história, língua, valores morais e outros costumes, entre os membros de várias minorias étnicas. Assim acontece com os indígenas norte-americanos que, desde o fim da década de 1960, vêm recuperando seu orgulho étnico, após gerações de assimilação e escolarização forçada, projetadas para reprimir sua identidade cultural. Uma forma satisfatória de expressar publicamente o orgulho pela identidade étnica e pela herança cultural acontece através de cerimônias conhecidas como *powwow*, que são realizadas não só nas reservas, mas também nas cidades onde a maioria dos indígenas norte-americanos vive atualmente.<sup>9</sup> Durante a última década, houve grande aumento desse tipo de associação em sociedades que têm acesso à internet. O mundo cibernético viu a explosão do que, na verdade, são associações virtuais de interesse comum, todas com regras específicas sobre o que os membros podem ou não publicar e como deve ser o comportamento on-line.

<sup>8</sup> Entre inúmeras referências sobre o assunto, ver Sangree, W. H. *The Bantu Tiriki of western Kenya*. In: Gibbs Jr., J. L. (Ed.) *Peoples of Africa*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1965. p. 69-72.

<sup>9</sup> Ellis, C. *A dancing people: Powwow culture on the southern plains*. Lawrence: University Press of Kansas, 2006.



## AGRUPAMENTO POR CLASSE SOCIAL NAS SOCIEDADES ESTRATIFICADAS

A estratificação social é uma força comum e poderosa em muitas sociedades. Basicamente, a **sociedade estratificada** é aquela em que as pessoas estão hierarquicamente divididas e classificadas em estratos sociais, ou camadas, e não compartilham de maneira igual os recursos básicos que possibilitam a sobrevivência, a influência e o prestígio. O indivíduo de estratos mais baixos tipicamente possui menos privilégios e poder que o de estratos mais altos. Além disso, as restrições e obrigações que enfrenta são, em geral, mais opressivas e ele precisa trabalhar muito mais por recompensas menores.

Resumindo, estratificação social equivale à desigualdade institucionalizada. Sem classificação – alta *versus* baixa – não há estratificação; sem a primeira, as diferenças sociais não constituem a segunda.

A sociedade estratificada contrasta nitidamente com a **sociedade igualitária**, em que todos os indivíduos têm praticamente o mesmo nível, acesso aos recursos básicos e poder sobre eles. Como já vimos nos capítulos anteriores, as sociedades coletoras são caracteristicamente igualitárias, embora existam algumas exceções.

### Classe social e castas

Uma **classe social** pode ser definida como uma categoria de indivíduos, em uma sociedade estratificada, que desfruta de prestígio igual, ou quase, de acordo com o sistema de avaliação. A qualificação “quase igual” é importante, pois pode haver certa desigualdade mesmo em determinada classe. A distinção de classe nem sempre é clara e óbvia em sociedades que apresentam uma variação ampla e contínua de privilégios diferenciados.

A **casta** é uma classe social fechada, em uma sociedade estratificada, cuja participação é determinada pelo nascimento e imutável para a vida toda. Oposto do princípio de que todos os homens nascem iguais, o sistema de castas baseia-se no princípio de que o ser humano não é, nem pode ser, igual. As castas são extremamente endogâmicas e os filhos automaticamente fazem parte da casta dos pais.

### Sistema tradicional de castas hindu

O exemplo etnográfico clássico de um sistema de castas é o da Índia (também encontrado em outras partes da Ásia e até no Nepal e em Bali). Talvez o sistema hierárquico que sobrevive há mais tempo em todo o mundo, engloba a classificação complexa de grupos sociais com base na “pureza ritual”. Cada uma das quase 2 mil castas diferentes se considera uma comunidade distinta, de nível mais alto ou mais baixo que outras, embora a classificação específica varie conforme a região geográfica e o tempo. As castas estão associadas a ocupações e costumes específicos, como hábitos de alimentação e de vestimentas, juntamente com os rituais que envolvem noções de pureza e poluição. A poluição ritual resulta de contato,

#### GLOSSÁRIO

**associações de interesse comum** Associações que resultam de um alto nível de ingresso e se baseiam em atividades, objetivos, valores ou crenças específicos.

**sociedade estratificada** Sociedade em que as pessoas estão hierarquicamente divididas e classificadas em estratos sociais, ou camadas, e não compartilham igualmente os recursos básicos que possibilitam a sobrevivência, a influência e o prestígio.

**sociedade igualitária** Sociedade em que todos têm praticamente o mesmo nível, acesso aos recursos básicos e poder sobre eles.

**classe social** Categoria de indivíduos em uma sociedade estratificada que desfruta de prestígio igual, ou quase, de acordo com o sistema de avaliação.

**casta** Classe social fechada, em uma sociedade estratificada, cuja participação é determinada pelo nascimento e imutável.



como tocar um membro de uma casta mais baixa, aceitar comida dele, ou manter relações sexuais com esse indivíduo. Por esse motivo, as castas são sempre endogâmicas. As diferenças na classificação das castas são tradicionalmente justificadas pela doutrina religiosa do *carma*, a crença de que o *status* de um indivíduo, nesta vida, é determinado por suas ações em vidas passadas.

Todas essas castas, ou *jatis*, são organizadas em quatro ordens básicas, *varnas* (que literalmente significa “cores”), diferenciadas de modo parcial pela ocupação e classificadas em ordem descendente de *status* de pureza religiosa. A fundamentação religiosa para essa hierarquia social encontra-se em um texto sagrado conhecido como Leis de Manu, uma obra antiga, com quase 2.000 anos, e considerada pelos hindus tradicionais a autoridade máxima de suas instituições culturais. Define os brâmanes como os *varnas* mais puros e, portanto, de nível mais alto. Como sacerdotes e legisladores, os brâmanes representam o mundo da religião e do aprendizado. Em seguida vem a ordem dos soldados e governantes, conhecida como *kshatriyas*. Abaixo dela, está a dos *vaisyas* (mercadores e comerciantes), que realizam atividades comerciais, agrícolas e pastoris. Na camada inferior, estão os *shudras* (artesãos e operários), uma ordem necessária para servir as outras três *varnas* e que também ganha a vida com artesanato.

Fora do sistema *varna* existe uma quinta categoria de indivíduos conhecidos como *dalits*, ou “intocáveis”. Comumente discriminados pelos hindus como “impuros”, eles não podem ser proprietários de terra nem das ferramentas de que precisam para trabalhar. Constituem um grande grupo de mão de obra barata à disposição dos que controlam a política e a economia. Na tentativa de resgatar a dignidade dessas vítimas afetadas pela pobreza, o líder nacionalista Mahatma Gandhi renomeou-os *harijan*, “filhos de Deus”.

Embora a constituição indiana de 1950 tenha tentado abolir o sistema de castas e suas práticas discriminatórias baseadas na fé contra os intocáveis *dalits*, o sistema ainda permanece profundamente arraigado na cultura hindu e continua muito difundido, em especial nas áreas rurais. No que tem sido chamado “*apartheid* oculto” da Índia, vilas inteiras, em muitos estados indianos, continuam completamente segregadas por castas. Os *dalits*, amplamente dispersos, representam aproximadamente 15% da população indiana, cerca de 170 milhões de pessoas, e enfrentam isolamento social quase completo e discriminação com base exclusivamente no *status* de nascimento. Acredita-se que mesmo a sombra de um deles pode contaminar as castas superiores. Eles não podem atravessar a linha divisória entre a parte da vila que ocupam e a das castas mais altas, beber água em poços públicos ou visitar os mesmos templos que elas. As crianças *dalit* sentam no fundo das salas de aula e, nas áreas rurais, alguns ainda não têm nenhum acesso à educação.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Observações conclusivas do Committee on the Elimination of Racial Discrimination, India (p. 3). (mar. 2007). Considerações sobre os relatórios submetidos pelos partidos dos estados, conforme o Artigo 9 da International Convention on the Elimination of All Forms of Racial Discrimination, 70th Session. [www2.ohchr.org/english/bodies/cerd/cerds70.htm](http://www2.ohchr.org/english/bodies/cerd/cerds70.htm); ver também “Hidden apartheid: Caste discrimination against India’s untouchables”. (2007). Human Rights Watch and the Center for Human Rights and Global Justice. [www.hrw.org/reports/2007/india0207](http://www.hrw.org/reports/2007/india0207).

Existem situações de segregação em castas em outras regiões do mundo. Na Bolívia, no Equador e em vários outros países da América Central e do Sul, por exemplo, a classe mais alta e rica é quase exclusivamente composta de descendentes de europeus, que raramente se casam com descendentes de indígenas ou africanos. Em contraste, a classe mais baixa nesses países é basicamente composta de trabalhadores e camponeses pobres e de pele escura.

### Segregação nos Estados Unidos

Até quase recentemente, a segregação racial institucionalizada existia oficialmente nos Estados Unidos, onde a classe dominante é histórica e exclusivamente composta de indivíduos de descendência europeia (“caucasiana” ou “branca”). Após a Guerra da Independência, vários estados da Nova Inglaterra uniram-se à Virgínia e a outros estados do sul e tornaram ilegal o casamento entre brancos norte-americanos e negros ou indígenas. Embora o governo federal tenha abolido oficialmente a escravidão em 1863, essas leis antimiscigenação continuaram válidas em vários estados, do Maine à Florida, durante muitas décadas.

Em 1924, a Assembleia Geral da Virgínia aprovou o Racial Integrity Act (Lei da integridade racial) para evitar que indivíduos de pele clara, com alguma ascendência africana, “passassem” por brancos. Conhecida como a *regra da gota única*, essa lei codificava a ideia de pureza racial, classificando os indivíduos como negros se apenas um de seus múltiplos ancestrais fosse de origem africana (“uma gota de sangue negro”).

Apesar de terem pele clara, estavam sujeitos a várias práticas discriminatórias não aplicáveis a brancos. Essa discriminação racial institucionalizada persistiu durante um século após a abolição da escravatura e, atualmente, há a autosegregação em muitas partes do país. O “Estudo Original”, na página seguinte, ilustra dolorosamente os efeitos desse racismo institucionalizado, mas também mostra o papel da educação pública para combater estereótipos e injustiças.

Apesar da lei dos direitos civis, aprovada na década de 1960 (proibindo a discriminação em acomodações, escolas, trabalho e eleições por motivos de cor, raça, religião ou nacionalidade), a desigualdade étnica persiste, pois a família afro-americana típica possui uma renda de 54 centavos e 12 centavos de riqueza para cada dólar da família norte-americana “branca” típica.<sup>11</sup> Mas, apesar das leis, a discriminação persiste, em especial em antigos estados escravagistas, como a Carolina do Norte. Pesquisas recentes no sistema legal desse estado mostraram que a vida de um “branco” é muito mais valorizada que a de um “não branco”; réus cujas vítimas são “brancos” têm a probabilidade de serem sentenciados à morte 3,5 vezes maior que aqueles cujas vítimas são “não brancos”.<sup>12</sup>

### Indicadores de classe social

A classe social é demonstrada de várias formas, até mesmo por meio de *indicadores simbólicos*. Por exemplo, nos Estados Unidos, certas atividades e propriedades indicam a classe: ocupação (um coletor de lixo tem *status* social diferente de um médico); riqueza (pessoas ricas geralmente pertencem a uma

<sup>11</sup> Boshara, R. Wealth inequality: The \$6,000 solution. *Atlantic Monthly*, jan.-fev. 2003. Ver também Kennickell, A. B. *A rolling tide: changes in the distribution of wealth in the U.S. 1989-2001*. Levy Economics Institute. Nov. 2003.

<sup>12</sup> Unah, I.; Boger, C. *Race and the death penalty in North Carolina*. [www.common-sense.org/pdfs/NCDeathPenaltyReport2001.pdf](http://www.common-sense.org/pdfs/NCDeathPenaltyReport2001.pdf). Abr. 2001.

## Estudo Original: Projeto "African Burial Ground"

*Michael Blakey*

Em 1991, operários da construção civil, em Manhattan, encontraram o que acabou se revelando ser parte de um cemitério africano, com mais de 24 mil metros quadrados, contendo os restos mortais de aproximadamente 10 mil escravos africanos, trazidos para Nova York nos séculos XVII e XVIII para construir a cidade e prover mão de obra para a economia em desenvolvimento. A descoberta gerou controvérsias, pois os cidadãos afro-americanos realizaram protestos e vigílias de oração a fim de interromper a construção de um edifício federal que quase destruiu o local. Em 1993, o cemitério foi considerado patrimônio histórico nacional, o que abriu as portas para pesquisas e proteção da área.

Como antropólogo biológico e afro-americano, tive a oportunidade única de trabalhar com a comunidade descendente de afro-americanos para desenvolver um plano que incluía tanto a pesquisa biocultural extensiva e a retenção humana da natureza sagrada do local, através de novos sepultamentos e da criação de um memorial. A pesquisa também envolveu estudos arqueológicos e históricos que empregaram um contexto amplo sobre a dispersão dos africanos, a fim de entender as experiências de vida dessas pessoas que foram escravizadas e enterradas em Nova York.

Para estudar uma amostra de 419 indivíduos, nossa equipe empregou vários métodos biológicos de análise dos esqueletos, produzindo um banco de dados com mais de 200 mil observações sobre genética, morfologia, idade, sexo, crescimento e desenvolvimento, desenvolvimento muscular, traumas, nutrição e doenças. Os ossos revelaram uma ligação inconfundível entre biologia e cultura: desgaste físico e ruptura de uma comunidade inteira provocados pela instituição social da escravidão.

Sabemos, agora, com base nesse estudo, que a vida dos africanos na Nova York colonial caracterizava-se pela desnutrição, pelo trabalho físico desgastante que aumentava e, com frequência, rompia os músculos, e por taxas de mortalidade extremamente altas para pessoas entre 15 e 25 anos. Muitos desses jovens adultos morriam logo após a chegada dos navios negreiros. Poucos ultrapassavam os 40 anos e menos de 2% viviam além dos 55 anos. Os registros das igrejas mostram taxas de mortalidade surpreendentemente diferentes para os europeus de Nova York: um número quase oito vezes maior vivia além dos 55 anos de idade.

Quarenta por cento dos restos encontrados eram de indivíduos com menos de 12 anos. A análise dos esqueletos também mostrou que os africanos que morreram ainda crianças, e que provavelmente nasceram em Nova York, apresentavam interrupção de crescimento e exposição a altos níveis de contaminação por chumbo, ao contrário das que haviam nascido na África (distintas porque tinham os dentes afilados). A taxa de fertilidade era muito baixa entre as mulheres escravizadas, e a mortalidade infantil era alta. Nesses aspectos, Nova York era bem semelhante a Carolina do Sul e ao Caribe, regiões as quais sua economia estava atrelada e onde as condições para os escravos estavam entre as mais difíceis.

Os indivíduos desse cemitério perturbador vieram de estados africanos guerreiros, como Galibar, Asante, Benin, Daomei, Congo, Madagascar e muitos outros, regiões que lutavam contra a demanda europeia por escravos. Eles resistiram a escravidão por meio de rebeliões e também se opuseram a

própria desumanização enterrando cuidadosamente os mortos e preservando o que conseguiam de sua cultura.

Há algo muito fascinante nos restos humanos. Enquanto muitos os consideram perturbadores, a ciência pode, no contexto adequado, dar ao público a chance de se aproximar dessas pessoas, imaginar a vida, a época, os desafios que enfrentaram, e o que isso pode nos mostrar sobre nossa própria vida e a época em que vivemos.

Os restos de certos indivíduos chamaram minha atenção. Entre eles, um homem com idade entre 26 e 35 anos, que denominamos "10T". O formato de seu crânio parecia ser da África Ocidental, e um dos elementos químicos analisados, estrôncio, indicava que nascera na África. Mas outro elemento químico, chumbo, indicava algum lugar intermediário entre Nova York e África Ocidental. De acordo com essa informação e a evidência de bômba, uma doença tropical, ele pode ter sido criado no Caribe. Esse indivíduo tinha dentes afilados, além das evidências de trabalho pesado, mostradas pelos ossos, e algumas fraturas curadas na espinha. Mas, talvez, o mais importante em relação a esse indivíduo em particular fosse o símbolo em forma de coração encontrado na tampa do caixão. Aquilo me perturbou durante algum tempo. Sabia que já o vira antes, mas não conseguia me lembrar onde.

Certo dia, no início do projeto, participei de um evento cultural afro-americano, na Universidade Howard, em Washington. Uma imagem na capa do programa chamou minha atenção. Parecia o mesmo símbolo do caixão. Pedi que um colega do laboratório em Nova York enviasse um desenho. Então levei-o para um especialista em história da arte, na Universidade de Howard, e tentei conter minha ansiedade. Ele também reconheceu o desenho como uma versão de um símbolo chamado *sankofa*.

O significado desse símbolo histórico é perfeitamente adequado para um cemitério africano, pois representa a ligação espiritual entre passado e presente, a ideia de que precisamos voltar e revirar o passado para que seja um guia no presente. O *sankofa* simboliza a reverência aos ancestrais e o respeito pelos mais velhos. Ao disseminar o conhecimento sobre esse símbolo e a mensagem que transmite, o African Burial Ground ajuda a reverter o tipo de amnésia histórica que permite a repetição das injustiças sociais.

Como o maior local bioarqueológico desse tipo, o African Burial Ground oferece oportunidades significativas para aumentar a consciência pública sobre a herança colonial africana, principalmente nos estados do norte. Dignos de destaque, em 2003, foram os Rites of Ancestral Return (ritos de retorno dos ancestrais) – cerimônia em que os restos dos 419 indivíduos retirados do local foram enterrados novamente. A cerimônia começou com uma procissão de quase 2.500 pessoas, que caminharam em silêncio até o cemitério. Eu estava com os desguisados, atrás de muitas crianças, a maioria com idade escolar entre 6 e 12 anos. Esses jovens, que usavam uniforme vermelho escuro e caminhavam com certa reverência, realmente me deixaram emocionado. São o futuro, pensei. Um dia contarão aos filhos e netos sobre o African Burial Ground. Fazem parte de mais uma etapa para o melhor entendimento da história afro-americana, o entendimento deles mesmos e de uma identidade mais completa.

(Por Michael Blakey)

**GLOSSÁRIO**

**mobilidade social** Mudar de classe social para cima ou para baixo em uma sociedade estratificada.

classe mais alta que as pobres); roupas (pessoas que usam “ternos” e aquelas que usam “macacão”); forma de recreação (pessoas de classes mais altas jogam golfe ou tênis, as de classes mais baixas jogam sinuca no bar da esquina); local de residência

(pessoas de classes mais altas não vivem em favelas); marca de carro e assim por diante. Todo tipo de símbolo de *status* indica a classe social, até mesmo aspectos como o número de banheiros que se tem em casa. Desse modo, a divisão em classes nem sempre se correlaciona com o *status* econômico ou a faixa de salário. Nos Estados Unidos, o coletor de lixo ou o trabalhador de uma fábrica de automóveis pode ganhar mais do que um professor de faculdade com título de doutorado.

**Mantendo a estratificação**

Em qualquer sistema de estratificação, aqueles que dominam proclamam o suposto *status* superior, comumente reafirmado por meio de intimidação ou propaganda (na forma de fofocas, da mídia, de doutrina religiosa etc.) que representa sua posição como normal, natural, hereditária, divinamente guiada ou, pelo menos, merecida. Como destaca a antropóloga norte-americana Laura Nader, da Universidade da Califórnia, Berkeley, “o sistema de pensamento se desenvolve com o tempo e reflete os interesses de certas classes ou grupos da sociedade que conseguem universalizar suas crenças e valores”.<sup>13</sup>

Isso acontece com certas ideologias religiosas que afirmam que a ordem social é estabelecida por obra divina e, portanto, não deve ser questionada. Na Índia, por exemplo, a crença hindu na reencarnação e em um poder sobrenatural incorruptível que determina a casta de um indivíduo, como recompensa ou punição por seus atos nas vidas passadas, justifica sua posição nesta vida. Se, entretanto, ele realiza as tarefas de acordo com a casta que lhe foi determinada, nesta vida, pode esperar renascer em uma casta mais alta, em uma existência futura.

Para os hindus ortodoxos, a casta é algo determinado, não um acidente de nascimento, como pode parecer ao observador distante. Assim, embora o sistema de castas reconheça explicitamente (e aceite como legítima) a desigualdade entre as pessoas, há a suposição implícita de igualdade. Isso contrasta com a situação nos Estados Unidos, onde a igualdade entre todos é proclamada, mesmo quando há repressão ou discriminação de vários grupos.

**Mobilidade social**

A maior parte das sociedades estratificadas permite alguma **mobilidade social**, a mudança de classe, ascendente ou descendente. A possibilidade de melhorar o *status* e a riqueza ajuda a aliviar a tensão inerente em qualquer sistema de desigualdade.

A mobilidade social é mais comum em sociedades compostas de famílias nucleares independentes, onde o indivíduo está estreitamente relacionado a poucas pessoas, principalmente quando a residência neolocal é a norma, e se supõe que vá viver longe da família quando se tornar adulto.

<sup>13</sup> Nader, L. Controlling processes: tracing the dynamic components of power. *Current Anthropology*, n. 38, p. 271, 1997.

Nesses cenários sociais, por meio de trabalho árduo, sucesso profissional, casamento oportuno e desligamento da família de classe mais baixa que o criou, o indivíduo consegue aumentar seu *status* e sua classe social com mais facilidade.

A sociedade que permite muita mobilidade ascendente e descendente chama-se *sociedade de classes abertas*, embora essa abertura seja, na prática, menor do que os membros esperam ou acreditam. Nos Estados Unidos, apesar da ideologia de passar da pobreza à riqueza, grande parte da mobilidade envolve subir ou descer apenas um grau; contudo, se esse fato persistir em uma família durante várias gerações, pode resultar em grande mudança. No entanto, essa sociedade valoriza muito os exemplos relativamente raros de grande mobilidade ascendente, consistente com seus valores culturais, e faz o possível para ignorar os inúmeros casos de pouca ou nenhuma mobilidade ascendente (para não mencionar a descendente).

A sociedade de castas exemplifica a *sociedade de classes fechadas*, em razão dos severos limites institucionalizados na mobilidade social. Ainda assim, mesmo o sistema hindu, com a ideologia de que todas as suas hierarquias sociais são eternamente fixadas, possui certo grau de flexibilidade e mobilidade. Embora os indivíduos não possam ter mobilidade ascendente ou descendente nessa hierarquia, grupos inteiros podem, dependendo das exigências que reivindicam por uma posição mais elevada e de como conseguem pressionar, convencer ou manipular os outros para que reconheçam suas exigências.

Embora continuem existindo grandes diferenças em relação à riqueza, ao *status* e ao poder na Índia e em outros lugares (com novas desigualdades surgindo em muitas sociedades como consequência da globalização), existem países onde a discriminação sistêmica vem sendo enfrentada com sucesso. Foi o que aconteceu na África do Sul, por exemplo, onde a segregação racial (*apartheid*) foi abolida em 1994, encerrando os privilégios legalizados da minoria branca que dominava o país.

## Resumo do capítulo

- Nas sociedades não industriais, os grupos de parentesco geralmente lidam com desafios que famílias e grupos domésticos não conseguem resolver sozinhos, desafios que envolvem defesa, alocação de recursos e a necessidade de trabalho cooperativo. À medida que as sociedades se tornam maiores e mais complexas, os sistemas políticos formais assumem muitas dessas questões. Uma forma comum de grupo de parentesco é o grupo de descendência, cujo critério de participação é a descendência de um ancestral comum por meio de uma série de ligações pais-filhos. A descendência unilinear estabelece a participação no grupo de parentesco exclusivamente através da linhagem masculina ou feminina. A descendência matrilinear é traçada por meio da linha feminina; a patrilinear, pela masculina.
- O sistema de descendência está estreitamente relacionado à base econômica de uma sociedade. De modo geral, a descendência patrilinear predomina onde o homem realiza a maior parte do trabalho produtivo, e a matrilinear, onde a mulher o realiza. Os antropólogos reconhecem que, em todas as sociedades, os parentes da mãe e os do pai são elementos importantes na estrutura social, independentemente de como é definida a participação no grupo de descendência.

- Os membros masculinos de uma patrilinearidade traçam sua descendência de um antepassado masculino comum. Na patrilinearidade, a mulher pertence ao mesmo grupo de descendência que seu pai e irmãos, mas os filhos não podem traçar sua descendência através deles. Tipicamente, a autoridade sobre os filhos pertence ao pai ou ao irmão mais velho. As exigências para que homens mais jovens se submetam aos mais velhos, que as mulheres se submetam aos homens e às mulheres da residência do marido são fontes comuns de tensão em uma sociedade patrilinear.
- A descendência matrilinear é traçada exclusivamente através da linha feminina, da mesma forma que a patrilinear é traçada através da linha masculina. Entretanto, o padrão matrilinear é diferente, pois não confere autoridade ao gênero automaticamente.
- A dupla descendência é matrilinear para algumas finalidades e patrilinear para outras. A descendência ambilinear apresenta certa flexibilidade, pois o indivíduo tem a opção de se afiliar ao grupo de descendência da mãe ou do pai. Quando a descendência deriva tanto da família da mãe como da do pai, os antropólogos empregam o termo descendência bilateral.
- A linhagem é a descendência unilinear de um grupo com um fundador ou ancestral comum, na qual o parentesco entre os membros pode ser estabelecido genealógicamente e de maneira exata. Como a linhagem é normalmente exogâmica, a competição sexual no grupo é evitada. Além disso, o casamento de um membro do grupo representa uma aliança entre duas linhagens. A linhagem exogâmica também serve para manter a comunicação aberta em uma sociedade e promove a troca de informações entre as linhagens.
- Fissão é a divisão de um grande grupo de linhagem em outros menores; a linhagem original se torna clã. Os membros do clã declaram descendência comum de um antepassado remoto, geralmente lendário ou mitológico. Ao contrário das linhagens, com residência localizada, a do clã é, no geral, dispersa. Na ausência de uma unidade residencial, a identificação do clã é reforçada por totens: símbolos da natureza que lembram membros de sua ancestralidade comum. A fratria é o grupo de descendência unilinear de dois ou mais clãs que supostamente compartilham ancestralidade comum. Quando uma sociedade se divide em duas metades, compostas de um ou mais clãs, cada uma delas é chamada metade.
- Nas sociedades bilaterais, como as industriais, pós-industriais e muitas das coletoras, os indivíduos afiliam-se igualmente a todos os parentes de ambos os pais. Como um grupo tão grande não é socialmente prático, em geral é reduzido a um círculo menor de parentes maternos e paternos chamados de parentes consanguíneos. Um parente de sangue nunca é o mesmo para duas pessoas, exceto os irmãos. Tipos diferentes de sistemas de descendência surgem em sociedades distintas. Naquelas onde predomina a família nuclear, é provável que prevaleça o parentesco bilateral e a organização dos parentes.
- Em qualquer sociedade, as regras culturais determinam como as relações de parentesco são definidas. Fatores como gênero e diferenças de gerações ou genealógicas ajudam a distinguir um parente do outro. O sistema havaiano é o mais simples da terminologia do parentesco; todos os parentes da mesma geração e gênero são chamados pela mesma denominação. O sistema esquimó, também usado por norte-americanos falantes de inglês e muitos outros, enfatiza a família



nuclear e agrupa todos os outros parentes de uma determinada geração em poucas categorias, geralmente sem distinção. No sistema iroquês, uma única denominação é usada para o pai e seus irmãos e outra para a mãe e suas irmãs. Os primos paralelos são equiparados aos irmãos e irmãs, mas diferenciados dos primos cruzados.

- Com as novas tecnologias reprodutivas, que separam a concepção da relação sexual e o óvulo do útero, as noções tradicionais de parentesco e gênero são confrontadas e surgem novas categorias sociais.
- O agrupamento por gênero separa homens e mulheres em vários graus em sociedades diferentes; em algumas, eles podem estar juntos a maior parte do tempo, enquanto em outras, podem ficar muito tempo separados, se alimentando e dormindo separadamente.
- O agrupamento por idade é outra forma de associação que pode aumentar ou substituir o agrupamento por parentesco. A faixa etária é a categoria em que as pessoas são organizadas por idade. Em algumas sociedades, além da faixa etária, também existe a classe de idade, composta de indivíduos que são iniciados em uma faixa etária ao mesmo tempo e seguem juntos durante vários estágios da vida. O uso mais variado de agrupamento por idade é encontrado nas sociedades africanas, no sul do Saara. Entre os masai, na região leste da África, por exemplo, as classes de idade passam por quatro faixas etárias sucessivas.
- As associações de interesse comum estão ligadas às rápidas mudanças sociais e à urbanização. Cada vez mais assumem o papel antes desempenhado pelo parentesco ou pelo agrupamento por idade. Nas áreas urbanas, ajudam os recém-chegados a se adaptar ao novo ambiente. As associações de interesse comum também são vistas nas sociedades tradicionais, e suas raízes podem ser encontradas nas primeiras vilas horticultoras.
- Uma sociedade estratificada é organizada em duas ou mais categorias de pessoas que não dividem igualmente a riqueza, a influência ou o prestígio. As sociedades podem ser estratificadas por gênero, idade, classe social ou castas. As diferenças de classe nem sempre são claras e óbvias. A casta é um tipo de classe social fechada, cuja participação é determinada pelo nascimento e imutável para a vida toda. A endogamia é, de modo particular, marcada nas castas, e os filhos automaticamente pertencem à casta dos pais.
- A classe social baseia-se na diferenciação de papéis, embora apenas esse aspecto não seja suficiente para a estratificação. Também são necessárias atitudes positivas e negativas formalizadas em relação aos papéis e ao acesso restrito aos mais valorizados. As classes sociais se expressam de várias maneiras. Uma delas é através de indicadores simbólicos: atividades e bens que indicam a posição de classe.
- A mobilidade social está presente, em maior ou menor extensão, em todas as sociedades estratificadas. As sociedades abertas são aquelas com mobilidade mais fácil. Em muitos casos, contudo, a movimentação se limita a um nível, acima ou abaixo, na escala social. O grau de mobilidade está relacionado a fatores como acesso a educação superior ou o tipo de organização familiar que prevalece em uma sociedade. Onde a família extensa é a norma, a mobilidade tende a ser severamente limitada. A família nuclear independente torna a mobilidade mais fácil.

## Questões para refletir

1. As pessoas que crescem em sociedades industriais e pós-industriais modernas geralmente cultivam ideias de liberdade pessoal, individualidade e privacidade como essenciais na busca da felicidade. Considerando as funções sociais das relações de parentesco nas sociedades tradicionais que não constituem estado, por que essas ideias podem ser consideradas antissociais e mesmo perigosamente egoístas?
2. Por que um dos sistemas mais simples de terminologia do parentesco, a saber, o sistema esquimó, é funcionalmente adequado para a maioria dos europeus, norte-americanos e outros que vivem em sociedades modernas complexas?
3. Em algumas línguas indígenas norte-americanas, a palavra "solidão" é traduzida como "não tenho parentes". O que isso mostra sobre a importância do parentesco nessas culturas?
4. Quando os jovens adultos saem da casa dos pais e se mudam para outras cidades a fim de estudar ou trabalhar, enfrentam o desafio de estabelecer relações sociais que não se baseiam em parentesco ou interesse comum. A que associações de interesse comum você pertence? Por quê?
5. Você acredita que os membros de uma classe mais alta ou de uma casta, em um sistema socialmente estratificado, têm maior interesse na lei e na ordem que aqueles forçados a pertencer às camadas mais baixas dessas sociedades? Por quê?

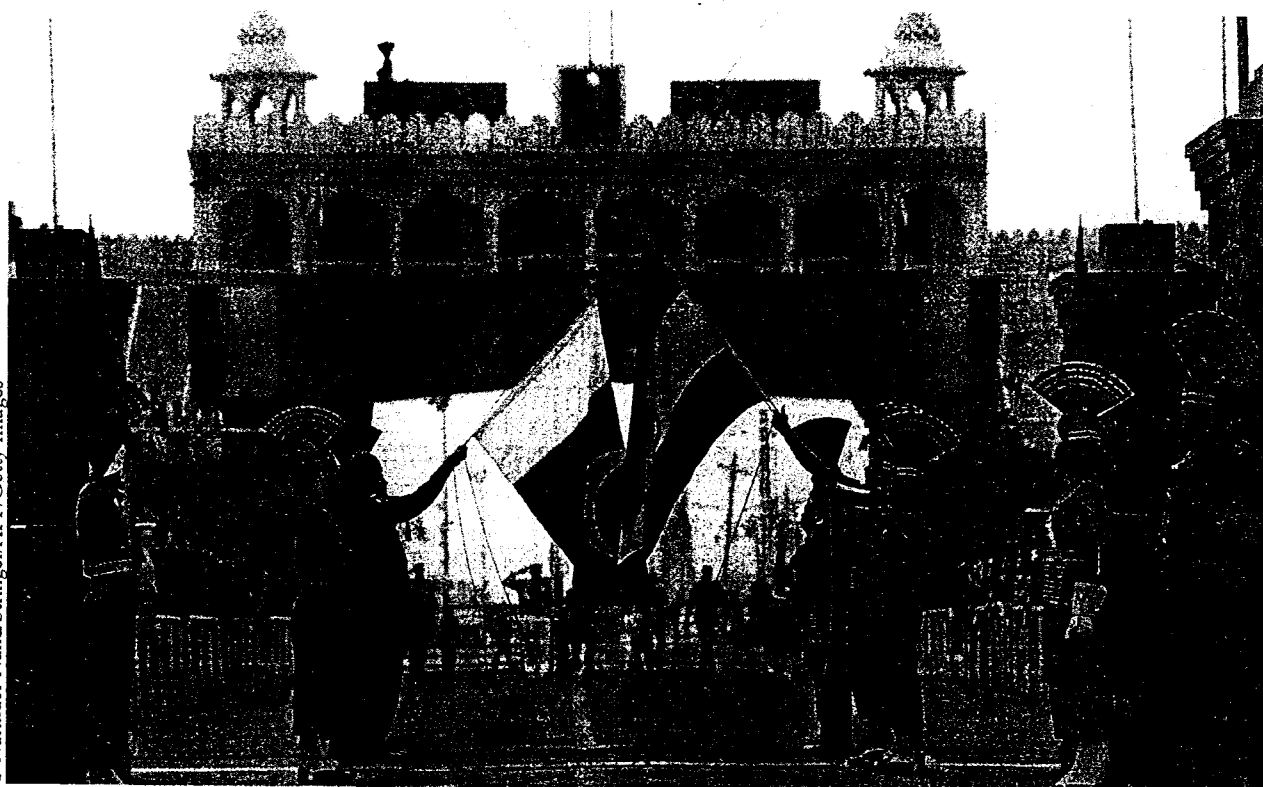
## Palavras-chave

Parentesco; grupo de descendência; descendência unilinear; descendência matrilinear; descendência patrilinear; linhagem; clã; fissão; totemismo; fratria; metade; parente consanguíneo; EGO; sistema esquimó; sistema havaiano; sistema iroquês; novas tecnologias reprodutivas (NTR); faixa etária; classe de idade; associações de interesse comum; sociedade estratificada; sociedade igualitária; classe social; casta; mobilidade social.

# Política, poder e violência

# 14

© Narinder Nandu/Stringer/AFP/Getty Images



## INTRODUÇÃO VISUAL

A organização política apresenta muitas formas, entre elas, o estado é apenas uma delas. Em geral, o estado é governado por indivíduos ricos e bem relacionados, ou por grupos que possuem recursos (dinheiro, armas e poder) para administrar e controlar os habitantes de um território. Alguns dos menores estados atualmente têm menos de 6 quilômetros quadrados, enquanto o maior possui mais de 17 milhões. Todo estado, qualquer que seja sua população, exige soberania sobre seu território e protege suas fronteiras. Ao longo da história do mundo, estados vizinhos tiveram conflitos, em geral por causa dos limites territoriais. Depois que o Império Britânico se retirou do sul da Ásia, há mais de sessenta anos, foram iniciadas guerras naquela área entre muçulmanos e hindus. A região foi, então, dividida de acordo com linhas religiosas, no Paquistão e na Índia. Desde então, esses países já travaram três guerras. As tensas relações políticas entre tais rivais, que possuem armas nucleares, são simbolicamente demonstradas no ritual militar que fecha a fronteira, em Wagah, como mostra a imagem. Todo dia, no fim da tarde, os guardas paquistaneses pathan, de uniforme preto e capacete com leque preto, ficam face a face com os guardas indianos, de uniforme cáqui e capacete com leque vermelho. Segurando os rifles e marchando com passos de ganso, eles se saúdam, trancam os portões e baixam a respectiva bandeira nacional. Nessa demonstração de domínio territorial, ambas as nações também simbolicamente sinalizam seu objetivo de coexistência não violenta.

**Sistemas de organização política**

Sistemas políticos descentralizados

Sistemas políticos centralizados

**Sistemas políticos e a questão da legitimidade****Política e religião****Gênero e liderança política****Organização política e manutenção da ordem**

Controles internalizados

Controles externalizados

**Controle social por meio da lei**

Definição de lei

Funções da lei

Crime

Justiça restaurativa e resolução de conflitos

**Guerras e conflitos violentos**

Qual é a razão das guerras?

Guerras atuais

**Dominação e repressão**

Aculturação

Etnocídio

Genocídio

**Resistência à dominação e repressão**

Resistência violenta: rebelião e revolução

Resistência pacífica: movimentos de revitalização

**Resumo do capítulo**

De forma irônica, os grupos formados para facilitar a tão necessária cooperação humana também criam dinâmicas que podem provocar conflitos entre eles e com outros grupos. Assim, toda sociedade deve ter formas para resolver os conflitos internos e evitar o colapso da ordem social. Além disso, também precisa ter capacidade para lidar com sociedades vizinhas em períodos de guerra ou paz. Atualmente, em todo o mundo, o governo possui papel central na manutenção da ordem social.

Nos dias de hoje, apesar da predominância das sociedades-estado, ainda há grupos com organização política formada por sistemas de parentesco flexíveis e informais, cujos líderes não possuem poder de fato – a habilidade de impor seus desejos sobre outros indivíduos e obrigá-los a executar determinadas ações, mesmo contra a própria vontade. Além desses dois tipos de sistema político, organizados por parentesco em estados, existem muitos outros.

## SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

A expressão organização política refere-se à forma como o poder é distribuído e inserido na sociedade, seja na organização de uma caçada, no gerenciamento de terras irrigadas ou na organização de um exército. Resumindo, é o meio pelo qual a sociedade cria e mantém a ordem social. Apresenta muitas formas entre os povos de todo o mundo, mas os antropólogos resumiram esse complexo de formas, identificando quatro tipos básicos de sistema político: bando, tribo, chefatura e estado (Figura 14.1). Os dois primeiros são sistemas descentralizados; os dois últimos, centralizados.

### Sistemas políticos descentralizados

Até recentemente muitos povos não ocidentais não tinham chefes com direitos e obrigações estabelecidos nem qualquer forma fixa de governo, como os que vivem em estados modernos. O casamento e o parentesco constituem o principal modo de organização social. A economia dessas sociedades é basicamente de subsistência, e a população é tipicamente pequena.

Os líderes não têm poder real para exigir obediência a regras e costumes, mas, caso o indivíduo não se adapte, pode se tornar alvo de desprezo e de fofocas, ou mesmo ser banido do grupo. As decisões importantes são, em geral,

## GLOSSÁRIO

**poder** A habilidade dos indivíduos ou grupos para impor seus desejos sobre outros e obrigá-los a executar determinadas ações, mesmo contra a própria vontade.

**organização política** Forma como o poder é distribuído e inserido na sociedade, meio pelo qual a sociedade cria e mantém a ordem social e reduz a desordem social.

**TABELA 1.1**  
Tipos de sistema de organização política

o símbolo → Indica que o atributo varia entre sociedades mais e menos complexas daquele tipo.

	BANDO	TRIBO	CHEFATURA (ou chefado)	ESTADO
<b>PARTICIPANTES</b>				
Número de pessoas	Dezenas e mais	Centenas e mais	Milhares e mais	Dezenas de milhares e mais
Padrão de povoamento	Movel	Movel ou fixo, uma ou mais vilas	Fixo, duas ou mais vilas	Fixo, muitas vilas e cidade
Base de relação	Parentesco	Parentesco, grupo descendentes	Parentesco, grau e residência	Classe e residência
Etnicidade e línguas				Tudo mais
<b>GOVERNO</b>				
Tomada de decisão, liderança	Igualitária	Igualitária ou Grande Homem	Centralizada, hereditária	Centralizada
Burocracia	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma, ou um ou dois níveis	Muitos níveis
Monopólio de força e informações	Não	Não	Não → Sim	Sim
Resolução de conflitos	Informal	Informal	Centralizada	Tes, juizes
Hierarquia de povoamento	Não	Não	Não → Vila ou cidade mais importante	Capital
<b>ECONOMIA</b>				
Produção de alimentos	Não	Não → Sim	Sim → Intensiva	Intensiva
Especialização do trabalho	Não	Não	Não → Sim	Sim
Trocas	Recíprocas	Recíprocas	Redistributivas (tributos)	Redistributivas (impostos)
Controle da terra	Bando	Grupo de descendência	Chefe	Vários
<b>SOCIEDADE</b>				
Estratificada	Não	Não	Sim, grau de parentesco	Sim, classe ou casta
Escravidão	Não	Não	Alguma, pequena escala	Alguma, grande escala
Bens de luxo para a elite	Não	Não	Sim	Sim
Arquitetura pública	Não	Não	Não → Sim	Sim
Tratamento nativo	Não	Não	Não → Político	Frequente

**Figura 14.1** Quatro tipos de sistema político.

tomadas coletivamente, através de acordos entre os adultos. Os membros dissidentes podem concordar com a maioria ou tomar alguma outra atitude, até mesmo abandonar o grupo.

Essa forma igualitária de organização política proporciona grande flexibilidade, o que em muitas situações oferece vantagens para a adaptação. Como nessas comunidades organizadas por parentesco o poder é compartilhado, ninguém exerce controle exclusivo sobre os recursos coletivos ou sobre as questões públicas, os indivíduos usufruem de mais liberdade que os de sistemas políticos maiores e mais complexos.

**GLOSSÁRIO**

**bando** Grupo de parentesco relativamente pequeno e organizado de modo livre, que habita um território específico; pode se separar, por períodos, em grupos menores de famílias extensas politicamente independentes.

**tribo** Em antropologia, refere-se a vários grupos organizados por parentesco, politicamente integrados por algum fator unificador, cujos membros compartilham ancestralidade, identidade, cultura, língua e território comuns.

**Bando**

O bando é um grupo de parentesco relativamente pequeno e organizado de modo livre, que habita um território específico; pode se separar, por períodos, em grupos menores de famílias extensas politicamente independentes. Encontra-se o bando entre povos coletores e outras sociedades nômades nas quais as pessoas se organizam em grupos de famílias extensas politicamente autônomas que, no geral, montam o acampamento

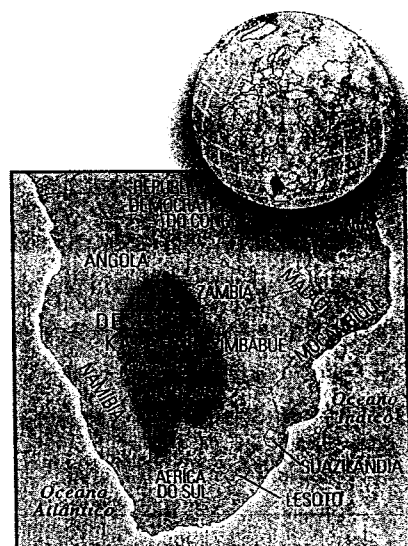
juntos; contudo, os membros dessas famílias podem se separar, por períodos, em grupos menores, a fim de coletar alimentos ou visitar outros parentes. O bando é provavelmente a forma mais antiga de organização política, desde que o ser humano era coletor até o desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, durante os últimos 10.000 anos.

Já que o bando é igualitário e pequeno, formado por, no máximo, algumas centenas de pessoas, não há necessidade real de sistema político centralizado formal. Como todos são parentes e conhecem pessoalmente aqueles com quem lidam, valorizam muito as boas relações. Os conflitos são resolvidos de modo informal, por meio de fofocas, zombaria, negociação direta ou mediação. Em caso de negociação ou mediação, o objetivo é encontrar uma solução justa para as partes envolvidas, não submeter a questão a alguma lei ou regra abstrata.

As decisões que afetam o bando são tomadas com a participação de todos os adultos, com ênfase no consenso – o acordo coletivo – e não na maioria simples. Os indivíduos se tornam líderes por suas habilidades e atuam como tais enquanto têm a confiança da comunidade. Eles não possuem poder para obrigar as pessoas a se submeterem a suas decisões. Um líder que extrapola o que as pessoas desejam aceitar logo perde os seguidores.

Um exemplo da natureza informal de liderança no bando encontra-se entre os ju/'hoansi, do deserto de Kalahari, mencionados em capítulos anteriores. Cada bando ju/'hoansi é composto de um grupo de famílias que vivem juntas, ligadas por laços de parentesco entre si e o líder (ou, menos comum, a líder). Embora cada bando tenha direito ao território que ocupa e aos recursos nele existentes, dois ou mais bandos podem ocupar a mesma área. O líder, chamado *kxau*, "dono", é o ponto principal para as exigências do bando sobre o território. Ele não possui a terra ou os recursos pessoalmente, mas representa simbolicamente os direitos dos membros sobre eles. Se o líder abandona a área para viver em outro lugar, os membros escolhem outra pessoa para essa posição.

O líder coordena a migração quando os recursos não são mais adequados para a subsistência em determinado habitat. Sua tarefa principal é planejar quando o grupo se mudará e para onde; quando a mudança se inicia, ele segue à frente de todos. O líder seleciona ainda o lugar do novo povoamento e é o primeiro a escolher o local para seu próprio fogo.



Há outras poucas recompensas materiais ou tarefas. Por exemplo, o líder ju/'hoansi não é juiz nem pune os outros membros do bando. Aquele que comete algum erro é julgado e considerado responsável por seus atos pela opinião pública; no geral, expressa por meio de mexericos, o que pode ser importante para reprimir comportamentos socialmente inaceitáveis.

Em sociedades pequenas, outra técnica básica para resolver disputas, ou mesmo para evitá-las, é a mobilidade. Aqueles que não conseguem se relacionar bem com outros membros podem decidir, ou se sentirem pressionados a, se mudar para outro grupo, no qual os laços de parentesco existentes podem lhes dar o direito de participação, ou podem tentar estabelecer uma nova comunidade.

### Tribo

O segundo tipo de sistema de autoridade descentralizada é a **tribo**. Em antropologia, o termo se refere a vários grupos organizados por parentesco, politicamente integrados por algum fator unificador, cujos membros compartilham ancestralidade comum, identidade, cultura, língua e território. Nessas entidades políticas maiores, as pessoas sacrificam certo grau de autonomia do grupo de residência [domiciliar] e do bando em troca de mais segurança. A tribo pode surgir quando vários bandos se agrupam e resolvem os conflitos entre si, para fins de trocas econômicas e/ou defesa coletiva contra inimigos comuns.

Tradicionalmente, a tribo apresenta economia com base em alguma forma de cultivo ou de criação de animais. Como esses métodos de subsistência, no geral, produzem mais alimentos que os do bando coletor, o número de membros da tribo é normalmente maior que o do bando. Enquanto a densidade de população do bando é, em geral, menor que uma pessoa por 2,5 quilômetros quadrados, a densidade da tribo naturalmente é maior e pode chegar a 250 pessoas por 2,5 quilômetros quadrados. Densidades maiores geram outros problemas, pois as oportunidades para brigas, mendicância, adultério e roubos aumentam consideravelmente, em especial entre aqueles que vivem em vilas permanentes.

Cada tribo consiste de uma ou mais comunidades locais autogovernantes e autossustentáveis (incluindo os grupos locais discutidos anteriormente como bandos), que podem então formar alianças com outras para diversas finalidades. Como no bando, a organização política da tribo é informal e temporária. Sempre que surge uma situação que requer a integração política de todos ou de vários grupos da tribo, talvez para defesa, para realizar um ataque, para reunir os recursos em tempos de escassez, ou para capitalizar algo inesperado que deve ser distribuído rapidamente a fim de que não se deteriore, os grupos se reúnem para resolver a situação de modo cooperativo. Depois que o problema é solucionado de modo satisfatório, cada grupo retoma, então, sua autonomia.

Em muitas sociedades tribais, a unidade organizadora e o centro da autoridade política é o clã, composto de pessoas que se consideram descendentes de um ancestral comum. No clã, os mais velhos e/ou o líder regulamentam as relações entre os membros e representam o grupo na interação com outros clãs. Enquanto grupo, os membros mais velhos de todos os clãs podem formar um conselho que atua na comunidade ou a representa nas transações com estranhos. Como os membros de um clã nem sempre vivem em uma única comunidade, sua organização facilita a ação conjunta com membros de outras comunidades, quando necessário.

### GLOSSÁRIO

**chefatura** - Constituição política regional em que dois ou mais grupos locais têm um único chefe, que está à frente de um grupo com hierarquia organizada.

A liderança nas sociedades tribais também é relativamente informal, como se evidencia em muitos exemplos do passado e do presente. Os índios navajo, no sudoeste dos Estados Unidos, por exemplo, tradicionalmente não pensavam em governo como algo permanente e com poder supremo, e a liderança não se concentrava em uma autoridade central. O líder local era um homem respeitado por sua idade, integridade e sabedoria. Portanto, as pessoas buscavam seus conselhos com frequência, mas ele não tinha meios formais de controle e não podia obrigar aqueles que o procuravam a aceitar suas sugestões. As decisões do grupo eram realizadas por consenso público, embora o homem de mais influência, em geral, tivesse mais importância na palavra final. Os mecanismos sociais que induziam os membros a aceitar as decisões do grupo incluíam fofocas, críticas, interrupção da cooperação e a crença de que ações antissociais provocavam doenças e desgraças.

Outro exemplo de liderança tribal é o "Grande Homem". Comum no Pacífico Sul, é o líder de grupos de descendência localizada ou de um grupo territorial. O Grande Homem combina pouco interesse no bem-estar da tribo com muita sagacidade e cálculo para obter benefício próprio. Sua autoridade é pessoal, pois não assume o cargo de maneira formal nem é eleito. Seu *status* resulta das ações que o colocam acima da maior parte dos outros membros da tribo e atrai muitos seguidores leais.

Os kapauku, de Papua Ocidental, exemplificam essa forma de organização política. Entre eles, o Grande Homem é chamado *tonowi*, "o rico". Para alcançar esse *status*, é preciso ser homem, rico, generoso e eloquente. Valentia, força física e habilidade para lidar com o sobrenatural também são características comuns do *tonowi*, mas não são essenciais.

O *tonowi* funciona como o chefe da vila em muitas situações, na comunidade e fora dela. Ele representa seu grupo em relação a estranhos e outras vilas e atua como negociador e/ou juiz quando há disputas entre os seguidores.

É interessante destacar que um *tonowi* que se recusa a emprestar dinheiro a outros membros da vila pode ser condenado ao ostracismo, ridicularizado e, em casos extremos, executado por um grupo de guerreiros. Essas reações à mesquinha asseguram que a riqueza econômica seja dividida com todo o grupo. Além disso, a riqueza do *tonowi* vem da criação de porcos bem-sucedida (o foco de toda a economia kapauku; ver Capítulo 8), e é possível que ele perca sua fortuna rapidamente por má administração ou por puro azar. Assim, a estrutura política kapauku muda frequentemente; conforme um perde a riqueza e, em consequência, o poder, outro os ganha e se torna *tonowi*. Essas mudanças conferem certo grau de flexibilidade para a organização política e evita que um *tonowi* se mantenha no poder por muito tempo.



### Integração política além do grupo de parentesco

As classes de idade, as faixas etárias e os grupos de interesse comum discutidos nos capítulos anteriores estão entre os mecanismos utilizados pelas sociedades tribais como meios de integração política. Ao atravessar os agrupamentos territoriais e de parentesco, essas organizações ligam membros de linhagens e clãs diferentes. Por exemplo, entre muitas nações indígenas que habitavam a região das Grandes Planícies, na América do Norte, no século XIX, o bando era a unidade territorial e política básica. Além disso, porém, havia muitas sociedades militares ou grupos de guerreiros.



Entre os cheyenne, por exemplo, havia sete sociedades militares. Um jovem poderia ser convidado para fazer parte de uma delas quando alcançasse a maioridade, então ele conhecia as insígnias, as canções e os rituais. Além das funções militares, os grupos de guerreiros também tinham funções sociais e cerimoniais.

As tarefas diárias dos guerreiros cheyenne consistiam em supervisionar as atividades na vila, proteger as famílias durante a mudança para outro local e fazer cumprir as regras de caça ao búfalo. Além disso, cada sociedade de guerreiros possuía seu próprio repertório de danças, realizadas em cerimônias especiais. Como cada bando tinha sociedades militares idênticas e com nomes semelhantes, elas serviam para integrar a tribo inteira para fins políticos e militares.<sup>1</sup>

### Sistemas políticos centralizados

Em bandos e tribos, a autoridade política não é centralizada, e cada grupo é econômica e politicamente autônomo. A organização política é conferida a alguém em grupos de parentesco, de idade e de interesses comuns. As populações são pequenas e relativamente homogêneas, as pessoas se engajam no mesmo tipo de atividade a maior parte da vida. Entretanto, à medida que a convivência social se torna mais complexa – conforme a população aumenta, a tecnologia se torna mais intrincada e a especialização do trabalho e das redes de trocas produzem mais excedentes –, há mais oportunidades para alguns indivíduos ou grupos terem controle sobre outros. Nessas sociedades, a autoridade política e o poder estão concentrados em um único indivíduo (o chefe) ou em um grupo (o estado).

### Chefatura

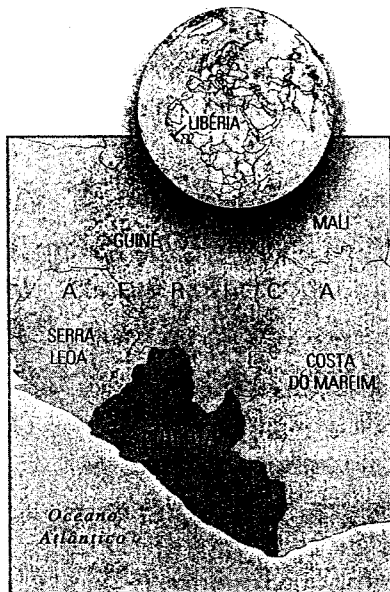
A **chefatura** é a constituição política regional em que dois ou mais grupos locais têm um único indivíduo que governa – o chefe –, que está à frente de um grupo com hierarquia organizada. O *status* de um indivíduo nessa constituição política é determinado pelo nível de proximidade da relação com o chefe. Os mais próximos são oficialmente superiores e recebem tratamento respeitoso por parte dos que estão em níveis inferiores.

O posto de chefe é, em geral, vitalício e, com frequência, hereditário. Tipicamente, é transmitido ao filho, na sociedade patrilinear, e ao filho da irmã, na matrilinear. Contudo, às vezes, mesmo em algumas sociedades patrilineares, a posição de chefe é conferida à filha mais velha.

Ao contrário dos chefes de bandos ou tribos, o líder de determinada chefatura é geralmente uma autoridade verdadeira, pois une os membros em todas as situações, o tempo todo. Por exemplo, ele pode distribuir terras entre os membros da comunidade e recrutar pessoas para o serviço militar.

A chefatura possui uma hierarquia reconhecida, composta de autoridades maiores e menores que controlam as subdivisões. Esse arranjo é, na verdade, uma cadeia de comando que interliga os líderes em todos os níveis. Serve para unir os grupos mais distantes ao local da sede do chefe, que pode ser uma cabana de esterco e lama ou um palácio de mármore. Embora o líder da chefatura seja quase sempre homem, em algumas culturas, a esposa, a irmã ou a filha única politicamente sagaz também podem herdar essa posição.

<sup>1</sup> Hoebel, E. A. *The Cheyennes: Indians of Great Plains*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1960.



O chefe normalmente controla as atividades econômicas daqueles que governa. Em geral, a chefatura envolve sistemas de redistribuição, e o chefe possui controle sobre o excedente e, talvez, sobre a força de trabalho da comunidade. Assim, ele (às vezes ela) pode exigir uma cota de arroz dos agricultores, que então será redistribuída para toda a comunidade. Do mesmo modo, os trabalhadores podem ser recrutados para construir sistemas de irrigação, um palácio ou um templo.

O chefe também pode acumular muita riqueza pessoal e transmiti-la a seus filhos. Ele pode recolher terra, gado, bens de luxo que se tornam parte de sua base de poder. Além disso, as famílias de alta posição na chefatura podem se engajar na mesma prática e usar os bens como evidência de *status* de nobreza.

Um exemplo desse tipo de organização política pode ser observado entre os kpelle, na Libéria, África Ocidental.<sup>2</sup> Entre eles existe a classe dos *chefes supremos*; cada um preside uma das chefaturas kpelle (agora distritos da Libéria). As tarefas tradicionais incluem resolver disputas, preservar a ordem, supervisionar a conservação das trilhas e várias outras funções de supervisão. Além disso, atualmente são autoridades assalariadas do governo liberiano, que fazem mediações entre ele e o próprio povo.

O chefe supremo também recebe comissão do governo sobre impostos e taxas recolhidos em sua chefatura, além de certa comissão por fornecer mão de obra para as fazendas de borracha. Ele também recebe uma quantidade estipulada de arroz de cada domicílio e presentes de pessoas que vêm pedir favores e intercessões. Ao se manter nessa posição importante, o chefe supremo tem a seu dispor mensageiros uniformizados, um funcionário letrado e símbolos de riqueza: muitas esposas, roupas bordadas e não necessita realizar trabalhos manuais.

Seguindo a hierarquia, abaixo de cada chefe supremo dos kpelle há vários chefes secundários: um para cada distrito da chefatura, um para cada cidade do distrito e um para cada bairro, em todas as cidades, exceto nas menores. Eles atuam como tenente para o chefe imediato e também servem de ligação entre ele e os de nível inferior. Ao contrário do chefe supremo ou do chefe de distrito, que estão distantes, o chefe da cidade e do bairro são acessíveis em nível local.

De modo tradicional, as chefaturas em todas as partes do mundo têm sido altamente instáveis, com os chefes secundários tentando usurpar o poder dos chefes de níveis mais altos, ou os chefes supremos competindo entre si pelo poder supremo. No Havá pré-colonial, por exemplo, a

#### GLOSSÁRIO

Estado em antropologia, determinado, se na política, centralizado que envolve grande número de pessoas em um território definido, divididas em classes sociais e organizadas, dirigidas por governantes, com uma autoridade abrangente e centralizada, com o poder para estabelecer a ordem social.

nação, grupo que compartilha identidade mínima com base de cultura, língua, território e história comuns.

sociedade igualista, sociedade em que todos são iguais, com uma autoridade amplamente organizada dentro de um território, cada um mantendo no entanto suas diferenças culturais.

<sup>2</sup> Gibbs Jr, J. L. The Kpelle of Liberia. In: Gibbs Jr, J. L. (Ed.) *Peoples of Africa*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston. p. 216-218, 1965.

guerra era a forma de ganhar território e manter o poder, os grandes chefes tentavam conquistar outras áreas para se tornar o chefe supremo de todas as ilhas. Quando um chefe venciam outro, o derrotado e todos os nobres perdiam suas propriedades e, com sorte, conseguiam escapar vivos. O novo chefe então indicava aqueles que o apoiavam para as posições de poder político. Consequentemente, havia pouca continuidade na administração governamental ou religiosa.

### Sistemas de estado

O estado é um sistema político centralizado complexo que envolve grande número de pessoas em um território definido, divididas em classes sociais e organizadas e dirigidas por um governo formal com capacidade e autoridade para criar leis e empregar a força para defender a ordem social. Como organização política mais formal, representa um dos marcos do que comumente chamamos *civilização*. Da perspectiva da elite política que controla o estado, sua formação e durabilidade são tipicamente representadas como algo positivo, como progresso. Essa visão não é necessariamente compartilhada por aqueles que estão no lado inferior e não possuem muita liberdade pessoal para falar e agir como desejam.

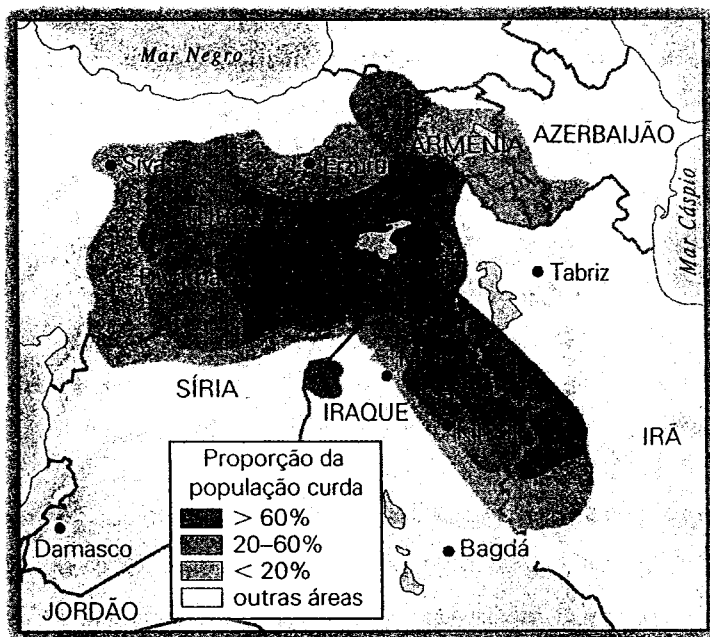
O grande número de habitantes de uma sociedade organizada em estado exige maior produção de alimentos e redes de distribuição mais amplas. Juntos, esses aspectos provocam a transformação da terra, por meio da irrigação e de terraços para plantio, ciclos de rotatividade das safras cuidadosamente administrados, competição intensiva por áreas distintamente demarcadas, estradas, e número suficiente de agricultores e outros trabalhadores rurais para suportar os sistemas de mercado e um setor urbano especializado. Em tais condições, os grupos corporativos que enfatizam a participação exclusiva proliferam, as diferenças étnicas e o etnocentrismo se tornam mais pronunciados e o potencial para conflitos sociais cresce demasiadamente. Dadas essas circunstâncias, as instituições estatais – que no mínimo envolvem burocracia, forças armadas e (no geral) uma religião oficial – fornecem os meios para que muitos grupos diferentes funcionem como um todo integrado.

Embora a ideologia principal seja a de que são permanentes e estáveis, desde que surgiram, há quase 5.000 anos, os estados podem ser qualquer coisa, exceto permanentes. Comumente instáveis, muitos desapareceram no curso da história; uns temporariamente, outros para sempre. Alguns foram anexados por outros estados, e outros entraram em colapso ou se dividiram em unidades políticas menores. Embora alguns dos estados atuais sejam muito antigos, como o Japão, que persiste como estado há aproximadamente 1.500 anos, poucos são mais antigos que os Estados Unidos, uma república independente desde que a Guerra da Independência (ou Guerra Revolucionária Americana) terminou com a assinatura do tratado de paz, em 1783, com a Grã-Bretanha. Em nenhum lugar, os estados sequer começaram a mostrar o poder duradouro exibido por sistemas políticos menos centralizados, as formas sociais que há mais tempo persistem, criadas pelo ser humano.<sup>3</sup>

Neste ponto, é importante fazer a distinção entre estado e nação. Como definimos no Capítulo 1, uma *nação* é um povo que compartilha identidade coletiva fundada em cultura, língua, base territorial e história comuns.<sup>4</sup> Hoje, em todo o mundo, há cerca de 200 estados reconhecidos

<sup>3</sup> Diamond, J. *Collapse: how societies choose to fail or succeed*. Nova York: Viking Penguin, 2005.

<sup>4</sup> Clay, J. W. What's a nation? In: Haviland, W. A.; Gordon, R. J. (Eds.) *Talking about people*. 2. ed. Mountain View: Mayfield, 1996. p. 188.



**Figura 14.2** Os curdos, que vivem na Turquia, Irã e Iraque, são exemplo de nação sem estado. Com uma população de cerca de 27 milhões, são muito mais numerosos que os australianos, por exemplo. Na verdade, a população total dos quatro países escandinavos – Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia – é menor que a dos curdos, que não têm seu próprio país independente.

minorias procuram melhorar sua posição política fundando um estado independente. No processo, geralmente encontram oposição acirrada e confrontações violentas.

Assim acontece com os curdos, que habitam as regiões de fronteira da Turquia, Irã e Iraque (Figura 14.2), os palestinos, cujas terras na Cisjordânia são ocupadas e controladas pelas forças militares de Israel há várias décadas, e os chechenos, na Federação Russa, para citar apenas alguns exemplos. Enquanto o resultado da luta armada pode ser a formação de um novo estado (como a separação de Kosovo da Sérvia), algumas nações criaram o próprio estado sem violência. Papua Nova Guiné, no Pacífico Sul, que obteve independência da Austrália em 1975, é um exemplo disso.

Um aspecto importante do estado é a delegação da autoridade para manter a ordem dentro e fora de seus limites. Polícia, ministério de relações exteriores, de defesa e outras burocracias funcionam para controlar e punir atos criminosos destruidores, conflitos e rebeliões. Por meio dessas agências, o estado garante a autoridade de forma impessoal, consistente e previsível. As formas ocidentais de governo, como a dos Estados Unidos, naturalmente, são de governos estatais e, sem dúvida, quase todos têm familiaridade com sua organização.

## SISTEMAS POLÍTICOS E A QUESTÃO DA LEGITIMIDADE

Qualquer que seja o sistema político de uma sociedade, é preciso encontrar um modo de obter e manter a lealdade do povo. Nos sistemas descentralizados, nos quais cada adulto participa de todas as tomadas de decisão, a lealdade e a cooperação são demonstradas livremente, uma vez que cada pessoa é considerada parte do sistema político. Entretanto, à medida que o grupo cresce e a organização se torna mais formal, aumenta a dificuldade para obter e manter o apoio público.

internacionalmente, a maior parte dos quais não existia antes do fim da Segunda Guerra Mundial (1945). Em contraste, há aproximadamente 5 mil nações (incluindo tribos), muitas das quais existem há “tempos imemoráveis”. Raramente estado e nação coincidem, como acontece, por exemplo, na Islândia, no Japão e na Suazilândia.

Cerca de 73% dos estados existentes são **sociedades pluralistas**, que têm entre seus limites territoriais povos de mais de uma nação.<sup>5</sup> Em geral, nações menores (até mesmo tribos) e outros grupos se encontram à mercê de uma ou mais nações dominantes ou grupos étnicos que controlam o estado. Frequentemente enfrentando a discriminação, até mesmo a repressão, algumas

<sup>5</sup> Van den Berghe, P. L. The modern state: nation builder or nation killer? *International Journal of Group Tensions*, v. 22, n. 3, p. 193, 1992.

Os sistemas políticos centralizados podem empregar a coerção como meio de controle social. Isso, porém, é uma medida de risco, uma vez que o pessoal necessário para aplicar essa força pode ser numeroso e se transformar em uma força política. Além disso, a ênfase no uso da força pode criar ressentimento e diminuir a cooperação.

Portanto, os estados policiais geralmente duram pouco; muitas sociedades escolhem formas menos extremas de coerção social. Nos Estados Unidos, esse aspecto se reflete na ênfase cada vez maior sobre o controle cultural, em oposição ao social, como discutiremos nas seções a respeito de controle internalizado e externalizado, mais adiante neste capítulo.

O conceito de **legitimidade**, o direito que os líderes políticos possuem para governar – manter, usar e alocar o poder legalmente – também é importante para o processo político. Como a força, a legitimidade é uma forma de apoio a um sistema político; de maneira diferente dela, baseia-se em costumes socialmente aceitos, regras ou leis que ligam e mantêm um povo unido como um todo coletivo. Por exemplo, entre os kapauku, de Papua Ocidental [Irian], a legitimidade do poder do *tonowi* vem de sua riqueza; acreditava-se que os reis do Havai, da Inglaterra e da França, antes da revolução, tinham direito divino para governar; e o líder do tradicional estado Daomé, hoje Benin, no noroeste da África, adquiria legitimidade por meio da idade, pois o chefe era sempre o homem mais velho.

O poder com base na legitimidade resulta em *autoridade*. É diferente do poder que se baseia exclusivamente na força: a obediência à autoridade resulta da crença de que obedecer é “certo”; a submissão ao poder com base na força resulta do medo de não ter liberdade, bem-estar físico, vida própria ou bens materiais. Desse modo, o poder com base na legitimidade é simbólico e depende das expectativas positivas daqueles que o reconhecem e aceitam. Caso essas expectativas não sejam atendidas regularmente (se o chefe de estado não promove a prosperidade econômica, ou se não consegue evitar ou lidar com calamidades), a legitimidade da figura reconhecida de poder é reduzida ou entra em colapso total.

## POLÍTICA E RELIGIÃO

A religião, em geral, está ligada à política de modo complexo. Normalmente é a religião que legitima a ordem política e a liderança. As crenças religiosas podem influenciar ou fornecer aprovação autorizada para regras e leis consuetudinárias. Por exemplo, os atos considerados pecaminosos são, com frequência, também ilegais.

Tanto nas sociedades industriais como nas não industriais, a crença no sobrenatural é importante e se reflete nas instituições políticas. Um lugar onde o efeito da religião sobre a política encontra-se bem exemplificado é a Europa medieval: as guerras santas eram realizadas por motivos simples; a mão de obra era mobilizada para construir imensas catedrais em honra à Virgem Maria e outros santos; reis e rainhas governavam por “direito divino” e prometiam lealdade ao papa, solicitando sua bênção para todos os empreendimentos importantes, matrimoniais ou militares.

No Peru, o governante divino do Império Inca proclamava autoridade suprema com base na proposição de que descendia do Deus Sol. O antigo estado asteca, no México, também era político-religioso, tinha um governante divino e promovia guerras constantemente a fim de obter escravos

### GLOSSÁRIO

**legitimidade**. Direitos que os líderes políticos têm para governar – manter, empregar e alocar o poder legalmente – com base nos valores de uma sociedade específica.

para sacrifícios humanos, considerados necessários para aplacar a ira dos deuses ou agradá-los. O Irã moderno foi proclamado “república islâmica”, e seu primeiro chefe de estado foi o mais santo entre todos os homens muçulmanos xiitas.

O fato de o presidente dos Estados Unidos, ao assumir o cargo, fazer o juramento sobre a Bíblia é outro exemplo do uso da religião para legitimar o poder político, assim como a frase “uma nação temente a Deus”, no juramento à bandeira. Nas moedas norte-americanas, há a frase “In God We Trust” (em Deus confiamos), muitas reuniões governamentais iniciam-se com uma oração ou uma invocação, e a frase “so help me God” (que Deus me ilumine) é rotineiramente empregada em procedimentos legais. Apesar da separação oficial entre igreja e estado, a legitimização religiosa do governo subsiste.

## GÊNERO E LIDERANÇA POLÍTICA

Independentemente de configuração cultural ou tipo de organização política, as mulheres têm posições importantes de liderança política com muito menos frequência que os homens. Além disso, quando ocupam cargos publicamente reconhecidos, seu poder e autoridade de modo raro excede os deles. Mas há exceções significativas. Historicamente, podem-se citar as chefes, ou *sachems*, das comunidades indígenas algonquinas, no sul da Nova Inglaterra, assim como as poderosas rainhas de muitas monarquias na Ásia, na África e na Europa.

Talvez a mais notável seja a rainha Vitória, que teve o mais longo reinado da Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda. Reconhecida como monarca em muitas colônias, em todo o mundo, ela também recebeu o título de imperatriz da Índia. Governando o Império Britânico de 1837 a 1901, talvez tenha sido a líder mais rica e mais poderosa do mundo.

Além de herdar altas posições de liderança política, cada vez mais as mulheres vêm sendo eleitas para cargos de presidente, chanceler ou primeiro-ministro. Países com mulheres chefes de estado, atualmente ou nos últimos anos, incluem Argentina, Indonésia, Irlanda, Sri Lanka, Noruega, Índia, Libéria, Chile, Alemanha, Filipinas [e agora no Brasil], para mencionar apenas alguns. Embora essa liderança feminina de destaque ainda seja relativamente rara, a mulher regularmente usufrui de tanto poder político quanto o homem em muitas sociedades. Nos bandos, por exemplo, é comum que a mulher tenha tanto direito de opinar sobre as questões públicas como o homem, embora este seja, com bem mais frequência, o líder nominal do grupo.

Entre as nações iroquesas do estado de Nova York, todas as funções de liderança acima da família e do clã eram, sem exceção, assumidas por homens. Portanto, eles mantinham todas as posições nos conselhos da vila e das tribos, assim como no grande conselho da Confederação Iroquesa. Entretanto, estavam completamente em débito com as mulheres, pois somente elas os elegiam para altos cargos. Além disso, elas pressionavam ativamente os membros dos conselhos e conseguiam remover alguns deles do cargo sempre que lhes fosse conveniente.

A menor visibilidade não indica necessariamente que a mulher não tenha poder nos assuntos políticos. E, assim como há várias formas de ser importante nos bastidores, isso também



acontece quando a mulher possui um papel mais visível, como no sistema de dois sexos dos igbo, na Nigéria, África Ocidental. Entre os igbo, cada unidade política apresentava instituições políticas separadas para homens e mulheres, para que tivessem uma esfera autônoma de autoridade, e uma área de responsabilidade compartilhada.<sup>6</sup> À frente de cada unidade política havia um homem, *obi*, considerado chefe do governo, embora, na verdade, ele presidisse a comunidade masculina, e uma mulher, *omu*, a mãe reconhecida de toda a comunidade, mas, na prática, preocupada com o setor feminino. Ao contrário de uma rainha (embora ela e o *obi* fossem coroados), a *omu* não era esposa do *obi* nem a filha do *obi* anterior.

Do mesmo modo que o *obi* tinha um conselho de dignitários para opinar e verificar se não exercia o poder de modo arbitrário, a *omu* possuía um conselho de mulheres em número igual ao dos homens. As funções da *omu* e de suas conselheiras envolviam tarefas como estabelecer regras e regulamentações para o mercado da comunidade (as transações de mercado eram atividades femininas), auditar casos que envolviam mulheres da cidade ou da vila. Se esses casos também envolvessem homens, então ela e o *obi* trabalhavam juntos com os respectivos conselhos.

No sistema igbo, então, as mulheres administravam as próprias relações e seus interesses eram representados em todos os níveis do governo. Além disso, tinham direito de obrigar a aceitação de suas decisões e regras com sanções similares às empregadas pelos homens, o que incluía greves, boicotes e “subjugar” alguém, inclusive um homem:

“Subjugar” um homem ou “fazer uma guerra” contra ele significava reunir-se em sua residência, às vezes tarde da noite, e entoar canções obscenas que detalhavam o ressentimento das mulheres contra ele e frequentemente colocavam sua masculinidade em questão, bater na cabana com o pilão usado para socar mandioca e, talvez, demoli-la ou cobri-la de lama e dar-lhe uma surra. Um homem podia ser castigado dessa forma por maltratar a esposa, violar as regras de mercado das mulheres ou por deixar as vacas pastarem em seus campos. Elas ficavam na cabana o dia inteiro e noite adentro se necessário, até que ele se arrependesse e promettesse mudar seu comportamento.<sup>7</sup>

Quando os britânicos impuseram as regras coloniais sobre os igbo, no fim do século XIX, não reconheceram a autonomia e o poder das mulheres, em parte porque tinham a influência dos valores culturais da própria sociedade dominada por homens. É uma situação irônica, porque a chefe de estado, poderosa e de longa data, do Império Britânico era, como já foi mencionado, a rainha Vitória. No entanto, os administradores coloniais introduziram “reformas” que destruíram as formas de autonomia e poder femininos sem oferecer alternativas. Como resultado, a mulher igbo perdeu muito da igualdade tradicional e se tornou politicamente subordinada ao homem.

#### GLOSSÁRIO

**controle cultural** - feita por meio de crenças e valores profundamente internalizados.

**controle social** - ocorre por meio da coerção aberta.

<sup>6</sup> Okonjo, K. The dual-sex political system in operation: Igbo women and community politics in midwestern Nigeria. In: Hafkin, N.; Bay, E. (Eds.) *Women in Africa*. Stanford: Stanford University Press, 1976.

<sup>7</sup> Van Allen, J. Sitting on a man: colonialism and the lost political institutions of Igbo women. In: Grinker, R.; Steiner, C. (Eds.) *Perspectives on Africa*. Boston: Blackwell Press, 1997. p. 450.

## ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E MANUTENÇÃO DA ORDEM

A organização política sempre inclui meios para manter a ordem que garante que as pessoas se comportem de modo aceitável e definir quais ações devem ser tomadas quando isso não acontece. Nas chefaturas e nos estados, algum tipo de autoridade possui poder para regulamentar as relações na sociedade. Nos bandos e nas tribos, contudo, as pessoas geralmente se comportam como devem, sem intervenção direta de qualquer autoridade política centralizada. Em grande escala, fofocas, críticas, medo de forças sobrenaturais servem como meios eficazes para impedir o comportamento antissocial.

### Controles internalizados

Os indivíduos que são membros bem socializados e enculturados da própria sociedade de modo típico adquirem um conjunto internalizado de crenças e valores sobre o que é adequado ou não. Esses valores estão tão profundamente enraizados que cada pessoa é responsável pela própria conduta. O **controle cultural** pode ser considerado uma forma internalizada de autocontrole, em oposição ao **controle social**, que envolve a obediência externa por meio da coerção aberta.

Os controles culturais estão inseridos em nossa consciência e podem depender de meios de intimidação como medo do castigo sobrenatural – por exemplo, espíritos ancestrais sabotarem a caçada e retaliação empregando magia. Como o cristão devoto que evita pecar por medo do inferno, o indivíduo espera algum tipo de punição, mesmo que ninguém da comunidade tenha conhecimento de seu erro.

Os controles culturais também podem ser vistos de modo positivo, como formas e meios habituais que encorajam o sacrifício individual para o bem comum. Por exemplo, muitas culturas glorificam as tradições de fazer doações ou de se voluntariar em instituições de caridade ou de trabalhos humanitários. Realizados pelo desejo de ajudar os necessitados, esses sacrifícios pessoais podem ser motivados por uma visão espiritual ou religiosa. De modo genérico profundamente arraigado nas ideias básicas de reciprocidade e comunidade mais ampla, também está o controle cultural contra o oportunismo mesquinho, egoísta e de interesse próprio que ameaça o bem-estar da comunidade em geral.

### Controles externalizados

Como o controle internalizado não é totalmente suficiente, mesmo em bandos ou tribos, toda sociedade desenvolve tipos de controle social externalizados, conhecidos como **sanções**, elaborados para encorajar a concordância às normas sociais. Como operam em grupos sociais de todos os tamanhos e envolvem uma mistura de controles sociais e culturais, as sanções podem variar de modo significativo em uma determinada sociedade, mas se apresentam em duas categorias: positivas e negativas. Sanções positivas consistem em incentivos à concordância, como prêmios, títulos e reconhecimento dos vizinhos. Sanções negativas consistem em ameaças, como prisão, multas, castigos físicos ou ostracismo, por parte da comunidade, pela violação das normas sociais.

Para que as sanções sejam eficazes, devem ser aplicadas com consistência, e os membros da sociedade devem ter conhecimento de todas. Caso alguns indivíduos não estejam convencidos das vantagens da concordância social, é mais provável que obedeçam às regras da sociedade do que aceitarem as consequências de não o realizar.



**GLOSSÁRIO**

**sanção** Controle social externalizado e elaborado para incentivar a concordância com as normas sociais.

As sanções também podem ser formais ou informais, dependendo se um estatuto legal está envolvido ou não. Nos Estados Unidos, um homem que entra de calção e sem camisa em uma igreja, durante uma cerimônia, pode estar sujei-

to a várias sanções, de olhares de desaprovação do padre a risos dissimulados dos fiéis. Se, entretanto, ele entrar sem roupa nenhuma, estará sujeito à sanção formal negativa de prisão por atentado ao pudor. Apenas no segundo caso ele seria culpado por infringir a lei.

As sanções formais, como as leis, são sempre organizadas, porque tentam precisa e explicitamente regulamentar o comportamento das pessoas, quer estejam negociando pacificamente, quer enfrentando o inimigo em batalha. Outros exemplos de sanções incluem, no aspecto positivo, condecorações militares e recompensas monetárias; no aspecto negativo, perda de prestígio, exclusão da vida social e seus privilégios, confisco de bens, aprisionamento e mesmo mutilação física ou morte.

Sanções informais enfatizam o controle cultural e, por natureza, não têm limites definidos, envolvendo a expressão espontânea de aprovação ou desaprovação pelos membros do grupo ou da comunidade. No entanto, são muito eficazes para estabelecer um grande número de costumes aparentemente insignificantes. Como as pessoas querem ser aceitas, submetem-se a regras que governam o modo de vestir, comer, conversar, mesmo que não existam leis específicas.

**CONTROLE SOCIAL POR MEIO DA LEI**

Os inuítes, no norte do Canadá, consideram que todas as ofensas envolvem disputas entre os indivíduos, assim, devem ser resolvidas entre os disputantes. Uma forma tradicional de fazer isso é através de um *duelo de canções*, em que os indivíduos envolvidos se insultam por meio de canções compostas especialmente para a ocasião. Embora a sociedade não interfira, seus interesses são representados pelos espectadores, cujo aplauso determina o resultado. Se, entretanto, a harmonia não for restaurada – é esse o objetivo, e não encontrar uma forma de determinar e punir o culpado –, um dos disputantes poderá se mudar para outro bando. Essencialmente, não há autoridade legal obrigatória.

Nas sociedades ocidentais, em contraste, quando um indivíduo ofende outro pode estar sujeito a vários procedimentos legais complexos. Nos casos de crime, a preocupação principal é de determinar e punir o culpado, e não de ajudar a vítima. O infrator é preso pela polícia, julgado e, dependendo da gravidade do crime, multado, aprisionado ou mesmo executado. A vítima raramente recebe algum tipo de restituição ou compensação.

Nessa cadeia de eventos, policiais, juízes, jurados e carcereiros são as pessoas que lidam com o acusado e, em geral, não têm nenhum tipo de relação com ele ou com o reclamante. Como isso parece estranho do ponto de vista da cultura inuíte tradicional! Os dois sistemas operam de forma totalmente distintas.

**Definição de lei**

Depois que dois indivíduos inuítes resolvem a disputa com um desafio de canções, o assunto está encerrado, nenhuma outra atitude é tomada. Poderíamos descrever o resultado desse confronto como uma decisão *legal*? Se toda lei é uma sanção, mas nem toda sanção é uma lei, como distinguir entre sanções sociais em geral e as sanções consideradas “leis”?

Embora as regras estabelecidas por um corpo legislativo autorizado e cumpridas por mecanismos judiciais do estado sejam aspectos fundamentais da jurisprudência ocidental, elas não são a base universal das leis humanas. Qualquer conceito de lei pode ser aplicado às sociedades para as quais a noção de sistema judiciário centralizado virtualmente não tem nenhum significado? Como categorizar os duelos de canções inuítes e outras formas sociais de resolução de disputas que parecem atender a alguns, mas nem todos, critérios das leis?

Finalmente, é extremamente importante considerar cada caso em seu contexto cultural. Afinal, as leis refletem os postulados básicos de uma sociedade. Portanto, para entender as leis de uma sociedade, é preciso compreender os valores e pressupostos nelas implícitos. Não obstante, é preciso uma definição prática para fins de discussão e comparação transcultural; portanto, a lei pode ser caracterizada de modo adequado como regras formais de conduta que, quando violadas, resultam em sanções negativas.

## Funções da lei

Os antropólogos reconhecem três funções básicas da lei. Primeira, ela define as relações entre os membros da sociedade e estabelece o comportamento apropriado em circunstâncias específicas. O conhecimento da lei permite que cada pessoa saiba quais são seus direitos e deveres em relação aos outros membros da sociedade.

Segunda, a lei estabelece a autoridade para empregar a coerção no cumprimento das sanções. Nas sociedades com sistemas políticos centralizados, essa autoridade é geralmente conferida ao governo e ao poder judiciário. Nas sociedades sem controle político centralizado, ela pode ser conferida diretamente à parte afetada.

Terceira, a lei funciona para redefinir as relações sociais e para garantir a flexibilidade social. À medida que surgem novas situações, deve determinar se as regras e os pressupostos antigos continuam válidos e até que ponto devem ser alterados. A lei, para operar de modo eficiente, deve permitir mudanças.

Na prática, a lei nunca é tão simples quanto uma descrição sobre ela. Em qualquer sociedade, o poder para aplicar as sanções pode variar entre os diferentes níveis do grande grupo. Dessa forma, o chefe de uma família kapauku, em Papua Nova Guiné, pode punir um membro com um tapa ou uma surra, mas a autoridade para confiscar os bens é conferida exclusivamente ao chefe da linhagem. Nos Estados Unidos, existem distinções análogas entre as jurisdições municipal, estadual e federal. A complexidade da jurisdição legal em cada sociedade torna difíceis as generalizações sobre a lei.

## Crime

Como já observamos, uma função importante das sanções negativas, legais ou não, é desencorajar a quebra das normas sociais. Uma pessoa que pretende cometer um roubo tem consciência da possibilidade de ser preso e punido. Ainda assim, apesar de sanções severas, os indivíduos em toda sociedade às vezes violam as normas e se sujeitam às consequências de seu comportamento.

Nas sociedades ocidentais, faz-se uma distinção clara entre ofensas contra o estado e contra um indivíduo. Contudo, nas sociedades que não são estado, como bandos e tribos, todas as ofensas são entendidas como transgressões contra indivíduos ou grupos de parentesco (famílias, linhagens, clãs etc.).

As disputas entre indivíduos ou grupos de parentesco podem romper seriamente a ordem social; em especial, nos grupos pequenos, em que o número de disputantes, apesar de pequeno em números absolutos, pode representar uma grande porcentagem da população total. Por exemplo, embora os inuítes não tenham, tradicionalmente, nenhuma unidade doméstica ou econômica efetiva além da família, a disputa entre duas pessoas interfere na habilidade de membros de famílias separadas de prestarem ajuda mútua quando

necessário; conseqüentemente, é uma questão para maior preocupação social. O objetivo dos procedimentos judiciais, nesses casos, é restabelecer a harmonia social, e não encontrar punição para o infrator. Ao distinguir entre ofensas que se referem à comunidade como um todo e aquelas que se referem apenas a alguns indivíduos, podemos chamá-las *coletivas* ou *pessoais*.

Basicamente, as disputas são resolvidas de dois modos. Primeiro, as partes podem, por meio de discussão e compromisso, chegar voluntariamente a um acordo satisfatório para ambas. Esse modo de resolução se chama *negociação* ou, se envolver a assistência de uma terceira parte neutra, *mediação*. Nos bandos e nas tribos, o mediador não possui poder de coerção; portanto, não pode obrigar os disputantes a aceitar sua decisão, mas, como uma pessoa muito respeitada, ele pode ajudar a realizar um acordo.

Segundo, nas chefaturas e nos estados, uma terceira parte autorizada pode emitir uma decisão obrigatória que as partes disputantes serão obrigadas a respeitar. Esse processo se chama *adjudicação*. A distinção entre mediação e adjudicação é basicamente a diferença na autorização. Em uma disputa por adjudicação, cada uma das partes apresenta sua posição do modo mais convincente possível, mas nenhuma participa da decisão final. Embora o processo de adjudicação não seja uma característica universal, toda sociedade emprega alguma forma de negociação para resolver disputas.

Com frequência, a negociação é um pré-requisito ou uma alternativa para a adjudicação. Por exemplo, na resolução de disputas trabalhistas, nos Estados Unidos, os trabalhadores em greve podem primeiramente negociar com o empregador; no geral, com a mediação de uma terceira parte. Se o estado decide que a greve constitui uma ameaça ao bem-estar público, as partes em disputa podem ser obrigadas a se submeter à adjudicação. Nesse caso, a responsabilidade da resolução da disputa é transferida para um juiz presumivelmente imparcial.

O trabalho do juiz é difícil e complexo. Além de examinar minuciosamente as evidências apresentadas, ele deve considerar uma grande variedade de normas, valores e regras anteriores para tomar uma decisão que deve ser considerada justa não só pelas partes, mas pelo povo e por outros juizes também.

### Justiça restaurativa e resolução de conflitos

A justiça punitiva, como o aprisionamento, talvez seja a forma mais comum na América do Norte, mas isso não significa que seja a mais eficaz para modificar o comportamento criminal. Existem alternativas culturais.

#### GLOSSÁRIO

**lei** Regras formais de conduta que, quando violadas, resultam em sanções negativas.

**negociação** Forma de discussão e de compromisso iniciado pelas partes envolvidas em uma disputa, a fim de chegar voluntariamente a um acordo mutuamente satisfatório.

**mediação** Resolução de uma disputa por meio da intervenção assistida por uma terceira parte neutra.

**adjudicação** Resolução de uma terceira parte autorizada da disputa.

As comunidades indígenas do Canadá exigiram, com êxito, que o governo federal fizesse mudanças nos serviços judiciais para que fossem mais compatíveis com seus valores e tradições.<sup>8</sup> Em particular, pressionaram por técnicas de justiça restaurativa como a do Talking Circle (roda da conversa). Nessa técnica, as partes envolvidas em um conflito se reúnem em círculo e cada uma tem oportunidade de expressar seu ponto de vista, sem ser interrompida. Geralmente, aquele que está falando segura o “bastão da vez” (ou uma pena de águia, ou outro objeto simbólico) para indicar que tem o direito de falar naquele momento, e os outros, a responsabilidade de ouvir.

Na América do Norte, durante as últimas três décadas, houve um afastamento significativo dos tribunais em favor da negociação e da mediação externa, a fim de resolver diversas disputas. Muitos juristas entendem esse aspecto como um meio de diminuir a carga dos tribunais, para que estes possam se concentrar nos casos mais importantes.

Atualmente, os líderes da área de resolução de disputas encontram formas eficientes para chegar a soluções equilibradas. A seção “Antropologia Aplicada” discute um exemplo.

## Antropologia Aplicada

### O antropólogo e a resolução de disputas

*William Ury*

Em uma era na qual as consequências da solução de disputas com o uso de violência são bastante abrangentes, o gerenciamento de conflitos é cada vez mais importante. Um líder mundial na área é o antropólogo William L. Ury, especialista independente em negociações.

Em seu primeiro ano de pós-graduação, William Ury iniciou a investigação sobre formas de aplicar a antropologia a problemas práticos, até mesmo conflitos de todas as dimensões. Ele escreveu um trabalho a respeito do papel da antropologia na mediação da paz e, em um impulso, enviou-o a Roger Fisher, renomado professor de direito, reconhecido por seu trabalho em negociações e relações internacionais. Fisher, por sua vez, convidou o jovem estudante para ser coautor de um livro para mediadores internacionais. O livro que escreveram juntos atingiu um público bem maior, pois apresentava princípios básicos de negociação que poderiam ser aplicados em disputas familiares, conflitos entre patrões e empregados, ou crises internacionais. Com o título *Como chegar ao sim: a negociação de acordos sem concessões* (1981), vendeu milhões de cópias, foi traduzido para 21 idiomas e recebeu o apelido de “bíblia do negociador”.

Enquanto trabalhavam em *Como chegar ao sim*, Ury e Fisher criaram o Program on Negotiation (PON) na faculdade de direito de Harvard, reunindo um grupo interdisciplinar de especialistas interessados em novas abordagens e aplicações do processo de negociação. Atualmente, esse centro de pesquisa aplicada é um consórcio entre diversas universidades que treina mediadores, executivos e autoridades do governo nas habilidades de negociação. Possui quatro objetivos principais: (1) projetar, implementar e avaliar melhores práticas de resolução de disputas; (2) promover a colaboração entre praticantes e especialistas; (3) desenvolver programas educacionais e materiais de instrução em negociação e resolução de disputas; (4) aumentar a consciência e o entendimento público sobre as tentativas bem-sucedidas de resolução de conflitos.

<sup>8</sup> Criminal Code of Canada, §718.2(e).

Em 1982, William Ury recebeu o título de doutor em antropologia, da Universidade de Harvard, com o trabalho intitulado "Talk out or walk out: the role and control of conflict in a Kentucky coalmine" (Conversar ou desistir: o papel e o controle de conflito em uma mina de carvão no Kentucky). Em seguida, ele lecionou por vários anos e manteve uma função de liderança no PON (Programa de Negociação). Em particular, dedicou-se ao Global Negotiation Project (Projeto de Negociação Global, no início conhecido como Projeto para Evitar Guerras). Atualmente, ele parou de lecionar, mas permanece como diretor do Projeto de Negociação Global, escrevendo, dando consultorias e realizando oficinas regulares sobre como lidar com pessoas e situações difíceis.

Ao empregar uma perspectiva transcultural aprimorada durante anos de pesquisa antropológica, ele se especializou em disputas étnicas e separatistas, por exemplo, entre sul-africanos brancos e negros, sérvios e croatas, turcos e curdos, católicos e protestantes na Irlanda do Norte e russos e chechenos na antiga União Soviética.

Os livros sobre resolução de disputa estão entre as ferramentas mais eficazes de seu trabalho de antropologia aplicada; sua obra de 1999, *Chegando à paz*, resolvendo conflitos em casa, no trabalho e no dia a dia, examina o que ele considera o "terceiro lado", o papel da comunidade na prevenção, resolução e contenção de conflitos destrutivos entre duas partes. Outra obra, publicada em 2002, *Must we fight?* (É preciso brigar?), contesta as ideias de que a violência e as guerras são inevitáveis e apresenta evidências convincentes de que o ser humano possui potencial inerente para a cooperação e a coexistência do mesmo modo que para conflitos violentos. O ponto-chave desse livro é que a violência é uma escolha. Como Ury diz: "os conflitos nunca acabam, mas a violência sim".

William Ury e outros especialistas nessa área estão ajudando a criar uma cultura de negociação em um mundo no qual as atitudes adversárias e competitivas estão em desacordo com as relações cada vez maiores de interdependência entre as pessoas.

<sup>a</sup> Pease, T. Taking the third side. *Andover Bulletin*, 2000.

<sup>b</sup> Ury, W. A global immune system. *Andover Bulletin*, 2002; ver também [www.PON.harvard.edu](http://www.PON.harvard.edu) e [www.thirdside.org](http://www.thirdside.org).

## GUERRAS E CONFLITOS VIOLENTOS

Embora a regulamentação das relações internas de uma sociedade seja uma função importante de qualquer sistema político, sem dúvida não é a única. Outra é o gerenciamento das relações internacionais, as relações não somente entre estados diferentes, mas também entre bandos, linhagens, clãs ou qualquer outra unidade política autônoma. E, assim como a ameaça ou o uso real da força podem ser empregados para manter a ordem em uma sociedade, também podem ser utilizados para conduzir as relações internacionais.

Há registros horrorosos da violência humana. Bem mais letal que o impulso espontâneo e individual de agressão, a violência organizada em forma de guerra é responsável por muito sofrimento e destruição deliberada da vida e da propriedade.

De modo geral, podemos distinguir motivos, objetivos, métodos e escalas de guerra diferentes como violência organizada. Por exemplo, algumas sociedades se engajam apenas em guerras defensivas e evitam confrontos armados, a menos que sejam seriamente ameaçadas ou realmente atacadas. Outras iniciam guerras agressivas em busca de objetivos estratégicos particulares, incluindo benefícios

materiais na forma de recursos preciosos, como escravos, ouro ou petróleo, assim como expansão territorial ou controle de rotas comerciais. Em algumas culturas, as guerras agressivas são travadas por motivos ideológicos, como disseminar a própria visão de mundo ou religião e derrotar ideias “malígnas” ou heresias.

O alcance dos conflitos violentos é amplo, varia de lutas entre indivíduos, hostilidade e ataques locais a guerras internacionais formalmente declaradas, com forças armadas especializadas. Além disso, podemos distinguir entre várias guerras civis (nas quais os exércitos de regiões geográficas, grupos étnicos ou religiosos, ou partidos políticos diferentes dentro do mesmo estado se confrontam) e guerrilhas de baixa intensidade, com operações táticas de ataques rápidos de pequena escala em vez de batalhas intensas.

### Qual é a razão das guerras?

Por que ocorrem guerras? Alguns argumentam que os machos são naturalmente agressivos. Contudo, como já discutimos nos capítulos anteriores, a guerra entre os seres humanos, como também o comportamento grupal agressivo entre os símios, pode ser específico de uma situação, não a expressão inevitável da predisposição biológica (ver a “Conexão Biocultural” deste capítulo).

Isso não significa que os seres humanos antigos não conheçam a violência. As evidências arqueológicas, incluindo a descoberta ocasional de pontas de lança inseridas em esqueletos humanos, provam o contrário. Na verdade, os conflitos armados na forma de hostilidade e ataques mortais existem há muito tempo em sociedades que não são estados, como os bandos coletores, as vilas agrícolas ou os pastores nômades.

No entanto, está claro que a guerra não é um fenômeno universal, pois em várias partes do mundo há sociedades que não a praticam do modo como conhecemos. Os exemplos incluem povos tão diferentes como os bosquímanos ju/'hoansi e os povos pigmeus do sul e do centro da África, os arapesh, da Nova Guiné, e os jain, da Índia, assim como os amish, da América do Norte. Entre as sociedades que realmente praticam a guerra, os níveis de violência podem diferir de modo dramático.

Temos muitas razões para supor que as guerras, que não devem ser confundidas com formas mais limitadas de violência, como os ataques, se tornaram um problema apenas nos últimos 10.000 anos, desde a invenção das técnicas de produção de alimentos e, principalmente, a partir da formação dos estados centralizados, 5.000 anos atrás. As guerras alcançaram proporções críticas nos últimos 200 anos, com a invenção das armas modernas e a violência cada vez maior contra a população civil.

Desde 1917, com o uso militar do gás mostarda, que provoca cegueira, grandes bolhas na pele exposta e (se inalado) sangramento e pústulas na boca, garganta e pulmões, o desenvolvimento de “armas de destruição em massa” tem sido letalmente eficaz. Hoje em dia, os arsenais de armas químicas, biológicas e atômicas armazenados por muitos estados são provavelmente suficientes para eliminar toda a vida do planeta, diversas vezes.

Não é nenhuma surpresa que, com esses avanços na tecnologia, a morte, não só de civis, mas de *crianças*, exceda em muito a de soldados. Na verdade, como venenos perigosos, por exemplo, a bactéria antraz ou o gás sarin, são fáceis e baratos de se produzir, grupos sem estado, como os terroristas, também tentam ter acesso a essas armas modernas de destruição em massa, mesmo que seja apenas para ameaçar usá-las contra inimigos mais poderosos. Portanto, a guerra não é um problema antigo, é relativamente recente.

## Conexão Biocultural

### Gênero, sexo e violência humana

No início do século XXI, guerra e violência não são mais os domínios estritamente masculinos que eram em muitas sociedades no passado. A guerra passou a fazer parte da vida de civis em muitos lugares do mundo, afetando a rotina diária de pessoas mais velhas, mulheres e crianças. Além disso, agora a mulher também serve as forças armadas de muitos estados, embora sua participação nas operações de batalha seja limitada. Algumas mulheres soldados nos Estados Unidos argumentam que o gênero não deveria limitar sua participação em combates, pois se consideram tão fortes, capazes e bem-treinadas quanto os soldados homens. Outras acreditam que as diferenças biológicas baseadas no gênero tornam a guerra um domínio particularmente masculino.

Os cientistas há muito argumentam que o homem é biologicamente mais adequado para combater, porque a seleção natural o tornou maior e mais musculoso que a mulher. Essa ideia, conhecida como seleção sexual, foi introduzida por Charles Darwin, no século XIX. Ele propôs que a especialização física do macho nas espécies animais, como chifres, plumagem vistosa e, no caso do ser humano, inteligência e uso de ferramentas, demonstram que a seleção atua nos machos para ajudar na competição por parceiras. Nesses cenários, acredita-se que o sucesso reprodutivo dos machos seja otimizado por meio de uma estratégia de "espalhar a semente", em outras palavras, ser sexualmente ativo com tantas parceiras quanto possível.

As fêmeas, de outro modo, são consideradas "cuidadoras" que otimizam o sucesso reprodutivo através do cuidado da cria. De acordo com a teoria da seleção sexual de Darwin, nas espécies em que a competição entre os machos é alta, eles serão de maneira considerável maiores que as fêmeas e a agressividade lhes será útil. Nas espécies monogâmicas, machos e fêmeas possuem tamanho semelhante.

O primatologista britânico Richard Wrangham, antropólogo biológico na Universidade de Harvard, desenvolveu ainda mais a ideia de seleção sexual. Em seu livro *O macho demoníaco*, explora a ideia de que a agressividade masculina e o patriarcalismo tem base evolutiva. Ele afirma que o ser humano, como o nosso primo chimpanzé, é uma espécie gregária caracterizada por laços fortes entre grupos de machos com domínio sobre um território que pode ser expandido. Esses aspectos "bastam para descrever o legado negativo da seleção natural, a tendência de procurar oportunidades para matar, quando vizinhos hostis se encontram".<sup>a</sup> A violência, por sua vez, gera uma ordem social dominada por machos: "O patriarcalismo tem sua origem na biologia, no sentido de que resulta do temperamento dos homens, pelos seus esforços evolutivos de controlar a mulher e, ao mesmo tempo, serem solidários com os companheiros na competição contra estranhos".<sup>b</sup>

Algumas especialistas feministas ressaltam que esses modelos científicos são tendenciosos, pois absorvem as normas de gênero originada na visão masculina da cultura. O modelo original de seleção sexual de Darwin incorporava as normas de gênero vitorianas de mulher passiva e homem ativo. A teoria mais recente de Richard Wrangham sobre os machos demoníacos também parece ser moldada pela cultura do autor. Ele incorpora a globalização dominante, estados militares e as normas de gênero (machos agressivos) que essa ordem valoriza. Em ambos os casos, a teoria científica oferece argumentos fundamentados na natureza para uma série de costumes sociais com base na cultura.

Isso não significa que as diferenças biológicas entre os sexos não possam ser estudadas no mundo natural. Ao contrário, os cientistas que estudam as diferenças dos sexos devem estar especialmente conscientes de como podem projetar as crenças culturais na natureza. Enquanto isso, as atitudes das mulheres e soldados continuam a desafiar as generalizações referentes a "especialização militar" por gênero.

<sup>a</sup> Wrangham, R. Perelson, D. *Demonic male*. Boston: Houghton Mifflin, 1996, p. 168.  
<sup>b</sup> *Ibidem*, p. 125.

Entre os povos coletores, com sistemas políticos descentralizados, a violência pode irromper de modo esporádico, mas a guerra era praticamente desconhecida até épocas recentes. Como os limites territoriais e a participação nos bandos de coleta de alimentos são geralmente flexíveis e pouco definidos, um homem que caça com um bando alguns dias pode caçar com o bando vizinho no mês seguinte. Isso faz com que a guerra seja impraticável. Da mesma forma, com a troca sistemática de parceiros para casar entre os grupos coletores, é provável que uma pessoa de cada bando tenha irmão/irmã, pai/mãe ou primo/prima no bando vizinho. Além disso, a ausência de excedente de alimentos dificulta combates prolongados. Em resumo, em regiões nas quais as populações têm poucos membros, não há excedente de alimentos, a propriedade de bens é mínima e não existe organização em estado, a probabilidade de violência organizada entre os grupos é mínima.<sup>9</sup>

Apesar da visão tradicional do agricultor como uma pessoa pacífica, é entre esses povos, e entre os pastores, que a guerra se torna proeminente. Uma razão pode ser porque os povos produtores de alimento têm a tendência maior de aumento de população que os coletores, cujo número de membros geralmente se mantém abaixo da capacidade de carga (número de pessoas que os recursos disponíveis podem sustentar em determinado nível de técnicas de coleta). Esse aumento, quando não controlado, pode provocar o esgotamento dos recursos, um problema normalmente resolvido com ataques para se apossar dos recursos de outros grupos.

Além disso, o comprometimento com uma área fixa, inerente à agricultura, faz com que a participação nessas sociedades seja menos fluida que a dos povos coletores. Em vez de casar com pessoas de lugares distantes, eles se casam com as do mesmo local, assim, não criam redes de parentesco geograficamente distantes. Nas sociedades patrilocais ou matrilocais rígidas, cada nova geração permanece ligada ao mesmo território, não importa se é pequeno ou se o grupo que nele tenta sobreviver é grande.

A disponibilidade de terras desocupadas pode não ser suficiente para desencorajar o surgimento de uma guerra. Entre agricultores que fazem cultivo por queimada, por exemplo, a competição pela terra limpa frequentemente provoca hostilidade e conflitos armados. A centralização do controle político e a posse de propriedades valiosas também são estímulos para a guerra.

Entre povos agrícolas, especialmente aqueles organizados em estados, é mais provável ocorrer a violência da guerra que resulta em grande número de mortes indiscriminadas. Esse desenvolvimento alcançou o ápice nos estados modernos. Na verdade, muitas guerras (mas nem todas) observadas em sociedades sem estado (as chamadas guerras tribais) são induzidas pelos estados como reação à expansão colonial.<sup>10</sup>

Embora a competição por recursos escassos possa se tornar violenta e provocar guerras, os motivos e as justificativas estão normalmente inseridos na visão de mundo da sociedade, o conjunto de ideias que os membros de uma cultura geralmente compartilham considerando a forma e a substância principais de sua realidade. Há muitos exemplos, que vão das Cruzadas (uma série de "Guerras Santas" promovidas por cristãos europeus, na Idade Média, a fim de expulsar os muçulmanos da Palestina, território considerado santo) às guerras dos astecas, no México (há cerca de 500 anos, em parte para capturar pessoas, a fim de oferecê-las como sacrifício aos deuses).

<sup>9</sup> Knauff, B. M. Violence and sociality in human evolution. *Current Anthropology*, n. 32, p. 391-409, 1991.

<sup>10</sup> Whitehead, N. L.; Ferguson, R. B. Deceptive stereotypes about tribal warfare. *Chronicle of Higher Education*, n. A48, nov. 1993.



## Guerras atuais

Atualmente, há várias guerras acontecendo no mundo, que, no geral, resultam em grande número de mortes. Muitas guerras contemporâneas não acontecem entre estados, mas entre países nos quais o governo é corrupto, ineficiente ou não tem apoio do povo. É interessante destacar que muitos exércitos recrutam, além dos homens, mulheres e crianças. Atualmente, mais de 250 mil crianças, muitas com apenas 12 anos de idade, participam de conflitos armados no mundo inteiro.<sup>11</sup>

Os exemplos a seguir apresentam alguns dados específicos. Na década de 1990, entre 2 e 3 milhões de pessoas morreram em guerras no sul do Sudão. Outros 5 milhões morreram no Congo (1998-2003), em conflito que também envolveu exércitos de estados vizinhos. Além disso, o Oriente Médio sofre uma turbulência política, principalmente desde que os Estados Unidos lideraram a invasão ao Afeganistão e ao Iraque, em 2003. Além das dezenas de milhares de mortes, a maioria de civis, também houve a destruição em massa da infraestrutura desses países.

Além destas, há inúmeras guerras chamadas de baixa intensidade, que envolvem organizações de guerrilha, exércitos rebeldes, movimentos de resistência, grupos terroristas e muitos outros grupos armados engajados em conflitos violentos com as forças armadas oficiais controladas por estados. A cada ano, os confrontos resultam em centenas de conflitos violentos, muitos dos quais não aparecem na mídia ocidental.<sup>12</sup>

Como mostram esses exemplos, as causas das guerras são complexas e envolvem fatores econômicos, políticos e ideológicos. Os desafios para eliminar a guerra humana nunca foram tão grandes, assim como o custo para *não* encontrar meios para isso.

Na era da globalização, uma nova categoria – crimes contra a humanidade – foi adotada por muitos países para punir os responsáveis por assassinato em massa; esses crimes podem ser julgados em uma corte internacional.

## DOMINAÇÃO E REPRESSÃO

Até agora, discutimos como as sociedades aumentaram de tamanho, de bandos a estados, e como o poder político se transformou de liderança sem coerção, presente nos pequenos grupos de parentesco, a regimes ditatoriais que governam milhares de indivíduos com pouco ou nenhum direito à autodeterminação. Atualmente, apenas um quarto de todos os países reconhecidos internacionalmente é habitado por somente um grupo étnico ou nacionalidade. Todos os outros são ocupados por mais de um grupo étnico, alguns por múltiplas nações antes independentes, cujos territórios foram unificados, por meios políticos pacíficos ou como resultado de conquista e anexação militar.

Como já foi mencionado neste capítulo, nações menores ou menos poderosas, assim como minorias étnicas, são com frequência dominadas por aquelas que controlam o estado e as forças

### GLOSSÁRIO

**capacidade de carga** Número de pessoas que os recursos disponíveis conseguem sustentar em determinado nível de técnicas de coleta de alimentos.

**aculturação** Mudança cultural maciça que ocorre em uma sociedade quando esta tem contato intenso com outra mais poderosa.

**etnocídio** Erradicação violenta da identidade cultural coletiva de um grupo étnico como povo distinto; ocorre quando uma sociedade dominante tenta deliberadamente destruir a herança cultural de outra.

<sup>11</sup> Estudo estima 250.000 crianças-soldados ativos. Associated Press, 26 jul. 2006.

<sup>12</sup> icasualties.org.

armadas. Nesses arranjos de divisão desigual do poder, as minorias étnicas ou nacionais estão sempre sujeitas a regras e práticas políticas do governo, que consideram discriminatórias ou mesmo repressivas. Embora o apogeu do colonialismo tenha ficado no passado, grupos poderosos ainda se expandem e fortalecem seu controle sobre sociedades e territórios, próximos e distantes, principalmente para fins de exploração e de repressão.

## Aculturação

**Aculturação** é a mudança cultural maciça que ocorre em uma sociedade quando esta tem contato intensivo com outra mais poderosa. Sempre envolve um elemento de força, seja diretamente, como nas conquistas, seja indiretamente, como a ameaça implícita ou explícita do uso da força se as pessoas se recusarem a realizar as mudanças exigidas. Outras variáveis incluem: certo grau de diferenças culturais; circunstâncias, intensidade, frequência e hostilidade de contato; *status* relativo dos agentes de contato; quem é o dominador e quem é o dominado; se a natureza do fluxo é recíproca ou não.

Durante o contato cultural, muitas coisas podem acontecer. Ocorre fusão, quando duas culturas perdem a respectiva identidade e formam uma cultura única, como historicamente expressa pela ideologia do *melting pot* (caldeirão cultural) nos Estados Unidos. Às vezes, porém, uma dessas culturas perde a autonomia, mas retém a identidade como subcultura, na forma de casta, classe ou grupo étnico. Isso é típico de situações de conquista ou de escravidão, e os Estados Unidos têm vários exemplos, apesar da ideologia do caldeirão cultural – não é preciso ir muito longe, basta observar uma reserva indígena.

Os casos mais extremos de mudança cultural forçada, ou aculturação, ocorrem como resultado de conquista militar ou invasão maciça e o rompimento das estruturas políticas tradicionais pelo dominador recém-chegado, que não conhece ou não se importa nem um pouco com a cultura que controla. Os povos nativos, incapazes de resistir às mudanças impostas e impossibilitados de realizar muitas de suas atividades sociais, religiosas e econômicas, podem ser forçados a novas práticas que tendem a isolar os indivíduos e destruir a integridade da sociedade.

## Etnocídio

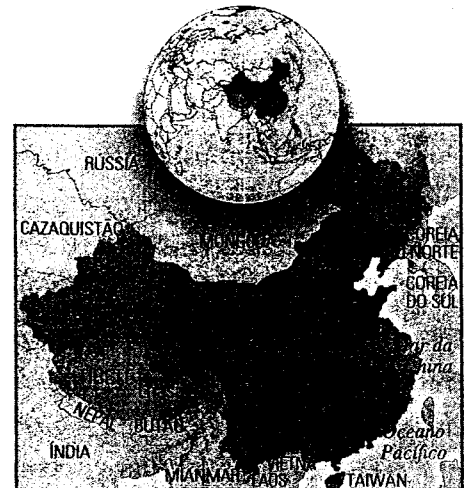
Um modo bem mais perverso e radical de aculturação é o **etnocídio** – a erradicação violenta da identidade cultural coletiva de um grupo étnico, como povo, que ocorre quando um estado ou nação mais dominante tenta deliberadamente destruir a herança cultural de outra sociedade para eliminar sua identidade coletiva como povo distinto. Isso pode acontecer quando uma nação poderosa expande de maneira agressiva seu controle territorial, anexando povos e respectivos territórios vizinhos, incorporando os grupos conquistados como subordinados.

A política do etnocídio normalmente inclui proibir o uso da língua ancestral da nação subjugada, criminalizar seus costumes tradicionais, destruir sua religião e práticas sagradas, demolir os lugares sagrados, dissolver organizações sociais e destituir ou remover os sobreviventes da terra que possuem. Essencialmente, o etnocídio inclui tudo, exceto o extermínio físico, para eliminar todos os traços de uma cultura singular.

Entre os muitos exemplos trágicos de etnocídio, podemos citar a experiência do povo tibetano, nas montanhas do Himalaia, na Ásia Central, que não conseguiu se defender contra a invasão do

exército comunista chinês, em 1950. O governo chinês então iniciou políticas etnocidas, por meio de ataques sistemáticos contra a cultura tibetana tradicional. A fim de eliminar práticas e crenças religiosas profundamente arraigadas, ordenou demolição da maior parte dos templos e monastérios budistas. Com a revolta do povo, milhares de tibetanos foram mortos ou exilados.

Para tentar aniquilar a identidade tibetana, a China procurou transformar os sobreviventes em sujeitos políticos que se identificariam culturalmente como cidadãos chineses.<sup>13</sup> Hoje, mais de 130 mil tibetanos vivem no exílio, especialmente na Índia e no Nepal. O fluxo de tibetanos que tenta escapar da opressão chinesa continua, com cerca de 3 mil fugitivos a cada ano. Eles correm grandes riscos, pois a maioria atravessa o Himalaia a pé.



## Genocídio

Antes da invasão europeia à Floresta Amazônica, mais de 700 grupos étnicos diferentes habitavam essa imensa região tropical, na América do Sul. A população total pode ter sido de quase 5 milhões. Entretanto, após mais de quatro séculos de pressões coloniais e capitalistas, o número de grupos indígenas diminuiu para 270, e a população total caiu para cerca de 200 mil pessoas.<sup>14</sup>

Esse declínio dramático não aconteceu por si e levanta a questão problemática do **genocídio** – o extermínio físico de um povo, como ato deliberado ou como resultado acidental de atividades realizadas por um povo que não se preocupa com o impacto que poderá causar sobre outro. O genocídio, assim como o etnocídio, não é novidade. Na América do Norte, em 1637, por exemplo, houve

a tentativa deliberada de massacrar os indígenas pequot, incendiando a vila em que viviam, em Mystic, Connecticut; em seguida, atirando nos que tentavam escapar do fogo, especialmente idosos, mulheres e crianças, todos desarmados. Para garantir que sua memória fosse eliminada, as autoridades coloniais proibiram até mesmo a menção ao nome pequot. Muitos outros massacres de povos indígenas ocorreram depois; o último foi em Wounded Knee, Dakota do Sul, em 1890.

Naturalmente, tais condutas não se restringiram apenas às Américas. Entre os diversos atos de genocídio do século XIX já quase esquecidos está o extermínio dos habitantes nativos da Tasmânia, ilha localizada ao sul da Austrália.

### GLOSSÁRIO

**genocídio** Extermínio físico de um povo, como ato deliberado ou resultado acidental de atividades realizadas por um povo que não se preocupa com o impacto que poderá causar sobre outro.

**tradição** Ideias e práticas costumeiras transmitidas de uma geração para a outra que, em uma sociedade em modernização, podem se tornar obstáculos a novas formas de organização.

**extermínio** Eliminação física de indivíduos, grupos étnicos ou populações inteiras.

**genocídio** Massacra deliberado e organizado contra um povo estabelecido em uma comunidade.

**revolução** Mudança radical em uma sociedade ou cultura. O termo político envolve a deposição de um governo antigo e o estabelecimento de outro completamente novo.

<sup>13</sup> <http://www.savetibet.org/tibet/us/proceedings/senatefrmauramoynihan.php>. Ver também Avedon, J. F. *In exile from the land of snows: the definitive account of the Dalai Lama and Tibet since the Chinese conquest*. Nova York: Harper, 1997.

<sup>14</sup> Turner, T. Major shift in Brazilian Yanomami policy. *Anthropology Newsletter*, n. 32, v. 5, p. 1, 46, 1991.

O genocídio mais conhecido da história recente foi a tentativa dos nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial, de eliminar os judeus e os ciganos (em especial, Roma e Sinti) da Europa. Juntamente com quase 5 milhões de outras pessoas, que os nazistas consideravam “anormais” e “subumanas” (homossexuais, doentes mentais, deficientes, dissidentes políticos e religiosos), esses grupos étnicos estavam destinados ao extermínio. Cerca de 500 mil ciganos e 6 milhões de judeus foram assassinados em nome do “aprimoramento” da espécie humana.

Além desse holocausto amplamente documentado, houve muitos outros assassinatos em massa recentes. Por exemplo, em 1994, mais de meio milhão de tutsis foram massacrados pelos vizinhos hutu, em Ruanda,<sup>15</sup> África, e, atualmente, há uma campanha genocida contra os povos negros que não são de origem árabe, na região do deserto de Darfur, no oeste do Sudão. As estimativas variam, mas, durante o século XX, aproximadamente 83 milhões de pessoas morreram em razão de genocídio e tirania.<sup>16</sup>

## RESISTÊNCIA À DOMINAÇÃO E REPRESSÃO

As reações dos povos nativos às revoluções radicais provocadas por agressores estrangeiros que invadem sua terra natal ancestral variam de modo considerável. Alguns se mudaram para a floresta mais próxima disponível; outros, para lugares distantes, na esperança de ficar em paz. No Brasil, muitas comunidades antes localizadas perto da costa fizeram essa opção há algumas centenas de anos e tiveram êxito até o início da invasão, exploração e destruição da região amazônica, no início da década de 1960.<sup>17</sup> Outros, como muitos índios da América do Norte, tentaram se defender, mas, por fim, foram forçados a assinar tratados e entregar grande parte de seu território; em seguida, foram reduzidos a uma subclasse empobrecida dentro do próprio território. Atualmente, continuam a lutar, por meios não violentos, a fim de manter sua identidade, como povo distinto, e recuperar o controle sobre os recursos naturais de sua terra.

Além disso, os grupos étnicos podem tentar manter a própria identidade por meio de laços culturais, como língua, cerimônias festivas, vestimentas tradicionais, canções e danças rituais, comida típica, e assim por diante. Na verdade, em oposição à modernização, as pessoas geralmente procuram a proteção cultural e o conforto emocional na **tradição** – ideias e práticas transmitidas de uma geração para outra que, em uma sociedade em processo de modernização, podem se tornar obstáculos a novas maneiras de se fazer as coisas. Quando as pessoas conseguem manter algumas de suas tradições diante da dominação externa, o resultado pode ser o **sincretismo** – a mistura criativa de crenças e práticas nativas e estrangeiras em novas formas culturais.

## Resistência violenta: rebelião e revolução

Quando a escala de descontentamento e ódio coletivos atinge um nível crítico, em uma sociedade, há grandes possibilidades de ocorrer uma **rebelião** – resistência armada organizada contra um governo estabelecido ou regime no poder. Por exemplo, tem havido muitas rebeliões de camponeses, em

<sup>15</sup> [www.hrw.org/reports/1999/rwanda](http://www.hrw.org/reports/1999/rwanda).

<sup>16</sup> White, M. *Historical atlas of the twentieth century*, 2001. <http://users.erols.com/mwhite28/20centry.htm>; ver também Van den Berghe.

<sup>17</sup> Ver as obras de Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira, Manuela Carneiro da Cunha, entre outros. (NRT)

todo o mundo, no curso da história. Em geral, essas rebeliões são provocadas por regimes repressores que impõem novos impostos a pequenos fazendeiros, já em dificuldades, que se tornam incapazes de alimentar a família nesses níveis inaceitáveis de exploração.

Em contraste às rebeliões, que têm objetivos um tanto limitados, a revolução – mudança radical em uma sociedade ou cultura – envolve uma transformação mais extrema. As revoluções ocorrem quando o nível de frustração coletiva, aliado à falta de representação política, em uma sociedade, é muito alto. Na arena política, a revolução envolve a deposição forçada de um governo antigo e o estabelecimento de outro completamente novo.

A razão pela qual as revoluções acontecem, assim como por que frequentemente não correspondem às expectativas daqueles que a iniciaram, não foi esclarecida. Entretanto, está claro que as políticas coloniais de países como Inglaterra, França, Espanha, Portugal e Estados Unidos, durante os séculos XIX e XX, criaram uma situação mundial em que a revolução é praticamente inevitável.

Apesar da independência política obtida por muitas colônias após a Segunda Guerra Mundial, os países poderosos continuam a explorar muitos desses países “subdesenvolvidos”, em busca de recursos naturais e mão de obra barata, provocando o ressentimento profundo dos governantes, em débito com as potências estrangeiras. Mais descontentamento é provocado à medida que as elites governantes em estados recém-independentes tentam garantir o controle sobre os povos que vivem em seus limites territoriais. Em virtude da ancestralidade comum, culturas diferentes, ocupação persistente do próprio território e tradição de autodeterminação, os povos que tentam controlar se identificam como nações distintas e se recusam a reconhecer a legitimidade do que consideram governo estrangeiro.

Portanto, em muitas antigas colônias, um grande número de pessoas pega em armas para resistir à anexação e à absorção imposta por governos dirigidos por pessoas de outras nacionalidades. Conforme tenta transformar um estado multiétnico em um país unificado, a elite dominante de uma nacionalidade começa a despojar as pessoas de outras nações das terras, dos recursos e da identidade cultural específica.

Um dos fatos mais importantes de nossa época é que a grande maioria de povos distintos nunca consentiu ser liderada pelo governo do estado onde vive.<sup>18</sup> Em muitos países emergentes, esses povos sentem que não têm outra opção a não ser lutar.

Entre as centenas de conflitos armados atuais, quase todos se localizam em países pobres da África, Ásia e Américas Central e do Sul, muitos dos quais já estiveram sob dominação colonial

européia (Figura 14.3). Dessas guerras, a maior parte ocorre entre o estado e uma ou mais nações ou grupos étnicos – dentro dos limites territoriais desse estado –, que procuram manter ou recuperar o controle sobre a própria vida, as comunidades, as terras e os recursos diante do que consideram repressão ou sujeição em relação a uma potência estrangeira.<sup>19</sup>

#### GLOSSÁRIO

**Revolução**: mudança radical em uma sociedade ou cultura – envolve uma transformação mais extrema.

**Revolução**: mudança radical em uma sociedade ou cultura – envolve uma transformação mais extrema.

**Revolução**: mudança radical em uma sociedade ou cultura – envolve uma transformação mais extrema.

**Movimentos de revitalização**: Movimentos para reformas culturais tradicionais em resposta a ampla ruptura social e aos sentimentos coletivos de repressão e desespero.

<sup>18</sup> Nietschmann, B. The third world war. *Cultural Survival Quarterly*, n. 11, v. 3, p. 3, 1987.

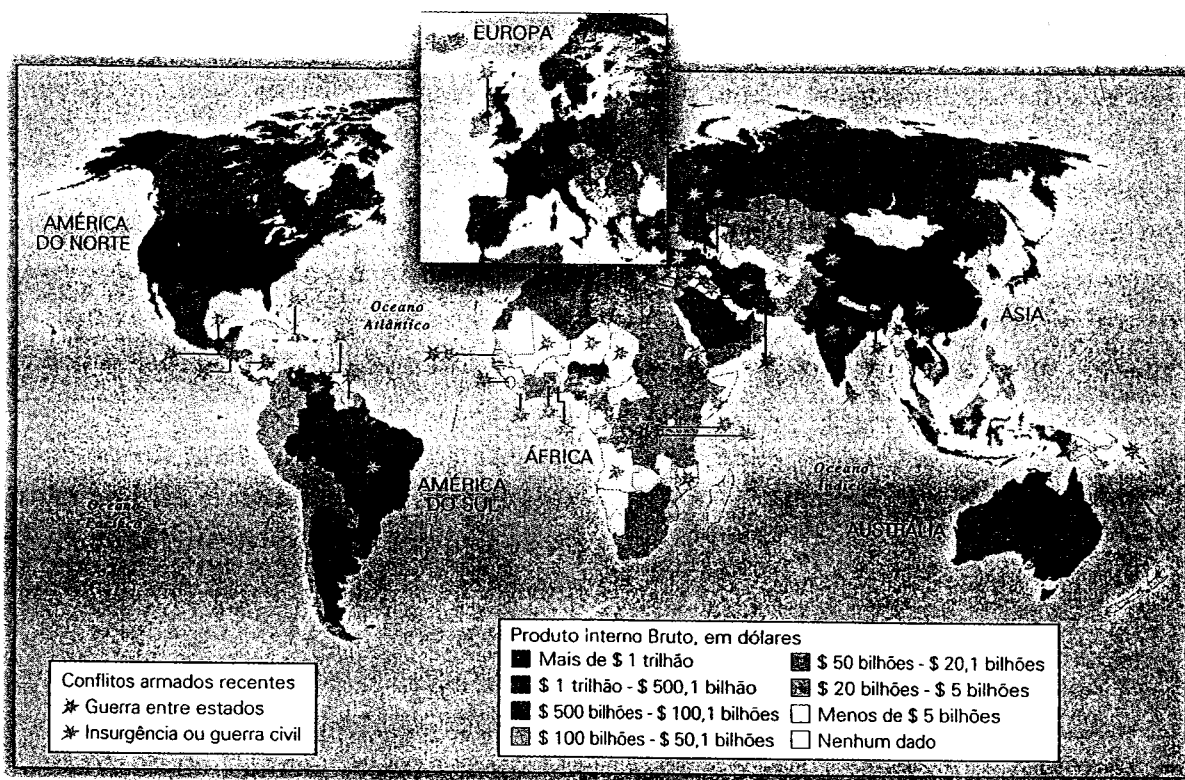
<sup>19</sup> Ibidem, p. 7.

## Resistência pacífica: movimentos de revitalização

Nem todos os povos oprimidos, conquistados ou colonizados revoltam-se contra a autoridade estabelecida, embora os motivos por que não o fazem são questionáveis. Quando isso acontece, porém, a resistência política pode ser não violenta, como, por exemplo, a **desobediência civil** – a recusa de obedecer as leis civis como uma tentativa de modificar a legislação ou a política governamental, caracterizada pelo uso da resistência passiva ou outros meios não violentos. Outras formas não violentas de resistência vão muito além da política.

É o caso dos **movimentos de revitalização**, as tentativas de reformas culturais radicais em resposta à ampla ruptura social e aos sentimentos coletivos de repressão, ansiedade e desespero. Quando os laços básicos entre cultura, relações sociais e atividades são quebrados e atividades insignificantes são impostas por forças externas, a reação característica dos indivíduos e dos grupos é rejeitar os elementos culturais recém-introduzidos, resgatando as raízes históricas e a identidade tradicional e, às vezes, exibindo a imaginação espiritual.

Nos Estados Unidos, os movimentos de revitalização ocorrem com frequência – sempre que segmentos significativos da população percebem que suas condições de vida não estão de acordo com o sonho americano. Por exemplo, a década de 1960 testemunhou o surgimento de movimentos de revitalização entre os jovens das classes média e alta. Nesse caso, os valores culturais professados, de paz, igualdade e liberdade individual, não estavam de acordo com a realidade de guerras persistentes, pobreza e restrições a ações individuais impostas por várias instituições impessoais.



**Figura 14.3** Atualmente, a maior parte dos conflitos armados localiza-se em países pobres da África, Ásia e Américas Central e do Sul, muitos dos quais foram sob dominação colonial europeia. A maior parte ocorre entre o estado e uma ou mais nações ou grupos étnicos, dentro dos limites territoriais. As nações e os grupos insurgentes procuram manter ou recuperar o controle sobre a própria vida, terra e recursos.

Os jovens enfrentaram essa realidade defendendo o amor livre, formando comunidades hippies, criando novos tipos de música rock e folk, fazendo uso de drogas, desafiando as autoridades, deixando o cabelo crescer e usando roupas não convencionais.

Atualmente, há grande variedade de movimentos de revitalização em muitas partes do mundo. Eles surgem com frequência onde as forças poderosas da globalização desestabilizaram e romperam as sociedades tradicionais sem oferecer alternativas adequadas para melhorar o padrão de vida da maior parte das populações afetadas.

## Resumo do capítulo

- Por meio da organização política, as sociedades impõem e mantêm a ordem social, administram as questões públicas e reduzem os distúrbios sociais. Nenhum grupo consegue funcionar sem persuadir ou coagir os membros para que se conformem a regras de conduta estabelecidas.
- Quatro tipos básicos de sistema político podem ser identificados: de bandos e tribos descentralizados a chefaturas e estados centralizados. O bando é um grupo de parentesco relativamente pequeno e organizado de modo livre, que habita um território específico; pode se separar, por períodos, em grupos menores de famílias extensas politicamente independentes. A organização política em bandos é democrática e o controle informal é exercido pela opinião pública na forma de fofocas e zombaria. O líder do bando é, usualmente, um homem mais velho, cuja autoridade pessoal permanece apenas enquanto os membros aprovam sua liderança.
- Em antropologia, tribo refere-se a vários grupos organizados por parentesco, politicamente integrados por algum fator unificador, cujos membros compartilham ancestralidade, identidade, cultura, língua e território comuns. Com economia geralmente baseada no cultivo ou pastoreio, a população da tribo é maior que a do bando, embora as unidades familiares ainda sejam relativamente autônomas e igualitárias. Como no bando, a organização política é transitória e o líder não possui meios de coerção para manter sua autoridade.
- Um tipo de autoridade nas tribos é o Grande Homem, que constrói sua riqueza e poder político até que possa ser considerado líder. Em muitas sociedades tribais, a unidade organizadora é o clã, composto de pessoas que se consideram descendentes de um ancestral comum. Um grupo de homens ou mulheres mais velhos, os líderes, regulamenta as relações entre os membros e representa seu grupo nas relações com outros clãs.
- À medida que as sociedades incluem maior número de pessoas e se tornam mais heterogêneas social, política e economicamente, a liderança tende a ser mais centralizada. A chefatura é uma constituição política regional em que dois ou mais grupos locais organizados por parentesco têm um único chefe, que está à frente de um grupo com hierarquia organizada. O *status* de certo indivíduo é determinado por sua posição em um grupo de descendência e a distância da relação com o chefe, cujo papel é manter a comunidade unida em todos os aspectos. O chefe pode acumular grande riqueza pessoal, o que aumenta sua base de poder e pode ser transmitida aos herdeiros.

- A organização política mais centralizada é o estado, uma instituição complexa que envolve grande número de pessoas em um território definido. Os membros são organizados e comandados por um governo formal com capacidade e autoridade para criar leis e usar a força a fim de manter a ordem social. O estado é encontrado em diversas sociedades estratificadas, com distribuição desigual de riqueza e poder. Os estados são instáveis e transitórios e diferentes de nações, que são comunidades que compartilham identidade coletiva baseada em cultura, língua, base territorial e história comuns.
- Legitimidade, ou direito dos líderes políticos para manter, usar e alocar o poder, é necessário para governar com autoridade. O governo legitimado pode ser distinto daquele que se baseia na intimidação ou na força. Em maior ou menor escala, a maioria dos governos emprega a ideologia, incluindo a religião, para legitimar o poder político.
- As evidências históricas e contemporâneas de todo o mundo indicam que as mulheres, embora em menor medida que os homens, têm assumido posições importantes de liderança política. Entretanto, em várias sociedades, elas têm igualdade política, como entre os povos iroqueses, na região nordeste da América do Norte. A menor visibilidade não indica necessariamente que a mulher não tenha poder nos assuntos políticos. Atualmente, um número cada vez maior de mulheres vem sendo eleito para o cargo de presidente, chanceler ou primeiro-ministro.
- Há dois tipos de controle: internalizado e externalizado. O controle internalizado é, por natureza, cultural e autoimposto por indivíduos enculturados, que compartilham crenças e valores sobre o que é adequado ou não. O controle externalizado, conhecido como sanção, mistura controle social e cultural (envolvendo ações tomadas por outras pessoas). Sanções positivas são recompensas ou reconhecimento por parte de outras pessoas, enquanto sanções negativas incluem ameaça de prisão, multas, castigo físico ou perda de prestígio. As sanções são formais (leis) ou informais (normas). As sanções servem para garantir o conformismo às normas do grupo, incluindo as leis, e para manter o lugar de cada setor social de uma comunidade.
- Leis, sanções negativas formais, definem as relações, prescrevem e proíbem o comportamento entre os membros da sociedade e alocam a autoridade para que sejam cumpridas. Nos sistemas políticos centralizados, essa autoridade pertence ao governo e ao poder judiciário, e nas sociedades descentralizadas, diretamente à parte ofendida.
- Em contraste aos bandos, tribos e chefaturas, as sociedades-estado fazem distinção entre ofensas contra o estado (crimes) e ofensas contra um indivíduo. Uma disputa pode ser resolvida de duas formas: negociação ou adjudicação. Todas as sociedades utilizam a negociação para resolver disputas individuais. Na negociação, as partes envolvidas chegam a um acordo sozinhas, com ou sem o auxílio de uma terceira parte. Na adjudicação, uma terceira parte autorizada emite uma decisão obrigatória.
- Os sistemas políticos também tentam regulamentar as relações internacionais, aquelas realizadas entre unidades politicamente autônomas. Para isso, podem recorrer a ameaças ou ao uso da força. O alcance dos conflitos violentos é amplo, varia de lutas entre indivíduos, hostilidade e ataques locais a guerras internacionais formalmente declaradas, com forças armadas profissionais [especializadas]. Algumas sociedades se engajam apenas em guerras defensivas e evitam



confrontos armados, a menos que sejam ameaçadas de fato ou realmente atacadas. Outras iniciam guerras agressivas em busca de objetivos materiais ou ideológicos. A guerra não é um fenômeno universal.

- **Aculturação**, a mudança cultural maciça que ocorre em uma sociedade quando esta tem contato intensivo com uma sociedade mais poderosa, sempre envolve um elemento de força. **Etnocídio**, a erradicação violenta da identidade cultural coletiva de um grupo étnico como povo distinto, ocorre quando uma sociedade dominante deliberadamente tenta destruir a herança cultural de outra. **Genocídio** é o extermínio físico de um povo, como ato deliberado ou como resultado acidental de atividades realizadas por um povo que não se preocupa com o impacto que poderá causar sobre outro.
- A reação dos povos nativos às mudanças impostas varia consideravelmente. Alguns se retiraram para lugares inacessíveis, na esperança de ficar em paz, outros se tornam apáticos. Alguns reafirmam seus valores culturais tradicionais, modificando as práticas estrangeiras para que se adaptem aos valores nativos, um fenômeno conhecido como **sincretismo**.
- Quando a escala de frustração e ódio resultantes da opressão alcança certo nível em uma sociedade, há grandes possibilidades de ocorrer uma rebelião – a resistência armada organizada contra um governo estabelecido ou regime no poder. Se o nível de insatisfação crescer ainda mais, pode provocar uma revolução – certa mudança radical na sociedade ou na cultura. Na arena política, revolução se refere à deposição forçada de um governo antigo e o estabelecimento de outro completamente novo.
- A supressão e a repressão podem provocar movimentos não violentos de revitalização e desobediência civil – tentativas coletivas para reformas culturais radicais. Alguns desses movimentos tentam acelerar o processo de aculturação, a fim de obter mais dos benefícios esperados da cultura dominante. Outros tentam reconstituir um modo de vida antigo, mas ainda lembrado. Em outros casos, o grupo reprimido pode tentar introduzir uma nova ordem social com base em sua ideologia.

### Questões para refletir

1. De acordo com as definições básicas de política apresentadas no início deste capítulo, por que o poder nas sociedades igualitárias tem papel relativamente insignificante?
2. Em muitos estados, o poder político se concentra nas mãos de uma elite rica. Imagine que você pertença a um grupo que está perdendo a liberdade tradicional ou a qualidade de vida em virtude de políticas governamentais, mas sente que os representantes políticos não desejam ou não são capazes de defender seus interesses. Como você desafiaria as autoridades do estado?
3. O livro *Os homens são de Marte, as mulheres são de Vênus*, de 1992, foi um campeão de vendas na América do Norte. Simbolicamente relacionando os homens a Marte, o antigo deus guerreiro, cultuado pelos soldados romanos, esse estereótipo sugere que eles são matadores natos. Considerando que muitos estados com exércitos poderosos são liderados por mulheres, rainhas ou presidentes, e que elas servem como soldados ou oficiais, você acredita que as mulheres são inerentemente mais pacíficas e menos voltadas para conflitos do que os homens?

4. Quando seu governo declara guerra contra outro país, quais são as bases para justificar a decisão de enviar tropas? Você conhece o número de civis e soldados mortos nas guerras mais recentes?
5. As poderosas forças da globalização estão destruindo o modo de vida tradicional em muitas sociedades no mundo todo. Incapazes de controlar as mudanças rápidas, muitas temem o colapso total de sua cultura. Para reagir, podem tentar voltar ao passado e reconstruir as tradições culturais do modo como se recordam. Você conhece algum movimento reacionário, conservador ou de revitalização em seu próprio ambiente? O que motiva as pessoas a participar desses movimentos? Em que circunstâncias você faria parte de tais movimentos?

### **Palavras-chave**

Poder; organização política; bando; tribo; chefatura; estado; nação; sociedade pluralista; legitimidade; controle cultural; controle social; sanção; lei; negociação; mediação; adjudicação; capacidade de carga; aculturação; etnocídio; genocídio; tradição; sincretismo; rebelião; revolução; desobediência civil; movimentos de revitalização.

# Espiritualidade, religião e sobrenatural



© Bloomberg via Getty Images

## INTRODUÇÃO VISUAL

Como seres autoconscientes e reflexivos, os homens têm preocupações emocionais e intelectuais que surgem da necessidade de entender seu lugar no universo. Isso inclui lidar com questões existenciais básicas sobre seu destino, vida e morte. De modo mais abrangente, o homem busca explicações sobre sua origem e destino e faz questionamentos mais amplos sobre tempo e espaço, Terra e Universo. Através dos tempos e em todo o mundo, os seres humanos têm se dedicado a essas reflexões e encontrado respostas articuladas em narrativas sagradas, cerimônias, rituais e outras formas culturais de expressão religiosa ou espiritual. A imagem acima mostra uma peregrina budista girando as rodas de oração, enquanto segue o caminho do ritual em torno de um monastério tibetano, no qual mora o líder espiritual budista mais reverenciado, o Dalai Lama. No interior das rodas há um rolo de papel com orações e muitos budistas acreditam que, ao girá-las, essas orações são liberadas, trazendo bênçãos para sua vida. O ritual do *kora* (circuito) também é um modo de meditação. Ao caminhar em sentido horário, ao redor do local sagrado, durante o nascer e o pôr do sol, a mulher gira tantas rodas quanto possível. Ela também rotaciona um pequeno canastrel, que carrega na mão esquerda.

**Papel da religião e da espiritualidade****Abordagem antropológica da religião****Mito****Seres e poderes sobrenaturais**

Deuses e deusas

Espíritos ancestrais

Animismo

Animatismo

Lugares sagrados

**Praticantes da religião e da espiritualidade**

Especialistas religiosos

Rituais e cerimônias

**Magia****Feitiçaria**

Feitiçaria ibíbio

Funções da feitiçaria

Consequências da feitiçaria

**Movimentos de revitalização****Persistência da religião e da espiritualidade****Resumo do capítulo**

Do ponto de vista antropológico, espiritualidade e religião fazem parte da *superestrutura* de um sistema cultural, anteriormente definida como o conjunto de ideias, crenças e valores pelo qual um grupo de pessoas dá sentido ao mundo e nele percebe seu lugar. Nos estudos sobre diferentes crenças e práticas religiosas e espirituais, os antropólogos tentam ser imparciais com relação a qualquer tradição cultural específica. Eles examinam a espiritualidade e a religião em relação à **visão de mundo** de uma sociedade, o conjunto de ideias que os membros de uma cultura geralmente compartilham, considerando a forma e a essência de sua realidade.

## PAPEL DA RELIGIÃO E DA ESPIRITUALIDADE

Entre os povos de todas as culturas, as crenças e práticas religiosas e espirituais atendem a várias necessidades psicológicas e sociais, como a redução da ansiedade através da visão organizada do universo e respostas para perguntas existenciais, incluindo as que se referem a sofrimento e morte. Elas oferecem um caminho pelo qual as pessoas transcendem a difícil existência mortal e recebem, mesmo que momentaneamente, esperança e alívio espiritual.

Além disso, uma religião tradicional reforça as normas do grupo, estabelece sanções morais para a conduta dos indivíduos e fornece a ideologia de objetivos e valores comuns que apoiam a solidariedade social e o bem-estar da comunidade. Também se deve destacar que as pessoas geralmente procuram a religião ou a espiritualidade na esperança de alcançar um objetivo específico, como a cura para doenças físicas, emocionais ou sociais.

A crença no sobrenatural é universal talvez porque religião e espiritualidade atendem a essas e muitas outras necessidades sociais e psicológicas, compartilhadas pelo ser humano em todas as culturas. Embora reconheçam que nem todos os *indivíduos* acreditem em uma força ou entidade sobrenatural, os antropólogos não têm conhecimento de algum grupo que não apresente nenhuma manifestação de espiritualidade ou religião, em nenhum lugar do planeta, em qualquer período nos últimos 100.000 anos.

No século XIX, a tradição intelectual europeia provocou o surgimento da ideia de que a ciência moderna por fim substituiria a religião, mostrando às pessoas a irracionalidade das crenças e práticas espirituais. A expectativa era de que, à me-

### GLOSSÁRIO

**visão de mundo** conjunto de ideias que os membros de uma cultura geralmente compartilham, considerando a forma e a essência de sua realidade

didada que as explicações científicas fossem utilizadas, as pessoas abandonariam as crenças e os rituais religiosos considerados mitos supersticiosos e cultos falsos. Entretanto, até o presente, apesar dos imensos avanços científicos, nada nesse aspecto ocorreu. Na verdade, em muitos lugares, parece que a tendência oposta prevalece.

Embora tradicionais, as principais religiões cristãs apresentam certo declínio; a espiritualidade não confessional está em alta. Também em destaque se encontram as religiões fundamentalistas, que, em geral, possuem uma posição firme contra a ciência. Os exemplos incluem o fundamentalismo islâmico, em países como Afeganistão, Argélia e Irã; o fundamentalismo judaico, em Israel e nos Estados Unidos, e o fundamentalismo hindu, na Índia. O fundamentalismo cristão está representado no crescimento dramático das denominações evangélicas nos Estados Unidos, na América Central e na África subsaariana.

Entre as comunidades religiosas que crescem mais rapidamente no mundo estão as igrejas nativas da África. Durante a segunda metade do século passado, o número de denominações nativas registradas apenas no sul da África dobrou de cerca de 5 mil para aproximadamente 10 mil. Lá, estima-se que mais da metade dos membros de igrejas cristãs pertence a igrejas nativas, como a Igreja Amanazareth, fundada pelo profeta zulu Isaiah Shembe e popular entre os zulus de KwaZulu-Natal.<sup>1</sup>

Nos Estados Unidos, as religiões não cristãs também estão crescendo, até mesmo o islamismo (3 a 5 milhões de seguidores; em 1990 eram 527 mil), o budismo (2 a 3 milhões; 401 mil em 1990), o hinduísmo (1,28 milhão; 227 mil em 1990), sem mencionar várias opções da nova era, como a Wicca (uma religião moderna, orientada para a natureza, que se baseia em crenças antigas da Europa Ocidental e da era pré-cristã, que atualmente conta com 310 mil seguidores).<sup>2</sup>

É interessante destacar que apenas 16% da população adulta em todo o mundo afirma não ter religião (Figura 15.1). Isso não significa que aqueles classificados como não religiosos sejam todos ateístas, porque essa categoria “negativa”, na verdade, inclui muitos milhões que talvez rejeitem ou não se encaixem em qualquer religião organizada, mas estão metafisicamente envolvidos em arranjos criativos de crenças e práticas espirituais de sua própria escolha.

Um inventário das aplicações tecnológicas da ciência moderna revela a diversidade de novas ansiedades que a nossa espécie experimenta no momento. Elas incluem medo de catástrofe nuclear, terrorismo biológico ou químico e problemas de saúde causados pela poluição. As pessoas também se

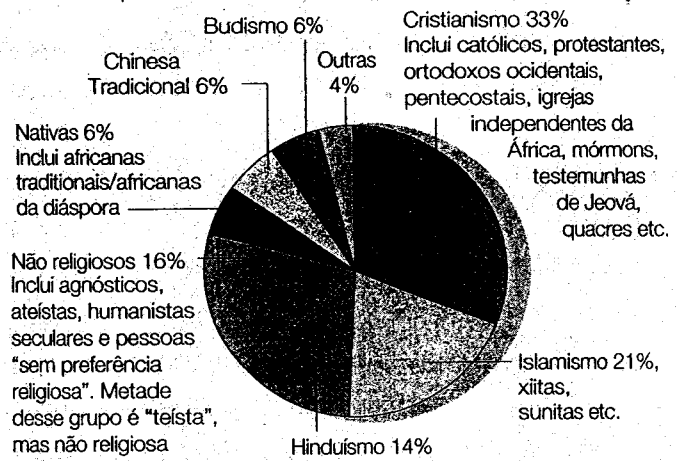


Figura 15.1 Principais religiões do mundo

Este diagrama ilustra as principais religiões do mundo, com a porcentagem de fiéis em 2005. Observe que o total soma mais de 100%, em razão dos arredondamentos e das estimativas de limite máximo usadas para cada grupo.

Fonte: adherents.com

<sup>1</sup> Kunnie, J. *Africa's fast growing indigenous churches*, 2003. <http://africana.coh.arizona.edu/dvd.htm>.

<sup>2</sup> U.S. Census 2000. [www.adherents.com](http://www.adherents.com). Ver também *World almanac*. Nova York: Press Publishing Co., 2004; e [pluralism.org](http://pluralism.org) (The Pluralism Project, Harvard University).

sentem inquietas em relação à visibilidade dos dados pessoais, à vigilância dos órgãos governamentais e empresariais e às consequências do desenvolvimento biotecnológico, que inclui a engenharia genética. Além disso, muitas lidam com o tumulto emocional e a convulsão psicológica provocados pela desestabilização ou mesmo pela ruptura de comunidades tradicionais resultantes da globalização, além da invasão de ideias e valores estrangeiros por meio da mídia controlada por forças estranhas. Diante dessas e de outras preocupações modernas, a religião oferece apoio social e psicológico ao ser humano.

A resistência contínua da religião em face do racionalismo científico revela de modo claro que a fé continua a ser uma força dinâmica e dominante na maior parte das sociedades contemporâneas. Não é responsabilidade dos antropólogos avaliar ou julgar a verdade metafísica de uma religião ou crença espiritual específica, mas é sua função mostrar como cada uma delas engloba muitos fatos reveladores sobre o ser humano e o sistema cultural específico no qual a fé religiosa está inserida.

## ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DA RELIGIÃO

Embora as pessoas de culturas diferentes – cada uma delas com suas próprias crenças sobre a forma e a essência do sobrenatural – possam ter ideias particulares a respeito de religião e espiritualidade, apresentamos uma definição básica de ambas: **religião** é um sistema organizado de ideias sobre a esfera espiritual ou sobrenatural, associadas a práticas cerimoniais pelas quais as pessoas tentam interpretar e/ou influenciar aspectos do universo que estão fora de seu controle. De modo similar, a **espiritualidade** também se refere ao sagrado, distinto das questões materiais, geralmente individual, em vez de coletivo, e não requer formato próprio ou organização tradicional. Ambas são indicadores de que se acredita que muitos aspectos da experiência humana estão além da explicação científica.

Uma vez que nenhuma cultura conhecida, incluindo as das sociedades industriais modernas, conseguiu controlar de modo absoluto as condições e as circunstâncias existentes ou futuras, a espiritualidade e/ou a religião são importantes para todas as culturas conhecidas. Apresentam, contudo, uma considerável variedade.

Em uma extremidade desse espectro estão os povos coletores, cuja habilidade tecnológica para manipular o meio ambiente é limitada, pois eles geralmente se consideram parte da natureza, não donos dela. Isso pode ser chamado *visão de mundo naturalista*. Entre os povos coletores é provável que a religião não esteja separada da vida cotidiana. Ela também reflete e confirma a natureza igualitária das relações sociais nessas sociedades, pois os indivíduos não suplicam a ajuda de divindades do mesmo modo que os membros de sociedades estratificadas.

Na outra extremidade, está a civilização ocidental, com seu comprometimento ideológico para superar problemas, por meio da tecnologia cada vez mais sofisticada e habilidades organizacionais complexas. A religião não faz parte das atividades diárias com tanta intensidade e está restrita a oca-

### GLOSSÁRIO

**religião** Sistema organizado de ideias sobre a esfera espiritual ou sobrenatural, associadas a práticas cerimoniais pelas quais as pessoas tentam interpretar e/ou influenciar aspectos do universo que estão fora de seu controle.

**espiritualidade** Refere-se ao sagrado, distinto das questões materiais. Em contraste com a religião, é geralmente individual, em vez de coletivo, e não requer formato próprio ou organização tradicional.

sões mais específicas. Além disso, com a hierarquia de seres sobrenaturais, por exemplo, Deus e (em algumas religiões) anjos, santos ou figuras sagradas, reflete e confirma a natureza estratificada da sociedade em que se insere.

As atividades religiosas podem ser menos óbvias na vida das elites sociais, que talvez se considerem com maior controle do próprio

destino, que na vida dos camponeses ou membros de classes inferiores. Entre os últimos, a religião pode oferecer alguma compensação por uma posição dependente na sociedade. Contudo, ainda é importante para os membros da elite, pois racionaliza o sistema de tal forma que não é provável que as pessoas com menos vantagens questionem a ordem social existente, o que poderia acontecer sob outros aspectos. Com a esperança de uma existência melhor após a morte, determinada pessoa pode estar mais propensa a suportar certa posição de desvantagem nesta vida. Portanto, as crenças religiosas têm o intuito de influenciar e perpetuar algumas ideias sobre as relações existentes entre diferentes classes.

#### GLOSSÁRIO

**mito** Narrativa sagrada que explica os fundamentos da existência humana – de onde nós e tudo o que existe em nosso mundo, viemos, porque estamos aqui e para onde vamos.  
**politeísmo** Crença em vários deuses e/ou deusas (em contraste ao monoteísmo, a crença em apenas um deus ou uma deusa).  
**panteão** Conjunto de deuses e deusas de um povo.

## MITO

Os membros de uma religião normalmente compartilham determinadas crenças sagradas e participam das mesmas práticas rituais. Por exemplo, os peregrinos budistas, como mostra a imagem no início deste capítulo, creem que realizar o ritual do *kora* em torno de um lugar sagrado e girar as rodas de oração trazem bênçãos. As práticas rituais, como peregrinações ou orações diárias, são formadas pelas crenças religiosas codificadas em histórias específicas – as narrativas –, transmitidas de geração para geração. Conhecidas como **mitos** (da palavra grega *mythos*, que significa “discurso” ou “história”), essas narrativas sagradas explicam os fundamentos da existência humana – de onde nós, e tudo o que existe em nosso mundo, viemos, porque estamos aqui e para onde vamos.

Nas culturas com tradição escrita, essas histórias são geralmente registradas em textos. Entre os exemplos mais antigos estão os textos sagrados do hinduísmo, conhecidos como Vedas, escritos em sânscrito há cerca de 3.500 anos. Outro exemplo é a Torá, com os textos sagrados do judaísmo, em hebraico. Também conhecido como os Cinco Livros de Moisés, o Pentateuco apresenta os fundamentos do cristianismo, assim como do islamismo, que os incorpora como a primeira parte do Antigo Testamento.

Além da função explicativa, os mitos fornecem as bases racionais para as crenças e práticas religiosas e estabelecem os padrões culturais para o comportamento “correto”. O texto a seguir é um mito sobre a criação do mundo, transmitido oralmente através das gerações pelos índios abenaki, que ainda residem na fronteira da província de Quebec, Canadá, e o estado de Vermont, Estados Unidos:

No início, *Tabaldak*, “O Dono”, criou todos os seres vivos, exceto um deles: o espírito que deveria realizar a transformação final da Terra. *Tabaldak* criou o homem e a mulher de um pedaço de pedra, mas não gostou do resultado porque o coração de cada um deles era frio e duro. Então quebrou-os, e seus restos ainda podem ser vistos nas diversas pedras espalhadas pelas terras dos abenaki. Então *Tabaldak* tentou mais uma vez, agora com madeira, e surgiram todos os abenaki. Como as árvores que lhes deram vida, estavam enraizados na terra e dançavam graciosamente ao sabor do vento.

O único ser vivo que *Tabaldak* não criou foi *Odzhózo*, "Aquele que se fez de algo". Parece que ele se criou da poeira, mas, como era um ser transformador e não criador, não conseguiu se formar de uma só vez. Primeiro surgiram apenas a cabeça, o corpo e os braços; as pernas cresceram depois, lentamente, como as de um girino. Sem esperar que as pernas crescessem, começou a transformar a Terra. Arrastando o corpo com as mãos, abriu canais que depois se transformaram em rios. Para criar as montanhas, amontoou o solo com as mãos. Depois que as pernas cresceram, o trabalho de *Odzhózo* ficou mais fácil; simplesmente esticando as pernas, criou os afluentes dos principais riachos.

Quando terminou, *Odzhózo* examinou sua obra e a achou razoável. A última tarefa foi o Lago Champlain, que considerou muito bom. Ele gostou tanto que subiu em uma rocha, na Baía de Burlington, e se transformou em uma pedra para que pudesse ficar lá e apreciar sua obra-prima para sempre. [...] Os abenaki chamam essa rocha de *Odzhózo*, pois ela é o próprio Transformador.<sup>3</sup>

Pode-se dizer que tal mito, na medida em que é admitido, aceito e perpetuado em uma cultura, expressa parte da *visão de mundo* tradicional de um povo (como já foi definido no início deste capítulo). Generalizando a partir dos detalhes desse mito específico dos abenaki, podemos chegar à conclusão de que esse povo reconhecia o parentesco entre todos os seres vivos; afinal, todos fizeram parte da mesma criação, e os seres humanos foram até mesmo feitos de madeira viva. Além disso, a tentativa de criá-los da pedra, elemento inanimado, não foi satisfatória.

Essa ideia de proximidade entre todos os seres vivos fez com que os abenaki tivessem muito respeito pelos animais que caçavam para sua subsistência. Por exemplo, depois de matar um castor, um rato almiscarado ou uma ave aquática, eles não podiam simplesmente jogar os ossos no lixo mais próximo. O devido respeito exigia que os jogassem de volta na água, com um pedido para que a espécie continuasse a existir. Do mesmo modo, antes de comer a carne, os abenaki colocavam um pouco de gordura no fogo para agradecer a *Tabaldak*. Em geral, evitavam o desperdício para não ofender os animais. A falta de respeito aos direitos dos animais poderia fazer com que estes não quissem mais sacrificar a própria vida para ajudar os seres humanos a sobreviver.

Como se transformou em pedra a fim de poder apreciar sua obra por toda a eternidade, *Odzhózo* pode ser visto como um exemplo para as pessoas, que devem ver a beleza das coisas como ela é e não tentar alterar o que já está bom. Indagar sobre a boa qualidade da realidade existente seria questionar o julgamento de uma divindade poderosa. Uma característica de mitos explicativos como este é que o desconhecido é simplificado e explicado em virtude do conhecido. Esse mito, considerando a experiência humana, descreve a criação de rios, montanhas, lagos e outros relevos geográficos, assim como do ser humano e de todos os outros seres vivos. Também admite atitudes e comportamentos específicos. É produto da imaginação criativa, determinado trabalho artístico e um relato potencialmente religioso.

Histórias sagradas sobre eventos sobrenaturais ou seres espirituais são contadas em todas as culturas do mundo. Mitos como esse dos abenaki sobre a criação podem ser encontrados com muitas variações em todas as culturas.

<sup>3</sup> Haviland, W. A.; Power, M. W. *The original Vermonters: Native inhabitants, past and present*. 2. ed. Hanover: University Press of New England, 1994. p. 193.



## SERES E PODERES SOBRENATURAIS

Uma característica óbvia da religião é a crença em seres e forças sobrenaturais. Para tentar controlar por meios religiosos o que não pode ser controlado de outras formas, os seres humanos fazem orações, sacrifícios e outros rituais religiosos ou espirituais. Esse aspecto pressupõe a existência de forças espirituais a que se pode recorrer, ou seres espirituais interessados nos assuntos humanos e dispostos a ajudar. Em muitas culturas, esses seres sobrenaturais ou forças espirituais estão associados a lugares singulares, como rochas extraordinárias, lagos, nascentes de água, cachoeiras ou outros lugares especiais considerados sagrados.

Começando com os seres espirituais, podemos dividi-los em três categorias: divindades principais (deuses e deusas), espíritos ancestrais e outros tipos de seres espirituais. Embora a diversidade de divindades e espíritos reconhecidos pelas culturas de todo o mundo seja vasta, é possível fazer certas generalizações.

### Deuses e deusas

Deuses e deusas são os seres mais relevantes e mais distantes. Geralmente são vistos como aqueles que controlam o universo. Quando vários deuses são reconhecidos (**politeísmo**), cada um deles é responsável por uma parte específica do universo. Era o caso dos deuses e das deusas da Grécia antiga: Zeus era o senhor do céu, Poseidon governava o mar e Hades era o senhor do mundo subterrâneo e soberano dos mortos.

Além desses três irmãos, a mitologia grega apresenta muitas outras divindades, masculinas e femininas, cada uma delas responsável por aspectos específicos da vida e do universo. Um **panteão**, ou conjunto de deuses e deusas como o dos gregos, também é comum nos estados não ocidentais. Como os estados tipicamente cresceram por meio da conquista, em geral os panteões se expandiram à medida que as divindades locais dos povos conquistados foram incorporadas ao panteão oficial desses estados. Outra característica frequente, mas não invariável, do panteão é a presença de uma divindade suprema, que é praticamente ignorada pelo ser humano. Os astecas do altiplano mexicano, por exemplo, reconheciam um par supremo, a quem davam pouca atenção. Afinal, sendo tão distantes, era pouco provável que essas divindades se interessassem pelos assuntos humanos. A prática mais sensata, então, era se concentrar em divindades mais próximas, que se preocupavam mais diretamente com as questões humanas.

A exemplo de muitas culturas em todo o planeta, os índios huichol, que vivem no altiplano mexicano, aumentam o acesso aos espíritos divinos referindo-se a eles com termos de parentesco. Também os incorporam nas artes, como descreve a “Conexão Biocultural” deste capítulo.

O fato de um povo reconhecer deuses, deusas, ou ambos, indica a forma como homens e mulheres se relacionam na vida diária. De modo geral, as sociedades nas quais as mulheres são subordinadas ao homem definem a divindade suprema em termos masculinos. Por exemplo, nas religiões cristãs tradicionais, os fiéis se referem a Deus como um “pai” que teve um “filho” divino, não nutrem a ideia de Deus como “mãe” nem de uma “filha” divina. Essas religiões que privilegiam o homem se desenvolveram em sociedades tradicionais, com economias baseadas na criação de animais ou de agricultura intensiva, realizada ou controlada por homens, que são as figuras dominantes para os filhos.

## Conexão Biocultural

### Arte peyote: visões divinas dos índios huichol

Por gerações, os índios huichol, que vivem na região montanhosa de Sierra Madre, criaram uma arte que impressiona pelas cores vibrantes e se destaca principalmente pelo trabalho espetacular feito a partir de contas e bordado. Embora muitas pessoas apreciem a beleza da arte huichol, é provável que desconheçam que os desenhos coloridos expressam uma visão religiosa do mundo, relacionada à substância química de uma planta sagrada: um pequeno "botão" de cacto, chamado peyote (*Lophophora williamsii*).<sup>a</sup>

Entre os muitos deuses e deusas huichol, todos chamados por termos de parentesco, está Nosso Avô Fogo. O principal espírito que o ajuda é Nosso Irmão Mais Velho Cervo, um mensageiro entre deuses e seres humanos. Ao servir como guia espiritual para os huichol, o cervo divino é também o próprio cacto. Os indígenas huichol se referem ao peyote como *yawéihikuri*, a "carne divina do Irmão Mais Velho Cervo". Guiados pelos xamãs, em uma peregrinação para colher o peyote, eles "caçam" esse "cervo" em Wirikúta, a região desértica sagrada nas montanhas onde vivem as divindades ancestrais. Depois de encontrar e "acertar" o primeiro botão com uma flecha, os indígenas colhem muitos outros, que mais tarde serão consumidos frescos, secos ou transformados em líquido.

Ao participarem de uma comunhão sagrada com o deus criador, os xamãs huichol consomem o peyote (a carne divina) como sacramento. Então, entram em estado de transe extático. Com a ajuda do peyote, o guia espiritual, eles se tornam falcões ou águias que voam alto no céu. Com visões que se estendem muito além do mundo, interagem diretamente com os deuses e buscam conselhos em nome daqueles que precisam de ajuda para lidar com doenças e outros problemas.

Do ponto de vista puramente químico, o peyote contém uma substância psicotrópica identificada pela química moderna como alcaloide. Ao consumir essa substância tóxica, os huichol entram em estado alterado de consciência. Nesse estado psicológico de sonho, que também é profundamente emocional, eles têm visões muito coloridas de seu mundo espiritual, inspiradas pela religião.

Essas visões se refletem na arte huichol, por exemplo, um botão de peyote estilizado e um cervo bordados com contas multicoloridas. Um cacto sagrado com formato de estrela é o desenho simbólico de maior destaque da arte huichol. Bordado com contas em tecidos, roupas, bolsas e artefatos de todos os tipos, pode ser encontrado em praticamente todos os objetos de arte, a maior parte agora produzida para venda no exterior.

<sup>a</sup> Schaeffer, S. B.; Furst, P.T. (Eds.) *People of the peyote: Huichol Indian history, religion, and survival*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996.

## GLOSSÁRIO

**animismo** - crença de que a natureza é animada ou energizada por espíritos, personificados, distintos e separáveis dos corpos.

**animatismo** - crença de que a natureza é animada ou energizada por uma força espiritual impessoal ou energia sobrenatural, que pode se manifestar em qualquer lugar, objeto ou pessoa especial.

Ao contrário, é provável que as deusas se destaquem em sociedades nas quais a mulher tem papel importante na economia e apresenta igualdade relativa ao homem, que, por sua vez, controla menos a esposa e os filhos. Tais sociedades são, com frequência, aquelas que dependem do cultivo realizado de modo exclusivo, ou em maior parte, pelas mulheres.

## Espíritos ancestrais

A crença em espíritos ancestrais é consistente com a noção comum de que o ser humano é formado de duas partes estreitamente ligadas: o corpo físico e um componente mental ou espiritual. Por exemplo, a crença tradicional dos índios penobscot, no Maine (EUA), afirma que cada pessoa possui um espírito vital capaz de se separar do corpo e fazer uma jornada. Em virtude desse conceito, a ideia de que o espírito pode se libertar do corpo, em transe, nos sonhos ou na morte, e ter uma existência depois disso, parece bem razoável. Frequentemente, onde há a crença nos espíritos ancestrais, supõe-se que eles tenham interesse ativo na sociedade ou até mesmo participem dela.

A crença nos espíritos ancestrais, de uma forma ou de outra, encontra-se em muitas partes do mundo, especialmente entre os povos que possuem sistemas de descendência unilinear, com orientação voltada para os ancestrais. Em várias sociedades africanas desse tipo, o conceito é altamente elaborado. Nelas, geralmente os espíritos ancestrais se comportam como os humanos. Eles sentem frio, calor e dor, podendo até mesmo ter uma segunda morte por afogamento ou queimaduras. Podem ainda participar das relações de família e linhagem, e têm lugar, mesmo que sejam invisíveis. Se estiverem aborrecidos, podem provocar doenças ou morte. Eventualmente, renascem como novos membros de sua linhagem e, nessas sociedades, os adultos precisam observar bem as crianças para determinar quem renasceu. Essas crenças oferecem um forte senso de continuidade que liga passado, presente e futuro.

Os espíritos ancestrais tiveram papel importante na sociedade patrilinear da China tradicional. Pelo presente da vida, um rapaz ficava para sempre em débito com os pais, devendo-lhes obediência, deferência e uma velhice confortável. Mesmo após a morte dos pais, ele deveria sustentá-los no mundo espiritual, oferecendo comida, dinheiro e incenso, nos aniversários de nascimento e morte de cada um deles. Além disso, as pessoas cultuavam de modo coletivo todos os ancestrais da linhagem, periodicamente, durante todo o ano. Uma obrigação para com os antepassados era dar à luz filhos homens, porque estes herdavam as tarefas ancestrais do pai.

A fim de atender às necessidades dos antepassados por descendentes (e a própria vontade de ser respeitável em uma cultura que exigia satisfazer as carências dos antepassados), um homem poderia até mesmo se casar com uma moça adotada por sua família ainda criança – e criada para ser uma esposa zelosa para ele –, mesmo que esse arranjo fosse contra o desejo de ambas as partes. Além disso, um pai, prontamente, obrigaria a filha a se casar contra a vontade. Na verdade, uma menina criada para ser expulsa da própria família não seria aceita na família do marido por muitos anos. Somente após a morte, quando o espírito vital dela fosse carregado em uma placa e colocado no túmulo da família do marido, ela passaria a ser membro oficial. Como consequência, se tivesse um filho homem, a mulher trabalharia muito para estabelecer fortes laços com ele e garantir que o filho cuidaria dela mais tarde.

As crenças profundas nos espíritos ancestrais são particularmente apropriadas em uma sociedade de grupos com base em descendência e orientação voltada para os ancestrais. Entretanto, mais do que isso, como já observamos, essas crenças oferecem um forte senso de continuidade, que liga passado, presente e futuro.

## Animismo

Um dos conceitos mais difundidos com relação a seres sobrenaturais é o **animismo**, a crença de que a natureza é animada (avivada ou energizada) por distintos espíritos personalizados, separáveis dos corpos. Acredita-se que espíritos, assim como almas e fantasmas, vivam em seres humanos, animais e também em artefatos feitos pelo homem, plantas, pedras, montanhas, nascentes de água e outros elementos naturais. Então as florestas também devem estar repletas de espíritos livres e independentes.

Os vários espíritos envolvidos são altamente diversificados. De modo genérico, porém, eles não são tão distantes como deuses e deusas e se envolvem mais na vida diária das pessoas. Podem ser benevolentes, malévolos ou simplesmente neutros. Também podem ser horripilantes, aterrorizantes, adoráveis ou traiçoeiros. Como as ações humanas podem agradá-los ou irritá-los, as pessoas são obrigadas a se preocupar com eles.

O animismo é típico daqueles que se veem como parte da natureza, não como seres superiores a ela. Inclui a maioria dos povos coletores, assim como os produtores de alimentos que reconhecem pouca diferença qualitativa entre a vida humana e qualquer entidade viva, de tartarugas a árvores, ou mesmo rios e montanhas. Nessas sociedades, deuses e deusas são relativamente sem importância, mas as florestas estão repletas de espíritos. Os deuses e deusas, se é que existem, podem ser vistos como aqueles que criaram o mundo e talvez o tenham tornado um lugar adequado para se viver, mas, no animismo, os espíritos são aqueles a quem suplicar na doença, aqueles que ajudam ou atrapalham o xamã, e aqueles que o caçador comum pode encontrar na floresta.

## Animatismo

Apesar de geralmente se acreditar que a força sobrenatural seja conferida a seres sobrenaturais, nem sempre é assim. É o caso do **animatismo**, a crença de que a natureza é animada ou energizada por uma força espiritual impessoal ou energia sobrenatural, que pode se manifestar em qualquer lugar, objeto ou pessoa especial. Esse conceito talvez não seja universal, mas se encontra em culturas de todos os continentes.

Os melanésios, por exemplo, consideram o *mana* uma força inerente a todos os objetos, como a ideia de uma energia cósmica que passa por tudo, afetando a matéria animada e inanimada (semelhante à "Força", nos filmes da série *Guerra nas estrelas*). Não é em si material, mas pode se revelar fisicamente. O sucesso de um guerreiro na luta não é atribuído à sua própria força, mas ao *mana* contido em um amuleto que carrega no pescoço. Do mesmo modo, um agricultor pode saber muito sobre horticultura, condicionamento do solo e a época correta para plantar e colher, no entanto, depende do *mana* para ter uma boa colheita, geralmente erigindo um altar simples para essa força em algum lugar da plantação. Se a safra for boa, significa que o agricultor, de alguma forma, apropriou-se do *mana* necessário. Longe de ser uma força espiritual personalizada, o *mana* é abstrato ao extremo, uma força ou energia que está sempre muito além do alcance dos sentidos.

Esse conceito de espírito ou energia impessoal era amplamente difundido entre os índios norte-americanos. Os algonquinos a chamavam *manitou*; os moicanos, *orenda*; os lakota, *wakonda*. Em algumas culturas essa energia tem fins curativos. É interessante destacar que o **animismo** (como crença em seres espirituais distintos) e o **animatismo** (que não possui forma individual ou substância específica) não se excluem mutuamente. Em geral são encontrados na mesma cultura, como nas sociedades melanésias e também nas sociedades indígenas norte-americanas mencionadas.

Por que as pessoas acreditam na existência de seres sobrenaturais ou forças espirituais? As respostas não são simples, mas uma explicação é que essas ideias metafísicas são geradas e sustentadas por ocorrências consideradas extraordinárias e para as quais as pessoas não têm uma interpretação realista aceitável.

#### GLOSSÁRIO

**sacerdote ou sacerdotisa** Especialista religioso formalmente reconhecido por dirigir práticas religiosas e por contatar e influenciar as forças sobrenaturais.

Em virtude da crença no animatismo e/ou no poder de seres sobrenaturais, uma pessoa pode estar predisposta a ver o que parece ser o resultado da aplicação de tais poderes. Por exemplo, se um guerreiro melanésio está convencido de seu poder porque possui *mana* suficiente e tem êxito, é provável que interprete esse aspecto como prova da eficácia do *mana*: “Afinal, eu teria sido derrotado se não o tivesse, não é mesmo?”. Além disso, por causa da confiança no *mana*, ele poderia se arriscar ainda mais, e talvez isso realmente faria a diferença entre sucesso e fracasso.

É claro que há fracasso, mas este pode ser explicado. Talvez o pedido de alguém não tenha sido atendido porque uma divindade ou espírito ainda estivesse aborrecido com algum insulto anterior. Ou talvez o guerreiro melanésio tenha perdido a batalha porque não conseguiu fazer com que o *mana* suportasse o combate, ou talvez seu adversário tivesse mais *mana*. De qualquer maneira, os seres humanos geralmente enfatizam mais os êxitos que os fracassos e, muito tempo depois que vários desses fracassos tenham caído no esquecimento, histórias surpreendentes sobre o poder das forças sobrenaturais ainda serão contadas.

### Lugares sagrados

Além de reverenciar figuras sobrenaturais específicas, como divindades, espíritos ancestrais e outros seres especiais, algumas tradições religiosas consideram certos locais espiritualmente significativos, ou mesmo sagrados. Normalmente, esses lugares são rios, lagos, cachoeiras, ilhas, florestas, cavernas e, em especial, montanhas. Em geral, seu *status* se deve a alguma forma singular ou característica que se destaca, como o topo de um vulcão coberto de neve. Inúmeras montanhas em todo o mundo se encaixam nessa categoria. No geral, são associadas a mitos de criação, ou mitos de origem, como a morada esplêndida dos deuses. Ou são reverenciadas como moradia para os espíritos dos mortos, lugares altos onde um profeta recebeu orientações divinas, ou locais para rezar, meditar e buscar visões.

A tradição judaica, a cristã e a muçulmana compartilham três montanhas sagradas: o Monte Ararat, nas montanhas do Cáucaso, na região nordeste da Turquia, onde se acredita que a arca de Noé tenha estado após o Dilúvio; o Monte Horebe, a “montanha de Deus”, no Deserto do Sinai, onde o profeta Moisés recebeu as tábuas com os Dez Mandamentos; e o Monte Sião, na antiga cidade de Jerusalém, onde se acredita que Salomão, rei de Israel, tenha recebido a ordem divina para construir o Templo de Jerusalém e onde também fica o Domo da Rocha, lugar sagrado dos muçulmanos (local onde o profeta Maomé, acompanhado pelo anjo Gabriel, ascendeu aos céus).

Símbolos do ser supremo, ou associadas a várias divindades importantes ou espíritos ancestrais, as montanhas sagradas podem ser apresentadas em cerimônias religiosas ou ritos espirituais. Em algumas tradições religiosas, os vulcões, além de sagrados, são divinizados e cultuados como deuses, a exemplo do que acontece em Kaata, entre o povo aimará, no altiplano boliviano, na América do

Sul. Certas montanhas são locais de culto, como os santuários, ou destinos sagrados para jornadas espirituais ou peregrinações. Por exemplo, todo ano, milhares de fiéis budistas e hindus fazem uma longa peregrinação até o sopé do Monte Kailash, no Tibete. Eles não deificam essa montanha, mas acreditam ser a morada sagrada de Shiva, membro da trindade divina suprema, tão sagrada que não se atrevem a escalá-lo.

## **PRATICANTES DA RELIGIÃO E DA ESPIRITUALIDADE**

Muitos valores da religião vêm de atividades exigidas por regras e prescrições. A participação em cerimônias religiosas pode provocar a sensação de enlevo pessoal – um sentimento de afirmação, de alegria ou até mesmo de estado de transe – ou um sentimento de proximidade com os outros participantes. As crenças e práticas cerimoniais variam de modo considerável, assim como os indivíduos que as dirigem.

### **Especialistas religiosos**

Todas as sociedades humanas possuem indivíduos que dirigem e suprem as práticas religiosas. Estes são considerados altamente habilidosos para entrar em contato com os seres sobrenaturais, influenciá-los e manipular as forças de outros planos. Em geral, sua qualificação inclui treinamento especial. Além disso, podem apresentar certos traços distintos de personalidade que os tornam particularmente adequados para cumprir essas tarefas.

### **Sacerdotes e sacerdotisas**

Nas sociedades com recursos para sustentar um especialista em período integral, a função do sacerdote ou da sacerdotisa é dirigir as práticas religiosas e influenciar o sobrenatural. Ele ou ela é o membro socialmente iniciado e formalizado, em uma cerimônia de uma organização religiosa reconhecida, com classificação e função que lhe pertence, pois passa a ocupar uma posição que já pertenceu a outros anteriormente. As fontes de poder são a sociedade e a instituição em que o sacerdote ou a sacerdotisa trabalha.

O sacerdote, quando não a sacerdotisa, é uma figura familiar nas sociedades ocidentais; é o padre, pastor, ministro, lama, rabino ou qualquer que seja o título oficial adotado por uma religião organizada. Com seu deus historicamente definido em termos autoritários masculinos, não é nenhuma surpresa que nas religiões judaica, cristã e islâmica as posições mais importantes tenham sido tradicionalmente ocupadas por homens. É provável encontrar especialistas religiosos do sexo feminino apenas nas sociedades em que a mulher reconhecidamente contribui de modo importante para a economia e que admitam tanto deuses como deusas. Na Europa Ocidental e na América do Norte, por exemplo, onde agora é assalariada em quase toda profissão e ocupa posições de liderança na força de trabalho, a mulher tem participado cada vez mais da liderança de muitos grupos religiosos judaico-cristãos.<sup>4</sup>

### **Xamãs**

As sociedades que não apresentam especialização ocupacional de período integral existem há muito mais tempo e sempre incluíram indivíduos com poderes e habilidades especiais que permitem que se conectem e manipulem seres e forças sobrenaturais. Tais poderes surgiram de alguma experiên-

<sup>4</sup> Lehman Jr., E. C. Women's path into the ministry. *Pulpit & Pew Research Reports*, n. 1, p. 4, outono 2002.

cia pessoal, geralmente em momentos de solidão. Em estado alterado de consciência, eles têm uma visão que lhes dá poderes para curar os doentes, mudar o tempo, controlar o movimento dos animais e prever o futuro. Ao aperfeiçoarem essas e outras habilidades, assumem o papel de xamã.

A palavra *xamã* originalmente se referia a especialistas médico-religiosos, guias espirituais, entre os tungus e outros grupos de pastores nômades da Sibéria, com crenças animistas. Mediante várias técnicas, como jejuar, tocar tambores, entoar canções ou dançar, assim como ingerir cogumelos alucinógenos, esses xamãs siberianos entram em transe, um estado alterado de consciência. Enquanto estão nesse estado de sonho, experimentam visões de uma realidade alternativa habitada por seres sobrenaturais, como os espíritos guardiães dos animais que podem ajudar na cura.

A pesquisa transcultural sobre xamanismo mostra que práticas similares de cura médico-religiosa também existem em culturas tradicionais fora da Sibéria. Por essa razão, o termo *xamã* tem sido aplicado a vários líderes espirituais e curandeiros tradicionais (*medicine men*) ativos nas comunidades nativas das Américas do Norte e do Sul e em outros locais.<sup>5</sup>

Como definiu o antropólogo norte-americano Michael Harner, famoso por sua observação participativa entre os xamãs shuar (ou jivaro), na floresta Amazônica, um *xamã* é “um homem ou mulher que entra em estado alterado de consciência, por vontade própria, para contatar e utilizar uma realidade comumente oculta, a fim de adquirir conhecimento e poder, com a finalidade de ajudar outras pessoas. O xamã possui ao menos um ‘espírito’ (mas no geral há mais) a seu serviço pessoal”.<sup>6</sup>

O termo *xamã* se tornou tão popular nas últimas décadas que qualquer sacerdote, curandeiro ou adivinho não ocidental, no geral, recebe esse nome.<sup>7</sup> Além dos chamados entusiastas da nova era, entre os quais o xamanismo é particularmente popular, os curandeiros e outros evangélicos, entre os cristãos fundamentalistas, compartilham muitas características do xamanismo.

Normalmente, uma pessoa se torna xamã passando por estágios de aprendizado e experiência prática, que, no geral, envolvem provações psicológicas e emocionais provocadas por isolamento, jejum, tortura física, privação sensorial e/ou alucinações. Essas alucinações (derivada da palavra latina para “divagação mental”) ocorrem quando o xamã está em transe, que pode ocorrer espontaneamente, mas também pode ser induzido com a batida de tambores ou o consumo de drogas alucinógenas, como plantas ou cogumelos psicoativos.

Como o xamanismo está enraizado em estados alterados de consciência e o sistema nervoso humano que produz esse estado de transe é universal, os indivíduos envolvidos sofrem alucinações visuais, auditivas, somáticas, olfativas e gustativas com estrutura semelhante. A ampla ocorrência do xamanismo e as notáveis semelhanças entre suas tradições em todos os lugares são consequências dessa herança neurológica universal. Ao mesmo tempo, o significado atribuído às sensações experimentadas em estados alterados e seu conteúdo são determinados culturalmente; portanto, apesar das semelhanças gerais, as tradições locais sempre apresentam detalhes variados.

#### GLOSSÁRIO

**xamã** Pessoa que entra em estado alterado de consciência, por vontade própria, para contatar e utilizar uma realidade comumente oculta, a fim de adquirir conhecimento e poder, com a finalidade de ajudar outras pessoas.

<sup>5</sup> No Brasil, há núcleos de pesquisa, como o Núcleo de Estudos de Saberes e Saúde Indígena, NESSI/UFSC, que estudam tais questões; muitos etnólogos indianistas estudam o xamanismo, como Jean Langdon, Elsje Lagrou, Oscar Calavia, Dominique Gallois, entre outros. (NRT)

<sup>6</sup> Harner, M. *The way of the shaman: A guide to power and healing*. San Francisco: Harper & Row, 1980. p. 20.

<sup>7</sup> Kehoe, A. *Shamans and religion: An anthropological exploration in critical thinking*. Prospect Heights: Waveland Press, 2000.

## Estudo Original

### A cura entre os ju/'hoansi, do deserto de Kalahari

Marjorie Shostak

Geralmente, os espíritos afetam o ser humano com flechas invisíveis que carregam doenças, morte ou calamidades. Se a pessoa consegue evitar essas flechas, a enfermidade não se instala. Caso a doença se desenvolva, as flechas devem ser removidas para que a pessoa se recupere. Um espírito ancestral pode praticar seu poder contra os seres humanos, quando certa pessoa não está sendo bem tratada. Se brigam com ela de modo frequente, se o marido não a valoriza e tem casos amorosos, ou se as pessoas se recusam a cooperar ou compartilhar com ela, o espírito pode acreditar que ninguém se importa com essa pessoa e resolve "levá-la para o céu".

Interceder com os espíritos e retirar as flechas invisíveis são tarefas dos curandeiros ju/'hoansi, homens e mulheres que possuem o poder da cura, chamado *n/um* [o equivalente ju/'hoansi para *mana*]. Essa força *n/um* geralmente permanece adormecida até que haja uma tentativa para ativá-la. Embora às vezes um curandeiro consiga fazer isso entoando canções ou tocando um instrumento, o modo mais comum para ativar a força *n/um* é por meio da cerimônia de cura medicinal ou pela dança de transe. Ao som de canções entoadas pelas mulheres, os curandeiros dançam em volta de uma fogueira, às vezes durante horas. A música, a dança extenuante, a fumaça, o calor do fogo e a concentração intensa dos curandeiros fazem com que a força *n/um* aqueça. Quando está fervendo, o estado de transe é alcançado.

Nesse momento, *n/um* está disponível como uma força curativa poderosa, para atender a toda a comunidade. Em transe, o curandeiro impõe as mãos e de modo ritual cura todos os que estão sentados em volta da fogueira. As mãos se agitam levemente ao lado da cabeça ou do peito da pessoa, ou onde haja evidência de doença; seu corpo treme, sua respiração se torna rápida e ofegante, fica coberto de suor, também considerado impregnado de poder. Qualquer "mal" encontrado é absorvido pelo corpo do curandeiro e vai ao encontro da força *n/um* que percorre sua coluna. O curandeiro então começa a berrar e culmina com um grito estridente de horror, à medida que a doença é lançada para fora de seu corpo.

Durante o transe, muitos curandeiros veem vários deuses e espíritos sentados próximos à fogueira, aproveitando o espetáculo de dança. Às vezes, eles são reconhecidos, parentes e amigos que já partiram, às vezes são "apenas pessoas". Não importa quem sejam, os curandeiros em transe geralmente os culpam por qualquer calamidade que aflija a comunidade. São barrados por objetos lançados contra eles, por gritos e avisos para que não levem nenhum vivo com eles para a aldeia dos espíritos.

A fim de curar uma doença séria, é essencial chamar os curandeiros mais experientes, pois somente eles possuem conhecimento suficiente para realizar a perigosa exploração espiritual que talvez seja necessária para efetuar a cura. Quando estão em transe, diz-se que a alma, o espírito vital, deixa o corpo e viaja ao mundo espiritual para descobrir a causa da doença ou do problema. Geralmente um espírito ancestral ou deus é considerado responsável e pede-se que reconsidere a situação. Caso o curandeiro seja convincente e o espírito concorde, o doente se recupera. Se o espírito for elusivo ou impassível, a cura não é realizada. O curandeiro pode se dirigir ao deus mais importante, mas nem sempre obtém uma resposta. Um curandeiro





afirma que, "Certas vezes, quando se fala com Deus, ele diz: 'Quero que esta pessoa morra, não vou ajudá-la a melhorar'. Em outras, Deus ajuda e, na manhã seguinte, a pessoa que estava deitada, seriamente doente, se levanta e caminha novamente".

Essas jornadas são consideradas perigosas porque, enquanto a alma do curandeiro está ausente, o corpo se encontra em estado de semimorte. Semelhante à perda de consciência, tal estado tem sido observado e analisado por pesquisadores e médicos. O poder da força *n/um* dos outros curandeiros é tamanho que se acredita que o proteja da morte verdadeira quando está em transe. Ele recebe muita atenção e cuidado – o corpo é massageado com vigor, a pele é esfregada com suor e as mãos são impostas sobre ele. Somente ao recobrar a consciência, sinal de que a alma retornou ao corpo, os outros curandeiros cessam seus esforços.

(Extraído de Shostak, M. *Nisa: The life and words of a !Kung woman*. Nova York: Vintage, 1983. p. 291-293.)

O xamã é essencialmente um intermediário religioso que atua em nome de algum cliente humano, em geral para provocar a cura ou prever algum evento futuro. Para isso, ele intervém de modo a influenciar ou impor seu desejo sobre as forças sobrenaturais. O xamã pode ser comparado com o sacerdote ou a sacerdotisa, cujos "clientes" são as divindades. O sacerdote e a sacerdotisa de modo frequente dizem às pessoas o que fazer; o xamã diz ao sobrenatural o que fazer. Em troca pelos serviços prestados, pode cobrar uma taxa – carne fresca, batatas ou um objeto favorito. Em alguns casos, o aumento de prestígio, autoridade e poder social relacionados ao *status* são recompensas suficientes.

Quando um xamã age em nome de determinado cliente, pode realizar um tipo de exibição, algo que aumente o drama básico com certo toque de perigo. De modo típico, ele entra em estado de transe, ao experimentar a sensação de viajar para um mundo alternativo, ver e interagir com seres espirituais. Então tenta impor sua vontade sobre esses espíritos, um duelo inerentemente perigoso, considerando o poder sobre-humano que, no geral, se acredita que os espíritos possuam.

Um exemplo disso pode ser visto nas danças de transe dos ju/'hoansi, no deserto de Kalahari, na África. Nesse povo, os xamãs constituem, em média, quase metade dos homens e um terço das mulheres mais velhas de qualquer grupo. Os motivos mais comuns para entrar em transe são: provocar chuva, controlar os animais e curar os doentes. A cura é uma atividade importante dos xamãs em todas as culturas; o "Estudo Original" apresenta uma visão da cura xamanista praticada pelos ju/'hoansi.

Em muitas sociedades humanas, truques com as mãos e ventriloquismo ocorrem durante o transe. Entre os povos do Ártico, por exemplo, o xamã pode invocar os espíritos no escuro e produzir sons e vozes estranhas para impressionar os participantes. Alguns observadores ocidentais consideraram esse tipo de truque uma evidência da natureza fraudulenta do xamanismo. Entretanto, aqueles que estudam as práticas xamanistas

#### GLOSSÁRIO

**rito de passagem** Ritual que marca a transição de um indivíduo no ciclo de vida de um indivíduo, como nascimento, casamento e morte.

**separação** Em um rito de passagem, a remoção ritual do indivíduo da sociedade.

**transição** Em um rito de passagem, isolamento do indivíduo após a separação e antes da incorporação à sociedade.

**incorporação** Em um rito de passagem, a reintegração do indivíduo à sociedade em seu novo *status*.

concordam que, apesar de os xamãs saberem muito bem que estão manipulando as pessoas com seus truques, eles, na verdade, acreditam em seu poder para lidar com espíritos e forças sobrenaturais. Seu poder, confirmado pela experiência do transe, lhes dá o direito e a habilidade para manipular as pessoas em pequenas questões técnicas. Resumindo, o xamã considera a habilidade para realizar truques extraordinários a prova de um poder superior.

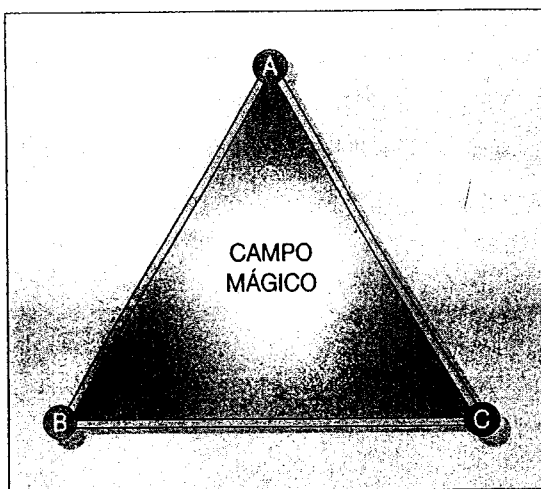
A importância do xamanismo em uma sociedade não deve ser subestimada. Ele promove, com dramaticidade, um sentimento de transe e a liberação das tensões. E oferece a garantia psicológica de que, como prevalece sobre espíritos e poderes sobrenaturais que estão além do controle humano, consegue provocar invulnerabilidade a ataques, sucesso no amor, ou a recuperação da saúde. Na verdade, um motivo frequente para se recorrer ao xamanismo são os problemas de saúde, conceito este difícil de definir de modo eficiente em termos transculturais. Nas diversas culturas, as pessoas reconhecem e experimentam tipos diferentes de doenças, e também as entendem e explicam de maneiras diversas. O diagnóstico de uma doença, culturalmente definido, por sua vez, determina como o paciente será tratado, de acordo com as crenças de sua cultura, a fim de se obter a cura.

Embora os efeitos psicológicos do tratamento xamanista não sejam conhecidos, a ligação entre mente e corpo pode contribuir para a recuperação do paciente. Sob a perspectiva antropológica, a cura xamanista pode ser entendida por meio de um modelo de três pontas: o *complexo xamanista* (Figura 15.2). Esse triângulo é criado pela relação entre o xamã, o paciente e a comunidade de que ambos participam.

Para que a cura aconteça, o xamã precisa estar convencido da eficácia de suas técnicas e poderes espirituais. Do mesmo modo, o paciente deve considerar o xamã um genuíno mestre de cura, que emprega técnicas apropriadas. Finalmente, para fechar o "campo mágico" do triângulo, a comunidade na qual o xamã atua deve considerar a cerimônia de cura e seu praticante como potencialmente eficientes e benéficos.

Tais dinâmicas não estão restritas às cerimônias xamanistas, pois os tratamentos médicos ocidentais também envolvem processos psicológicos e sociais semelhantes. Considere, por exemplo, o

*efeito placebo* – o resultado benéfico que um paciente sente após certo tratamento específico, em virtude das expectativas em relação ao tratamento, e não ao tratamento em si. É interessante destacar que alguns médicos que praticam a medicina moderna trabalham em colaboração com praticantes de sistemas de crenças tradicionais a fim de obter a cura de várias doenças.



**Figura 15.2** O complexo xamanista

A cura xamanista acontece em um "campo mágico" criado quando o xamã (A), o paciente (B) e a comunidade (C) estão convencidos de que o xamã é mestre genuíno em curas, que emprega técnicas apropriadas, eficazes e benéficas. Os tratamentos médicos ocidentais envolvem processos psicológicos semelhantes.

### Rituais e cerimônias

Nem todos os rituais, ou atos cerimoniais, são de natureza religiosa (considere, por exemplo, as cerimônias de colação de grau nas universidades), mas aqueles que se encaixam nessa categoria têm papel crucial na atividade religiosa. O ritual religioso é o meio pelo qual as pessoas entram em contato com o sobrenatural; é a religião em ação. O ritual serve para

aliviar as tensões sociais e reforçar os laços coletivos de um grupo. Mais do que isso, fornece um meio de marcar muitos eventos importantes e diminuir a ruptura social e o sofrimento individual nas crises. Um tipo importante de ritual é o rito de passagem.

Os ritos de passagem são rituais que marcam estágios importantes no ciclo de vida de um indivíduo, como nascimento, casamento e morte. Em um dos trabalhos clássicos da antropologia, o cientista social francês Arnold van Gennep analisou os ritos de passagem que ajudam os indivíduos nas crises cruciais ou nas transições sociais importantes de sua vida, como nascimento, puberdade, casamento, paternidade/maternidade, mudança para uma classe mais alta, especialização ocupacional e morte.<sup>8</sup> Van Gennep achou adequado dividir em três estágios as cerimônias para todas as crises da vida: **separação**, **transição** e **incorporação**; o primeiro é a remoção ritual do indivíduo da sociedade, seguida por um período de isolamento e, finalmente, o retorno formal e a readmissão, em seu novo *status*.

Essa sequência de estágios é algo que acontece de muitas formas em todas as culturas de todo o mundo, como as cerimônias de iniciação em campos de treinamento militar e fraternidades universitárias, nos Estados Unidos, e muitas cerimônias, na adolescência, que marcam a transição da infância para a idade adulta.

### Ritos de iniciação masculina entre os aborígenes da Austrália

Os aborígenes da Austrália apresentam um exemplo de rito de iniciação masculina na idade adulta. Quando os mais velhos decidem a época da iniciação, os meninos são retirados da vila (separação), enquanto as mulheres choram e realizam um ritual de resistência. Em um local distante, grupos de homens de muitas vilas se reúnem. Os mais velhos cantam e dançam, enquanto os iniciados agem como se estivessem mortos. O clímax dessa parte do ritual é uma operação no corpo, como circuncisão ou extração de um dente. O antropólogo australiano A. P. Elkin comenta:

Parcialmente, é a continuação do drama da morte. A retirada do dente, a circuncisão, ou outro ato simbólico, "mata" o iniciado; depois disso, ele não retorna à vila e, normalmente, não pode ser visto por nenhuma mulher. Ele está morto para a vida cotidiana da tribo.<sup>9</sup>

Nesse estágio de transição, o iniciado pode conhecer cerimônias secretas e receber alguma instrução, mas o elemento mais significativo é a total remoção da sociedade. Durante a realização desses ritos de puberdade, o iniciado pode ganhar os conhecimentos que todos os homens adultos devem possuir; na verdade, ele tem um "curso intensivo". O trauma da ocasião é uma técnica pedagógica que garante que ele aprenda e se lembre de tudo; em uma sociedade iletrada, são necessários métodos eficazes de ensino para garantir a perpetuação das tradições culturais.

Ao retornar para a sociedade (incorporação), o iniciado é recebido com cerimônias, como se estivesse voltando da morte. Esse aspecto informa a sociedade em geral sobre seu novo *status*, que as pessoas podem esperar certos comportamentos e, em troca, devem agir de maneira adequada em relação a ele. Os novos direitos e deveres do indivíduo são, então, claramente definidos. Ele não sofre, por exemplo, os problemas de um adolescente na América do Norte, período em que o indivíduo não é adulto nem criança, uma pessoa com *status* mal definido.

<sup>8</sup> Van Gennep, A. *The rites of passage*. Chicago: University of Chicago Press, 1960.

<sup>9</sup> Elkin, A. P. *The Australian aborigines*. Garden City: Doubleday/Anchor Books, 1964.

No caso que acabamos de citar, os meninos são preparados para a idade adulta e para a *masculinidade*. Nessa sociedade, por exemplo, coragem e persistência são consideradas virtudes masculinas importantes, e a dor da extração do dente e da circuncisão ajuda a instilar isso nos iniciados. De modo semelhante, os ritos de iniciação feminina preparam as meninas mende, na África Ocidental, para a feminilidade.

### Ritos de iniciação feminina do povo mende, na África Ocidental

Depois da primeira menstruação, as meninas mende são afastadas da sociedade e passam semanas, ou mesmo meses, em reclusão. Então se despem das roupas de criança, cobrem seu corpo com lama branca e usam saias curtas e muitos colares de contas.

Logo após sua entrada nesse estágio de transição, é feita a clitoridectomia, remoção do clitóris, considerado a versão feminina do pênis. As garotas (e os mende em geral) acreditam que esse modo de circuncisão aumenta a capacidade de reprodução. Enquanto não voltam para a sociedade, aprendem as responsabilidades morais e práticas de ser mãe com as mulheres da associação *sandé*, organização de que farão parte depois que o treinamento terminar. O treinamento não é de todo ruim, pois elas cantam, dançam e contam histórias, além de serem muito bem alimentadas. Assim, constroem uma imagem positiva da feminilidade e um forte senso de fraternidade. Depois que o treinamento termina, um remédio feito com ervas é empregado para um banho ritual a fim de remover a proteção mágica que as envolvia durante o período de confinamento.

As garotas mende reaparecem, depois da iniciação, como mulheres com controle sobre sua sexualidade, prontas para casar e ter filhos. A dor e o perigo da cirurgia, enfrentados no contexto de apoio social intenso das outras mulheres, servem como uma metáfora para o parto, que poderá acontecer no mesmo local da reclusão, mais uma vez, com o apoio das mulheres da associação *sandé*. Já se sugeriu também que, simbolicamente, a clitoridectomia remove a ambiguidade sexual; após passar por esse ritual, a mulher mende tradicional sabe que é uma "mulher completa".<sup>10</sup> Portanto, temos a expressão simbólica de gênero como algo importante na vida cultural das pessoas.

#### GLOSSÁRIO

**magia imitativa** Magia com base no princípio de que o semelhante gera semelhante; às vezes chamada magia simpática (simpatia).

**magia contagiosa** Magia com base no princípio de que coisas ou pessoas que já estiveram em contato podem se influenciar depois que esse contato já não existe.

**feiticaria** Um tipo de magia com base na crença de que certos indivíduos possuem uma força psíquica maldada capaz de provocar o mal e até mesmo a doença e morte.

**adivinhação** Procedimento de magia ou ritual espiritual realizado para descobrir o que não é possível através de meios comuns, como prever o futuro mediante a interpretação de presságios.

A clitoridectomia é a forma menos extrema de circuncisão, no geral chamada mutilação genital feminina (MGF), mais comumente praticada na Ásia e na África. O comprometimento antropológico com o relativismo cultural permite o entendimento da MGF como parte dos ritos de iniciação feminina. No entanto, como já foi discutido anteriormente, o relativismo cultural não impede que o antropólogo critique determinada prática. Além da dor e do efeito da operação na satisfação sexual, números significativos de jovens morrem em decorrência de problemas provocados pelo procedimento, como hemorragia,

<sup>10</sup> MacCormack, C. P. Biological events and cultural control. *Signs*, n. 3, p. 98, 1977.

choque, infecções variadas, danos causados na uretra ou no ânus. Outras enfrentam *riscos mais tarde*, quando dão à luz, pois as cicatrizes se rompem.

Assim, não é nenhuma surpresa o fato de a circuncisão feminina estar sendo condenada como violação dos direitos humanos, nos últimos anos. Foram estabelecidos comitês para eliminar essa prática em 22 países africanos.<sup>11</sup> (É interessante destacar que a cirurgia de implante nos seios vem sendo comparada à MGF, como a versão das sociedades industriais ocidentais do que significa ser uma “mulher completa”. O “Estudo Original” do Capítulo 16 discute esse assunto em detalhes.)

## MAGIA

Entre as práticas rituais mais fascinantes está a aplicação da crença de que o poder sobrenatural pode ser compelido a agir de certas maneiras para o bem ou para o mal, recorrendo-se a determinadas fórmulas específicas. Essa é a noção antropológica clássica de magia. Muitas sociedades possuem rituais de magia para assegurar boas safras, reabastecimento da caça, fertilidade de animais domésticos e para evitar ou curar doenças nas pessoas.

Embora, atualmente, muitos povos ocidentais, na tentativa de objetificar e desmitificar seu mundo, venham tentando suprimir os mistérios da magia na própria consciência, tais povos continuam fascinados com esse fato. Livros e filmes sobre possessão demoníaca e feitiçaria são avidamente devorados e discutidos e colunas de horóscopo são publicadas diariamente nos jornais. Os rituais de magia ainda são comumente praticados por muitas pessoas em busca de “sorte”, mesmo que o resultado seja duvidoso ou esteja além da influência real – acender uma vela para alguém que passa por um período difícil, usar roupa íntima nova para dar sorte em um encontro amoroso, fazer gestos curiosos antes de um lance importante em um jogo.

No século XIX, o antropólogo britânico Sir James George Frazer fez uma distinção útil entre dois princípios fundamentais da magia. O primeiro princípio, “semelhante gera semelhante”, recebeu o nome de **magia imitativa** (às vezes chamada *magia simpática*). Em Miamar, no sudeste da Ásia, por exemplo, um rapaz rejeitado pode procurar um feiticeiro para fazer uma imagem da pretensa amada. Caso essa imagem seja jogada na água, acompanhada de certos encantos, espera-se que a infeliz garota fique louca. Assim, ela teria destino semelhante ao da imagem.

Frazer chamou o segundo princípio de **magia contagiosa** – a ideia de que coisas ou pessoas que já estiveram em contato podem se influenciar, mesmo depois que esse contato deixa de existir. O exemplo mais comum é a relação permanente entre um indivíduo e qualquer parte do próprio corpo, como cabelos, unhas ou dentes. Frazer cita os basutos, de Lesoto, no sul da África, que tinham muito cuidado ao esconder os dentes extraídos, porque estes poderiam cair nas mãos de certos seres míticos que poderiam prejudicar o respectivo dono por meio de magia. Nas sociedades ocidentais, um costume semelhante é o de apreciar muito as coisas que foram tocadas por pessoas especiais. Tais objetos variam de relíquias de santos a objetos pessoais de indivíduos admirados ou idolatrados, como esportistas, cantores, artistas.

<sup>11</sup> Female genital mutilation. *Fact Sheet*, n. 241, 2000. World Health Organization; Dirie, W.; Miller, C. *Desert flower: the extraordinary journey of a desert nomad*. Nova York: William Morrow, 1998. p. 218-219.

## FEITIÇARIA

Em Salem, Massachusetts, duzentos cidadãos inocentes suspeitos de bruxaria foram presos em 1692. Destes, treze mulheres e seis homens foram enforcados e um fazendeiro de 80 anos de idade foi torturado até a morte. Embora 19 anos mais tarde os descendentes de algumas vítimas tenham recebido reparação por danos, somente em 1957 a última das bruxas de Salem foi absolvida pelo estado de Massachusetts. Feitiçaria é uma explicação de eventos com base na crença de que certos indivíduos possuem uma força psíquica inata, capaz de provocar o mal e até mesmo doenças e morte. Envolve adivinhação, um procedimento de magia ou ritual espiritual realizado para descobrir o que não é possível através de meios comuns, como prever o futuro mediante a interpretação de presságios.

Embora muitos norte-americanos acreditem ser algo que pertence a um período do passado menos esclarecido, a feitiçaria continua a existir nos Estados Unidos e em muitos outros países. Na verdade, a partir da década de 1960, um "culto a bruxaria" neopagão, conhecido como Wicca, começou a se desenvolver rapidamente, até mesmo entre segmentos com alta formação intelectual da sociedade norte-americana. Inspirada por várias crenças pré-cristãs da Europa Ocidental, em particular a ideia de uma Mãe Terra sagrada, a Wicca é uma religião centrada na natureza. E, ao contrário do que dizem os boatos, as "bruxas" não adoram o demônio e não estão preocupadas em "fazer o mal". Na verdade, seu código de ética, conhecido como Wiccan Rede, afirma: "Se não prejudicar ninguém, faça o que desejar".

### Feitiçaria ibíbio

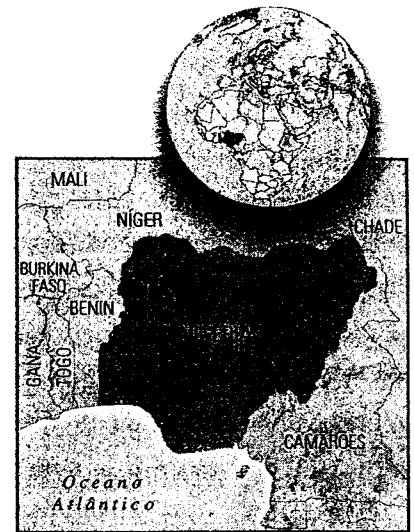
Não são apenas os norte-americanos que apresentam certo interesse contemporâneo em feitiçaria. Por exemplo, uma vez que o povo ibíbio da Nigéria tem estado cada vez mais exposto à educação moderna e ao treinamento científico, sua confiança na feitiçaria como uma explicação para os infortúnios tem crescido.<sup>12</sup> Além disso, são sempre os membros mais jovens, com mais instrução, que acusam os outros de enfeitiçá-los. Frequentemente, o acusado é um membro mais velho, mais tradicional; portanto, temos a expressão da hostilidade entre gerações que, no geral, se encontra presente em sociedades tradicionais que sofrem mudanças rápidas.

A crença do povo ibíbio em feitiçaria é altamente desenvolvida e duradoura, assim como a crença de povos mais tradicionais da África subsaariana. Certo rato que ataca uma plantação não é, na verdade, um rato, mas uma bruxa que se transformou; se um jovem com bastante iniciativa não consegue arrumar emprego, é porque foi enfeitiçado; se alguém desperdiça dinheiro, ou se uma pessoa adoce, é picada por uma cobra ou atingida por um raio, a razão é sempre a mesma – feitiçaria.

Na verdade, os ibíbios tradicionais atribuem praticamente todos os infortúnios, doenças ou mortes à atividade maléfica de feitiçarias. O conhecimento ibíbio moderno sobre o papel dos micro-organismos nas doenças não tem muita importância; afinal, não explica por que esses organismos foram enviados para o indivíduo afetado. Embora as crenças religiosas dos ibíbios apresentem explicações alternativas para os infortúnios, elas têm conotações negativas e não provocam muita simpatia. Portanto, se o mal afeta alguém, a feitiçaria é uma explicação muito mais satisfatória que algo como desobediência ou violação de um tabu.

<sup>12</sup> Offiong, D. Witchcraft among the Ibibio of Nigeria. In: Lehmann, A. C. ; Myers, J. E. (Eds.) *Magic, witchcraft, and religion*. Palo Alto: Mayfield, 1985. p. 152-165.

Os feiticeiros ibibio são homens e mulheres que possuem dentro de si certa substância especial recebida de outro feiticeiro ou feiticeira. Ao ingerir essa substância, feita de agulhas, fios coloridos e outros ingredientes, a pessoa adquire um poder especial que provoca ferimentos em outras, até mesmo a morte destas, independentemente de o possuidor ter a intenção de fazer o mal ou não. O poder é puramente psíquico, e o feiticeiro ou a feiticeira não realiza nenhum rito nem emprega nenhum “remédio do mal”. Acredita-se que esse poder lhe proporciona a habilidade de se transformar em animais e percorrer qualquer distância em velocidades incríveis para alcançar a vítima, que pode ser torturada ou morta, transferindo a alma, o espírito vital, para um animal, que então é ingerido.



Para identificar um feiticeiro, um ibibio procura qualquer pessoa da região cujo comportamento seja considerado estranho, fora do comum, imoral ou antissocial. Ele ou ela pode parecer cruel ou agir com malvadeza e ser uma pessoa socialmente destruidora no sentido de que seu comportamento excede o que é, no geral, considerado aceitável.

O povo ibibio faz distinção entre *feiticeiros/feiticeiras*, cujos atos são especialmente diabólicos e destrutivos, e *bruxos/bruxas* benignos, cujos atos são, de modo relativo, inofensivos, embora se acredite que seu poder seja maior que o de feiticeiros/feiticeiras malévolos. Os feiticeiros são a verdadeira personificação da concepção do mal de uma sociedade, seres que zombam das regras de comportamento sexual e ignoram qualquer padrão de decência. Bruxos ou bruxas benignos geralmente são os não conformistas da sociedade. Em geral, são pessoas rabugentas, arrogantes e hostis que se isolam e não causam muitos problemas. Acredita-se que se tornem perigosas ao serem ofendidas; podem revidar provocando doenças, morte, colheita ruim, doenças no gado ou outros problemas menores. Geralmente essas pessoas são tratadas com cautela, respeito ou mesmo medo.<sup>13</sup>

### Funções da feitiçaria

Por que feitiçaria? Talvez seja melhor perguntar, por que não? Em um mundo onde existem poucas técnicas comprovadas para lidar com as crises diárias, em especial as doenças, a crença em bruxas não é algo tolo; é indispensável.<sup>14</sup> Ninguém quer se resignar à doença, se for provocada por um feitiço, então medidas mágicas defensivas devem curar.

A ideia de maldade personalizada responde ao problema de sofrimento não merecido e também apresenta uma explicação para muitos acontecimentos para os quais não existe causa aparente. A feitiçaria, então, não pode ser refutada. Mesmo que consigamos convencer a pessoa de que sua doença resulta de causas naturais, a vítima ainda perguntaria, como fazem os ibibos, por que eu? Por que agora? Essa visão não deixa lacuna para o acaso; tudo deve ter uma causa ou um significado. A feitiçaria oferece uma explicação e, ao fazer isso, também apresenta tanto a base como os meios para agir.

<sup>13</sup> Ver Mair, L. *Witchcraft*. Nova York: McGraw-Hill, 1969. p. 37.

<sup>14</sup> *Ibidem*.

A feitiçaria nem sempre é completamente prejudicial. Suas funções positivas podem ser observadas em muitas sociedades africanas nas quais as pessoas, de modo tradicional, acreditam que a doença, a morte ou outros problemas possam ser provocados por feiticeiras. Se as pessoas da comunidade concordam que alguma magia maléfica está acontecendo, a busca pelo culpado da desgraça se transforma, com efeito, em uma investigação pública de comportamento social anormal. Determinada caça à bruxa é, na verdade, uma investigação sistemática, por meio de audiências públicas, de todas as relações sociais que envolvem a vítima. O marido ou a esposa foi infiel ou o filho não cumpriu com suas obrigações? Os amigos não cooperaram, ou a vítima era culpada por algum desses erros? As acusações são recíprocas; logo, praticamente qualquer ato antissocial ou hostil que tenha ocorrido naquela sociedade desde o último ato de feitiçaria (manifestado em forma de doença, morte, ou alguma outra desgraça) é revelado.<sup>15</sup>

Por meio do escrutínio público periódico do comportamento de todos, as pessoas lembram o que a sociedade considera força ou fraqueza de caráter. Esse aspecto incentiva os indivíduos a reprimir do melhor modo possível os traços de personalidade que não são aprovados, pois, caso contrário, em algum momento, poderão ser acusados de feitiçaria. Portanto, a crença em feitiçaria serve para controlar o comportamento antissocial.

### Consequências da feitiçaria

A pesquisa antropológica sugere que a feitiçaria, apesar da imagem normalmente negativa, com frequência atua de modo positivo para gerenciar as tensões em uma sociedade. Não obstante, os eventos podem fugir ao controle, em particular nas situações de crise, quando as acusações muito difundidas podem causar grande sofrimento. Certamente foi isso que aconteceu no julgamento das bruxas de Salem, mas o número não se compara ao meio milhão de pessoas executadas por feitiçaria, na Europa, entre os séculos XV e XVII. Foi um período de mudanças profundas nas sociedades europeias, marcado por muitos conflitos políticos e religiosos. Nessa situação, é muito fácil procurar um bode expiatório para levar a culpa por algo considerado indesejado.

### MOVIMENTOS DE REVITALIZAÇÃO

As considerações antropológicas sobre religião não estarão completas se não mencionarmos os *movimentos de revitalização*. Como já observamos no capítulo anterior, são movimentos de reformas radicais na cultura, em resposta à ampla ruptura social e aos sentimentos coletivos de tensão e desespero. Muitos desses movimentos se desenvolveram em sociedades nativas, nas quais a colonização europeia de exploração provocou grandes insurreições.

Entre os vários tipos de movimentos de revitalização encontra-se o **culto da carga** – um movimento espiritual (observado, em especial, na Melanésia, sudoeste do Oceano Pacífico) em reação ao contato destruidor com o capitalismo ocidental, que promete a ressurreição dos parentes, a destruição ou a escravidão do estrangeiro branco e a chegada mágica de riquezas utópicas. Os nativos melanésios chamavam a riqueza do homem branco de “carga” (*pidgin* em inglês, referência a produtos europeus comercializáveis). Em períodos de grandes tensões sociais, surgiram profetas

<sup>15</sup> Turnbull, C. M. *The human cycle*. Nova York: Simon & Schuster, 1983. p. 181.



nativos, os quais previram que o período de sofrimento acabaria e logo haveria um novo paraíso na Terra. Os antepassados falecidos voltariam à vida, e o homem branco rico desapareceria em um passe de mágica, engolido por um terremoto ou tragado por uma onda gigantesca. Contudo, a carga seria deixada para os profetas e seus seguidores, que realizavam rituais para acelerar essa redistribuição sobrenatural da riqueza.<sup>16</sup>

Um desses cultos da carga aconteceu em 1931, em Buka, nas Ilhas Salomão, no Oceano Pacífico. Determinado movimento religioso nativo surgiu de repente, quando os profetas previram que uma inundação engoliria todos os brancos, então chegaria um navio carregado de produtos industrializados do Ocidente. Os profetas ordenaram que seus seguidores construíssem um armazém para guardar os produtos e se preparassem para rechaçar a polícia colonial. Eles também disseram que o navio chegaria somente depois que os nativos tivessem consumido o próprio suprimento, e por essa razão as pessoas pararam de trabalhar no campo. Embora os líderes do movimento tenham sido presos, o culto persistiu durante alguns anos.

Como uma tentativa deliberada de construir uma cultura mais satisfatória, o objetivo dos movimentos de revitalização é o de reformar não somente a esfera religiosa de atividades, mas também todo o sistema cultural. Tais medidas dramáticas são tomadas quando a ansiedade e a frustração de um grupo se tornaram tão intensas que a única maneira de reduzir a tensão é subverter de modo completo o sistema social e substituí-lo por outro totalmente novo. Dos cultos da carga, na Melanésia, à dança dos fantasmas, de muitos grupos indígenas norte-americanos, em 1890, aos mau mau, dos kikuyu, no Quênia, na década de 1950, as reações religiosas extremas, e às vezes violentas, à dominação europeia são tão comuns que os antropólogos tentaram formular as causas implícitas e as características gerais.

Os movimentos de revitalização não estão restritos apenas ao mundo colonial, e centenas deles surgiram apenas nos Estados Unidos. Alguns exemplos são: o mormonismo, que começou no século XIX, a Igreja da Unificação, liderada pelo reverendo Sun Myung Moon, o Ramo Davidiano, liderado pelo profeta adventista do sétimo dia David Koresh, e o Muçulmanos Negros, liderado pelo profeta Elijah Muhammad. Os movimentos norte-americanos recentes de revitalização também incluem o renascimento da espetacular cerimônia da Dança do Sol, realizada todo verão em várias reservas indígenas das Grandes Planícies.

Às vezes, o movimento está tão desligado das circunstâncias existentes que desde o início está fadado ao fracasso. Foi o que aconteceu com o Ramo Davidiano, cuja hostilidade em relação às autoridades governamentais provocou um ataque oficial à sede do grupo, em Waco, Texas. Em reação, os membros do culto atearam fogo ao local, acabando com o movimento e com a própria vida.

Mais raramente, determinado movimento pode controlar as forças adaptativas há muito adormecidas e implícitas em uma cultura, resultando em uma religião duradoura. Foi o caso do mormonismo. Apesar da perseguição inicial e da mudança constante de lugar, os mórmons se adaptaram a tal ponto que sua religião continua a se desenvolver nos Estados Unidos. Na verdade, os movimentos de revitalização estão na base de todas as religiões conhecidas, até mesmo no judaísmo, cristianismo e islamismo.

<sup>16</sup> Para mais informações sobre cultos de carga, ver Lindstrom, L. *Cargo cult: Strange stories of desire from Melanesia and beyond*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1993; e Worsley, P. *The trumpet shall sound: A study of "cargo" cults in Melanesia*. Londres: Macgibbon & Kee, 1957.

**GLOSSÁRIO**

**culto da carga** Movimento espiritual (observado especialmente na Melanésia) em reação ao contato destruidor com o capitalismo ocidental, que promete a ressurreição dos parentes, a destruição ou a escravidão do estrangeiro branco e a chegada mágica de riquezas utópicas.

Na África, durante e depois do período de colonização estrangeira e catequização, os grupos nativos resistiram ou modificaram de modo criativo os ensinamentos cristãos e formaram movimentos religiosos culturalmente adequados. Desde a década de 1970, milhares de igrejas cristãs nativas foram fundadas. Em geral, essas igrejas

surgiram de interpretações teológicas alternativas, novas revelações por inspiração divina, ou desacordos culturais entre cristãos africanos e missionários europeus ou norte-americanos sobre até que ponto as práticas africanas tradicionais (como animismo, culto aos antepassados e poligamia) seriam permitidas. Atualmente, o continente africano continua a apresentar grande diversidade religiosa. Embora pelo menos 40% da população seja cristã e mais de 40%, muçulmana, as tradições religiosas nativas persistem e, no geral, se fundem com o cristianismo e o islamismo.

**PERSISTÊNCIA DA RELIGIÃO E DA ESPIRITUALIDADE**

A partir da necessidade contínua de dar sentido à própria existência, os seres humanos continuam a realizar explorações metafísicas, espirituais e científicas. Como relatamos neste capítulo, em todo o mundo, continuamos a ver indicações da curiosidade espiritual, a busca por significados mais profundos e a fé nas forças que estão além da observação empírica ou da investigação científica. Esses sinais são demonstrados em reuniões religiosas, acusações de feitiçaria, cerimônias de cura espiritual, construções e outras estruturas criadas para fins religiosos, lugares naturais designados como sagrados, para citar apenas alguns exemplos.

**Resumo do capítulo**

- A religião, sistema organizado de ideias a respeito da esfera espiritual ou sobrenatural, é um aspecto importante da visão de mundo de qualquer cultura. Consiste de crenças e práticas por meio das quais as pessoas tentam interpretar e controlar aspectos do universo que, de outra forma, estariam fora de controle. Entre os povos coletores, a religião está interligada à vida diária. À medida que as sociedades se tornam mais complexas, a religião pode se restringir a ocasiões específicas.
- As crenças e práticas religiosas ou espirituais atendem a várias necessidades psicológicas e sociais, como a redução da ansiedade através da visão organizada do universo e de respostas para perguntas existenciais, incluindo as que se referem a sofrimento e morte. Uma religião tradicional reforça as normas do grupo, estabelece sanções morais para a conduta individual e fornece a ideologia de objetivos e valores comuns que apoiam a solidariedade social e o bem-estar da comunidade. Também é preciso destacar que as pessoas geralmente se voltam para a religião ou a espiritualidade na esperança de alcançar um objetivo específico, como a cura de doenças físicas, emocionais ou sociais.
- A religião se caracteriza pela crença em seres e forças sobrenaturais, aos quais se pode recorrer para pedir ajuda através de orações, sacrifícios e outros rituais. Os seres sobrenaturais podem ser agrupados em três categorias: divindades principais (deuses e deusas), espíritos ancestrais e

outros tipos de seres espirituais. Deuses e deusas são seres importantes, mas distantes, que controlam o universo ou uma parte específica deste. O fato de um povo reconhecer deuses, deusas, ou ambos, refere-se à forma como homens e mulheres se relacionam na vida diária. A crença nos espíritos ancestrais baseia-se na ideia de que o ser humano se compõe de corpo e alma, o espírito vital. Depois de se libertar do corpo, através da morte, o espírito continua a participar das relações humanas. Essa crença é característica de grupos com base na descendência e sua respectiva orientação ancestral.

- O animismo, comum entre povos que se consideram parte da natureza, é a crença de que a natureza é animada ou energizada por espíritos personalizados distintos, separáveis dos corpos. Mais próximos do ser humano que deuses e deusas, esses espíritos estão intimamente ligados às atividades humanas. O animatismo, às vezes encontrado com o animismo, é a crença de que a natureza é animada, energizada, por uma força espiritual impessoal ou energia sobrenatural, que pode se manifestar em qualquer lugar, objeto ou pessoa especial.
- A crença em seres e forças sobrenaturais se mantém por intermédio do que as pessoas entendem como manifestações de poder. Ela também é incentivada pelo fato de os seres sobrenaturais parecerem reais por possuírem certos atributos familiares às pessoas. Finalmente, é explicada e reforçada pelos mitos.
- Todas as sociedades humanas têm especialistas – sacerdotes e sacerdotisas e/ou xamãs – para dirigir as práticas religiosas e intervir com o mundo sobrenatural. Os xamãs possuem habilidades para contatar e manipular os seres e as forças sobrenaturais, por meio de estados alterados de consciência. Seus desempenhos promovem a liberação das tensões nos indivíduos de uma sociedade, e eles podem ajudar a manter o controle social. Os benefícios do xamanismo para o xamã são prestígio e, às vezes, riqueza e certa forma de expressão artística.
- Os rituais religiosos são a religião em ação. Os ritos reforçam os laços sociais. Os ritos de passagem são aqueles realizados para marcar estágios importantes nos ciclos de vida de um indivíduo e incluem três estágios: separação, transição e incorporação. A magia, que pode ser vista como uma prática ritual que faz com que as forças sobrenaturais atuem de certas maneiras, pode ser dividida em magia imitativa e magia contagiosa.
- A feitiçaria funciona como uma forma eficiente para as pessoas explicarem infortúnios pessoais sem ter de arcar com a culpa. Mesmo a feitiçaria malévola pode funcionar de modo positivo no controle social. Também pode funcionar como uma válvula de escape para sentimentos de hostilidade e frustração sem perturbar as normas do grupo.
- Os movimentos de revitalização, que podem ocorrer em qualquer cultura, surgem quando as pessoas buscam reformas culturais radicais em resposta à ampla ruptura social e aos sentimentos coletivos de tensão e desespero. Entre os povos das ilhas da Melanésia, radicalmente perturbados pela colonização e pelo capitalismo ocidental, esses movimentos, no geral, têm a forma de cultos da carga, que surgiram espontaneamente, em períodos diferentes, desde o início do século XX. Não importa onde ocorram, os movimentos de revitalização seguem uma sequência comum, e todas as religiões surgem de tais movimentos.

## Questões para refletir

1. Além da sobrevivência biológica, o ser humano precisa encontrar o significado de sua existência. Você já se questionou sobre o significado de sua vida e outros aspectos, como a origem e o destino da espécie humana? De que maneira sua cultura, incluindo as crenças espirituais ou religiosas, oferece direcionamento para encontrar respostas significativas para tais questões?
2. Você leu sobre a mutilação genital feminina como um rito de passagem em algumas culturas. Você conhece alguma prática de mutilação genital em sua sociedade? Por que tantos meninos são circuncidados logo após o nascimento?
3. A dinâmica básica do xamanismo também se aplica a pastores ou sacerdotes, nas igrejas modernas, e a médicos, nos hospitais modernos? Você consegue perceber alguma semelhança entre o xamã, o sacerdote e o médico, em relação à respectiva área de atuação?
4. Os movimentos de revitalização acontecem como uma reação a insurreições provocadas pela colonização e modernização rápidas. Você acredita que o crescimento do fundamentalismo cristão no Cinturão Bíblico,<sup>17</sup> nos Estados Unidos, também pode ser uma resposta a essas revoluções?
5. Nas sociedades pós-industriais, como Europa Ocidental, Estados Unidos e Canadá, existe interesse cada vez maior no xamanismo e em técnicas alternativas de cura. Há alguma relação entre globalização e esse fenômeno?

## Palavras-chave

Visão de mundo; religião; espiritualidade; mito; politeísmo; panteão; animismo; animatismo; sacerdote ou sacerdotisa; xamã; rito de passagem; separação; transição; incorporação; magia imitativa; magia contagiosa; feitiçaria; adivinhação; culto da carga.

---

<sup>17</sup> *Bible Belt* é uma região dos Estados Unidos onde a prática fervorosa da religião protestante evangélica faz parte da cultura local. Está localizado na região Sudeste dos Estados Unidos, devido às fundações coloniais do protestantismo; a origem de seu nome deriva da grande importância da Bíblia entre protestantes evangélicos. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bible\\_Belt](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bible_Belt). Acesso em nov. 2010) (NE)